

BRAD
MELTZER

O LIVRO DO
DESTINO

THE BOOK OF FATE

 Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

BRAD MELTZER



O Livro do Destino

Tradução Lea P. Zylberlicht
2006

Para Lila, minha filha, se apossou de meu coração com seu suave sorriso, dobrou-o de tamanho

Agradecimentos

Faz quase dez anos que *The Tenth Justice* foi publicado. Sou grato a todos — sobretudo a vocês, meus maravilhosos leitores — que oferecem o apoio que me permite continuar a conversar com meus amigos imaginários: primeiro, e sempre, minha primeira-dama, Cori, por sua confiança mesmo antes da primeira página, e que por alguma razão ainda me ama. Sua inteligência, suas opiniões e sua revisão são as verdadeiras sementes em cada livro que floresce. A cada dia eu me rendo a ela. A cada dia fico mais encantado por ter tido a sorte de encontrá-la. Jonas e Lila, sempre encontro palavras, no entanto não há palavras suficientes para definir o meu amor por vocês. Vocês são as bênçãos mais queridas de minha vida e minhas maiores alegrias. Jill Kneerim, extraordinário agente, maravilhoso amigo, cuja orientação e *insight* sempre estiveram presentes desde as primeiras fotocópias; Elaine Rogers, sempre a primeira; Ike Williams, Hope Denekamp, Cara Shiel e todos os nossos amigos na Kneerim & Williams Agency.

Por este livro em especial, quero agradecer a meus pais: meu pai, cuja experiência tornou-se a plataforma de lançamento para Wes, e minha mãe, por me demonstrar um apoio incondicional; minha irmã, Bari, cuja força sempre me nutriu; Dale Fiam, por dirigir o resto da tripulação por tantos lugares novos e surpreendentes; Bobby, Matt, Ami, Adam e Will, por sua força vital e seu amor incondicional; Noah Kuttler, que, depois de minha esposa, é a pessoa em quem mais me apoio. Sua força constante e comentários vitais são duas das razões-chave pelas quais este livro está em suas mãos. Gosto dele como se fosse da família.

Obrigado, Calculista. Ethan Kline é igualmente valioso para essa profissão, e seus *insights* nos primeiros esboços sempre dão forma

ao resultado; Steve "Scoop" Cohen, por me dar Dreidel e muito mais; Edna Farley, Kim de Los Angeles e Dina Friedman, que tanto trabalhou na cópia em estado cru; Paul Brennan, Matt Oshinsky, Paulo Pacheco, Joel Rose, Chris Weiss e Judd Winick, sempre meus irmãos, meus Rogos, como o personagem, cuja amizade inspira muitos de meus escritos de uma maneira que eles não podem provar em um tribunal de justiça.

Cada romance é uma mentira que tenta parecer verdadeira.

Devo a essas pessoas agradecimentos enormes por me proporcionarem as verdades que são elaboradas ao longo do livro. Sem dúvida, eu nunca teria sido capaz de explorar esse mundo sem a ajuda do presidente George H. W. e a senhora Barbara Bush e o presidente Bill Clinton. Os Bush não precisaram desvendar seu mundo para mim. No entanto, sua generosidade me forneceu tantos detalhes que fizeram este livro (que é completa ficção!) vir à luz. Só espero que eles saibam o quanto eu os respeito. O mesmo nível de respeito e de agradecimento sinto em relação ao presidente Clinton, cujo apoio tenho acumulado desde meu primeiro romance. Não me importa de que lado da nave vocês estão. Anos depois, ainda está claro por que elegemos ambos. Permanecendo com esse tema, Jean Becker respondeu a todas as minhas tolas perguntas, mas é sua amizade que eu aprecio; Doug Band, Kris Engskov, Tom Frechette e Andrew Friendly responderam ao restante de minhas dúvidas inúteis, e durante o processo mostraram por que eles estão ao lado do homem mais poderoso do mundo; Thom Smith me deu todas as informações sobre Palm Beach; Mary Louise Knowlton, Nancy Lisenby, Laura Cather Pears, Linda Casey Poepsel e Michele Whalen são os melhores destaques (e as pessoas mais amáveis) em qualquer presidência; Paul Bedard, Jéssica Coen, Chuck Conconi, Joan Fleischman, Paula Froelich, Ann Gerhart, Ed Henry, Perez Hilton, Lorrie Lynch, John McCaslin, Roxane Roberts, Liz Smith, Linton Weeks e Ben Widdicombe ensinaram-me tudo o que sei sobre mexericos e, portanto, fazem parte da personagem Lisbeth. Eles são os melhores naquilo que fazem, e sua categoria e sua gentileza não são exageradas. Mike Calinoff fez de mim o segundo judeu em NASCAR e me proporcionou uma maravilhosa

amizade durante o processo; meus amigos Matthew Bogdanos, Eljay Bowron, Jo Ayn "Joey" Glanzer, Dave Leavy, Erik Oleson, Peter Oleson, Ken Robinson, Farris Rookstool, Adam Rosman, Alex Sinclair e John Spinelli me ajudaram com todos os detalhes de execução de uma lei — espero que saibam o quanto eu respeito o trabalho que fizeram; Barry Kowitt deu vida à profissão de Rogo (www.ungerandkowitt.com); Mary Weiss proporcionou-me o 65º Baile das Rosas (www.cff.org); Dana Milbank ajudou-me com a imprensa da Casa Branca; Shelly Jacobs respondeu a mais questões sobre a biblioteca presidencial do que previra; Rag Morales, como sempre, abriu o coração; dr. Lee Benjamin, dr. Thomas Scalea e dr. Ronald K. Wright por seus conselhos médicos; o *What It Takes* de Richard Ben Cramer, o *After the White House* de Max Skidmore e as obras de Samantha Power foram auxílios inestimáveis; Greg Apparcel, Steve Chaconas, Ron Edmonds, Sara Fritz, Mark Futch, Al Guthrie, Tim Krische, Jim Ponce, Walter Rodgers, Will Shorts, Laura Spencer e Tiffmi Theisen ajudaram-me com todos os demais detalhes; meu orientador e companheiro de projeto — e a verdadeira razão pela qual estou aqui — Rob Weisbach, por ser o primeiro que confiou muitos anos atrás; e o resto de minha família e amigos, cujos nomes repetidamente têm estado nessas páginas. Quero também agradecer a Eli Segal, que me deu o impulso inicial.

E o meu segundo impulso. Quando eu tinha vinte e dois anos, Eli tratou-me como um igual. Isso significou tudo. Eu não estaria escrevendo hoje sem a sua ajuda, Eli.

Finalmente, devo um grande obrigado a todos da Warner Books: David Young, Larry Kirshbaum, Maureen Egen, Emi Battaglia, Tina Andreadis, Chris Barba, Martha Otis, Jen Romanello, Karen Torres, Becka Oliver, Evan Boorstyn, os melhores e mais satisfatórios vendedores no *show business*, e a todas as pessoas verdadeiramente amáveis que, durante todos esses anos, passaram a fazer parte de nossa família.

Deixe-me dizer tão honestamente quanto posso: elas fizeram o verdadeiro trabalho, e eu ficaria perdido sem sua ajuda. Eu também gostaria de subir em minha escrivaninha e gritar "Oh Capitão! Meu Capitão!" para o meu editor Jamie Raab. Acho que o aspecto mais

difícil na profissão de editor é compreender os autores. Jamie sempre me compreendeu, foi cuidadoso comigo e tomou conta de mim. Nenhum autor é mais abençoado. Então, obrigado, Jamie, por seu encorajamento e, mais importante ainda, por sua confiança.

*O que quer que nos limite, chamamos Destino.
Ralph Waldo Emerson*

*Deus não joga dados.
Albert Einstein*

1

Dentro de seis minutos, um de nós estará morto. Este é o nosso destino. Ninguém suspeitava que isto iria ocorrer.

"Ron, espere!", gritei, perseguindo o homem de meia-idade vestido com um terno azul-marinho. Enquanto eu corria, o calor sufocante da Flórida colava a camisa ao meu peito.

Ignorando-me, Ron Boyle corria pelo asfalto, passando pelo Força Aérea Um à nossa direita e os dezoito carros da comitiva que conduziam as pessoas importantes para a cerimônia pública e que estavam alinhados em fila única à nossa esquerda. Como chefe da assessoria, ele estava sempre afobado. É o que acontece quando se trabalha para o homem mais poderoso do mundo. Não digo isto levemente. Nosso chefe era O Comandante Supremo. O presidente dos Estados Unidos. E, quando ele queria algo, era minha tarefa consegui-lo. Bem nesse momento o presidente Leland "O Leão" Manning queria que Boyle permanecesse calmo. Mas algumas tarefas estavam acima de minha capacidade.

Aumentando a velocidade enquanto se misturava com a multidão de funcionários e membros da imprensa que se dirigiam para os carros designados, Boyle moveu-se rapidamente até um Chevy Suburban preto e lustroso estacionado perto dos agentes do Serviço Secreto e da ambulância que transportava alguns litros de sangue do mesmo tipo que o do presidente. Antes, Boyle deveria ter tido uma reunião de quinze minutos com o presidente no Força Aérea Um. Por causa de um erro meu no planejamento do horário, ela havia sido agora reduzida a três minutos de instruções específicas durante um traslado de carro, em algum momento da tarde. Dizer que ele estava aborrecido seria chamar a Grande Depressão de *um mau dia no escritório*.

"Ron!" chamei de novo, colocando uma mão em seu ombro e tentando desculpar-me. "Espere. Eu queria..."

Ele girou violentamente, empurrando com força minha mão.

Delgado, com um nariz significativo e um denso bigode destinado a compensá-lo, Boyle tinha cabelos grisalhos, a pele cor de oliva e impressionantes olhos castanhos com um pequeno pingote de luz azul em cada íris. Quando ele se inclinou para a frente, seus olhos de felino brilharam para mim. "Não me toque de novo a não ser para me apertar a mão", ameaçou-me, enquanto umas gotas de saliva atingiam meu rosto.

Rangendo os dentes, eu as limpei com as costas da mão.

Certo, a falha de planejamento fora minha, mas, ainda assim, isso não era razão para...

"Agora, que diabos é tão importante assim, Wes, ou isto é mais um lembrete vital de que, quando vamos comer com o presidente, precisamos lhe entregar nossos pedidos para o almoço pelo menos uma hora antes?" ele acrescentou, em voz bastante alta para que alguns agentes do Serviço Secreto se voltassem.

Qualquer outro jovem de vinte e três anos tomaria isso ao pé da letra. Eu fiquei frio. Este é o trabalho de um auxiliar do presidente... como uma pessoa da equipe... como o faz-tudo...

Consegue para o presidente o que ele deseja; mantém a máquina ativa.

"Deixe-me recompensá-lo", eu disse, desistindo mentalmente de desculpar-me. Se eu quisesse que Boyle ficasse quieto — se não desejasse uma cena diante da imprensa —, eu precisava elevar o pagamento. "E se eu... se eu o puser dentro da limusine do presidente agora mesmo?"

A postura de Boyle endireitou-se ligeiramente enquanto ele começava a abotoar o paletó de seu terno. "Eu achava que você... Não, isto é bom. Ótimo. Excelente." Ele até esboçou um pequeno sorriso. Crise contornada.

Ele pensava que tudo estava perdoado. Minha memória, porém, durava um pouco mais. Enquanto Boyle se voltava triunfalmente para a limusine, eu anotei em minha agenda mental. Bastardo arrogante. Na volta, ele iria na traseira da *van* da imprensa.

Politicamente, eu não era apenas *bom*. Eu era excelente. Não estou me vangloriando; é a verdade. Não se solicita um emprego como este, a pessoa é convidada para uma entrevista. Qualquer jovem político ambicioso teria matado para poder ficar tão próximo do líder do mundo livre. Desse posto, meu antecessor saiu para tornar-se o número dois na Imprensa Oficial da Casa Branca. Seu antecessor conseguiu um emprego para comandar quatro mil pessoas na IBM.

Sete meses antes, apesar de minha falta de contatos, o presidente me selecionou. Eu me saí melhor que o filho de um senador e um par de bolsistas Rhodes.^[1] Então, eu podia certamente dar conta de um antigo e mal-humorado membro da assessoria.

"Bem, vamos embora!" chamou o chefe da equipe do Serviço Secreto, acenando para que entrássemos no carro enquanto ele se sentava no assento do passageiro, no banco da frente, de onde podia ver tudo o que acontecia.

Puxando Boyle e mantendo à frente a minha maleta de couro de pendurar no ombro, entrei na parte traseira da limusine blindada, onde o presidente estava vestido informalmente com uma jaqueta preta esportiva e *jeans*.

Supus que Boyle fosse começar a falar imediatamente, mas, quando passou diante do presidente, estava estranhamente silencioso. Curvado enquanto se dirigia para o assento de trás, à esquerda, o paletó de Boyle abriu-se, mas ele rapidamente levou a mão ao peito para mantê-lo fechado.

Somente mais tarde fui perceber o que ele estava escondendo. Ou o que eu acabara de fazer ao convidá-lo para a limusine.

Entrando atrás dele, agachei-me em direção a um dos três bancos dobrados na traseira do carro. O meu ficava de costas para o motorista e ao lado de Boyle. Por razões de segurança, o presidente sempre se sentava no assento de trás à direita, com a primeira-dama acomodada entre ele e Boyle.

O assento móvel diante do presidente — o melhor assento — já estava ocupado por Mike Calinoff, o piloto profissional de carros de corrida aposentado, e um convidado especial para o evento do dia.

Não era surpresa. Faltando apenas quatro meses até a eleição, estávamos somente três pontos à frente nas pesquisas. Quando os eleitores estavam tão instáveis, apenas um tolo entraria na arena do gladiador sem uma arma escondida.

"Então ela é rápida, mesmo com um colete à prova de balas?", perguntou o campeão de corridas, admirando o azul-noite do interior do Cadillac Um.

"Extremamente rápida", respondeu Manning, enquanto a primeira-dama, aborrecida, desviava o olhar.

Juntando-se finalmente a eles, Boyle inclinou-se à frente em seu assento e abriu uma pasta de papéis de cânhamo.

"Senhor presidente, se pudéssemos...?"

"Perdão — isso é tudo que podemos fazer, senhor", interrompeu o chefe do Estado-Maior Warren Albright, enquanto entrava na limusine. Estendendo um jornal dobrado para o presidente, ele acomodou-se no assento do meio diretamente na frente da primeira-dama e, mais importante, diagonalmente em relação a Manning. Mesmo em um assento traseiro para seis pessoas, a proximidade era importante. Sobretudo para Boyle, que ainda estava virado para o presidente, recusando-se a desistir de sua oportunidade.

O presidente pegou o jornal e examinou o jogo de palavras cruzadas que ele e Albright partilhavam todos os dias. Isso era uma tradição entre eles desde os primeiros dias de campanha — e era a razão pela qual Albright estava sempre naquele lugar cobiçado, na diagonal em relação ao presidente. Albright começava cada jogo, ia até onde conseguia, depois o passava para o presidente terminá-lo.

"A linha quinze está errada", indicou o presidente, enquanto eu colocava minha maleta no colo. "Abafar."

Não raro, Albright odiava quando Manning encontrava um erro. Hoje, quando percebeu Boyle no assento do canto, ele tinha algo novo em folha com que se aborrecer.

"*Está tudo em ordem*"? Perguntei, dando uma olhada.

Antes que Albright pudesse responder, o motorista deu partida, e meu corpo arremessou-se para a frente.

Três minutos e meio, a partir de agora, o primeiro tiro iria ser disparado. Dois de nós cairiam ao chão, com espasmos.

Um não se levantaria.

"Senhor, posso ter sua atenção por um minuto?"

Interrompeu Boyle, de modo mais insistente do que antes.

"Ron, você não pode apenas desfrutar do trajeto?" Provocou a primeira-dama, seu cabelo castanho curto agitando-se quando batemos em um torrão de terra na estrada. Apesar do tom suave, eu percebi o brilho em seus olhos verde-folha.

Era o mesmo olhar penetrante que ela costumava dar a seus alunos em Princeton. Antiga professora com Ph.D em química, a dra. primeira-dama era treinada para ser valente.

E o que a dra. primeira-dama queria, a dra. primeira-dama lutava para ter. E conseguia.

"Mas, senhora, só vou levar..."

Suas sobrancelhas se franziram tanto que chegaram a se juntar.

"Ron, *desfrute o passeio*"

Nesse ponto muitas pessoas teriam parado. Boyle insistiu mais fortemente, tentando entregar a pasta de papéis diretamente para Manning. Ele conhecia o presidente desde quando ambos tinham vinte anos e estudavam em Oxford.

Banqueiro de profissão, bem como um colecionador de antigos truques de magia, ele mais tarde administrara todo o dinheiro dos Manning, um truque que por si só era mágico.

Até hoje, ele fora a única pessoa do quadro de funcionários a estar presente quando Manning se casou com a primeira-dama. Só esse fato lhe proporcionara passe livre quando a imprensa descobriu que o pai de Boyle era um bom vigarista que havia sido condenado duas vezes por fraude de seguro. Era o mesmo passe livre que ele estava usando agora na limusine para testar a autoridade da primeira-dama. Mas mesmo os melhores passes livres chegam ao fim.

Manning sacudiu a cabeça de modo tão sutil que apenas um olhar treinado poderia percebê-lo. Primeira-dama, um; Boyle, zero.

Fechando a pasta de papéis, Boyle recostou-se e me enviou o tipo de olhar que causaria um ferimento. Agora a culpa era minha.

Quando nos aproximamos de nosso destino, Manning olhou silenciosamente através do matiz verde-claro da janela à prova de balas. "Vocês sabem o que Kennedy disse três horas antes de receber os disparos?", perguntou, usando o seu melhor sotaque de Massachusetts. *"Sabe, a noite passada teria sido uma bela noite para matar um presidente"*

"Lee!" Ralhou a primeira-dama. "Você vê com o que tenho de lidar?", disse ela, rindo de modo disfarçado para Calinoff.

O presidente pegou a mão dela e a apertou, olhando para o meu lado. "Wes, você trouxe o presente que consegui para Calinoff?", ele perguntou.

Eu procurei em minha maleta de couro — a maleta de truques — sem desviar os olhos do rosto de Manning. Ele esboçou um leve assentimento e esfregou seu pulso. *Não lhe dê o prendedor de gravata... pegue o presente maior.*

Eu tinha sido seu auxiliar por mais de sete meses. Se eu estava realizando o meu trabalho direito, não tínhamos de falar para nos comunicarmos. Já cáramos na rotina. Só pude sorrir.

Esse foi o meu último amplo sorriso. Dentro de três minutos a terceira bala do atirador rasgaria minha bochecha, destruindo muitos nervos. Nunca recuperei o pleno uso de minha boca de novo.

Da minha maleta abarrotada, que continha tudo o que um presidente pudesse desejar, eu retirei um conjunto de abotoaduras de funcionário oficial do presidente e a entreguei para Calinoff, que estava adorando cada segundo em seu banco dobrável, um assento quente completamente desconfortável.

"Estas são de verdade, você sabe", disse o presidente. "Não as coloque no eBay."

O presidente usava a mesma piada cada vez que presenteava alguém com as abotoaduras. Nós ainda ríamos.

Mesmo Boyle, que começara a coçar o peito. Não há melhor lugar para se estar por dentro de uma piada do que com o presidente dos Estados Unidos. E no 4 de Julho em Daytona, na Flórida, quando é dado o sinal de partida gritando "Senhores, coloquem suas máquinas em movimento!", na lendária corrida NASCAR Pepsi 400, não há melhor posição secundária no mundo.

Antes que Calinoff pudesse agradecer, a limusine parou.

Uma luz vermelha disparou a faiscar à nossa esquerda — dois policiais em motocicletas com suas sirenes soando alto.

Eles estavam avançando, saindo de trás da comitiva de carros que conduzem pessoas importantes. Como numa procissão de funeral.

"Não me diga que eles fecharam a estrada", disse a primeira-dama. Ela odiava quando eles paravam o trânsito por causa desses automóveis que seguiam o presidente. Aqueles eram votos que nunca seriam recuperados.

O carro lentamente moveu-se alguns centímetros à frente.

"Senhor, estamos quase entrando na pista", anunciou do banco da frente o chefe do serviço de segurança. Do lado de fora, a ampla pista de concreto de pouso e decolagem do aeroporto rapidamente deu lugar a fileiras e fileiras de automóveis com motores de alta qualidade.

"Espere... vamos entrar na pista?", perguntou Calinoff, subitamente excitado. Ele se mexeu em seu assento, tentando ver do lado de fora.

O presidente sorriu. "Vocês acham que conseguiremos um par de lugares na frente?"

As rodas saltaram sobre uma placa de metal ressoante que vibrou como uma tampa solta de boca de lobo. Boyle esfregou seu peito mais ainda. Um ruído surdo e prolongado de barítono encheu o ar.

"É um trovão?", perguntou Boyle, olhando para o céu azul-claro.

"Não, não é um trovão", replicou o presidente, apoiando as pontas dos dedos contra a janela à prova de balas enquanto a multidão no estádio de duzentas mil pessoas erguia-se com bandeiras, standartes e braços acenando. "É aplauso."

"Senhoras e senhores, o presidente dos Estados Unidos!", gritou o locutor no sistema eletrônico de som.

O firme braço direito de um segurança nos indicou para seguir em direção a uma lateral, enquanto a limusine entrava em uma pista de corridas, a maior, mais perfeitamente pavimentada rodovia que jamais havia visto em minha vida.

"Belas rodovias vocês têm aqui", disse o presidente a Calinoff, recostando-se no couro macio do assento feito sob medida para o seu corpo.

Tudo o que havia à esquerda era a grande entrada. Se não tivéssemos entrado triunfalmente por ali, as duzentas mil pessoas que estavam no autódromo, mais os dez milhões de telespectadores, mais os setenta e cinco milhões de fãs comprometidos com a NASCAR, iriam todos dizer a seus amigos e vizinhos e primos e estranhos nos supermercados que nós arruinamos o nosso batismo e desprezamos a água sagrada.

Mas foi por isso que trouxemos uma comitiva de automóveis. Não *precisávamos* de dezoito carros. A pista do aeroporto de Daytona está, na verdade, muito próxima da pista de corrida. Não haveria luzes vermelhas para o percurso. Nem tráfego para impedir. Mas, com todos olhando... Você já viu uma comitiva de automóveis do presidente em uma pista de corrida? É um delírio americano instantâneo.

Não me importava quão próximos do adversário estávamos nas pesquisas. Uma volta completa na pista e tomaríamos nossos assentos para a inauguração.

À minha frente, Boyle não estava tão emocionado. Com os braços cruzados sobre o peito, ele nunca parou de observar o presidente.

"As estrelas também vieram, hein?", perguntou Calinoff quando entramos na última volta e vimos o nosso comitê de recepção, um pequeno grupo de pilotos da NASCAR, todos enfeitados em suas roupas multicoloridas, com emblemas de propaganda. O que o seu olhar destreinado não percebeu foram os cerca de doze "membros da equipe" que estavam parados um pouco mais eretos do que os outros. Alguns usavam mochilas nas costas. Outros carregavam mochilas de couro. Todos usavam óculos escuros. E um falava num aparelho em seu pulso. Serviço Secreto.

Como qualquer outro que andasse na limusine pela primeira vez, Calinoff estava praticamente lambendo o vidro. "Senhor Calinoff, será o primeiro a descer", eu lhe disse quando chegamos diante da seção de poltronas. Do lado de fora, os pilotos já estavam se

posicionando em ângulo até o lugar do presidente. Dentro de sessenta segundos eles estariam correndo para vencer.

Calinoff inclinou-se para sair pela minha porta, do lado do motorista, onde todos os pilotos da NASCAR estavam amontoados.

Inclinei-me para impedi-lo, mostrando a porta do presidente do outro lado. "*Daquele lado*", eu disse. A porta mais próxima dele.

"Mas os pilotos estão do *outro* lado", objetou Calinoff.

"Ouça o rapaz", concordou o presidente, mostrando a porta perto de Calinoff.

Anos antes, quando o presidente Clinton veio assistir a uma corrida da NASCAR, o público vaiou. Em 2004, quando o presidente Bush chegou com o lendário piloto Bill Elliot em sua comitiva, Elliot desceu primeiro e a multidão irrompeu em aplausos. Até os presidentes podem utilizar um ato de abertura.

Com um clique e um outro som abafado, o chefe da segurança puxou um pequeno botão de proteção que permitia abrir a porta blindada pelo lado de fora. Depois de alguns segundos, a porta se abriu, a luz e o calor da Flórida penetraram no carro, e Calinoff desceu ao chão uma de suas botas de vaqueiro, feitas à mão.

"E, por favor, deem as boas-vindas ao ganhador da Taça Winston, por quatro vezes... Mike Caaaalinoff!" gritou o locutor através do estádio.

A deixa enlouqueceu a multidão.

"Nunca se esqueça", sussurrou o presidente para o seu convidado, enquanto Calinoff saía do carro para receber os aplausos dos duzentos mil fãs. "*É isso que viemos ver aqui.*"

"E agora", continuou o locutor, "o nosso grande mestre de cerimônias para a corrida de hoje, na Flórida... O presidente Leeeee Maaaaaning!"

Logo atrás de Calinoff, o presidente desceu do carro, a mão direita levantada e acenando, a esquerda batendo orgulhosamente no logo da NASCAR no peito de sua jaqueta esportiva. Ele parou por um momento para esperar pela primeira-dama. Como sempre, dava para ler os lábios de cada fã na tribuna principal. *Aqui está ele... Aqui está ele. .*

Aqui estão eles... Então, logo que a multidão assimilou o fato, *os, flashes* começaram a estourar. *Senhor presidente, por aqui! Senhor presidente...!* O presidente mal tinha dado três passos e Albright já estava atrás dele, seguido por Boyle.

Eu descii por último. A luz do sol forçou-me a piscar, mas eu ainda estiquei o pescoço, fascinado pelos duzentos mil fãs que agora estavam de pé, apontando e acenando para nós.

Dois anos depois de terminar a universidade, essa era a minha vida. Nem mesmo as estrelas do *rock* têm uma vida tão boa.

Estendendo o braço para um aperto de mãos, Calinoff foi rapidamente rodeado pela multidão de pilotos que o sufocavam com abraços e tapas nas costas. Na frente da multidão estava o CEO da NASCAR e sua esposa, surpreendentemente alta, para cumprimentar a primeira-dama.

Aproximando-se dos pilotos, o presidente sorriu. Ele era o próximo. Em três segundos ele foi rodeado — a única jaqueta preta em um mar de blusões coloridos de Pepsi, M & M's, De Walt e Lone Star Steak House. Como se ele tivesse ganhado as Séries Mundiais e o Super Boliche, e o...

Pah, pah, pah.

Foi tudo o que ouvimos. Três pequenos pachs. Como bombinhas. Ou um barulho de escapamento.

"Tiros! Tiros! Tiros disparados!", gritava o locutor.

"Abaixem-se! Voltem!"

Eu ainda estava sorrindo quando o primeiro grito agudo atravessou o ar. O grupo de pilotos se espalhou — correndo, caindo, entrando em pânico em um instante borrado de cores.

"Deus deu poder aos profetas...", gritava um homem com cabelos pretos em desordem e uma voz profunda do meio da agitação. Seus pequenos olhos cor de chocolate pareciam demasiado próximos um do outro, enquanto seu nariz proeminente e as sobrancelhas finas e arqueadas lhe davam um aspecto de estranha cordialidade que por algum motivo me fez lembrar de Danny Kaye. Apoiado em um joelho e segurando uma arma com as duas mãos, ele estava vestido como um piloto com um blusão de corrida preto e amarelo brilhante.

Como um abelhão, eu pensei.

"... mas também aos horrores..."

Eu continuei olhando para ele, paralisado. O som desaparecera. O tempo se tornara lento. E o mundo aparecia em preto-e-branco, o meu próprio jornal cinematográfico.

Foi como na primeira vez que encontrei o presidente. O aperto de mão pareceu durar uma hora. Alguém chamou isso de viver entre os segundos. O tempo parado, imóvel.

Ainda fixado no abelhão. Eu não conseguia dizer se ele estava vindo para a frente ou se todos ao seu redor estavam recuando.

"Homem no chão!", gritou o chefe de segurança.

Eu segui o som e o movimento da mão apontando para um homem em um terno azul-marinho, deitado com o rosto voltado para o chão. Oh, não, *Boyle*. Sua testa estava pressionada contra o asfalto, seu rosto contorcendo-se em agonia. Ele estava segurando o peito, e eu podia ver o sangue começando a formar uma poça debaixo dele.

"Homem no chão!", gritou de novo o chefe da segurança.

Meus olhos se desviaram procurando pelo presidente. Eu o encontrei bem no momento em que meia dúzia de agentes vestidos com macacões investia contra a pequena multidão que já se encontrava ao redor dele. Os agentes desvairados estavam se movendo tão rapidamente que as pessoas mais próximas de Manning ficaram presas contra ele. *"Retirem-no! Agora!",* gritou um agente.

Pressionada de costas contra o presidente, a esposa do CEO da NASCAR estava chorando.

"Vocês a estão esmagando!", gritou Manning, agarrando seu ombro e tentando mantê-la em pé. *"Deixem-na ir!"*

O Serviço não se importou. Atropelando-se ao redor do presidente, eles empurravam violentamente a multidão que estava à frente e do lado direito. Foi então que a força que os mantinha em movimento levou a melhor. Como uma árvore recém-cortada, a aglomeração de pessoas caiu para o lado, em direção ao chão. O presidente ainda estava lutando para libertar a esposa do CEO. Uma luz brilhante explodiu. Eu lembro do clarão do *flash* sumindo.

"... assim as pessoas podem testar sua fé...", rugia o atirador quando um grupo separado de agentes em macacões o agarrou pelo pescoço... sua arma... a parte de trás de seu cabelo. Em câmera lenta, a cabeça do abelhão caiu para trás, depois seu corpo, enquanto mais dois tiros atravessavam o ar.

Senti uma picada de abelha na minha bochecha direita.

"... e ponderar sobre o bem e o mal!", gritava o homem com os braços estendidos como Jesus quando os agentes o empurraram para o chão. Todos ao seu redor, outros agentes, formaram um círculo muito apertado, exibindo ostensivamente as Uzis semiautomáticas que haviam tirado de suas mochilas de couro e das mochilas que traziam às costas.

Eu bati em meu rosto, tentando matar o que havia me mordido. Alguns passos adiante, a multidão que rodeava o presidente colidiu com o asfalto. Dois agentes na lateral agarraram a primeira-dama, empurrando-a para longe. O restante dos agentes não parou de empurrar, batendo, pisando nas pessoas, enquanto tentavam chegar a Manning e protegê-lo.

Eu olhei enquanto a poça debaixo de Boyle se tornava maior. Sua cabeça agora repousava em um líquido branco como leite. Ele havia renunciado.

Por detrás dos agentes que rodeavam o presidente, nosso chefe de segurança e um outro agente de terno e gravata agarraram os cotovelos de Manning, levantaram-no e empurraram-no, pela lateral, direto em minha direção. O rosto do presidente aparentava dor. Procurei sangue em sua roupa, mas não encontrei nenhum vestígio.

Rapidamente, os agentes estavam indo para a limusine. Mais dois agentes se encontravam bem atrás deles, segurando a primeira-dama por debaixo de seus braços. Eu era a única coisa em seu caminho. Tentei dar um passo para o lado, mas não fui suficientemente rápido. Com velocidade máxima, o ombro do chefe de segurança bateu contra o meu.

Caindo para trás, eu me estatelei contra a limusine, com o traseiro batendo logo acima do pneu direito da frente. Eu ainda vejo tudo como se estivesse fora do corpo em câmera lenta:

tentando manter o equilíbrio... batendo minha mão contra a tampa do motor... e o som do meu impacto. O som era muito distorcido, eu podia ouvir o ruído de uma coisa mole e líquida. O mundo ainda estava em preto-e-branco.

Tudo, exceto a impressão de minha própria mão era vermelho.

Confuso, levei de novo a mão ao rosto. Ela deslizou pela minha pele, que estava escorregadia, molhada e cheia de dor.

"Vá, vá, vá!", gritou alguém.

Os pneus rodaram. O carro deu uma guinada. E a limusine ganhou velocidade saindo de baixo de mim. Como uma lata de soda limonada esquecida no telhado, eu caí para trás batendo meu traseiro. Percebi que me feria em um punhado de pedras. Mas tudo o que eu podia realmente sentir era o tique-taque, tique-taque pulsando na minha bochecha.

Olhei para a palma de minha mão, e vi que meu peito e o ombro direito estavam ensopados. Não por água. Algo mais denso... e mais escuro... vermelho-escuro. Oh, Deus, será que...?

Um outro *flash* estourou. Não era apenas o vermelho do meu sangue que eu estava vendo. Agora havia algo azul... em minha gravata... e amarelo... filetes amarelos na pista. Outro *flash* explodiu enquanto punhaladas de cores penetravam em meus olhos. Carros de corrida prateados e marrom e verde brilhante. Bandeiras vermelhas, brancas e azuis abandonadas nas arquibancadas. Um menino loiro que gritava na terceira fila com uma camiseta água-marinha e laranja dos Miami Dolphins. E vermelho... o escuro, vermelho denso por toda a minha mão, meu braço, meu peito.

Toquei de novo em minha bochecha. As pontas de meus dedos encontraram algo pontudo. Como um metal... ou... seria um osso? Meu estômago virou de ponta-cabeça, torcendo-se de náusea. Toquei de novo em meu rosto com uma leve pressão. Aquela coisa não saía do lugar... *O que há de errado com o meu rost...?*

Mais dois *flashes* me cegaram com luz branca, e o mundo voava em minha direção muito velozmente. O momento capturado em um estalido de dedos, ficando obscurecido com a velocidade da luz.

"Não estou sentindo o pulso!" gritou ao longe uma voz profunda. Logo à frente, dois agentes do Serviço Secreto, de terno e gravata, levantaram Boyle e o puseram numa maca dentro de uma ambulância que acompanhara a comitiva.

Sua mão direita oscilava dependurada, sangrando pela palma. Eu me lembrei dos momentos antes do trajeto da limusine. Ele não estaria ali se eu não...

"Ele está algemado! Saiam da frente!" Alguns passos à esquerda, mais agentes gritavam com aquele monte de pessoas, empurrando-as para chegar até o atirador. Eu estava no chão com os resíduos de manchas oleosas, lutando para me levantar, admirado de que tudo estivesse tão obscuro.

Socorro...!, berrei, embora nada saísse de meus lábios.

As arquibancadas se moviam como um caleidoscópio. Caí para trás no pavimento, ficando ali, minha palma ainda pressionada contra o metal escorregadio.

"Alguém está...?"

Sirenes soavam, mas elas não aumentavam. O som diminuía.

Logo começou a desaparecer. A ambulância de Boyle... Deixando o local... Eles estavam me abandonando...

"Por favor... por que não. .?"

Uma mulher gritou num perfeito tom menor. Seu berro atravessou a multidão enquanto eu olhava para cima, para o céu claro da Flórida. Fogos de artifício... *nós esperávamos ter fogos de artifício. Albright iria ficar irritado...*

As sirenes enfraqueceram até se tornar um fraco assobio.

Tentei levantar a cabeça, mas ela não se moveu. Um último *flash* me atingiu, e o mundo se tornou completamente branco.

"P-Por que ninguém está me ajudando?"

Naquele dia, por minha causa, Ron Boyle morreu.

Oito anos mais tarde, ele voltou à vida.

[1] Estudantes com bolsas de estudo na Oxford University, distribuídas entre candidatos da Comunidade Britânica, dos Estados Unidos e da Alemanha. (N. T.)

2

Oito anos mais tarde Kuala Lumpur, Malásia

Algumas cicatrizes nunca saram.

"Senhoras e senhores, o ex-presidente dos Estados Unidos, Leland Manning", anuncia nosso anfitrião, o representante do primeiro-ministro da Malásia. Eu me sinto embaraçado quando escuto as palavras. Nunca o chamo *ex*. Ele é o *anterior*. O presidente *anterior*.

O representante do primeiro-ministro repete o que disse em mandarim, cantonês e malásio. As únicas palavras que compreendo a cada vez são Leland Manning... *Leland* Manning... Leland *Manning*. Da maneira pela qual Manning puxa o lóbulo de sua orelha e faz de conta que olha para os bastidores, fica claro que as únicas palavras que ele ouve são ex-presidente.

"É a sua vez, senhor", digo, entregando-lhe uma pasta de couro do tamanho de uma carta que contém as páginas de seu discurso. Eu tinha tido 38° de febre e acabara de sair de um voo de onze horas até Kuala Lumpur, durante o qual não dormira nem um minuto. Por causa da diferença de fuso horário, para mim ainda eram três da manhã. Isso não havia deixado Manning menos ativo.

Presidentes estão acostumados a passar a noite em claro. Seus auxiliares, no entanto, não estão. "Boa sorte", acrescento, enquanto puxo de lado a cortina francesa, e ele entra pelo lado direito do palco.

A multidão fica de pé aclamando, e Manning acena com a pasta de couro no ar como se estivesse com os códigos nucleares dentro dela. Nós costumávamos tê-los. Um assistente militar,

anteriormente, nos seguia por toda parte, carregando os códigos em uma maleta de couro conhecida como *o Futebol*.

Nestes dias, não temos um assistente militar... nem o Futebol... nem uma comitiva... ou uma equipe de milhares de pessoas que voam com máquinas de fax e limusines blindadas, ao redor do mundo, para nós. Nestes dias, além de uns poucos agentes secretos, eu tenho o presidente, e o presidente tem a mim.

Quatro meses depois do atentado, o presidente Manning perdeu sua tentativa de reeleição, e todos nós fomos postos fora da Casa Branca.

Sair de lá foi bastante ruim — eles tiraram tudo de nós... nosso trabalho, nossa vida, nosso orgulho — mas o *porquê...* o *porquê* é que assombra.

Durante a investigação do Congresso depois da tentativa de assassinato, os detalhistas de Capitol Hill[2] estavam todos ansiosos para apontar uma possível falha da segurança ocorrida durante a viagem para a pista de corrida, desde a falha do agente do Serviço Secreto, cuja esfera de ação era o escritório local de Orlando, que tinha sido detido por dirigir embriagado dois dias antes da visita do presidente... as inexplicáveis brechas que permitiram que um atirador passasse às escondidas através da segurança... até o fato de que o médico pessoal do presidente havia acidentalmente encomendado o tipo de sangue errado para a ambulância transportar para o presidente no dia do evento. Nenhum desses erros importava. Mas houve um que fez grande diferença.

Depois que John Hinckley levou um tiro no lugar do presidente Reagan em 1981, os índices de aprovação de Reagan subiram para 73%, os maiores que ele alcançou durante seus oito anos de mandato. Depois daquele dia nas pistas de corrida, os índices de aprovação de Manning baixaram para tristes 32%. A única coisa que podia ser responsabilizada por isso era a foto.

As fotos duram depois de qualquer crise. Mesmo no meio do caos, os fotógrafos conseguem disparar suas máquinas e tirar uma foto. Algumas fotos, como aquela, de Jackie Kennedy no momento em que JFK recebeu os tiros, mostram um terror sem expressão de

pesar. Outras, como aquela de Reagan, tirada num piscar de olhos durante o tiroteio, mostram apenas quão pouco tempo cada um tem para reagir. Essa é a única coisa que os políticos não podem controlar. Eles podem manipular a política, os votos... até seus antecedentes pessoais — mas fotografias... as fotografias raramente mentem.

Então, quando ouvimos sobre a foto em questão — decisiva imagem digital do presidente Manning gritando... parado atrás da esposa do CEO de NASCAR... sua mão sobre o ombro dela como se ele estivesse sendo puxado para trás pelo Serviço... e, melhor ainda, tentando ajudar a tirá-la da multidão esmagadora —, pensamos que teríamos os mesmos números de Reagan. O Leão da América no meio de seu rugido.

Então vimos a foto. E também a América a viu. E eles não viram Manning ajudando a esposa do CEO a sair do perigo.

Eles viram o presidente puxando-a para *trás*, colocando-a na frente dele... escondendo-se atrás dela, usando-a como escudo. Nós corremos atrás da esposa do CEO, que tentou explicar que a foto não era o que parecia. Muito tarde.

Depois de quinhentas primeiras páginas de jornais, havia nascido o Leão Covarde.

"Rrrr", sussurra Manning no microfone, enquanto com um sorriso estranho segura as laterais do palanque.

Quando o ex-presidente Eisenhower estava deitado em seu leito de morte, ele olhou para seu filho e um de seus médicos e disse: "Levantem-me". Eles o sustentaram erguido no leito. "Vocês são dois homens corpulentos", queixou-se Ike. "Mais alto." Eles o puxaram mais para cima.

Ele sabia o que estava se aproximando. Morreu minutos mais tarde. Todos os presidentes querem sair fortes.

Manning não é diferente.

Ele ruge de novo, dessa vez de modo mais suave. Levou três anos antes que ele pudesse fazer essa piada. Hoje ele consegue risos fáceis e aplausos, e é por isso que abre cada discurso pago com ela.

Basta de fazer piadas agora. O público até aguarda por elas — as pessoas não conseguem aquietar-se até que sejam feitas. Mas, como aprendi durante minha primeira semana no trabalho, só porque o presidente está rindo isso não significa que esteja de fato rindo. Manning perdeu muito mais do que a presidência naquele dia na pista. Ele também perdeu um de seus amigos mais queridos. Quando os tiros foram disparados, o presidente... eu mesmo... Albright e todos os outros se abaixaram. Boyle foi o único que não se levantou.

Ainda vejo a poça de um rosa leitoso se formando sob ele enquanto estava deitado de bruços, o rosto pressionado contra o pavimento. Escuto as portas da ambulância que o levou fechando-se com barulho como uma caixa-forte de banco... as sirenes desaparecendo num buraco negro de som amortecido... e a respiração difícil, os soluços balbuciantes da filha de Boyle, lutando para se conter durante o elogio fúnebre no enterro de seu pai. Isso foi o que machucou mais profundamente, e não apenas porque sua voz tremia tanto que ela mal conseguia pronunciar as palavras. A filha, que acabara de entrar na escola secundária, tinha a mesma entonação do pai. O jeito de Boyle assobiar os *esses* e encurtar o *o* de Flórida. Quando eu fechava os olhos, era como se o fantasma do próprio Boyle estivesse falando em sua memória. Mesmo os críticos que costumavam usar os embargos de Boyle para chamá-lo de *mancha negra na administração* mantinham a boca fechada. Além do mais, o estrago já fora feito.

O funeral foi televisionado, é claro, o que apreciei pela primeira vez, visto que as operações e o estrago em meu rosto fizeram com que eu assistisse a tudo do meu quarto no hospital. De uma maneira distorcida, foi ainda pior do que se eu estivesse lá, sobretudo quando o presidente ficou em pé para prestar um tributo final.

Manning sempre memorizava as linhas iniciais de seus discursos — era melhor olhar para os olhos da audiência.

Mas naquele dia no funeral... Foi diferente.

Ninguém mais percebeu. No palanque, o presidente mantinha o peito para a frente e os ombros para trás numa demonstração

consciente de força. Ele olhou para os repórteres que se alinhavam na parede de trás da igreja apinhada de gente. Para os enlutados. Para sua equipe. E para a esposa de Boyle e a jovem filha que estava chorando.

"Vamos, chefe", sussurrei do meu quarto de hospital.

As fotos do Leão Covarde já haviam sido publicadas. Todos sabíamos que isso significava a morte de sua presidência, mas naquele momento tratava-se apenas da morte de seu amigo.

Mantenha-se firme, supliquei em minha prece silenciosa.

Manning franziu os lábios. Seus aveludados olhos cinzentos se estreitaram. Eu sabia que ele tinha memorizado a primeira linha. Ele memorizava todas as linhas de abertura.

"Você consegue dizer o discurso..." acrescentei.

E foi quando o presidente Manning olhou para baixo. E leu a primeira linha do discurso.

Não houve suspiro da audiência. Nem uma única história foi escrita sobre isso. Mas eu sabia. E também a equipe sabia, pelo menos aqueles que eu podia ver amontoados, um pouco mais próximos, sempre que a câmera se dirigia para a audiência.

Naquele mesmo dia, para colocar mais outra faca em nosso pescoço, o homem que matou Boyle — Nicholas "Nico" Hadrian — anunciou que, embora tivesse disparado vários tiros no presidente, nunca tivera a intenção de matá-lo, e que isso tinha sido apenas um aviso para o que ele chamava de "culto maçônico secreto que pretendia assumir o controle da Casa Branca em nome de Lúcifer e suas hordas no Inferno". É desnecessário dizer que, com uma alegação de insanidade, Nico foi internado no Hospital St. Elizabeths em Washington, D. C., onde permanece até hoje.

No fim, a morte de Boyle provocou a pior crise que já havíamos enfrentado... foi um momento em que algo, finalmente, era maior do que a Casa Branca. A tragédia pública aproximou a todos. E eu a observava sozinho em um quarto de hospital, com o único olho pelo qual podia ver.

"Ele é bem divertido", diz o representante do primeiro-ministro da Malásia, um homem em torno dos cinquenta com um leve problema de acne. Ele parece quase surpreso quando se junta a

mim e Mitchel, um dos nossos agentes do Serviço Secreto, nos bastidores. Ele olha para Mitchel, em seguida fica na minha frente, voltando-me as costas para estudar o perfil do presidente no palanque. Depois de todo esse tempo como assessor, não tomo isso pessoalmente.

"Faz tempo que trabalha com ele?", pergunta o representante do primeiro-ministro, ainda bloqueando minha visão.

"Quase nove anos", sussurro. Parece ser um tempo longo atuando apenas como assistente, mas as pessoas não compreendem. Depois do que aconteceu... depois do que eu fiz... e o que *causei*... não me importo com o que os meus conselheiros dizem. Se não fosse por mim, Boyle jamais estaria na limusine naquele dia. E, se ele não estivesse lá... eu mantenho meus olhos fechados e focalizo, de novo, visualizando o lago oval e meu antigo acampamento de verão. Do jeito que meu terapeuta me ensinou. Isso ajuda durante um segundo, mas aprendi no hospital que não altera a verdade.

Oito anos atrás, quando Boyle estava gritando na minha frente, eu *sabia* que o presidente nunca seria capaz de conversar com ele durante um trajeto de quatro minutos na limusine. Mas em vez de aceitar o açoite verbal e simplesmente fixar um novo horário, eu evitei toda a dor de cabeça e atirei-lhe o único osso atrás do qual eu sabia que ele estava. Fiquei muito satisfeito comigo por ter feito aquilo. Colocando o presidente na frente dele só para facilitar o meu trabalho. Aquela decisão tirou a vida de Boyle. E destruiu a minha própria vida.

A única notícia boa, como sempre, veio de Manning. Quando muitos assistentes deixaram seu trabalho, eles tiveram meia dúzia de ofertas de emprego. Eu não tive nenhuma. Até Manning ser muito amável para convidar-me a permanecer a bordo. Como eu disse, as pessoas não compreendem.

Mesmo fora da Casa Branca, esta é uma oportunidade que acontece uma vez na vida.

"A propósito, Wes", interrompe Mitchel, "você acabou descobrindo se eles conseguiram o mel para o chá do presidente? Você sabe que ele precisa do mel por causa de sua garganta."

"Vou tratar disso agora", replico, limpando minha testa com a palma da mão. Entre o calor das luzes e minha febre, estou a ponto de desmaiar. Não importa. O presidente precisa de mim. "O mel deverá estar esperando no carro quando tivermos terminado." Verificação dupla. Tiro meu telefone por satélite do bolso e disco o número para o nosso motorista do Serviço Secreto que espera do lado de fora. "Stevie, fala Wes" eu digo quando ele atende. "Aquele mel já está aí?"

Uma breve pausa do outro lado da linha. "Você está brincando, certo?"

"Está aí ou não?" Repito, muitíssimo sério.

"Sim, Wes — o mel superimportante acaba de chegar. Eu o estou guardando bem agora — ouvi dizer que há uma gangue de abelhões na vizinhança." Ele faz uma pausa, esperando que eu me junte a ele na piada.

Fico em silêncio.

"Algo mais, Wes?" pergunta ele secamente. "Não... isso é tudo por ora."

Eu posso quase ouvir seus olhos girando quando desligo o telefone. Não sou um imbecil. Eu sei o que dizem a meu respeito. Mas eles não são como aqueles que ainda veem a poça de sangue debaixo de Boyle cada vez que ouvem uma ambulância passar. Manning perdeu a presidência e seu melhor amigo. Eu perdi algo muito mais pessoal. Não é diferente de um trapezista que leva um mau tombo durante um salto triplo. Mesmo quando os ossos saram e tudo está de volta no lugar... mesmo quando se é posto de novo no grande topo... pode-se balançar tão forte quanto se quiser, mas leva tempo antes que surja a vontade de voar tão alto outra vez.

"... embora eu ainda os faça chamar-me de *Senhor Presidente*", as piadas de Manning no palco.

Uma explosão de risos surge na audiência, que é composta de setecentos funcionários importantes da Companhia de Seguros Tengkolok, a quadragésima terceira maior companhia da Malásia. A boa notícia é que eles estão pagando quatrocentos mil dólares e um jato particular por uma palestra de cinquenta e sete minutos... mais uma breve sessão de perguntas e respostas, é claro. Como um

repórter da *Newsweek* me contou uma vez, a pós-presidência é como publicar notícias de primeira mão através de agências noticiosas: menos visível, mas muito mais proveitosa.

"Eles gostam do presidente", diz o representante do primeiro-ministro.

"Ele tem prática de ficar diante de multidões", replico.

O representante permanece com os olhos presos no perfil da silhueta do presidente, recusando-se a participar da piada. Desse ângulo, a maneira pela qual Manning aponta um determinado dedo para a audiência mostra que ele está de novo em plena forma. O holofote lhe proporciona um brilho angelical... afinando os seus oito quilos extras e suavizando-lhe cada aspecto, desde o queixo pontudo até a pele com aspecto de couro. Se eu não soubesse de tudo, teria a impressão de que estávamos de volta à Casa Branca, olhando-o através do pequeno orifício de observação na porta lateral do Salão Oval. Assim como ele olhava para mim no quarto do hospital.

Fiquei no hospital quase seis meses. Durante os primeiros, alguém da Casa Branca telefonava todos os dias. Mas, quando perdemos a eleição, a equipe desapareceu, assim como as chamadas telefônicas. Então, nessa época, Manning tinha todas as razões para fazer o mesmo e esquecer-me. Ele sabia o que eu tinha feito. Ele sabia por que Boyle estava na limusine. Em vez disso, chamou-me de volta. Como ele me disse naquele dia, a lealdade era importante. Ela ainda é.

Mesmo depois da Casa Branca. Mesmo na Malásia. Mesmo em uma conferência sobre seguro.

Um bocejo sobe por minha garganta. Ranjo os dentes e luto tentando engoli-lo.

"Isto é aborrecido para você?", pergunta o representante do primeiro-ministro, nitidamente incomodado.

"N-Não... absolutamente", desculpo-me, conhecendo a primeira regra da diplomacia. "É apenas... o fuso horário... acabamos de chegar, então ainda estou me ajustando..."

Antes que eu possa terminar, ele muda de assunto.

"Você deveria..."

Vendo meu rosto, ele se interrompe. Não por muito tempo.
O suficiente para me encarar.

Instintivamente tento sorrir.

Algumas coisas são impossíveis de desaprender. A metade esquerda de meu lábio levanta-se, a direita permanece onde esta, morta em meu rosto.

Boyle morreu naquele dia na pista de corrida. Mas ele não foi o único a ser atingido.

"... deveria tomar melatonina", gagueja o representante do primeiro-ministro, ainda olhando para as marcas esmaecidas de talhos em minha bochecha. As cicatrizes cruzadas como trilhos de vias férreas interconectados. Logo no início elas eram púrpura-escura. Agora são um pouco mais vermelhas do que a minha pálida pele cor de giz. Pode-se até não percebê-las. "Melatonina", ele repete, olhando agora para meus olhos. Sente-se estúpido por ter me encarado. Mas não consegue se impedir. Ele espreita de novo, depois dá mais uma olhada para a minha boca, que afunda levemente do lado direito. Muitas pessoas pensam que eu tive um pequeno derrame. Então elas percebem as cicatrizes. "É o melhor para a defasagem horária", ele acrescenta, de novo com os olhos presos.

A bala que rasgou minha bochecha era uma Devastator — especialmente projetada para fraturar sob o impacto e cair girando dentro da pele em vez de atravessá-la. E foi isso exatamente o que aconteceu quando ela ricocheteou no capo blindado da limusine, despedaçando-se e rasgando meu rosto. Se tivesse sido um tiro direto, ele poderia ter sido mais limpo, concordaram os médicos, mas, assim, foi como se uma dúzia de pequenos mísseis perfurassem minha bochecha. Para maximizar a dor, Nico até roubou um artifício de homens-bomba suicidas do Oriente Médio, que mergulham suas balas e bombas em veneno de rato, porque ele atua afinando o sangue e mantém a pessoa sangrando por muito mais tempo. Isso funciona. Quando o Serviço me socorreu, eu tinha sangrado tanto que eles me cobriram, pensando que eu estava morto.

Os projéteis perfuraram o meu nervo facial, o qual, rapidamente descobri, tem três ramificações: a primeira enerva a testa... a segunda controla as bochechas... e a terceira, onde fui atingido, é responsável pela boca e pelo lábio inferior. É por isso que minha boca fica afundada... e meus lábios franzem ligeiramente fora de centro quando eu falo... e meu sorriso é tão sem relevo quanto o de um paciente injetado com Novocaína no dentista. E ainda por cima não consigo chupar em canudo, assobiar, beijar (não que eu tenha qualquer pretendente) ou morder meu lábio superior, o que requer mais trabalho do que jamais pensei.

Posso conviver com tudo isso.

É o encarar dos outros que me fere.

"Melatonina, hum?", pergunto, virando o rosto para que ele não possa vê-lo. Não ajuda. Um rosto é o que mantemos em nossa memória. Ele é a nossa identidade. Mostra o que nós somos. Pior de tudo, dois terços da comunicação face a face se faz através das expressões faciais. Quando as perdemos — foi o que me aconteceu —, nas palavras dos pesquisadores, isto é socialmente devastador. "Eu tentei experimentar anos atrás... talvez eu tente de novo."

"Acho que você vai gostar", diz o representante do primeiro-ministro. "Ajuda-o a se sentir bem." Ele se volta novamente para a silhueta iluminada do presidente, mas eu já ouço a alteração em sua voz. É sutil mas inequívoca. Você não precisa de um tradutor para entender a piedade.

"Eu deveria... eu vou verificar o mel e o chá", eu digo, afastando-me do representante do primeiro-ministro. Ele não se dá ao trabalho de se virar.

Caminhando pelos bastidores escuros do Centro de Artes Dramáticas e Musicais, paro entre uma palmeira de papel machê e um enorme rochedo entalhado feito de plástico e de espuma — as duas peças do cenário do *Rei Leão* que está montado atrás da cortina.

"... e os países olham para os Estados Unidos sob formas que ainda não podemos menosprezar...", diz Manning quando finalmente chega à parte mais séria de seu discurso.

"... mesmo agora, que somos odiados em tantos lugares do mundo", sussurro para mim mesmo.

"... mesmo agora, que somos odiados em tantos lugares do mundo...", continua o presidente.

A linha em que ele está me mostra que ainda terá quarenta e um minutos de discurso, dos cinquenta e sete previstos, incluindo os trinta segundos, a partir de agora, que levará para limpar a garganta e os três instantes de pausa que usará para mostrar que ele é extremamente sério. Há tempo suficiente para um breve intervalo.

Há um outro agente do Serviço Secreto perto da porta na parte dos fundos do cenário. Jay. Ele tem um nariz de pugilista, curto e gordo, e as mãos mais femininas que jamais vi.

Acenando um olá, ele percebe o brilho de suor em meu rosto. "Você está bem?" Como todos, ele olha rapidamente para minhas cicatrizes.

"Apenas cansado. Esses voos para a Ásia me deixam fora de forma."

"Todos nós estamos acordados, Wes."

Atitude típica do Serviço. Nenhuma simpatia. "Ouça, Jay, vou verificar o mel do presidente, ok?"

Atrás de mim, no palco, o presidente limpa a garganta. Um... dois... três...

No momento em que ele recomeça a falar, eu empurro a porta de metal à prova de som e dirijo-me por um longo corredor de cimento, iluminado com luz fluorescente, que passa atrás dos camarins. O trabalho de Jay é lutar contra qualquer ameaça percebida ou despercebida. Faltando quarenta minutos para o término do discurso, a única coisa contra a qual tenho de lutar é a minha exaustão. Sorte minha. Estou no lugar perfeito para dar uma descansada.

A minha direita no corredor vazio, há uma sala indicada como *Camarim 6*. Eu a vi quando entramos. Ali deve haver um sofá, ou pelo menos uma cadeira.

Pego na maçaneta, mas ela não gira. A mesma coisa no camarim 5, bem na frente do outro. *Que droga!* Com tão poucos

agentes, eles devem ter fechado os camarins por motivo de segurança.

Andando em ziguezague pelo corredor, experimento o camarim 4... 3... 2. Fechado, fechado e fechado. O único que sobra é o grande número 1. Com más notícias anunciadas na porta:

USAR APENAS EM CASO DE EMERGÊNCIA

Utilizar apenas em caso de emergência é o nosso código para a sala de reunião particular do presidente. Muitas pessoas pensam que é um lugar para relaxar. Nós a usamos para manter afastadas as multidões de pessoas que querem apertar sua mão e fotografá-lo, inclusive os anfitriões, que sempre são os piores de todos. *Por favor, só mais uma foto, senhor presidente.* A sala está sempre abastecida com telefone, fax, frutas, petiscos, meia dúzia de buquês de flores (que nunca pedimos, mas que sempre enviam), água mineral gasosa, chá Bailao, e... como nos mostraram enquanto nos dirigíamos para o aposento... uma antessala com um sofá e uma pilha de almofadas confortáveis.

Olho para os demais camarins, depois de novo para a porta de metal fechada que dá para o palco. Jay está do outro lado.

Mesmo se eu pedir, não haverá jeito de ele abrir os outros camarins. Retorno para o camarim 1 com o aviso de *Emergência*. Minha cabeça está queimando; meu corpo está ensopado. Ninguém percebeu nada (obrigado, porta à prova de som). Eu ainda tenho meia hora até o presidente terminar... Não. Não, não, não. Esqueça isso. Esse é o lugar privado do presidente. Não me importa que ninguém perceba. Mas ouça. É apenas... entrar no seu aposento dessa forma... Não está certo.

Mas quando me volto para ir embora, percebo uma réstia de luz debaixo da porta. Ela fica preta, depois branca. Como uma sombra passageira. O problema é que o aposento deveria estar vazio. Então, quem diabos estaria...?

Dirigindo-me direto para a maçaneta, eu a giro com força. Se fosse o louco que queria autógrafo no estacionamento... Com um clique, a porta se abre.

Quando ela se abre amplamente, sinto o odor de flores recém-cortadas. Depois ouço o tinido de metal contra vidro.

Procurando o som, viro-me para a pequena mesa de café com copos empilhados, no lado esquerdo do aposento. Um homem idoso e de cabeça raspada vestido de terno, mas sem gravata, esfrega o tornozelo no ponto em que o machucara. Ele está caminhando rápido, e não para de se movimentar. Está se precipitando em minha direção.

"Perdão... aposento errado", diz ele com um leve vestígio de sotaque que não consigo identificar. Não é inglês, mas um tanto europeu. Sua cabeça está abaixada, e com o ombro inclinado ele espera atropelar-me ao passar pelo vão da porta. Eu dou um passo à sua frente, impedindo-o.

"Posso ajuda-...?"

Ele me empurra com força a toda velocidade, batendo em meu ombro com o seu. Deve ter cerca de cinquenta anos. É mais forte do que parece. Tropeçando ligeiramente para trás, eu agarro o batente e tento ficar na frente dele. "Você é doido?", pergunto.

"Perdão... isso era... E-Eu estou no lugar errado", insiste ele, mantendo a cabeça abaixada e dando um passo atrás. Da maneira que gagueja e se mantém parado, esquivo, começo a pensar que ele tem mais problemas do que apenas estar no lugar errado.

"Este é um aposento privado", digo a ele. "De onde você...?"

"O banheiro", insiste ele de novo. "Estava procurando um banheiro."

Essa é uma desculpa rápida, mas não é boa para mim. Ele está aqui dentro já há algum tempo. "Ouça, preciso chamar o Serviço Secre..."

Dando um pulo à frente, ele avança para mim sem dizer palavra. Eu me inclino para a frente para me manter no lugar. Era com isso exatamente que ele contava.

Aguardo que ele se atire contra mim. Em vez disso, ele gira os pés de lado, esmaga com o calcanhar as pontas dos dedos do meu pé esquerdo, e me agarra pelos pulsos. Logo estou caindo para a frente. Ele puxa meus pulsos com mais força, abaixando-me e deixando a força cinética fazer o resto. Com um novo rodopio na parte superior do meu tronco, eu giro de costas, completamente sem equilíbrio. Atrás de mim... a mesa...

As panturrilhas batem na extremidade de metal e a gravidade faz com que eu caia de costas sobre o tampo de vidro. Estendo as mãos para a frente tentando deter a queda. É inútil.

Quando as minhas costas atingem o vidro, eu ranjo os dentes e me enrijeço esperando o pior. O vidro estoura como os primeiros grãos de milho da pipoca... depois estilhaça com uma tempestade de estilhaços. A mesa de café é menor do que uma banheira, e, como eu caio de costas, minha cabeça bate na extremidade exterior de metal. Um choque de dor percorre-me a espinha, mas os meus olhos ainda estão fixados na porta. Eu levanto o pescoço para olhar melhor. O estranho já foi embora... e então... enquanto olho fixo para o vão vazio da porta... ele enfia sua cabeça por ali. Quase como se estivesse me examinando.

É quando nossos olhos se encontram. Contato.

Oh!, meu Deus. Meu estômago revira. E-Este é... Seu rosto está diferente... o nariz mais redondo... as faces mais bem delineadas. Eu cresci em Miami. Conheço cirurgia plástica quando a vejo. Mas não há equívoco naqueles olhos — castanhos com uma gota de luz azul... Ele... ele morreu oito anos antes...

Era Boyle.

[2] O Congresso dos Estados Unidos. (N. T.)

3

"Espere!"

Ele desaparece num piscar de olhos, lançando-se com ímpeto pelo lado esquerdo do corredor — afastando-se da porta onde está Jay. Boyl... Quem quer que seja, ele é esperto.

Eu agarro as extremidades da mesa de café e tento me levantar. Meu quadril e os joelhos pressionam contra os fragmentos de vidro quando dou uma volta para me endireitar. Tropeçando, eu me precipito para adiante, completamente curvado. Estou sem equilíbrio, quase caio ao passar pela porta e entrar no corredor completamente vazio.

Ele teve apenas cinco segundos de vantagem. Foi mais que suficiente.

Mais adiante, o final do corredor faz uma curva para a esquerda. Distante, uma porta de metal bate com força ao fechar. Maldição. Eu corro tão depressa quanto consigo, rangendo os dentes para me impedir de hiper ventilar. Mas já sei o que se aproxima. Ao virar, o corredor termina em mais duas portas de metal à prova de som. A da direita conduz às escadas de emergência. A que está em frente dá para fora. Se nós estivéssemos na Casa Branca, haveria dois sujeitos do Serviço Secreto montando guarda. Como se tratava de um ex-presidente, mal tivemos guardas suficientes para cobrir as entradas que conduzem ao palco.

Eu abro a porta à minha direita. Quando ela bate contra a parede, um som monótono ecoa pelo poço da escada.

Prendo a respiração e tento ouvir passos... movimento... qualquer coisa. Tudo que obtenho é silêncio.

Virando para trás, bato com força na tranca de metal da outra porta, que se abre, e saio para o ar adocicado e cheio de vapor da

Malásia. A única luz da aleia vem dos faróis de um Chevy Suburban preto, de um gato Cheshire^[3] de metal com um olhar fixo branco. Atrás do Suburban há uma pretensiosa limusine branca, dessas usadas para cerimônias de formatura. É o automóvel para voltarmos ao hotel.

"Está tudo bem?", pergunta-me um agente com cabelos castanhos curtos, enquanto dá a volta diante do Suburban.

"Sim... é claro", eu digo, engolindo com força e sabendo que é melhor não o deixar em pânico. Pulando os três últimos degraus, meu coração começa a bater rápido, e sinto que ele está prestes a saltar de meu peito. Continuo a examinar a aleia. Nada além de contêineres de lixo vazios, uns poucos policiais de motocicleta e a pequena comitiva.

As escadas...

Volto para dentro, mas já é muito tarde. A porta se fecha com um estrondo alto, trancando-se.

"Relaxe", grita o agente. "Eu tenho a chave aqui comigo."

Ele sobe as escadas e abre a porta com seu molho de chaves.

"Manning vai terminar no tempo previsto?", pergunta.

"Sim... ele é perfeito... bem na hora prevista..."

O agente me estuda com cuidado, mexendo em suas chaves.

"Tem certeza de que você está bem, Wes?", indaga, abrindo mais a porta enquanto eu corro para dentro. "Parece que viu um fantasma".

[3] Cheshire é o gato de *Alice no País das Maravilhas*, (N. T.)

4

Faz tempo que ele fugiu.

Meia hora mais tarde, depois da pergunta final na sessão de Perguntas e Respostas para o Presidente ("O *senhor sente falta da Casa Branca?*"), estou sentado na parte de trás da limusine, tentando descobrir qual é o humor do presidente.

"O público era bom", diz Manning. O que significa que *era insípido*. "Concordo", digo a ele.

E isto significa: *eu compreendo*. Os discursos no exterior são sempre desagradáveis — a audiência não compreende metade das piadas, e Manning fica com pena de si mesmo porque o país inteiro já não para com a sua chegada.

No assento da frente, dois de nossos rapazes do Serviço Secreto estão completamente silenciosos, nem mesmo sussurram em seus rádios. Isto significa que estão nervosos.

De volta ao Centro das Artes, eu relatei o fato de que tinha visto alguém perto dos camarins. Quando pediram uma descrição, eu contei tudo que vi, embora não revelasse a cor dos olhos nem que se parecia com Boyle. *Oh, sim, era o nosso chefe morto, da equipe de assessoria, que enterramos oito anos atrás*. Há um limite tênue entre ser cuidadoso e parecer um maluco.

Quando o nosso automóvel dá uma guinada para estacionar diante do Palácio dos Cavalos Dourados — o hotel mais luxuoso e decorado com temas de cavalos da Ásia —, três manobristas diferentes abrem a porta da limusine. "Bem-vindo de volta, senhor presidente."

Muito acostumado a hospedar pessoas VIPs, o palácio tem dezoito elevadores e dezessete escadarias diversas para se entrar sorrateiramente. Da última vez que estivemos aqui, usamos pelo

menos a metade delas. Hoje, pedi ao Serviço para nos conduzir direto pela porta da frente.

"*Ele está aqui... Ele está aqui.*", vozes simultâneas gritaram quando alcançamos o saguão. Um bando de turistas americanos já aponta para ele, procurando canetas em seus pertences. Nós tínhamos sido percebidos, o que era o objetivo. Os rapazes do Serviço Secreto olham para mim. Eu olho para Manning. A decisão é sua, embora eu já saiba a resposta.

O presidente concorda ligeiramente, fingindo que está fazendo um favor, eu percebo um sorriso dissimulado. Cada vez que um ex-presidente viaja ao estrangeiro, a CIA coloca um breve informe oficial à imprensa, o que deixa o "ex" se sentir como se estivesse no centro das coisas. É por isso que todos os "ex" gostam de fazer viagens ao exterior. Mas, quando você está numa terra distante e lhe faz falta a adrenalina da atenção, não há nada melhor, para um aumento súbito na taxa de açúcar, do que um breve encontro com fãs adoradores.

Como o Mar Vermelho diante de Moisés, os agentes dão um passo para o lado, deixando um caminho desimpedido até o presidente através do chão de mármore. Eu puxo uma dúzia de fotos feitas em papel brilhante e um marcador Sharpie da minha maleta de truques e os estendo para Manning. Ele precisava disso. Bem-vindo ao lar, chefe.

"O senhor pode dedicá-la a *Bobby-boy!* Apenas isto — *Bobby-boy?*", pergunta um homem com óculos grandes.

"Então, de onde você é?" Indaga Manning, fazendo o que melhor sabe fazer.

Se eu quisesse, poderia permanecer ao lado do presidente e ajudar o Serviço a manter uma fila ordenada. Em vez disso, dou um passo atrás, deslizo para fora da multidão e dirijo-me para o balcão em frente, onde está a recepcionista do hotel, bem embaixo da enorme cúpula dourada com cavalos correndo pintados à mão.

Desde o instante em que Boyle desaparecera isto estava me atormentando. Não sei direito como ele entrou nos bastidores, mas se ele estava tentando se aproximar do presidente, só havia um outro lugar onde pudesse tentar.

"Como posso ajudá-lo hoje, senhor?", pergunta uma bela asiática em inglês impecável. Para seu crédito, ela olha de relance para minhas cicatrizes, mas não se demora.

"Estou com o presidente Manning", digo, esperando suborná-la.

"É claro que está, senhor Holloway."

Eu sabia que deixáramos um mísero cartão de visitas, mas ainda assim estava impressionado.

"Como podemos ajudá-lo?" pergunta ela.

"De fato, eu estou tentando localizar um dos amigos do presidente. Ele deveria nos encontrar hoje à noite, eu gostaria de saber se já chegou ao hotel... o último nome é *Boyle*"

Digitando em seu teclado, ela nem se detém no nome dele.

Os hotéis dispendiosos da Malásia são bons, mas não chegam a ser excepcionais.

"Sinto muito, senhor, mas não temos ninguém com o nome *Boyle*?"

Não me sinto surpreso. "E *Eric Weiss*"?, pergunto. Era o nome falso de Boyle nos nossos dias de Casa Branca, quando ele não queria que os repórteres nos localizassem em hotéis.

"Eric Weiss?", repete ela.

Eu aceno que sim. Trata-se do verdadeiro nome de Houdini — essa era uma brincadeira tola de Boyle, que colecionava cartazes de antigos mágicos. Mas voltar de entre os mortos?

Até mesmo Eric Weiss não conseguiria realizar esse truque.

"Sinto muito, não temos nenhum Eric Weiss", diz ela.

Dou uma olhada para o presidente. Ele ainda tem pelo menos mais três turistas para dar autógrafo.

"Na verdade, será que poderia tentar mais um nome: o último nome é *Stewart*, o primeiro é *Carl*"

"Carl Stewart", repete ela, digitando no teclado. É um tiro de longo alcance, sem dúvida — o primeiro nome e o do meio do pai do presidente, e o nome em código para hotéis que usávamos para o presidente quando comecei a trabalhar na Casa Branca... logo antes de Boyle ser...

"Carl Stewart", diz orgulhosamente a funcionária do hotel.

"Nós o temos aqui."

Sinto o sangue desaparecer do meu rosto. Aquele nome em código era dado ao presidente durante as antigas viagens como um meio de esconder em que quarto ele estava.

Ninguém conhecia aquele nome em código. Nem mesmo a primeira-dama. "Ele está aqui?"

Ela olha de soslaio para a tela. "Mas, de acordo com o que temos aqui, ele saiu cerca de uma hora atrás. Sinto muito, senhor — parece que acaba de perdê-lo."

"Você tem seu endereço? Ele pagou com cartão de crédito?"

Minha pergunta sai antes que eu possa recuperar-me.

"Quero dizer... nós... estávamos querendo pagar a conta dele", acrescento, falando mais devagar. "Você sabe... o... convite do presidente."

Ela olha direto para mim. Agora deve achar que eu sou maluco. Ainda assim, ela verifica a tela. "Sinto muito de novo, senhor. Parece que ele pagou em dinheiro."

"E o endereço de sua residência? Só quero ter certeza de que estamos falando do mesmo Carl Stewart", acrescento uma risada para deixá-la à vontade. É quando percebo que os malásios não gostam de ser ridicularizados.

"Senhor, as informações pessoais de nossos hóspedes..."

"Não é para mim, é para *e/e*" Aponto para o ex-presidente dos Estados Unidos e seus três guarda-costas armados. Isto sim é um danado de um trunfo.

A funcionária força um sorriso sem graça. Ela olha por sobre o ombro. Não há ninguém ao redor. Lendo na tela, ela diz: "O senhor Stewart mora em... 3965 Via Las Brisas, Palm Beach, Flórida".

Minhas pernas ficam dormentes. Agarro o balcão de mármore para não cair. Não se trata de uma palavra cifrada.

É o endereço da residência particular do presidente Manning. Só alguém da família o tem. Ou velhos amigos.

"Senhor, está bem?", pergunta a funcionária, percebendo minha aparência.

"Sim... perfeito", digo, forçando um pouco de animação em minha voz. Isso não faz com que eu me sinta melhor. Minha cabeça gira rapidamente, mal consigo ficar em pé. Boyle... ou quem quer

que ele fosse... ele não estivera apenas naquele camarim... ele esteve *aqui* na noite anterior. Esperando por nós. Pelo que sei, ele teria esperado pelo presidente se eu não o tivesse visto primeiro.

Relembro o momento nos bastidores durante o discurso. O tinido do metal quando ele bateu na mesa de café. O olhar de pânico em seu rosto. Até agora eu supunha que, quando o vi, ele estava entrando no local. Mas agora... ele estando aqui desde a noite passada... e usando aquele nome em código de dez anos atrás... Boyle não é um idiota. Com todos os nomes falsos que podia escolher, não usaria aquele nome para se esconder. Só o usaria para que alguém pudesse encontrá-lo.

Giro o caleidoscópio e um novo cenário aparece.

Certamente, Boyle não podia estar entrando naquele momento. Mas ele podia muito bem ter sido convidado. O problema é que, considerando que as únicas pessoas nessa viagem são eu e os três agentes secretos que nunca trabalharam na Casa Branca, há uma única pessoa que resta que reconheceria aquele antigo nome em código. Uma pessoa que poderia ter sabido que Boyle estava vindo... e que o convidou para entrar.

Olho para o presidente exatamente quando ele termina seu autógrafo final. Há um amplo sorriso em seu rosto.

Uma lancetada de dor se faz sentir na parte de trás de meu pescoço. Minhas mãos começam a tremer. Como poderia... como ele poderia fazer aquilo? Dez passos adiante, ele coloca o braço ao redor de uma mulher malásia e posa para uma foto, sorrindo mais ainda. Quando o *flash* explode, a dor em meu pescoço aperta como um laço. Eu aperto os olhos esforçando-me para encontrar o lago do acampamento de verão... ávido por um ponto focal. Mas tudo o que vejo é Boyle. Sua cabeça raspada. O sotaque falso para me desnortear. Até os soluços de sua filha, para quem peço desculpas cada vez que a vejo sofrer durante as reuniões pelo aniversário da morte de seu pai.

Durante oito anos, sua morte tinha sido a única ferida que nunca cicatrizara, supurando com o tempo e com meu isolamento. A culpa... tudo o que causei... Oh, Senhor, se ele está verdadeiramente vivo...

Abro os olhos e percebo que estão cheios de lágrimas.

Enxugo-as rapidamente, eu nem consigo olhar para Manning.

O que quer que Boyle estivera fazendo por aqui, eu tenho de descobrir que diabos está acontecendo. Na Casa Branca tínhamos acesso ao exército. Não temos o exército agora.

Mas isso não significa que não tenha meus próprios recursos.

Tiro o meu telefone via satélite e disco o número que sei de cor. O sol devia estar começando a aparecer em Washington.

Acostumado com emergências, ele atende ao primeiro toque. O identificador de chamadas lhe permite saber que sou eu.

"Deixe-me adivinhar, você está com problemas", responde Dreidel.

"Trata-se de um bem sério", digo a ele.

"Ele envolve nosso patrão?"

"Não se trata sempre dele?" Dreidel é o meu amigo mais próximo da Casa Branca, e, mais importante ainda, ele conhece Manning melhor do que ninguém. Pelo seu silêncio fica claro que ele compreende. "Agora você tem um segundo? Eu preciso de ajuda."

"Para você, meu amigo, qualquer coisa..."

5

Paris, França

Com maionese?", perguntou com um forte sotaque francês a mulher magra, de óculos com aros vermelhos e lentes bifocais.

Oui", respondeu Terrence O'Shea, acenando respeitosamente, mas desapontado por ela ter perguntado.

Ele achava que seu francês era fluente — ou tão fluente quanto um treinamento no FBI pudesse torná-lo —, mas o fato de ela ter perguntado em inglês e se referido ao molho com alho, *aïoli*, como "maionese"... "Excusez-moi, madame", disse O'Shea, "pourquoi m'avez vous demandé cela en anglais?" *Por que me fez a pergunta em inglês?*

A mulher franziu os lábios e sorriu para os amplos traços suíços dele. Seu cabelo fino e loiro, faces rosadas e olhos cor de avelã vinham da família de sua mãe na Dinamarca, mas o nariz achatado e curvado era do lado escocês de seu pai — tornado mais feio ainda por causa de uma operação de resgate malfeita quando fora feito refém em seus dias de trabalho de campo. Enquanto a mulher lhe entregava o pequeno invólucro de cartolina com batatas fritas encharcado de maionese, ela explicou: "Je parle très mal le danois". *Meu dinamarquês é terrível.* Percebendo o sorriso de O'Shea, ela acrescentou: "Vous venez de Danemark, n'est-ce pas?" *Você é da Dinamarca, não é?*

"Oui", mentiu O'Shea, ficando bem contente por ela não o ter identificado como americano. Naquele tempo, de novo, a mistura de raças fazia parte do trabalho.

"J'ai l'oeuil pour les choses", acrescentou a mulher.

"J'ai l'oeuil pour les choses", repetiu O'Shea, deixando cair algumas moedas no pote de vidro de gorjetas que ficava na extremidade do carrinho ambulante da mulher que vendia salsichas e batatas fritas. *Algumas vezes apenas se sabe.*

Subindo pela rue Vavin, O'Shea sentiu o celular vibrar em seu bolso pela terceira vez. Já havia convencido a mulher do carrinho ambulante de que ele não era americano, e, mesmo que isso não importasse, não iria se desmascarar interrompendo sua conversa e atendendo o telefone ao primeiro toque.

"Aqui é O'Shea", respondeu por fim.

"O que você está fazendo na França", perguntou a voz do outro lado da linha.

"Uma conferência da Interpol. Alguma bobagem sobre inteligência. Quatro dias inteiros longe do buraco."

"Mais toda a maionese que você consegue comer."

Exatamente quando estava prestes a morder sua primeira batata frita imersa em maionese, O'Shea parou. Sem outra palavra, ele pegou o invólucro de batatas fritas e atirou-o dentro de um cesto de lixo ali perto e atravessou a rua.

Como um Legat — um Adido Jurídico — do FBI, O'Shea havia passado quase uma década trabalhando com agentes da lei em sete países estrangeiros para ajudar a deter crimes e terrorismo que poderiam prejudicar os Estados Unidos. Na sua linha de trabalho, a melhor maneira de ser assassinado era se tornar óbvio e previsível. Orgulhando-se por não ser nenhum dos dois, ele abotoou o longo casaco preto que esvoaçava atrás de si como uma capa de mágico.

"Conte-me o que está acontecendo", disse O'Shea.

"Adivinhe quem está de volta?"

"Não faço ideia."

"Adivinhe..."

"Não sei... aquela moça do Cairo?"

"Deixe-me lhe dar uma pista: ele foi assassinado na pista de Daytona oito anos atrás."

O'Shea parou de andar no meio da rua. Não por pânico. Ou surpresa. Fazia tempo que ele estava nesse negócio para ficar

aborrecido com más notícias. Era melhor confirmar.

"Onde ficou sabendo?"

"De uma boa fonte."

"Boa, quanto?"

"Muito boa."

"Isto não é..."

"Tão boa como se nós mesmos tivéssemos conseguido a informação, o.k.?"

O'Shea conhecia aquele tom. "Onde o descobriram?" "Na Malásia, Kuala Lumpur." "Nós temos um escritório ali..." "Ele já sumiu."

Não era surpresa, pensou O'Shea. Boyle era muito esperto para se demorar num local. "Alguma ideia de por que ele caiu fora?"

"Diga-me você: isso foi na mesma noite em que o presidente Manning estava lá para fazer um discurso."

Um Fiat vermelho buzinou, tentando afastar O'Shea do caminho. Acenando para desculpar-se, O'Shea continuou em direção ao meio-fio. "Você acha que Manning sabia que ele estava vindo?"

"Nem quero pensar a respeito. Você sabe quantas vidas ele está arriscando?"

"Eu lhe disse quando tentamos contratá-lo da primeira vez — este camarada é um veneno. Nunca deveríamos tê-lo estimulado naqueles anos passados." Observando o grande movimento do tráfego de Paris, O'Shea deixou o silêncio se instalar. Do outro lado da rua, ele observou a mulher magra com os óculos bifocais de aro vermelho distribuir outros pacotes de batatas fritas com *aïoli* para várias pessoas. "Há mais alguém com ele?", perguntou por fim O'Shea.

"O assistente do presidente o viu — você sabe... aquele rapaz com o rosto..."

"Temos alguma ideia do que ele estava procurando?" "Essa é a questão, não é mesmo?"

O'Shea parou para pensar a respeito. "E a questão da Índia na próxima semana?"

"A Índia pode esperar."

"Então você quer que eu pegue um avião agora?"

"Diga adeus a Paris, meu caro. Está na hora de voltar para casa."

6

Hospital Psiquiátrico St. Elizabeths Washington, D. C.

“Termine depressa, Nico — sem perder tempo”, disse o assistente hospitalar com adocicado hálito de cebola. O sujeito não empurrou Nico para dentro ou ficou ao seu lado enquanto ele desabotoava as calças. Aquilo tinha sido feito apenas nos primeiros meses depois que Nico tentara assassinar o presidente — quando temiam que ele se matasse. Agora Nico tinha ganhado o direito de ir ao banheiro sozinho. Assim como ganhara o direito de usar o telefone e de que o hospital não censurasse mais sua correspondência. Ele tinha conquistado cada uma dessas vitórias, mas, como Os Três Ihe haviam dito, cada vitória implicava certo custo.

Para conseguir o telefone, os doutores Ihe perguntaram se ele ainda tinha raiva do presidente Manning. Para liberar a correspondência, perguntaram-lhe se ele ainda tinha fixação por cruces — o crucifixo ao redor do pescoço de sua enfermeira, aquele que a dama gorda usava no comercial sobre uma firma de advocacia na TV, e, mais importante ainda, aquelas cruces ocultas que ele sabia existirem ali: as formadas pelas vidraças e pelos postes telefônicos... no cruzamento das calçadas, e nas ripas em forma de T dos bancos dos parques, e em lâminas perpendiculares que cortam a grama, e — quando eles paravam e o deixavam sair porque as imagens se tornavam muito deprimentes — em cordões de sapatos que se cruzam e nos fios de telefone e nos fios elétricos e nas meias descartadas... na junção do chão lustroso ladrilhado e nas portas fechadas da geladeira... nas sombras horizontais e nos

cordões verticais, nos corrimãos e suas grades... e, é claro, nos espaços brancos entre as colunas dos jornais, nos espaços pretos entre as teclas do telefone, e até em cubos, sobretudo quando está desdobrado em sua versão bidimensional o que então lhe permitia incluir dados, bagagem, pequenas caixas de ovos, e, é claro, O Cubo de Rubik[4] que estava pousado na extremidade da mesa do dr. Wilensky, bem ao lado do porta-lápis perfeitamente quadrado da marca Lucite. Nico conhecia a verdade — símbolos eram sempre sinais.

Nada mais de cruzes desenhadas, nada mais de cruzes esculpidas, nada mais de cruzes rabiscadas na borracha de seu tênis, quando ele pensava que ninguém estava olhando, disseram seus médicos. Se ele quisesse ter total liberdade na sua correspondência, eles precisavam perceber o seu progresso.

Isso levou seis anos. Mas hoje ele conseguira o que queria.

Do modo que Os Três prometeram. Essa era uma das poucas verdades além de Deus. Os Três mantinham suas promessas... mesmo antes, quando o acolheram pela primeira vez. Na época não o deixaram com nada. Nem mesmo suas medalhas, que foram perdidas — *roubadas!* — no asilo. Os Três não podiam consegui-las de volta, mas eles lhe trouxeram algumas outras. Mostraram-lhe a porta.

Mostraram-lhe o que ninguém mais via. Onde Deus se encontrava. E onde o diabo estava escondido. E esperando.

Quase por duzentos anos ele tinha estado ali, escondido no único lugar no qual os Homens M, os Maçons, esperavam que as pessoas nunca iriam olhar — bem diante de seus próprios rostos. Mas Os Três olharam. Eles procuraram. E eles encontraram a porta do diabo. Do jeito que o Livro havia dito. Foi então que Nico representou a sua parte.

Como um filho servindo a sua mãe. Como um soldado servindo ao país. Como um anjo servindo à vontade de Deus.

Em retribuição, Nico só tinha de esperar. Os Três lhe disseram isso no dia em que ele puxou o gatilho. A redenção estava chegando. Basta esperar. Fazia oito anos. Nada comparado com a salvação eterna.

Sozinho no banheiro, Nico fechou a tampa da privada e ajoelhou-se para dizer uma prece. Seus lábios moviam-se sem som. A cabeça movia-se para cima e para baixo ligeiramente... dezesseis vezes... sempre dezesseis. E depois ele fechava o olho esquerdo na palavra *Amém*. Com um puxão forte com as pontas dos dedos ele arrancava um cílio do olho esquerdo. Depois arrancava um outro. Ainda de joelhos, ele pegava os dois cílios e os colocava na fria porcelana branca da privada fechada. A superfície tinha de ser branca — caso contrário ele não os veria.

Esfregando a unha do seu indicador direito contra a argamassa do chão, ele a desgastava de maneira violenta enchendo a unha, até a ponta. Quando se inclinava, aproximando-se como uma criança que examina uma formiga, ele usava a extremidade pontuda da unha para colocar os dois cílios no lugar. O que os médicos tiravam, ele sempre podia colocar de novo. Como Os Três disseram, tudo estava dentro dele. E depois, como Nico fazia todas as manhãs, ele lenta e gentilmente dava um puxão de um milímetro e tirava a prova. Ali estava. Um cílio se cruzava perfeitamente com o outro. Uma cruz minúscula.

Um leve sorriso apareceu nos lábios de Nico. E ele começou a rezar.

[4] Enigma inventado por Erno Rubik. Tem nove faces quadradas com coloridos diversos em cada lado. Quando o enigma é resolvido, cada lado do cubo fica com a mesma cor. (N. T.)

7

Palm Beach, Flórida

"Está vendo aquela múmia ruiva no Mercedes?", pergunta Rogo, apontando, fora da janela, para um lustroso carro novo próximo ao nosso. Dou uma olhada, justo a tempo de ver a ruiva de cinquenta e poucos anos com o rosto que parece esticado por uma cirurgia plástica e um chapéu cor de palha igualmente aprumado (e de muito bom gosto) que deve ter custado quase tanto quanto o meu Toyota de pouca qualidade e com dez anos de uso. "Ela prefere morrer a telefonar", acrescenta ele.

Eu não respondo. Isso não o faz parar. "Mas e quanto ao sujeito dirigindo aquele carro que representa a crise da meia-idade?", continua ele, apontando para um homem careca no Porsche cor de cereja que arranca ao nosso lado.

"Ele me telefonará logo depois que receber uma multa."

Este é o jogo favorito de Rogo: andar de carro ao acaso e descobrir um cliente em potencial. Como um advogado de multas de trânsito por excesso de velocidade menos conhecido, mas mais agressivo, Rogo é o homem a ser chamado por qualquer violação de tráfego. Como meu colega de quarto e amigo mais próximo desde a oitava série, quando ele e sua mãe se mudaram do Alabama para Miami, ele é a única pessoa que conheço que gosta do seu trabalho ainda mais do que o presidente do dele.

"Oooh, e aquela garota ali?" pergunta ele, enquanto muda de pista no tráfego e se aproxima da jovem de dezesseis anos com braçadeiras, dirigindo um jipe Cherokee novo em folha.

"Passe-me o pão, porque aquela é a minha *manteiga*!" Rogo insiste em um sotaque com um toque sulino. "Carro novo e

braçadeiras? Ora, ora... aqui vem o emprego rendoso que exige *pouco trabalhou* Ele bate em minhas costas como quando estamos assistindo a um rodeio.

"Oba!", sussurro, enquanto o carro sobe a leve inclinação da Royai Park Bridge e cruza a Intracoastal Waterway. De ambos os lados, o sol da manhã ricocheteia nas ondas brilhantes. A ponte liga as comunidades da classe trabalhadora de West Palm Beach com a enseada milionária conhecida como Palm Beach. E quando os pneus do carro cantam e cruzamos para o outro lado, o populoso, e repleto de *fast-food*, Okeechobee Boulevard dá lugar ao perfeitamente bem tratado Royai Palm Way, cheio de palmeiras alinhadas. É como deixar um bar de beira de estrada e entrar em Oz.

"Você se sente rico? Porque eu me sinto *dólar de prata!*", diz Rogo, deixando-se penetrar pelos arredores.

"De novo, oba!"

"Não seja sarcástico", previne Rogo. "Se você não for bonzinho, não vou deixá-lo me conduzir ao trabalho na semana que vem, enquanto meu carro estiver no conserto."

"Você disse que ele só iria ficar na oficina por um dia."

"Ah, a negociação continua!" Antes que eu possa argumentar, ele lança um novo olhar para a moça da braçadeira que agora está perto de nós. "Espere, eu acho que ela era uma cliente!" grita ele, abaixando o vidro de sua janela. "Wendy!" berra ele, inclinando-se e tocando a buzina do meu carro.

"Não faça isto", digo a ele, tentando puxar a sua mão.

Quando tínhamos catorze anos, Rogo era mais baixo. Agora, aos vinte e nove, ele acrescentou uma careca e gordura ao seu repertório. E força. Não consigo movê-lo.

"Moça das braçadeiras!", grita ele, buzinando de novo. "Ei, Wendy, é você?"

Ela finalmente se volta e abaixa o vidro de sua janela, esforçando-se para manter os olhos no caminho.

"Seu nome é Wendy?" berra ele. "Não", grita ela. "Maggie!"

Rogo parece quase magoado por seu engano. Isso nunca dura muito. Ele agora dá um sorriso como o de um cachorro de

açougueiro. "Bem, se algum dia você receber uma multa de trânsito, entre em abaixoasmultas.com!"

Levantando o vidro, ele esfrega o cotovelo, depois ajeita a calça, orgulhoso de si mesmo. Este é o Rogo amadurecido de hoje — quando ele termina, eu nem consigo lembrar sobre o que era a discussão. Foi dessa maneira que ele forçou sua entrada na profissão legal. Depois de tirar, por duas vezes, notas más na LSAT, [5] Rogo voou a Israel para tentar pela terceira vez. Não que ele tivesse qualquer ligação com os judeus, mas ouvira dizer que em Israel eles tinham uma abordagem mais relaxada em relação ao conceito de *exame com tempo determinado*. "E o que são mais vinte minutos num exame? Quem vai morrer por causa disso?", perguntava ele de boca cheia, imitando o funcionário com sotaque israelense incumbido de tomar conta do teste. E, com os vinte minutos a mais, Rogo finalmente obteve o número de pontos de que precisava para entrar na faculdade de direito.

Assim, quando ele encontrou um trabalho para retirar as multas de trânsito por excesso de velocidade e pela primeira vez tinha algum dinheiro no bolso, a última coisa de que necessitava era de um colega de quarto com dificuldades para pagar o aluguel. Antes disso, minha única perspectiva de trabalho era permanecer com o presidente, que mudou para P.B. depois da Casa Branca. P.B. era como os habitantes locais chamavam Palm Beach, quando diziam "Ficaremos em RB. durante o inverno todo". Eu estava morando com meus pais em Boca Raton; porque, em função do baixo salário, eu não podia me permitir morar próximo à vizinhança grã-fina do presidente. Com um colega de quarto, no entanto, eu podia ao menos morar mais perto. Isto foi logo depois do tiroteio. As cicatrizes em meu rosto ainda estavam vermelhas. A amizade desde a oitava série existia há muito tempo. Rogo nem mesmo hesitou.

"Eu ainda não entendo por que você deve começar tão cedo", diz Rogo em meio a um bocejo. "Ainda não são nem sete. Você acabou de voltar da Malásia na noite passada."

"O presidente..."

"... um madrugador... o maior sujeito do mundo... pode curar um doente enquanto cozinha um cardápio de seis pratos.

Jesus e Emeril[6] juntos numa só pessoa. Eu sei como funciona a veneração, Wes." Rogo aponta pela janela um carro de polícia escondido duas quadras acima. "Cuidado, cilada para excesso de velocidade." Caio fora dela e ele acrescenta: "Só estou dizendo que ele deveria deixá-lo dormir até mais tarde".

"Não preciso dormir até mais tarde. Estou bem. E, FYI,[7] não se trata de veneração."

"Em primeiro lugar, trata-se de *veneração*. Em segundo lugar, não diga FYI. Minha mãe diz FYI. A sua também."

"Isto não significa que é uma veneração", continuo.

"Verdade? Então é saudável que, quase oito anos depois de deixar a Casa Branca, você continue correndo de um lado para o outro como um superativo médico residente? O que aconteceu com o seu diploma, ou aquele trabalho de coordenador de eventos, ou mesmo a ameaça de você se tornar um chefe anos atrás? Você ainda sente prazer em trabalhar, ou continua ali só porque é seguro e eles o protegem?"

"Nós proporcionamos mais benefícios à comunidade do que você imagina."

"Sim, se você fosse o chefe da equipe. Você, por outro lado, gasta metade do dia querendo saber se ele quer gelo ou alface romana em sua salada!"

Eu agarro o volante e olho direto para a frente. Ele não compreende.

"Não faça isso!", ameaça Rogo. "Não desperdice a sua autoconfiança por causa do Manning. Eu acabo de atacá-lo — você deve atacar-me de volta!"

Há um horror em sua voz que ele quase sempre guarda apenas para os policiais de trânsito. Ele está ficando irritado, o que é dizer muito para Rogo. Na escola secundária, ele era o garoto que atirava suas cartas quando perdia no jogo de banco imobiliário... e jogava fora sua raquete de tênis quando não acertava. Desde então, esse temperamento o meteu em muitas brigas, e o que tornava tudo

pior é que ele não tem tamanho suficiente para enfrentá-las. Rogo diz ter 1,71 metro de altura. Ele mede 1,68 no máximo.

"Você sabe que eu tenho razão, Wes. Algo em nosso interior fica mal quando a gente dedica toda a nossa vida a uma única pessoa. Você percebe?"

Ele pode ser o amigo mais inteligente que eu tenho, mas desta vez, ele está entendendo tudo errado. Meu silêncio não significa uma aquiescência. É por causa da minha imagem mental de Boyle, ainda olhando para mim com aqueles olhos castanhos e azuis. Talvez se eu contar a Rogo...

O celular vibra em meu bolso. De manhã, tão cedo, só podem ser más notícias. Eu o abro e verifico quem está ligando.

Estou errado. É a cavalaria chegando.

"Fala Wes", digo como resposta.

"Tem tempo para conversar?" pergunta Dreidel do outro lado.

Dou uma olhada em Rogo, que está de novo caçando clientes potenciais. "Eu ligo daqui a pouco."

"Não se preocupe. Que tal nos encontrarmos para tomar o café da manhã?"

"Você está na cidade?", pergunto, confuso.

"Apenas para um rápido encontro de negócios. Eu tentei lhe dizer quando você ligou da Malásia. Mas você estava muito ocupado entrando em pânico", declarou ele com a sua calma habitual.

"Então tomamos o café juntos?"

"Dê-me uma hora. Tenho algo para terminar no trabalho."

"Perfeito. Estou no Four Seasons. Telefone-me do saguão.

Quarto 415."

Desligo o telefone e pela primeira vez sinto prazer em olhar para as palmeiras que passam. O dia está melhorando.

[5] Law School Admission Test. Teste de Admissão para a Faculdade de Direito. (N. T.)

[6] Apresentador de um programa de culinária na TV. (N. T.)

[7] For your information (para sua informação). (N. T.)

8

Miami, Flórida

O'Shea trazia consigo dois passaportes. Ambos legais.

Ambos com o mesmo nome e endereço. Um era azul, como o de qualquer outro cidadão americano. O outro era vermelho... e muito mais poderoso. Apenas para diplomatas.

Apalpando as letras esculpidas nos passaportes, no bolso do peito, ele podia dizer que o vermelho estava na frente. Com um movimento rápido do punho podia facilmente puxá-lo para fora. E, assim que os agentes do aeroporto o vissem, ele não ficaria mais na fila da alfândega que dava voltas pelos corredores dos fundos do Aeroporto Internacional de Miami. Depois de nove horas e meia de voo, vindo de Paris, ele iria direto para a saída. Com um movimento de seu punho, desapareceria do aeroporto.

Certamente ele também deixaria uma trilha de registro de dados, aqueles que seguiam o rastro dos passaportes vermelhos por toda parte. E, como o treino no FBI lhe ensinara, todas as trilhas, no fim, eram seguidas. Ainda assim, na maioria dos casos, a trilha seria controlável. Mas nessa — entre Boyle e Os Três... e tudo que fizeram — nada valia o risco. Não com tanta coisa em jogo.

"O seguinte!", chamou um funcionário latino da alfândega, acenando para O'Shea da pequena cabine à prova de balas.

O'Shea ajustou o boné de beisebol U.S. Open que usava para se misturar com as pessoas. Seu cabelo loiro cor de areia ainda aparecia, enrolando-se nas bordas. "Como estão as coisas?", perguntou, sabendo que a conversa fiada impediria o funcionário de fazer um contato visual.

"Bem", respondeu o funcionário, com a cabeça abaixada.

Tirando o passaporte azul, O'Shea entregou-o ao funcionário.

Sem motivo algum, o funcionário olhou-o. O'Shea tinha um sorriso esperando por ele, apenas para manter as coisas tranquilas. Como de praxe, o funcionário imediatamente sorriu de volta.

"Voltando do trabalho?" perguntou ele.

"Para sorte minha, não. Férias."

Com um aceno para si mesmo, o funcionário examinou o passaporte de O'Shea. Até o inclinou levemente para estudar os novos hologramas que haviam sido acrescentados recentemente para evitar falsificações.

O'Shea reajustou o boné U.S. Open. Se ele tivesse puxado o passaporte vermelho não estaria esperando ali.

"Tenha um bom dia", disse o funcionário, carimbando o passaporte de O'Shea e estendendo-o para ele. "E bem-vindo de volta."

"Obrigado", replicou O'Shea, colocando o passaporte no bolso do peito. Perto da sua insígnia do FBI e da carteira de identidade.

Depois de um minuto, O'Shea pegou sua bagagem na esteira giratória e dirigiu-se para a porta onde se lia *Nada a Declarar. Saída*. Quando seus pés tocaram no tapete sensor, as duas grandes portas de vidro fosco se abriram, revelando uma multidão de parentes e amigos pressionados contra as barreiras de metal, esperando pelas pessoas queridas apesar do horário matinal. Duas meninhas pularam, depois perderam o interesse quando viram que O'Shea não era seu pai. Ele nem percebeu. Estava muito ocupado digitando um número de telefone em seu celular. Ele tocou três vezes antes que seu parceiro atendesse.

"Bem-vindo, bem-vindo", disse Micah, atendendo por fim o telefone. Pelo leve ruído de fundo, parecia que ele estava num carro.

"Diga-me que você está em Palm Beach", replicou O'Shea.

"Cheguei na noite passada. É bonito por aqui. Luxuoso. Sabe que eles têm pequenas fontes de água nos passeios apenas para cachorrinhos mimados?"

"E Wes?"

"Três carros à minha frente", disse Micah, enquanto o ruído continuava. "Ele e seu colega de quarto acabaram de cruzar a ponte faz um minuto."

"Suponho que ele ainda não percebeu sua presença." "Você disse para esperar."

"Exatamente", replicou O'Shea, parando do lado de fora do aeroporto e notando o seu nome em um cartaz escrito à mão. O motorista particular acenou um olá e tentou pegar a pequena mala preta de O'Shea. O'Shea fez um sinal para que ele se afastasse e dirigiu-se para o carro, sem tirar o telefone do ouvido.

"Ele está deixando o amigo bem agora", acrescentou Micah.

"Parece que Wes está se dirigindo ao trabalho."

"Fique com ele", replicou O'Shea. "Estarei aí logo que for possível."

9

Washington, D.C.

O telefone soou alto no pequeno escritório, mas ele não o atendeu. O mesmo no segundo toque. Sabia quem era — nesta linha, só poderia ser uma pessoa —, mas ele ainda assim não se moveu. Não até que teve certeza. Apoiando os dois cotovelos na escrivaninha, Roland Egen estudava a tela de seu telefone digital, esperando que quem estivesse chamando fosse identificado. Letras eletrônicas pretas entraram subitamente na tela: *Escritório de Leland Manning*.

"Você está adiantado", disse O Romano, enquanto pressionava o receptor contra sua orelha. Ele tinha a pele de um rosa pálido, brilhantes olhos azuis e bastos cabelos negros. *Irlandês Negro*, era como seus amigos o chamavam.

Mas nunca na sua frente.

"Você disse para certificar-me que não houvesse ninguém aqui."

O Romano assentiu para si mesmo. Finalmente alguém que seguia as indicações. "Então, o presidente ainda não chegou?"

"Está a caminho. Ele dorme até tarde depois de viagens noturnas."

"E a primeira-dama?"

"Estou lhe dizendo, só estou eu aqui. Agora, podemos nos apressar? As pessoas irão chegar a qualquer momento."

Sentado em sua escrivaninha e inclinando-se para a janela, O Romano observava como a neve ligeira caía do céu matinal. Devia estar fazendo 28°C na Flórida, mas em D. C. o inverno estava anunciando o seu primeiro sinal. Ele não se importou. Quando era pequeno, sua avó lhe ensinara a gostar da calma que chegava com

o inverno. Assim como seu avô lhe ensinara a apreciar a calma que vem com as águas do Potomac. Como qualquer pescador sabia, o inverno expulsava os que andavam de *jet ski* e os barcos de passeio.

E essa era sempre a melhor época para colocar o anzol na água. Especialmente quando você tem a isca certa.

"E Wes?" perguntou O Romano. "Você recebeu tudo que enviei?"

"Sim... está bem aqui..."

Ele podia ouvir a hesitação na voz de seu parceiro. Ninguém gosta de ser o mau sujeito — sobretudo em política. "E você descobriu algo onde colocá-lo?", perguntou O Romano.

"Nós temos um... É por isso que eu cheguei cedo. Nós temos este alfinete de lapela..."

"Você pode fazer com que ele o use..."

"E-Eu acho que sim."

"Não era uma pergunta. Faça com que ele o use", disparou O Romano.

"Você tem certeza de que Wes virá?", perguntou o interlocutor. "Os agentes disseram que ele ficou doente como um cão durante todo o voo de volta. Vomitando e ofegando sem parar."

Lá fora, uma nesga de luz azul apareceu em meio ao céu cinzento e monótono. "Não estou surpreso", disse O Romano, enquanto a neve continuava a cair. "Se eu fosse ele agora, também estaria nervoso. Agora, sobre aquele alfinete..."

"Não se preocupe", disse o interlocutor. "Wes não olhará duas vezes para ele... principalmente quando é oferecido por um rosto amigável."

10

Palm Beach, Flórida

"Espere!", grito, correndo para o canto do saguão e dirigindo-me para as portas do elevador que estão se fechando. Dentro do elevador, uma mulher loura olha para o outro lado fingindo não ter escutado. É por isso que odeio Palm Beach. Quando as portas estão prestes a se fechar com um beijo apertado, eu pulo à frente e me espremo entre elas.

Agora, pasmem, a loura se volta para o painel de seleção e finge procurar por *Abrir a Porta*. Eu deveria xingá-la e mandá-la sair.

"Obrigado", digo, fazendo o possível para recuperar o fôlego.

"Que andar?"

"Quarto."

"Oh, você está com o..."

"Sim", digo, finalmente olhando para ela.

Ela fita meu rosto, depois rapidamente desvia o olhar para o indicador de andar. Se ela pudesse correr e gritar "Monstro!" com certeza o faria. Mas, como a melhor anfitriã de Palm Beach, ela poderia deixar passar tudo se isso significasse uma boa escalada social. "Deve ser bárbaro trabalhar para ele", acrescenta minha nova melhor amiga, embora se recuse a olhar-me nos olhos. Já estou acostumado com isso agora. Não tive um encontro nos últimos dois anos.

Mas toda moça bonita quer falar com o presidente.

"Mais bárbaro do que imagina", digo, quando as portas se abrem no quarto andar. Dirigindo-me para a esquerda em direção a um conjunto de portas duplas fechadas, eu corro tão rápido quanto posso. Não por causa da loura, mas porque já estou...

"Atrasado!", repreende uma voz áspera atrás de mim. Giro em direção às portas duplas abertas do conjunto do Serviço Secreto, onde um homem com o pescoço tão grosso quanto minha coxa senta-se atrás de uma divisória de vidro semelhante à janela de um caixa de banco.

"Muito atrasado?", desafio, voltando-me para as portas fechadas do lado oposto do corredor acarpetado de bege.

Junto com as do Serviço Secreto, essas são as únicas portas de todo o andar — e, diferentemente das da firma de advocacia da companhia de hipotecas do andar de baixo, essas portas não são de carvalho majestoso. Elas são pretas e revestidas de aço. À prova de bala. Assim como nossas janelas.

"Bastante atrasado", diz ele, enquanto apanho o distintivo de identificação em meu bolso. Mas, quando estou prestes a passá-lo pelo leitor de cartão, ouço um som abafado e as portas se destravam.

"Obrigado, A.J.!" digo, abrindo a porta.

Lá dentro, procuro pelo agente do Serviço Secreto que usualmente está de guarda junto à parede do lado esquerdo.

Ele não está ali, o que significa que o presidente ainda não chegou. Bom. Examinoo a escrivaninha da recepção. A recepcionista também não está. Mau.

Droga. Isto significa que eles já...

Passando rápido pelo enorme brasão presidencial que está tecido dentro do brilhante carpete azul, eu viro para a esquerda, onde se alinham, no corredor, quadros de má qualidade e pobres esculturas do presidente. Elas têm chegado todos os dias desde que deixamos o cargo público — todas de estranhos, fãs, patrocinadores. Eles o desenham, pintam, esboçam a lápis, fazem croquis, estátuas de bronze e criam esculturas em todas as combinações possíveis. As mais novas são um conjunto de palitos de dentes da Flórida com seu perfil esculpido em cada um e uma escultura de cerâmica de um sol amarelo brilhante com seu rosto no centro. E isso nem mesmo inclui o que as corporações enviam: querem que o ex-presidente tenha cada CD, cada livro, cada DVD que aparece, embora o que fazamos seja só enviar tudo para a

Biblioteca Presidencial. Esbarrando em uma bengala de madeira em que estão coladas as fotos dos filhos de Manning, eu passo pelo corredor e dirijo-me do segundo até o último escritório que é...

"É amável de sua parte juntar-se a nós", anuncia uma voz rouca de mulher, enquanto todos na sala se viram quando eu entro. Conto rapidamente quantos estão ali, só para ver se sou o último — dois, três, quatro, cinco...

"Você é o último", confirma Claudia Pacheco, nossa chefe de equipe, enquanto se recosta em sua cadeira atrás de uma escrivaninha de mogno completamente desarrumada.

Claudia tem cabelos castanhos, já ficando grisalhos, presos atrás em um coque apertado, quase em estilo militar, e lábios de fumante que revelam a origem de sua voz rouca.

"O presidente está com você?", acrescenta ela.

Eu sacudo a cabeça, abandonando a minha própria desculpa por estar atrasado.

Pelo canto do olho, percebo Bev e Oren sorrindo maliciosamente entre si. Aborrecidas e irritantes. Ambas olham para o pequeno alfinete de lapela, de ouro, que está num canto da mesa de Claudia. Esculpido com a fachada da Casa Branca, o alfinete de ouro não era maior do que uma peça de hotel do jogo Banco Imobiliário, mas o que o tornava memorável eram as duas cabeças de ouro mediocrementemente esculpidas do presidente e da primeira-dama, espremidas e ligadas por um aro, que se balançavam como talismãs debaixo da fachada. O presidente trouxera o alfinete para Claudia anos atrás à guisa de brincadeira, uma lembrança comprada de um vendedor de rua na China. Hoje faz parte do que sobrou da tradição da Casa Branca: quem quer que chegue atrasado na segunda-feira de manhã, para o encontro da equipe, usa o alfinete durante o resto da semana. Se você faltar ao encontro, é obrigado a usá-lo por um mês. Mas, para minha surpresa, Claudia não o pega.

"O que aconteceu com a invasão dos bastidores?", pergunta ela, com o jeito de falar apressado de Massachusetts.

"Invasão?"

"Na Malásia... o sujeito no aposento privado do presidente... a mesa de vidro quebrada. Estou falando espanhol aqui?"

No secundário, Claudia era a garota que organizava todos os eventos extracurriculares, mas nunca se divertia com eles.

Aconteceu o mesmo quando ela dirigiu as Operações do Salão Oval, tranquilamente um dos empregos mais gratificantes na Casa Branca. Ela não se interessa pelos créditos ou pela glória. Ela está aqui porque é dedicada. E quer se assegurar de que também somos.

"Não... claro que não", gaguejo. "Mas não foi... Aquilo não foi uma invasão."

"Não foi o que o repórter disse."

"Eles lhe enviaram um repórter?"

"Eles nos enviam tudo", diz Bev da poltrona de dois assentos, perpendicular à escrivaninha de Claudia. Ela devia saber. Como chefe da correspondência, ela responde à correspondência pessoal do presidente e até sabe quais piadas colocar no final dos cartões de aniversário de seus amigos. Para um homem com cerca de dez mil "amigos", isso é mais espinhoso do que parece, e a única razão pela qual Bev ressalta o fato é porque ela está com o presidente desde que ele concorreu ao Congresso pela primeira vez, quase vinte e cinco anos atrás.

"E eles chamaram o ocorrido de *invasão*?", pergunto.

Claudia levanta o relatório, enquanto Bev puxa o alfinete de lapela do canto da escrivaninha. "Invasão", diz Claudia, ressaltando as palavras.

Meus olhos ficam fixos no alfinete, enquanto Bev brinca com ele, passando o polegar pelos rostos do presidente e da primeira-dama.

"Havia algo de valor para ser roubado no aposento privado?", pergunta Bev, escovando o cabelo preto tingido que lhe cai pelos ombros e revelando um suéter com decote em V que mostra os implantes de seio de uma década atrás, que ela adquiriu, junto com o apelido *Busty Bev*, no ano em que ganhamos a Casa Branca. No secundário, Bev foi a garota mais votada no concurso *Rosto Fabuloso*, e mesmo agora, com sessenta e dois anos, fica claro que as aparências ainda são importantes.

"Ninguém roubou nada... Confie em mim, não foi uma invasão", digo, girando os olhos para tirar a ênfase. "O sujeito estava bêbado. Ele pensava estar no banheiro."

"E o vidro quebrado", pergunta Claudia.

"Tivemos sorte de ele ter apenas se quebrado. Imagine se ele pensasse que era um urinol", interrompe Oren, já rindo de sua própria piada e rabiscando seu relatório desorganizado, preparado na moita às oito da manhã. Com 1,85 metro, Oren é o mais alto de todos, bonitão, o gay mais valentão que já encontrei em minha vida, e o único da minha idade no escritório. De seu assento diante da escrivaninha de Claudia, fica claro que ele é o mais importante aqui. Sem surpresas. Se Bev era o Rosto Fabuloso, Oren era o garoto mais esperto, aquele que mandava os babacas comprar cerveja. Um instigador nato, bem como nosso diretor de viagens, ele também adquiriu o tato político mais suave de todos os que trabalham no escritório, e é assim que, com uma simples piada, rapidamente todos deixam de lado a mesa quebrada.

Eu aceno com um obrigado e...

"O que aconteceu com a mesa?", pergunta Bev, ainda brincando com o alfinete de lapela.

"Foi culpa minha", digo, de maneira muito defensiva. "Leia o relatório... Eu tropecei nela quando o sujeito estava correndo para fora."

"Wes, relaxe", diz Claudia, no seu tom monótono de chefe de equipe. "Ninguém o está acusando..."

"Só estou dizendo... se eu achasse que era sério, eu mesmo ainda estaria caçando o sujeito. Até o Serviço Secreto achou que ele era alguém que estava perdido." À minha esquerda, Oren brinca com sua própria lapela, esperando que eu não perceba. Virando-se para Bev, ele tenta chamar a atenção dela. Ele só usou o alfinete uma vez — em um dia em que eu lhe disse: "Espere em seu escritório, o presidente deseja vê-lo". O presidente nem estava no prédio. Fora um truque fácil. Apenas uma vingança infantil. Ele se vira de novo para Bev. Para sorte minha, ela não percebe.

"Ouçam, sinto ter de fazer isto, mas já terminamos?", pergunto, olhando para o relógio e percebendo que já estou atrasado. "O

presidente quer que eu..."

"Vá, vá, vá", diz Claudia, fechando sua agenda. "Apenas faça-me um favor, Wes. Quando, hoje à noite, você estiver no evento sobre fibrose cística — eu sei que você é sempre cuidadoso —, mas, com a invasão..."

"Não foi uma invasão."

"... apenas fique de olhos um pouco mais abertos, está bem?"

"Sempre faço isso", digo, correndo para a porta e por pouco conseguindo escapar do...

"E o alfinete de lapela?", interrompe uma voz rouca, de seu lugar habitual no canto de trás.

"Eeeeeeeee, você está danado", diz Oren.

"Farol vermelho, farol vermelho!", grita Claudia. É a mesma coisa que ela berra para seus filhos. Eu paro na hora.

"Obrigada, B. B", acrescenta ela.

"Sim, estou cumprindo meu dever", diz B. B., as palavras rolavam da lateral de sua boca em um lento rastejar, característico do Sul. Com um topete de cabelo branco emaranhado e uma camisa abotoada e amarrotada, marcada com as iniciais desbotadas do presidente nos punhos das mangas, B.B. Shaye tem estado ao lado do presidente por um período maior do que a primeira-dama. Alguns dizem que ele é um primo afastado de Manning... outros, que ele é o seu velho sargento senil do Vietnã. De todo modo, ele tem sido a sombra do presidente por quase quarenta anos — e, como qualquer sombra, ele muda lentamente caso se olhe para ele por muito tempo. "Sinto muito, garoto", diz ele, com um sorriso de dentes amarelos, enquanto Bev me estende o alfinete de ouro com a Casa Branca e as cabeças dependuradas.

Para maior autenticidade, o autor usou duas lascas verdes e brilhantes como cor dos olhos da primeira-dama. Como é mais difícil encontrar o cinza brilhante, os olhos do presidente ficaram vazios.

"Diga para as pessoas que eles são seus netos", diz Oren, enquanto eu abro o fecho para colocá-lo na minha lapela.

Pressionando muito forte, sinto uma picada aguda na ponta do dedo quando o alfinete fura minha pele. Uma gota de sangue surge. Já passei por coisas piores.

"A propósito, Wes", acrescenta Claudia, "um dos curadores da biblioteca disse que quer conversar com você sobre uma exibição que está planejando, seja gentil quando ele telefonar..."

"Estou com o celular, se você precisar!", digo alto, com um aceno. Correndo para a porta, dou uma lambida na gota de sangue em meu dedo.

"Cuidado", grita B. B. atrás de mim. "São os pequenos cortes que vão matá-lo."

Ele tem razão. No corredor, passo correndo por uma enorme pintura a óleo do presidente Manning vestido como um apresentador de circo. Dreidel disse que tinha informações sobre Boyle. Já é tempo de saber do que se trata.

11

“Bem-vindo de volta, senhor Holloway”, diz o manobrista do Four Seasons, sabendo meu nome por causa de incontáveis visitas com o presidente. Diferentemente de muitos, ele permanece preso aos meus olhos. Eu faço um aceno de agradecimento apenas por causa disso.

Quando entro no hotel, um sopro de ar condicionado me envolve em seus braços. Por força do hábito, olho por sobre o ombro procurando o presidente. Ele não está aqui. Estou sozinho.

Passando pelo chão de mármore bege do saguão, sinto o coração acelerado dentro do peito. Não é apenas por causa de Boyle. Por bem ou por mal, Dreidel sempre me provoca esse efeito.

Como "faz-tudo" inicial de Manning, Gavin "Dreidel" Jeffer não é apenas meu antecessor — ele é também aquele que chamou a atenção do presidente sobre mim e me recomendou para o trabalho. Quando nos conhecemos, dez anos atrás, eu tinha dezenove anos e era voluntário no escritório de campanha na Flórida, respondendo ao telefone e colocando, do lado de fora das portas, antes da eleição, emblemas do partido ou do candidato. Dreidel tinha vinte e um anos e era o braço direito e esquerdo de Manning. Eu, na verdade, disse a Dreidel que era uma honra conhecê-lo. E eu pensava assim. Na época, todos já tínhamos ouvido a sua história.

Durante o primeiro período, Dreidel só tinha alguns garotos locais, sem filiação, para colocar cadeiras dobráveis para o primeiro debate. Como qualquer outro artista em excursão, quando a apresentação terminava, ele tentava ficar perto da ação andando às escondidas pelos bastidores. Quase sempre podia ser encontrado no coração do auditório, onde os melhores mentirosos da América

ficavam contando histórias sobre por que o seu candidato acabara de ganhar.

Com uma suja camiseta de algodão grosso, ele era o único garoto silencioso em uma sala cheia de adultos queixosos. O repórter da CBS o notou instantaneamente, empurrando um microfone em seu rosto. "O que você acha, filho?", perguntou-lhe o repórter.

Dreidel olhou confusamente para a luz vermelha da câmera, com a boca escancarada. E, sem nem pensar a respeito, ele deu, com o auxílio de Deus, a resposta mais honesta e que mudaria sua vida para sempre: "Quando tudo terminou, Manning foi o único que não perguntou à sua equipe: *Como me saí?*"

Esta questão tornou-se o mantra de Manning durante o ano e meio seguinte. Todas as agências de notícias utilizaram o videoclipe. Todos os maiores jornais estenderam-se sobre a citação. Eles até distribuíram *buttons* dizendo *Como me saí?*

Três palavras. Quando Dreidel contou de novo a história por ocasião de seu casamento, alguns anos atrás, ele disse que nem percebeu o que estava acontecendo até o repórter perguntar como se soletrava o seu nome. Não importava.

Três palavras, e Dreidel — o pequeno judeu, contador de histórias, como a imprensa da Casa Branca o apelidou — havia nascido. Depois de uma semana, Manning lhe ofereceu um emprego como "faz-tudo", e, ao longo da campanha, centenas de jovens voluntários se mostraram aborrecidos.

Não é que estivessem com ciúmes, é que... Talvez fosse seu sorriso presunçoso, ou a facilidade com que conseguira o emprego, mas, no pátio da escola, Dreidel era o garoto que costumava ter a melhor festa de aniversário, ganhava os melhores presentes, que recebia os melhores favores de qualquer um com sorte bastante para ser convidado.

Durante alguns anos, isso lhe deu *acesso* a grupos, mas, como a petulância perdurava, Dreidel nem mesmo percebia quando estava fora.

Ainda assim ele sempre foi o talismã de boa sorte de Manning. E hoje, esperançosamente, o meu.

"Bom dia, senhor Holloway", diz o recepcionista, quando passo por ele e me dirijo aos elevadores. É a segunda pessoa que sabe o meu nome, lembrando-me instantaneamente que preciso ser discreto. Certamente foi por isso que telefonei em primeiro lugar para Dreidel. O presidente nunca admitiria, mas eu sei que ele e a primeira-dama compareceram ao casamento de Dreidel e escreveram-lhe uma recomendação para a faculdade de Direito de Columbia — e pediram-me para comprar um presente quando a filha de Dreidel nasceu: recompensa por anos de bom serviço. E, nos termos da Casa Branca, *bom serviço* significa permanecer com a boca fechada.

Quando as portas do elevador se abrem no quarto andar, sigo as flechas de direção e começo a contar os números dos quartos: 405... 407... 409... Pela distância entre as portas, posso dizer que todos eles são suítes. Dreidel está subindo na vida.

O corredor termina no quarto 415, uma suíte tão grande que ela tem uma campainha na porta. Não há meio de eu lhe dar o prazer de tocar. "Serviço de quarto", anuncio, batendo rapidamente à porta. Ninguém responde. "Dreidel, você está aí?", acrescento. Ainda sem resposta.

"Sou eu, Wes!", grito, tocando finalmente a campainha.

"Dreidel, você...?"

Há um som alto inesperado e a fechadura se abre. Depois um tinir de metal. Ele havia passado a corrente também.

"Espere aí", grita ele. "Estou indo."

"O que você está fazendo? Roubando os cabides?" A porta se abre, mas apenas alguns centímetros. Atrás dela, Dreidel põe a cabeça para fora como uma dona de casa ansiosa surpreendida por um vendedor. Seu cabelo, em geral bem penteado, está levemente revoltado, com umas mechas infantis caindo sobre a testa. Ele coloca os óculos redondos com aro de metal em seu fino nariz esculpido. Pelo que posso ver ele não está usando lisa.

"Olhe, não é para ofender, mas não quero fazer sexo com você", digo, rindo.

"Eu lhe disse para telefonar do saguão", responde ele, gritando. "Por que você está se aborrecendo tanto? Eu imaginei que gostaria

de me mostrar seu belo quarto e..."

"Estou falando sério, Wes. Por que veio até aqui?" Há um novo tom em sua voz. Não apenas aborrecimento. Medo.

"Alguém o seguiu?", acrescenta ele, abrindo um pouco mais a porta para examinar o corredor. Ele ia uma toalha ao redor do peito. "Dreidel, tudo está...?"

"Eu disse para chamar *lá de baixo!*", insiste ele.

Dou um passo atrás, completamente confuso.

"Querido", chama uma voz de mulher de dentro do quarto, "está ...". A mulher para no meio da frase. Dreidel se volta, e eu consigo vê-la por cima do ombro dele, virando no canto do quarto. Ela está vestida com um felpudo roupão branco do hotel — uma mulher afro-americana magra com deslumbrantes tranças. Eu não tinha ideia de quem era, mas uma coisa tinha certeza, ela não era a esposa de Dreidel. Ou sua filha de dois anos de idade.

O rosto de Dreidel se abate quando ele percebe minha reação. Este é o momento em que ele diz que não é o que parece.

"Wes, não é o que você está pensando."

Eu fito a mulher no roupão. E Dreidel em sua toalha. "Talvez eu deva... Vou descer", gaguejo.

"Eu o encontro lá em dois minutos."

Dando um passo atrás, eu examino a mulher, que ainda está paralisada no lugar. Seus olhos estão arregalados, desculpando-se silenciosamente.

12

"Onde ele está agora?" perguntou O'Shea, pressionando a palma da mão contra a janela do sedã preto e sentindo o calor do sol da Flórida. Na França estava gelado. Mas, por alguma razão, mesmo com o calor de Palm Beach e o céu azul, ele não se sentia aquecido.

"Ele só tomou o elevador para subir no hotel", replicou Micah. "Elevador? Você o deixou subir sozinho?"

"É melhor do que eu subir com ele. Relaxe — há apenas quatro andares. Ele não está indo muito longe."

O'Shea passou a língua pelo interior das bochechas. "Então, o que você ainda está fazendo no saguão?"

"Esperando por um dos..."

Pelo telefone, O'Shea ouviu um leve silvo seguido por um ruído baixo. O elevador de Micah tinha finalmente chegado.

"Eu vou descobri-lo em..."

A voz de Micah silenciou. Mas, pelo ruído de fundo, O'Shea sabia que ele continuava na linha.

"Micah, o que aconteceu?" perguntou.

Sem resposta.

"Micah, você está bem?"

Houve um outro ruído baixo. O elevador fechando as portas.

Em seguida um assobio áspero. Como o barulho de dois blusões de couro esfregados um contra o outro. Micah estava se movimentando. O assobio continuava. Naquele ritmo, ele nitidamente não estava dentro do elevador, pensou O'Shea. Mas, se não estava no elevador, isso significava...

"Wes acaba de sair, não é?" perguntou O'Shea, quando seu sedã deu uma virada à esquerda entrando em uma rua bem cuidada.

"Nada mal, Watson", sussurrou Micah. "Você deveria fazer isso profissionalmente."

"Há alguém com ele?"

"Não. Está sozinho", disse Micah. "Algo aconteceu lá em cima. O rapaz está com o rabo entre as pernas. Como se tivesse sido posto de lado."

"Ele está deixando o hotel?"

"Não, de novo. Dirigiu-se para o restaurante no fundo. Estou lhe dizendo, ele está com uma aparência realmente terrível... Quero dizer, ainda pior do que aquelas marcas de Frankenstein em sua cara."

"Isto é uma pena", disse O'Connor, enquanto seu carro fazia a curva na entrada para carros, em forma de ferradura, do portão principal. "Porque o seu dia está prestes a tornar-se muito pior." À sua direita, a porta do carro abriu-se e um manobrista de cabelos loiros levou a mão ao chapéu.

"Bem-vindo ao Four Seasons, senhor. O senhor vai se registrar conosco hoje?"

"Não", respondeu O'Shea, enquanto saía do carro. "Apenas vou comer algo rapidamente no café."

13

Inclinado para a frente em uma enorme poltrona de vime, eu mexo o café com uma colher de prata e distraidamente observo meu reflexo girando.

"Está tudo tão ruim?", uma voz caçoa atrás de mim.

Eu me volto bem a tempo de ver Dreidel entrar no restaurante ao ar Livre. Seu cabelo preto está repartido e fixado com gel. As mechas infantis desapareceram. Vestido com uma camisa branca com monograma e seus antigos óculos de aro de metal, fica claro que ele é mestre em enviar uma mensagem sem dizer uma palavra. Agora ele está vendendo confiança. O ruim é que não estou comprando.

Ignorando as ondas espumantes do oceano Atlântico à nossa esquerda, ele põe a mão em meu ombro e dá a volta até a enorme poltrona de vime próxima a mim. Enquanto se movimenta, sua mão desliza do meu ombro para detrás de meu pescoço, sempre com uma pressão tranquilizante.

"Não use seus truques comigo", aviso.

"O que você...?"

"Seus *truques*", repito, afastando-me de modo que sua mão não alcance mais meu pescoço.

"Você pensa que eu...? Você pensa que dei uma de Manning em cima de você?"

Dreidel esteve com ele por quase quatro anos. Eu já estou no nono. Nem me dou ao trabalho de argumentar. Apenas fito o meu café de preço exorbitante, ainda mexendo a colher e deixando o silêncio se instalar. É por isso que as multidões se voltam para ele.

"Wes, o que você viu lá em cima..."

"Ouça, antes de falar, podemos nos poupar o embaraço e ir em frente? Minha ação inoportuna... minha falha... isto claramente não é assunto meu."

Ele me estuda com cuidado, separando cada sílaba e tentando descobrir o que eu quero dizer. Quando se é a pessoa que segue de perto um presidente, aprende-se a ler fluentemente entre as linhas. Eu sou bom. Dreidel é melhor.

"Apenas diga logo de uma vez, Wes."

Eu olho através do terraço aberto e observo as ondas *kamikase* na praia.

"Eu sei o que você está pensando", acrescenta ele.

Como eu disse, Dreidel é melhor. "Eilen sabe?" pergunto por fim, referindo-me à sua esposa.

"Ela deveria. Não é tola." Sua voz chia como tábuas de assoalho velho. "E quando Ali nasceu... o casamento é difícil, Wes."

"Então aquela moça lá em cima..."

"Apenas alguém que encontrei no bar. Eu fiz brilhar a chave de meu quarto. Ela acha que sou rico porque posso ficar neste hotel." Ele força um sorriso e joga a chave do quarto sobre a mesa. "Eu não sabia que vocês tinham tantos viciados em dinheiro em Palm Beach."

Desta vez, eu é que fico em silêncio. Um garçom se aproxima e enche a xícara de Dreidel com café.

"Vocês falaram sobre divórcio?", pergunto.

"Não posso."

"Por que não?"

"O que você acha?" desafia ele.

Olho para a pasta dobrada que está entre nós sobre a mesa.

A etiqueta escrita à mão exhibe: *Levantamento de Fundos*.

"Eu pensei que você havia dito que estava aqui a negócios."

"E isto não é negócio?", pergunta ele.

Alguns meses antes, Dreidel telefonou ao presidente para dizer-lhe que estava concorrendo para senador no 19º Distrito em seu estado natal, Illinois. E, nas eleições, "um pai bem casado" recebe muito mais votos do que "um pai recém-divorciado".

"Vê, e você achava que era o único a ter problemas", acrescenta Dreidel. "Agora, supondo que quem você viu fosse Boyle, quer ouvir como ele fraudou sua morte, ou não?"

14

Sento-me ereto na poltrona. "Você realmente encontrou algo?"

"Não, chamei-o aqui para matar o seu tempo." Depois de um grande gole de café, Dreidel se torna um homem diferente.

Como todos na Casa Branca, ele sempre se sente melhor quando está no controle. "Vamos voltar ao início... o início real... No dia em que vocês dois levaram tiros na pista de corridas, lembra de como demorou para ser levado ao hospital?"

Uma pergunta simples, mas não lhe respondo.

"Adivinhe", diz ele.

Eu ranjo os dentes, surpreso ao constatar como a memória disso me fere. Posso ainda ver as portas da ambulância fechando-se atrás de Boyle...

"Wes, eu sei que você não quer reviver isso, eu só preciso..."

"Eu desmaiei", falo sem pensar. "Do que me contaram, a ambulância levou uns quatro minutos..."

"Foram três minutos."

"Bem rápido."

"Na verdade, muito lento, considerando que o Centro Médico de Halifax dista apenas cerca de mil e duzentos metros da pista. Agora adivinhe quanto tempo levou para transportar Boyle, que era — sem querer ofender — muito mais importante do que você para a administração, para não mencionar que estava muito mais ferido?"

Sacudo a cabeça, recusando-me a continuar com o jogo.

"Doze minutos", deixa escapar Dreidel.

Ficamos em silêncio enquanto eu absorvo isso.

"E então?" pergunto.

"Ora, Wes. Doze minutos para uma ambulância rápida transportar um membro importante da equipe da Casa Branca,

gravemente ferido, percorrendo apenas uma distância de mil e duzentos metros? Uma pessoa comum faz mais rapidamente esse percurso *caminhando*. Minha avó caminha mais depressa. E ela está morta."

"Talvez eles tivessem ficado presos nos tumultos causados pelo pânico."

"Gozado, foi isso exatamente o que *eles* disseram." "Eles?"

Da pasta apoiada contra o braço de sua poltrona, Dreidel tira um documento encadernado quase da metade da grossura de uma lista telefônica. Ele o deixa cair sobre a mesa com um ímpeto que faz nossas colheres balançar.

Reconheço imediatamente o logo do Congresso. *Investigação da tentativa de assassinato do presidente Leland F. Manning*.

A investigação oficial do Congresso sobre o ataque de Nico.

Dreidel o deixa sobre a mesa, esperando para ver se eu o pego. Ele me conhece melhor do que penso.

"Você nunca o leu, não é?", pergunta.

Olho para o documento, ainda me recusando a tocá-lo. "Eu o folheei uma vez... Apenas... É como ler seu próprio obituário."

"Ou antes o obituário de Boyle. Você sobreviveu, lembra?"

Esfrego a mão contra o rosto. As pontas de meus dedos sobem e descem pelas cicatrizes. "Aonde você quer chegar?"

"Pense nos números, Wes. Dois trens deixam a estação quase exatamente ao mesmo tempo. Os dois correm para o hospital. É uma questão de vida ou morte. Um leva três minutos, o outro leva doze. Você não acha que há algum problema aí? E, se isso não bastasse, lembra-se do grande erro de segurança que foi abafado e por causa do qual o Congresso afastou rapidamente os nossos médicos?"

"Você quer dizer o fato de ter na ambulância o tipo errado de sangue para o presidente?"

"Veja, isso foi o que eles sempre entenderam de maneira errada. Quando o Congresso fez sua investigação, o pessoal arrancou os cabelos porque encontraram recipientes com sangue O-negativo, ao passo que o do presidente é B-positivo. Naturalmente supuseram que alguém cometeu um engano e trouxe o sangue

errado. Mas, sabendo quem também participava do discurso naquela tarde — bem, adivinhe que outra pessoa era O-negativo?"

"Boyle?"

"E foi assim que ele conseguiu realizar seu grande truque de mágica." "Não foi um truque de mágica", insisto.

"Não, você tem razão. Mas foi uma *ilusão*" Movendo a mão esquerda para a frente e para trás diante de mim, ele acrescenta: "Você fica tão ocupado olhando o movimento desta mão, que ignora completamente a direção da mão furtiva". Com a sua mão direita, ele deixa cair um quarto de dólar sobre a mesa.

"Uma maneira de ser melodramático", sugiro.

Ele sacode a cabeça como se eu não estivesse entendendo.

"Você faz ideia de com o que tropeçou? Este assunto estava mais arranjado do que um jogo de basquete do Harlem Globetrotters. Você, eu, o Congresso, todo mundo... fomos..."

Ele inclina-se, aproximando-se e abaixando a voz. "Nós fomos *enganados*, Wes. Eles mentiram. Quero dizer, se foi realmente Boyle..."

"Era ele! Eu o vi!"

"Não estou dizendo que não viu. Apenas..." Ele olha ao redor, abaixando ainda mais a voz. "Esta não é uma das belas informações que eles reservam para o final da transmissão de rádio."

Ele está certo acerca disso. "Eu não compreendo, no entanto, por que a ambulância do presidente estava andando com o sangue de Boyle?"

"Eu sei. Esta é a questão, não é mesmo?" pergunta Dreidel.

"Mas quando você isola o fato, apenas uma explicação faz sentido. Eles só carregam sangue..."

"... quando pensam que a vida de alguém está em perigo." Eu apanho o quarto de dólar e bato na mesa. "Oh, Deus. Se eles estavam esperando que isso... você acha que Boyle vestia um colete?"

"Tinha de estar usando", diz Dreidel. "Ele levou dois tiros no peito..."

"Mas todo aquele sangue..."

"...e um tiro atravessou as costas de sua mão e foi parar no pescoço. Leia o relatório, Wes. Nico era um franco atirador treinado pelo exército, que se especializou em atirar no coração. Boyle caiu com o rosto para baixo no momento que levou o tiro. Aquele tiro no pescoço... Aposto que foi dali o sangue que você viu formando poça debaixo dele."

Fecho os olhos e ouço-me oferecendo um lugar na limusine para Boyle. Há um corte de metal em minha bochecha. Os abelhões ainda gritam... "Mas se ele estava usando um colete..."

Olho para o oceano. As ondas estão ensurdecedoras. "...E-Eles sabiam. Eles deviam saber..."

"Wes, você quer parar..." Dreidel se interrompe e abaixa a voz. Não precisamos de ninguém ouvindo. "Eles não sabiam", sussurra ele. "Eles podiam ter sabido de uma franca ameaça à vida de Boyle. Ele podia estar usando o colete um mês antes. De fato, de acordo com o relatório, o presidente *não* estava usando colete naquele dia. Já tinha ouvido isto?" Ele esperou até eu concordar, apenas para ter certeza de que eu estava prestando atenção. "Se eles soubessem que havia um atirador, Manning não teria ido para a corrida, e muito menos iria sem o colete."

"A menos que ele estivesse usando um e o que eles contam seja só uma parte da história", sugiro.

"Ouça, eu sei que você está envolvido nisto..."

"Envolvido nisto? Eu arruinei minha vida! Você não entende?", explodo afinal. "Aquele não foi apenas uma tarde terrível. As crianças pequenas apontam para mim e se escondem atrás de suas mães! Não consigo mais sorrir! Você faz ideia de como é isto?"

O restaurante fica em silêncio. Todos estão olhando para nós. A família bem-vestida com duas gêmeas. O homem com cabelo cor de areia e o boné U.S. Open. Até nosso garçom, que se aproxima rapidamente, esperando acalmar os ânimos.

"Está tudo em ordem, senhor?"

"Sim... perdão... estamos bem", digo, enquanto ele torna a encher desnecessariamente nossas xícaras de café.

Quando o garçom se afasta, Dreidel me examina com atenção, dando-me um tempo. Foi como ele me ensinou a lidar com o

presidente quando este perdia a calma. Abaixei a cabeça e deixei o fogo se consumir.

"Estou bem", digo.

"Eu sabia que você ficaria", diz ele. "Apenas lembre, estou aqui para ajudar."

Respiro profundamente e enterro meus sentimentos.

"Então, supondo que havia uma ameaça pairando sobre a vida de Boyle naquela ocasião, por que não levá-lo simplesmente para o hospital?"

"É este o espinho que não consigo engolir. Eles pegaram Nico... Boyle estava ferido, mas obviamente vivo... Por que fingir que estava morto e se afastar de sua vida e de toda sua família? Quem sabe estivessem conversando sobre isso durante aqueles doze minutos na ambulância. Foi, talvez, quando Boyle decidiu se esconder."

Sacudo a cabeça. "Em doze minutos? Não se pode simplesmente descartar a vida toda em doze minutos — sobretudo quando se está sangrando pelo pescoço. Eles devem ter feito planos antes disso."

"Eles?" perguntou Dreidel.

"Ora, isso não é o mesmo que se esconder de seu irmão em uma fortaleza feita de travesseiros. Para realizar uma coisa difícil como essa, é necessário o Serviço, mais o motorista da ambulância, mais o médico que cuida do seu pescoço." Faço uma pausa, por um momento, para aclarar as ideias. "Mais alguém que autorize tudo."

Dreidel abaixa o queixo, olhando para mim por cima de seus óculos redondos. Ele sabe aonde quero chegar. "Você realmente acha que ele...? Você acha que ele fez isso?"

Essa é a pergunta que venho debatendo comigo mesmo desde o instante em que vi o nome falso de Boyle no hotel.

Ele não usaria aquele nome falso para se esconder. Usaria para que alguém pudesse encontrá-lo. "Eu apenas... não vejo como o presidente poderia *não* saber. Pensando de novo naquela época, Manning não podia urinar numa moita antes que alguém a examinasse primeiro. Se Boyle estava vestindo um colete — que obviamente deveria estar vestindo —, devia haver uma ameaça digna de crédito. E se havia uma ameaça digna de crédito... havia

sangue especial na ambulância... e condições no local para assegurar a salvação de Boyle... Manning deve ter aprovado isto."

"A menos que Albright tenha aprovado por ele", calcula Dreidel, referindo-se ao nosso antigo chefe de Estado-Maior e a única outra pessoa que estava conosco na limusine naquele dia na pista de corrida.

É uma consideração razoável, mas ela não nos aproxima de uma resposta. Albright morreu de câncer três anos atrás.

"Agora você está responsabilizando um cadáver por tudo?"

"Isso não torna as coisas menos razoáveis", desafia Dreidel.

"Albright costumava aprovar os detalhes de segurança o tempo todo."

"Não sei", digo, sacudindo a cabeça. "Manning e Boyle se conheciam desde o tempo de colégio. Se Boyle estava planejando desaparecer, esta é uma danada de uma travessura para envolver um amigo, ainda mais tratando-se do presidente dos Estados Unidos."

"Você está brincando? Boyle se afastou de sua família, sua mulher... até de sua filha. Olhe para o quadro todo, Wes: Nico, o louco, dá um tiro visando acertar o presidente. No entanto, acaba atingindo Boyle no peito. Mas, em vez de ir ao hospital para ser tratado, Boyle escolhe aquele exato momento para falsificar sua própria morte e desaparecer da face da Terra. Para fazer algo assim, deve-se ter, obviamente, um motivo danado de bom."

"Tal pai, tal filho?", pergunto.

"Sim, pensei nisso. O problema é que o pai de Boyle era apenas um patife insignificante. Este é... um grande time.

Com um *enorme* patrimônio."

"Talvez Boyle tenha contratado Nico. Quem sabe o tiro tenha sido uma enorme nuvem de fumaça para proporcionar a Boyle uma maneira de cair fora."

"Estilo parecido com a sequência de *Missão: Impossível*", diz Dreidel. "Mais importante ainda, se o Serviço estava ajudando, eles não iriam colocar o presidente, sua equipe e duzentos mil espectadores em perigo, enquanto confiavam tudo a algum sujeito formidavelmente maluco. Você assistiu Nico nas entrevistas — ele

saiu direto de um filme maluco de Stephen King. Se Boyle quisesse mesmo fazer isso, ele fingiria um ataque cardíaco em casa e pronto."

"Então você acha que, quando Nico desfechou os tiros, Boyle e o Serviço usaram aquele caos instantâneo para sair às escondidas dali?", pergunto, fazendo força para falar num sussurro.

"Não sei o que pensar. Tudo que sei é que, para Boyle colocar um colete, ele deveria estar esperando algo, quer dizer, você não carrega um guarda-chuva a não ser que ache que vai chover, certo?"

Eu concordo, incapaz de argumentar. Entretanto, isto não nos aproxima do *porquê*. Por que Nico atirou em Boyle? Por que o automóvel de Manning se deslocava por ali com o sangue de Boyle? E por que Boyle se afastaria de sua vida, sua esposa e sua filha adolescente? Quer dizer, o que poderia, talvez, atrair — ou aterrorizar — tanto um homem a ponto de ele jogar fora toda a sua vida?

"Talvez você devesse apenas perguntar", deixa escapar Dreidel.

"Para quem, Manning? Oh, claro, eu vou apenas chegar e dizer: 'A propósito, senhor, acabo de ver seu amigo morto; sim, aquele cujo assassinato arruinou toda a sua presidência. Oh, e uma vez que ele está vivo, enquanto eu tenho estado escravizado, labutando cada santo dia para você, desde que saí do hospital, por que você vem mentindo para mim, há mais de oito anos, sobre o pior momento de minha vida?'. Sim, isto seria genial."

"E o Serviço?"

"Dá no mesmo. Boyle jamais poderia ter desaparecido durante todos esses anos sem a ajuda dele. A última coisa de que preciso é gritar do telhado que eu sou o único a ventilar o assunto abertamente. Até eu saber o que está acontecendo, é melhor deixar as coisas quietas."

Dreidel se recosta na cadeira de vime. "Quando você viu Boyle nos bastidores, naquele camarim, pensou que ele estivesse tentando matar Manning?"

"Matá-lo?"

"Por que mais ele viria após esconder-se durante oito anos?"

Só para dizer olá?"

"Eu suponho, mas... matá-lo? Isto não é...?"

"Kaiser Soze", [8] interrompe Dreidel. "*O maior truque que o demônio conseguiu realizar: convencer o mundo de que ele não existe!*" Ele olha para mim, e eu posso jurar que há quase um sorriso em seu rosto. "Cara, você pode imaginar? Estar legalmente morto, mas ainda vivo? Sabe quanta liberdade isso lhe dá?"

Fito a chave do quarto de Dreidel e tento não pensar no roupão branco e felpudo que se junta a essa visão.

"Talvez Boyle tenha desejado isso todos aqueles anos antes", acrescenta ele. "Apenas cair fora."

Sacudo a cabeça, mas ainda capto o ponto essencial. A única maneira de compreender o que está acontecendo é compreender Boyle. "Então, para onde isso nos leva?", pergunto.

"Nos? Esta não é a *minha* desgraça." Ele ri enquanto diz isto, mas definitivamente não está brincando. "Ora, Wes, você sabe que estou só trincando", acrescenta, sabendo que eu percebo o que quer dizer. Como qualquer político malandro, seu primeiro movimento é remover suas impressões digitais. Foi por isso que telefonei primeiro para ele. Ele passou quase quatro anos ao lado do presidente, mas não se pode descobri-lo no cenário de fundo de nenhuma foto.

Ninguém é melhor do que ele na arte de se tornar invisível, que é, justo agora, a coisa que mais preciso se planejo descobrir a verdade.

"Você se comunicou com a polícia?", acrescenta Dreidel, já duas jogadas adiante. "Se eles puderem dar uma espiada no passado de Boyle..."

"Consegui alguém perfeito para isso", digo. Mas ele está olhando por cima de meu ombro, para a entrada do restaurante. Seguindo seu olhar, eu viro e descubro a mulher negra com as tranças. Ela trocou o roupão por um outro uniforme de Palm Beach: calça branca com camiseta de estilista laranja-pálido. Perfeito para um dia na cidade.

"Ouça, tenho que correr", diz Dreidel, já se levantando. "Seja esperto a respeito disso tudo."

"Esperto?"

"Cuidadoso. Seja cuidadoso. Porque, se Manning *faz* parte disso tudo..." Ele dá mais uma olhada ao redor, depois se inclina aproximando-se. "Você achava que a América se viraria contra ele antes? Eles irão crucificá-lo, Wes.

Seriamente. Crucificar."

Concordo com um aceno de cabeça. Do outro lado do restaurante, sua namorada nos lança um olhar. "E, já que estamos no assunto, Wes. Estou feliz por manter seu segredo — apenas prometa que manterá o meu."

"É-É claro. Nunca digo uma palavra."

Ele se vira para ir embora, deixando-me com a conta. "A propósito, está interessado em contribuir com mais de quinhentas pratas e vir ao meu levantamento de fundos hoje à noite?"

Sacudo a cabeça sem poder acreditar. "Dreidel, quanto custará sua alma quando finalmente vendê-la?"

"Você vem ou não?"

"Eu iria, mas tenho um evento com Manning hoje."

Dreidel faz que sim e não se estende sobre o assunto. Ele sabe o que sempre vem em primeiro lugar.

Quando ele se dirige para a porta, decido não virar e olhar para a garota. Em vez disso, levanto a colher e a uso como meu pequeno espelho de casa de diversões. Por cima do ombro, percebo Dreidel no momento em que se aproxima dela. Ele não procura pegar na mão da mulher até achar que está fora de vista.

"Perdão", diz alguém por cima de meu ombro esquerdo. Eu me volto esperando ver o garçom. Em vez disso, deparo com um camarada loiro usando camiseta preta e boné de beisebol U.S. Open.

"Wes Holloway?" pergunta ele, abrindo sua carteira para me mostrar a insígnia do FBI. "Terrence O'Shea. Você tem alguns segundos para conversar?"

[8] Uma figura que todos temem, mas que ninguém tem certeza se existe ou não. Personagem do filme *Os suspeitos*, de Bryan Singer. (N. T.)

15

Hospital Psiquiátrico St. Elizabeths Washington, D.C.

"O sino do café da manhã está tocando, Nico. Você quer rabanada ou omelete"? Perguntou a funcionária negra e baixa do refeitório, com odor de azedume e uma imitação de diamante rosa colocada em seu dedo de unha pintada.

"O que há para o jantar?", perguntou Nico.

"Você está ouvindo? Nós estamos no café da manhã. Rabanada ou omelete?"

Calçando os sapatos e ajoelhando-se diante de sua cama estreita, Meo olhou para a porta e estudou o carrinho de rodas com as bandejas abertas e com ranhuras. Tempos atrás ele tinha adquirido o direito de comer com os outros pacientes do lugar. Mas, depois do que aconteceu com sua mãe, todos aqueles anos antes, ele preferia que entregassem suas refeições no quarto. "Rabanada", disse Nico. "Agora, o que há para o jantar?"

Em toda parte do St. Elizabeths, chamavam Nico de NGI. Ele não era o único. Havia trinta e sete no total, todos viviam no pavilhão John Howard, uma construção de cinco andares em tijolos vermelhos que era o lar de Nico e de mais outros trinta e seis pacientes NGI, não condenados por motivo de insanidade.

Em comparação com as demais alas, os andares dos NGI eram sempre mais tranquilos. Como Nico ouviu um médico dizer: "Quando há vozes em sua cabeça, não há necessidade de falar com outra pessoa".

Ainda apoiado sobre um joelho, Nico deu um puxão no velcro de seu tênis (os laços haviam sido retirados havia muito tempo) e

cuidadosamente observou enquanto a mulher do refeitório carregava uma pequena bandeja rosa com rabanada para dentro do pequeno quarto de três por quatro metros e meio, decorado com uma mesa de cabeceira de madeira e uma cômoda pintada que nunca tinha nada além de uma Bíblia e um rosário antigo feito com contas de vidro vermelho. Os médicos se ofereceram para arrumar um sofá para Nico, até uma mesa de café. Alguma coisa para que ele se sentisse mais em casa. Nico recusou, mas nunca disse por quê. Ele queria seu quarto assim. Dessa maneira ele parecia seu quarto. O quarto de sua mãe. No hospital *dela*.

Balançando a cabeça, ele ainda podia imaginar o deteriorado quarto de hospital onde sua mãe permaneceu em silêncio durante quase três anos. Ele só tinha dez anos quando a doença de Alzheimer a atingiu... quando um gen defeituoso em seu cérebro atijou a proteína CJD que, como resultado, a fez entrar rapidamente em coma. Quando o primeiro diagnóstico foi feito, ela nem se queixou — nem o jovem Nico perguntou por que Deus a estava levando embora. Ela sorriu, mesmo então, e com muito respeito lhe contou que era como estava escrito no Livro. O Livro do Destino. Sua cabeça balançava, mas sua voz era firme enquanto ela lhe dizia para nunca argumentar com ele. O Livro tinha de ser respeitado. Era preciso prestar atenção a ele. Deixar que ele o guiasse. Mas não era apenas respeito.

Ela tirava força dele. Segurança. Sem dúvida, sua mãe sabia.

Ela não tinha medo. Como alguém poderia temer a vontade de Deus? Mas Nico ainda se lembrava de seu pai parado atrás dele, apertando seus ombros e forçando-o a rezar todos os dias para que Jesus trouxesse de volta sua mãe.

Durante as primeiras semanas, eles rezavam na capela do hospital. Depois de seis meses, visitavam-na todos os dias exceto no domingo, convencidos de que suas preces dominicais seriam mais efetivas se fossem à igreja. Foi só três anos depois que Nico mudou suas preces. Ele o fez apenas uma única vez. Durante um dia gelado, com neve, no início do inverno, em Wisconsin. Ele não tinha desejado ir à missa naquele dia, não queria vestir suas belas calças e camisa de ir à igreja. Especialmente com aquelas lutas de

bola de neve acontecendo lá fora. Assim, naquele domingo, quando abaixou a cabeça na igreja, em vez de rezar para Jesus trazer sua mãe de volta, rezou para ele levá-la. O Livro tinha de estar errado. Naquele dia, sua mãe morreu.

Olhando para a bandeja de plástico com a rabanada e ainda ajoelhado ao lado de sua cama, Nico, pela terceira vez, perguntou: "O que há para o jantar?".

"É bolo de carne, está bem?", replicou a mulher do refeitório, olhando ao redor. "Está feliz agora?"

"É claro que estou feliz", disse Nico, alisando o velcro com a ponta da mão e sorrindo consigo mesmo. Bolo de carne.

Exatamente como a sua mãe supostamente tinha tido em *sua* última noite. Naquela em que morreu. Os Três haviam lhe dito isso. Assim como tinham falado sobre os Homens M... os Maçons...

O pai de Nico tinha sido um maçom — orgulhoso disto também. Até então, Nico podia sentir a fumaça adocicada de charuto que flutuava na porta quando seu pai voltava das reuniões na Loja.

Não era nada além de um clube social, Nico lhes contara.

Tudo que os maçons faziam era vender bilhetes de rifas para levantar fundos para hospitais. Como o Shriners.

Os Três eram perseverantes, mesmo então. Eles lhe trouxeram mapas — lhe contaram a história. Como os franco-maçons se desenvolveram no mundo inteiro escondendo-se sob a fachada de caridade. Como eles tinham aperfeiçoado suas fraudes, contando às pessoas que haviam tido origem nas corporações de mestres pedreiros na Idade Média — uma organização inofensiva em que os membros podiam se reunir e compartilhar segredos de negócios, de artesanato para artesanato. Mas Os Três sabiam a verdade: a arte dos maçons havia construído alguns dos lugares mais sagrados e mais famosos do mundo — desde o Templo do Rei Salomão até o Monumento de Washington —, mas os segredos que os maçons protegiam iam além de informações secretas sobre como construir arcadas e monumentos. Na noite anterior ao seu assassinato, Martin Luther King Jr. havia estado em um templo maçom em Memphis. "Eu posso não estar de novo aqui com vocês", dissera King naquela noite para seus seguidores. Como se ele soubesse que

uma bala iria alcançá-lo no dia seguinte. E o fato de ele ter estado em um templo maçônico... não foi coincidência. Destino. Sempre o destino. Nos seus níveis mais elevados, a antiga meta dos maçons nunca se alterou.

Mesmo a Igreja se pôs contra os maçons no seu início, explicaram Os Três.

Era um ponto importante, mas Nico não era tolo. Na Idade Média, a Igreja se opunha a muitas coisas.

Os Três ainda assim não vacilaram. Em vez disso o atingiram com a verdade mais dura de todas: o que realmente tinha acontecido com sua mãe na noite em que morreu.

16

"Mas não pode dizer a ninguém o que lhe contei", sussurrou a mulher pelo receptor.

Colocando uma mecha ruiva atrás da orelha, Lisbeth pegou o pequeno gravador em sua escrivaninha, verificou se ele estava ligado ao telefone, e apertou *Gravar*. "Você tem minha palavra", prometeu Lisbeth. "Nosso segredo."

Como repórter do *Palm Beach Post*, Lisbeth sabia muito bem que a lei da Flórida considerava ilegal gravar conversas particulares a menos que a pessoa que estivesse gravando pedisse antes permissão para a outra parte. Mas, como colunista de mexericos para a seção Por Baixo do Pano — a mais popular do *Post* —, Lisbeth também sabia que, a partir do momento em que pedisse permissão, sua fonte congelaria e silenciaria. Além disso, ela tinha de obter a citação correta. Também deveria ter provas para quando os advogados do jornal lhe apresentassem a costumeira acusação de calúnia. Era por essa mesma razão que ela tinha uma minigeladeira com vinho e cerveja no canto de seu minúsculo cubículo bege, e uma vasilha com amendoins no canto de sua escrivaninha. Quer fossem seus companheiros repórteres, que vinham para conversar, quer um estranho no telefone, ela sempre seguia a regra sagrada que havia aprendido quando foi encarregada da coluna seis anos antes: Sempre os mantenha falando.

"Então, sobre sua história, senhora...?"

"Só a estou passando adiante", insistiu a mulher. "De graça."

Fazendo uma anotação para si mesma, Lisbeth escreveu a palavra *Professional?* em sua agenda em espiral. Muitas pessoas se deixam cair na armadilha da fama.

"Repito, você não ouviu de mim...", continuou a mulher.

"Eu prometo, senhora..."

"... e também não vou cair no seu pequeno truque uma segunda vez", disse a mulher.

Lisbeth riscou a interrogação, deixando apenas *Profissional*.

Excitada pelo desafio, Lisbeth começou a girar o cordão de seu telefone como se fosse uma corda de pular. Quando a corda ganhou velocidade, as folhas de papel afixadas na parede do lado direito de seu cubículo começaram a esvoaçar. Quando Lisbeth tinha dezessete anos, a loja de roupas de seu pai fechou, levando a família à falência. Mas, quando o jornal local em Battle Creek, Michigan, relatou a história, o repórter sabichão que a escreveu intercalou as palavras *supostas fracas vendas*, insinuando uma certa insinceridade por parte de seu pai. Em resposta, Lisbeth escreveu um artigo dando sua opinião a respeito para seu jornal na escola. O jornal local pegou o artigo e o publicou com um pedido de desculpas. Depois o *Detroit News* reproduziu do jornal de Battle Creek. Em segui-la a esses fatos todos, ela recebeu setenta e duas respostas de leitores de todo o Michigan. Aquelas setenta e duas cartas eram as que enchiam cada centímetro das paredes de seu cubículo, um lembrete diário do poder da escrita — e um lembrete permanente de que as melhores histórias são aquelas que você nunca vê publicadas.

"Não obstante", disse a mulher, "eu só achei que você gostaria de saber que, embora não vá ser anunciado antes do final da tarde, Alexander John, o filho mais velho dos tradicionais John da Filadélfia, é claro, receberá uma Chave de Ouro na entrega dos prêmios da Academia Nacional de Artes."

Lisbeth estava escrevendo as palavras *Academia Nac...* quando levantou a caneta da página. "Que idade tem Alexander?"

"É claro — dezessete — fará dezessete em 9 de setembro."

"Então... esse é um prêmio de escola secundária?"

"É nacional — não apenas de âmbito estadual. Chave de Ouro."

Lisbeth coçou o pescoço sardento. Ela estava ligeiramente acima do peso, o que tentava compensar com o impacto dos óculos verde-limão que um balconista esbelto prometera serem capazes de reduzir-lhe não só uns quilinhos como alguns dos seus trinta e um

anos. Enquanto continuava a se coçar, uma mecha de cabelo ruivo saiu de trás da orelha e ficou balançando na frente do seu rosto. "Senhora, de alguma maneira está *relacionada* com o jovem Alexander?"

"O quê? Claro que não", insistiu a mulher.

"Tem certeza?"

"Você está sugerindo...? Jovem, este prêmio é uma honra que é..." "Ou é funcionária da família do jovem Alexander?" A mulher fez uma pausa. "Não em tempo integral, é claro, mas..." Lisbeth pressionou o botão de *Parar* no seu gravador e colocou a caneta de novo sobre a escrivaninha. Apenas em Palm Beach uma mãe empregaria um jornalista para abrir caminho à força para a obra de arte sem sentido de um estudante secundário. "É um prêmio nacional", murmurou Lisbeth para si mesma, arrancando a página de seu bloco de notas. Mas, quando ela o amarrotou, mesmo assim não desligou o telefone. Regra Sagrada Número 2: Uma fonte de baixa qualidade hoje pode ser muito boa amanhã. Regra Sagrada Número 3: Ver Regra Sagrada Número 2. "Se eu tiver espaço, seguramente vou tentar encaixar a notícia", disse Lisbeth. "No entanto, estamos com o espaço tomado."

Essa era uma mentira maior do que o efeito adelgaçador e remoçador de seus óculos verde-limão. Mas, quando Lisbeth desligou o telefone e jogou o papel amassado no lixo, não pôde deixar de perceber a grade de três colunas praticamente vazias em sua tela de computador.

Cinquenta centímetros. Cerca de oito mil palavras. Era o que precisava a cada dia para completar sua coluna Por Baixo do Pano. Além das fotos, é claro. Até agora, ela tinha doze centímetros sobre a filha de gente da alta sociedade local que iria se casar com um jogador profissional de bilhar (uma notícia B+, pensou Lisbeth consigo mesma) e dez centímetros sobre uma competição, de uma semana atrás, de palavrões entre um adolescente e o chefe do Departamento de Veículos Motorizados (no melhor dos casos, uma notícia C-). Olhando a bola de papel amassado em sua lata de lixo de plástico, Lisbeth relanceou os olhos de novo para sua tela quase vazia. Não, disse para si mesma.

Ainda é muito cedo para se desesperar. Ela ainda nem tinha obtido...

"Correio!", gritou uma voz, enquanto uma mão aparecia na parte de cima do cubículo balançando uma pilha de envelopes. Levantando o olhar, Lisbeth sabia que, se pegasse aquele monte de envelopes, ela apenas o colocaria de lado, então esperou que a mão... e seu dono... virasse o canto. "Bom dia, Vincent", disse ela, mesmo antes que ele aparecesse.

"Diga que você tem algo de bom hoje", disse Vincent, seu bigode salpicado de branco e preto contorcendo-se como uma lagarta em seu lábio. Ele lançou a pilha de correspondência sobre a escrivaninha abarrotada de Lisbeth. Somente quando a pilha se espalhou como uma sanfona aberta à sua frente é que Lisbeth percebeu o rasgão em cada envelope.

"Você abriu minha correspondência?" perguntou ela.

"Sou seu editor. Esta é minha tarefa."

"Sua tarefa é abrir minhas cartas?"

"Não, minha tarefa é assegurar-me de que sua coluna seja a melhor possível. E quando ela é, e quando cada pessoa nesta cidade está sussurrando com o vizinho sobre qualquer escândalo que você tão inteligentemente desenterra, nós recebemos cerca de vinte ou trinta cartas por dia, além dos habituais *press-releases* e convites. Sabe quantas você conseguiu nesta manhã? Seis. E isto incluindo os convites."

Inclinando-se sobre o ombro dela e lendo a coluna quase vazia de Lisbeth na tela de seu computador, Vincent acrescentou: "Você escreveu DMV errado".

Lisbeth olhou de soslaio para a tela.

"Fiz você olhar", disse Vincent, rindo com sua pequena risada ressentida. Com sua camisa polo vermelha e azul e seus suspensórios que eram imitações de outros dispendiosos e uma gravata de laço combinada, Vincent se vestia como um ricoço de Palm Beach com um salário de editor.

Aborrecida, Lisbeth puxou o suspensório esquerdo como se fosse a corda de um arco e deixou-o estalar contra o peito de Vincent.

"Oh... isso... isso realmente doeu", resmungou ele, esfregando o peito. Eu estava fazendo uma observação."

"Realmente? E era para quê? Para que eu encontrasse mais histórias sobre masturbação em banheiras aquecidas?"

"Ouça, senhorita, aquela foi uma história engraçada."

"*Engraçada?* Não quero histórias engraçadas. Eu as quero *boas!*"

"Como o quê? Como as da sua fonte altamente secreta que sussurrou em seu ouvido todas aquelas promessas e depois sumiu da face da Terra? Qual era o seu nome? Lily?"

"Íris." Quando Lisbeth pronunciou o nome, pôde sentir o sangue avermelhar as suas orelhas. Quatro meses antes, uma mulher que se identificou apenas como Íris telefonou para Lisbeth na linha principal do escritório. Através da instabilidade na voz de Íris, Lisbeth podia ouvir as lágrimas.

E pela hesitação... ela sabia que a outra sentia medo.

Durante vinte minutos, Íris lhe contou sua história; sobre como, anos antes, ela costumava fazer massagens Thai num balneário local... que foi ali que conheceu o homem mamado Byron... e a sensação de encontrar um dos homens mais poderosos de Palm Beach. Mas o que chamou a atenção de Lisbeth foi a descrição vívida de Íris de como, em várias ocasiões, ele a atacara fisicamente, chegando a quebrar sua clavícula e o maxilar. Para Lisbeth, aquela era uma história que tinha importância. E era por isso que todas aquelas cartas estavam em sua parede. Mas quando ela perguntou qual era o verdadeiro nome de Byron — e o de Íris, para aquela matéria —, a linha ficou silenciosa.

"Ela estava apenas sacudindo você, ha-ha", disse Vincent.

"Talvez ela estivesse com medo."

"Ou apenas quisesse um pouco de atenção."

"Ou talvez esteja casada agora, e portanto temerosa de que seu marido a abandone no momento que descobrir que sua amada esposa já foi uma garota de balneário. Pense, Vincent.

As fontes só silenciam quando têm algo a perder."

"Você quer dizer seu emprego? Ou sua carreira? Ou sua coluna de mexericos supostamente bastante lida?"

Lisbeth o perfurou com um olhar frio e penetrante. Vincent fez o mesmo com ela.

"Seis", disse ele, quando se voltou para ir embora. "Seis cartas naquela pilha."

"Não me importo se for apenas uma."

"Sim, você se importa. Você é uma grande escritora, mas uma pobre mentirosa, doceira."

Dessa vez, Lisbeth ficou em silêncio.

"A propósito", acrescentou Vincent, "se alguém telefonar a respeito de um prêmio de arte para a família John... não seja tão esnobe. Pense Página Seis. Bons nomes tradicionais são bons nomes tradicionais."

"Mas se a história é uma droga..."

"Odeio dizer isso a você, garota", gritou Vincent, já na metade do corredor, "mas não há prêmio Pulitzer para mexerico."

Sozinha, em seu cubículo, Lisbeth estudou as colunas vazias em sua tela, e depois olhou para a folha de papel amassado em sua lata de lixo. Inclinou-se debaixo da escrivaninha para retirá-la do lixo, quando o telefone tocou. Com o barulho, ela apressou-se em levantar, batendo a cabeça contra o canto da escrivaninha.

"Aaahh" gritou, esfregando a cabeça com raiva enquanto pegava o telefone. "Por Baixo do Pano. Fala Lisbeth."

"Olá, eu... hum... Eu trabalho no Four Seasons", começou uma voz masculina. "É a esse lugar que se telefona para...?"

"Apenas se a informação for boa", disse Lisbeth, ainda esfregando a cabeça, mas também ciente do que ele estava perguntando. Era o trato que ela fazia com todos os empregados dos hotéis locais. Cem pratas por qualquer informação que ela usasse na coluna.

"Bem... hum... Eu estava servindo a mesa de alguns antigos funcionários do presidente Manning", ele disse. "E eu não sei se eles estão entre as celebridades, mas, se você estiver interessada..."

"Sim, estou definitivamente interessada." Ela pressionou o botão *Salvar* e pegou uma caneta. Mesmo nos seus melhores dias, não havia um nome mais ousado do que *Manning*. "Esses são

exatamente os tipos de pessoas sobre os quais gostamos de escrever."

17

"Talvez fosse melhor irmos lá fora", sugere O'Shea, olhando para mim de cima no restaurante. Ele tem um nariz torto, o que mostra que não teme levar um soco. Tenta escondê-lo com óculos escuros, mas algumas coisas são difíceis de ocultar. Do momento que ele mostrou a insígnia do FBI, as pessoas voltaram-se para olhar.

"Sim... isto seria bom", replico, levantando tranquilamente de minha poltrona e seguindo-o para a aleia ao ar livre que conduz para a área da piscina exterior. Se planejo manter as coisas quietas, a última coisa que preciso é ser visto junto com um agente do FBI num local público.

Rodeada por palmeiras de todos os lados, a piscina é um cenário de privacidade — neste horário matinal, todas as espreguiçadeiras estão vazias —, mas, por alguma razão, O'Shea não diminui o passo. Apenas depois de passarmos por muitas plantas grandes colocadas em vasos é que me dou conta de para onde ele estava olhando: dois camaradas em uma pequena cabana de madeira dobrando toalhas e arrumando as coisas para o dia. O'Shea continua a caminhar.

Seja lá o que ele queira, ele o quer em particular.

"Olhe, você pode me dizer para onde nós...?"

"Como foi sua viagem para a Malásia?" Quando ele faz a pergunta, eu estou olhando para a parte de trás de sua cabeça. Ele nem se volta para ver minha reação.

"Hum... foi boa."

"E o presidente gostou?"

"Não sei por que não gostaria", digo, aborrecido.

"Algo digno de nota aconteceu?", pergunta O'Shea, dirigindo-se para um curto caminho coberto de água. Uma onda cai com

estrépito, ao longe, mas é apenas quando uma cascata de areia enche meus sapatos que eu percebo que estamos em uma praia particular atrás da piscina. Espreguiçadeiras vazias, cabines de salva-vidas vazias. A praia vazia estende-se por quilômetros.

Quando passamos por uma cabana pequena, que é usada para alugar equipamentos para praticar *snorkel*, um homem com cabelos castanhos bem penteados sai dela e me bate nas costas. Ele tem uma pequena incisão na extremidade superior de sua orelha esquerda, onde falta um pedaço.

"Diga olá para meu parceiro, Micah", diz O'Shea.

Viro-me para o hotel, mas por causa da parede de palmeiras eu só posso distinguir alguns terraços nos andares superiores do hotel. Não há viva alma à vista. Nesse mesmo instante percebo que Micah diminuiu o passo, de modo que se encontra ligeiramente atrás de mim.

"Talvez você queira se sentar", acrescenta O'Shea, apontando para uma das espreguiçadeiras.

"Levará apenas um segundo", diz Micah, atrás de mim.

Girando, eu começo a me dirigir para o caminho de volta.

"Na verdade, eu deveria..."

"Vimos o relatório que você enviou para o Serviço, Wes. Nós sabemos quem você viu na Malásia."

Eu paro de repente, quase tropeçando na areia. Enquanto recupero o equilíbrio, me volto e os encaro. O'Shea e Micah têm o oceano atrás de si. As ondas arrebatam, soando implacáveis. A sutileza não é o ponto forte deles.

"Do que vocês estão falando?", pergunto.

"Do relatório", diz O'Shea. "Um camarada com cinquenta e poucos anos com a altura de Boyle, o peso de Boyle, a cabeça raspada de Boyle, embora por alguma razão você tenha deixado de fora a cor de seus olhos — e o fato de que você achava que fosse ele."

"Ouça, eu não sei *o que* eu vi naquela noite..."

"Tudo bem, Wes", diz Micah com uma qualidade musical em sua voz. "Boyle *estava* na Malásia. Você não está louco."

Muitas pessoas ficariam aliviadas. Mas eu estive muito tempo em contato com policiais para conhecer seus truques e tramoias. O que estão usando chama-se entonação modulada. Inventada para afetar subconscientemente um estado de espírito de uma pessoa, ela se baseia no fato de que a pessoa tende a devolver o mesmo o tom que lhe é dirigido. Quando alguém grita, gritamos de volta. Se sussurra, sussurramos também. Em geral eles usam esse método para fortalecer uma testemunha que está deprimida, ou para fazer baixar o tom de uma pessoa arrogante. Micah acaba de cantar para mim, esperando que eu cante de volta. Há apenas um problema. Os agentes do FBI não cantam — e eu também não. Se eles estão usando jogos mentais, há algo que não estão dizendo.

"Boyle está realmente vivo?", pergunto, recusando-me a admitir qualquer coisa.

O'Shea me estuda com cuidado. Pela primeira vez está olhando para minhas cicatrizes. "Eu sei que esse assunto é pessoal para você..." "*Não se trata disso*", lanço de volta.

"Wes, não estamos aqui para atacar", diz Micah suavemente.

"E basta de truques de voz! Apenas digam que diabos está acontecendo!"

O vento sopra na praia, desalinhando os cabelos bem penteados de Micah.

O'Shea desloca seu peso, desconfortável na areia e bem ciente de que apertou o botão errado. Não são somente os ternos que chamam a atenção sobre eles. Os dois agentes trocam um olhar. O'Shea faz um leve aceno. "Boyle alguma vez mencionou um grupo chamado Os Três?" Pergunta Micah por fim.

Sacudo a cabeça, não.

"E O *Romano*?"

"Trata-se também de um grupo?"

"É uma pessoa", diz O'Shea, observando a minha reação.

"E eu deveria conhecê-lo?", pergunto.

Pela segunda vez os agentes trocam um olhar. O'Shea pisca os olhos sob o sol da manhã, quando este queima permeando as nuvens. "Você faz ideia de há quanto tempo estamos caçando Boyle?", pergunta O'Shea. "Você acha que tudo começou com a sua

'morte' milagrosa? Nós o caçávamos antes na Casa Branca, esperando apenas que ele cometesse algum erro. E depois, quando ele cometeu... puf... foi a maior jogada do mundo, escapa livre da prisão."

"Então, quando atiraram nele..."

"... nos sentimos roubados. Assim como o resto da América. Até encerramos o caso e arquivamos as pastas de papéis. Três anos depois ele cometeu seu primeiro erro e foi descoberto na Espanha por algum expatriado que tinha bastante informação política para reconhecê-lo. Para nossa sorte, ele nos telefona, mas, antes mesmo que pudéssemos verificar o assunto, o carro da testemunha explode na frente de sua casa. Trabalho profissional também — Semtex-H com um interruptor acionado por leve pressão. Sorte nossa de novo, ninguém fica ferido, mas a mensagem é enviada. A testemunha decide que nunca viu nada."

"E vocês acham que Boyle conhece Semtex-H, isto é... ele é um contabilista."

"O que significa que ele sabe como pagar pessoas e manipulá-las e manter seus dedos afastados de tudo, qualquer que seja a coisa que toca."

"Mas ele..."

"... ganha sua vida oprimindo pessoas. É isto o que ele faz, Wes. Era o que fazia na Casa Branca... e com nossos agentes... e especialmente com o Serviço."

Percebendo a confusão em meu rosto, ele acrescenta: "Ora, você deve ter imaginado isso. Os doze minutos na ambulância... o sangue do tipo dele... Por que você acha que Manning e o Serviço o ajudaram? Por benevolência em seus corações? Ele é um cupim, Wes — desenterrando o que é vulnerável, depois explorando sua fraqueza. Você entende o que estou dizendo? Ele floresce em cima de fraqueza. Todas as fraquezas".

A maneira pela qual me estuda... a maneira pela qual seus olhos azuis brilhantes se prendem aos meus... "Espere, você está dizendo que eu...?"

"Nós examinamos seu arquivo, Wes", acrescenta O'Shea, tirando uma pasta dobrada de papéis de dentro de sua jaqueta. "Sete

meses com o doutor Collins White, que é, como está dito aqui, *especialista em ocorrências críticas*. Soa muito técnico."

"Onde você conseguiu isso?" pergunto.

"E o diagnóstico: desordem de pânico e estado mórbido em decorrência de *stress* pós-traumático..."

"Isso foi seis anos atrás!", digo a eles.

"... provocando comportamento compulsivo que implica acender e apagar luzes, fechar e abrir portas..." "Isto nem mesmo..."

"... e uma obsessão completamente desenvolvida com a necessidade de prece repetitiva", continuou O'Shea, indiferente. "Isto é verdade? Que essa foi a sua maneira de lidar com os disparos? Dizendo as mesmas preces repetidas vezes?" Ele passa para a segunda página. "Você nem é religioso, não é mesmo? Esta é uma reação própria de Nico."

Para minha própria surpresa, meus olhos se erguem e minha garganta se contrai. Fazia muito tempo desde que alguém...

"Eu sei que é difícil para você, Wes", acrescenta O'Shea.

"Mais difícil ainda do que a maneira como se ligou a Boyle. Mas, se ele tem algo sobre você, podemos ajudá-lo a se safar."

Ajudar a me safar? "Vocês pensam que eu...?"

"O que quer que ele tenha lhe oferecido, você só vai se queimar."

"Ele não me ofereceu nada", insisto.

"E por que vocês estavam brigando?"

"Brigando? O que você...?"

"A mesa de café quebrada? O vidro espalhado onde você acertou a mesa? Nós vimos o relatório", interrompe Micah, sua voz musical há muito desaparecida.

"Eu não sabia que ele estava ali!"

"Realmente?", pergunta Micah, com a voz mais rápida. "No meio de um discurso, em um país estrangeiro, você sai do lado do presidente — onde supostamente deveria estar..."

"Eu juro..."

"... e desaparece nos bastidores indo parar no único aposento onde por acaso Boyle está se escondendo..."

"Eu não sabia!", grito.

"Nós tínhamos agentes que estavam ali!", explode Micah. "Eles descobriram o nome falso usado por Boyle no hotel! Quando eles entrevistaram os funcionários que estavam de serviço naquela noite, um deles pegou a *sua foto*, dizendo que você procurou por *ele*! Agora, você quer começar tudo de novo ou vai se afundar ainda mais? Apenas diga por que Manning enviou você em vez de alguém do Serviço para encontrá-lo."

É a segunda vez que eles confirmam que Manning e o Serviço estão envolvidos — e a primeira vez que entendo que eles não estão apenas atrás de mim. Grandes caçadores desejam uma grande caça. E por que agarrar um filhote quando você pode pegar o leão?

"Nós sabemos que Manning tem sido bom com você..."

"Vocês não sabem nada sobre ele."

"De fato, sabemos", diz O'Shea. "Assim como conhecemos Boyle. Acredite, Wes, quando eles estavam no poder, você não viu a metade do que eles..."

"Eu estive com eles todos os dias!"

"Você esteve com eles durante os últimos oito meses, quando tudo com o que eles se preocupavam era a reeleição. Você acha que isso é a realidade? Apenas porque você sabe do que eles gostavam de comer em seus sanduíches de peru não significa que saiba do que eles eram capazes."

Se eu fosse Rogo, eu me jogaria para frente e afundaria meu punho no maxilar dele. Em vez disso, enfio o pé na areia. Qualquer coisa para me ajudar a permanecer em pé.

Pelo que eles estão dizendo, Manning definitivamente tem alguma bela e obscura baixeza em suas mãos. Talvez eles estejam apenas pescando. Talvez seja verdade. De todo jeito, depois de tudo que Manning fez por mim... depois de me receber de volta e de estar todos esses anos ao meu lado... eu não vou morder aquela mão até eu mesmo saber dos fatos.

"Você já viu uma colisão de três carros?", pergunta Micah.

"Você sabe qual é o carro que sofre maior dano? O que está no meio." Ele faz uma pausa apenas para permitir que eu absorva tudo. "Manning, você, Boyle. Em que carro você acha que está?"

Eu enfio mais ainda meu pé na areia. "Isso... isso não..."

"A propósito, onde você adquiriu esse bonito relógio?", interrompe Micah, apontando para o meu relógio Franck Muller. "É uma bugiganga de dez mil dólares."

"O que você está...? Foi um presente do presidente do Senegal", explico. Em casa, tenho pelo menos mais meia dúzia, inclusive um Vacheron Constantin de platina dado pelo príncipe saudita coroado. Quando estávamos no cargo público, eles eram presentes convenientes para o pessoal da Casa Branca. Hoje, não há regras para dar presentes a um ex-presidente e sua equipe. Mas antes que eu pudesse dizer...

"Senhor Holloway", chama uma voz atrás de mim.

Eu me viro a tempo de ver meu garçom do café da manhã.

Ele está perto da área da piscina, segurando meu cartão de crédito na mão.

"Perdão... eu não queria que esquecesse isso", grita ele, agora vindo para a praia em nossa direção.

O'Shea se vira para o oceano de modo que o garçom não possa ouvir. "Concentre-se, Wes — você é, de fato, tão cegamente devotado? Sabe que eles mentiram para você. Você continua a acobertá-los e vai acabar sendo apenas alguém que precisará de um advogado."

"Aqui está, senhor", diz o garçom.

"Obrigado", digo, forçando um meio sorriso.

O'Shea e Micah estão longe de se mostrarem gentis. Pelos olhares furiosos que enviam em minha direção, eles ainda querem mais. O problema é que não tenho nada para lhes dar. Pelo menos, não ainda. E, até que eu tenha, não preciso negociar em troca de proteção.

"Espere... vou voltar com você", digo, girando na areia e ficando ao lado do garçom.

Anos atrás, eu costumava morder um pequeno calo na lateral do meu indicador. Quando entrei na Casa Branca, Dreidel me fez parar, dizendo que ficava mal como pano de fundo nas fotos do presidente. Pela primeira vez em uma década, comecei a mordiscar o calo.

"Eu o vejo em breve", grita O'Shea.

Não me dou ao trabalho de responder.

Quando alcançamos a área da piscina, há uma jovem família começando cedo seu dia. O pai abre o jornal, a mãe abre um livro, e o menino de três anos, com um corte de cabelo em forma de tigela, está de quatro brincando com dois carros de caixa de fósforos, batendo um contra o outro, de frente, repetidas vezes.

Olho por sobre o ombro e dou uma espiada na praia. O'Shea e Micah já foram embora.

Eles estão certos sobre uma coisa: definitivamente preciso de um advogado. Felizmente, sei com precisão onde encontrar um.

18

Washinton, D. C.

"Sabe que eles mentiram para você. Você continua a acobertá-los e vai acabar sendo apenas alguém que precisará de um advogado."

"Agora é a sua vez, senhor"

"Obrigado", disse a voz de Wes, vindo de um pequeno alto-falante na extremidade do pequeno classificador de metal.

"Espere... vou voltar com você."

Ajustando o volume, O Romano virou o botão ligeiramente, suas mãos fortes e grossas eram quase demasiado grandes para esse trabalho. Quando era pequeno, ele só conseguia usar as luvas de seu pai. Mas, depois de anos atando iscas em anzóis de pesca, ele dominou a arte do toque leve.

"Tenha um ótimo dia, senhor Holloway", uma voz aguda apareceu no alto-falante.

Obter um microfone bem pequeno era coisa fácil. Assim como conseguir um transmissor que funcionasse com sinal de satélite de modo que ele pudesse transmitir pelo rádio para todo o país. Proteger o presidente era a especialidade do Serviço Secreto, mas, com jurisdição sobre crimes financeiros e de falsificação, sua Divisão de Inteligência tinha uma das operações de vigilância mais formidáveis do mundo. De fato, o difícil era descobrir um lugar para esconder o microfone. E alguém para colocá-lo no local adequado.

O telefone tocou no canto de sua escrivaninha e O Romano verificou a identidade de quem estava chamando. As letras digitais pretas indicavam *Escritório de Leland Manning*. O Romano sorriu

para si mesmo, afastando o seu cabelo preto do rosto pálido. Se apenas o tom baixo profundo fosse também tão previsível.

"Algum problema?", perguntou O Romano quando atendeu.

"Nenhum. Eu fiz o que precisava logo cedo nesta manhã.

Coloquei-o no alfinete de gravata, como você sugeriu."

"Foi o que concluí ao ouvir as duas últimas horas de conversa dele."

Abaixando-se, O Romano abriu a gaveta do fundo do classificador de arquivos e os seus dedos os percorreram até o último arquivo que estava no fundo. O único sem nome.

"Wes já disse algo interessante?" Perguntou seu interlocutor.

"Ele está chegando lá", respondeu O Romano, abrindo o arquivo sua escrivaninha e revelando uma pequena pilha de fotos em preto-branco.

"E você? Se sua investigação é tão vital... achei que fosse aparecer por aqui."

"Vou estar aí", replicou O Romano, enquanto olhava para as fotos, lá meio descoradas pelos anos, todas elas eram daquele dia na pista de corrida. Uma de Nico com o Serviço segurando-o no chão, uma do presidente sendo empurrado para dentro da limusine, e uma, é claro, de Boyle batendo palmas momentos antes de receber o tiro. O sorriso no rosto de Boyle parecia indestrutível... as bochechas paralisadas, os dentes brilhando. O Romano não conseguia desviar o olhar.

"Só preciso cuidar de uma coisa antes disso."

19

Palm Beach, Flórida

"Onde ele está?", pergunto, passando rápido pela sala de espera do pequeno escritório com dezenas de potes de plantas e de orquídeas.

"Lá dentro", diz a recepcionista, "mas você não pode..."

Ela já está atrasada. Passo por ela e sua escrivaninha barata de fórmica, que se parece de modo suspeito com uma que joguei fora algumas semanas antes, e dirijo-me para a porta coberta com antigas placas de licença da Flórida. Além das plantas, que eram o presente-padrão de agradecimento dos clientes, o escritório tinha uma decoração condizente com o juízo de um rapaz de quinze anos. Não importa. Quando atravessou a ponte um ano atrás, Rogo alugou esse escritório para ter um endereço adequado em Palm Beach.

Quando você tem como alvo os ricos e 95% do seu negócio é feito por correio, isso é tudo de que necessita.

"Wes, ele está ocupado lá dentro!", grita a recepcionista.

Eu giro a maçaneta, abro a porta e a deixo bater contra a parede. Sentado na escrivaninha, Rogo dá um pulo ao ouvir o som. "Wes, é você?" Seus olhos estão fechados. Quando tenta caminhar até mim, ele tateia seu mata-borrão, portalápis e teclado como um cego reconhecendo o caminho.

"O que aconteceu com seus olhos?" Pergunto.

"Olho de quem passou pelo oculista. Dilatado", diz Rogo, tateando uma moldura de fotografia com seu cachorro pequeno. A moldura cai e ele se atrapalha para pegá-la.

"Estou cego", diz ele.

"Preciso falar com você."

"Antes disso, está pronto para novos níveis de emoção?"

Quando eu estava no oculista, eu *trapaceei* no exame de vista. Antes de entrarmos, ele deixou o mapa de olho bem visível — você sabe, aquele com o E gigante e os pequenos N3QFD na parte de baixo? Eu os memorizei, depois cuspi todos bem em cima dele. Eiaaaaaa!"

Rogo...

"Quero dizer, ele é ainda mais incompetente do que..."

"Boyle está vivo."

Rogo para de tatear a moldura e se volta direto para mim.

"O-o quê?"

"Eu o vi. Boyle está vivo", repito. Lentamente me sento em uma das cadeiras diante da sua escrivaninha. Rogo vira a cabeça seguindo-me perfeitamente.

"Você está enxergando, não é?", pergunto.

"Sim", responde ele, ainda chocado.

"E aquela na recepção é a minha velha escrivaninha?"

"Sim. Eu a peguei quando você a jogou fora."

"Rogo, eu a deixei para caridade."

"E eu lhe agradeço por isso. Agora, você pode me contar que diabos está falando sobre o seu antigo colaborador morto?"

"Juro para você — eu o vi... falei com ele."

"Ele parecia...?"

"Ele fez cirurgia plástica."

"Bem, você não teria feito?"

"Estou falando sério. Os tiros... aquele dia na pista de corrida... foi... não foi o que pareceu."

Levo quase meia hora para lhe contar todos os detalhes, desde os bastidores na Malásia, as informações de Dreidel sobre o sangue O-negativo, até o FBI me acuando na praia, interrogando-me sobre O Romano e Os Três. Sempre um advogado, Rogo nunca interrompe. Representa o papel o tempo todo, sua reação é instantânea.

"Você contou para Dreidel antes de *me* contar?"

"Oh, por favor..."

"Eu estava com você no carro hoje de manhã. Ora, você estava tão arrebatado pelos clássicos dos anos 1980,1990, que esqueceu de mencionar, 'Oh, a propósito, sabe aquele cara que morreu e que desgraçou minha vida? Bem, ele deve estar em algum tipo de dieta de cereais, porque, na verdade, ele está vivo?'"

"Rogo..."

"Posso dizer só mais uma coisa?"

"É sobre Dreidel?"

Ele cruza os braços sobre o peito. "Não." "Muito bem, então só..." "Você está enrascado, Wes."

Eu pisco quatro vezes tentando digerir as palavras. Vindas de Rogo, elas me atingem de maneira mais inflexível do que as ondas na praia.

"Estou falando sério", continua ele. "Eles pegaram você."

Apenas por ter visto Boyle, o FBI agora acha que você faz parte disso. Você não os ajuda e eles o consideram como uma pessoa que participa de maneira indireta do que Boyle e Manning estão tramando. Você os ajuda e..."

"... eu me despeço do que me resta de vida. O que você pensa que estou fazendo aqui? Preciso de ajuda."

Quando pedi ajuda para Dreidel, ele hesitou, pesando as consequências pessoais e políticas. Rogo sempre foi feito de outra massa, um pouco diferente. "Diga apenas quem devo esmurrar."

Pela primeira vez nas últimas quarenta e oito horas, eu dou um meio sorriso.

"O quê?" ele pergunta, "você acha que vou deixar você apanhar sozinho?"

"Eu estava pensando em ir falar com Manning", digo a ele. "E eu estava pensando que você deveria começar a se preocupar consigo mesmo por uma vez." "Quer parar com isso?"

"Então pare de ser o 'faz-tudo'. Você não ouviu o que o FBI disse? Que o presidente está metido nisso, o que quer que diabos isso *seja!* Quero dizer, do contrário, como explicar que Nico tenha conseguido aproximar-se, levando uma arma às escondidas e passando por todos os agentes do Serviço Secreto? Você pode farejar isso? Tem o mau cheiro de um serviço interno."

"Talvez seja aqui que entram O Romano e Os Três."

"E esses são os nomes que o FBI mencionou?"

"É por isso que quero primeiro ir falar com Manning. Talvez ele..."

"Wes, não ouve nem a si mesmo quando fala!? Você vai até Manning e arrisca alertar a única pessoa que tem as melhores razões do mundo para colocá-lo na guilhotina.

Agora, sinto muito se isso arruína o único porto seguro que construiu para si durante os oito anos passados, mas é hora de prestar atenção. As cicatrizes em seu rosto, apesar do que você acha, *não são punições*. Você não deve nada a ninguém."

"A questão não é essa."

"Não, o ponto é: Leland Manning é um bom homem. Até mesmo um grande homem. Mas, como qualquer outro homem — especialmente um que tem uma profissão pública —, ele vai mentir *bem na sua cara* quando precisar fazê-lo.

Faça as contas, Wes: quantos presidentes dos Estados Unidos você já viu na prisão? Agora, e quantos auxiliares de menor nível que juram sua inocência?"

Pela primeira vez, eu não respondo.

"Exatamente", continua Rogo. "Derrubar um presidente é como demolir um prédio — muito pouca explosão e muito perigo. Nesse momento você está perigosamente perto de ser sugado para dentro de um buraco".

"Isso não quer dizer que ele seja um monstro."

"Por favor, Wes, você nem estaria aqui se não pensasse que há caranguejos em sua cama."

Sentado na frente dele, eu mantenho os olhos no carpete.

Durante nossa última semana no cargo público, os ex-presidentes Bush, Clinton, todos eles telefonaram. Mas foi o Bush mais velho quem deu a Manning o melhor conselho. Ele lhe disse: "Quando você sair do Força Aérea Um, acene no topo das escadas... e quando o único entrevistador de TV parado no alto perguntar: 'Como se sente ao voltar para casa?', você diz: 'É ótimo estar de volta!'. E você olha à frente e tenta não pensar em como era apenas quatro cinco horas antes". Quando o nosso avião aterrissou,

Manning fez exatamente isso. Ele contou aquela mentira com facilidade e um sorriso perfeito.

Rogo me observa cuidadosamente enquanto morde o calo em minha mão.

"Eu sei o que isso significa para você, Wes."

"Não. Você não sabe." Eu aperto minha mão debaixo da coxa.

"Diga mas o que você acha que devo fazer."

"Você já sabe o que penso", diz Rogo com um sorriso.

Mesmo quando costumava ter o traseiro chutado, ele sempre gostava de uma boa luta. Pega um bloco de anotações de sua escrivaninha e começa a procurar uma caneta. "Você sabe por que eu consigo uma taxa de 96% de dispensa de pagamento de multas por excesso de velocidade? Ou 92% nas conversões proibidas? Porque eu cutuco, cutuco, cutuco e cutuco um pouco mais. Verifico os detalhes, Wes: se o tira coloca o número do estatuto errado na multa, dispensa. Se ela não tem o logo da multa de trânsito, dispensa. Tudo se resume a detalhes — que é como eu vou descobrir quem diabos são Os Três e O Romano."

"Você ainda tem aquele amigo no distrito policial?" "De quem você pensa que eu consigo a lista dos que violaram as leis de trânsito, duas horas antes de qualquer outro? Ele fará o que precisarmos."

"Dreidel disse que também vai procurar algum material. Ele é sempre bom para..."

O celular vibra no bolso. Abrindo-o, vejo um número familiar. Sincronicidade perfeita.

"Alguma novidade?", pergunto.

"Você passou alguma informação a ela?", diz Dreidel sem pensar, com a voz acelerada.

"Perdão?"

"A repórter — Lisbeth alguma coisa — do *Palm Beach Post*."

Ele respira para acalmar-se. Tudo que percebo é que há algo errado. "Você falou com ela nesta manhã?"

"Eu não sei do que você..."

"Tudo bem se você falou... Não estou bravo... Só preciso saber o que você disse."

É a segunda vez que ele me interrompe. E, como qualquer outro político jovem, quando diz que não está bravo é o momento exato em que está prestes a arrancar sua língua.

"Dreidel, juro, eu não..."

"Então como ela sabe que nos encontramos!? Ela sabe que tomei café e comi um pouco da sua torrada! Quem você...?"

Recuperando-se um pouco, ele abaixa a voz de novo.

"Então... para quem mais você contou?"

Olho para Rogo. "A ninguém. Ninguém que telefonaria para ela, eu juro..."

"Está bem, está bem", diz ele, mais a si mesmo do que para mim. "Eu só... preciso que você acabe com a história, está bem? Ela vai telefonar para você a fim de confirmar o fato.

Você pode me fazer um favor e desmentir isso?" Eu conheço Dreidel há quase uma década. A última vez que o vi em pânico foi quando a primeira-dama estava gritando com ele.

"Por favor, Wes."

"Tudo bem... está bem..., mas por que você está tão nervoso por causa de um estúpido café da manhã?"

"Não, não um café da manhã qualquer. Um café da manhã em Palm Beach, *Flórida*... quando minha mulher acha que eu ainda estava saindo do hotel onde tive reunião ontem, em Atlanta." Ele me concede um minuto para juntar os dados.

"Espere, então aquela mulher... Você não a encontrou apenas no bar..."

"Jean. O nome dela é Jean. E sim, deixei Atlanta e voei cedo para cá por causa dela. Eu a conheci alguns meses atrás. Está bem? Você está feliz? Agora sabe de tudo. Tudo que lhe peço é que mantenha fora esse mexerico sobre a mulher, porque se essa história sair amanhã e Eilen ficar sabendo..."

Há um clique no meu celular.

"É a repórter", diz Dreidel. "Tudo que você tem de fazer é enterrar o assunto. Negocie com ela... arranje dez minutos de entrevista com Manning. Por favor, Wes — minha família — pense em Ali", acrescenta ele, referindo-se a sua filha. "E minha corrida para concorrer ao Senado pelo meu estado."

Antes que eu possa reagir, há um outro clique. Pressiono o botão *Send* no telefone e pego a outra linha.

"Fala Wes", respondo.

"Senhor Holloway, aqui é Gerald Lang", diz ele em um tom seco e profissional. "Do escritório do curador", explica, referindo-se à Biblioteca Presidencial Manning. "Claudia sugeriu que eu lhe telefonasse e..."

"Agora não é, de fato, o melhor momento."

"Vai levar só um instante, senhor. Veja, estamos programando uma nova exibição sobre a assistência presidencial, com um foco particular em uma longa história de um jovem que serviu de auxiliar presidencial. Um tipo de... verdadeira retrospectiva, se quiser pensar assim... tudo desde Meriwether, que serviu sob Thomas Jefferson, até Jack Valenti, que trabalhou com Lyndon B. Johnson, até o final, felizmente, bem... você."

"Espere... esta exibição é sobre... *mim*"?

"De fato, além dos outros, é claro. Uma verdadeira retrospectiva."

Ele já está começando a tomar cuidado, o que significa que conhece as regras. Meu trabalho é ser o homem mais próximo do presidente. Bem ao lado dele. Mas nunca na sua frente. "Eu aprecio a oferta, senhor Lang..."

"Gerald."

"E eu gostaria de ajudar, Gerald, mas..."

"O presidente Manning disse que está de acordo", acrescenta ele, jogando o trunfo. "Claudia também. Uma retrospectiva verdadeira. Então, quando você acha que podemos sentar e...?"

"Mais tarde, está bem? Apenas... telefone-me depois."

Desligando o telefone, eu retomo Dreidel.

"O que ela disse? Ela sabe?" pergunta Dreidel, ainda em pânico. Antes que eu possa responder, meu telefone toca de novo.

Obviamente, o meu amigo curador não entendeu o que eu disse. "Espere eu me livrar desse camarada", digo para Dreidel, desligando outra vez. "Gerald, eu já lhe disse..."

"Quem é Gerald?", interrompe uma voz de mulher.

"P-Perdão?"

"Olá, Wes, aqui é Lisbeth Dodson do *Palm Beach Post*. O que você acha de ter o seu nome em destaque?"

20

Washington, D.C.

O pneu esquerdo da frente afundou no buraco a toda velocidade, deslizando na grande quantidade de neve derretida que havia por ali e soltando um som estridente de batida que sacudiu o SUV preto. Com uma girada do volante, o carro lançou-se para a direita. Um segundo choque atingiu o veículo. O Romano praguejou para si mesmo, as estradas em D. C. eram muito ruins. Mas o sudeste de Washington era sempre pior.

Ligando os limpadores, ele se livrou da neve que se depositara no para-brisa e fez uma curva fechada à esquerda na Malcolm X Avenue. Os carros queimados, as construções fechadas com tábuas lhe diziam que não era bom perder-se naquelas vizinhanças. Por sorte, ele sabia exatamente para onde estava indo.

Depois de um quilômetro e meio, o carro deu um solavanco ao parar no farol onde a Malcolm X cruzava com a Martin Luther King Jr. Avenue. O Romano não conseguiu deixar de sorrir consigo mesmo. Durante oito anos, ele confiou bastante em uma coexistência pacífica. Mas agora, com o reaparecimento de Boyle... com Wes como testemunha... mesmo com O'Shea e Micah aproximando-se... algumas vezes não havia outra opção a não ser a mais desagradável.

Não havia sido diferente, oito anos antes, quando abordaram Nico pela primeira vez. É claro que então os três não estavam juntos. Por medida de segurança, apenas um deles foi. Naturalmente, Nico estava hesitante — até mesmo hostil. Ninguém gosta de ver sua família agredida. Mas isto fora quando mostraram

para Nico a prova: os registros da permanência de sua mãe no hospital.

"O que é isso?", Nico perguntara, examinando a folha de papel preenchida com os números dos quartos e os horários de distribuição. A palavra *Jantar* estava escrita à mão no alto da página.

"É o registro da entrega de jantar", explicou o Número Três.

"Do dia em que sua mãe morreu."

Certamente, Nico viu o nome de sua mãe. *Hadrian, Mary*. E o número de seu quarto. *Quarto 913*. E até o que havia sido pedido. *Bolo de carne*. Mas o que o confundiu foi a anotação escrita à mão na coluna que indicava *Horário da Entrega*. Na folha, cada paciente tinha um horário diferente de entrega: *18h03... 18h09... 18h12...* Exceto para a mãe de Nico, onde estava simplesmente escrito *paciente morta*.

Nico ergueu o olhar, claramente confuso. "Eu não compreendo. Isto é do seu último domingo... do dia em que ela morreu?"

"Não exatamente", disse O Romano. "Olhe para a data no canto. Dezesseis de setembro, certo?" Quando Nico aquiesceu, ele explicou rapidamente: "Dezesseis de setembro foi um sábado, Nico. De acordo com estes registros, sua mãe morreu num sábado".

"Não", insistiu Nico. "Ela morreu no domingo, 17 de setembro, eu lembro, eu estava... nós estávamos na igreja."

Olhando para a folha de entrega de refeições, ele acrescentou: "Como isto pôde acontecer?"

"Não, Nico. A verdadeira pergunta é: por que alguém faria isto?"

Nico sacudiu a cabeça furiosamente. "Não, não há jeito. Nós estávamos na igreja. Na segunda fila. Eu lembro de meu pai entrando e..."

Nico estremeceu.

"Esta é uma ótima coisa a respeito da igreja, não é, Nico?"

Quando a cidade inteira está apinhada nos bancos da igreja e observa seu pai preocupado rezando com seus dois filhos pequenos... é realmente um álibi perfeito."

"Espere... você está dizendo que meu pai matou minha..."

"Como foram as coisas durante esse tempo, nos três anos desde que ela entrou em coma? Três anos sem mãe.

Ninguém para dirigir a casa. Todos os dias — todas aquelas preces e visitas — a doença dela consumindo a vida de vocês."

"Ele nunca faria isto! Ele a amava!"

"Ele amava *mais* você, Nico. Você já tinha perdido três anos de sua infância. Foi por isso que ele fez. Por você. Ele o fez *por você*"

"M-mas os médicos... o médico-legista não teria...?"

"O doutor Albie Morales — o neurologista que constatou a morte de sua mãe —, ele é o *venerável mestre* encarregado da Loja Maçônica de seu pai. O médico-legista Turner Sinclair — que preencheu o resto da papelada — é o diácono da mesma Loja. É isto que os maçons fazem, Nico. É o que eles têm feito ao longo da história..."

"Você está mentindo!", explodiu Nico, apertando as mãos contra as orelhas. "Por favor, diga que é mentira!"

"Ele o fez por você, Nico."

Nico estava balançando rapidamente o corpo — para a frente e para trás — e suas lágrimas caíam em grossas gotas sobre a folha de papel que continha o último pedido de sua mãe para o jantar.

"Quando ela morreu... isto foi... ela morreu por causa de *meus* pecados! Não dos *dele*!"

Lamentava-se ele como um menino de dez anos, todo o seu sistema de crenças abalado. "Ela devia morrer pelos *meus* pecados!"

E foi quando Os Três souberam que o haviam agarrado.

Certamente, também foi por essa razão que o pegaram da primeira vez. Não era difícil. Com o acesso do Romano aos arquivos militares, eles se concentraram nos registros do Forte Benning e do Forte Bragg, que abrigavam duas das escolas dos melhores franco atiradores do exército.

Acrescentaram as palavras *demissão desonrosa* e *problemas psicológicos*, e a lista diminuiu rapidamente. Nico era, de fato, o terceiro da lista. Mas quando eles pesquisaram mais a fundo — quando perceberam a sua devoção religiosa e descobriram a filiação de seu pai —, Nico foi direto para o topo da lista.

A partir daí, tudo que tinham de fazer era encontrá-lo. Como todos os albergues e abrigos de sem-teto que recebiam fundos do governo, deviam apresentar os nomes dos que usavam o recurso, a localização fora fácil. Em seguida eles tinham de ter certeza de que Nico podia ser controlado. Foi por isso que o levaram de volta ao *trailer* de seu pai. Eles lhe entregaram uma arma. E disseram que essa era a única maneira de libertar o espírito de sua mãe.

Durante o treinamento de franco atirador, Nico foi ensinado a atirar nos intervalos entre os batimentos cardíacos para reduzir o movimento do tronco. Parado sobre seu pai, que suplicava por clemência sobre o chão de linóleo descascado, Nico puxou o gatilho sem hesitar.

E Os Três perceberam que tinham encontrado seu homem.

E graças tão-somente a uma única folha de papel com um registro falsificado de entrega de refeição hospitalar.

Quando o semáforo ficou verde, O Romano virou à esquerda e acelerou fundo, fazendo as rodas traseiras girarem e bocados de neve derretida se espalharem no ar. O carro se moveu como um rabo de peixe na rodovia onde o trator de neve não havia passado, depois rapidamente se endireitou sob a força das mãos do Romano. Ele teria de se esforçar mais agora para não perder o controle.

Ao longe, as velhas fachadas e construções davam lugar a portões de metal preto, enferrujados que cercavam os pátios abertos e pretendiam fazer com que a vizinhança se sentisse mais segura. Mas, como vinte e dois pacientes haviam escapado no ano anterior, muitos vizinhos entenderam que os portões não correspondiam às suas expectativas.

Ignorando a capela e uma outra construção alta em tijolos logo atrás dos portões, O Romano deu uma guinada e parou diante da pequena guarita do guardião, logo depois da entrada principal. Fazia quase oito anos que estivera ali. E quando abaixou o vidro e viu a pintura descascada no portão preto e amarelo, percebeu que nada havia mudado, inclusive os procedimentos de segurança.

"Bem-vindo ao St. Elizabeths", disse um guarda, com lábios roxos por causa do frio. "Visitante ou entregador?"

"Visitante", respondeu O Romano, mostrando uma insígnia do Serviço Secreto e não interrompendo o contato visual.

Como todos os agentes antes dele, quando Roland Egen se juntou ao Serviço, no início, ele não começou na seção de Operações Protetoras. Com a autoridade do Serviço estendendo-se a crimes financeiros, ele passou os primeiros cinco anos investigando fraudes em lutas desportivas e crimes em computadores, na esfera de ação dos gabinetes em Houston. Depois disso conseguiu sua primeira designação para a área de proteção, avaliando ameaças para a Divisão de Inteligência, e a partir daí — graças ao seu faro para investigações criminais — galgou para posições nos escritórios de Roma e Pretória. Foi uma determinação férrea que o ajudou a tentar com garra elevar-se na hierarquia do Serviço Secreto até sua posição atual como delegado assistente do diretor de Operações Protetoras. Mas era nas horas depois do trabalho, como *O Romano*, que ele colhia suas melhores recompensas. "Estou aqui para ver Nicholas Hadrian."

"Nico está encrencado, hein?", perguntou o guarda.

"Gozado, ele sempre diz que alguém está vindo. Por uma vez, ele realmente tem razão."

"Sim", disse O Romano, olhando para a pequena cruz sobre o teto da velha capela em tijolo, ao longe. "Realmente muito engraçado."

21

Palm Beach, Flórida

"De todo jeito, é apenas uma pequena nota sarcástica com você e Dreidel comendo no Four Seasons", diz Lisbeth, enquanto Rogo se aproxima e coloca o ouvido no telefone.

"É como fazer do restaurante o local de uma reunião da Casa Branca no Sul ensolarado. Os rapazes do presidente e tudo o mais."

"Isso soa engraçado", digo a ela, esperando mantê-la feliz.

"Embora não tenha certeza de que isto constitua notícia."

"Espantoso", diz ela, de modo sarcástico. "Foi exatamente isso que Dreidel disse. Vocês são rapazes que foram separados quando nasceram, ou isso vem naturalmente com a profissão?"

Eu conheço Lisbeth desde o dia em que assumiu a coluna de mexericos do *Post*. Temos um acordo claro. Ela telefona e educadamente pede uma declaração do presidente. Eu educadamente lhe digo que sentimos muito, mas não fazemos mais isso. É uma simples valsa. O problema é que, se eu não faço esse jogo com cuidado, acabo lhe dando algo para uma dança extravagante.

"Ora, Lisbeth, ninguém mais sabe quem eu e Dreidel somos."

"Opa, Dreidel tentou essa também. Logo antes de perguntar se podia me telefonar dentro em pouco, o que também é um sinal garantido de que não irá me ligar de novo. Quero dizer, considerando que Dreidel tem aquele levantamento de fundos hoje à noite, eu poderia achar que ele gostaria de ter o nome no jornal local. Agora, você quer me descrever como foi ótimo para você e seu amigo se encontrarem para lembrar dos velhos dias na Casa

Branca, ou quer que eu comece a achar que há algo de errado em 'Manningópolis'?"

Ela ri enquanto diz essas palavras, mas convivi bastante com repórteres para saber que, quando se trata de preencher suas colunas, nada é engraçado.

Cuidado, escreve Rogo em um pedaço de papel. *A garota não é tola.*

Eu faço que sim e volto para o telefone. "Ouça, fico feliz em lhe dar qualquer descrição que você queira, mas honestamente ficamos no restaurante apenas por poucos minutos..."

"E esta é oficialmente a terceira vez que você tenta minimizar uma história para que ela pareça sem graça. Você sabe o que ensinam na escola de jornalismo quando alguém tenta minimizar algo, Wes?"

No pedaço de papel, Rogo acrescenta um ponto de exclamação ao *A garota não é tola.*

"Ok, está bem. Você quer saber a história real?", pergunto.

"Não, eu prefiro muito mais a evasiva falsa."

"Mas isto é confidencial", aviso. Ela fica em silêncio, esperando que eu continue a falar. Este é um velho truque de repórter, assim ela pode dizer que nunca concordou. Eu caí nessa na minha primeira semana na Casa Branca. Aquela foi a última vez.

"Lisbeth..."

"Muito bem... sim... confidencial. Agora, qual é o grande rebu?"

"O aniversário de Manning", falo sem pensar. "Sua festa de aniversário surpresa ao completar sessenta e cinco anos, para ser exato. Dreidel e eu estávamos encarregados da festa surpresa até você telefonar nesta manhã. Eu disse a Manning que tinha de fazer compras. Dreidel estava na cidade e disse-lhe a mesma coisa. Se Manning ler amanhã no jornal que estávamos juntos..." faço uma pausa para maior efeito. É uma mentira deslavada, mas seu silêncio me diz que ela está engolindo a trapaça. "Você sabe que nunca pedi nada, Lisbeth, mas se puder não publicar apenas essa notícia..." Faço outra pausa para o grande final. "Fico lhe devendo uma."

Posso praticamente ouvir o seu sorriso do outro lado da linha. Em uma cidade de eventos sociais, este é o melhor para servir de barganha: um favor concedido pelo antigo presidente dos Estados Unidos.

"Dê-me dez minutos face a face com Manning na noite da festa surpresa", diz Lisbeth.

"Cinco minutos é o máximo que ele irá conceder."

Rogo sacode a cabeça. *Não é suficiente*, ele fala sem pronunciar as palavras.

"Fechado", diz ela.

Rogo faz um duplo sinal de o.k. com os dedos. *Perfeito*, sussurra.

"Então o meu café da manhã com Dreidel...?" Pergunto.

"Café da manhã? Ora, Wes — por que alguém se interessaria pelo que dois antigos assessores comem no seu café matinal? Considere o assunto oficialmente morto."

22

"Você sabe que nunca pedi nada, Lisbeth, mas se puder não publicar apenas essa notícia..."

Enquanto ouvia as palavras de Wes, Lisbeth sentou-se em sua cadeira e começou a virar o cordão do telefone, do jeito de pular corda. Da pausa forçada do outro lado da linha, Wes parecia estar pronto para negociar. "Fico lhe devendo uma", ele ofereceu, bem na deixa. Lisbeth parou de girar o cordão do telefone. Regra Sagrada Número 4: Só o culpado negocia. Regra Sagrada Número 5: e os oportunistas.

"Dê-me dez minutos face a face com Manning na noite da festa surpresa", disse ela, sabendo que, como qualquer bom assessor, ele cortaria o tempo pela metade.

"Cinco minutos é o máximo que ele irá conceder."

"Fechado", ela disse, enquanto começava a consultar a grossa pilha de convites no canto de sua escrivaninha.

Concerto de abertura na ópera. O bazar anual de artesanato no Sailfish Club. Festa para dar nome a um bebê no Wheadons. Ele deve estar aqui em algum lugar...

"Então, o meu café da manhã com Dreidel...?", perguntou Wes.

Ainda consultando sua pilha, Lisbeth mal estava prestando atenção. "Café da, manhã? Ora, Wes — por que alguém se interessaria pelo que dois antigos assessores comem no seu café matinal? Considere o assunto oficialmente morto."

A festa surpresa de Manning — e seus prometidos cinco minutos —, ela ainda teria pelo menos um mês. Mas isto não significava que teria de ficar afastada até lá. Especialmente quando havia tantos outros meios para se aproximar.

Batendo o telefone, Lisbeth não tirava os olhos da pilha.

Recepção para a Sociedade de Leucemia, Sociedade Histórica, Sociedade Knesset, Sociedade Palm Beach, Sociedade Renascença, Sociedade Aléxis Tocqueville... e ainda... ali...

Lisbeth puxou o cartão retangular do meio da pilha. Como qualquer outro convite, o desenho era suave, a impressão meticulosa, e o envelope estava endereçado em seu nome.

Mas este, com o colorido creme, a caligrafia esmerada, tinha algo a mais: *Uma noite com o presidente Leland F. Manning. Benefiting 65 Roses — Fundação de Fibrose Cística.* Esta noite.

Ela não se ocupou com o falso acordo de Wes e Dreidel. Ou o absurdo sobre a festa surpresa de Manning. Mas, uma vez que Wes lhe pedira para não publicar nada... Regra Sagrada Número 6: Havia apenas dois tipos de pessoas em uma coluna de mexericos — aqueles que queriam estar ali, e aqueles que não queriam. Wes apenas se colocara no lado daqueles que *não* queriam. E, sem dúvida, os *não* eram sempre muito mais interessantes.

Pegando o telefone, Lisbeth discou o número que havia no convite.

"Aqui é Claire Tanz", respondeu uma mulher mais velha.

"Olá, Claire, aqui é Lisbeth Dodson do Debaixo do Pano. Espero que não seja muito tarde para responder ao convite..."

"Para hoje? Não, não... oh, nós lemos sua coluna todos os dias", disse a mulher, um pouco excitada demais. "Oooh, e eu posso telefonar para a equipe do presidente e avisá-los de que você estará aqui..."

"Não é preciso", disse Lisbeth tranquilamente. "Eu acabo de falar com eles. Já estão vibrando por eu estar indo."

23

Três minutos e meio , disse Nico a si mesmo enquanto observava o Acura cinza atravessar pela neve e passar ao longo do caminho dos funcionários bem do lado de fora da janela à prova de estilhaçamento do segundo andar.

Puxando a manga de seu blusão de moletom marrom desbotado, ele olhou para o ponteiro de segundos do seu relógio, contando para si mesmo. *Um minuto... dois... três. .*

Nico fechou os olhos e começou a rezar. Sua cabeça curvou-se dezesseis vezes. *Três e meio...* balançando lentamente, ele abriu os olhos e virou em direção à porta do quarto. A porta não se abriu.

Empoleirado em cima do aquecedor enferrujado, do lado de dentro da janela, Nico continuava a balançar lentamente, virando-se para a neve que caía e curvando a terceira corda de seu violino de madeira de bordo-doce bem usado. O violino tinha um trevo de quatro folhas desenhado na parte de baixo, mas Nico estava mais interessado em como as cordas do violino atravessavam perfeitamente o cavalete de ébano quando subiam pelo braço do instrumento. Quando chegou pela primeira vez em St. Elizabeths, ele passou as primeiras duas semanas sentado exatamente mesmo lugar, olhando para fora pela mesma janela. Naturalmente, os médicos desencorajaram isto — *"antissocial e escapista"*, eles declararam.

Isto se tornou pior quando eles examinaram a vista da janela de Nico: à sua direita, uma construção de tijolo queimado com uma divisa do exército sobre ela (*"muito simbólico de seu passado militar"*); à sua esquerda, as beiradas do rio Anacostia (*"não o recompensa com uma vista de qualidade"*); e ao longe, bem no limite da propriedade, meia dúzia de campos cercados por centenas

de lápides despedaçadas que foram colocadas ali desde a Guerra Civil até a Primeira Guerra Mundial, quando os pacientes do exército e da marinha ainda eram enterrados dentro da propriedade ("*a morte nunca deveria ser um ponto focal*").

No entanto, quando Nico mencionou a uma enfermeira que o corniso defronte de sua janela o fazia lembrar de sua casa de infância em Wisconsin, onde sua mãe tocava *cello* e o vento fazia os ramos das árvores balançarem com a música, os doutores não apenas pararam de tentar impedi-lo de ficar ali, mas conseguiram alguém para doar o violino com o trevo de quatro folhas desenhado. "*As memórias positivas devem ser encorajadas!*" Nico sabia que isso era um sinal.

Assim como Deus havia escrito no Livro. Como Deus os havia enviado. Os Três Violinistas.

Oito anos depois, Nico ainda morava no mesmo quarto, rodeado pela mesma cama estreita, a mesma mesinha de cabeceira e a mesma cômoda pintada que continha a Bíblia e o rosário de contas de vidro vermelho.

Mas o que Nico guardava para si era que, enquanto estudava o corniso, e este o lembrava dos dias passados com sua mãe, ele ficava mais concentrado no caminho bem desgastado dos funcionários, que se estendia bem à sua frente, até o portão principal, através da propriedade e ao redor do estacionamento e que conduzia à entrada do Pavilhão John Howard. A árvore era certamente um sinal — a cruz de Cristo foi com certeza feita de corniso —, mas o caminho na frente dele... o caminho era a via de salvação de Nico. Ele sabia disso em seu coração. Sabia em sua alma. Soube desde o primeiro dia em que viu o caminho, coberto com ervas daninhas e grama que estalavam e quebravam o asfalto muito trilhado e oculto. A cada ano, o chão se deformava ligeiramente à medida que as ervas daninhas se espalhavam um pouco adiante. Como um monstro, pensou Nico. Um monstro interior. Assim como os monstros que mataram sua mãe.

Ele não queria puxar o gatilho. Não de início. Nem mesmo quando Os Três o lembraram do pecado de seu pai. Mas, quando

ele olhou para a prova — para o registro de entrega de refeições do hospital...

"Pergunte ao seu pai", disse o Número Três. "Ele não vai negar."

Balançando-se enquanto olhava para fora da janela do hospital, Nico ainda podia ouvir as palavras. Ainda sentia o odor adocicado do charuto de seu pai. Ainda experimentava o forte vento de Wisconsin soprando em seus pulmões enquanto ele subia os degraus de metal na entrada do *trailer* de seu pai. Fazia quase seis anos que não via seu pai. Antes do exército... antes da demissão... antes do asilo. Nico nem mesmo sabia onde encontrá-lo. Mas Os Três conseguiram.

Os Três o ajudaram. Os Três, Deus os abençoe, estavam levando Nico para casa. Para punir o monstro. E corrigir as coisas.

"Pai, ela devia morrer pelos *meus* pecados!" gritou ele, puxando a porta com força para abri-la e precipitando-se para dentro. Nico podia ainda ouvir as palavras. Sentir o cheiro do charuto. Podia ainda sentir o dedo firme no gatilho enquanto seu pai suplicava, soluçando — *Por favor, Nico, você é meu... Deixe-me conseguir ajuda para você.* Mas a única coisa que Nico via era a fotografia de sua mãe — sua fotografia de casamento! — perfeitamente preservada debaixo do vidro em cima da mesa de café. Tão jovem e bonita... toda vestida de branco... como um anjo. O seu anjo.

O seu anjo que fora levado embora. Levado pelos monstros.
Pela Bestas.

" *Nico, pela minha vida —por tudo que é sagrado — eu sou inocente!*"

"Ninguém é inocente, pai."

O que Nico sentiu em seguida foi os pés escorregando no chão de linóleo descascado, que estava encharcado com... encharcado com vermelho. Uma poça vermelha-escura.

Todo aquele sangue.

"Pai...?", sussurrou Nico, com manchas de sangue como sardas em seu rosto.

Seu pai nunca respondeu.

"Não duvide de você, Nico", disse-lhe o Número Três. "Olhe o tornozelo dele. Você vai encontrar o sinal deles."

E quando Nico se abaixou — ignorando o buraco de bala na mão de seu pai (para fazê-lo sentir a dor que Jesus sentiu) e o outro buraco de bala em seu coração —, ele levantou a perna de seu pai e abaixou a meia. Ali estava. Exatamente como o Número Três havia dito. A marca oculta. Escondida do filho. Escondida da esposa. Uma pequena tatuagem.



O compasso e o esquadro — os símbolos mais sagrados da maçonaria. Ferramentas da profissão de arquiteto... ferramentas para construir o vão da porta... mais um G para o Grande Arquiteto do Universo.

"Para mostrar que ele é um deles", explicou o Número Três.

Nico concordou, ainda confuso com o fato de seu pai ter escondido o segredo por tanto tempo. No entanto, agora o monstro estava morto. Mas, como o Número Três salientou, graças aos maçons, havia mais monstros lutando para sair.

Mais Bestas. Não obstante, lutando agora — servindo a Deus — ele podia transformar a morte de sua mãe em uma bênção.

Os Três chamavam isso de *fatum*. A palavra latina para *destino*. O destino de Nico.

Nico ergueu o olhar quando ouviu a palavra. Destino. "Sim... isso é o que ela... Como o Livro."

Ali mesmo, Nico reconheceu sua missão — e por que sua mãe tinha sido levada.

"Por favor... eu preciso de... Deixe-me ajudá-los a matar os monstros", ofereceu-se Nico, voluntariamente.

O Número Três o observou com cuidado. Ele podia ter se livrado de Nico bem ali. Podia tê-lo deixado... abandonado...

Escolhido continuar a lutar sozinho. Em lugar disso, ele disse a única coisa que um verdadeiro homem de Deus poderia dizer.

"Filho, vamos rezar."

O Número Três abriu os braços e Nico deixou-se cair neles.

Ele ouvia os soluços do Número Três. Via suas lágrimas. Ele não era mais um estranho. Família. Como um pai.

Fatum, Nico decidiu naquele dia. Seu destino.

Durante o mês seguinte, Os Três revelaram a missão completa. Contaram-lhe sobre o inimigo e a força no lado deles. De Voltaire a Napoleão e a Winston Churchill, os franco-maçons passaram séculos dedicando tempo e esforço aos membros mais poderosos da sociedade. Nas artes eles tinham Mozart, Beethoven e Bach. Na literatura, Arthur Conan Doyle, Rudyard Kipling e Oscar Wilde. Nos negócios, eles cresceram com fundos de Henry Ford, Frederick Maytag e J. C. Penney.

Nos Estados Unidos, eles elevaram seu poder a novas alturas: de Benjamin Franklin a John Hancock, oito dos que assinaram a Declaração de Independência eram maçons.

Nove dos que assinaram a Constituição dos Estados Unidos.

Trinta e um generais do exército de Washington. Cinco presidentes do Supremo Tribunal, de John Marshall a Earl Warren. Ano a ano, século a século, os maçons reuniram aqueles que tinham maior influência sobre a sociedade: Paul Revere, Benedict Arnold, Mark Twain, John Wayne, Roy Rogers, Cecil B. DeMille, Douglas Fairbanks, Clark Gable, até mesmo Harry Houdini. Foi por alguma coincidência que Douglas MacArthur se tornou general do exército? Ou que Joseph Smith fundou uma religião inteira? Ou que foi dado a J. Edgar Hoover o FBI? Ou até mesmo que Buzz Aldrin esteve naquele primeiro foguete para a Lua? Todos aqueles marcos.

Todos eles por intermédio dos maçons. E isso sem considerar as dezesseis vezes que eles assumiram a Casa Branca: os presidentes George Washington, James Monroe, Teddy Roosevelt, Franklin D. Roosevelt, Truman, Lyndon B. Johnson, Gerald Ford... e o mais

importante, Os Três explicaram, o presidente Leland F. Manning e o monstro conhecido como Ron Boyle.

Um mês depois do dia em que eles se encontraram, Os Três revelaram o pecado de Boyle. Assim como eles fizeram com o pai de Nico.

Ainda se balançando e dedilhando a terceira corda, Nico ouviu o resmungo, como um pigarrear, dos pneus esmagando a neve ao subir a colina. Um SUV preto apareceu com seus limpadores de para-brisa jogando neve para os lados como se fosse uma mosca aborrecida. Nico continuava a dedilhar, bem ciente que o SUV preto em geral significava o Serviço. Mas quando o carro passou na frente do corniso, Nico viu que o assento do passageiro estava vazio, e o Serviço nunca vinha sozinho.

Três minutos e meio, contou Nico para si mesmo enquanto estudava o ponteiro de segundos de seu relógio. Agora, ele o tinha sincronizado perfeitamente. Três e meio era a média.

Para seus médicos, para suas enfermeiras, mesmo para a sua irmã antes de ela parar de visitá-lo. Ela sempre precisava de trinta segundos extras para se fortalecer, mas, mesmo nos piores dias — naquele domingo sombrio em que ele tentou se ferir —, três minutos e meio eram mais do que suficientes.

Nico olhou de novo para o ponteiro de segundos do relógio.

Um minuto... dois... três... Ele fechou os olhos, curvou a cabeça e rezou. *Três e meio.* Nico abriu os olhos e se voltou para a porta do seu quarto de três metros por quatro e meio.

A maçaneta da porta girou ligeiramente, e o assistente hospitalar com os olhos injetados de sangue apareceu no vão da porta.

"Nico, você está vestido decentemente? Tem uma visita", falou o assistente.

Oito anos observando. Oito anos esperando. Oito anos acreditando que o Livro do Destino nunca poderia ser negado. Nico podia sentir as lágrimas escorrendo de seus olhos quando um homem pálido com traços irlandeses e cabelos pretos bem escuros entrou no quarto.

"É bom vê-lo, Nico", disse O Romano, enquanto entrava no quarto. "Fiquei longe por muito tempo."

24

"Biblioteca Presidencial Manning. Em que posso ajudá-lo?"

Responde a recepcionista.

"Eu tenho algumas perguntas sobre os registros presidenciais", digo, verificando pela segunda vez se a porta de meu escritório está fechada. Rogo dissera que eu podia usar o seu escritório para telefonar, mas, considerando o almoço e toda a nossa conversa, eu já havia estado fora por muito tempo.

"Vou transferi-lo para a arquivista do dia", diz a recepcionista.

Com um clique, estou a caminho. E, embora eu pudesse telefonar para o chefe da biblioteca, como Rogo disse, é melhor manter o assunto no baixo escalão.

"Kara falando. Em que posso ajudá-lo?" Pergunta uma voz suave de mulher.

"Olá, Kara. Aqui é Wes, do escritório pessoal do presidente.

Estamos tentando obter alguns arquivos antigos de Boyle para um livro em homenagem a ele sobre o qual estamos trabalhando, assim, eu estava me perguntando se você poderia ajudar-nos a reuni-los."

"Sinto muito, qual é mesmo o seu nome?"

"Wes Holloway. Não se preocupe... estou na lista da equipe", digo, rindo. Ela não ri.

"Sinto muito, Wes, mas, antes que eu libere quaisquer documentos, preciso que você preencha uma declaração de privacidade e segurança e na requisição deve constar o seu motivo..."

"Presidente Manning. Ele os requisitou pessoalmente", interrompo.

Cada lei tem exceções. Tiras podem passar os faróis vermelhos. Os médicos podem estacionar em lugar proibido durante emergências. E quando o seu nome é Leland Manning, você consegue a folha de papel que quiser da Biblioteca Presidencial Manning.

"A-Apenas diga o que você precisa. Vou começar a reuni-los", responde ela.

"Fantástico", digo, folheando a grossa pasta com folhas soltas em minha escrivaninha. A primeira página é intitulada *Registros presidenciais e materiais históricos*. Nós o chamamos de guia para o maior diário do mundo.

Durante quatro anos na Casa Branca, cada arquivo, cada *e-mail*, cada cartão de Natal enviado fora registrado, copiado e salvo. Quando deixamos Washington, foram necessários cinco aviões militares de carga, como os usados em batalha, para transportar os quarenta milhões de documentos, um milhão e cem mil fotografias, vinte milhões de mensagens impressas e por *e-mail*, e quarenta mil "artefatos", inclusive quatro diferentes telefones Leão Covarde, dois dos quais eram feitos à mão e gravados com o rosto do presidente.

Ainda assim, a única maneira de encontrar a agulha era pular para dentro do palheiro. E a única maneira de descobrir o que Boyle estava armando era abrir as gavetas de sua escrivaninha e ver o que havia dentro.

"Sob o título de Assessoria da Casa Branca, vamos começar com todos os registros de Boyle como chefe da assessoria", digo, folheando as primeiras páginas de registros do guia, "e naturalmente todos os seus próprios arquivos, incluindo a correspondência enviada por ele e para ele." Torno a folhear passando para o assunto seguinte na pasta. "E eu também gostaria de obter suas anotações pessoais. Elas incluem quaisquer queixas arquivadas contra ele, correto?"

"Deveria incluir", diz a arquivista, agora com suspeita.

"Não se preocupe", rio, ao ouvir a mudança em sua voz, "isto é apenas para um exame minucioso, para sabermos com certeza onde se encontram todas as partes essenciais."

"Sim... é claro... é só que... para que mesmo você precisa disso tudo?"

"Para um livro no qual o presidente está trabalhando... sobre os anos de serviço de Boyle, desde a Casa Branca até o dia em que levou os tiros na pista de corrida..."

"Se você quiser, nós temos as notícias de jornais... você sabe, com Boyle... e aquele jovem que foi ferido no rosto..."

Quando John Hinckley tentou matar Ronald Reagan, ele atingiu o presidente, James Brady, o agente do Serviço Secreto Tim McCarthy e o oficial de polícia Thomas Delahanty. Todos conhecemos James Brady. McCarthy e Delahanty tornaram-se responsáveis por Atividades Insignificantes. Exatamente como eu.

"Então, em quanto tempo você acha que pode reunir tudo isso?", pergunto.

Ela ofega ligeiramente no telefone. Foi a coisa mais próxima de um riso que consegui. "Deixe-me ver... catorze, quinze, dezesseis... você está provavelmente procurando algo em torno de trinta e cinco centímetros lineares — ou cerca... vamos dizer... de trinta e seis mil páginas."

"Trinta e seis mil páginas", repito, a minha própria voz baixando. O palheiro ficando trinta e cinco centímetros mais alto.

"Se você me contar um pouco mais sobre o que está procurando, provavelmente posso ajudá-lo a reduzir um pouco a busca..."

"De fato, há um par de coisas que estamos tentando conseguir o mais rápido possível. O presidente disse que havia outros pesquisadores trabalhando com a biblioteca. Você pode nos dizer que arquivos eles retiraram de maneira a não haver coincidência?"

"Certamente, mas... quando se trata de pedidos de outras pessoas, não podemos..."

"Kara... é Kara, não é?" pergunto, roubando um jeito de falar de Manning. "Kara, isto é para o presidente..." "Eu percebo, mas as regras..."

"Eu aprecio as regras. Realmente aprecio. Mas essas são pessoas que trabalham com o presidente. Estamos todos do mesmo lado, Kara", acrescento, tentando não suplicar. "E se você não

encontrar o que estou pedindo, então *eu* serei a pessoa que não conseguiu a lista para o presidente. Por favor, diga que você sabe o que isto significa. Eu preciso desse trabalho, Kara... mais do que pode imaginar."

Há uma longa pausa do outro lado da linha, mas, como qualquer bibliotecária, Kara é pragmática. Eu a ouço digitando do outro lado. "Quais são seus nomes?" pergunta ela.

"O último nome é *Weiss*, o primeiro *Eric*", digo, começando mais uma vez com o nome de Houdini que Boyle usava como código.

Há um clique alto quando ela bate na tecla *Enter*. Verifico minha porta pela terceira vez. Tudo em ordem.

"Temos dois Eric Weiss. Um fez pesquisa no primeiro ano em que abrimos. O outro fez uma requisição cerca de um ano e meio atrás, embora pareça ser uma informação pedida por uma criança que queria saber qual era o filme preferido do presidente..."

"*Todos os homens do presidente*", dizemos simultaneamente.

Ela ri de novo aquele riso arquejante. "Não acho que seja o seu pesquisador", acrescenta ela, finalmente mais calorosa.

"E o outro Weiss?"

"Como eu disse, ele é do primeiro ano em que abrimos... o endereço para correspondência é em Valência, Espanha..."

"É este!" deixo escapar, recuperando-me rapidamente.

"Certamente, parece que é", diz Kara. "Ele fez alguns pedidos semelhantes... alguns dos arquivos de Boyle... o programa do presidente no dia do tiroteio... A coisa estranha é que, de acordo com as anotações aqui, ele pagou pelas cópias — que foram caras, quase seiscentos dólares —, mas, quando elas foram enviadas, o pacote voltou para nós. De acordo com o registro, não havia ninguém morando naquele endereço."

Como uma foto na sala escura, as beiradas da foto lentamente ficam visíveis e culminam em um panorama. O FBI havia dito que Boyle fora localizado na Espanha. Se esta fora sua primeira requisição para a biblioteca, e depois ele fugira, talvez estivesse preocupado que algumas pessoas já tivessem descoberto seu nome... "Tente *Carl Stewart*", digo, mudando para o nome em código que Boyle usara no hotel da Malásia.

"Carl Stewart", repete Kara, digitando. "Sim... aqui vamos..."

"Você o conseguiu?"

"Como não conseguiria? Quase duzentas requisições durante os últimos três anos. Ele requisitou mais de doze mil páginas..."

"É... ele está se esmerando para incluir todos os detalhes", digo a ela, com cuidado para não perder o foco. "E só para ter certeza de que é ele mesmo, qual é o último endereço que você tem dele?"

"Em Londres... Está aos cuidados do correio em 92A Balham High Road. E o código de endereçamento postal é SW12

9AF."

"É este mesmo", digo, anotando-o, embora eu saiba que é o equivalente inglês de número de caixa postal. E, assim, insondável.

Antes que eu consiga dizer outra palavra, a porta do meu escritório se abre. "Ele está no *closet*", anuncia Claudia, referindo-se ao presidente. Eu temia isto. *Closet* era o seu código para banheiro — a última parada de Manning antes de sair para um evento. Se ele está realmente pronto — e ele sempre está —, esse é o aviso de que só tenho dois minutos.

"Então, você gostaria que eu lhe enviasse apenas uma lista do que mais ele requisitou?", pergunta a bibliotecária pelo telefone.

"Wes, você ouviu o que eu disse?", acrescenta Claudia.

Eu levanto um dedo para a chefe de equipe. "Sim, se você puder me enviar a lista, isto seria perfeito", digo para Kara.

Claudia bate em seu relógio e eu aceno para ela. "E se eu puder lhe pedir um último favor — o último documento que ele recebeu, quando lhe foi enviado?"

"Vamos ver... aqui diz quinze, então cerca de dez dias atrás", replica Kara.

Sento-me ereto, e a foto no quarto escuro começa a mostrar detalhes novos em folha. Desde que a biblioteca abriu, Boyle tem estado retirando documentos e pesquisando nos arquivos. Dez dias atrás requisitou o último — depois subitamente abandonou seu esconderijo. Eu não tenho muita informação, mas fica claro que conseguir aquele arquivo é a única maneira que ele tem de sair das sombras para a luz.

"O Serviço está se mobilizando", diz Claudia, olhando para o corredor e observando os agentes se reunirem na porta da frente do escritório.

Eu fico em pé e estendo o cordão do telefone até a cadeira onde o meu paletó está pendurado. Deslizando meu braço nele, pergunto para a bibliotecária: "Quanto tempo você levará para me enviar uma cópia do último documento que ele recebeu?"

"Vamos ver, ele saiu na semana passada, então ainda deve estar na mesa de Shelly... Espere aí, deixe-me verificar." Há uma breve pausa na linha.

Olho para Claudia. Não temos muitas regras, mas uma delas é nunca deixar o presidente esperando. "Não se preocupe... estou indo."

Ela olha por sobre seu ombro e lá para baixo. "Estou falando sério, Wes", ameaça. "Com quem você está falando?"

"Com a biblioteca. Apenas tentando obter a lista final dos chefes que estarão no evento hoje à noite."

No nosso escritório, quando o presidente se sente abandonado, com saudades de sua antiga vida, nós o surpreendemos telefonando para seus "ex": o ex-primeiro-ministro britânico, o ex-primeiro-ministro canadense, até para o ex-presidente francês. Mas a ajuda de que preciso está muito mais próxima que essa.

"Eu a consegui bem aqui. É apenas uma página", interrompe a bibliotecária. "Qual é o seu número de fax?"

Dizendo o número, eu luto para enfiar o outro braço na manga. As cabeças de metal do presidente e da primeira-dama balançam em minha lapela. "E você vai enviá-la agora?"

"Quando você quiser... é..."

Agora.

Desligo o telefone, agarro minha maleta de truques, e saio como uma flecha pela porta. "Apenas me diga quando Manning estiver chegando", digo para Claudia, enquanto passo por ela e corro para a sala de cópias diretamente ao lado do meu escritório.

"Wes, isto não é engraçado", diz ela, nitidamente aborrecida.

"Ele está chegando bem agora", minto, parado diante do nosso fax de segurança. Todo dia, às dezoito horas, o NID de Manning —

o Diário Nacional de Inteligência — chega por fax de segurança no mesmo horário. Enviado pela CIA, o NID

contém resumos, em um arranjo ordenado, de tópicos de inteligência delicados e que são o último cordão umbilical que todos os "ex" têm com a Casa Branca. Manning corre para pegá-lo como um gato atraído por um petisco.

"Wes, vá para a porta. Eu vou cuidar do fax."

Eu so...

"Eu disse vá para a porta. Agora."

Viro-me para encarar Claudia no exato momento em que o fax começa a aparecer. Seus lábios de fumante se enrugam, e ela parece furiosa — mais furiosa do que alguém deveria ficar acerca de um breve e tolo fax.

"Está bem", gaguejo. "Eu o peguei."

"Diabos, Wes..."

Antes que ela acabe a frase, o celular vibra no meu bolso.

"Dê-me apenas um segundo", digo para Claudia, enquanto verifico a identidade de quem está chamando. *Pessoa não reconhecida*. Não são muitas pessoas que têm esse número.

"Fala Wes", respondo.

"Não reaja. Apenas sorria e aja como se eu fosse um velho amigo", uma voz granulosa no receptor. Eu a reconheço instantaneamente.

Boyle.

25

"Belo quarto", disse O Romano, olhando para as paredes praticamente desguarnecidas, desbotadas pelo sol, que era o lar de Nico durante os últimos oito anos. Acima da mesinha de cabeceira havia um calendário grátis da Washington Redskins, a mercearia local. Acima da cama, um pequeno crucifixo. No teto, uma teia de aranha de gesso rachado completava a decoração do quarto. "Bem bonito", acrescentou o Romano, lembrando o quanto Nico progredia com reforço positivo.

"Ele é bonito", concordou Nico, com os olhos no assistente hospitalar enquanto ele saía do quarto.

"E você tem passado bem?" perguntou O Romano.

Mantendo as mãos ao redor de seu violino e abraçando-o como se fosse uma boneca, Nico não respondeu. Da maneira pela qual sua orelha estava erguida, ficava nítido que ele estava escutando o ranger da sola de borracha do assistente hospitalar que se tornava mais fraco contra o linóleo.

"Nico..."

"Espere..." interrompeu Nico, ainda escutando.

O Romano ficou em silêncio, incapaz de ouvir coisa alguma.

É claro, esta foi mais uma razão pela qual eles pegaram Nico naqueles anos atrás. O adulto médio ouve num nível de vinte e cinco decibéis. De acordo com os relatórios do exército, Nico era dotado com a capacidade de ouvir a dez decibéis.

Sua visão era ainda mais fantástica, medida oficialmente a 20/6.

Os supervisores de Nico no exército diziam que isso era um dom. Seus médicos diziam que era um fardo, sugerindo que a audição muito aumentada e o estímulo visual causavam sua

dessensibilização com a realidade. E O Romano... O Romano *sabia* que era uma oportunidade.

"Diga-me quando estivermos livres", sussurrou O Romano.

Quando o som desapareceu, Nico coçou seu nariz em forma de bulbo e estudou O Romano com cuidado, seus olhos cor de chocolate, muito próximos, movendo-se de um lado para o outro, olhando lenta e separadamente para o cabelo de seu visitante, o rosto, o sobretudo, sapatos, até mesmo sua maleta de couro. O Romano havia esquecido como ele era metódico.

"Você esqueceu um guarda-chuva", deixou escapar Nico.

O Romano passou a mão pelo seu cabelo levemente molhado. "É uma breve caminhada desde o estaciona..."

"Você trouxe uma arma", disse Nico, olhando para o coldre no tornozelo de Romano, que se sobressaía na perna de sua calça.

"Ela não está carregada", disse O Romano, lembrando que respostas curtas eram a melhor maneira de controlá-lo.

"Este não é o seu nome", interrompeu Nico de novo. Ele apontava para o cartão de identificação de visitante na lapela do Romano. "Eu conheço este nome."

O Romano nem se deu ao trabalho de olhar para baixo. Ele usara sua insígnia para passar pelos guardas, mas para a identificação dera, é claro, um nome falso. Só um louco poria o nome verdadeiro em uma lista que regularmente era enviada para seus supervisores no Serviço. Mesmo depois de todos os anos em que Nico estava ali, com todas as drogas que os médicos lhe enfiavam, ele era perspicaz.

Franco atirador treinado não fica embotado facilmente.

"Nomes são ficções", disse O Romano. "Especialmente os dos inimigos."

Ainda segurando apertado seu violino, Nico mal podia se conter. "Você é um dos Três." Pela excitação em sua voz, isto não era uma pergunta.

"Não vamos..."

"Você é o Um ou o Dois? Eu só falo com o Três. Ele era meu contato — comigo quando meu pai — quando ele morreu.

Ele disse que o resto de vocês era muito importante, e que o presidente era um d..." Nico mordeu os lábios, esforçando-se para conter-se. "Louvados sejam todos! Você viu a cruz na capela de tijolos?"

O Romano fez que sim, lembrando-se do que haviam dito para Nico anos atrás. Que ele deveria procurar os sinais. Que as estruturas físicas sempre tinham sido fontes de poder inexplicável. Os druidas e Stonehenge... as pirâmides do Egito... mesmo o Primeiro e o Segundo Templos de Salomão em Jerusalém. Os franco-maçons haviam passado anos estudando-os todos — cada um era uma maravilha arquitetônica que servia como uma porta para um grande milagre. Séculos depois, aquele conhecimento havia passado para o franco-maçom James Hoban, que projetara a Casa Branca, e o franco-maçom Gutzon Borglum, que esculpiu no Monte Rushmore.^[9] Mas, como também explicaram para Nico, algumas portas não foram feitas para serem abertas.

"Louvados sejam todos!" repetiu Nico. "Ele disse quando você chegou, a redenção..."

"A redenção virá", prometeu O Romano. "Como o Livro promete."

Pela primeira vez, Nico ficou silencioso. Ele colocou o violino no chão e curvou a cabeça.

"É isto, meu filho", disse O Romano, com um aceno de cabeça. "É claro, antes da redenção, vamos começar com uma breve..." — ele alcançou a cômoda e pegou um rosário com contas de vidro vermelhas — "... confissão."

Ajoelhando-se, Nico juntou as mãos e inclinou-se na lateral de seu colchão como uma criança na hora de ir para a cama.

O Romano não ficou surpreso. Nico fez a mesma coisa quando eles o descobriram no asilo. E durante quase dois dias inteiros depois do confronto com seu pai. "Haverá tempo para rezar mais tarde, Nico. Neste momento eu preciso que você me diga a verdade sobre uma coisa."

"Sempre digo a verdade, senhor."

"Eu sei que sim, Nico." O Romano sentou-se do lado oposto da cama e colocou as contas do rosário entre eles. O sol da tarde

refletia através dos prismas do vidro vermelho. Nico os estudava, fascinado. De sua maleta, O Romano tirou uma foto em preto-e-branco e a colocou entre eles sobre a cama.

"Agora, diga-me tudo o que você sabe sobre Wes Holloway."

[9] Enorme escultura no estado de Dakota do Sul. No Monte Rushmore estão esculpidos os bustos de quatro presidentes dos Estados Unidos: George Washington, Thomas Jefferson, Theodore Roosevelt e Abraham Lincoln. É uma das atrações turísticas mais conhecidas do mundo. (N. T.)

26

"Olá, como estão as coisas?" Digo no meu celular, enquanto Claudia me olha da porta da sala de cópias.

"Você sabe quem está falando?", pergunta Boyle do outro lado da linha. O seu tom é cortante, cada sílaba talhando como uma ponta de gelo. Ele está impaciente. E nitidamente irritado.

"É claro. É bom ouvir sua voz, Eric." Eu uso de propósito o seu antigo nome em código no lugar de *Carl Stewart*. Ele não precisa saber que eu descobri este outro.

"Você está sozinho?", pergunta ele, enquanto os lábios de Claudia se enrugam ainda mais e ela abaixa o queixo com um olhar que lança chamas.

"Claro, eu estou com a Claudia bem aqui..."

"Fique longe disso, Wes. Esta não é sua luta. Está me ouvindo? Não é a sua luta."

A linha fica muda. Boyle desaparecera. Ele desligou.

"Não, isto é ótimo", digo para a linha agora silenciosa. "Eu o vejo em breve." Eu não sou o maior mentiroso do mundo, mas ainda sou bom o bastante para convencer Claudia de que nada está errado.

"O que está errado?" pergunta ela.

"Era... era por parte de Manning. Ele disse que vai demorar mais alguns minutos..."

Seus olhos se estreitam, enquanto ela processa as notícias.

Atrás de mim, o fax recomeça a trabalhar fazendo barulho.

Dou um pulo ao ouvir o som, que me atinge como uma bala.

"O quê?" pergunta ela.

"Não, apenas... ele me assustou." Durante quase um ano depois do tiroteio, cada som alto que ouvia... mesmo cenas de ação em

filmes... os barulhos altos ecoavam como o ataque de Nico. Os médicos disseram que isto iria desaparecer com o tempo. E desapareceu. Até agora.

Conhecendo aquele olhar em meu rosto, Claudia faz uma pausa e fica mais suave, mas, como sempre, retorna a sua única prioridade. "Você já deveria estar fora daqui", diz ela.

"Eu vou... vou apenas pegar isto. Você sabe como ele gosta de saber os nomes", acrescento, tratando o assunto como algo benéfico para Manning. Só isso me dá alguns segundos a mais.

Quando me volto em direção ao fax, a página da frente já aparece. Então o fax já está na metade da página final.

Agarro o canto esquerdo da folha quando ela sai do fax, depois inclino a cabeça, esforçando-me para lê-la de cabeça para baixo. O canto superior diz *Washington Post*. Pelo que posso perceber, trata-se da seção humorística do jornal.

Hagar, o Terrível... depois Beetle Bailey aparece. Mas quando Beetle Bailey acaba, há algo escrito à mão no espaço aberto do segundo painel da tira cômica: linhas retas e desajeitadas em letra corrente como se tivessem sido escritas no painel de um carro em movimento. É quase ilegível para um olho destreinado. Felizmente meus olhos foram treinados durante anos. Eu conheço a caligrafia de Manning em qualquer lugar.

Governador Roche... M. Heatson, leio para mim mesmo.

A linha seguinte faz ainda menos sentido. *Anfitriã — Mary Angel*.

Roche é o ex-governador de Nova York, mas Heatson ou Mary Angel... não me faz lembrar de nada.

Quando o resto da página sai do fax, não há mais nada além da seção humorística, *Peanuts, Garfield e Blondie*.

Este era o final do enigma de Boyle? Olho de novo para a nota escrita à mão. *Governador Roche... M. Heatson... Anfitriã — Mary Angel*. Ainda não significam nada.

"Wes, ele está aqui", grita Claudia, desaparecendo no corredor.

"Estou indo", digo, enquanto as linhas finais de Beetle Bailey saem do fax. Quando me viro para sair, a página cai ao chão.

Parando para pegá-la, dou uma olhada na linha que mostra o *Número de Páginas*. Para a minha surpresa, ela mostra 3.

O fax começa a trabalhar de novo, e uma página final desliza em minha direção. A bibliotecária havia dito uma folha. E é uma folha... dos dois lados. Frente e verso.

Inclino-me para o fax e tento ler o documento à medida que cada linha é impressa na página com tinta fresca. Como a página humorística, esta tem o tom levemente cinzento de uma fotocópia recém-impressa preenchida com mais caligrafia do presidente. Mas, quando tento lê-la para mim mesmo, a cena no quarto escuro fica superexposta, mais obscurecida do que nunca.

"Wes...", chama da porta da frente o presidente.

"Estou a caminho", digo, pegando minha maleta, arrancando a folha do fax e correndo rapidamente pelo corredor. Dou mais uma olhada na página antes de enfiá-la no bolso do paletó. Isto não faz sentido. Que diabos Boyle poderia fazer com *isto*?

27

"Ele é aquele em quem atirei, não é?" sussurrou Nico, olhando para uma foto recente de Wes. "O inocente."

"Em toda guerra há inocentes", disse O Romano. "Mas o que preciso saber é..."

"Ele está mais velho..."

"Passaram-se anos, Nico. É claro, ele está mais velho." Nico puxou a foto para mais perto de si. "Eu o arruinei, não é? Ele está arruinado agora." "Perdão?"

"Nos seus olhos", replicou Nico, focalizando cada pedacinho da foto. "Eu já vi esse olhar... na batalha... garotos na batalha têm esse olhar."

"Tenho certeza de que eles têm", disse O Romano, apanhando a foto e esforçando-se por manter Nico no trilho.

"Mas preciso que você me diga se..."

"Nós os liberamos das tarefas quando eles têm esse olhar", disse Nico quase orgulhosamente. "Eles perdem a causa de vista."

"Exatamente. Eles perdem a causa de vista. Vamos focalizar isto." Batendo na foto de Wes, O Romano acrescentou: "Lembra-se do que ele disse sobre você? Na audiência, alguns anos atrás?"

Nico permaneceu silencioso.

"Do que mesmo ele o chamou? Um selvagem?"

"Um monstro", resmungou Nico.

O Romano sacudiu a cabeça, bem ciente da descrição de Wes. Mas, como em qualquer interrogatório, a chave era ocultar as grandes perguntas. "E essa foi a última vez que ouviu falar dele?", perguntou O Romano.

"Ele me censura. Recusa-se a perceber que salvei a todos."

O Romano observava Nico com cuidado, agora convencido de que Wes não manteve contato. É claro, essa era apenas uma parte da razão dessa visita. "Falando nisso, você pensa em Boyle?"

Nico ergueu o olhar, os olhos furiosos apenas por um minuto, depois calmos. O ódio desapareceu quase instantaneamente. Graças aos médicos, ele finalmente aprendeu a enterrá-lo. "Nunca", disse Nico.

"Absolutamente nada?"

"Nunca", repetiu Nico, com a voz baixa e controlada. Ele passara oito anos aperfeiçoando sua resposta.

"Está bem, Nico. Você está a salvo agora, então..."

"Eu não penso nele. Eu não", insistiu ele, ainda sobre os joelhos e olhando direto para o vermelho ardente do rosário. "O que aconteceu a... ele... ele..." Engolindo com dificuldade, Nico pegou as contas, depois parou. "Ele me colocou aqui. Ele..."

"Você pode dizer o nome dele, Nico."

Nico sacudiu a cabeça, ainda olhando para as contas.

"Nomes são ficções. Ele... Máscaras para o demônio." Sem aviso, o braço de Nico se estendeu, agarrando as contas do rosário do centro da cama. Levou-as ao peito, o polegar passando furiosamente de conta em conta, incluindo a pequena gravura de Maria que havia no rosário.

"Nico, acalme-se..."

"Apenas Deus é verdade."

"Eu compreendo, mas..."

"Deus é verdade!" explodiu ele, passando pelas contas mais rápido do que nunca. Virando-se para o outro lado, Nico balançou para a frente e para trás... lentamente, depois mais depressa. Agarrando cada conta, uma por uma. Os ombros se curvavam a cada balanço, e seu corpo se curvava cada vez mais baixo, praticamente formando uma bola ao lado da cama. Ele continuava tentando falar, depois abruptamente se interrompeu. O Romano já havia visto isso antes. A batalha interior. Sem aviso. Nico olhou por sobre o ombro. O Romano não precisou de uma visão 20/6 para perceber as lágrimas em seus olhos.

"Você está aqui para redimir-me?", Nico soluçava.

O Romano gelou, fingindo que tudo aquilo só dizia respeito a Boyle... e dizia, mas...

"É claro", disse O Romano, enquanto ia até o outro lado da cama. Colocando uma mão sobre o ombro de Nico, ele pegou o violino do chão. O Romano lera o bastante do arquivo médico para saber que esse ainda era o objeto que mais ajudava Nico a mudar seu estado. "É por isto que estou aqui", prometeu ele, enquanto Nico abraçava o seu violino.

"Para a redenção?", perguntou Nico pela segunda vez.

"Para a salvação."

Nico abriu um sorriso, e as contas vermelhas caíram ao solo.

Pela maneira como Nico estudava o violino com os olhos semicerrados, O Romano sabia que ele tinha alguns momentos de calma. Era melhor fazer tudo rápido.

"Em nome dos Três , eu estou aqui para a sua purificação... e para ter certeza de que quando se trata de Boy... Quando se chega à Besta, que sua influência não é mais sentida pelo seu espírito."

"O que aumenta nossa fé... O que fortalece nossa esperança... O que aperfeiçoa nosso amor", começou Nico a rezar.

"Então vamos começar", disse O Romano. "Qual é a última lembrança que você tem dele?"

"Na Revolta", começou Nico. "Sua mão levantada com o V da vitória... envaidecendo-se diante da multidão com seus dentes brancos brilhantes. Depois a raiva em seus olhos quando puxei aquele gatilho — ele não sabia que tinha sido atingido. Ele estava furioso... *enraivecido* quando rangeu os dentes. Essa foi a sua primeira reação, mesmo diante da morte. Ódio e raiva. Até ele olhar para baixo e perceber seu próprio sangue."

"E você o viu cair?"

"Dois tiros no coração, um na mão quando eles me abaixaram. Cortei seu pescoço também. Ouvei-o gritando enquanto me agarravam. Gritando por sua vida.

Suplicando... mesmo no meio dos berros... por sua vida. *Eu... alguém me ajude...* E depois os gritos pararam. E ele riu. Eu ouço coisas. Eu podia ouvi-las. Em meio ao seu próprio sangue. Boyle estava rindo."

O Romano passou a língua pelos dentes. Sem dúvida, isso era verdade. Rindo durante todo o caminho para a liberdade. "E desde então?", perguntou ele, escolhendo cada palavra com cuidado. Apesar do risco, ele precisava saber se Boyle estivera ali. "Ele apareceu recentemente?"

Nico parou, erguendo o olhar do violino. "Apareceu?"

"Em... em seus sonhos."

"Nunca em meus sonhos. Sua ameaça parou quando..." "E em qualquer outro lugar, em visões ou...?" "Visões?"

"Não em visões... você sabe, como..."

"Seu poder é tão grande?" interrompeu Nico.

"Não, mas nós..."

"Para ser capaz de fazer isto... chamar de detrás das cinzas..."

"Não existe esse poder", insistiu O Romano, tocando de novo no ombro de Nico.

Saindo rápido para trás, Nico afastou-se da mão do Romano.

Suas costas bateram no aquecedor e o violino caiu de novo ao chão. "Para a Besta se levantar..."

"Eu nunca disse isso."

"Você não negou!", disse Nico, com os olhos movendo-se de um lado para o outro, completamente em pânico. Agarrando firmemente os punhos, ele girou as mãos de maneira selvagem, como se não pudesse controlar seus movimentos.

"Mas para ele estar vivo... o Grande Sofrimento dura sete anos — meu tempo ausente — seguido pela ressurreição do morto..."

O Romano deu um passo atrás, gelado.

"Você também acredita nisso", disse Nico.

"Isto não é verdade."

"Eu ouço sua voz. O tremor! Eu estou certo, não estou?"

"Nico..."

"Ele está! Com a ressurreição... A Besta vive!" Eu nunca...

"Ela vive! Meu Deus, meu Senhor, ela vive!" Nico gritava, ainda de joelhos, quando se voltou para a janela à prova de estilhaçamento, gritando para o céu.

O Romano temia que se chegasse a essa situação.

Procurando dentro do bolso de sua jaqueta, ele tirou o celular, um modelo antigo, grosso. Com um aperto de seu polegar, ele abriu a parte de trás do celular e revelou um compartimento de chumbo que continha uma pequena seringa e uma lâmina de barbear solta. Sua identidade falsa e a insígnia do Serviço Secreto lhe permitiam trazer a arma que estava enfiada no coldre em seu tornozelo, mas seringas e lâminas? Não em um hospital psiquiátrico.

"Nico, está na hora de acalmar-se", disse ele, enquanto deslizava a seringa entre o indicador e o dedo do meio. O fentanil o derrubaria facilmente, mas ele tinha trazido a lâmina para fazer parecer que era um suicídio.

"V-Você vai me atacar?", perguntou Nico, quando se virou e viu a agulha. Os olhos se tornaram cinza-escuros e suas narinas dilataram-se. "Ele o enviou!", gritou Nico, espremendo-se contra o aquecedor e preso no canto. "Você é um deles!"

"Nico, eu estou com você", confortou O Romano, enquanto se aproximava. Não havia prazer em abater um animal. "Isto é apenas para acalmá-lo", acrescentou ele, sabendo que não tinha escolha. Abandonar um corpo certamente levantaria perguntas, mas não seria tão ruim como deixar Nico gritando, durante o mês seguinte, que Os Três existiam e que Boyle ainda estava vivo.

Os olhos de Nico se estreitaram, focalizando a arma no coldre que estava no tornozelo. Como se ele tivesse descoberto um velho amigo.

"Não pense nisso, Nico. Você não pode..."

A porta se abriu, batendo contra a parede. "Que gritaria toda é essa...? Que diabos você acha que está fazendo?!", perguntou uma voz profunda.

O Romano olhou para trás à tempo de ver dois assistentes entrando inesperadamente no quarto. Isso era o que Nico precisava.

Como uma cobra desenroscando-se, Nico pulou até as pernas do Romano. Sua mão direita agarrou a rótula do joelho do outro, girando-a como uma tampa de garrafa. A mão esquerda foi direto para a arma no coldre do tornozelo.

"Aaaaah!" berrou O Romano, desabando no chão. Mesmo antes do impacto, Nico estava arrancando a arma do coldre.

"Nico, não..." ameaçou o assistente com o brinco na orelha.

Já era muito tarde. Como um pintor virtuoso com seu pincel há muito perdido, Nico sorriu quando a arma deslizou na palma de sua mão. Ainda de joelhos, ele estendeu ligeiramente a mão, deixando a arma oscilar sob seu controle. "Construída com silenciador... nem o cano nem a empunhadura pesados", disse ele para O Romano, que ainda estava se contorcendo no chão. "Belo trabalho", acrescentou, com um grande piscar de olhos enquanto sorria para os assistentes.

"Nico...!"

Quatro tiros abafados assobiaram. Os dois assistentes gritaram. Os primeiros tiros furaram suas mãos. Assim como havia feito com seu pai. E com Boyle. Os estigmas de Cristo.

Para lhes mostrar a dor de Jesus. Os dois bateram com força contra a parede antes mesmo de perceber as duas balas finais que se alojaram em seus corações.

Ficando em pé, Nico nem observou quando os assistentes caíram ao chão, deixando listras vermelhas paralelas na parede branca. Girando, ele apontou a arma para O Romano, que estava de costas, apertando algo em seu peito. O tiro seria rápido e fácil, mas, quando o dedo de Nico ia apertar o gatilho...

"Homem de Deus!", gritou O Romano, levantando o rosário de contas de vidro vermelho. Elas dependuraram-se em seu punho, balançando como um relógio de bolso de um hipnotizador. "Você sabe disso, Nico. O que quer que você pense... Nunca mate um homem de Deus."

Nico parou, enfeitiçado pelo rosário que balançava na luz esmaecida. As contas continuavam a oscilar, no mesmo ritmo que a respiração rápida do Romano. O suor acumulou-se no lábio do Romano. Olhando para cima, do chão onde se encontrava, ele podia enxergar direto dentro do cano da arma. Nico não fazia contato visual. Nem mesmo se daria conta de que ele estava ali. Perdido nas contas do rosário, Nico procurava uma resposta, sem mover a arma. Sua testa se enrugava e se desenrugava para enrugar-se de

novo, como se ele estivesse lançando uma moeda para cima dentro de sua própria cabeça. E então a moeda aterrissou.

Nico puxou o gatilho.

O Romano fechou os olhos quando um único tiro assobiou. A bala atravessou sua mão esquerda vazia, bem no centro da palma. Antes que ele pudesse sentir, o sangue começou a sair de sua mão e escorrer pelo punho em direção ao cotovelo.

"Onde ele está!?", perguntou Nico.

"E-Eu vou matá-lo por causa disto", berrou O Romano.

"Uma outra mentira." Virando-se ligeiramente à direita, Nico apontou para a outra mão do Romano. "Depois de tudo o que você prometeu... vir até mim agora e protegê-lo. Que poder a Besta tem sobre você?"

"Nico, pare!"

Sem hesitar, Nico puxou para trás o cão da arma. "Responda a minha pergunta. Onde ele está?" "E-Eu não tenho idé..."

"Por favor, mova o rosário", pediu Nico gentilmente, apontando para as contas, que estavam abaixadas na altura da perna do Romano. Quando O Romano as pegou, Nico apertou o gatilho e um segundo tiro abafado atravessou o ar, fazendo um furo no pé do Romano. Os dois ferimentos queimavam como agulhas grossas torcendo-se através de sua pele. Ele rangeu os dentes e segurou a respiração, esperando passar a dor aguda inicial. Tudo o que ele fazia piorava as coisas. "Uuuuuhhh!" gritou.

"Onde... está... Boyle?" perguntou Nico.

"Se... se eu soubesse você acha que eu viria aqui?"

Nico ficou em silêncio por um momento, processando o pensamento. "Mas você o viu?"

O Romano sacudiu a cabeça, ainda lutando contra a dor. Ele podia sentir o pé inchando, preenchendo o sapato.

"Outra pessoa o viu?", perguntou Nico.

O Romano não respondeu. Nico o observava com atenção, inclinando ligeiramente a orelha na direção dele.

"A sua respiração está começando a se acelerar. Espero que você não tenha um derrame", disse Nico.

O Romano desviou o olhar da cama. Nico olhou direto para ela.

Na coberta, perto da extremidade, estava a fotografia em preto-e-branco de Wes. "Ele?" perguntou Nico, pegando a foto. "É este...? Foi por isso que você perguntou sobre ele, não é? Aquele que arruinei... foi ele quem viu a Besta."

"Tudo o que fez foi ver..."

"Mas para se comunicar... para estar pactuado com a Besta. Wes é corrupto agora, não é? Profanado. É por isso que o ricochete..." Nico assentiu rapidamente. "É claro! É por isso que Deus enviou a bala na direção dele. Não é coincidência.

Destino. Vontade de Deus. Para abater Wes. E o que Deus começou..." Os olhos de Nico se estreitaram ao olhar a foto.

"Vou fazê-lo sangrar de novo. Eu o deixei escapar, mas vejo agora... no Livro. Wes sangrando."

Erguendo o olhar da foto, Nico levantou a arma e apontou para a cabeça do Romano. Da janela acima do aquecedor, a vidraça lançava a densa sombra de uma cruz diretamente no rosto do Romano.

"A clemência de Deus", sussurrou Nico, abaixando a arma, voltando as costas para O Romano e olhando para a janela grande à prova de estilhaçamento. O silenciador da arma era bom, mas a segurança logo estaria ali. Ele não parou nem por um segundo. Tinha tido oito anos para pensar nesse momento. *À prova de estilhaçamento*. Não à prova de bala.

Dois tiros mais saíram da arma, perfurando o canto esquerdo e o direito do vidro, explodindo a base da janela.

Ainda no chão, O Romano tirou a gravata para fazer um torniquete para o pé. Um punho apertado aliviou a dor em sua mão. O sangue já enchia seu sapato, e a batida de seu coração parecia que golpeava seu braço e sua perna. Uns poucos passos adiante ele ouviu o som monótono de uma bola de boliche, depois a ruptura do vidro. Olhou para cima a tempo de ver Nico batendo com o pé contra o furo no canto esquerdo da janela. De acordo com o seu nome, o vidro não estilhaçaria, mas ele cederia, estourando como um plástico de bolhas enquanto os pequenos fragmentos lutavam para permanecer juntos como uma folha plástica quase flexível. Agora Nico conseguira uma abertura.

Lambendo os lábios, ele pôs o pé contra o vidro e agarrou o aquecedor para que este funcionasse como alavanca. Com um outro empurrão, um pedaço, do tamanho de um punho grande, da janela verde-mar quebrou separando-se do resto.

Ele empurrou de novo. E de novo. Quase conseguindo.

Houve um pequeno rompimento e um som agudo de miado de gato quando a janela lentamente levantou-se para fora e para cima como um velho papel de parede. Depois um som surdo final e — nada.

O Romano olhou para cima quando uma rajada de ar frio atingiu seu rosto.

Nico já tinha desaparecido.

Arrastando-se até a janela, O Romano agarrou a parte de cima do aquecedor e içou-se. Dois andares abaixo, ele percebeu a pequena marca na neve, que havia amortecido a queda de Nico. Pensando em persegui-lo, ele deu uma outra olhada na altura e sentiu o sangue vazando pela meia. *Sem chance*, disse para si mesmo. Ele mal podia ficar em pé agora.

Esticando o pescoço para fora da janela e seguindo as pegadas — a partir da marca na neve, através da neve parcialmente derretida, ao longo do caminho dos funcionários —, ele logo avistou Nico: seu pulôver criava um ponto marrom destacando-se na camada branca brilhante de neve. Nico não olhou para trás.

Depois de alguns segundos, a mancha marrom desbotada de Nico ganhou uma pequena mancha de preto quando ele levantou a arma e apontou-a para o declive. Do ângulo da janela em que estava, O Romano não podia ver qual era o alvo de Nico. Havia um guarda no portão, mas isto era cerca de quinhentos metros à frente...

Um psst sussurrado e um fio de fumaça saíram do cano da arma. Bem ali, Nico diminuiu seus passos para um andar calmo, quase relaxado. O Romano não precisava ver o corpo para saber que havia sido um outro tiro direto.

Enfiando a arma na algibeira de seu pulôver, Nico parecia um homem sem preocupação no mundo. Como se estivesse passeando, passou pela antiga construção do exército, passou pelas sepulturas,

passou pelos cornisos sem folhas — quando sumiu de vista — diretamente para fora do portão da entrada.

Mancando em direção à porta, O Romano pegou a seringa e a lâmina do chão.

"Vocês estão bem?", perguntou uma voz de mulher através de um aparelho portátil transmissor e receptor dos assistentes. "Tudo bem", murmurou ele no aparelho.

Levando-o consigo, ele virou-se e deu uma olhada final no quarto. Foi só naquele momento que se deu conta de que Nico havia também levado a foto em preto-e-branco de Wes.

Wes sangrando.

28

"Por aqui", eu digo, enquanto seguro o braço da senhora idosa com o cabelo loiro arrumado em grande coque no alto da cabeça e escolto ela e seu marido em direção ao presidente Manning e à primeira-dama, que estão diante de um buquê de flores do tamanho de uma pequena carruagem.

Encerrado naquela pequena antessala no fundo do Kravis Center para Artes Dramáticas e Musicais, o presidente olha em minha direção, nunca perdendo o sorriso. Esse é o sinal de que eu preciso. Ele não tem ideia de quem eles sejam.

Eu lhe dou de bandeja. "Senhor presidente, lembra-se dos Talbot..." "George... Leonor..." A primeira-dama interrompe, apertando as mãos e trocando beijos no ar. Trinta e quatro livros, cinco biografias não autorizadas e dois filmes de TV afirmaram que ela é a melhor política da família. E a prova está ali. "E como está Lauren?" pergunta ela, lembrando também do nome da filha deles. É quando fico impressionado. Os Talbot não são doadores de longa data.

Eles são os melhores amigos da NMA — novos melhores amigos —, que é como chamamos os grupos ricos que se ligaram aos Manning *depois* que eles deixaram a Casa Branca. Os velhos amigos gostavam do poder; os novos amigos gostam da fama.

"Estávamos pensando que vocês são formidáveis", diz com arroubo a senhora Talbot com os olhos apenas na primeira-dama. Isso nunca aborreceu Manning. A dra. primeira-dama sempre foi uma parte de seu pacote político — e, graças aos seus antecedentes científicos, a melhor em analisar os números das pesquisas de opinião pública, o que fazia com que alguns dissessem que ela ficou ainda mais deprimida do que o presidente quando

tiveram de entregar as chaves da Casa Branca. No entanto, como alguém que estava com o presidente no dia em que voltou para sua casa na Flórida, e quando deu o último telefonema para o Força Aérea Um, e demorou na linha o tempo suficiente para dizer seu último adeus ao operador de telefone, eu não posso senão discordar. Manning, que tinha um camareiro que usava um bip apenas para lhe trazer um café, teve de carregar as próprias malas de viagem para a sua garagem. Não se pode prescindir de todo aquele poder sem um certo sofrimento.

"Por que me sinto como arenque picado de repente?", pergunta Manning.

"O que você quer dizer com *de repente*?" pergunta a primeira-dama, enquanto todos riem na recepção social. É o tipo de piada que será repetida durante toda a temporada social, transformando os Talbot em grandes estrelas de reuniões sociais, e assegurando simultaneamente que a sociedade de Palm Beach continue a vir a essas festas de caridade de mil dólares por prato.

"No três", avisa o fotógrafo, enquanto eu coloco à força os Talbot entre os Manning. "Um... dois..."

O flash estoura, eu corro de volta para a fila de pessoas importantes para escoltar pelo cotovelo o doador seguinte.

Manning parece exatamente o mesmo.

"Senhor presidente, lembra-se de Liz Westbrook..."

Na Casa Branca, chamávamos isso de *puxa/empurra*. Eu *puxo* a senhora Westbrook em direção ao presidente, que *empurra* os Talbot para fora do caminho, obrigando-os a parar de olhar estupidamente e lhes dizer adeus.

Comportando-nos desse jeito, isso funciona perfeitamente — até que alguém me puxa por trás.

"Você está tentando o *puxa/empurra* comigo? Eu o *inventei!*", uma voz familiar me fala, enquanto *o flash* estoura. Enquanto eu viro para a fila de recepção, Dreidel já está a meio caminho do presidente com um amplo sorriso no rosto.

Manning se ilumina como se estivesse vendo seu filho favorito. Eu sei o bastante para não me intrometer. "Meu garoto!", diz

Manning, abraçando Dreidel. Eu ainda recebo apenas um aperto de mão. Dreidel ganha um abraço.

"Nós queríamos que fosse surpresa", digo, disparando um olhar para Dreidel.

Atrás dele, a fila de pessoas importantes não está mais se movendo. Por cima do ombro do presidente, a primeira-dama olha para mim. Eu me abstenho de tomar parte nisso dessa vez.

"Senhor... nós deveríamos realmente..."

"Espero que você fique para o evento", interrompe Manning, enquanto recua para perto da esposa.

"Certamente, senhor", diz Dreidel.

"Senhor presidente, lembra-se dos Lindzon", digo, puxando o conjunto seguinte de doadores para perto dele. Manning finge um sorriso e me lança um olhar. Eu lhe prometi que seriam apenas cinquenta cliques hoje à noite. Ele está nitidamente contando. Essa é a foto-lembrança número 58.

Quando eu me dirijo para a fila de recepção, Dreidel vai até lá comigo.

"Você já passou quantos cliques?", pergunta Dreidel.

"Oito", sussurro. "O que aconteceu com o seu levantamento de fundos?"

"Era um coquetel. Terminamos cedo, então achei que podia vir dizer um olá. O que aconteceu com a colunista de mexericos?"

"Deu tudo certo."

Um *flash* estoura, e eu agarro o braço da próxima pessoa importante, uma mulher gorda em um terninho vermelho.

Voltando à sua velha forma, Dreidel coloca uma mão no ombro do marido dela e o conduz para a frente.

"Senhor presidente, lembra-se de Stan Joseph?" anuncio, quando me afasto dele para o clique número 59.

Sussurrando para Dreidel, eu acrescento: "Eu também consegui o endereço de Boyle em Londres e a última requisição que fez para a biblioteca".

Dreidel apressa-se quando um outro *flash* explode. Ele está meio passo adiante. Acha que não percebo. "Então, o que havia na página final?", pergunta ele suavemente.

Quando eu me volto para as pessoas importantes, há apenas uma na fila. Um clique a mais. Mas, quando vejo quem é, minha garganta se fecha.

"O que é?" pergunta Dreidel, percebendo minha expressão.

Paro bem na frente da última pessoa importante, uma jovem de cabelos ruivos em um modesto terninho preto. Dreidel está para colocar a mão em seu cotovelo e escoltá-la. Ela o afasta e coloca uma mão em seu ombro. "Exatamente as pessoas que eu estava procurando", diz ela orgulhosamente.

"Lisbeth Dodson, *Palm Beach Post*. Você deve ser Dreidel."

29

Mclean, Virginia

Mancando em direção à gelada entrada para carros e mantendo o punho contra o peito, O Romano olhou para as janelas da frente do reboco colonial clássico com a placa *À venda* no pátio da frente. Embora as luzes estivessem apagadas, isto não o fez diminuir a marcha. Depois de ocultar seu ferimento — colocando o pé que estava sangrando em um dos velhos sapatos de Nico —, ele mostrou a insígnia para sair do hospital e rapidamente deu um telefonema. Ele sabia que Benjamin estava em casa.

Com segurança, quando alcançou a lateral da casa, ele agarrou o corrimão de metal gelado e mancou ao descer uma curta escada de cimento. Ao final, ele chegou a uma porta com uma luz fraca aparecendo pelo vão de baixo.

Numa pequena placa acima da campainha lia-se: *Somente com hora marcada*. O Romano não tinha hora marcada. Ele tinha algo muito mais valioso.

"Les?" chamou ele, quase não conseguindo ficar em pé.

Encostando-se no batente da porta, ele não conseguia sentir a mão esquerda que ainda estava dentro da mesma luva encharcada que o ajudara a escondê-la no hospital. Deixara de sentir o pé quase uma hora antes.

"Estou indo", disse uma voz abafada, no interior. Quando os pinos da fechadura giraram, a porta se abriu, revelando um homem com cabelos emaranhados e óculos bifocais equilibrados em um nariz roliço. "Muito bem, o que você fez desta ve...? Oh, Jesus, isso é sangue?"

"E-Eu preciso..."

Antes que pudesse terminar, O Romano desmaiou, caindo para a frente pelo vão da porta. Como sempre, o dr. Les Benjamin agarrou-o. Era para isso que serviam os cunhados.

30

"Senhor presidente, lembra-se da senhorita Dodson... colunista do *Palm Beach Post*"? Disse Wes sem se envolver.

"Lisbeth", insistiu ela, estendendo a mão e esperando esclarecer as coisas. Ela lançou uma olhadela para Wes, que já estava branco-pálido.

"Lisbeth, não vou esquecer seu nome", prometeu Manning.

"Mesmo que eu não conheça os doadores, apenas um louco não se lembraria da imprensa."

"Aprecio isso, senhor", disse Lisbeth, acreditando em cada palavra, mesmo que dissesse a si mesma para não fazê-lo. *Eu poderia ser mais patética?* Perguntou a si mesma, lutando contra um estranho desejo de fazer reverência. Regra Sagrada Número 7: os presidentes mentem melhor.

"Encantada em encontrá-lo de novo, senhor."

"Essa é Lisbeth?", perguntou a primeira-dama, sabendo a resposta enquanto se aproximava para um abraço e beijos.

"Oh, saiba que eu adoro a sua coluna", falou ela efusivamente. "Exceto aquela vez em que você publicou uma lista mostrando quanto Lee estava dando de gorjeta para garçonetes locais. Aquela quase me fez tirar você de nossa lista de convidados."

"A senhora, de fato, me tirou", lembrou Lisbeth.

"Apenas por duas semanas. A vida é muito curta para guardar rancor."

Apreciando a honestidade, Lisbeth não pôde deixar de sorrir. "A senhora é uma mulher inteligente, doutora Manning."

"Querida, nós somos pessoas que deveriam captar as boas graças de alguém como você — embora eu queira dizer que você pode fazer coisas melhores do que escrever pequenas sátiras tolas

sobre as gorjetas que as pessoas dão, o que, vamos admitir, está abaixo de você." Dando um tapinha no braço de seu marido, ela acrescentou: "Lee, dê para a moça uma bela declaração sobre a pesquisa da fibrose cística, de modo que ela possa fazer seu trabalho".

"Na verdade", começou Lisbeth, "eu só estou aqui..."

"Deveríamos ir para o palco, senhor", interrompeu Wes.

"... para encontrar os homens que são seus braços direitos", acrescentou Lisbeth, apontando para Dreidel e Wes. "Estou fazendo um artigo sobre lealdade. Pensei que talvez pudesse conseguir suas declarações e transformá-los em celebridades."

"Bom, você *deveria*", disse o presidente, colocando o braço ao redor de Dreidel. "Este está concorrendo para o Senado.

E se eu ainda tenho faro... ele tem calibre para vice-presidente." O presidente fez uma pausa para esperar que Lisbeth anotasse.

Puxando um bloco de anotações de sua abarrotada bolsa preta, Lisbeth pegou a deixa e fez de conta que escrevia. Por cima de seu ombro, podia sentir a agitação de Wes.

"Não se preocupe", disse Lisbeth a Manning. "Vou pegar de leve com eles."

"Senhor presidente", anunciou uma gutural voz feminina, todos se voltam para a mulher de meia-idade em seu traje feito por modista e com um penteado elaborado. Como presidente honorária da Fundação para a Fibrose Cística, Myrna Opal bateu em seu relógio de diamante Chopard, determinada a manter a programação no horário. "Acho que estamos prontos, senhor."

No instante em que o presidente deu o primeiro passo em direção à porta do palco, Wes colocou-se ao seu lado. "Wes, estou bem." Eu sei, mas e...

"... menos do que dez passos até a porta. Vou conseguir. E Dreidel, espero que esteja em minha mesa mais tarde."

Ele diz as palavras enquanto olha para Wes. Na Casa Branca, eles costumavam seguir a etiqueta e assegurar que o presidente se sentasse sempre perto de quem ele precisasse estar. Durante quatro anos, ele não escolheu seus companheiros de mesa. Atualmente, ele não se preocupava mais com favores políticos. Essa

era a única vantagem que ganhara ao perder a Casa Branca. O presidente podia finalmente se sentar perto das pessoas de que gostava.

"Reserve um espaço para colocar amanhã em sua coluna essas bondosas pessoas que auxiliam a fundação", acrescentou a primeira-dama, virando-se para Lisbeth.

"Sim, senhora", disse Lisbeth sem pensar, não desviando o olhar de Wes. Ele tinha estado ao lado dos melhores políticos por quase uma década, mas ainda era um novato quando se tratava de esconder suas próprias emoções.

Narinas dilatadas... punhos cerrados... o quer que estivesse escondendo, estava devorando-o vivo.

"Por aqui, senhor", disse um dos dois agentes de segurança, conduzindo o presidente e a primeira-dama para a porta do palco. Como um camundongo atrás do filhote de pombo, a presidente honorária, a encarregada de relações públicas, a pessoa responsável pelo levantamento de fundos, o fotógrafo e as pessoas importantes que restavam, todos se alinharam atrás deles, um séquito instantâneo que absorveu a atenção de todas as pessoas que perambulavam pela sala.

Quando a porta se fechou atrás deles, a quietude era opressiva. Para surpresa de Lisbeth, Wes não foi o único a permanecer ali. Dreidel ficou ao lado dele com um sorriso caloroso no rosto.

"Venham... sentem-se", ofereceu Dreidel, apontando para três cadeiras vazias diante da mesa redonda e coberta com uma toalha, que fora utilizada como escrivaninha para a inscrição. Lisbeth ficou grata, mas não se deixou enganar. O medo sempre se protegia atrás de gentileza. E se o habilidoso futuro senador do estado estava ansioso, sua história B+ tornava-se um A-.

"Estão, como está o planejamento da festa de aniversário de Manning?" perguntou ela, puxando uma cadeira para perto da mesa.

"A... o quê?" perguntou Dreidel.

"Para o aniversário de Manning", insistiu Wes. "O nosso encontro desta manhã..."

"Oh, foi genial", sustentou Dreidel, ajeitando os cabelos e ajustando os óculos com aro de metal. "Eu pensei que estivesse perguntando sobre meu levantamento de fundos."

"Já decidiram quando vão fazê-la?" perguntou ela.

"Ainda estamos decidindo", disseram Wes e Dreidel ao mesmo tempo.

Lisbeth aquiesceu. Esses rapazes foram treinados pela Casa Branca. Não iriam cair com truques fáceis. Era melhor ir devagar. "Ora, não ouviram o que disse a primeira-dama?", perguntou ela. "*Adora a coluna*. Não estou aqui para beber o sangue de vocês."

"Então por que trouxe a sua taça?", perguntou Dreidel, apontando com o queixo para o bloco de anotações.

"É isto que o assusta? E se eu o colocar de volta no coldre?", disse ela, procurando debaixo de sua cadeira e enfiando o bloco e a caneta de volta na bolsa. Ainda inclinada, ela ergueu o olhar, esforçando-se em manter contato visual.

"Está melhor assim?", perguntou.

"Eu estava brincado", disse Dreidel, obviamente se saindo bem. Sem dúvida, era o seu segredo que eles estavam escondendo.

"Ouçam, companheiros", suplicou Lisbeth. "Antes que vocês fiquem... Diabos, me desculpem por um instante..."

Procurando no bolso de sua jaqueta preta, Lisbeth retirou o celular e apertou o botão de *Receber*. "Ei, Vincent... Sim, eu apenas... Oh, você está brincando. Espere aí, dê-me um segundo", disse ela ao interlocutor. Virando-se para Wes e Dreidel, ela acrescentou: "Sinto muito, tenho de receber essa notícia... levará só um minuto". Antes que qualquer um dos dois pudesse reagir, Lisbeth saiu da cadeira e correu em direção à porta principal. "Tomem conta da minha bolsa!", gritou ela, empurrando a porta com o ombro e atravessando o saguão ornamentado com candelabros do Kravis Center.

Segurando seu celular com firmeza, ela o levou à orelha. Mas as únicas coisas que ouviu foram as vozes dos dois jovens que acabara de deixar.

"Você lhe disse que estávamos *planejando uma festa*?" sibilou Dreidel.

"O que você queria que eu dissesse?", respondeu Wes depressa. "Que eu estava tentando salvar o que sobrou do seu casamento?"

Regra Sagrada Número 8: Se quiser realmente saber o que as pessoas pensam de você, deixe a sala e ouça o que elas dizem. Lisbeth aprendera isso de uma maneira dura, no circuito de festas de Palm Beach, quando uma pessoa da alta sociedade local pagara a um manobrista mil e quinhentos dólares para escutar às escondidas a conversa de Lisbeth com uma fonte confidencial. Uma semana depois, Lisbeth evitara gastar esse dinheiro simplesmente assinando mais um celular. Hoje, o celular A estava na bolsa, com Wes e Dreidel. O celular B estava pressionado à sua orelha. Quando colocara o bloco de anotações na bolsa, tudo que fizera fora pressionar o botão do A para discar para o B. Logo depois, uma importante chamada falsificada provava que a Regra Sagrada Número 8 sempre estaria no topo, no dez.

"Mas se ela descobrir sobre Boyle...", disse Wes na outra linha.

"É fácil, ela não vai descobrir sobre Boyle", disse depressa Dreidel. "Por falar nele, conte-me o que descobriu..."

Sozinha no salão, Lisbeth parou de repente, quase caindo dos seus saltos altos e gastos. *Boyle?* Ela olhou ao redor, mas não havia ninguém ali. Todos estavam no salão, absorvidos no embalo de *Uma Noite com o Presidente Leland F. Manning*.

Lisbeth podia ouvir sua voz como um ruído surdo no palco principal. Um rubor de excitação apareceu em suas bochechas sardentas. Finalmente... depois de todos esses anos... um verdadeiro A+.

31

"Ahhh!", gritou O Romano, enquanto Benjamin usava tesouras esterilizadas para cortar a pele morta e já acinzentada das beiradas do ferimento em sua palma. "Isto *dói!*"

"Bom — é um sinal de que nenhum nervo foi danificado", disse Benjamin secamente no pequeno gabinete no porão que sua ex-mulher usava para praticar eletrólise. O Romano sentou-se num moderno sofá de couro; Benjamin virava-se ligeiramente em uma cadeira giratória de aço inoxidável.

"Fique quieto", acrescentou ele. Pressionando com o polegar a palma e com os outros dedos o dorso da mão do Romano, Benjamin apertou fortemente a ferida. Dessa vez, O Romano estava preparado. Ele não gritou.

"Não há instabilidade ou dano ósseo... embora eu ainda ache que você deveria tirar uma radiografia para ter certeza."

"Estou bem."

"Sim, posso dizer isso pela maneira como você atravessou o vão da porta. Um retrato de saúde." Pegando um clipe de papel, Benjamin torceu o metal até que as duas pontas quase se tocassem, mal deixando uma abertura de meio centímetro entre elas. "Faça um favor e feche os olhos."

Quando O Romano obedeceu, Benjamin pressionou levemente as pontas do clipe ao lado do polegar do Romano.

"Quantos pontos você sente?"

"Dois", disse O Romano.

"Bom." Dedo por dedo, Benjamin repetiu a pergunta, depois envolveu a mão do Romano em gaze limpa. Finalmente, ocupando-se do pé ensanguentado do Romano, ele arrancou pedaços de meia

e fragmentos de cordão de sapato da ferida e aplicou o mesmo teste do clipe em cada dedo. "Quantos agora?"

"Um".

"Bom. Sabe, é um milagre que não tenha fraturado nenhum osso tarsiano."

"Sim, Deus está do meu lado", disse O Romano, mexendo os dedos e batendo na bandagem de gaze em sua palma. O sangue parara de escorrer, mas a dor ainda estava ali. Nico pagaria por isso.

"Apenas o mantenha limpo e elevado", disse Benjamin, quando, por fim, envolveu o pé do Romano.

"Então, estou bem para poder voar?"

"Voar? Não... esqueça disso. É hora de descansar. Entendido?"

Tome cuidado durante alguns dias."

O Romano ficou silencioso, inclinando-se e deslizando com cuidado o pé dentro dos sapatos que Benjamin trouxera lá de cima.

"Você ouviu o que eu disse?" perguntou Benjamin. "Não é hora de ficar andando por aí."

"Apenas faça-me um favor e peça para alguém me entregar as medicações", disse O Romano, lutando contra a vontade de mancar enquanto se dirigia para a porta. "Eu ligo o telefone depois." Sem olhar para trás, ele saiu e tirou o celular de seu bolso.

Dez dígitos depois, uma voz de mulher respondeu. "Agência de Viagens, como posso ajudá-lo?"

"Estou tentando fazer uma reserva", disse O Romano, caminhando na escuridão quando uma rajada de vento frio da Virginia tentou empurrá-lo de lado. "Preciso do próximo voo que tiver para Palm Beach."

32

"Isto"? Perguntou Dreidel, quando olha para a folha de fax desdobrada.

"Isto foi a última coisa que Boyle pegou na biblioteca?"

"De acordo com a arquivista."

"Não faz sentido", lamenta-se Dreidel. "Quero dizer, um arquivo pessoal, eu poderia entender... Até um velho memorando tendo como objetivo algum ataque que deu errado... mas *palavras cruzadas*?"

"Foi o que ela enviou: uma folha com alguns nomes em um desenho animado de *Beetle Bailey* — e, do lado oposto, umas desbotadas e quase terminadas..."

"... palavras cruzadas", repete Dreidel. Ele estuda as respostas escritas à mão nas palavras cruzadas.

"Definitivamente é a escrita de Manning."

"E a de Albright", digo, referindo-me ao nosso ex-chefe de Estado-Maior. "Lembra-se? Albright as começava..."

"... e Manning as terminava." Voltando para as palavras cruzadas, ele aponta para uma confusão de rabiscos e letras ao acaso no lado direito do enigma. *AMB... JABR... FRF. . JAR...*

"O que são estas letras?"

"Não faço ideia. Verifiquei as iniciais, mas não são de ninguém que conheço. Para ser honesto, parece linguagem sem sentido."

Dreidel concorda, verificando sozinho. "Minha mãe faz a mesma coisa quando está desvendando um enigma. Acho que é apenas um espaço de trabalho — testando letras... entando diferentes permutações." Concentrando-se de novo no próprio enigma, Dreidel lê cada resposta, uma a uma. "E nos quadrados efetivos? Algo interessante?"

"Apenas palavras obscuras com muitas vogais. *Damp... arai. . peeweee*", leio de lado a lado a parte de cima, inclinando-me sobre seu ombro.

"Então as respostas estão certas?"

"Eu tive doze segundos para olhar para elas, ainda menos tempo para resolvê-las."

"Definitivamente parecem corretas", diz Dreidel, estudando o enigma terminado. "Entretanto, talvez seja isso o que o cara do FBI quer dizer com *Os Três*", acrescenta ele. "Talvez seja um número nas palavras cruzadas."

Eu sacudo a cabeça. "Ele disse que era um grupo."

"Poderia ainda assim estar nas palavras cruzadas."

Olhando para o único número "três" no enigma, eu aponto para a resposta de quatro letras ao 3. "*Merc*", digo, lendo o enigma.

"Abreviação de mercenário", diz Dreidel, agora excitado.

"Um mercenário que sabia que era para deixar Boyle vivo."

"Agora você está se aproximando."

"Como você pode dizer isso? Talvez seja isso exatamente o que nos falta..."

"O que? Você quer algum código oculto que diga: *No final do primeiro período, falsifique a morte de Boyle e deixe-o voltar anos mais tarde na Malásia?* Ora, seja realista. Não há mensagem secreta escondida em palavras cruzadas de um *Washington Post*"

"Então, aonde isso nos leva?", pergunta Dreidel.

"Empacados", anuncia do canto uma voz feminina.

Virando-me, eu quase engulo minha língua. Lisbeth entra mais quieta do que um gato, os olhos examinando o aposento para ter certeza de que estamos sozinhos. A garota não é estúpida. Ela sabe o que acontece se isso transpirar.

"Esta é uma conversa particular", insiste Dreidel.

"Posso ajudá-los", ela se oferece. Em sua mão há um celular.

Dou uma olhada para a sua bolsa e percebo um outro. Filha da...

"Você nos gravou!? Foi por isto que você saiu?" explode Dreidel, já pensando como um advogado quando pula de sua cadeira. "Isso é ilegal na Flórida, sem consentimento!"

"Eu não o gravei..."

"Então, você não pode provar nada, sem uma gravação tudo é apenas..."

"Poderia ainda estar nas palavras cruzadas... Merc...

abreviação de mercenário...", começa ela, olhando para a palma esquerda. Sua voz nunca se apressa, sempre perfeita, perturbadoramente calma. *"Um mercenário que sabia que era para deixar Boyle vivo."* Ela gira a palma da mão no sentido anti-horário enquanto lê. *"Agora você está se aproximando. Eu posso continuar se vocês quiserem. Eu ainda nem cheguei ao meu punho."*

"Você nos enganou", digo, ficando gelado.

Ela para com a acusação. "Não, não é isso, eu só estava tentando descobrir por que vocês estavam mentindo para mim."

"Então você fez isto mentindo para nós?"

"Não é isso que eu..." Ela se interrompe e olha para baixo, avaliando o momento. Isto estava sendo mais difícil do que ela pensara. "Ouçam, eu... eu sinto muito, está bem? Mas estou falando sério... Posso trabalhar com vocês nisso."

"Trabalhar conosco? Não, não, não!" grita Dreidel.

"Você não entende..."

"De fato, eu tenho uma danada experiência nesse assunto, e a última coisa de que preciso logo agora é perder mais tempo com você, ouvindo o seu papo furado! Eu tenho um *sem comentário* sobre tudo isto e qualquer outra coisa que você venha a publicar, não vou apenas negar, vou processar sua burrice e também a escola de jornalismo de baixa qualidade que lhe ensinou que uma danada de uma trapaça de telefone está em primeiro lugar!"

"Sim, tenho certeza de que uma ação judicial vai ajudar sua campanha eleitoral no estado", diz Lisbeth de maneira calma.

"Você não ouse trazer isso... *Maldita!*", grita Dreidel, girando e batendo os dois punhos contra a mesa de recepção.

Ainda parada no vão da porta, Lisbeth poderia estar mostrando um sorriso muito amplo, cantando vitória. Em vez disso, ela esfrega a parte de trás de seu pescoço, enquanto seus dentes da frente batem ansiosamente. Eu usava aquele olhar quando presenciava uma das muitas brigas entre o presidente e a primeira-dama. É

como entrar em um lugar onde há alguém fazendo sexo. Uma excitação inicial seguida instantaneamente por um vazio horrível que, dentro de um mundo de infinitas possibilidades e circunstâncias casuais, temporais e físicas, conspiraram para colocá-lo no momento irrecuperável e lastimável que presentemente chama de sua vida.

Lisbeth dá um passo atrás, batendo contra a porta. Depois um passo à frente. "Eu realmente posso ajudá-los", diz ela.

"O que você quer dizer?", pergunto, levantando-me.

"Wes, não", queixa-se Dreidel. "Isto é estúpido. Nós já..."

"Posso lhes conseguir informações", continua Lisbeth. "Os jornais... nossos contatos..."

"Contatos?" pergunta Dreidel. "Nós temos todas as informações disponíveis para o presidente."

"Mas você não pode acessá-las", dispara Lisbeth. "Nem Wes pode fazê-lo, não sem antes negociar com alguém."

"Isto não é verdade", argumenta Dreidel.

"Realmente? Então ninguém levanta a sobrelha quando dois auxiliares antigos de Manning começam a discutir a tentativa de assassinato? Ninguém irá fofocar com o presidente quando vocês começarem a farejar em torno da antiga vida de Boyle?"

Ambos ficamos sem fala. Dreidel para de andar. Eu passo a mão sobre a mesa para limpar uma sujeira imaginária. Se o presidente descobrir...

Lisbeth nos observa com cuidado. Suas sardas se deslocam quando seus olhos se estreitam. Ela interpreta dicas sociais para ganhar a vida. "Vocês nem mesmo confiam em Manning, não é mesmo?", pergunta ela.

"Você não pode publicar isto", ameaça Dreidel.

A boca de Lisbeth se abre, chocada pela resposta. "Você está seriament..."

Levo um segundo para processar o que acaba de acontecer.

Olho para Lisbeth, depois para Dreidel. Eu não acredito nisso. Ela estava blefando. "Não se atreva a publicá-lo", acrescenta Dreidel. "Nós não dissemos isso."

"Eu sei... não estou publicando... é que... vocês, rapazes, realmente mexeram em casa de marimbondo, não é?"

Dreidel está cheio de responder perguntas. Ele grita com ela, apontando um dedo em sua cara. "Você não tem prova de nada! E o fato é que..."

"Você pode realmente nos ajudar?" pergunto da mesa.

Virando-se para mim, ela não hesita. "Certamente." "Wes, não seja estúpido..." "Como?" pergunto a ela.

Dreidel se volta para mim. "Espere... você está de fato *ouvindo* o que ela diz?"

"Por ser a única pessoa que ninguém jamais relacionará com você", explica Lisbeth, passando por Dreidel e dirigindo-se para mim. "Você faz uma ligação telefônica e as pessoas saberão que há algo no ar. O mesmo com Dreidel. Mas, se eu faço a chamada, trata-se apenas uma repórter maluca farejando uma história e esperando ser a próxima Woodward e Bernstein."

"Então, por que nos ajudar?", pergunto.

"Para ser a próxima Woodward e Bernstein." Através de seus óculos de grife, ela me estuda com olhos verde-escuros — e nem uma vez dá uma olhada em minha face. "Eu quero a história", diz ela. "Quando tudo terminar... quando todos os segredos forem revelados, e os acordos fechados, eu apenas quero ser aquela que escreve a história."

"E se nós lhe dissermos para ir se danar?"

"Eu deixo vazar tudo agora, e as *vans* dos jornais vão começar a se alinhar do lado de fora de seus apartamentos, ligando suas vidas a cabos trituradores de notícias.

Mentindo para toda a América... uma cobertura gigantesca...

Eles vão comê-los brindando. E mesmo que vocês consigam obter a verdade por aí, suas vidas ficarão arrasadas."

"Então é isso?", pergunta Dreidel, virando-se precipitado e batendo os nós dos dedos na mesa. "Você nos ameaça, e nós devemos apenas concordar? Como saberemos que você não quebrará o pacto amanhã de manhã apenas para conseguir uma ascensão-relâmpago?"

"Porque apenas um retardado busca uma fama rápida", diz Lisbeth, enquanto se senta na beirada da mesa. "Vocês sabem como a coisa funciona: eu publico isto amanhã e recebo um belo afago na cabeça que irá durar um total de vinte e quatro horas, neste ponto o *Times* e o *Washington Post* irão agarrar minha bola, mandar uma dúzia de repórteres para cá e jogarão o jogo até o final. Do meu jeito, vocês ficam no controle. Recebem suas respostas; eu consigo minha história. Se forem inocentes, vocês não têm nada a temer."

Eu ergo o olhar. Na beirada da mesa, a perna direita de Lisbeth balança ligeiramente. Ela sabe que marcou um gol.

"E nós podemos confiar em você quanto a isso?" pergunto.

"Você ficará calada até que tudo termine?"

Sua perna para de balançar. "Wes, a única razão pela qual você conhece Woodward e Bernstein é porque eles chegaram ao final... não pararam com o primeiro sucesso.

Apenas um tolo não os apoiaria até receber todas as respostas."

Eu fui queimado por repórteres. Não gosto deles. E certamente não gosto de Lisbeth. Mas quando dou uma olhada para Dreidel, que finalmente está calado, fica claro que não temos opções. Se não trabalharmos com Lisbeth, ela tornará pública toda essa tempestade de sujeira e a publicará de uma maneira que nunca mais seremos capazes de consertar. Se *de fato* trabalharmos com ela, pelo menos conseguimos um certo tempo para descobrir o que realmente está acontecendo. Dou mais uma olhada em Dreidel. Pela maneira como ele belisca a ponta do nariz, já estamos pisando em terreno minado. A única questão agora é: quanto tempo vai levar até ouvirmos o...?

"Ninguém se mova!", berra uma voz profunda, enquanto a porta bate contra a parede e meia dúzia de agentes de terno e gravata do Serviço Secreto entra no aposento de arma em punho.

"Vamos!" diz um agente musculoso com uma gravata fina e amarela, enquanto agarra Dreidel pelo ombro e o empurra para fora da porta. "Saia. Agora!"

"Tire as mãos de mim!"

"Você também!", diz um outro para Lisbeth, quando ela segue logo atrás. "Vá!"

O restante dos agentes se aglomera do lado de dentro, mas, para minha surpresa, eles passam direto por mim, espalhando-se em uma formação concêntrica enquanto circulam pelo aposento. Isto não é um ataque; é uma varredura.

A única coisa estranha é que nenhum desses camaradas me parece familiar. Eu conheço todos em nosso destacamento.

Talvez tenha havido uma ameaça de bomba e agentes locais foram chamados...

"Vocês dois, movam-se!", berra o agente Gravata Amarela para Dreidel e Lisbeth. Eu suponho que não tenha me visto — Lisbeth ainda está na minha frente perto da mesa, mas, quando me levanto da cadeira e os sigo em direção à porta, sinto um forte puxão nas costas de minha jaqueta.

"Ei, quem são vocês...?"

"Você fica comigo", insiste Gravata Amarela, puxando-me para trás enquanto minha gravata aperta-me o pescoço.

Com um forte empurrão para a esquerda, ele me manda tropeçando em direção ao canto do aposento. Estamos nos movendo tão depressa que mal posso manter o equilíbrio.

"Wes!" chama Lisbeth.

"Ele está bem", diz um agente com acne, agarrando o cotovelo dela e arrastando-a para a porta. Ele diz algo mais a Lisbeth, mas não consigo ouvir.

Olhando para mim por sobre seu ombro, Lisbeth ainda está sem equilíbrio enquanto tropeça em direção ao retângulo branco de luz do vão da porta. Com um último puxão, ela desaparece. Quando o primeiro agente a agarrou, ela ficou irritada. Mas agora... o último olhar que vi antes que a porta batesse atrás dela... a maneira pela qual seus olhos se arregalaram... o que quer que o agente lhe dissesse, ela estava aterrorizada.

"Deixe-me ir, eu sou amigo", insisto, esforçando-me para pegar minha carteira de identidade.

Gravata Amarela não se importa. "Continue andando!", diz ele, praticamente segurando-me pelo colarinho. A última vez que o

Serviço Secreto se moveu tão depressa foi quando Boyle estava... Não. Eu detenho a mim mesmo, recusando-me a recordar. Não entre em pânico. Atenha-se aos fatos.

"Manning está bem?" Pergunto.

"Apenas ande!", insiste ele, enquanto nos apressamos para o canto do aposento, onde percebo uma porta acarpetada, quase escondida.

"Venha!", diz Gravata Amarela, abrindo um trinco e empurrando-me contra a porta para abri-la. Ao contrário da porta por onde Dreidel e Lisbeth saíram, esta não dá para o saguão. O teto se ergue, e o corredor de concreto é cinza e estreito. Fios elétricos soltos, extintores de incêndio encardidos e alguns canos brancos são as únicas coisas nas paredes.

Tento libertar-me, mas estamos andando muito depressa.

"Se você não me disser aonde estamos indo, vou cuidar pessoalmente de..."

"Aqui", diz Gravata Amarela, e para na primeira porta à minha direita. Uma placa vermelha e branca diz *Depósito*.

Ele alcança a porta com o seu braço livre, revelando um aposento que é maior do que meu escritório. Com um último empurrão, solta meu colarinho e me atira para dentro como o lixo noturno.

Meus sapatos escorregam no chão enquanto luto por equilíbrio, mas só quando percebo dois outros pares de sapatos pretos brilhantes é que me dou conta de que não estou sozinho.

"Ele é todo seu", grita Gravata Amarela, e ouço a porta bater atrás de mim.

Paro de escorregar quando o meu cotovelo bate em uma prateleira com utensílios de metal. Vejo um pouco de poeira erguer-se no ar.

"Dia trabalhoso, hein?" diz o homem com o boné do U.S.

Open e os braços cruzados no peito. Seu parceiro coça a cicatriz do pedaço que falta em sua orelha. O'Shea e Micah.

Os agentes do FBI da manhã de hoje.

"Que diabos está acontecendo?" Pergunto.

"Nico Hadrian escapou de St. Elizabeths cerca de uma hora e meia atrás. O que viemos saber é: por que seu nome está no registro do hospital como seu último visitante?"

33

Richmond, Virginia

Nico conseguiu com facilidade o *jeans* e a camisa azul com botões no secador da lavanderia. Assim como o boné de beisebol do Baltimore Orioles, que ele pegou de um contêiner de lixo. Mas, quando entrou no Carmel's Irish Pub, levou bem uns nove minutos antes que um homem negro mais velho, que bebia uísque devagar e cujo nariz escorria, mancasse até o banheiro e deixasse sua jaqueta desbotada, do exército, jazendo como um cadáver sobre o tamborete ao lado do bar. Aproximando-se do tamborete, Nico estava calmo. O Senhor sempre proferia.

Era o mesmo pensamento que girava agora em sua cabeça, enquanto estava parado no acostamento de cascalho da 1-95 e um caminhão com dezoito rodas saiu de maneira selvagem, deixando uma trilha de pequenos seixos e de neve derretida cor de chocolate. Nico piscou os olhos, protegendo-os do furacão instantâneo que se ergueu quando o vento empurrou-o cambaleando para a direita.

Uma mão estava pressionada contra a cabeça para impedir que seu boné dos Orioles voasse, enquanto a outra agarrava o papelão que pedia carona e que vibrava como um papagaio de papel na corrente de ar depois da passagem do caminhão. Quando este desapareceu e o vento se acalmou, o papelão pendeu mole esbarrando na perna direita de Nico.

Mais calmo do que nunca, Nico levantou a mão e esticou o polegar.

Ele já estava em Richmond, bem fora da área de cinquenta quilômetros que o FBI e a polícia de D.C. estavam cobrindo perto do

St. Elizabeths. O primeiro motorista o conduziu até South Capitol Street. O segundo ajudou-o a percorrer a 1-295. E o terceiro levou-o ao longo da 1-95, por todo o percurso até Richmond.

Sem sombra de dúvidas, Nico sabia que não podia se permitir ficar exposto ao ar livre durante muito tempo. Com os jornais noturnos de televisão se aproximando, seu retrato estaria em todo lugar. Não obstante, não havia muita coisa que pudesse ser feita. De um ponto de vista estatístico, a probabilidade de um quarto motorista lhe dar carona nos próximos minutos já era baixa. Outra pessoa ficaria em pânico. Não Nico. Como tudo na vida, as estatísticas não significavam nada quando se acreditava em destino.

Reconhecendo os faróis tipo olho de coruja ao longe, ele tranquilamente parou perto da estrada e mais uma vez segurou o seu cartão escrito à mão com letras maiúsculas: COMPANHEIRO CRISTÃO PEDINDO UMA CARONA.

Um barulho agudo e penetrante soou na noite, quando o motorista de um velho e malconservado caminhão-plataforma puxou o freio e todas as dez rodas ficaram presas e derraparam ao longo do gelo no acostamento da estrada. Mesmo agora, quando o ruído do veículo pesado parou a cerca de cinquenta metros à sua direita, Nico apreciava os arrotos, os gritos altos e os assobios do mundo exterior. Ele ficara preso por muito tempo.

Enfiando seu cartaz debaixo do braço, deu uma volta ao lado da cabina principal, bem quando a porta que dava para o lado do passageiro se abria e uma luz dentro da cabine iluminava o lado de fora. "Deus o abençoe por parar", gritou Nico. Em seu bolso, ele colocou o dedo no gatilho da arma.

Caso precisasse.

"Para onde você precisa ir?", perguntou um homem com bigode e barba loiros.

"Flórida", replicou Nico, enquanto lembrava mentalmente da Revelação 13:1. *E eu fiquei em pé sobre a areia do oceano, e vi uma besta.* Tudo estava entrando nos eixos. Dê atenção ao Livro. Complete a vontade de Deus. Acabe com Wes, e em seu sangue encontrará a Besta. "Palm Beach, para ser exato."

"Está cansado do frio, hein? Talahassee está bem para você?"

Nico não disse uma palavra, enquanto olhava para o rosário de madeira de oliveira com uma cruz de prata que estava dependurado no espelho retrovisor. "Está perfeito", disse Nico. Segurando-se na maçaneta, ele içou-se até a cabine.

Com uma guinada e mais alguns barulhos nas engrenagens, o grande caminhão-plataforma voltou rosnando para a 1-95.

"Então, você tem família na Flórida", perguntou o motorista, mudando a marcha.

"Nã..." disse Nico, seus olhos ainda sobre a cruz de madeira, enquanto ela chacoalhava como um balanço de criança.

"Estou indo apenas para encontrar um velho amigo."

34

"Do que você está falando"? Pergunto ansiosamente. "O seu nome, Wes, ele estava na..." "Quando ele fugiu?"

"Essa é a questão. Achamos que ele foi..."

"V-Vocês estão procurando por ele? Ele desapareceu, ou... Vocês têm certeza de que ele desapareceu?" Uma agulhada de bÍlis atacou meu estômago, fazendo com que eu tivesse vontade de me dobrar de dor. Levou sete meses de terapia antes que pudesse escutar de novo o nome de Nico sem sentir as palmas de minhas mãos se molharem de suor e os pés ficarem encharcados. Levou mais um ano e meio antes que eu pudesse dormir a noite toda sem que ele me mantivesse acordado enquanto ficava à espreita, na periferia de meus sonhos. Nico Hadrian não tirou a minha vida. Mas ele tirou a vida que eu estava vivendo. E agora... com esta... com ele fora... ele podia facilmente tirar o resto.

"Ele não tinha guardas?" pergunto. "Como eles puderam... como isso pôde acontecer?"

O'Shea deixa as perguntas virem ao seu encontro, sem perder de vista sua própria investigação: "O seu nome, Wes.

Ele estava na folha de inscrição do hospital", insiste O'Shea.

"De acordo com os registros deles, você esteve lá."

"Onde? Washington? Você me viu aqui na praia nesta manhã!"

"Eu o vi sair do Four Seasons por volta das nove e meia. De acordo com a recepcionista do seu escritório, você só retornou depois das três. É um longo tempo para ficar desaparecido."

"Eu estive com meu am... meu advogado toda a manhã. Ele lhe dirá. Telefone-lhe agora: Andrew Rogozinski."

Micah ri afavelmente. "E suponho que o fato de ele ser também seu camarada de escola e atual colega de quarto significa que ele

nunca mente para protegê-lo? Você desapareceu por quase seis horas, Wes. Isto é tempo mais do que suficiente para..."

"Para quê? Pular no meu jato particular, voar duas horas e meia até Washington, ir libertar Nico — que, oh, sim, uma vez tentou *me matar* — e depois voar de novo para ir trabalhar, esperando que ninguém percebesse que eu tinha desaparecido? Sim, isso soa como um plano genial. Ir ver o único cara que ainda me causa pesadelos à noite, ser bastante idiota para usar meu nome verdadeiro na folha de registro do hospital, e deixá-lo em liberdade para que ele possa caçar-me."

"Quem diz que ele está caçando você?", desafia O'Shea.

"E do que vocês estão falando?"

"Basta desse comportamento idiota, Wes. Você sabe que Nico é apenas um projétil. Mesmo naquela época, foi um outro que puxou o gatilho." "Um outro? O que isto...?"

"Você falou com Boyle hoje?", interrompe O'Shea.

Tento morder a ponta de minha língua, sem lembrar, no momento, que o dano no nervo torna isso impossível.

"Não estamos aqui para machucá-lo, Wes. Apenas seja honesto conosco: você o está caçando ou o está ajudando?", acrescenta Micah. Ele agarra um esfregão que está por perto, jogando o seu cabo de uma mão para outra, depois novamente, como o tique-taque de um metrônomo.

"Vocês sabem, eu não soltei Nico", digo a eles.

"Não era essa a pergunta."

"E não tenho falado com Boyle", disparo de volta. "Você tem certeza sobre isso?", pergunta O'Shea. "Acabo de lhe dizer..."

"Você falou ou não com ele? Estou lhe perguntando como um oficial no andamento de uma investigação."

O esfregão de Micah continua de um lado para o outro. Eles estão agindo como se soubessem a resposta, mas, se fosse assim, eu já estaria com algemas, bem agora, em vez de estar preso em um depósito. Eu olho direto nos olhos deles. "Não."

O'Shea sacode a cabeça. "Hoje, ao meio-dia, um homem não identificado chegou ao St. Elizabeths pedindo um encontro particular com Nico e identificando-se como membro do Serviço

Secreto, com insígnia e carteira de identidade com foto, às quais você também tem acesso. Agora, estou querendo aceitar que só um retardado usaria seu próprio nome, e também estou querendo manter o seu nome longe da imprensa — apenas em consideração pelo seu chefe —, mas, em uma situação em que você afirma não saber nada a respeito, parece ser por uma espécie de encantamento que o seu nome seja o único que continua a aparecer inesperadamente em todo lugar."

"Aonde você quer chegar?"

"O negócio é que, quando você está na Malásia, Boyle aparece por lá... Quando o seu nome está em uma folha de registro em Washington, Nico escapa. Isto não é exatamente um código Morse. Você está entendendo?"

"Eu não fui para Washington!"

"E você não viu um homem morto na Malásia. E você não foi enviado aos bastidores pelo presidente, que queria que você pegasse uma mensagem de Boyle, certo? Ou isso foi apenas algo que inventamos para nos sentir melhor — sabe, algo como sua antiga obsessão de trancar as portas e acender e apagar as luzes? Ou, melhor ainda, a prece repetitiva que..."

"Só porque eu consultei um conselheiro..."

"*Conselheiro?* Era um psiquiatra."

"Ele era um especialista em ocorrências críticas..."

"Eu investiguei, Wes. Ele era um psicólogo clínico que o manteve medicado durante boa parte do ano. Alprazolam para os distúrbios de ansiedade, junto com remédios mais fortes como a olanzapine para todas as compulsões. Isto é um antipsicótico. Mais as anotações do clínico que afirmam que, de modo estranho, ele pensava que, de fato, você sentia prazer com suas cicatrizes — que você considerava a dor como reparação por ter posto Boyle naquela limusine. Não diz grande coisa sobre a condição na qual você estava."

"O cara estourou meu maldito rosto!"

"É por isso que você tinha o melhor motivo e os piores álibis, sobretudo na Malásia. Faça-me um favor, durante os próximos dias, a menos que esteja viajando com o presidente, não saia da cidade,

durante um tempo. Pelo menos até eu descobrir o que está acontecendo."

"O que, então agora estou em prisão domiciliar? Você não pode fazer isso."

"Wes, eu tenho um esquizofrênico paranoide homicida em liberdade que, daqui a duas horas, vai sentir um zunido novo em folha no lado direito de seu cérebro quando as drogas que ajudam a controlar sua psicose perderem o efeito. Ele já atirou em dois assistentes hospitalares e um guarda — todos os três atingidos no coração, e, como com Boyle, ele atirou formando o estigma em suas mãos —, e isto quando estava *sob* medicação. Então, não apenas posso fazer o que diabos eu quiser como estou lhe dizendo neste momento que, se você tentar um outro pequeno passeio fora da cidade, e eu achar que você tem *qualquer* envolvimento com este caso — tentando contatar Boyle, ou Nico, ou até mesmo o cara que estava vendendo pipocas no carrinho, na pista de corridas, naquele dia —, eu o punirei com uma acusação formal de obstrução da justiça e o afastarei mais rápido do que aquele maníaco o fez."

"É isso aí, a menos que você queira nos contar que mensagem Boyle estava trazendo para o presidente na Malásia", diz Micah, com o metrônomo de esfregão estalando em sua mão esquerda. "Ora, Wes, eles estavam nitidamente tentando se encontrar naquela noite, e tentando manter toda a sujeira que pensavam que haviam acobertado. Você está com ele todos os dias agora. Tudo que queremos saber é quando vão se encontrar de novo."

Como antes — como quaisquer agentes do FBI tentando fazer um nome para si mesmos —, tudo o que eles realmente querem é Manning, que sem dúvida desempenhara um grande papel ao ajudar Boyle a se esconder e a mentir para o país inteiro. Eu o denuncio, e eles alegremente me deixam sair da ratoeira. O problema é que eu nem mesmo sei o que denunciar. E mesmo quando eu tento buscar mais fundo... Quando estávamos na praia, eles haviam mencionado a habilidade de Boyle para se aproveitar das fraquezas das pessoas. Muito bem, então qual era a fraqueza de Manning? Algo do seu passado? Ou talvez fosse aí que O

Romano e Os Três entravam. Qualquer que seja a razão, não a estou encontrando, a não ser que consiga mais tempo.

"Deixe-me apenas... deixe-me pensar um pouco a respeito, está bem?", pergunto.

O'Shea faz um aceno concordando, sabendo que ganhou um ponto.

Viro-me para sair do reservado, mas paro antes de chegar à porta. "E Nico? Alguma ideia de para onde ele está se dirigindo?" pergunto, sentindo meus dedos começarem a tremer. Eu os enfio nos bolsos das calças antes que alguém perceba.

O'Shea me examina com atenção. Este é o momento mais favorável para me atormentar. Ele reajusta seu boné de beisebol U.S. Open. "A polícia de D.C. encontrou suas roupas em uma lavanderia, cerca de um quilômetro e meio de St. Elisabeths. De acordo com seus médicos, Nico não falava de Manning fazia anos, mas o Serviço ainda está tomando o dobro de precauções antes de ter certeza."

Eu assenti, mas nem assim tirei as mãos dos bolsos.

"Obrigado."

Micah está prestes a me dar um belo soco, mas O'Shea põe a mão em seu peito, impedindo-o. "Você não está sozinho, Wes", acrescenta O'Shea. "Não, a não ser que queira ficar."

É uma oferta perfeita apresentada de maneira gentil. Mas isso não faz com que ela não seja apenas uma tática. Contar fofocas para o FBI... lutar contra Manning... isso tudo inicia um jogo de dominó que no fim pode me derrubar. Daqui em diante, a única maneira segura de sair dessa confusão é descobrir a verdade e abrigar-me dentro dela. Esse é o único colete à prova de balas que funciona.

No meu bolso, o celular começa a vibrar. Eu o apanho e vejo o nome de Lisbeth no identificador de chamadas. Adeus refúgio, olá dificuldade. "É minha mãe", digo a O'Shea.

"Preciso ir. Ela provavelmente ouviu sobre Nico no noticiário."

"Tenha cuidado com o que diz", grita Micah.

Não há dúvida sobre isso. Ainda assim, é uma escolha simples. Se eu ficar do lado do FBI, significa que eles irão me apertar por

causa de Manning. Mas, antes de colocar a faca nas costas de César, preciso ter certeza de que o alvo é o certo. Pelo menos com Lisbeth eu ganharei tempo para descobrir o que realmente está acontecendo.

"Pense sobre isso, Wes. Você não está sozinho", grita O'Shea, quando estou saindo do aposento. De novo no corredor, espero tocar pela terceira vez para assegurar-me de que não serei ouvido.

"Fala Wes", respondo.

"Onde você está?", pergunta Lisbeth. "Está bem? Eles lhe contaram que Nico...?"

"Apenas ouça", interrompo. "O que você disse antes sobre encontrar material para nós... estava falando sério?"

Há uma ligeira pausa do outro lado da linha. "Mais sério do que um Pulitzer."

"Tem certeza? Quero dizer, se você se meter nisso... Você tem certeza de que está pronta para se meter nisso?"

Dessa vez o silêncio dura mais. Não se trata aqui de um favor de cinquenta linhas sobre o novo vestido da primeira-dama. Seja o que for que tenham feito — Boyle, Manning, o Serviço Secreto —, não se consegue desvendar isso tudo sem a ajuda de pessoas situadas nos níveis mais altos do governo e sem a garantia da lei. É essa a briga que ela está escolhendo. Pior ainda, quando as palavras forem publicadas, eles farão tudo que estiver em seu poder para nos fazer parecer lunáticos que viram um fantasma. E o verme na maçã existe, com Boyle vivo, Nico tem a melhor de todas as razões para voltar e terminar sua incumbência original.

No fim do corredor, bato o quadril no trinco da porta, que se abre para o saguão vazio do teatro. Um ruído de gargalhadas ecoa do auditório. O Serviço Secreto pode ter se apinhado nos aposentos de trás, mas, pelo som que escuto, o presidente ainda está se divertindo no palco. A minha direita, uma mulher, com cabelos brancos, vende uma garrafa de água por quatro dólares para um homem em um terno de risca-de-giz. Dois outros agentes do Serviço Secreto passam com pressa através do saguão em um giro-padrão.

Mas o que atrai meu olhar é a ruiva, ligeiramente acima de seu peso, parada do lado de fora do teatro, logo atrás das altas portas de vidro. Ela está de costas para mim, e, enquanto dá ligeiros passos sob a suave luz da Lua e segura o telefone ao ouvido, Lisbeth não faz ideia de que estou ali.

"Foi por isso que me tornei repórter, Wes", diz ela ao telefone, sua voz mais forte do que nunca. "Tenho esperado a vida inteira por isso."

"E essa é uma bela linguagem", digo a ela, ainda espiando por trás. "Mas você sabe para quem vai causar confusão com isso, não é?"

Ela para de andar e senta-se na beirada de um dos seis grandes vasos de concreto que servem de barreira contra qualquer ataque de veículo ao Kravis Center. Quando Manning mudou para a cidade, puseram isso por toda parte.

Mas quando Lisbeth quer se apoiar, seu corpo praticamente cai dentro do vaso. Ela mal consegue manter a cabeça levantada quando seu queixo se abaixa alcançando o colo.

Sua mão direita ainda segura o celular, mas a esquerda desliza como uma cobra ao redor de sua própria cintura, abraçando-a. Os vasos de concreto são construídos para suportar um impacto de um caminhão de cerca de dois mil e quinhentos quilos andando a mais de sessenta e cinco quilômetros por hora. Mas isso não significa que eles ofereçam proteção contra o terrível reconhecimento de sua própria insegurança.

Lisbeth havia dito que esperara toda a vida por isso.

Acredito nela. Mas quando olha para os apinhados sedãs pretos do Serviço Secreto, suas luzes vermelhas flamejantes espalhando sombras de marionetes vermelhas nas fachadas dos edifícios, fica claro que ela está pensando se tem o que é necessário para levar isso adiante. Ela afunda ligeiramente enquanto seus braços apertam a cintura com mais força.

Não há nada mais deprimente do que quando a aspiração fica guilhotinada por limitações.

Parado sozinho no saguão, não digo uma palavra. Oito anos atrás, Nico Hadrian serviu-me meus próprios limites em uma

bandeja pública. Assim, enquanto observo Lisbeth afundar, eu sei exatamente como ela...

"Eu estou dentro", deixa ela escapar.

"Lisbeth..."

"Vou fazer isso... estou dentro. Conte comigo", pede, os ombros endireitando-se. Pulando do vaso de concreto, ela olha em volta.

"Onde você está, em quê...?" Ela se interrompe quando nossos olhos se encontram através do vidro.

Meu instinto é me afastar. Ela vem andando em minha direção já excitada. O cabelo vermelho esvoaça atrás de si.

"Não diga não, Wes. Eu posso ajudá-lo. Realmente posso."

Nem me dou ao trabalho de argumentar.

35

St. Pauls, North Carolina

Nico disse a si mesmo para não perguntar sobre os mapas.

Não pergunte sobre eles, não fale sobre eles, não levante o assunto. Mas quando ele se sentou como um índio na cabine do caminhão... quando o rosário, com contas de madeira de oliveira, começou a balançar pendurado no espelho retrovisor... ele não conseguiu deixar de notar a beirada de papel que saía do porta-luvas. Como as cruzes que ele via em cada poste de telefone e poste de iluminação que se alinhavam na escuridão da rodovia, havia certas coisas sobre as quais era melhor não comentar.

Mantendo a atenção focalizada no para-brisa, ele observava como as linhas amarelas que separavam a rodovia eram sugadas uma a uma debaixo dos pneus do caminhão.

"Você não tem nenhum mapa, tem?", perguntou Nico. No assento do motorista, perto dele, Edmund Waylon, um homem magro curvado como um parêntesis, segurou o grande volante com as palmas para cima. "Dê uma olhada no porta-luvas", disse Edmund, enquanto lambia o sal que as batatas fritas com cebola e creme de leite azedo haviam deixado nas pontas de seu bigode loiro.

Ignorando o arranhar das unhas de Edmund contra o volante preto de borracha, Nico abriu o porta-luvas. Dentro havia um pacote de lenços de papel, quatro canetas sem tampas, uma minilanterna e — enfiado entre um grosso manual do caminhão e uma pilha desigual de guardanapos de restaurantes *fast-food* — um mapa velho dobrado.

Girando-o, enquanto ele se abria como uma sanfona quebrada, Nico viu a palavra Michigan impressa na legenda.

"Algum outro?", perguntou ele, nitidamente desapontado.

"Pode haver algum outro na casinha de cachorro", disse Edmund, apontando para o console de plástico entre o seu assento e o de Nico. "Então, você estava contando sobre sua mãe... ela morreu quando você era pequeno?"

"Quando eu tinha dez anos." Olhando para o balanço do rosário a fim de enterrar a imagem, Nico inclinou-se em seu assento e passou a mão pelo suporte de copos, até a bolsa de rede amarrado atrás do console. Sentindo o contato de papel, ele retirou pelo menos uma dúzia de mapas diferentes da bolsa.

"Um homem perder sua mãe com dez... isso provoca uma boa desordem. E o seu pai?", perguntou Edmund. "Ele também morreu?"

"Todos menos a minha irmã", replicou Nico, folheando através da pilha de mapas. Carolina do Norte, Massachusetts, Maine... Fazia quase doze horas desde que tinha tomado sua última medicação. Nunca se sentira melhor em sua vida.

"Nem posso imaginar isso", disse Edmund, com os olhos na estrada. "Meu pai é um filho da mãe..., costumava bater com violência em todos nós... nas minhas irmãs também... punho fechado, os nós dos dedos bem em cima do nariz — mas no dia que tivemos de enterrá-lo... quando um homem perde seu pai, isto o arrebenta em dois."

Nico nem se deu ao trabalho de responder. Georgia, Luisiana, Tennessee, Indiana...

"Você está procurando algum em especial?", perguntou Edmund, dando uma rápida lambida em seu bigode.

Não lhe diga Washington, teimou Nico.

"Washington", disse Nico, arrumando os mapas em uma pilha bem formada. "O estado ou D.C.?"

Diga-lhe estado. Se ele ouvir o contrário... se vir a prova do pecado dos maçons... e seu covil... A última hora se aproxima. A Besta já está perdida — comunicando, corrompendo Wes.

"Estado", disse Nico, enquanto tateava ao redor do console e enfiava os mapas de novo dentro da rede. "O estado de

Washington."

"Então você está fora da minha rota. Eu faço o corredor Nordeste e o leste do Mississippi." Cobrindo o bigode com a palma da mão e assoando o nariz entre o polegar e o indicador, Edmund deslizou a mão para baixo, tentando sem sucesso conter um bocejo reprimido havia muito tempo.

"Perdão", desculpou-se, sacudindo violentamente a cabeça para ficar acordado.

Nico olhou para o relógio digital em forma de bola de futebol, colado ao painel. Eram quase duas da manhã.

"Ouça, se você ainda precisa daquele mapa", disse Edmund, "quando passarmos pela 1-20, em Florence, há um daqueles Circle'n Station com grandes seções de revistas — eles têm mapas, guias de viagem, juro que se pode até encontrar um ou dois atlas. Se você quiser, nossa próxima parada pode ser ali."

Nico perguntou para as vozes o que elas achavam. Elas não podiam ficar mais excitadas.

"Edmund, você é um bom cristão", disse Nico, olhando para fora enquanto passavam por um poste de telefone. "Suas recompensas serão abundantes no final."

36

Quando entro no estacionamento atrás do prédio onde se localiza meu apartamento, sinto o celular vibrar e verifico quem estava chamando. Droga. *New York Times*.

Surpreso por eles terem demorado tanto, aperto o botão *Sena* e recosto-me. "Fala Wes."

"Olá, Wes, é Caleb Cohen. Do *Times*", anuncia ele com a familiaridade forçada de todo repórter. Caleb fazia a cobertura de Manning durante os dias da Casa Branca, o que queria dizer que telefonava diariamente. Mas nesses dias, somos apenas o ex-presidente, o que significa apenas um ponto acima de um primo em segundo grau. Isso até há pouco.

"Você já tem um pronunciamento sobre a fuga?", pergunta Caleb. "Você sabe que nunca comentamos sobre Nico", digo a ele, seguindo anos de protocolo. A última coisa que precisamos é soltar uma citação sobre o fugitivo que irrite o demente.

"Não, não quero dizer de Manning", interrompe Caleb.

"Quero dizer um pronunciamento seu. Você é quem ficou com as cicatrizes. Não está preocupado que ele esteja lá fora, pronto para feri-lo com algo pior do que um ricochete?"

Ele diz isso para conseguir desencadear minha emoção, esperando que eu deixe escapar uma resposta rápida. Isso funcionou uma vez, com o *Newsweek*, logo depois do acidente. Não tenho mais vinte e três anos.

"Foi bom falar com você, Caleb. E se quiser conversar de novo, também não publique um *sem comentário* dito por nós. Diga apenas que não conseguiu falar conosco."

Eu desligo o telefone, mas, quando Caleb desaparece, sou engolido pelo silêncio assombrado no sereno do estacionamento,

que fica logo atrás do prédio de apartamentos. É quase meia-noite de terça-feira. Pelo menos cinquenta carros estão ao meu redor, mas ninguém à vista.

Espremendo-me entre dois Hondas iguais, eu pressiono o botão para *Fechar Portas*, em minha chave, apenas para escutar o barulho. Ele para muito depressa, deixando-me sozinho com a realidade da pergunta de Caleb. Se Nico está solto, o que vai impedi-lo de voltar e terminar seu trabalho?

Olhando ao redor do estacionamento vazio, não consigo uma resposta. Mas quando observo as sombras delgadas e altas entre os arbustos de três metros que cercam o estacionamento, repentinamente não consigo me livrar daquela desagradável ansiedade que perfura meu estômago e que me diz que não estou mais sozinho. Ignorando os braços esqueléticos dos ramos muito crescidos, examino a escuridão entre os arbustos altos, segurando a respiração para escutar qualquer aproximação.

Minha única recompensa é o zumbido excitado dos grilos que lutam para abafar o zunido dos postes de iluminação do estacionamento. Recuperando o fôlego, dou alguns passos.

É quando escuto o tinido de pequenos metais. Como moedas entrecrocando-se num bolso. Ou alguém batendo em uma cerca feita de corrente. Viro-me ligeiramente, examinando entre os ramos e percebendo o cercado que circunda o estacionamento e corre por trás das cercas vivas.

Está na hora de entrar. Virando-me em direção ao prédio, apresso o passo até o toldo listrado de amarelo que indica que logo adiante se encontra a entrada dos fundos. À minha esquerda, os grilos ficam silenciosos. Há um farfalhar nas cercas vivas que tampam a vista para a área da piscina. É apenas o vento, digo para mim mesmo enquanto apresso o passo e me desloco ainda mais rápido em direção ao toldo, que parece quase submerso na escuridão.

Atrás de mim, o farfalhar nas cercas vivas torna-se mais alto.
Por favor, Deus, deixe-me apenas...

O celular vibra em minha mão e o identificador exibe o prefixo 334. *Washington Post*. No ano passado, Manning, como Lyndon B.

Johnson antes dele, tinha uma estatística secreta para ver quanto tempo iria viver. Do jeito que as coisas estão indo, não posso deixar de me perguntar o mesmo sobre mim. E enquanto sou tentado a atender, apenas para ter uma espécie de testemunha auditiva, penso que a última coisa que preciso logo agora é alguém me lembrando que Nico está por aí fora, esperando.

Mudando de passo rápido para uma corrida lenta, eu remexo na minha mochila de ombro para pegar minhas chaves. Dou uma olhada por cima do ombro enquanto as folhas continuam a se sacudir. Esqueça isso. Eu começo uma corrida de verdade.

Sob o toldo, meu pé escorrega contra o asfalto. Enfio a chave na fechadura e giro para a direita. A porta de metal se abre, e deslizo para dentro, colidindo com o carrinho de compras que as pessoas usam para transportar os mantimentos. Meu joelho bate no canto do carrinho, e eu o coloco fora do caminho, mancando pelo corredor bege, estreito, e entrando em um dos vestíbulos de espera dos elevadores.

Indo de encontro à parede de fórmica marrom do elevador, pressiono o botão para o quinto andar e golpeio o botão *Fechar as Portas* como se fosse uma bola de bater. As portas dos elevadores ainda estão abertas. No corredor uma lâmpada fluorescente quebrada chia com metade da força, dando às paredes e ao chão um tom de muco amarelo-pálido. Fecho os olhos para recuperar a calma, mas, quando os abro, o mundo fica preto-e-branco, o meu próprio jornal cinematográfico. Ao longe uma mulher grita em dó menor quando as portas da ambulância de Boyle se fecham batendo. *Não, isto não...* Pisco de novo e estou de volta. *Não há ninguém gritando.* Quando as portas, por fim, fazem ruído e se fecham, toco minha orelha enquanto minhas mãos tremem descontroladamente. *Ora, Wes... controle-se...*

Pressionando as costas contra o canto para manter-me ereto, ranjo os dentes para diminuir o ritmo de minha respiração. O elevador eleva-se com um solavanco, e eu focalizo o indicador luminoso. Segundo andar... terceiro andar...

Ao sair no quinto andar, gotas de suor deslizam em meu peito. Não deixando nada ao acaso, examino o lado esquerdo do corredor

antes de sair e virar à direita.

Corro até o apartamento 527, enfio a chave na fechadura e giro a maçaneta tão depressa quanto posso. Dentro. Acendo todas as luzes que encontro... a da entrada... a da sala de visitas... a lâmpada sobre a mesa... Volto até para acender a do banheiro do lado do corredor. Não... melhor deixá-la apagada. Eu a acendo, depois a apago. Acendo, depois apago.

Acendo, depois apago. *Pare...* "Para me manter protegido, e o presidente a salvo..." *Encontre um ponto focal*, digo a mim mesmo, ouvindo a voz do conselheiro em minha cabeça." ... para mim e..." *Encontre um ponto focal*.

Batendo em minha orelha, eu tropeço, quase caindo sobre o velho e modulado sofá turco de couro de meus pais, na sala de visitas. *Encontre-a*. Pulando pelo corredor que leva para os fundos do apartamento, eu passo pelo banco de piquenique, do mercado das pulgas, que pusemos na sala de jantar, passo pelo quarto de Rogo com a pilha de jornais não lidos do lado de fora da porta, passo no corredor pelo desenho em tamanho natural do presidente Manning com uma grande esfera, desenhada à mão, perto de sua cabeça que diz: *eu não lembro como se dirige um carro, mas adorei aquele abaixoasmultas.com!*, e por fim penetro direto em meu quarto.

Tropeçando em uma pilha de camisas sociais no chão, corro até a gaiola quadrada de metal que fica em cima de minha cômoda. Quando a porta bate na parede, Lolo pula, agitando as asas bege de maneira selvagem e virando sua cabeça amarela de lado a lado. Observando sua reação, eu me restabeleço e fico calmo. Lolo faz o mesmo, abaixando as asas e rangendo o bico. Sua cabeça oscila lentamente enquanto recupero o fôlego. Apenas vê-la, apenas sua visão...

"Olá, Melissa, o que você está fazendo?", pergunta minha cacatua cor de canela. Ela tem um círculo laranja brilhante em cada bochecha e uma crista amarela e pontuda na cabeça que se curva para a frente como uma onda de maré coberta de penas. "Melissa, o que você está fazendo?"

A piada é muito velha para me fazer rir — faz sete anos que Lolo me chama pelo nome de sua antiga dona —, mas o conselheiro tinha razão. Os pontos focais são bons. Embora vozes familiares sejam ainda melhores.

"Vá cagar", digo para Lolo, que por algum motivo foi treinada para evacuar sob ordens.

Como esperado, três pequenas gotas escorrem espalhando-se no fundo da gaiola sobre o papel de jornal, o qual rapidamente substituo, junto com alimento fresco e água.

O pássaro foi ideia de meu pai. Ele veio seis meses depois do acidente, quando o acender e apagar luzes e as preces repetitivas estavam começando a me dominar completamente. Meu pai tinha ouvido a história de um de seus estudantes sobre uma vítima de estupro cujos pais lhe compraram um cachorro para que não se sentisse sozinha ao voltar à noite para casa. Eu revirei os olhos. E não só porque sou alérgico a cachorros.

Ainda assim, as pessoas nunca entenderam. Não se tratava apenas do pássaro. Era a necessidade. A necessidade de ser necessário.

Com uma pancada leve no trinco, abro a gaiola e ofereço meu dedo indicador esquerdo como poleiro. Lolo pula para ele imediatamente, subindo até o seu lugar habitual no meu ombro direito. Viro o rosto para ela, que tenta bicar minha bochecha, o que significa que quer ser coçada. Eu me abaixo até o chão de carpete marrom-claro e cruzo as pernas como os índios, enquanto o *stress* do dia começa a ir embora. Lolo aninha-se pertinho, suas penas gentilmente fazendo cócegas nos sulcos do meu rosto. Apesar de sua alardeada visão, os pássaros não veem cicatrizes. Suas garras afrouxam-se sobre o meu ombro, e ela abaixa a crista, alisada para trás, estilo Elvis. Depois de um minuto, ela já está relaxada, e, na maior parte das noites, isto é o suficiente para me fazer experimentar o mesmo estado. Mas não nesta noite.

No meu bolso, o celular vibra. Quando examino a identidade de quem está telefonando, percebo também que tive duas novas chamadas enquanto estava no elevador. Movendo a tela, vejo os números de quem ligou. A chamada atual é do L.

A. *Times*. As mensagens são da CNN e da Fox News. Minha caixa postal também está cheia. Dezenove mensagens novas.

Da família, amigos, e dos poucos repórteres espertos o bastante para descobrir o meu endereço. Todos eles querem a mesma coisa. Uma informação sobre a ação... um fragmento da história... um pedaço de mim.

A porta da frente do apartamento se abre no vestíbulo.

"Wes, você ainda está acordado?" Grita Rogo. Sua voz fica mais alta quando vira no corredor. "Suas luzes estão acesas, então, se você está se masturbando, agora é hora de parar!"

As garras de Lolo afundam em meu ombro. Sei exatamente como ela se sente. A última coisa de que preciso é de alguém me lembrando de Nico e Manning e Boyle e qualquer outra bomba-relógio fazendo tique-taque na minha vida. *Como vai? Como se sente? Como está se aguentando?* Basta desse mald...

A porta do meu quarto se abre lentamente. Rogo já convive comigo por tempo suficiente para saber que, se chutar a porta, Lolo irá até ele batendo as asas.

Levanto o olhar do carpete, esperando o ataque violento de perguntas.

Rogo coça sua cabeça careca e encosta a silhueta que lembra uma almôndega na soleira da porta. "Então... hum, eu aluguei *Purple Rain*", diz ele, tirando o filme da sua mochila vermelha que chama de pasta de papéis. "Imaginei que pudéssemos... não sei... pedir uma pizza, talvez apenas passar o tempo — e depois, é claro, gastar um tempo revendo aquela parte em que Apollonia pula nua dentro do rio."

Fico sentado durante um momento, digerindo a oferta.

"Olá, Melissa, o que você está fazendo?", grita Lolo.

"Cale a boca, pássaro. Não falei com você", ameaça Rogo.

Um pequeno sorriso levanta minha bochecha esquerda.

"Apollonia fica nua? Você tem certeza?", pergunto.

"Wes, quando eu tinha dezesseis anos queria que o meu primeiro carro fosse uma motocicleta púrpura. Agora, quem está pronto para uma pizza ruim e Prince fazendo aquele jeito amuado

com os lábios? Venha, Melissa, é tempo de festejar como se fosse 1999!"

Ele sai correndo pelo corredor, antes mesmo que eu possa dizer obrigado.

37

Florence, Carolina do Sul

Nico sabia que eles deviam ter alguns ali.

"Mapas?", perguntou Nico, parando na pequena loja do posto de gasolina segurando e erguendo o mapa de Michigan que pegara no caminhão de Edmund.

"Ali, à esquerda", disse um funcionário de rabo-de-cavalo, com costeletas como penugem cor de pêssego, sem tirar os olhos de uma pequena TV que olhava atrás do balcão.

Antes que Nico pudesse dar um passo, um sino alto tocou quando ele cruzou pelo olho elétrico da campainha da porta automatizada. Ele estremeceu com o som, ainda não estava acostumado a estar fora, em público. Mas a maneira pela qual seu coração estava batendo com excitação não o fez diminuir a marcha.

Contando três câmeras de vigilância — uma perto do funcionário, duas nas alas —, Nico diminuiu o passo, passeando enquanto se dirigia para a prateleira com os mapas, no fundo da loja. Não era diferente de suas velhas tarefas: não precisava se afobar. Não olhe em volta.

Desapareça dentro do mundo.

Ele olhou a maioria dos mapas até a metade do caminho na ala. Califórnia, Colorado, Connecticut, Delaware...

Era um bom sinal. Mas muito melhor foi parar e ver que o suporte central que sustentava a prateleira de mapas era feito de dezenas de cruces formadas pelas intersecções do metal. Expirando com alívio, Nico praticamente riu alto. É claro que seu mapa estaria ali. Assim como com Wes. Como no Livro, a vontade de Deus era sempre clara.

Enfiando o mapa de Michigan debaixo do braço, ele deu uma volta confiante na prateleira indo direto até o final. Com certeza. O segundo a partir de cima. Exatamente entre o mapa do estado de Washington e o oeste da Virginia, Washington, D.C.

Faíscas luminosas de adrenalina subiram pelas pernas de Nico. Ele cobriu a boca com a mão enquanto seus olhos enchiam-se com lágrimas de alegria. Muito embora ele nunca duvidasse... finalmente isso depois de lhe ter sido negado por tanto tempo. *O covil... o covil do demônio... os Homens M o enterraram há tanto tempo. E agora a prova estava de volta.* "Obrigado, Pai", sussurrou Nico.

Sem hesitar, ele retirou o mapa de D.C. de sua torre de metal, substituindo-o pelo mapa de Michigan que trouxera do caminhão. Negócio justo.

Enxugando os olhos com as costas das mãos, ele esperou um momento até recuperar o fôlego. Encaminhando-se lentamente para a porta, tocou no boné de beisebol cumprimentando o funcionário. "Obrigado por sua ajuda."

Quando o ding-dong do carrilhão da porta tocou, o funcionário acenou sem mesmo levantar o olhar.

Lá fora, um golpe profundo do ar revigorante da Carolina do Sul gelou os pulmões de Nico, mas nem chegou perto de resfriar a excitação crescente que borbulhava dentro de seu coração. Vendo Edmund colocar gasolina na traseira do caminhão, Nico dirigiu-se rapidamente para a frente.

Quando ele se meteu no espaço estreito entre a grade frontal do caminhão e o para-choque traseiro do caminhão à frente deles, Nico pestanejou com um novo fluxo de lágrimas de seus olhos. Durante oito anos em St. Elizabeths, essa era a única coisa da qual não falou. A única verdade que eles nunca iriam entender. É claro, eles descobriram as cruzes através da observação, e o sussurrar consigo mesmo que ele costumava fazer nos primeiros anos. Mas isto... como o Número Três ensinou... Alguns segredos não eram para ser partilhados. E, quando se chegava ao covil...

"Abra-o!", ele insistiu, acenando para si mesmo.

Como uma criança surrupiando um biscoito do pote, Nico manteve os ombros caídos enquanto estudava a página da frente do mapa. Fechando os olhos, ele deu uma última verificada na área: os estalos de metal dos motores dos caminhões que ficavam ligados à toa... os assobios, como os de esguicho de jardim, das bombas de gasolina... mesmo os rabiscos calcários feitos com unhas afiadas contra o concreto quando um animal carnívoro perambulava ao redor, em direção ao contêiner de lixo.

"Obrigado, Pai", sussurrou Nico, mantendo os olhos fechados enquanto puxava o mapa, abrindo-o e deixando-o desdobrado à sua frente. Sua cabeça inclinou-se para cima e para baixo, dezesseis vezes enquanto dizia sua prece final.

Amém.

Seus olhos se arregalaram, olhando direto para a grade familiar, azul e preta, das ruas de D.C. Orientando-se nas áreas amplamente abertas da lagoa Tidal Basin e do National Mall, ele rapidamente encontrou a indicação do Monumento de Washington. A partir dele traçou um caminho para Dupont Circle, onde...

"D. G?", perguntou Edmund, colocando uma mão no ombro de Nico e olhando para o mapa. "Eu pensei que você quisesse o *estado* de Washington."

Recusando-se a voltar-se, Nico ficou em pé, ereto sobre as pernas, os braços e todo o corpo enrijecidos. Se não fosse pelo seu treino de franco atirador, suas mãos estariam tremendo. Ainda assim ele sentiu a veia perversa entre as sobrancelhas. A veia que inchava, cheia e transbordante, quando eles tiravam seu violino... quando seu pai lhe contou que sua mãe havia morrido... quando Os Três lhe contaram a verdade.

Apenas para manter-se firme, ele curvou os dedos dos pés como pequenos punhos que agarravam a terra através dos sapatos. A veia ainda pulsava. Palpitava sempre mais rápida.

Adquirindo velocidade. *Pai, por favor, não a deixe estourar...*

E então... quando Nico apertou os lábios fechados e segurou a respiração e focalizou tudo o que ele tinha na trama de veias que inchavam contra os seus sínus, tudo isso desapareceu.

Virando apenas a cabeça, Nico lentamente olhou por sobre seu ombro para Edmund.

"Calma... você está bem?" perguntou Edmund, afastando-se ligeiramente e apontando para o rosto de Nico. "O seu nariz... ele está sangrando às pampas, irmão."

"Eu sei", disse Nico, deixando cair o mapa e alcançando o ombro de Edmund com a palma de sua mão. "Sangue do nosso salvador."

Aeroporto Nacional Reagan Washington, D.C.

"E está tudo em ordem, senhor Benoit", disse a funcionária da companhia aérea no portão de embarque.

"Ótimo", replicou O Romano, tomando cuidado para manter a cabeça um pouco abaixada e inclinada para a esquerda. Ele não precisava esconder-se. Ou usar o nome falso. De fato, o único benefício da fuga de Nico era que dava ao Romano a desculpa perfeita para justificar sua viagem para o Sul.

Como delegado assistente do diretor, essa era sua função.

Mesmo assim, ele manteve a cabeça baixa. Sabia onde as câmeras estavam escondidas. Não havia necessidade de avisar ninguém que estava chegando.

Depois de se dirigir para a janela de vidro espelhado atrás da escrivaninha de controle e sentar-se na extremidade, no final de uma longa fileira de assentos, O Romano discou um número em seu celular, ignorou o bate-papo de seus companheiros de voo e concentrou-se no céu preto de antes do alvorecer.

"V-Você tem alguma ideia de que horas são?", implorou uma voz gogue, do outro lado da linha.

"Quase seis", replicou O Romano, olhando para fora. Ainda era muito cedo para ver faixas cor de laranja no horizonte como preâmbulo do aparecimento do sol. Mas isso não queria dizer que ele tinha de ficar no escuro.

"Você já recebeu o novo cronograma?", perguntou O Romano.

"Eu lhe disse na noite passada, com Nico rondando por aí, o dia inteiro de Manning está instável... você deveria saber disso mais do

que qualquer outra pessoa."

Olhando para o seu próprio reflexo no vidro, O Romano assentiu. Atrás dele, um agente armado com um blusão da *Segurança* misturava-se com as pessoas na área de alimentação, examinando a multidão. Atrás dos detectores de metal, ao entrar um pouco antes, ele contara mais três agentes fazendo o mesmo — e isto não incluía a dúzia ou mais que operava em roupas normais para não ser percebida. O FBI queria Nico de volta — e, na opinião deles, o melhor meio de pegá-lo era cobrir todos os aeroportos, as estações de trem e os principais centros de viagem. Era um bom plano, de acordo com anos de procedimento típico do FBI. Mas Nico estava longe de ser típico. E nessas alturas, com toda probabilidade, estava longe dali.

"E Wes? Quando ele consegue a sua cópia do cronograma?", perguntou O Romano.

"Não é mais como na Casa Branca. Por mais próximo que esteja de Manning, ele o recebe ao mesmo tempo que nós — a primeira coisa que é feita de manhã."

"Bem, quando ele o receber..."

"Você o terá", disse seu parceiro. "Embora eu ainda não entenda por quê. Você já tem o microfone..."

"*Envie-o!*", berrou O Romano. À sua direita algumas pessoas se viraram para olhar. Recusando-se a ficar sem o cronograma, ele desligou o telefone e calmamente deslizou-o para dentro do bolso de seu sobretudo. Foi só quando abriu o punho que viu um pequeno ponto de sangue infiltrando-se através da gaze.

39

"Uma repórter?" pergunta Rogo, com o tom completamente nasalado do Sul, enquanto "costuramos" no tráfego matinal do Okeechobee Boulevard. "Você está sentado no maior escândalo político desde que Boss Tweed iniciou Teapot Dome, e você o joga no colo de uma repórter?"

"Em primeiro lugar, Boss Tweed não tem nada a ver com Teapot Dome. São escândalos políticos que aconteceram com cinquenta anos de intervalo entre si", digo a ele.

"Segundo, o que aconteceu com aquela calma do *Purple Rain* de ontem à noite?"

"Eu estava tentando fazê-lo se sentir melhor! Mas isto... Você atirou esse assunto no colo de uma repórter?"

"Não tivemos escolha, Rogo. Ela nos ouviu conversando."

Abaixo do porta-luvas, seus pés mal tocavam o capacho com as palavras *Cale-se!* em letras brancas gigantes. Ele me comprou o capacho como presente de aniversário, alguns anos atrás, como uma espécie de lição pessoal. Pelo olhar em seu rosto, ele ainda acha que preciso aprender isso. "Se ela quisesse, poderia publicar a história hoje", acrescento.

"E ainda por cima é ela? Debaixo do Pano?" pergunta ele, folheando o jornal para encontrar a coluna de Lisbeth na seção Ênfase. O cabeçalho diz *Ainda a Primeira — A dra. Primeira-Dama Excede Todos em Brilho*. O artigo abre com um item lisonjeiro sobre o traje verde-amarelado da senhora Manning feito por Narciso Rodriguez, bem como o seu alfinete de águia em ouro, que Lisbeth chama de "Elegância Americana". Para seu crédito, ela nem mesmo menciona a desagradável fuga de Nico.

"Você vê, ela está se comportando bem", saliento. "Isto é só para você não perceber que ela o está manobrando na frente do alvo. Pense por um segundo."

"Acredite-me, eu sei o que Lisbeth quer."

"Ainda assim você está ignorando o fato de que, no fim, ela irá parar de escrever sobre o traje da primeira-dama e usará o seu nome para abrir caminho para o tópico principal."

Descarte a coluna de mexericos, Wes, ela vai ter toda a primeira página para si."

"Ela pode tê-la agora! Você não compreende? Ela ouviu tudo ontem à noite. Boyle está vivo, nós não confiamos em Manning... mas, como eu, ela sabe que, se vier a público agora, isto trará uma onda de fezes caindo sobre nós todos."

"De fato, a onda apenas cairá sobre Manning e Boyle. Você sabe, as pessoas que, bem, *efetivamente causaram isto!*"

"Você está pelo menos escutando, Rogo? O que quer que tenha acontecido naquele dia, foi feito por algumas das mais poderosas pessoas ao nosso redor, inclusive — de acordo com esses camaradas do FBI — pelo ex-presidente dos Estados Unidos, que também tem sido como um pai para mim por quase uma década."

"Lá vamos nós, sempre com medo de ferir o Papai."

"Não estou com medo de machucar ninguém, sobretudo quem quer que diabos tenha feito isto para mim", digo, apontando para minha face. "Mas a sua solução? Você quer que eu — mesmo antes de saber o que está acontecendo — grite tudo de cima do telhado e vá colocar um punhado de dinamite na represa."

"Eu não disse isso."

"Isso *foi* o que disse. Mas, se eu soltar tudo isso, Rogo — se eu for a público —, depois não posso retirar. E você sabe que, do momento em que abrir minha boca, essas pessoas — pessoas que eram poderosas e bastante unidas para convencer milhões de outras de que sua ilusão era real — irão concentrar todos os seus esforços e energia para fazer com que eu pareça um maluco que jura que viu um homem morto. Então, se as águas vão ficar tempestuosas, e estou demolindo todas as relações profissionais da

minha vida inteira, eu quero estar absolutamente seguro antes de explodir tudo."

"Sem dúvida", diz Rogo calmamente. "É por isso que, se você se juntar com o FBI..."

"Eu o quê? Vou me salvar? Não tenho nada para oferecer ao FBI. Eles já sabem que Boyle está vivo. Eles só me querem para agarrar Manning e acender a dinamite eles mesmos.

Pelo menos do meu jeito, sou eu quem segura o estopim, e nós vamos conseguir alguma informação, que é mais do que conseguimos com os assim chamados companheiros agentes da lei."

"Eles estão tentando o melhor que podem. São apenas..."

"... tiras de tráfico. Eu compreendo. E aprecio a sua tentativa.

Mas entre O Romano e Os Três, precisamos de algumas respostas verdadeiras."

"Isto não significa que você deva sacrificar-se. Lisbeth ainda vai queimá-lo no fim."

Segurando firme no volante, piso com força no acelerador e passo um farol amarelo. O carro investe e dá um solavanco quando subimos a Royal Park Bridge.

"Sessenta e nove pratas de multa e três pontos a menos em sua carteira de motorista", avisa Rogo, quando o farol amarelo fica vermelho bem na nossa frente. "Embora eu suponha que isso não seja nada comparado com arruinar sua vida com uma repórter superansiosa."

"Rogo, sabe por que ninguém identificou quem era Garganta Profunda[10] durante todos esses anos? Porque ele controlava a história."

"E esse é o seu grande plano? Ser Garganta Profunda?"

"Não, o grande plano é conseguir todos os fatos, colocar minhas mãos em volta do pescoço de Boyle e descobrir por que diabos tudo isso aconteceu!" Eu não menciono minha face, mas Rogo sabe do que estou falando. Essa é a única coisa que ele não discute.

Rogo volta a ler a coluna de Lisbeth, que termina com uma leve menção sobre a visita de Dreidel. *Velhos Amigos Ainda se Visitam*, de acordo com o subtítulo. É a maneira de Lisbeth de nos fazer

lembrar que ela poderia facilmente ter mencionado o meu café da manhã com Dreidel.

"Dreidel estava lá ontem à noite?", pergunta Rogo. "Pensei que ele tinha uma festa para angariar fundos."

"Ele tinha. Chegou depois para ver Manning."

Rogo coça a careca, primeiro de um lado, e depois atrás da orelha. Eu conheço essa coçada. Ele fica quieto até o carro alcançar o alto da ponte. Três, dois, um...

"Você não acha isso estranho?", pergunta ele.

"O que, que Dreidel gosta de bajular Manning?"

"Não, que um dia depois de você descobrir Boyle, Dreidel aparece em Palm Beach, e ocorre de você ser perturbado pela imprensa, e *acontece* exatamente de ele estar levantando dinheiro na Flórida para uma corrida para o Congresso que só diz respeito às pessoas de Illinois. Isso não lhe cheira mal?"

Sacudo a cabeça enquanto saímos do sussurro monótono do metal da ponte e deslizamos para a Royai Palm Way, perfeitamente pavimentada. De ambos os lados da rua, localizados entre as altas e imaculadas palmeiras, ficam os bancos privados e as firmas de investimento que reúnem algumas das maiores contas da cidade.

"Você sabe como funciona o levantamento de fundos", digo a Rogo.

"Palm Beach era, é e sempre será a capital do domínio de Manning.

Se Dreidel quer tirar alguma vantagem de suas velhas conexões, é para cá que deve vir fazer reverências."

Rogo coça a cabeça de novo. Está tentado argumentar, mas, depois de ver como eu fiquei na noite passada, ele sabe que só pode cutucar até aí. Ficando em silêncio, ele bate o nó do dedo contra a janela do passageiro no ritmo de "Vivas! para o Chefe". O único outro som do carro vem do tinido das cabeças dos presidentes no alfinete de lapela que coloquei na minha jaqueta azul-marinho.

"Bem, espero que você esteja certo", diz Rogo, enquanto olha para Yosemite Sam.[\[11\]](#) "Porque, sem querer ofender, companheiro — mas a última coisa que você precisa agora é de um outro inimigo."

[10] Deep Throat, codinome de fonte secreta no escândalo de Watergate. (N. T.)

[11] Personagem de desenho animado. (N. T.)

40

"O que ela escreveu?", perguntou Micah, agarrando o volante e tentando ler o jornal no colo de O'Shea. Quatro carros adiante deles, o Toyota de Wes movia-se "costurando" no tráfego.

"Alguma coisa lisonjeira sobre o traje da primeira-dama", disse O'Shea do banco de passageiro, ainda examinando a coluna de Lisbeth. "Embora ela tenha conseguido inserir uma menção a Dreidel."

"Você acha que Wes lhe contou o que está acontecendo?"

"Não faço ideia, embora você tenha percebido a linguagem corporal ontem à noite... Todas as hesitações... quase sem a olhar nos olhos. Se não disse nada, ele está pensando a respeito disso." Apontando para o Toyota, O'Shea acrescentou: "Não se aproxime tanto, deixe passar outros carros."

"Mas ir à imprensa..." começou Micah, desacelerando e deixando passar alguns carros. "Ele está mais seguro conosco."

"Não na opinião dele. Não esqueça, o rapaz foi arruinado pelos melhores, e de alguma forma ele ainda está tentando entender a situação. Bem no fundo, ele sabe como o mundo opera. Até encontrar uma ficha para uma barganha melhor, em sua mente, ele não está a salvo com ninguém."

"Você vê, é por isso que deveríamos oferecer-lhe apenas clemência. *Muito bem, Wes, da próxima vez que tiver notícias de Boyle, diga-lhe que Manning quer se encontrar com ele e marque uma hora e um local. Depois nos telefone e nós tomaremos conta do resto.* Eu sei que você tem olho gordo, O'Shea, mas até finalmente pormos as mãos em Boyle..."

"Eu aprecio sua preocupação, Micah, mas confie em mim, nós cutucamos Wes e vamos conseguir Boyle."

"Não se Wes achar que vamos reagir violentamente. Estou lhe dizendo, esqueça as promessas vagas, ofereça um acordo."

"Não é necessário", disse O'Shea, sabendo que Micah sempre escolhia a saída mais fácil. "Wes sabe o que queremos. E, depois que a suposta morte de Boyle o fez passar por tudo aquilo, ele quer encontrá-lo mais do que qualquer um de nós."

"Não mais do que eu", insistiu Micah. "Depois do que ele e Manning aprontaram..."

"Prepare-se! Ele está passando com o farol vermelho!"

Micah acelerou, mas já era muito tarde. Com um barulho alto o carro na frente deles parou abruptamente, forçando-os a fazer o mesmo. Ao longe, o Toyota de Wes subiu a ponte e desapareceu de vista.

"Eu lhe disse para..."

"Relaxe", disse Micah. "Ele está apenas indo trabalhar.

Perdê-lo de vista por dois minutos não matará ninguém."

41

Woodbine, Georgia

"... mas este é o problema quando se esconde um tesouro", disse Nico, quando o sol da manhã apareceu por entre as nuvens baixas da Georgia. "Se não se escolher o lugar direito, aparecem uns estranhos que o desenterram."

Mas dizer que eles o esconderam em um mapa...

"Maldição, Edmund, isto não é diferente de esconder em palavras cruzadas ou num..." Interrompendo-se, Nico agarrou o volante e virou-se para seu amigo no banco do passageiro. Era mais difícil do que pensara. Confiar nas pessoas nunca era fácil. Mas Nico compreendia o poder do Senhor. O poder que havia enviado Edmund para perto dele.

Do espelho retrovisor, o rosário de madeira balançava fazendo um pequeno círculo, como uma bolinha de gude nos segundos finais antes de cair circulando numa vala aberta. E Nico nunca podia ignorar os sinais. Mesmo se fosse para expor sua própria fraqueza. "Eu não sou louco", disse Nico, com a voz suave e delicada.

Nunca pensei que você fosse. A propósito, tem certeza de que se sente bem dirigindo?

"Estou ótimo. Saiba apenas, se você quiser ajudar, que precisa entender que esta batalha não começou oito anos atrás. Ela começou em 91."

1991?

"1791", disse Nico, observando a reação de Edmund. "No ano em que eles delimitaram as linhas de batalha... estabelecendo limites para a cidade", explicou, esticando um dedo para o mapa que estava aberto em cima do grande painel entre eles.

Limites para o quê? Washington, D.C?

"Isso é o que eles estavam delineando — o plano para a capital da nossa nação. O próprio presidente Washington escolheu um grande exército para fazer isso: o arquiteto francês Pierre Charles L'Enfant. E quando você olha para os seus planos iniciais... eles estabeleceram a base para tudo o que há aqui hoje", disse Nico, fazendo Edmund olhar de novo para o mapa.

"Então, quando esse cara francês planejou a cidade..."

"Não!" insistiu Nico. "Não se prenda às mentiras da história.

L'Enfant é o único que ganha o mérito pelos planos, mas, depois de ter sido contratado pelo presidente Washington, um franco-maçom conhecido, houve um outro homem que ajudou a projetar os detalhes da cidade. *Esse* foi o homem que indicou a entrada da cidade. E utilizou as habilidades dos maçons para construir a porta do demônio."

É alguém que conheço, ou um outro cara francês?

"Ora, pense bem, Edmund. Nunca ouviu falar de Thomas Jefferson?"

42

"Carteira de identidade, por favor", insiste o robusto guarda de segurança afro-americano, quando passo através das portas de vidro e entro no saguão de mármore cinza do nosso prédio. Em muitas manhãs eu entro com apenas um aceno para Norma, a hispânica gorda que trabalha no turno da manhã há três anos. Hoje Norma não está. Um rápido olhar para a mão do novo guarda mostra-me o minimicrofone escondido no punho da manga. Na insígnia em seu ombro lê-se *Corporação de Segurança Flamingo*. Mas eu reconheço o Serviço Secreto quando o vejo.

Com Nico solto, ninguém está deixando nada ao acaso.

Não é diferente quando saio do elevador no quarto andar.

Além do agente regular de terno e gravata que monta guarda perto das bandeiras na área de recepção, há um outro ao lado de nossas portas à prova de balas e um terceiro na porta do escritório do presidente que fica no final do corredor. No entanto, nenhum deles me surpreende nem a metade do que me espanta a voz familiar que ouço poucas portas mais distante, quando entro em meu próprio escritório.

"Você tem certeza de que isto está bem?", pergunta a voz vindo do escritório de nossa chefe de equipe.

"Positivamente", promete Claudia, quando eles saem para o corredor. "De fato, se não tivesse telefonado — oh, eu teria *matado* você. E *ele* também o mataria", diz ela, referindo-se ao presidente.

Ela para bem diante de minha porta. "Wes, adivinhe quem vai trabalhar em nosso escritório durante a próxima semana?", pergunta ela, entrando e apontando como um assistente de mágico em direção à porta.

"E-Ei, camarada", diz Dreidel, quando entra em meu escritório com um grosso arquivo dobrado apertado contra o quadril.

Eu bato palmas, fazendo de conta que estou deleitado. *O que você está fazendo?* Pergunto com uma olhadela.

"Minha empresa perguntou se eu podia..."

"Eles não *perguntaram*", intromete-se Claudia, já se apoderando do controle. "Eles tiveram uma reprogramação de última hora em um depoimento de testemunha e, como ele já estava aqui, *disseram-lhe* para ficar. Mas nós não podemos deixá-lo procurar algum hotel para executivos no centro, certo? Não quando temos todo este espaço de escritório aqui."

"É só por uma semana", diz Dreidel, já percebendo minha reação.

"Wes, você está bem?", pergunta Claudia. "Eu imaginei que, com toda essa confusão do Nico, seria ótimo ter alguém familiar por aqui..." Ela para de repente, percebendo o que tinha deixado escapar. "Nico. Oh, como posso ser tão *estúpida*? Wes, sinto muito... eu nem pensei que você e Nico..." Ela dá um passo atrás, batendo em seu coque apertado como se quisesse se enterrar debaixo dele. A partir daí, a piedade surge rapidamente. "Como você está suportando isso? Se precisar ir para casa..."

"Estou ótimo", insisto.

"Depois de todos esses anos, isso é apenas... eu nem mesmo penso em você como..." Ela não diz a palavra, mas eu ainda a ouço. *Inválido. Cheio de cicatrizes.*

"*Uma vítima*", ajuda Dreidel, enquanto Claudia lhe acena agradecendo.

"Exatamente. Uma vítima", repete ela, recuperando sua posição segura. "Isto é tudo que quero dizer. Apenas que você... você não é uma vítima, Wes. Não agora, nem foi", insiste ela, como se isso pudesse fazer as coisas mudarem.

Como todo político de carreira, ela não deixa a justificativa prolongar-se. "Enquanto isso, Dreidel, deixe-me mostrar-lhe o quarto disponível lá atrás — ele tem um computador, um telefone —, você ficará bem acomodado durante a semana.

Wes, apenas para você saber, falei com o Serviço de manhã, e eles disseram que não estão esperando nenhum incidente, então, a não ser que fiquemos sabendo de algo, o cronograma permanece quase o mesmo."

"Quase o mesmo?"

"Eles o estão mantendo em casa na maior parte do dia — você sabe, apenas para ficar em segurança", diz ela, esperando suavizar as coisas. O problema é que a última vez que Manning alterou sua programação foi quando pensaram que ele tinha um câncer retal, alguns anos atrás. Vida ou morte. "Então, esqueça o comunicado público", acrescenta ela rapidamente, dirigindo-se para a porta. "No entanto, ele vai precisar de você para o evento do Madame Tussaud em sua residência hoje à noite."

Antes que eu possa dizer uma palavra, meu telefone toca na escrivaninha.

"Se for a imprensa...", diz Claudia. Eu lhe lanço um olhar.

"Perdão", remedia ela. "É que, se você soubesse quantos telefonemas recebi na noite passada..."

"Acredite-me, estive dizendo não a manhã inteira", digo, enquanto ela acena e sai. Deixo o telefone tocar, esperando que Dreidel saia atrás dela. Ele fica de guarda.

"Claudia, estarei com você em um segundo", grita ele, aproximando-se de minha escrivaninha.

Olho para ele sem acreditar. "Que diabos você está fazendo aqui?", sussurro.

Ele olha de volta com descrença. "Você está brincando? Eu o estou ajudando."

O telefone toca de novo, e eu dou uma olhada no identificador, que está inclinado de modo que Dreidel não pode saber quem é do seu lado da escrivaninha. *Biblioteca Presidencial*.

"Será que é a arquivista?", diz Dreidel, inclinando-se para dar uma rápida olhada. "Talvez ela já tenha aprontado os papéis de Boyle."

O telefone toca outra vez.

"O que, agora você não quer mais os papéis?", pergunta ele. Eu olho para outro lado, mas não posso ignorar a lógica.

Pegando o receptor, respondo: "Fala Wes".

Dreidel se dirige direto para a porta e dá uma olhada no corredor para ter certeza de que estamos sozinhos.

"Olá, Wes", fala uma voz suave pelo telefone. "Gerald Lang... do escritório do curador. Queria saber se você tem um momento livre para falar sobre aquela ajuda para a exposição presidencial?"

Quando Dreidel estende o pescoço para o corredor, um sorriso súbito e falso ilumina seu rosto. Há alguém ali.

"Eeeei", anuncia ele, fazendo-os entrar em meu escritório.

"Dreidel, *não!*", falo entre os dentes, cobrindo o telefone.

Não preciso do circo para...

"Dreidel?", pergunta Lang do outro lado da linha, ouvindo por acaso. "Eu estava agora mesmo tentando localizá-lo. Ele era o auxiliar de Manning na Casa Branca, não é?"

Diante de mim, Bev e Oren envolvem Dreidel com um abraço conjunto no estilo de Mary Tyler Moore.[\[12\]](#) Bev o aperta tanto que seus seios falsos praticamente amarrotam a carta personalizada de Manning que ela está segurando. O retorno do filho pródigo. Mas, enquanto os observo celebrar, uma dor de vazão surge lentamente em meu estômago. Não se trata de ciúmes. Ou inveja. Não preciso que elas me falem sobre Nico ou como estou suportando sua fuga. Não necessito de mais piedade. Mas preciso saber por que Dreidel, ainda no meio do abraço, continua olhando por sobre o ombro, observando-me ao telefone. Seus olhos estão cansados, as marcas escuras sob eles traem sua falta de sono na noite passada. O que quer que o reteve acordado, manteve-o assim até tarde.

"Wes, você está aí?", pergunta Lang do outro lado da linha.

"Sim, não — estou aqui", respondo, indo até a poltrona ao lado da escrivaninha. "Deixe-me apenas... posso pensar sobre isso um pouco? Com toda essa confusão do Nico, estamos ficando um pouco atordoados."

Desligando o telefone, olho de novo para meu amigo. Meu amigo que me conseguiu o trabalho. E ensinou-me tudo o que sei. E me visitou quando... quando apenas meus pais e Rogo me visitavam. Não me importo com o que Rogo diz. Se Dreidel está aqui, é por uma boa razão.

Com uma batida nas costas de Oren e um beijo no rosto de Bev, Dreidel os manda embora e entra de novo no escritório.

Curvando uma perna debaixo da nádega, sento-me atrás da escrivaninha e estudo o sorriso em seu rosto. Não há dúvida a respeito. Ele está aqui para ajudar.

"Então, *não* era a arquivista, hein?" pergunta ele. "E Lisbeth?

A que horas vamos encontrá-la?" Quando não respondo imediatamente, ele acrescenta: "Na noite passada... eu estava ali, Wes. Você disse que iriam se encontrar hoje de manhã".

"Vamos, mas..."

"Então não vamos dar uma de estúpidos." Ele se dirige para a porta e a fecha para termos maior privacidade. "Em vez de nos envolvermos como imbecis, vamos ver se estamos preparados pelo menos por uma vez." Vendo minha reação, ele diz: "O quê? Você quer que eu vá junto, certo?"

"Não... é claro", gaguejo, afundando ligeiramente em minha cadeira. "Por que eu não iria querer?"

[12] Atriz cômica de TV. (N. T.)

43

Kingsland, Georgia

O Thomas Jefferson?

"Uma trindade, você não percebe?", pergunta Nico, com as mãos ao volante na posição de seis horas de um relógio.

Fazendo um gesto para Edmund olhar para o mapa sobre o painel entre eles, Nico acrescenta: "Washington, Jefferson, L'Enfant. O Três original". *O três original o quê?*

"Os Três, Edmund. Desde os primeiros dias, sempre houve Os Três. Os Três que nasceram para destruir — e, hoje, Os Três que estão aqui para salvar."

Então Os Três estão caçando Os Três — uma espécie de círculo...

"Exatamente! Exatamente um círculo", disse Nico, já excitado enquanto alcançava o quebra-sol acima de seu assento e pegava uma caneta. "Foi assim que eles escolheram o símbolo!" Segurando o volante e inclinando-se sobre o painel, Nico rabisca furiosamente no canto do mapa.

Um círculo com uma estrela?

"Estrela de cinco pontas, também conhecida como pentagrama — o símbolo religioso mais amplamente usado na história — vital para todas as culturas, desde os maias até os egípcios e até os chineses."

E Washington e Jefferson de alguma maneira descobriram isso?

"Não, não, não — preste atenção. Washington era um franco-maçom... Havia um rumor de que Jefferson também era. Você realmente acha que eles não sabiam o que estavam fazendo? O símbolo não foi algo que eles descobriram. Isso foi algo *ensinado* a eles. Cinco pontas na estrela, está certo?"

Na Grécia antiga, cinco era o número do homem. E o número dos elementos: fogo, água, ar, terra e psique. Até a Igreja costumava adotar o pentagrama — olhe só para isto — as cinco feridas de Jesus", disse Nico, dando uma rápida olhada para o rosário de madeira no retrovisor. "Mas, quando o símbolo é invertido — virado de cabeça para baixo — ele se torna o oposto disso. Um símbolo adotado pelas bruxas, pelo oculto e... .. *pelos maçons*.

"Você percebe, não é? Eu sabia que você perceberia, Edmund. Eles têm estado invocando o símbolo há séculos — colocando-os em suas construções... acima das arcadas... mesmo *aqui*", disse Nico, apontando para o mapa, com seu indicador golpeando o quarteirão mais conhecido da Pennsylvania Avenue.



A Casa Branca?

Eles testaram isso durante séculos pelo mundo inteiro.

Fortalezas na Espanha, castelos na Irlanda, mesmo nas antigas igrejas de pedra em Chicago. Mas, para que a entrada se abra, eles precisavam mais do que os símbolos corretos e os encantamentos... eles precisavam de poder.

"Poder supremo. Essa foi a lição das pirâmides e dos Templos de Salomão — centros de poder. Até hoje os maçons ainda chamam Salomão de seu primeiro grande mestre! É por isso que eles colecionam tudo dos líderes da história! O acesso ao poder! Eu sabia que você iria perceber!

Louvados sejam todos!" Só de ver a reação de Edmund, Nico mal podia se conter. "Eu sabia que você iria perceber!"

Mas... como ninguém na Casa Branca reparou que havia uma porta com um pentagrama nela?

"Porta? Portas podem ser removidas e recolocadas, Edmund. Até a Casa Branca foi queimada e reconstruída.

Não, para isso, os maçons selecionaram algo muito mais permanente..." Nico voltou para o mapa de novo. "Siga os pontos de referência", explicou, já passando um círculo em cada ponto do mapa. "Um — Dupont Circle... dois — Logan Circle... três — Washington Circle... quatro — Mount Vernon Square... e cinco —" Ele levantou a caneta e bateu repentinamente no último local: "1600 Pennsylvania Avenue".



"A construção é a porta. Bem diante de nós durante duzentos anos", acrescentou ele, enquanto ligava os pontos. Assim como Os Três tinham feito para ele.



Oh, Deus.

"Deus não tem nada a ver com isso, Edmund. Monstros", insistiu Nico. "É contra eles que estamos lutando. Para delimitar o território, Jefferson até o marcou com o próprio emblema deles."

No canto do mapa, Nico começou a desenhar outra vez. Para sua própria surpresa, seus olhos marejavam a cada rabisco da caneta. Este era o único símbolo que jamais esqueceu.



Nico, você está bem aí?

Nico fez que sim, rangendo os dentes e recusando-se a olhar de novo para aquele símbolo — o compasso e o esquadro.

Lembre-se das lições. Nada de lágrimas. Apenas triunfo.

Estavam bloqueados na estrada e ele deu a Edmund as coordenadas que havia aprendido em todos aqueles anos passados. "Comece no Capitólio e vá com o dedo até Pennsylvania Avenue, depois até a Casa Branca", explicou Nico, sentindo uma pressão aumentar em sua cabeça. *Lute com ela. Resista ao monstro.* "Agora faça a mesma coisa do Capitólio até a Maryland Avenue — siga até o Memorial de Jefferson — seu próprio túmulo! Agora vá até a Union Station e trace uma linha até a Louisiana Avenue, depois no lado sul do Capitólio, trace outra linha até Washington Avenue. As linhas vão se juntar na frente do Capitólio..."



Dessa vez Edmund ficou em silêncio.

"O compasso e o esquadro. O mais sagrado símbolo maçônico..."
... apontando direto para a entrada da Casa Branca. . todo aquele poder em um só local. Por que eles...? O que eles estão fazendo, tentando dominar o mundo?

"Não", disse Nico friamente. "Eles estão tentando destruí-lo."

Já esquecido da dor em sua cabeça, ele acrescentou: "Bem-vindo, Edmund — bem-vindo à verdade."

Eu... eu não posso acreditar nisso.

"Essas foram minhas palavras... meus pensamentos também."
Mas para fazer isso sem ninguém saber...

"Eles o fizeram à vista de todos! Em 13 de outubro de 1792, a Loja Maçônica 9, de Maryland, colocou a pedra angular da Casa Branca em uma cerimônia cheia de rituais maçons.

Pode consultar — é verdade! A inscrição na placa de metal daquela pedra angular diz que ela foi colocada no dia 12, mas todo livro de história bem conceituado que existe diz que ela foi colocada no dia 13!"

Treze. O número da Besta.

"Treze quarteirões ao norte da Casa Branca foi onde eles construíram a Casa do Templo, quartel-general nacional dos maçons!"

Treze de novo!

"Agora você compreende a traição deles. Eles têm estado esperando há séculos! Setecentos anos atrás, pensávamos que o traidor era o Sagrado Imperador Romano — aquele que a Igreja rotulou de primeiro inimigo. Mas os maçons sabiam esperar. Esperar pelos sinais. Esperar que o verdadeiro poder emergisse. Preparar. Depois o fim do mundo viria!"

Então aponta que eles estavam tentando abrir...

"... a porta para o Inferno."

É claro! Eles estavam tentando libertar as Criaturas... começar os movimentos! Nico, você tem alguma ideia da direção na qual está indo? As Escrituras a predizem! Isto começa quando as Duas Bestas chegam...

"... elas chegam como anfitriões! Primeiro um discípulo — um homem pecador..."

Este é Boyle, certo? O pecador!

"Depois o líder — o homem de poder..."

Manning!

"Através dele A Treva — a verdadeira Besta — surgirá, criando o reino mais poderoso de todos!"

Então a Besta que eles estão tentando libertar...

"O Anticristo, Edmund. Eles querem o Anticristo! Se não fosse por causa dos Três, ele teria vindo! Diga-me que você percebe isso! Sem Os Três, a reeleição de Manning era iminente! O poder

supremo com Manning! Um pecador em Boyle! Juntos, teriam a chave para abrir a porta!"

O Três original dedicado a dar nascimento a ele — o Três final destinado a destruí-lo! Alfa e Ômega! Seus destinos cumpridos!

"Sim, sim... destino — seus destinos — como está na escritura! 'Queridos filhos... o anticristo está chegando. Ele já se encontra no mundo!'", gritou Nico, enquanto a saliva saía de sua boca e se espalhava pelo para-brisa.

Então, o motivo pelo qual você atirou em Boyle em vez de Manning...

"Em um estádio cheio de seus admiradores? Rodeado por seus suplicantes? *A influência de Manning estava no auge!* E se houvesse o catalisador para o seu despertar? Não — como Os Três disseram... melhor começar com Boyle, que era... era... era... Você não vê?" gritou ele, esmurrando o volante. "Sem Boyle, haveria apenas *uma* Besta! *Uma chave em vez de duas! Com apenas uma, a porta não poderia ser aberta!*" Ele ficou olhando para Edmund, depois de novo para a estrada. Sua respiração estava galopante, seu corpo todo sacudido. Ter ficado calado por tanto tempo... finalmente deixar tudo sair... mal podia recuperar o fôlego.

"O-O-O pecador — como meu pai — sempre tem sido o sinal! Você não... você não ouviu sobre o pecado de Boyle?", gritou Nico, ofegando quando um súbito fluxo de lágrimas perturbou a visão da estrada à sua frente. Ele se inclinou para a frente, agarrando o volante enquanto uma ânsia de vômito contraía seu estômago. "O que ele fez aos seus...? E depois a meu...?" Ele bateu com um dedo nos olhos afastando as lágrimas. Elas rolavam por suas faces, pendurando-se como gotas de chuva em seu maxilar. *Não lute contra*, disse a si mesmo. *Agradeça por isto sair... Preste atenção no Livro... Obrigado, Mãe... Obrigado...*

"V-Você compreende?" ele apelou para Edmund, sua voz ficando áspera e aguda com o sotaque de Wisconsin que ele havia reprimido anos atrás. "As pessoas não sabem nada, Edmund. Professor e aluno. Mestre e suplicante. Manning e Boyle", repetiu, inclinando-se de novo sobre o volante.

"Como pai e filho. Foi por isso que fui escolhido. Por isso minha mãe foi levada. Para me testar... para deter meu pai... para fechar a porta do diabo. Para manter a porta fechada e impedir a chegada da Grande Treva."

No banco do passageiro, próximo a ele, Edmund não disse uma palavra.

"P-Por favor, Edmund... diga-me, por favor, que você compreende..."

Mais uma vez, Edmund ficou em silêncio. Tão silencioso quanto estivera durante as cinco horas passadas desde que eles haviam saído do posto de gasolina em direção à Carolina do Sul.

Com o cinto de segurança abraçando-o em diagonal através do peito, Edmund ficou com os ombros caídos, ligeiramente à direita, pressionados contra a porta do passageiro. Os braços pendurados ao lado, o punho esquerdo curvado no colo.

Quando o caminhão-plataforma fez uma série de ruídos surdos e contínuos ao atravessar a ponte sobre o rio St. Martin, um solavanco provocado por concreto desigual fez a cabeça de Edmund cair para a direita, sua testa batendo levemente no vidro da janela do passageiro. A cada nova junção do asfalto, o caminhão pulava. A cada solavanco, a cabeça de Edmund batia de novo no vidro.

"Eu sabia que você compreenderia, Edmund", disse Nico, excitado. "Obrigado. Obrigado por acreditar..."

Tum... tum... tum. Como um martelo batendo num prego teimoso, a cabeça de Edmund batia contra a vidraça. O som barítono que parecia a batida de um tambor era cruelmente inevitável. Nico não percebeu. Assim como não percebeu o som que os dedos ensanguentados de Edmund faziam ao grudar e desgrudar do assento de vinil do caminhão. Ou a cascata de sangue que diminuía ao escorrer pelo peito de Edmund e que vinha de sua garganta, que Nico cortara com as chaves do carro.

"Eu sei, mas estou apenas contente por você compreender", disse Nico, recuperando o fôlego e enxugando as últimas lágrimas de seus olhos. Com um último *tum*, o caminhão transpôs a ponte sobre o rio St. Mary e passou oficialmente pela linha que delimitava o estado da Georgia. À direita, eles passaram por uma desbotada

placa verde e laranja da rodovia. *Bem-vindos à Flórida — O Estado
Ensolarado.*

44

Uma hora e meia mais tarde, eu me detenho na curva em frente ao First of America Bank, onde se situa o escritório de Rogo, no segundo andar. Quando meu carro para com um solavanco, Rogo sai lentamente pela porta de entrada do edifício. Ele ainda está irritado porque vou me encontrar com Lisbeth. Mas nem a metade do que ficou ao ver Dreidel sentado em seu lugar.

"Como vai o mundo de negócios das multas de trânsito?", pergunta Dreidel, enquanto abaixa o vidro.

"Da mesma forma que a política de Chicago", replica Rogo, disparando-me um olhar enquanto abre a porta para o banco de trás. "Completamente corrupto."

A conversa entre eles não foi melhor da primeira vez em que se encontraram. Ambos advogados, ambos teimosos, ambos inflexíveis demais para ver qualquer coisa além dos defeitos um do outro.

Durante o resto da viagem, Rogo fica de mau humor enquanto passamos pelas lojas tradicionais de moda antiga que se alinham na South Dixie Highway. De vez em quando ele olha pelo vidro de trás para ter certeza de que não estamos sendo seguidos. Eu uso o espelho lateral para fazer o mesmo.

"Ali..." Dreidel aponta como se eu não tivesse estado aqui uma dúzia de vezes. Pisando no freio, faço uma curva fechada bem na frente do nosso destino: o amplo e branco edifício de escritórios que ocupa quase a metade do quarteirão. Bem na frente do edifício há uma pequena praça com a estátua de uma tartaruga vestida de preto e óculos escuros, tocando comicadamente um teclado elétrico. A intenção é ela ser engraçada. Nenhum de nós sorri.

"Estacionamento subterrâneo", diz Rogo, apontando para a garagem de estacionamento feita de concreto, com dois andares,

que se liga com o edifício. "Quanto menos pessoas nos virem, melhor." Ele olha para mim pelo retrovisor. Não é preciso ser um gênio para entender. Já é muito ruim termos vindo para cá. É pior ainda ter trazido Dreidel.

No entanto, Dreidel não parece ter percebido a fúria de Rogo. Olhando pela janela, ele está muito concentrado no enorme emblema marrom parcialmente bloqueado pelos pilares artificiais de cimento do edifício: *Palm Beach Post*.

"Você tem certeza de que é uma conduta inteligente", pergunta Dreidel, enquanto o sol desaparece e subimos para o segundo andar da garagem já escurecida.

"Você tem um lugar melhor?", desafio.

E este é o ponto essencial. Qualquer que seja o lugar que formos, fica muito fácil para qualquer pessoa ouvir nossa conversa. Mas aqui, no coração da... Não me importo de quão poderosos eles sejam — Manning, o FBI, até o Serviço —, nenhum deles pode se permitir um duelo com a imprensa.

"Qual é o plano de segurança para quando ela nos amarrar?", pergunta Rogo, quando nos dirigimos para a porta da frente do edifício e atravessamos o piso salmão e preto do saguão. Esse é o seu último esforço para nos fazer abandonar o encontro. Dreidel faz um gesto mostrando que concorda, mas, mesmo assim, não diminui o passo. Como eu, ele arriscou uma aposta pessoal. E, com base no que vi em seu quarto de hotel, ele não quer dar outro pretexto para Lisbeth colocar seu nome em evidência.

"Telefones celulares e *paggers*", anuncia um guarda bronzeado com cabelos cinza-prata, enquanto nos aproximamos do detector de metal e do raio X. Eu coloco minha mochila na correia de transporte, junto com o celular.

Mas, quando passo pelo raio X, um sonoro sinal de alarme ecoa através do alto saguão de mármore.

Sentindo-me apalpado, eu procuro uma caneta ou...

"O seu alfinete", diz o guarda, apontando para minha lapela.

Olhando em volta e dando um passo para trás do raio X, eu me esforço para retirar a jaqueta e a coloco na correia.

"Você só devia jogar o alfinete fora", diz Dreidel, seguindo logo atrás de mim. "Essas arrepiantes cabeças encolhidas balançando como..."

"Ei, companheiros", interrompe o guarda de segurança, sua cabeça inclinada de modo a poder ver o monitor de vídeo do raio X. Ele bate na tela e faz careta. "Acho que vocês podem querer dar uma olhada nisso..."

45

"Senhoras e senhores, bem-vindos ao Aeroporto Internacional de Palm Beach", anuncia o comissário de bordo pelo interfone do avião. "Por favor, permaneçam sentados com os cintos de segurança colocados até a parada completa da aeronave e o capitão apagar o sinal que indica o uso do cinto de segurança."

Abrindo a fivela de metal, O Romano solta o cinto, procura debaixo do assento diante de si e tira uma maleta de fotógrafo feita de alumínio grosso com o logo do Serviço Secreto gravado. Ele dobra os polegares, pressionando os fechos que abrem a maleta. De dentro, colocado em um envoltório em forma de concha com espuma cinza dentro, ele retira um pequeno receptor que o fez lembrar dos antigos rádios transistorizados que seu avô costumava colecionar. Desenrolando um fio elétrico preto ao redor do receptor, ele inseriu o fone de ouvido na orelha direita e *ligou* o botão do receptor na lateral.

"... o alfinete fora", disse Dreidel, com a voz muito mais abafada do que antes. "Essas arrepiantes cabeças encolhidas balançando como..."

Verificando a recepção na tela eletrônica quadrada, O Romano viu quatro das cinco barras digitais. Não era diferente de um celular com uma bateria militar mais potente.

"Ei, companheiros", interrompeu uma voz. "Acho que vocês podem querer dar uma olhada nisso."

O Romano colocou um dedo em sua orelha livre e girou um botão para aumentar o volume. Tudo que conseguiu foi silêncio.

Acima, ruídos altos, como o de sinos, soaram no avião quando uma sinfonia metálica de cintos sendo soltos encheu a cabine. Sentado perfeitamente imóvel, O Romano girou o botão para um

volume ainda mais alto. Ainda nada. Por um momento, houve um pouco de resmungo, mas nada muito audível.

"Que andar?", perguntou Rogo, com a voz clara e alta.

"Segundo", replicou Wes.

"Faça-me um favor", acrescentou Rogo. *"Ao lidar com Lisbeth, vamos tentar ser espertos, está bem?"*

Fechando seu sobretudo e seguindo os demais passageiros na ala, O Romano fez um sinal de aprovação para si mesmo.

Eles serem espertos foi exatamente o que ele planejara.

46

"Você tem de dar um crédito ao garoto", sugeriu Micah, circulando pelo estacionamento enquanto Wes, Rogo e Dreidel desapareciam dentro do edifício do *Palm Beach Post*.

"Quem, Wes?" perguntou O'Shea, observando do banco de passageiro do Chevy alugado pelo governo. "Por que, por ele estar correndo para buscar ajuda?"

"Veja, é isto que você está subestimando. Não acho que ele esteja correndo. Uma vez dentro do edifício, ele está se colocando num campo de forças que sabe que não podemos penetrar."

"Ou isso ou ele está correndo por falta de opções."

"Talvez", disse Micah, segurando o volante e olhando seu parceiro de longa data. "Mas quando eu o segui ontem de manhã, cada pessoa que ele encontrou estava olhando para seu rosto: o motorista para quem entregou seu carro, o porteiro, os hóspedes pelos quais passou no saguão... se ele pode suportar isso diariamente, ele pode beber mais ponches do que você pensa."

"E você espera me impressionar com isso?"

"Só estou dizendo, o propósito arraigado é exatamente tão implacável quanto a nossa força irresistível."

"Sim, mas a força irresistível é ainda aquela que as pessoas temem. E, até pegarmos o imbecil do Boyle, nela que prefiro estar."

"... porque ela nos serviu muito bem até aqui", disse Micah.

"Você está perdendo o objetivo. Mesmo que Boyle saiba que o estamos procurando..."

"... o que ele sabe. Ele sabe há anos."

"Mas o que ele não sabe é que Wes subitamente tornou-se a melhor isca em nossa vara. Vire — aqui", acrescentou O'Shea, apontando para a entrada da garagem de dois andares.

Virando e subindo até o segundo andar, não foi preciso muito tempo para chegar até o Toyota preto e enferrujado de Wes. Assim que a viu, Micah freou.

"Estacione aqui atrás", disse O'Shea, indicando um espaço vazio no estacionamento aberto, situado na diagonal do Toyota.

Desligando o carro, Micah relaxou imediatamente. Pela janela de trás, a visão do carro de Wes era perfeita.

"Pegamos a isca", disse O'Shea. "Quando você se mantém firme ao lado dela, o peixe sempre virá atrás."

47

Espremendo-se ao redor do pequeno monitor de TV do raio X, todos ficamos gelados quando o guarda aponta para a tela. A forma retangular do meu alfinete de lapela brilha num tom cinza-escuro. Logo abaixo dele, as duas cabeças esculpidas estão penduradas como lágrimas cinzentas semelhantes. Mas o que é muito mais interessante são as minúsculas peças de metal — elas quase se parecem com fragmentos de vidro estilhaçado —, um brilho branco luminoso no centro do retângulo.

Ficamos todos piscando os olhos, lutando para descobrir o que são, até que o guarda aperta um botão em seu teclado e as focaliza. Na tela, as peças — uma antena em espiral, um *microship* miniatura e uma bateria para audíofone ainda menor — se tornam visíveis.

Como sempre, a boca de Rogo é a primeira que se abre.

"Filho da..." Eu seguro seu cotovelo e lhe lanço um olhar.

"Isto é apenas... o meu gravador de som — tudo digital — sabe, para me lembrar das boas ideias", sussurro, tentando fazer parecer que tenho dor de garganta. "Legal, hein?"

"Eles o fazem ainda menor do que aqueles pequenos cassetes", acrescenta Rogo, recuperando-se rapidamente.

"Aqui está, pode testar", blefo para o guarda, enquanto a correia de transporte traz minha jaqueta. Dobrando-a em meu braço e estendendo-a até ele, eu seguro a lapela para deixá-lo olhar mais de perto. Ele me acena para afastar-me, satisfeito com o oferecimento.

Ao nos dirigirmos rapidamente para os elevadores, esboçamos falsos sorrisos, como se tudo estivesse perfeito.

A maneira pela qual os olhos de Dreidel se movem de um lado para o outro mostra que estava tomado de pânico. Eu não o culpo. Quem quer que estivesse ouvindo sabia o que ele estava fazendo naquele quarto de hotel. Mas agora não é o momento. Dou uma olhadela no guarda que ainda está nos observando, depois para as figurinhas em metal, que provavelmente ainda estão transmitindo.

Espera, eu digo para Dreidel apenas com uma palma aberta apontada em sua direção. Seus olhos se movimentam ainda mais depressa.

Quando entramos no elevador que está à espera, ele morde suas unhas bem tratadas, incapaz de conter-se. Mas quando ele estava prestes a sussurrar uma resposta, Rogo o pega pelo bíceps.

"Qual é o andar?" pergunta Rogo, inclinando-se e acenando para cima com o queixo. No canto do elevador uma câmera de segurança olha para nós.

"Segundo", replico, tão casualmente quanto possível.

"Faça-me um favor", acrescenta Rogo. "Ao lidar com Lisbeth, vamos tentar ser espertos, está bem?"

Ninguém diz outra palavra até a porta abrir-se no segundo andar. Eu dou dois passos rápidos, seguindo o carpete cinza do corredor principal. Ao longo da parede esquerda há portas de vidro fechadas e escritórios particulares dos editores mais importantes do jornal. Vamos direto para os cubículos de trás.

"Isto é estúpido", sussurra Dreidel, enquanto minha mão cobre o alfinete na lapela. "Deveríamos sair daqui. Apenas livre-se da jaqueta e desfaça o compromisso."

Por uma vez, Rogo concorda. "Tome isso como um sinal, Wes. De tudo que sabemos, ela só vai tornar as coisas piores."

"Você não tem certeza", sussurro.

"Ei", chama Lisbeth, pondo sua cabeça acima do cubículo exatamente quando nos aproximamos. Ela percebe nossa reação instantaneamente. "O que há de errado...?"

Coloco um dedo em meus lábios, interrompendo-a.

Levantando a jaqueta, aponto para o alfinete em minha lapela e movimento os lábios para articular, sem som, a palavra *escuta*.

"Obrigado, novamente, por nos receber", acrescento, enquanto, através de mímica, ela aponta para a sua própria orelha.

Eles podem nos ouvir?, pergunta ela.

Eu faço que sim e coloco a jaqueta pendurada em sua cadeira.

"Sinto muito sobre o ar-condicionado", acrescenta ela, já um passo à nossa frente, enquanto pega um grosso arquivo de cima da escrivaninha. "Se vocês quiserem deixar os paletós aqui..." Antes que eu possa reagir, ela já está fora do cubículo, andando rapidamente pelo corredor, o cabelo vermelho saltando e os braços oscilando ao lado do corpo. Da maneira como as mangas de sua blusa branca estão enroladas até o cotovelo, posso ver as sardas pálidas que pintam a maior parte de seu antebraço. Arrastando-se atrás dela, Rogo também as vê, mas não diz uma palavra. Ele ou a odeia ou a ama. Como sempre com ele, é difícil dizer qual das duas coisas.

"Eu sou Rogo", diz ele, estendendo a mão e apressando-se para alcançá-la.

"Aqui dentro", diz ela, ignorando-o e abrindo a porta para uma sala de reunião ensolarada com três paredes de vidro, cada uma delas com cortinas verticais abertas. Lisbeth dá a volta na sala e, uma por uma, puxa os cordões das cortinas, fechando-as. Ela faz o mesmo com as cortinas da janela de vidro espelhado que dá para o estacionamento. Depois de três segundos, a luz do sol é substituída pelo zumbido monótono das lâmpadas fluorescentes.

"Você tem certeza de que ninguém pode nos ouvir?"

"O corpo editorial se encontra aqui todas as manhãs para decidir que vidas irão devassar a cada dia. Corre o rumor de que examinam a sala procurando por grampos pelo menos uma vez por semana."

Ao contrário de Dreidel ou Rogo, ou até de mim mesmo, Lisbeth não está nem um pouco confusa ou intimidada. Nós temos estado fora de disputas desde o dia em que abandonamos a Casa Branca. Ela enfrenta batalhas públicas todos os dias. E, nitidamente, é boa nisso.

"Então, quem lhe deu o alfinete?", pergunta Lisbeth, enquanto nos acomodamos ao redor da grande mesa oval de conferência.

"Claudia", gaguejo, referindo-me à nossa chefe de equipe, enquanto acidentalmente bato as costas de minha cadeira na estante de fórmica preta situada ao longo da parede atrás de nós. "Isso acontece com todos que estão atrasados..."

"Você acha que foi ela quem pôs o microfone aí dentro?", pergunta Dreidel.

"E-Eu não faço ideia", digo, repassando o encontro de ontem em minha cabeça. Oren... Bev... Até B. B. "Pode ter sido qualquer um. Tudo o que precisavam era ter acesso ao alfinete."

"Quem o usou por último?" pergunta Lisbeth.

"Eu não sei... Bev talvez? Oren nunca o usa. Talvez B. B.? Mas no fim de semana as pessoas algumas vezes apenas o deixam sobre sua escrivaninha. Quero dizer, eu não teria percebido se alguém entrasse em meu escritório e o tirasse de minha jaqueta..."

"Mas, para colocar um microfone sem fio em algo tão pequeno..." diz Dreidel. "Não parece ser uma tecnologia um pouco avançada para — sem querer ofender, Wes — os pouco dotados da equipe B da Casa Branca?"

"O que você quer dizer?" pergunto, ignorando o esnobismo.

"Talvez eles tenham tido ajuda", diz Dreidel.

"De quem? Do Serviço?"

"Ou do FBI", sugere Rogo.

"Ou de alguém que é bom para guardar segredos", acrescenta Lisbeth, de forma um pouco entusiasta demais.

Da maneira pela qual seus dedos batem na ponta de seu grosso arquivo, ela claramente tinha conseguido algo para dizer.

"Você tem alguém que se ajusta ao perfil?", pergunta Dreidel, com um jeito cético.

"Diga-me você", diz ela, abrindo o seu arquivo. "Quem quer escutar a verdadeira história por trás do Romano?"

48

A maior parte das vezes era como o zunido de uma escada rolante ou o zumbido de uma correia de transporte de um aeroporto. Suave, de início, depois enlouquecedora com a repetição. Para O Romano, fazia quase uma hora desde que tinha ouvido a voz rascante de Wes ecoar pela ligação clandestina. Se tivesse sorte, não demoraria muito mais.

Mas, quando pegou o carro alugado, batalhou em meio ao tráfego do aeroporto, e finalmente saiu no Southern Boulevard, a ligação clandestina zumbiu apenas com o vazio.

De tempos em tempos, quando duas pessoas passavam pelo cubículo de Lisbeth, ele captava o murmúrio distante de uma conversa. Depois o zumbido vazio.

Agarrando o volante do carro branco de aluguel enquanto atravessava a Southern Boulevard Bridge, ele tentou se acalmar com a vista verde-mar da Intracoastal Waterway.

Como de hábito, a vista o ajudou, fazendo-o lembrar da última vez que estivera ali: durante o último ano do governo de Manning, pescando no lago Okeechobee, e não aceitando peixe menor do que quatro quilos e meio. Sem dúvida, a perca era maior na Flórida — em D.C., quando retornasse, um peixe de três quilos seria considerado grande —, mas isso não fazia com que fosse fácil pegá-los. Não a menos que se tivesse paciência.

Com uma olhadela para sua maleta prateada, aberta no banco do passageiro, O Romano examinou de novo a força do sinal da ligação clandestina e ajustou o fone de ouvido.

Depois de uma curva à esquerda no Ocean Boulevard, ele não demorou a ver o topo do baixo e envidraçado edifício de escritórios elevando-se acima das folhas verdes das figueiras-de-bengala que

foram transferidas para lá para ocultá-lo dos olhos do público. Quando virou à esquerda na via principal, ele soube que haviam colocado seguranças. O que não sabia era que havia também dois carros de polícia, dois Chevys não identificados, e uma ambulância do lado de fora da entrada do edifício. Eles estavam definitivamente entrando em pânico.

O Romano parou em um estacionamento próximo, fechou sua maleta e tirou o fone do ouvido. Wes era mais esperto do que esperara. Ele não ouviria a voz de Wes durante um tempo. Mas fora por isso que fizera a viagem, em primeiro lugar. Ter paciência era excelente para agarrar o peixe. Mas, do jeito que as coisas estavam indo, alguns problemas exigiam uma abordagem que era mais no estilo de pôr mãos à obra.

Do fundo de sua maleta, O Romano tirou o seu revólver SIG, 9 mm, armou-o, depois colocou-o no coldre de couro por dentro do paletó de seu terno preto. Fechando a porta do carro com um estrondo de trovão, ele foi direto para a entrada do edifício.

"Senhor, vou precisar ver algum documento de identificação", pediu um oficial usando uniforme de xerife, com um leve toque nasalado do norte da Flórida.

O Romano parou, virando a cabeça de lado. Tocando a ponta da língua no lábio superior, ele procurou em seu paletó...

"Mãos onde eu possa...!"

"Calma aí", replicou O Romano, enquanto retirava uma carteira preta de pele de enguia. "Estamos do mesmo lado."

Abrindo a carteira, ele revelou uma foto de identificação com uma insígnia dourada e a familiar estrela de cinco pontas.

"Delegado Assistente Diretor Egen" disse O Romano.

"Serviço Secreto."

"Maldição, homem, por que não disse logo?" perguntou o xerife com uma risada, enquanto reapertava a correia que prendia sua arma no coldre. "Eu quase atirei em você."

"Não é necessário", disse O Romano, estudando o seu próprio reflexo ondulante enquanto se aproximava das portas de vidro da entrada. "Sobretudo num dia tão bonito."

No interior, aproximou-se da escrivaninha de identificação e olhou para o busto de bronze esculpido no canto do saguão.

Ele não precisava ler a placa gravada embaixo para descobrir o resto.

Bem-vindo aos escritórios de Leland P. Manning. Ex-Presidente dos Estados Unidos.

49

"Romano é um herói", começa Lisbeth, lendo do bloco de apontamentos que retira de sua pasta de papéis. "Ou um agente da narcóticos interesseiro, dependendo de sua filiação política."

"Republicano *versus* Democrata?", pergunta Dreidel.

"Pior", esclarece Lisbeth. "Pessoas razoáveis *versus* lunáticos implacáveis."

"Não compreendo", digo a ela.

"O Romano é um IC — informante confidencial. No ano passado, a CIA lhe pagou setenta mil dólares por uma informação para localizar o paradeiro de dois iraquianos que tentavam construir uma bomba química em Weybridge, fora de Londres. Dois anos atrás lhe pagaram cento e vinte mil dólares para ajudá-los a encontrar a pista de um grupo al-Zarqawi que supostamente contrabandeava gás VX através da Síria. Mas o auge foi quase uma década atrás, quando lhe pagaram regularmente — cento e cinquenta mil dólares a cada vez — por dicas sobre quase todas as atividades terroristas que incubavam dentro do Sudão.

Essas eram suas especialidades. Vendas de armas... paradediros de terroristas... coleção de armas. Ele sabia qual era a verdadeira moeda corrente dos Estados Unidos."

"Não tenho certeza de estar acompanhando", diz Rogo.

"Dinheiro, soldados, armas... todos os antigos padrões de medida para ganhar uma guerra desapareceram" acrescenta Lisbeth. "No mundo de hoje, a coisa mais importante que os militares precisam — e raramente têm — são informações boas, sólidas e confiáveis. A informação é soberana. E é a única coisa que O Romano, de alguma forma, sempre teve por causa de uma posição que lhe dava vantagem sobre as outras pessoas."

"Quem *diz isso*"?, pergunta Dreidel com ceticismo. Depois de todo tempo que passou no Salão Oval, ele sabe que uma história só é tão boa quanto a pesquisa que há por trás dela.

"Um dos nossos antigos repórteres que costumava cobrir a CIA para o *L. A. Times*", dispara Lisbeth. "Ou esse não é um jornal com suficiente prestígio para você?"

"Espere, então O Romano está do nosso lado?" pergunto.

Lisbeth sacode a cabeça. "Informantes não têm lados — eles apenas dançam para quem paga mais."

"Então, ele é um bom informante?", pergunto.

"*Bom* seria o camarada que delatou aqueles terroristas asiáticos que tinham como alvo a Filadélfia alguns anos atrás. O Romano é notável."

"Quão notável?", pergunta Rogo.

Lisbeth agita uma nova folha em seu bloco de anotações.

"Notável o bastante para pedir um pagamento de seis milhões de dólares por uma única informação secreta.

Embora, aparentemente, ele não a tenha conseguido. A CIA no final disse não."

"Isso é um bocado de dinheiro", diz Rogo, inclinando-se e lendo no bloco de anotações dela.

"E este é o detalhe importante", concorda Lisbeth. "O pagamento médio para um informante é pequeno: dez mil dólares mais ou menos. Talvez até deem vinte e cinco mil, ou mesmo cinquenta mil dólares se a informação for de grande ajuda... depois até quinhentos mil dólares se forem fornecidas informações específicas sobre uma célula terrorista verdadeira. Mas seis milhões? Vamos colocar a questão desta maneira: seria como estar perto o bastante de Bin Laden para saber qual sabor de pasta dental que ele prefere. Então, para O Romano pedir esse tipo de dinheiro à vista..."

"Ele deve estar sentado em um segredo do tamanho de um elefante", digo, completando o pensamento.

"Talvez ele lhes tenha dado informações dizendo que Boyle ia receber os tiros", acrescentou Rogo.

"Ou o que quer que tenha sido a causa de ele levar os tiros", diz Lisbeth. "Aparentemente, o pedido foi feito cerca de um ano antes do tiroteio."

"Mas você disse que a CIA não o pagou", reflete Dreidel.

"Eles queriam dar-lhe o dinheiro. Mas, aparentemente, não puderam justificar o pagamento perante os oficiais superiores", explica Lisbeth.

"Oficiais superiores?" pergunto. "Quão superiores?"

Dreidel sabe onde quero chegar. "Você acha que Manning negou o pote de ouro do Romano?"

"Não tenho ideia", digo.

"Mas isso faz sentido", interrompe Rogo. "Porque, se alguém interferisse algum dia no *meu* caminho para conseguir um pagamento de seis milhões de dólares, eu iria pegar a espingarda de meu pai e sairia dando alguns tiros."

Lisbeth o encara. "Você costuma ir assistir àqueles filmes de ação na noite de estreia, não é?"

"Podemos, por favor, permanecer no assunto?" peço, depois pergunto a ela: "O seu amigo repórter disse alguma coisa mais acerca de para que era esse pagamento de seis milhões de dólares?"

"Ninguém sabe. De fato, ele se sentia mais atraído por descobrir como O Romano continuava a tirar coelhos de sua cartola ano após ano. Aparentemente, ele apenas aparecia saindo do nada, soltava uma granada explosiva acerca de uma célula terrorista no Sudão ou um grupo de reféns capturados, depois desaparecia até a próxima emergência."

"Como o Super-Homem", diz Rogo.

"Sim, com a diferença que o Super-Homem não lhe cobra algumas centenas de dólares antes de salvar sua vida. Não se engane, O Romano é desumano. Se a CIA não concordasse com seu preço, ele ficaria igualmente feliz em ir embora e deixar um refém ser decapitado. É por isso que ele obtinha o maior preço. Ele não se incomodava. E aparentemente ainda não se incomoda."

"Sua base ainda é no Sudão?", pergunto.

"Ninguém sabe. Alguns dizem que ele pode estar nos Estados Unidos. Outros se perguntam se ele está sendo sustentado por alguém de dentro."

"Você quer dizer como se ele tivesse alguém na CIA?", pergunta Rogo.

"Ou no FBI. Ou na NSA. Ou até mesmo no Serviço. Todos eles acumulam informações."

"Isso acontece o tempo todo", concorda Dreidel. "Algum agente de nível mediano se cansa de seu salário de nível mediano e certo dia decide que, em vez de datilografar um relatório sobre o criminoso X, ele vai passar a informação adiante para um assim chamado informante, que a vende imediatamente e divide a recompensa com o agente."

"Ou ele inventa uma identidade falsa — talvez chame a si mesmo de algo ridículo como *O Romano* — e depois apenas vende a informação de volta para si mesmo. Assim, ele está conseguindo um enorme pagamento por aquilo que, caso contrário, teria de fazer no curso de seu trabalho", eu digo.

"De qualquer modo, *O Romano* provavelmente se protegeu tão bem, que os que lidam com ele tiveram de projetar esse ridículo sistema de comunicação apenas para contatá-lo.

Você conhece essas coisas, como, por exemplo, aquilo de ler toda a quinta letra em alguma lista classificada..."

"Ou atrapalhar as letras em um jogo de palavras cruzadas", murmura Dreidel, sentando-se subitamente ereto. Virando-se para mim, ele diz: "Deixe-me ver aquele jogo..."

Do bolso de minhas calças, eu tiro o fax com as palavras cruzadas e desamasso o papel sobre a mesa de conferência com a palma da mão. Dreidel e eu nos inclinamos de um lado. Rogo e Lisbeth se inclinam do outro. Embora ambos tenham ouvido a história na noite passada, esta é a primeira vez que Rogo e Lisbeth veem o jogo.

Estudando o quebra-cabeça, eles se concentram nos quadradinhos preenchidos, mas não percebem nada além de um punhado de respostas e alguns rabiscos aleatórios nas margens.

"E aqueles nomes do outro lado da página?" pergunta Lisbeth, pegando a página que estava debaixo das palavras cruzadas e revelando a primeira página do fax, com as tiras humorísticas de *Beetle Bailey* e *Blondie*. Bem acima da cabeça de Beetle Bailey, com a letra do presidente estão escritas as palavras *Gov. Roche... M. Heatson... Anfitriã — Mary Angel*.

"Verifiquei isso na noite passada", digo. "O jogo data de 25 de fevereiro, logo no início da administração. Naquela noite, o governador Tom Roche introduziu o presidente em um evento literário em Nova York. Em seus comentários iniciais, Manning agradeceu ao principal organizador, Michael Heatson, e a sua anfitriã para o evento, uma mulher chamada Mary Angel."

"Então esses nomes eram apenas um lembrete?", pergunta Lisbeth. "Ele faz isso o tempo todo", diz Dreidel.

"*Todo* o tempo", concordo. "É só lhe entregar um discurso e, quando sobe no estrado, ele acrescenta algumas anotações rápidas para si mesmo, incluindo mais algumas pessoas para agradecer — algum grande doador que vê na fileira da frente... um velho amigo cujo nome acaba de lembrar... Este aqui ocorreu de estar atrás de um jogo de palavras cruzadas."

"Eu estou perplexa com o fato de eles guardarem seus jogos antigos", diz Lisbeth.

"Este é o ponto. Eles não são guardados", digo a ela. "E acredite-me, nós costumávamos guardar *tudo*: rabiscos anotados em um aviso... uma linha acrescida para um discurso que ele anota em um guardanapo de coquetel. Tudo o que é produto de trabalho. As palavras cruzadas não são, e é por isso que é uma das poucas coisas que nos permitem jogar fora."

"Então, por que esta, em particular, foi salva?", pergunta Lisbeth.

"Porque *esta* é parte de um discurso", replica Dreidel, batendo a mão no rosto de Beetle Bailey. *Gov. Roche... M. Heatson... Host — Mary Angel*. "Assim que ele escreveu isso, é como se todo o maldito documento ficasse trancado em âmbar. Temos que salvá-lo."

"Então, durante oito anos, Boyle fica fora, requisitando milhares de documentos, atrás do que quer que seja que estivesse

procurando", diz Lisbeth. "E uma semana atrás ele consegue estas páginas e subitamente deixa de se esconder."

Ela senta-se ereta, deslizando sua perna debaixo do traseiro.

Posso perceber a urgência em sua voz. Ela sabe que a resposta está no enigma.

"Deixe-me ver o jogo de novo", diz ela.

Como antes, nós quatro ficamos em volta, ligeiramente afastados.

"De quem é a outra letra, além da de Manning?" pergunta Lisbeth, apontando para os rabiscos grossos e meticulosos.

"É de Albright, nosso antigo chefe de Estado-Maior", responde Dreidel.

"Ele morreu alguns anos atrás, certo?"

"Sim — embora Boyle tenha feito o mesmo", digo, inclinando-me para a frente com tanta força que a mesa de reunião afunda em meu estômago.

Lisbeth ainda está examinando as palavras cruzadas. "Pelo que posso dizer, todas as respostas parecem corretas."

"E aquele material ali?" pergunta Rogo, apontando para os rabiscos e as letras aleatórias do lado direito do jogo.

"A primeira palavra é *amble...* vê a cruzada número 7?", pergunto. "Os espaços são para o L e o E. Dreidel diz que sua mãe faz a mesma coisa quando faz palavras cruzadas."

"São uma espécie de rabiscos com diferentes permutações para ver qual delas se ajusta", explica Dreidel.

"Meu pai costumava fazer o mesmo", concorda Lisbeth.

Rogo acena para si próprio, mas não tira os olhos das palavras.

"Talvez a resposta esteja nas dicas para as palavras", sugere Lisbeth.

"O quê, como se O Romano tivesse alguma ligação com o criador das palavras cruzadas?", pergunta Dreidel, sacudindo a cabeça.

"E isto é mais maluco do que estar escondido dentro das respostas?"

"Qual era o nome daquele cara da Casa Branca com as bochechas parecidas com as de um esquilo?" interrompe Rogo, com

os olhos ainda sobre o jogo.

"Rosenman", dizemos eu e Dreidel ao mesmo tempo. "E o nome do cara da antiga segurança nacional?", pergunta Rogo. "Carl Moss", respondemos eu e Dreidel de novo em perfeito sincronismo.

Eu espero por Rogo. Sempre que ele fica quieto desse jeito a água do caldeirão está prestes a ferver. "Você está percebendo algo?", pergunto.

Levantando ligeiramente o olhar, Rogo sorri seu amplo sorriso de cachorro de açougueiro.

"O quê? Diga logo", pede Dreidel.

Rogo pega a extremidade do jogo de palavras cruzadas e o joga como se fosse um disco de plástico. "Pela aparência disso aí, os nomes de todos os membros da equipe estão escondidos aí dentro."

50

No saguão, O Romano não hesitou em escrever o seu nome no livro. Até tagarelou um pouco com o agente, que estava atrás da escrivaninha, sobre tarefas desagradáveis. Nos elevadores, ele tocou no botão de chamada sem se importar com suas impressões digitais. Fez o mesmo quando as portas do elevador se abriram e apertou o botão para o quarto andar.

Foi exatamente por essa razão que se tornaram organizados.

A chave para qualquer guerra era a informação. E, como eles aprenderam com as palavras cruzadas, durante todos aqueles anos passados, a melhor informação sempre vem quando se tem alguém do lado interno.

Um silvo alto encheu o ar quando as portas do elevador se abriram. "Identificação, por favor", anunciou um agente de terno e gravata, antes mesmo que O Romano pudesse dar um passo no carpete bege do corredor.

"Egen", replicou O Romano, mostrando mais uma vez sua identidade e a insígnia.

"Sim... é claro... desculpe-me, senhor", disse o agente, dando um passo atrás enquanto lia o título na carteira do Romano.

Com um aceno, O Romano indicou-lhe que se acalmasse.

"Então, se o senhor não se importar de eu perguntar, qual é o estado de ânimo no quartel-general?", perguntou o agente.

"Adivinhe."

"O diretor está muito aborrecido, hein?"

"Ele está apenas furioso com a perspectiva de passar os próximos seis meses no circuito de controle de danos. Não há nada pior do que uma dieta diária de TV a cabo e de interrogatórios no

Congresso para explicar por que Nico Hadrian resolveu perambular fora do quarto do hospital."

"Aqueles congressistas realmente gostam de ter seus rostos na TV, não é?"

"Todos gostam, não é mesmo?", perguntou O Romano, olhando para a câmera de vigilância e dirigindo-se para as portas escuras, à prova de balas, do escritório do presidente.

"Destrave a porta, Paulie", gritou o agente de terno e gravata para um outro agente sentado dentro do escritório do Serviço Secreto, no lado direito do corredor.

Do lado esquerdo, houve um estrondo abafado quando a fechadura magnética se abriu. "Obrigado, filho", disse O Romano. Ele puxou a porta aberta sem nem olhar para trás.

"Olá", disse uma recepcionista hispânica com uma voz alta e aguda, quando a pesada porta se fechou atrás do Romano.

"Como posso ajudá-lo?"

Passando por sobre o emblema presidencial no carpete, O Romano procurou, na parede do lado esquerdo, pelo agente que em geral montava guarda ao lado da bandeira americana. O agente não estava ali, o que significava que o presidente também não estava. A única outra boa notícia era a anotação em amarelo ao lado do monitor do computador da recepcionista. As palavras de Dreidel estavam escritas em uma letra corrida um pouco rebuscada — *Fora até as seis / Volta ao escritório.*

"Dreidel não está aqui?", perguntou O Romano.

"Não, ele saiu com Wes", replicou a recepcionista. "E você é...?"

O Romano mostrou outra vez sua identidade e insígnia. "De fato, estou aqui para ver a senhora Lapin..."

"Sim... é claro...", disse a recepcionista, apontando para o lado à esquerda do Romano. "O senhor quer que a chame ou..."

"Não é preciso", insistiu O Romano, andando tranquilamente pelo corredor. "Ela já está me esperando."

Na parede do lado direito, O Romano passou por quase uma dúzia de molduras envidraçadas, cheias de Medalhas de Honra com fitas de quase todos os maiores países do mundo. A Grande Cruz da Ordem da Polônia, o Colar da Independência do Qatar, até a Ordem

do Banho do Reino Unido. O Romano nem as olhou, já estava concentrado na porta aberta à sua esquerda.

Pelo corredor, ele deu uma olhada no escritório com a placa na porta *Chefe da Equipe*. As luzes estavam apagadas, a escrivaninha vazia. Claudia já saíra para o almoço. Bom.

Quanto menos pessoas em volta, melhor.

À esquerda, ele parou diante de um escritório bem iluminado que cheirava a pipoca fresca e doce velho com aroma de baunilha e menta. Olhando do ângulo em que estava para a escrivaninha dela, ele tinha uma visão perfeita do pulôver vermelho apertado com o decote em V que sustentava os seios implantados havia dez anos.

Antes que ela pudesse reagir, O Romano segurou a extremidade da porta fechando-a lentamente atrás de si.

"É bom vê-la, Bev", disse ele, enquanto acabava de fechar a porta. "A Flórida lhe faz bem."

51

"Bem aqui", diz Rogo, apontando para a coluna de rabiscos do lado direito das palavras cruzadas. "No espaço de trabalho..." Eu examino de novo a coluna vertical de rabiscos e letras aparentemente aleatórias: "AMB? JABR? FRF?", pergunta Dreidel. "Essas não são iniciais de alguém que eu conheça."

"Não vá da esquerda para a direita. Vá para cima e para baixo..." Com sua caneta, Rogo faz um círculo de cima para baixo.

"M, A, R, J, M, K, L, B", diz Rogo, tomando a dianteira.

"Preencha com: Manning, Albright, Rosenman..."

"Jeffer" acrescento.

"Quem é Jeffer?", interrompe Lisbeth.

"Eu", diz Dreidel.

"Moss, Kutz, Lemonick", acrescento, completando o resto.

"E B..."

"Para Boyle", diz Rogo, orgulhosamente. "Oito pessoas, todas com grande acesso ao Salão Oval."

Lisbeth concorda, ainda estudando as palavras cruzadas.

"Mas por que o presidente manteria uma lista com os nomes dos mais importantes de sua equipe nela?"

Todos olhamos para Dreidel. "Eu nunca a vi em minha vida", diz ele com uma gargalhada. Mas, pelo tremor em sua voz, esta é a única vez em que ele não está emocionado por ser incluído em uma lista exclusiva.

Já impaciente, Rogo pula de sua cadeira, caminhando em direção à cabeceira da mesa. "Manning escreveu o nome de oito pessoas, depois os camuflou com rabiscos de modo que ninguém pudesse perceber que esses nomes estavam ali.

Como diria Nancy Drew, o que todos eles têm em comum?"

Lisbeth coloca outra vez as palavras cruzadas no meio da mesa de conferência. Eu olho para a lista de nomes.

Lemonick era conselheiro da Casa Branca, Rosenman era secretário de imprensa, Carl Moss era o consultor de segurança nacional. Junto com Manning, Albright e Boyle, eles eram os maiores nomes que tínhamos — os cavaleiros de nossa própria tábua redonda. "Esta é claramente uma lista de poder."

"Exceto por Dreidel", salienta Rogo. "Sem querer ofender", acrescenta ele, virando-se para Dreidel.

"Vocês todos estavam trabalhando em algo naquela época?", pergunta Lisbeth. "Quando foi mesmo, em fevereiro durante o primeiro ano?"

"Nós estávamos ali não havia nem um mês", ressalta Dreidel.

Mas, quando ele percebe a hierarquia das pessoas na lista, eu posso quase ouvir a mudança em sua voz. "Talvez seja quem ele queria que estivesse nas sessões da manhã — para o RDP." Vendo a confusão nos rostos de Lisbeth e de Rogo, ele explica: "Todas as manhãs, às seis horas, um mensageiro armado sai do quartel-general da CIA para a Casa Branca com uma pasta autorizada algemada ao seu punho. Dentro encontra-se o Resumo Diário do Presidente — o relatório-síntese das notícias mais altamente confidenciais sobre o que acontecendo ao redor do mundo. Os movimentos de tropas na Coreia do Norte... redes de espiões na Albânia... o que quer que seja que o presidente necessite saber, ele consegue na primeira reunião do dia, junto com alguns outros escolhidos".

"Sim, mas cada um sabia quem estava convidado para aquelas reuniões", ressalto.

"Eles sabiam *no fim*", diz Dreidel. "Mas, durante aquelas primeiras semanas, vocês acham que Rosenman e Lemonick não tentaram abrir o próprio caminho às cotoveladas?"

"Não sei", diz Lisbeth, olhando para a lista com uma pequena ruga entre as sobrancelhas. "Se vocês estão apenas abreviando nomes, por que fazer isto de maneira tão secreta?"

"As pessoas só são reservados quando há um motivo", diz Dreidel. "E fica bem claro que eles não queriam que ninguém mais

visse o que estavam escrevendo."

"Muito bem, ótimo — então, quais são as coisas que você poderia escrever sobre as doze pessoas mais importantes da equipe que você não gostaria que ninguém soubesse?", pergunta Lisbeth. "Você não gosta da pessoa... você não os quer ali... você está com medo deles..."

"Lá vai você — extorquindo informação", diz Rogo. "Talvez um deles tivesse um segredo..."

"Ou soubesse de um segredo", diz Dreidel.

"Você quer dizer sobre o presidente?" eu pergunto.

"Sobre qualquer um", diz Lisbeth.

"Eu não sei", digo. "O nível das pessoas sobre as quais vocês estão falando... este é o grupo com o qual supostamente você não precisa se preocupar se eles irão manter as bocas fechadas."

"A não ser que um deles comece a preocupá-lo porque ele *não é capaz* de manter a boca fechada", deixa escapar Dreidel.

"Você quer dizer que esta seria uma espécie de lista de *confiança*"?, pergunta Lisbeth.

"Eu acho... claro", replica Dreidel. "Isto é o que gostaria de saber se eu tivesse uma nova equipe." Pela primeira vez, ele parou de morder as unhas bem cuidadas.

"Não tenho certeza de estar entendendo", digo.

"Pense no que estava realmente acontecendo naquelas primeiras poucas semanas em que estávamos na Casa Branca. Aquele atentado à bomba no ônibus na França e toda a argumentação interna sobre se a resposta de Manning levava o atentado suficientemente a sério ou não.

Depois tivemos todas aquelas brigas de insultos sobre a nova decoração do Salão Oval..."

"Disso eu lembro", diz Lisbeth. "Houve aquele artigo no *Newsweek* sobre o carpete listrado de vermelho... como eles disseram que a primeira-dama o chamara?"

"Uma excêntrica tira plástica listrada", diz Dreidel secamente. "O lançamento de bombas e o tapete de má qualidade — aquelas eram histórias sem sentido sobre discussões internas. *Oh-oh, o capitão não é capaz de dirigir seu novo navio...* Mas a única razão

pela qual essas coisas transpiraram foi porque alguém da equipe que tem língua venenosa decidiu soltar essas coisas."

Lisbeth concorda, conhecendo tudo isso muito bem. "Então Manning estava realmente preocupado em descobrir..."

"... quem estava tornando público tudo o que ocorria do lado de dentro", diz Dreidel. "Quando se tem muitos membros novos na equipe, investidos com todo aquele novo poder, sempre há alguém que se precipita e vai se gabar com seus amigos. Ou com a imprensa. Ou com amigos que por acaso são da imprensa. E, até se conseguir fechar o vazamento, aquelas histórias ocupam o lugar do programa de trabalho."

"Certo", digo. "O que significa que, quando esta lista foi feita, Manning estava caçando membros da equipe que deixavam vaziar informações para a imprensa?"

"Não apenas membros componentes", acrescenta Dreidel.

"Aquelas histórias eram sobre conversas que ocorriam nos níveis mais altos da *equipe*. Por isso é que Manning estava tão louco com elas. Uma coisa é alguém de dentro vaziar que o presidente estava usando meias que não combinavam.

Outra coisa é abrir o *Washington Post* e ler textualmente, ponto por ponto, na primeira página, sobre uma reunião com seus cinco assessores mais confiáveis."

"Se for esse o caso, então por que incluir a si mesmo na lista?", pergunta Rogo, enquanto todos olhamos de volta para as palavras cruzadas.

"Talvez seja uma lista das pessoas que estavam em uma reunião particular — Manning, Albright, Boyle *etc.* —, então, eles estavam tentando apenas se restringir a quem deixou vaziar uma informação particular", digo.

"Isso explicaria por que *estou* na lista", acrescenta Dreidel.

"Embora talvez não se tratasse apenas de vazamento para a imprensa."

"Quem mais estava ali?" pergunta Lisbeth.

"Pense de novo sobre o que você disse acerca do Romano e dos seis milhões de dólares de prêmio que eles não aprovaram. Aqueles

informantes que recebem altos pagamentos também estão no RDP."

Eu concordo, lembrando das antigas reuniões. "Não é uma má lembrança. Quem quer que estivesse vazando a informação podia tê-la passado para O Romano, contando-lhe quem era o responsável por negar o seu pagamento."

"E você acha que foi por isso que Boyle foi baleado?", pergunta Lisbeth. "Porque Boyle foi aquele que disse não para o pagamento do Romano?"

"Eu acreditaria nisso", disse Rogo. "Seis milhões de dólares é um bocado de dinheiro."

"Sem dúvida", diz Dreidel. "Mas parece bastante claro que, se quisermos saber quem na lista não podia ser confiável, esse é o cara que, até recentemente, pensávamos estar morto. Sabem, aquele que o FBI está caçando... rima com *Doyle*..."

"Foi por isso que pedi para a Biblioteca Presidencial os arquivos que Boyle requisitou", digo. "Eles conseguiram tudo: suas agendas, em que assuntos estava trabalhando, até mesmo seu arquivo pessoal oficial com a verificação de seus antecedentes pelo FBI. Nós teremos todas as folhas de papel que alguma vez estiveram na escrivaninha de Boyle, ou que foram escritas sobre ele."

"Isso é ótimo — então dois de nós podem ir para a biblioteca", diz Lisbeth. "Mas isso ainda não nos diz por que uma lista secreta que Manning estava fazendo durante o primeiro ano de sua administração tem algo a ver com Boyle ser baleado três anos mais tarde."

"Talvez Boyle estivesse louco com o presidente por não confiar nele", diz Rogo.

"Não", argumenta Dreidel. "De acordo com o que os camaradas do FBI disseram para Wes, o que quer que Boyle e Manning estivessem planejando, eles estavam juntos naquilo."

"O que deve ser verdade", ressalto. "A ambulância... com o tipo de sangue certo... Onde mais Boyle poderia conseguir isso se não fosse com a ajuda de Manning e do Serviço?"

"Então, o que você está dizendo? Que eles não confiavam em mais *ninguém* na lista?", pergunta Lisbeth, os olhos já sobre

Dreidel.

Eu sacudo a cabeça. "Tudo o que estou dizendo é que o presidente Manning e Albright passaram um de seus primeiros dias no escritório elaborando uma lista secreta com os nomes de oito pessoas que tinham acesso a alguns dos segredos mais bem guardados no mundo inteiro. Mais importante ainda, por manterem aquela lista em um jogo de palavras cruzadas, eles descobriram uma maneira de criar o impossível: um documento presidencial — que continha potencialmente os pensamentos mais secretos de Manning — que não seria inspecionado, catalogado, estudado ou visto por ninguém próximo a ele."

"A menos, é claro, que distraidamente alguém colocasse algumas poucas observações para si mesmo nas costas", disse Rogo.

"O ponto é que a lista precisa ainda ser reduzida", digo. "E, até onde posso dizer, além do presidente, as únicas pessoas que estavam na pista de corrida naquele dia eram Boyle e Albright — e Albright está morto."

"Você tem certeza de que esses foram os únicos?", pergunta Lisbeth.

"O que você quer dizer?"

"Você alguma vez já olhou para qualquer um dos arquivos daquele dia? Talvez seja bom dar uma espiada para ver se tudo que você acha que lembra está de acordo com a realidade."

Eu sacudo a cabeça. Uma semana depois do tiroteio, quando eu ainda estava no hospital, passei por uma reportagem sobre o evento enquanto estava mudando de canal. Foram necessárias três enfermeiras para me acalmar naquela noite.

"Faz um bocado de tempo que não vejo um clipe sobre o evento", digo.

"Sim, eu imagino que não seja exatamente o filme a que mais assiste em sua casa. Mas, se quer realmente saber o que aconteceu, deve começar com a cena do crime." Antes que eu possa reagir, ela procura em seu arquivo dobrado e tira uma fita de videocassete. "Sorte sua, eu tenho conexões com as estações de TV locais."

Enquanto Lisbeth sai de sua cadeira e se dirige para o armário de fórmica preta com o conjunto VCR/TV, minha garganta se aperta e minhas mãos ficam encharcadas de suor.

Eu já posso antecipar que essa é uma má ideia.

52

"E Claudia?" O Romano perguntou tranquilamente, enquanto através da janela de Bev olhava para os agentes, o xerife e a equipe da ambulância aglomerada na rotatória diante do edifício.

"Você me disse para não... que esta era uma investigação interna", disse Bev, enquanto observava O Romano de sua escrivaninha e com ansiedade pegava um pacote aberto de pipocas de micro-ondas.

"E Oren?"

"Eu já lhe disse..."

"Diga-me de novo!", insistiu O Romano, virando-se para a janela, sua pele pálida e o cabelo preto praticamente brilhando no sol do meio-dia.

Bev ficou silenciosa, sua mão gelou em cima da pipoca.

O Romano sabia que a tinha deixado com medo, mas não se deu ao trabalho de desculpar-se. Não até obter o que desejava.

"Você disse para não contar para ninguém — não contei para ninguém", disse Bev finalmente. "Nem para B. B., nem para o presidente... ninguém." Mexendo o cabelo preto tingido com as pontas dos dedos, ela acrescentou: "Embora eu ainda não tenha percebido como qualquer uma dessas coisas ajuda Wes".

O Romano virou de costas para a janela, tomando um momento para escolher as suas palavras. Bev conhecia Wes desde os primeiros dias dele na Casa Branca. Como qualquer mãe protetora, ela não repreendia seu filho a não ser que fosse para o seu próprio bem. "O que ajuda Wes é descobrir quem ele encontrou naquela noite na Malásia", explicou O Romano. "Se o que ele disse no relatório está correto — foi apenas um bêbado que estava procurando um banheiro —, então não há com o que se preocupar."

"Mas para me fazer colocar um microfone em seu alfinete... para esconder isso de todos os membros da equipe... Por que não diz simplesmente quem você acha que se aproximou dele?"

"Bev, eu lhe disse desde o começo, isto faz parte de um inquérito de longa data com o qual acreditamos — e espero — Wes acidentalmente tropeçou. Confie em mim, queremos protegê-lo tanto quanto você quer, é por isso que..."

"Isso tem a ver com Nico? Foi por isso que ele escapou?"

"Não tem nada a ver com Nico", insistiu O Romano.

"Eu apenas pensei... com sua mão...", ela disse, apontando para a gaze branca que envolvia a palma dele.

O Romano sabia que esse era o risco de vir até o escritório.

Mas com a ligação clandestina interrompida, e Boyle ainda não encontrado... algumas coisas tinham de ser feitas face a face.

Sentado no braço da poltrona de Bev, O Romano pegou a mão dela entre as suas. "Bev, eu sei que você não me conhece. E sei que é estranho de repente receber um telefonema de um agente a respeito de uma investigação sobre a qual você não sabe nada, mas eu lhe juro, isto nada tem a ver com Nico. Compreende? *Nada*. Tudo o que lhe perguntei... foi apenas pelo interesse da segurança nacional e pelo bem de Wes", acrescentou ele, seus pálidos olhos azuis fixados nela. "Agora eu aprecio o quanto você se importa com ele... todos sabemos a pena que você..."

"Não é pena. Ele é um bom garoto..."

"... que devia ter abandonado esse emprego anos atrás, mas não o fez porque estava aterrorizado diante da perspectiva de cair fora da segurança solícita, mas que acoberta e mutila, na qual todos vocês o colocaram. Pense nisso, Bev. Se você se preocupa tanto com ele, *este* é o momento em que ele precisa de você. Então, há alguém mais que podemos ter omitido? Contatos antigos da Casa Branca? Contatos atuais?"

Alguém para quem, você acha, ele poderia se voltar se estiver em apuros?"

Andando para trás em sua cadeira de rodinhas, Bev ficou silenciosa diante do ataque violento das perguntas. Durante um instante, seus olhos enfrentaram os olhos azul-pálidos do Romano.

Mas, quanto mais ele pressionava, mais ela olhava ao redor. Para o seu teclado. Para o mata-borrão de couro. Até para a foto borrada 5x9 colocada logo abaixo do monitor do computador, de sua festa de aniversário, no escritório, alguns anos atrás. Na fotografia, toda a equipe estava rindo enquanto o presidente soprava as velas do bolo de aniversário de Bev. Era o tipo de foto que nunca existiu na Casa Branca, mas decorava quase cada escritório aqui: ligeiramente fora de centro, levemente engraçada e um pouco fora de foco. Não uma foto profissional tirada por um fotógrafo da Casa Branca. Uma foto familiar — tirada por um deles.

"Sinto muito", disse Bev, retirando sua mão e olhando para a palma enfaixada do Romano. "Não há mais ninguém que eu possa lembrar."

53

"... *nhoras e senhores, o presidente dos Estados Unidos!*", grita o locutor pelo sistema de alto-falantes quando o vídeo inicia e o Cadillac Um, preto e brilhante, surge na pista de corrida.

O ângulo aberto — que mostra metade dos carros da comitiva de perfil — eu suponho que seja de uma câmera alta colocada no estádio no camarote da imprensa.

"Ali está a ambulância com o sangue de Boyle", aponta Dreidel, andando ao redor da mesa de reunião para aproximar-se mais da TV. Ele para ao lado de Lisbeth, que está à esquerda da tela. Do meu lado direito, Rogo está de volta à cabeceira da mesa oval. Mas, em lugar de se dirigir para a tela, ele dá a volta. Em direção a mim.

Rogo não precisa dizer uma palavra. Ele projeta o queixo levemente para a esquerda e abaixa as sobrancelhas. *Você está bem?*

Contraindo meu maxilar, eu aceno com confiança. Rogo é meu amigo desde antes que eu soubesse dirigir. Ele sabe a verdade.

"Lisbeth", chama ele. "Talvez pudéssemos..."

"Pode deixar... estou bem", insisto.

Quando a limusine faz a última curva e se dirige para o local onde iria parar, a câmera mostra a comitiva inteira que então se dirige direto para nós. Eu costumava chamá-la de procissão de funeral, eu não fazia ideia.

Na tela, a câmera lentamente focaliza o Cadillac Um. Eu juro que posso sentir o cheiro dos assentos de couro do carro, o cheiro da graxa que diariamente passam nos sapatos de Manning, e o toque adocicado da gasolina proveniente do asfalto.

"Muito bem, aqui vamos nós", diz Lisbeth.

O vídeo dá um salto para um novo ângulo de uma nova câmera instalada na parte central do estádio — a nova câmera se localiza no nível dos olhos. Do lado do passageiro, o agente do Serviço Secreto dá os detalhes para a saída do líder da limusine e corre para abrir a porta de trás. Dois outros agentes precipitam-se ao local, bloqueando qualquer tiro que pudesse vir da multidão. Meus pés formam uma bola quando os dedos tentam furar as solas de meus sapatos. Eu sei o que se aproxima. Mas, assim que a porta se abre, há uma pausa e a cena se congela.

"Câmera lenta?", pergunta Dreidel.

"É a única maneira de conseguir dar uma boa olhada em quem está atrás", explica Lisbeth, colocando a mão na extremidade do canto esquerdo superior da TV. Dreidel vai até a televisão e faz a mesma coisa do lado direito. Ambos se inclinam. Não querem perder nada.

No outro lado da mesa de reunião, eu me remexo em meu assento. Em câmera lenta, mais dois agentes do Serviço Secreto lentamente se movem para o segundo plano, perto da porta aberta diante da multidão.

"E esses eram todos camaradas que vocês conheciam?"

pergunta Lisbeth, fazendo um grande círculo em torno dos cinco agentes de terno e gravata que estavam na tela.

"Geoff, Judd, Greg, Allan e..." Dreidel se detém no último.

"Eddie", digo, sem tirar os meus olhos da tela.

"Vai terminar num segundo", promete Dreidel, como se isso fosse me fazer sentir melhor. Ele se volta para a TV justo a tempo de ver cinco dedos saírem como pequenos vermes rosa em cima do teto da limusine. Meus dedos do pé tentam escavar mais fundo ainda, praticamente tentando fazer uma cova dentro dos sapatos. Fecho os olhos por um segundo e juro que posso sentir o odor de pipocas e cerveja choca.

"Aí vem ele", sussurra Dreidel, enquanto Manning desce lentamente da limusine, uma mão já erguida, em um aceno comemorativo congelado. Atrás dele, com a outra mão erguida, a primeira-dama faz o mesmo.

"Agora, observe o presidente aqui", diz Lisbeth, enquanto passa cada quadro e ele lentamente se volta para a câmera pela primeira vez.

Na tela, o sorriso de Manning é tão aberto que as gengivas superiores ficam à mostra. O mesmo acontece com a primeira-dama, que segura a mão do marido. Eles estão definitivamente desfrutando da multidão.

"Ele não se parece com um homem que sabe que tiros estarão sendo desfechados em breve, não é?" pergunta Lisbeth, enquanto Manning continua a acenar, sua jaqueta preta esvoaçando como um balão de hélio.

"Eu estou lhes dizendo, ele não sabia o que estava para acontecer", concorda Dreidel. "Quer dizer, não me importa para o que eles estavam preparados, ou quanto sangue de Boyle eles tinham na ambulância, e não acredito que Manning, o Serviço, ou outra pessoa fossem consentir no risco de alguém levar um tiro na cabeça."

"Vocês ainda estão supondo que queriam atirar em Manning", diz Lisbeth, quando Albright surge em cena, saindo da limusine com passo de tartaruga. "Eu acho que Nico atingiu exatamente quem ele queria atingir. Pense apenas em sua fuga do hospital ontem à noite. Dois assistentes hospitalares levaram tiros no coração e na palma da mão direita. Essa história se parece com a de alguém que vocês conhecem?"

Na TV, no centro de uma confusão de cabelos acinzentados, uma pequena careca se ergue acima do teto da limusine como o sol da manhã. Aí vem Boyle.

"Mas *e/e* é que parece ansioso", diz Lisbeth, batendo o rosto no monitor.

"Ele estava sempre infeliz, no entanto. Mesmo no primeiro dia", replica Dreidel.

Eu engulo com dificuldade quando o perfil de Boyle brilha na tela. A pele cor de oliva é a mesma, mas o seu nariz fino e pontudo está muito mais aguçado do que o nariz curto e grosso encomendado que eu vi com ele dois dias antes. Suas papadas

também estão maiores agora. Nem a cirurgia plástica pode abolir o processo de envelhecimento.

"Veja, ele nem está olhando para os lados", acrescenta Dreidel, enquanto Boyle segue atrás do presidente. "Eles dois não tinham ideia do que estava para acontecer."

"Lá está você", diz Dreidel, batendo com a mão no canto direito da tela, onde mal é possível me ver de perfil. Quando eu saio da limusine, a câmera de efeito panorâmico parte — afastando-se de mim — e tenta permanecer com o presidente. Mas como estou apenas a pouco passos dele, há uma pequena foto minha, com o olhar meio apalermado, no pano de fundo.

"Rapaz, você era um *bebê*", diz Lisbeth.

O vídeo avança, e minha cabeça gira, como um robô cheio de chiados, em direção à câmera. É a primeira vez que todos nós conseguimos ver direito. Na minha mão direita, o dedo do meio e o anular massageiam com rapidez a parte mais gorda da minha palma. Meus olhos ficam úmidos apenas ao vê-la. Minha face... Deus, faz tanto tempo — mas lá está ela... o eu real.

Na tela, a mão do presidente Manning se ergue para encontrar o CEO da NASCAR e sua agora famosa esposa. A primeira-dama ajusta seu colar de safiras, os lábios esticados em um eterno *olá*. Albright enfia as mãos nos bolsos. Boyle ajeita a gravata. E eu sigo eles todos, parado na tela meio passo atrás com minha maleta de truques pendurada no ombro e um olhar de soslaio, aguçado e arrogante.

Eu sei o que acontece em seguida.

Pum, pum, pum.

Na TV, a câmera se move aos trancos para cima em meio a uma confusão, obtendo um efeito panorâmico dos fãs em suas posições enquanto o *cameraman* desvia para o lado dos tiros. A tela é rapidamente preenchida com o azul do céu.

Mas, para mim, ela já está se apagando para preto-e-branco.

Um menino em uma camiseta de golfinhos grita por sua mãe. Boyle cai ao chão, de rosto para baixo em cima de seu vômito. E uma ferroada de abelha rasga minha bochecha.

Minha cabeça vai para trás só de pensar nisso.

A câmera se move de novo, desliza para a terra, passando pela confusão de fãs correndo, gritando e fugindo precipitados de suas posições. Do lado esquerdo da tela, o Cadillac Um emite um ruído surdo e abandona o local. O presidente e a primeira-dama já estão dentro do veículo. Já estão a salvo.

Quando o carro vai embora, a câmera gira rapidamente para a frente e para trás, procurando as consequências e examinando do começo ao fim o desenrolar do caos em câmera lenta: agentes do Serviço Secreto com as bocas abertas paradas no meio de um grito... espectadores curiosos movendo-se em todas as direções... e, no canto direito superior da tela, exatamente quando a limusine vai embora, um garoto magro e pálido estatelado no chão, contorcendo-se de dor como um verme ao longo do concreto, a mão agarrando a face.

As lágrimas descem pelas minhas faces. Meus dedos pressionam tão fortemente a palma de minha mão que eu sinto meu próprio pulso. Digo a mim mesmo para olhar para outro lado... para me levantar e me voltar para a luz... mas não consigo me mover.

Na tela, dois agentes de terno e gravata carregam Boyle para fora do campo de batalha e em direção da ambulância. Como estão de costas para nós, é impossível dizer quem são. Mas, no turbilhão de poeira atrás da limusine, eu ainda estou deitado de costas, pressionando tão fortemente minha face, que pareço estar prendendo a parte de trás de minha cabeça no asfalto. E, embora tudo esteja colorido na TV, eu ainda vejo as coisas em preto-e-branco. Um flash estoura brilhante. As pontas de meus dedos esfregam o metal afiado em minha face. As portas da ambulância de Boyle se fecham com estrondo.

"Wes, você está conosco?", sussurra Rogo.

Por que elas não param de fechar com estrondo...?

"Wes...", continua Rogo a sussurrar. Ele fala de novo, e eu percebo que não é um sussurro. Sua voz está alta. Como se estivesse gritando.

Algo agarra meu ombro direito, sacudindo-o.

"Wes!", grita Rogo, enquanto eu volto para a realidade e descubro sua pata grande e gorda segurando minha camisa.

"Não, não... sim... estou ótimo", insisto, desvencilhando meu ombro de sua garra. Só depois de olhar em volta da sala de reunião é que percebo que o vídeo foi desligado. No canto, Lisbeth acende as luzes, olhando para trás para ver o que está acontecendo.

"Ele está bem", diz Rogo, tentando bloquear a visão dela.

"Ele apenas... dê-lhe um segundo apenas, está bem?"

Retornando ao local do interruptor de luz, Lisbeth continua com os olhos estarecidos, mas, se percebe o que está acontecendo, ela é bastante gentil para guardar o que vê para si mesma.

"Então, basicamente isso não serviu para nada, hein?"

pergunta Dreidel, ainda nitidamente aborrecido por estarmos ali. "Quero dizer, exceto para proporcionar a Wes alguns pesadelos novos em folha com os quais lidar."

"Isso não é verdade", diz Lisbeth, dirigindo-se para o lado oposto da mesa. Em vez de sentar-se ao lado de Dreidel, ela decide ficar em pé. "Conseguimos ver os agentes que carregaram Boyle para a ambulância."

"O que não significa nada, uma vez que não podemos ver os rostos deles — para não mencionar o fato de que, como o Serviço claramente ajudou, eu pessoalmente não acho que seja seguro pedir a colaboração de qualquer desses agentes."

"Nós teríamos conseguido mais informações se a câmera não estivesse tremendo como quando minha mãe grava filmes em casa", ressalta Lisbeth.

"Sim, aquele *cameraman* foi um verdadeiro covarde, abaixando-se e tentando proteger sua vida daquele jeito", disparou Dreidel.

"Dreidel", interrompo. "Não me venha com *Dreidel*, Wes." "E se *eu* vier com Dreidel?" ameaça Rogo.

"E se você se sentar e deixar o garoto lutar sua própria luta, por uma vez?" responde Dreidel. "Wes, sem querer ofender, mas vir aqui foi estúpido. Exceto para fornecer combustível secreto para essa dona aqui, quando ela escrever seu *best-*

seller que conta tudo, não há uma só razão para estarmos aqui. Ela podia ter apenas enviado a informação de que necessitamos."

"Eu estava tentando ajudar", insiste Lisbeth.

"Isto era ajudar? Tínhamos milhares de perguntas não respondidas, meia dúzia de teorias absurdas, e você quer usar o dia todo olhando o único vídeo que o Congresso, o público e cada viciado em conspiração do mundo já cansaram de esquadrihar e no qual *ainda* não encontraram nada de suspeito? O vídeo nem mostra uma boa foto de Nico para ver se há algo mais que podíamos ter passado por cima." Eu sacudo minha cabeça. "Isto não é..."

"Ele tem razão", admite Lisbeth detrás de Dreidel, que tem de girar para vê-la. Ela fica de costas para nós, enquanto para na frente da enorme janela de vidro espelhado. "Nós *não* conseguimos nenhuma foto boa." Virando-se de novo para nós, com aquele mesmo sorriso um pouco trapaceiro de ontem à noite enquanto provocava rixas entre nós, ela acrescenta: "Felizmente, eu sei exatamente como mudar isto".

54

"Você sabe que há uma entrada nos fundos", disse Micah, enfiado em um lugar do estacionamento que indica *Permitidos somente carros de pequeno porte* e examinando o seu espelho retrovisor pela terceira vez em um minuto. Na diagonal em relação a eles no estacionamento, o Toyota vazio de Wes não tinha saído do lugar. "Eu posso dar uma rápida olhada e..."

"Não é preciso", disse O'Shea do banco do passageiro, o cotovelo apoiado na borda da janela aberta do carro, enquanto fazia palavras cruzadas. "Aqui é a Flórida — ele não vai a lugar nenhum sem esse carro." "A menos que ele pegue um outro. Lembra daquela mulher na Síria?" "Na Síria era diferente. Precisávamos que a mulher fugisse." "Por quê? Para ter uma boa desculpa para trazê-la de volta?" "Ela teria matado você, Micah. Você sabe disso." "Eu a estava seduzindo."

"Essa é a sua interpretação", respondeu O'Shea. "Mas se você tentar algo tão maluco quanto na Síria, lhe prometo desde já que *eu* serei o primeiro a colocar a arma em *sua* cabeça." Recusando-se a levantar o olhar das palavras cruzadas, O'Shea apontou por cima do ombro com a sua caneta. "Está vendo aquela sucata de Subaru na diagonal ali no fundo... com os adesivos Grateful Dead? Nós o vimos na noite passada. É o carro de Lisbeth. A que está lá em cima com Wes. Rogo ainda está na loja. Ninguém está indo a lugar nenhum."

Sem se convencer, Micah examinou o retrovisor pela quarta vez, depois olhou para o cotovelo de O'Shea apoiado na janela aberta. "Você deveria fechar isso aí", disse ele, apontando para a janela. "No caso de ele vir..."

"Micah, está fazendo vinte e dois graus aqui. Em dezembro.

Você sabe o frio que estava fazendo na França? Deixe-me aproveitar o calor."

"Mas Wes podia..."

"Isso está sob controle."

"Sim, assim como isto", disse Micah, indicando com um dedo a foto de Nico na primeira página do jornal que estava no braço da poltrona entre eles.

"O quê? Você ainda pensa que foi O Romano?" perguntou O'Shea.

"Como poderia não ser? Boyle é reconhecido... Nico foge... uma coincidência dos diabos, você não acha?"

O'Shea concorda, levantando finalmente o olhar das palavras cruzadas. "Mas se ele usou o nome de Wes para entrar..."

"Estou contente por você ter eliminado isso do relatório oficial. Se isso se tornasse público, o mundo inteiro iria se aglomerar rapidamente nas pegadas de Wes, e nós perderíamos nosso melhor..."

"*Psssst!*", sussurrou O'Shea, interrompendo Micah. Atrás deles, uma voz familiar ecoou nas paredes da garagem.

"... e deveria ainda telefonar para o escritório", disse Wes, enquanto Dreidel o seguia pela rampa de concreto.

"Por quê? Apenas para deixá-los em pânico?" perguntou Dreidel.

Olhando por seus respectivos espelhos laterais, O'Shea e Micah observavam a cena que se desenrolava na diagonal atrás de si. De seu lugar na garagem, eles tinham uma visão perfeita do lado do passageiro no Toyota de Wes. E não foi preciso mais do que isso para ver que Rogo não estava ali.

"Onde está o garoto gordo?" sussurrou Micah.

"Atacando a moça?" sugeriu O'Shea.

Assim que Wes deu a volta até o lado do motorista e destravou o carro, as chaves escorregaram de sua mão.

Girando para pegá-las, ele virou na direção de Micah e O'Shea, que não se esquivaram. Daquele ângulo na garagem, era praticamente impossível que fossem vistos.

Houve um estalido alto quando as chaves atingiram o pavimento. Durante uma fração de segundo O'Shea viu o olhar de

Wes voltar-se para ele. O'Shea permaneceu imóvel.

De modo algum Wes era bom o bastante para descobri-lo.

"Qual é o problema?" perguntou Dreidel para seu amigo.

O'Shea olhou em seu espelho do lado do passageiro e ficou firme. Próximo a ele, observando pelo retrovisor, Micah fez o mesmo. Eles faziam isso havia muito tempo para entrar em pânico.

"Você ouviu alguma coisa?", perguntou Wes.

"Não fique paranoico" avisou Dreidel.

No canto de seu espelho, O'Shea pôde ver a parte de trás da cabeça de Wes quando ele se virou para o Toyota, pegou as chaves do chão e entrou no carro.

"Não, você tem razão", replicou Wes.

Depois de poucos segundos, o Toyota pegou e seus pneus fizeram barulho contra o concreto.

Como resultado de anos de treinamento, Micah esperou antes de ligar o carro. Pelo menos até ouvir o barulho metálico do Toyota de Wes passando pelo quebra-molas na saída da garagem.

Quando Micah e O'Shea alcançaram o quebra-molas, o Toyota de Wes estava arrancando no meio do tráfego, fazendo uma curva à esquerda para South Dixie.

"Você sabe para onde ele está indo?"

"Acho que para o escritório..."

"Tente de novo", disse O'Shea, quando o Toyota fez outra curva à esquerda, no primeiro farol — indo em direção oposta ao escritório de Manning.

Mantendo-se cautelosamente pelo menos três carros atrás, Micah acelerou à esquerda quando o Toyota passou por um sinal que indicava a T95. "Ele está dirigindo rápido."

"Talvez esteja indo para a rodovia", sugeriu O'Shea, quando o Toyota acelerou mais ainda, diminuindo na distância.

Tranquilo como sempre, Micah continuou enfiado entre duas *minivans* e um Honda branco, sem perder de vista as duas cabeças no banco da frente do carro de Wes.

Sem hesitar, um minuto depois, o Toyota deu uma guinada à esquerda, seguindo os sinais de indicação da 1-95 em direção ao sul e fazendo a curva da rampa para Belvedere Road. Mas, quando

saíram na rodovia, Micah e O'Shea ficaram surpresos ao ver que Wes não estava aumentando a velocidade. Na verdade ele estava desacelerando.

"Ele está exatamente a noventa quilômetros por hora", disse Micah, verificando seu velocímetro. "Você acha que ele está tentando nos fazer passar à frente?"

Apontando para o sinal de saída seguinte, O'Shea disse: "Talvez ele esteja simplesmente indo para casa".

"Primeiro 'chute'", disse Micah, quando o Toyota desapareceu na pista da rodovia. "Okeechobee fica na outra direção."

"E o aeroporto?"

"Segundo 'chute'", disse Micah, quando o carro de Wes passou pelas pistas de pouso e decolagem no Southern Boulevard. "Vamos para um terceiro 'chute'?"

Ficando em silêncio, O'Shea abriu a janela e reajustou o espelho lateral.

"Você conseguiu algo?"

"Não com certeza", replicou O'Shea, estudando os carros atrás de si. "Apenas não o deixe distanciar-se muito."

Escondido atrás de um caminhão carregado com veículos 4x4, O'Shea e Micah passaram os vinte minutos seguintes seguindo o Toyota de Wes enquanto ela continuava em direção ao sul pela 95, passando pelo lago Worth, Lantana, Boynton Beach e Delray... cruzando cada cidade, mas nunca ultrapassando os cem quilômetros por hora, nunca cruzando no meio do tráfego e nunca saindo da pista do meio. Através da janela de trás, não lavada, com carros passando por eles dos dois lados, Wes e Dreidel pareciam sentados bem tranquilos, sem entrar em pânico ou olhar por cima dos ombros. Era como se não estivessem com pressa.

Ou não tivessem um lugar para...

"Avance", gritou O'Shea.

"O que você está...?"

"Vamos... saia daí", insistiu ele, batendo no painel e apontando pelo para-brisa. "*Agora!*"

Micah acelerou, e a cabeça de O'Shea foi para trás, seu cabelo loiro, cor de areia, batendo, por meio segundo, contra o encosto do

banco. Quando o carro saiu de trás do caminhão carregado, não demorou muito para Micah "costurar" no meio do tráfego e ficar bem atrás do carro de Wes.

Pela primeira vez desde que tinha entrado na rodovia, Wes foi para a pista da esquerda, acelerando apenas o suficiente para andar ao lado de um Mercedes conversível à sua direita.

Com mais uma acelerada, Micah virou o volante para a esquerda, entrando na via de acostamento, mal pavimentada, no lado interno da rodovia. Cascalho, entulho e fragmentos estilhaçados de vidro se espalhavam debaixo dos pneus e pulavam com a passagem do carro. Tomando cuidado para manter o lado do motorista sem bater no divisor de concreto, Micah não teve problema de emparelhar-se com o Toyota de Wes que ainda andava a cem quilômetros por hora.

Quando ficaram lado a lado, a janela de Wes abriu-se lentamente.

"Cuidado, guiar nesta pista — é *ilegal?*", gritou Rogo do banco do motorista, batendo os polegares contra o volante enquanto os dois carros moviam-se pela rodovia. O outro único ocupante era Dreidel, que se recusou a estabelecer um contato visual.

"Filho da..."

Brecando diante de um aviso de *Apenas em Caso de Emergência*, Micah virou o volante em direção à área gramada à sua esquerda, derrapando numa virada em U e retornando ao caminho pelo qual viera.

Nessas alturas, Wes já tinha pelo menos uma hora de vantagem.

55

Deitado de costas, debaixo de um Audi prateado, eu pressiono o queixo contra o peito e olho, por entre os pneus traseiros e o cano de escapamento, para o silencioso estacionamento do *Palm Beach Post*. Faz quase quinze minutos que Rogo e Dreidel saíram no meu Toyota. E quase catorze minutos desde que o Chevy azul, de O'Shea e Micah, saiu pela rampa da garagem e foi atrás de Rogo.

Com base no microfone colocado no alfinete de minha lapela, sabíamos que estávamos lidando com profissionais.

Dreidel disse que o FBI o havia colocado. Precisávamos saber se ele estava certo.

Quando Dreidel e eu descemos para o meu carro, eu peguei as chaves e destravei as portas. Mas foi só quando agarrei a maçaneta da porta que percebi a sombra embaixo. Rogo, de baixo do carro, pôs a cabeça para fora como um mecânico e ergueu as sobancelhas.

"Você me deve um novo terno", ele sussurrou, deitado em cima de uma poça de graxa.

Tudo de que necessitara foram dez minutos de tempo para se arrastar de braços por debaixo dos carros.

"Você tem sorte de que eu me saí bem", disse ele. Olhando para o eixo de rodas sujo e cheio de graxa, logo acima de mim, me dei conta que ele tinha razão sobre isso. Assim como tinha razão de que, se trocássemos de lugar bem depressa, ninguém iria perceber.

Eu tive de dar um passo atrás para lhe proporcionar certo espaço, mas, a partir daí, Rogo era um profissional. Eu deixei aberta a porta do carro, enquanto ele saía lá de baixo. Deixar cair minhas chaves acobertou quase todo o barulho. Até eu comecei a

ficar excitado. De joelhos, Rogo levantou os dedos e contou. Um... dois...

Com um movimento rápido, eu me agachei para pegar as chaves, enquanto Rogo tomava meu lugar e entrava no carro.

"Não, você tem razão", falei do chão para tornar a ilusão completa. Rolando com rapidez, enfiei-me debaixo do carro ao lado do meu, que é onde estou até agora. O mágico Houdini teria ficado orgulhoso.

Olhando por entre os pneus de trás, viro de lado e meu cotovelo desliza na graxa. Agora, Rogo já deve ter levado O'Shea e Micah para a metade do caminho até Boca Ratón.

Ainda assim não sei o que é pior. O fato de eles me seguirem ou o fato de livrar-me deles. Com Nico ainda lá fora... Pelo menos com o FBI por perto, eu estava a salvo.

Quando estou prestes a sair, há um leve chiado à minha esquerda. Abafado... como veludo sendo esfregado.

Esticando o pescoço para fora, de baixo do carro olho para o chão de concreto esburacado da garagem. O som desaparece. Mas alguma outra coisa toma o seu lugar.

Eu conheço isso por causa de anos de prática em perceber os olhares lançados pelas pessoas. É ainda pior em locais públicos — em um cinema ou no supermercado —, quando elas tentam fazer de conta que não se incomodam. Não há termo científico para explicar o fato. Mas experimento isso todos os dias. Nessas alturas, provavelmente, já estou preparado. Aquela espécie de puxão assombrado atrás da cabeça... aquele grito quase telepático que pede que você se volte. Aquele sentimento indescritível quando sabe que está sendo observado.

Um único conjunto de passos ecoa através da garagem, seguido por um ruído brando de um outro motor.

Bem na hora.

Os pneus cantam e o freio emite ruídos enquanto o carro sobe a rampa de marcha à ré, entrando pela metade no espaço, agora vazio, anteriormente ocupado pelo Toyota.

Rolando do meu lugar escondido, fico face a face com uma fileira cheia de adesivos de Grateful Dead, que param apenas a três

centímetros de minha testa.

"Ei, homem mágico — David Copperfield telefonou... Quer saber se você ainda pode substituí-lo na próxima quinta", diz Lisbeth, inclinando-se para fora da janela do lado do motorista.

A maioria das pessoas riria, e essa é a única razão pela qual forço um sorriso. Ela não se engana nem por um segundo.

Sorrisos falsos são o ganha-pão de uma colunista de mexericos. Ao ficar em pé, limpo a sujeira de minhas roupas.

"Se isto o fizer sentir-se melhor, Wes, esconder-se e sair de baixo do carro foi a parte mais assustadora."

Ela espera por uma resposta corajosa como se eu fosse um herói, de mandíbula protuberante, de filme de ação. "Isso nem mesmo é verdade", digo a ela.

Sacudindo a cabeça, ela me estuda cuidadosamente. "É de fato contra a lei tentar alegrá-lo?"

De novo, ela quer um sorriso. E de novo não lhe dou. "Entre no carro, Wes. A única maneira de ter sucesso agora é andarmos depressa."

Ela tem razão sobre disso. Sentando-me no banco do passageiro, fecho a porta enquanto Lisbeth me entrega um celular prateado com um pequeno adesivo com um besouro.

"Eu negocieei com uma amiga que escreve para a seção de jardinagem", explica ela. "Agora não podem encontrar nossa pista."

Recusando-me a festejar, pego o celular e digito o número.

"É um belo dia no escritório do presidente Manning. Como posso ajudá-lo?", responde a recepcionista.

"Jana, é Wes. Posso falar com Oren?"

"Sim, Wes. É claro — vou transferi-lo para Oren agora mesmo." Ouço um leve clique, dois toques, e depois...

"Aqui é Oren", responde meu companheiro de escritório.

"Que tal lhe parece?"

"Eles o estão instalando bem agora", responde. Ele é mais rápido do que eu pensava. "Tudo que se tem de fazer é levantar o fone." Aceno para Lisbeth. Ela dá partida. E vamos embora.

56

"Conseguiu tudo o que queria?" a secretária perguntou ao Romano, enquanto ele deixava o escritório de Bev e caminhava pelo carpete com o emblema presidencial na área de recepção principal.

"Aparentemente sim", respondeu O Romano, escondendo a mão enfaixada. "Embora eu..."

O telefone da recepcionista tocou em sua mesa. "Oh... desculpe", disse ela, colocando seu fone de ouvido. "É um belo dia no escritório do presidente Manning. Como posso ajudá-lo?" O Romano dirigiu-se para a porta.

A recepcionista lhe deu um aceno de adeus, sem desviar a atenção de quem estava falando em seu fone de ouvido.

"Sim, Wes. É claro — vou transferi-lo para Oren agora mesmo..."

O Romano parou no meio de um passo, o dedão de seu pé esquerdo afundando a cabeça da águia do emblema presidencial. Um leve sorriso retornou ao seu rosto enquanto dava meia-volta.

Batendo em algumas teclas em seu telefone, a recepcionista enviou a chamada para Oren e ergueu o olhar para O Romano. "Perdão... o senhor estava dizendo?"

"Apenas que necessito de certa orientação", replicou O Romano, apontando para a esquerda, depois para a direita.

"De que lado fica o escritório de Oren?"

"É o segundo a sua direita. Está vendo?", disse a recepcionista.

O Romano fez que sim. "Você é um anjo."

Ele parou fora do escritório e esperou até ouvir o clique de Oren desligando o telefone. Batendo com força os nós dos dedos na porta, ele entrou e mostrou sua insígnia. "Oren, certo? Agente Roland Egen. Serviço Secreto dos Estados Unidos."

"Está tudo em ordem?", perguntou Oren, já se levantando de sua cadeira.

O Romano encolheu os ombros. "Você tem alguns minutos para conversar?"

Parando do lado de fora das portas de madeira de cipreste mediterrâneo encaixadas em uma entrada arqueada de pedra coral, eu toco a campainha, em forma de pérola, e dou um sorriso para a câmera de segurança que olha para nós.

"Quem está tocando?" pergunta uma delicada voz de mulher pelo interfone, muito embora ela tenha acabado de falar conosco três minutos atrás, quando chegamos à cerca viva de seis metros de altura e ao portão de ferro batido que protegem a propriedade.

"Senhora Sant, aqui é Wes Holloway", digo no interfone. "Do escritório do presidente Manning."

Com um clique, a porta da frente se abre por meio de controle remoto. Três metros adiante, uma jovem mulher, com sobrancelhas perfeitamente arqueadas, um leve toque de brilho nos lábios e cabelos loiros saídos direto de um comercial para xampu, caminha até nós vinda da antessala.

Ela usa um pulôver de caxemira cor de pêssego com um decote em V suficientemente acentuado para mostrar por que ela é uma esposa-troféu. E, como os melhores troféus na cidade, ela tem seios que são perfeitos e reais, assim como o bracelete de diamante que envolve seu punho.

Ansioso para não ficar à vista, estou prestes a entrar. Lisbeth me puxa pelo botão da jaqueta, mantendo-me no lugar. O protocolo diz que eu devo esperar ser convidado. E com essa enorme quantidade de dinheiro o protocolo manda.

"É bom vê-lo de novo", diz a senhora Sant com um sotaque australiano, muito embora nunca nos tenhamos encontrado antes. Como muitas esposas em Palm Beach, ela sabe bem aproveitar uma chance.

Finalmente, alcançando a porta de entrada, ela estuda minha face, depois olha por cima de meu ombro para o carro usado de Lisbeth. De novo, perfeita habitante de Palm Beach. Julgamento primeiro, delicadezas depois.

"Eu entendi que o presidente não está com você", acrescenta ela, ainda olhando para o nosso carro. É só quando termina de falar comigo que ela nota Lisbeth.

"Não, na verdade, ele vai nos encontrar..."

"Senhorita Dodson?", pergunta ela excitada, agarrando a mão de Lisbeth como se estivesse lhe propondo casamento.

"Eu a encontrei naquela noite nos Alsops — oh, sinto muito", acrescenta, batendo em seu peito. "Sou Cammie Sant — meu marido é Victor", explica ela, como se essa fosse toda a introdução de que necessitasse. "Oh, que prazer! Leio sua coluna todos os dias! Entrem, entrem..."

Não sei por que estou surpreso. Quando você escreve sobre a sociedade, parte do trabalho é ser bajulado pela sociedade.

Mas, em vez de desfrutar do momento, Lisbeth se afasta, diminuindo conscientemente o ritmo até ficar um passo inteiro atrás quando entramos na antessala.

"Oh, aquela menção que você fez sobre Rose DuVali... *bom* para você. Todos nós sabemos que foi seu marido que arrastou os garotos para o tribunal."

Perto de mim, Lisbeth olha para o outro lado, tentando evitar um contato visual. De início, pensei que fosse modéstia. Mas a maneira pela qual seu rosto fica abatido... a maneira como coça ansiosamente as sardas em seu pescoço... eu reconheço a vergonha quando a vejo.

Sobretudo quando ela é causada por insatisfação quanto a suas próprias expectativas.

"Oh, e, por favor, ignorem a bagunça", acrescenta Cammie, conduzindo-nos para a sala de visitas em suntuoso estilo mediterrâneo e apontando para os tecidos brancos e amarrotados que cobrem cada peça de arte nas paredes. "O júri virá amanhã."

Dois anos atrás, os antigos donos dos catorze espetaculares dormitórios de Cammie e do terreno da casa de setenta mil metros

quadrados foram mortos a tiros por seu único filho.

Com os pais mortos, a casa fora vendida para Cammie e seu marido — um herdeiro da fortuna conseguida com o Tylenol —, que, de acordo com as histórias, estavam tão desesperados para fazer uma entrada estrondosa na cena social de Palm Beach que se precipitaram e compraram a casa por vinte e sete milhões de dólares mesmo antes de retirar as marcas de giz das amplas tábuas de ciprestes.

"Colocar lençóis foi ideia de Victor", explica Cammie. "Vocês sabem, com o pessoal do júri andando pela antiga cena do crime, pensamos... quando eles passam pela coleção... que não precisamos que ninguém fique sabendo quantos Francis Bacon nós temos." Ela levanta a sobrancelha para nós.

Eu faço que sim, olhando para os lençóis brancos que cobrem as obras de arte. Viajando com o presidente, eu estive em muitas casas de bilionários que tinham um Rembrandt ou Monet ou Warhol na parede.

Alguns até tinham dois ou três. Mas aqui... quando passamos pela sala de visitas, em direção à biblioteca, atravessando o salão de bilhar em azul e vermelho, na parte de trás, contei pelo menos trinta quadros cobertos.

"É claro. É claro, vocês querem ser discretos", diz Lisbeth, erguendo o olhar finalmente.

Parando diante das duplas portas francesas que conduzem para fora, Cammie volta-se ao ouvir a palavra *discreta*. Uma mulher empenhada em atividades sociais de menor importância consideraria isso uma ameaça. Não é o caso dela. E Cammie não é de *menor importância* em nada.

Puxando a parte inferior de seu pulôver, ela o alisa em seu estômago achatado e sorri para si mesma. Este é o sonho de toda anfitriã: a rainha do mexerico local ficar lhe devendo um favor.

"Ouçam, preciso cuidar de algumas coisas — foi um prazer encontrá-los", acrescenta Cammie, desculpando-se com alegria. "Tommaso está lá fora na parte dos fundos. Ele cuidará perfeitamente de vocês."

Com um toque na maçaneta de bronze antigo, as portas francesas se abrem, e saímos para um caminho de pedra que nos leva para além da piscina de água salgada, através de um extenso jardim formal, e para dentro de um pomar de frutas com os aromas adocicados de *grapefruit*, tangerinas e limas-da-pérsia.

"Sou muito superficial por odiar seu traseiro perfeito e treinado pela ioga?" pergunta Lisbeth, enquanto passamos pelas árvores de lima. "Ou deveria contentar-me em desprezá-la pelo mero fato de que agora lhe devo uma?"

"Se você quiser ser bem-sucedida na prática, de fato, nós lhe devemos *duas*", digo, apontando para nosso destino.

Atrás do pomar, para lá do anfiteatro de pedra, até além do campo de futebol de tamanho normal, com a grama meticulosamente cortada que se estende até a água, há um megaiate imaculado, de quarenta e cinco metros, três tombadilhos e pintado de preto e creme, que é mais alto do que qualquer outra embarcação que flutua nas correntes calmas do lago Worth. *The Pequod*, lê-se nas letras em puro ouro ao longo da janela na popa. Apenas quando estamos bem ao lado dele é que podemos apreciar sua grandeza — de ponta a ponta, dá para estacionar trezentas e dezoito bicicletas.

"Você tem certeza de que ele é bastante rápido?", pergunta Lisbeth, esticando o pescoço para trás e protegendo os olhos do sol.

Ela não está falando do iate. Como precisamos nos deslocar depressa, não temos tempo para um cruzeiro de prazer.

Nem podemos nos arriscar a ir até o aeroporto local e sermos descobertos pelas nossas carteiras de identidade e as passagens de avião. Dou dois passos atrás para ter uma visão melhor do nosso alvo. Ele está no convés ensolarado, na parte de trás, com suas três hélice de metal em repouso, ligeiramente arqueadas para baixo.

Um carro levaria quatro horas. Um hidroavião, uma hora e quarenta minutos. Mas e um helicóptero com duas hélices, construído na França, sem problemas de embarque, sem táxi ou tempo de espera, uma vez que está estacionado num iate? Ele levaria uma hora para chegar. Tempo suficiente para conseguirmos o que precisamos e estar de volta na casa de Manning à noite.

"Ele é deslumbrante, não?", grita um homem com pesado sotaque espanhol. Esticando a cabeça por cima do parapeito, Tommaso olha para nós da extremidade do convés. "O presidente vai se juntar a nós, não é?"

"Não", digo, esticando o pescoço para cima. "Ele vai nos encontrar lá."

Tommaso encolhe os ombros sem maiores preocupações.

Com um *blazer* azul-marinho e uma camisa listrada azul e branca, ele está vestido como se fizesse parte da equipe, o que significa que está acostumado a transportar pessoas importantes que mudam de opinião no último minuto.

"Venham, vamos partir", acrescenta ele, gesticulando com as palmas para cima em direção a uma escada de metal que nos leva até o convés principal. Dentro de segundos estamos a bordo.

Foi por isso que telefonei para Oren em primeiro lugar.

Quando fomos para a Arábia Saudita, Oren encontrou um xeique que ficou feliz ao emprestar seu jato para o presidente. Quando saímos de férias para a Carolina do Norte, Oren encontrou um herdeiro da rede Kentucky Fried Chicken para fazer o mesmo. Não se trata de esnobismo. É o trabalho de Oren. Como diretor de viagens, ele está ali para anotar o nome de cada pessoa que diz a frase mais frequentemente pronunciada para todo ex-presidente dos Estados Unidos: *Avise-me sempre que precisar de algo*.

Em muitas viagens, o presidente precisa apenas de privacidade. Hoje, eu preciso da mesma coisa.

Naturalmente, Oren ficou hesitante. Mas quando lhe disse que estava tendo dificuldade para respirar... que a fuga de Nico... só de ver o rosto dele nos noticiários... e a dor no meu peito... *Por favor, Oren, você sabe que nunca peço nada*.

Apenas preciso afastar-me... tão rápido quanto possível...

Esqueça a presidência — as cartas mais poderosas para jogar são piedade e culpa. Depois de um telefonema, Victor e Cammie Sant, doadores recentes e participantes do NMA, se sentiriam honrados, tão-somente honrados, em oferecer seu helicóptero pessoal para o presidente e seus assessores.

Sem perguntas, nenhum plano de voo para preencher, nenhuma possibilidade de ser detectado.

"Bem-vindos ao *Pequod*", diz Tommaso, quando alcançamos o topo da escada de metal e subimos a bordo do iate. Do outro lado do convés ensolarado, na área de estacionamento do helicóptero, ele gira uma tranca e abre a porta para o aparelho pintado de preto e creme. "Prontos para passear na baleia branca?"

"Torre de Palm Beach, seu helicóptero dois-sete-nove-cinco-Juliet alçando voo", diz Tommaso no rádio.

"Sete-nove-cinco", responde tranquilamente uma voz no rádio, em meio a estalidos. "Partida por sua conta e risco."

Lisbeth olha para mim ao ouvir as palavras através do intercomunicador, depois bate com os nós dos dedos na divisória de Plexiglás que separa nossas cabines — com suas quatro poltronas de couro, com braços — da cabine do piloto com duas poltronas. "Por sua conta e risco?", diz ela para Tommaso, pressionando o botão intercomunicador.

"Tudo bem, senhorita. É o regulamento", explica ele, enquanto dá partida no motor.

Atrás de nós, logo acima de nossas cabeças, na parte traseira do helicóptero, um cano de escapamento faz ruído, começando a funcionar. Eu dou um pulo com o barulho, que soa mais alto do que um tiro.

Alguns segundos depois, Tommaso pressiona um outro botão, dando partida ao motor dois. Um segundo cano de escapamento explode com estrépito. Pulo de novo, olhando por cima de meu ombro, muito embora eu saiba que não há ninguém ali. Meus olhos piscam sem parar.

"Respire fundo", diz Lisbeth, sem sair de seu lugar, estendendo a mão e pegando meu pulso. O helicóptero todo passa a vibrar quando as hélices começam a girar.

Vrrrrrrrrr... rrr... rrr... como um carro de corrida dando a volta na pista.

"Faça de conta que é o *Marinha Um*", diz ela, referindo-se ao helicóptero que eu costumava usar na Casa Branca.

Eu me volto para a ampla janela à minha direita e prendo a respiração. Não ajuda. Uma onda de náuseas contorce meu estômago.

Vrrrrrrrrr... rrr... rrr... as hélices aumentam a velocidade.

Inclinando-me para mais perto da janela, pressiono a testa contra o vidro. As hélices giram tão depressa que não podemos vê-las acima de nós.

"Wes, eu juro para você, não há ninguém lá fora. Tudo está correndo bem."

Lisbeth pensa que estou olhando para os viçosos campos que ficam atrás da mansão mediterrânea dos Sant. Ou que estou examinando cada árvore, arbusto ou imitação de estátua grega, olhando para ver se estamos sendo seguidos.

Mas quando o helicóptero se lança para a frente e levanta da área de estacionamento, a única coisa que vejo na vidraça é o meu próprio reflexo.

"E você que queria repousar o dia inteiro", lembra Lisbeth, esperando me tranquilizar enquanto nos alçamos direto no céu azul e o iate dos Sant brilha abaixo de nós. "Adeus, pessoas ricas, com vidas perfeitas, que fizeram com que eu me sentisse inadequada e gorda — estamos nos afastando para nos pôr em perigo!"

Ficando em silêncio, mantenho a testa pressionada contra a janela. Na ponta arenosa do braço de mar, onde o lago Worth flui para o oceano Atlântico, a brilhante água azul-esverdeada se expande até o horizonte, suas cores mais fascinantes do que a cauda de um pavão. Isso mal e mal é registrado.

"Ora, Wes — você merece um sorriso", diz Lisbeth, sua voz ainda afobada. "Nós conseguimos desapontar O Romano, obtivemos algumas pistas sobre as palavras cruzadas, Rogo e Dreidel estão a caminho para conseguir informações sobre Boyle, e nós, em uma louca façanha graças à nossa genialidade, estamos voando agora neste helicóptero de três milhões de dólares indo ver a única pessoa que estava na posição mais perfeita para nos mostrar o que aconteceu naquele dia. Não estou dizendo que você devia encomendar o confete e programar o desfile de vitória, mas definitivamente você não pode ficar sentado aí de mau humor."

Com a cabeça ainda pressionada contra o vidro, fecho os olhos e revejo o vídeo. Ela nunca entenderá.

"Ouça, eu sei que foi difícil olhar aquele vídeo..."

Eu pressiono a cabeça mais fortemente.

"... e só de se ver sem as cicatrizes..." Ao contrário de muitos, ela não se intimida diante do assunto. Posso senti-la olhando — não com olhos arregalados — direto para mim. O helicóptero se inclina lateralmente, dirigindo-se para o sul e seguindo a linha da costa dourada, depois rapidamente cortando direto e indo para o interior, na direção sudoeste sobre as ondulações verdes e carpetadas do campo de golfe no clube de campo. A mil setecentos e cinquenta metros de altura, estamos quase na mesma altitude que um avião preparando para aterrissar. Os carrinhos brancos de golfe deslocam-se como minúsculas formigas brancas pela grama, enquanto as armadilhas de areia, em ordem regular, pontuam a paisagem como dezenas de piscinas redondas e beges para crianças. Dentro de minutos, as casas de frente para a praia e os iates de tirar o fôlego de Palm Beach dão lugar ao pântano marrom do Everglades musgoso e cheio de mosquitos. A paisagem muda demasiado rapidamente.

"Estou apenas dizendo", acrescenta Lisbeth, "que o que quer que tenha suportado... você ainda é você mesmo."

Olhando para fora da janela, observo como a grama alta da costa desponta e oscila nas águas marrons e pouco profundas do Everglades. "Não se trata do meu rosto", deixo escapar.

Ignorando meu reflexo e afastando-me ligeiramente, uso o polimento da janela para olhar por cima do ombro. Atrás de mim, Lisbeth não se move, ainda me observando cuidadosamente, sem nenhuma hesitação enquanto estuda meu rosto.

"Você viu o vídeo", acrescento. "A maneira como saí daquela limusine... acenando para a multidão... o balanço afetado de meus ombros..."

"Você está melhor longe disso tudo. Você se parecia com Dreidel."

"Veja, mas é esse o ponto. Quando vi o vídeo... Quando vi o meu antigo eu... eu não apenas perdi o meu rosto. O que perdi —

aquilo pelo qual eu *uso luto* — é minha vida antiga.

Foi *isso* que eles tiraram de mim, Lisbeth. Você pode ver isso no vídeo. Um garoto arrogante de vinte e três anos pavoneando-se como apenas um garoto assim de vinte e três anos pode fazer. Naquela época, quando eu imaginava meu futuro, da Casa Branca para — eu voava tão alto, eu podia até escolher a coordenada seguinte. Todo o maldito mundo era possível. Quero dizer, essa era a esperança, certo? Eu participava e participava e participava dessa corrida — e depois, num dia estúpido, com um ricochete estúpido..." Meu queixo começa a tremer, mas, depois de todos esses anos, eu sei exatamente onde ranger o dente para parar com isso. "... eu descubro que nunca irei mais longe d-d-do que... à meio caminho de lá." O tremor foi embora. Isso não é tanto uma vitória. "Esta é a minha vida. A meio caminho de lá."

No reflexo da janela, Lisbeth coloca um cacho vermelho atrás da orelha. "Você conseguiu mais do que meio caminho, Wes."

"Ora, só porque eu vou buscar a coca *diet* do presidente e sei quais de seus amigos ele odeia? Rogo disse isso durante anos, mas eu não quis escutar. Esse emprego deveria ser um trampolim. De alguma forma ele se tornou um fim. Você pode compreender quão patética uma pessoa tem de ser para deixar isso acontecer?"

"Provavelmente tão patética como resolver aceitar uma coluna sobre mexerico local, muito embora seu verdadeiro sonho seja desafiar o mundo com novas notícias investigativas e arriscadas."

Pela primeira vez desde que saímos, eu me afasto da janela e olho para Lisbeth. "Isso é diferente", digo a ela.

"*Não é*", dispara ela de volta. "Você viu meu escritório — todas aquelas cartas nas paredes de meu cubículo..."

"Aqueles para seu pai."

"*Não para* ele. *Sobre* mim. Aquelas cartas são provas, Wes.

Elas são a prova de que se pode usar esta profissão para mudar a vida de alguém para melhor. Elas são a prova de que há um poder na reportagem. E o que eu faço com esse poder? Passo cada dia tentando preencher cinquenta centímetros escrevendo sobre divórcios locais, fofocas do clube de campo, e tudo gira em torno de fatos demasiado excitantes, como, por exemplo: quem foi

enganado pela refeição de baixa qualidade do Morton? Quando aceitei esse trabalho, prometi a mim mesma que era por um ano ou dois, até que pudesse alimentar apropriadamente meus gatos.

Isso foi há sete anos, Wes", diz ela mais séria do que nunca.

"E você sabe qual é a pior parte disso?"

"Que você desistiu de seu sonho?"

Ela sacode a cabeça. "Que eu posso deixar isso tudo a qualquer momento."

Enquanto eu a estudo, ela esfrega as sardas em sua bochecha.

"Ainda assim é diferente", insisto, voltando-me para a janela.

"Minha meta é andar pelas ruas e não ser notado. Você pelo menos é a pessoa que sempre foi."

Lisbeth muda de posição na poltrona, enquanto o couro faz um ruído debaixo dela. "Meu pai costumava dizer que Deus coloca frestas em tudo. E é assim que a luz entra dentro."

"Sim, bem, seu pai roubou essa frase de uma antiga canção de Leonard Cohen."

"O que não a torna menos verdadeira."

Através da janela, eu olho para o rio de grama, o verde abrandado e os cordões marrons entrelaçados na água como se fossem cabelos molhados. Cerca de trezentos e cinquenta metros abaixo, um pequeno bando de pássaros brancos passa planando no céu.

"Aqueles são garças?" pergunta Lisbeth, olhando pela sua janela.

"Garças reais", replico. "Os bicos são mais escuros e pontudos."

Olhando para baixo, penso em minha cacatua, Lolo, e o quanto ela desfrutaria a vista. Depois me lembro que ela não pode voar. Não enquanto suas asas estiverem cortadas.

Pela segunda vez, me afasto da janela e olho por sobre o ombro para Lisbeth. Ela tem sardas cor de caramelo ao longo do pescoço. "Você realmente se sente tão miserável com o seu trabalho?", pergunto.

"No mês passado, não fui à festa de dez anos em comemoração ao término da escola secundária porque a pequena biografia no programa dizia que eu era a 'rainha do mexerico'. Eu sei que se

tratava apenas de comemoração de secundário, mas eu... eu não pude mostrar minha cara ali."

"Imagine só", caçoo, virando a cabeça para que ela possa dar uma boa olhada em minhas cicatrizes.

"Oh, Jesus, Wes, você sabe que eu não..."

"Eu sei", digo a ela, mostrando o mais belo sorriso completo que consigo. Como sempre, a metade direita da minha boca não se mexe. Mas, por uma vez, quando a metade esquerda se ergue em direção ao teto do helicóptero, isso de fato parece suficiente.

58

"E as gravações do telefone?" perguntou O'Shea, sentando no banco do passageiro enquanto Micah dirigia no tráfego da hora do almoço que congestionava a 1-95. "Zero ponto", replicou Paul Kessiminan ao telefone para O'Shea com o sotaque de salsicha gordurosa de Chicago. Como estudante de matemática aplicada e tendo abandonado a Academia Naval dos Estados Unidos, Paul não era um estudioso. Como membro mais antigo da Divisão de Tecnologia Investigativa do FBI, ele era um gênio. E raramente estava errado. "O rapaz não fez nenhuma chamada pelo celular desde a noite passada." "Cartões de crédito?"

"Verifiquei tudo — cartões, retirada de dinheiro em caixas automáticos, reservas de passagem de avião, até o cartão da Blockbuster. Quem quer que ele seja, esse Wes não é um tolo. O rapaz se esconde melhor do que uma lagarta."

"Então rastreie o próprio telefone", disse O'Shea em seu celular, enquanto o Chevy parava escondido atrás de uma picape preta. Batendo no painel do automóvel com o punho, ele apontou para o lado esquerdo da estrada, indicando com mímica que Micah continuasse andando. "Ele podia estar sofrendo alguma interferência de uma torre de celular próxima enquanto falamos."

"Você acha? Esqueci totalmente como o GPS e, de fato, todo o meu serviço funciona", disse Paul.

O'Shea não riu. "Não me prejudique neste assunto, Paul."

"Ei, ei... cuidado com as palavras. Você não disse que este assunto era tão importante."

"Ele é muito importante. Agora, ele está dando sinal ou não?"

"Ele *deveria* estar", começou Paul, enquanto O'Shea ouvia o estalido das teclas do computador pelo telefone. "Mas se seu

telefone é suprido pelo escritório de Manning — e de acordo com isso ele é —, eles mascaram todos os seus GPS de modo a poder proporcionar ao ex-presidente um pouco de privacidade."

"Então você não pode rastreá-lo?"

"É claro que podemos rastreá-lo. Você realmente pensa que deixamos esses camaradas andar por aí sem proteção? O que é aborrecido é que não estou conseguindo nada que possa rastrear."

"Por quê? Ele desligou seu telefone?"

"Mesmo que estivesse desligado, o GPS poderia ainda estar transmitindo", explicou Paul, enquanto Micah voltava para o meio do tráfego ao achar uma brecha na pista central. "O que significa que ele está no ar, no subterrâneo ou fora de alcance."

"Ele está voando", disse O'Shea para Micah, apontando para a rampa de saída para o Aeroporto de Palm Beach. "Saia por aqui!"

Sem hesitar, Micah deu uma guinada no Chevy azul cruzando duas pistas de tráfego e dirigindo-se para a saída.

Buzinas furiosas soaram atrás deles. "Talvez Wes esteja usando o telefone de outra pessoa", disse Micah, com os olhos presos na estrada. "Peça a ele para rastrear os telefonemas de Dreidel."

"Paul, faça-me um favor e verifique mais três nomes — os dois sujeitos e a moça", disse O'Shea, quando eles faziam a curva para sair da rampa. "Eu ligo de novo dentro de um minuto."

"O que você está fazendo?" perguntou Micah, quando O'Shea desligou o telefone. "Precisamos dessa informação *agora*."

"E é por isso que estou tentando obtê-la", disse O'Shea, com o polegar digitando um novo número. "Se Wes não está usando cartão de crédito ou sua própria carteira de identidade, ele não conseguiu um voo sem uma ajuda muito significativa."

"É um belo dia no escritório do presidente Manning" disse a recepcionista pelo telefone. "Como posso ajudá-lo?"

"Olá, aqui é o agente O'Shea telefonando do FBI. Estamos participando da investigação atual sobre Nico. Posso falar com a pessoa encarregada do transporte do presidente?"

Precisamos ter certeza de que ele está ciente das novas precauções que nós e o Serviço determinamos que devem ser tomadas."

"É claro", responde a recepcionista. "Vou transferi-lo para Oren." Houve um rápido clique seguido por dois toques agudos.

"Aqui é Oren."

"Oren, aqui é o agente O'Shea telefonando do..." "Ora!, estamos nos tornando populares — dois em um só dia", interrompeu Oren.

"Perdão?"

"Você está telefonando do Serviço, certo? Acabo de falar com seu companheiro — saiu daqui faz um minuto."

"Positivamente", disse O'Shea, sem nem gaguejar. "Então você falou com o agente..."

"Egen... Roland Egen? Eu pronunciei certo?"

"É ele mesmo", replicou O'Shea, apertando o celular com o punho. "Pele pálida e cabelos pretos, não é?"

Micah se virou ao ouvir a descrição, seu maxilar quase atingindo o volante. "Espere, ele é...?"

O'Shea levantou a mão, interrompendo Micah. "Então você lhe deu depressa as mais recentes informações sobre Wes?"

"Certamente. Embora tudo o que eu soubesse era o seu voo para Key West", explicou Oren. "Nós realmente apreciamos vocês se preocuparem com ele, embora, eu quero dizer, ele sempre está um pouco mais, você sabe, *nervoso* desde o acidente, mas, com Nico subitamente em liberdade, eu podia sentir em sua voz — ele parecia bastante preocupado."

"Quem pode culpá-lo?" perguntou O'Shea, impaciente para desligar. "Oren, você foi um salva-vidas. Obrigado por toda a ajuda."

Quando O'Shea desligou o telefone, Micah podia compreender o olhar no rosto do seu parceiro.

"Filho-..."

"Por favor, diga-me que O Romano estava ali naquele escritório", pediu Micah "Ou acabamos de ganhar na loteria ou pulamos de cara em uma mina terrestre maior ainda", disse O'Shea.

Fazendo um aceno de concordância, Micah acelerou e indicou com as sobrancelhas um anúncio oferecendo voos *charter* diários para Key West. O'Shea já estava discando.

"Ei, eu gostaria de alugar um dos seus hidroaviões", disse ele ao telefone. "Acha que pode aprontá-lo para os próximos cinco minutos?"

59

"Você tem certeza de que ele não telefonou?", perguntou Dreidel do banco de passageiro quando o carro parou no tráfego bloqueado, o que era comum na US-1 de Miami.

"Faça-me um favor e verifique seu telefone."

Batendo os polegares contra o volante, Rogo nem se preocupou em examinar seu telefone. "Ele não telefonou."

"Mas se algo aconteceu... e se não conseguiu ir para Key West..." "Wes é esperto — ele sabe que irão rastreá-lo se telefonar. Se houvesse um problema, nós saberíamos."

"A menos que haja um problema e *nós não* saibamos", insistiu Dreidel. "Diacho, por que não conseguimos as informações: o nome do sujeito do helicóptero... para onde estão voando... nem temos o endereço onde vai em Key..."

Antes que Dreidel pudesse terminar, o celular vibrou em seu bolso. Pegando-o, ele ansiosamente o abriu, verificando a identidade de quem estava telefonando. Rogo deu uma olhada, justo a tempo de ver o prefixo 202. Washington, D.C.

"Alô?", respondeu Dreidel. Imediatamente ele fez uma careta. "Ouça, estou no meio de algo. Podemos falar sobre isso mais tarde?... Sim, eu vou... *eu vou...* Tchau." Virando-se para Rogo, quando desligou o telefone, Dreidel acrescentou: "Minha esposa".

"Com um número de telefone de Washington?" perguntou Rogo, os polegares não batiam mais no volante. "Eu pensei que você morasse em Chicago."

"É o meu celular antigo. Nós mantivemos o número de D.C." explicou Dreidel.

Aumentando a velocidade, depois diminuindo-a até parar por completo, o carro ficou imóvel no meio do tráfego. Rogo não disse

uma palavra.

"O quê? Você acha que estou mentindo?", Dreidel deixou escapar.

"Eu não disse nada. Basta de truques mágicos."

Mexendo-se no banco, Dreidel olhou por sobre o ombro e verificou a pista próxima a eles. "Você pode passar para a pista da direita."

Segurando firmemente o volante, Rogo não se mexeu. "Rogo, você ouviu o que eu...?"

"O tráfego está bastante ruim. Não me diga como dirigir."

Na pista do meio, o carro se moveu apenas poucos centímetros, por causa da obstrução: um caminhão reboque com sirenes amarelas erguia um Cadillac marrom-claro no lado esquerdo da rodovia.

"Eu não sou imbecil, Rogo. Eu sei o que você pensa de mim."

"Dreidel..."

"Eu percebo em seu rosto... e como, quando nos separamos, você foi rápido para impedir-me de ir com Wes. Não diga que estou errado. Em vez disso, deixe-me descrever essa situação o melhor que posso: eu nunca fiz nada para feri-lo.

Nunca."

"Tenho certeza de que não faria isso", disse Rogo.

"Não estou dizendo que sou o melhor marido, está certo?"

Mas ainda sou um bom amigo. Não se esqueça, fui eu que consegui o emprego para Wes."

"Esse fato não está esquecido em mim."

"Oh, então agora isso também é culpa minha?" pergunta Dreidel. "Esta foi a minha maior trama: que alguém o colocasse em meu antigo emprego de modo que um ricochete que ocorre uma vez na vida o atingisse no rosto?"

"Eu não disse isso."

"Então seja claro de uma vez por todas, em vez de usar essa fachada amável que trata Wes como algo frágil, uma boneca de porcelana superprotegida. Eu sei por que você faz isso, Rogo — conheço muitas pessoas que têm desempenho abaixo de seu potencial e que gostam de que necessitem delas."

"Assim como eu conheço muitas pessoas que têm desempenho acima de seu potencial e que amam abandonar as pessoas quando não mais precisam delas. Chega de reescrever a história. Eu estava aqui com ele na semana em que retiraram os curativos... e quando aquele repórter do *Times* usou a primeira página do jornal para descrever o seu rosto como *arruinado...* e quando Wes finalmente decidiu olhar para si mesmo apenas para dizer que queria estar morto no lugar de Boyle. Mas este é o fato, Dreidel — durante oito anos, *Wes tem sido* o morto. Você e o resto da equipe da Casa Branca podem ter continuado a aparecer em *shows* de TV e colunas de jornais. Mas Wes foi o único que nunca conseguiu progredir nessa nova vida. Agora que a chance apareceu, não vou deixar ninguém tirar isso dele."

"Esse é um belo discurso, Rogo, mas faça-me um favor. Se não confia em mim, tenha a coragem de dizer e deixe-me descer aqui mesmo."

"Se eu não confiasse em você, Dreidel, eu o teria deixado em Palm Beach."

"isto nem é verdade", desafiou Dreidel. "Você me trouxe aqui porque queria ver os arquivos de Boyle, e você sabe que eu sou o único que posso fazê-lo entrar."

Ligando o pisca-pisca, Rogo foi para a pista da direita.

Olhando por cima do banco do passageiro, ele ficou em silêncio.

Dreidel balançou a cabeça, mordendo o lábio inferior.

"Dane-se você também, Rogo."

Batendo os polegares no volante, Rogo fez uma curva pronunciada à direita em Stanford Drive e dirigiu-se para um portão de proteção e um gramado que servia como a entrada principal do *campus*. À direita deles, incrustada em uma parede de concreto, havia uma placa de metal dourado e verde-musgo onde se lia:

BEM-VINDOS À UNIVERSIDADE DE MIAMI QUE ABRIGA A
BIBLIOTECA PRESIDENCIAL DE LELAND F. MANNING

Nenhum dos dois disse uma palavra ao outro até estarem lá dentro.

60

Jacksonville, Flórida

Nico, talvez seja bom parar.

"Não é necessário."

Mas se você não descansar...

"Eu venho descansando por oito anos, Edmund. Este é o chamado", disse Nico, sentado tão na extremidade do banco do motorista que seu peito se apoiava no volante do gigantesco caminhão. Atrás dele, em seu banco, estava enrolada a jaqueta do exército que roubara na Taverna Irlandesa. Com o sol da Flórida queimando acima da cabeça, o inverno parecia ter ido embora fazia tempo. Ele não precisava da jaqueta. Nem Edmund, cujo sangue havia encharcado a frente dela.

Você está me dizendo que não está cansado?

Nico deu uma olhada para o corpo sem vida de Edmund caído no assento ao seu lado. Seu amigo o conhecia muito bem.

Você está dirigindo há quase dez horas, Nico. É bom fazer uma pausa — de fato, é necessário, filho. Sobretudo se estamos planejando não ser notados.

Nico sabia onde ele queria chegar. "Então, você ainda acha...?"

Nico, não me importa que você seja um motorista cuidadoso — você pega um caminhão-plataforma de quarenta toneladas e dirige pelas ruas elegantes do centro de Palm Beach, alguém vai achar estranho.

Olhando para o rosário de contas de madeira, balançando no retrovisor, Nico soube que Edmund tinha razão. Eles tinham tido sorte até então, mas se um tira os pegasse... se fossem levados presos... Não, depois de tudo isso, a causa era muito grande. E

quando eles estavam tão próximos... de Wes... de Boyle... de completar a vontade de Deus e resgatar a redenção para sua mãe... Não, não era hora de arriscar.

"Diga-me o que você acha que é melhor", disse ele, olhando para Edmund.

É difícil dizer, precisamos deixar o caminhão em algum lugar e conseguir algo que não seja tão visível no tráfego.

"Acho que tem razão, mas como vamos fazer?"

Como nós fazemos qualquer coisa, Nico? Quando o caminhão chocou-se com um torrão de terra na estrada, a cabeça de Edmund pulou para cima e para trás, batendo no apoio de cabeça e revelando a profunda ferida vermelha e as bolhas pretas em seu pescoço. *Olhe pela janela e procure as oportunidades.*

Seguindo o olhar de Edmund através do para-brisa da frente, Nico tratou de olhar para o asfalto escuro da rodovia, percebendo finalmente o que seu amigo estava vendo ao longe. No momento em que descobriu, um amplo sorriso ergueu suas bochechas.

"Você acha que deveríamos...?"

É claro que deveríamos, Nico. Preste atenção no Livro. Por que outro motivo Deus os colocaria ali?

Fazendo um sinal de assentimento para si mesmo, Nico pisou no freio. O caminhão fez um barulho e tremeu, parando com um ruído agudo bem atrás de um Pontiac marrom no acostamento da rodovia. Do lado do passageiro, uma mulher com cabelos pretos e ondulados observava enquanto seu namorado, usando uma camiseta sem mangas, lutava para trocar o pneu do carro.

"Vocês precisam de ajuda?", perguntou Nico, enquanto descia da cabine.

"Você é do Triplo A?", [\[13\]](#) perguntou a mulher.

"Não. Só achei que vocês precisavam de ajuda, e pensei em parar."

"De fato, acho que já terminei", disse o rapaz, apertando o último parafuso.

"Ora, um verdadeiro bom samaritano", caçoou a mulher.

"Engraçado", replicou Nico, parando muito perto da mulher. *"Muito embora eu prefira o termo anjo guardião!"*

A mulher deu um passo atrás. Mas não foi suficientemente rápida.

[13] Associação Automobilística Americana. (N. T.)

61

Key West, Flórida

"Chegamos", diz o motorista de táxi quando seu brilhante carro cor-de-rosa dá um solavanco para parar. Ele tem uma grossa camada de protetor solar branco sobre o nariz e uma colcha branca rasgada, com as palavras *Posso lhe proporcionar um agito*, nas costas de seu assento.

"Trezentos e vinte e sete da William Street."

"Você está brincando? Mal andamos três quarteirões", grita Lisbeth do banco de trás. "Por que não nos disse que podíamos simplesmente andar?"

"Vocês entraram no carro", diz o motorista, nem um pouco irritado enquanto vira o botão do rádio para o programa *Paul & Young Ron*. É o costume em Key West — tudo é muito ensolarado. "Ficou em dois dólares", acrescenta ele, empurrando o botão do taxímetro.

"Não vou lhe pagar um único..."

"Obrigado pela corrida", interrompo, colocando três dólares no banco da frente. Quando o nosso helicóptero desceu em um outro iate particular no Porto Histórico de Key West, decidimos que o resto da viagem não deveria chamar a atenção nem deixar rastros. O motorista estuda meu rosto pelo retrovisor e percebo que já estamos sendo notados.

Felizmente, ainda temos alguns trunfos.

Abrindo a porta com um empurrão e saindo, observamos enquanto o táxi desaparece na magnífica, embora estreita, rua residencial. Estamos parados diante de um modesto chalé de dois andares, típico das Bahamas, no número 327 da William Street,

mas, quando o táxi vira a esquina, no fim do quarteirão, nós atravessamos a rua e procuramos o número de nosso verdadeiro destino: o chalé de número 324 todo ornamentado, cor de pêssego e com venezianas brancas.

Segurando o corrimão de madeira que se inclina ligeiramente quando se apoia nele, Lisbeth corre para a varanda da frente, desgastada pelas intempéries, como se estivesse em disparada atrás de uma limonada. Mas, antes que ela alcance a porta da frente, o seu celular toca. Ou melhor, o de sua amiga, pois elas trocaram de celular no jornal. "Deixe-me apenas verificar isso", diz Lisbeth, enquanto tira o aparelho da bolsa. Ela dissera para sua amiga ligar apenas em caso de vida ou morte. Olho por cima de seu ombro, enquanto ambos tentamos identificar quem está chamando. O número é do trabalho de Lisbeth. Aí vem a morte.

"Eve?", responde Lisbeth.

"Oh, graças a Deus", diz sua amiga da seção de jardinagem, num tom bem alto, de modo que é fácil ouvi-la. "Espere aí, eu a estou passando bem agora."

"Hein — passando *quem*"?

"Sua chamada telefônica. Eu sei que você disse para não lhe telefonar, mas quando vi quem era... quer dizer, como eu ia dizer não para Lenore Manning?"

"Espere... *o quê!* A primeira-dama?"

"Ela perguntou por você — diz que quer falar com você sobre a coluna desta manhã."

Eu aceno, dizendo-lhe que tudo bem, e com um clique Eve anuncia:

"Doutora Manning, Lisbeth está na linha".

"Olá", inicia a primeira-dama, sempre a primeira a começar.

"O-Olá, doutora Manning."

"Oh, querida — você parece ocupada", diz a primeira-dama, como sempre percebendo tudo perfeitamente. "Ouça, não quero ocupar seu tempo — só queria lhe agradecer pela generosa menção ao evento da fibrose cística. Você foi muito encantadora."

Lisbeth fica sem conseguir falar quando ouve a primeira-dama. Mas para Lenore Manning esse é um comportamento-padrão. Ela

costumava fazer a mesma coisa na Casa Branca — cada vez que uma menção saía, boa ou má, ela telefonava e enviava uma nota de agradecimento. Não se trata de gentileza. Esse é um truque usado por quase todos os presidentes. Assim que um repórter fica sabendo que há uma pessoa do outro lado da linha, torna-se duas vezes mais difícil para eles hostilizá-la.

"Fiquei feliz em ajudar", diz Lisbeth, expressando-se sinceramente.

"Pergunte-lhe se Manning foi ao escritório", sussurro no ouvido de Lisbeth.

"Senhora, posso também...?"

"Vou deixá-la trabalhar", diz a primeira-dama, esquivando-se com tal graça que Lisbeth mal se dá conta de que não fez a pergunta. Com um clique, a dra. Manning desapareceu.

Lisbeth se vira para mim e desliga o telefone. "Nossa!, ela não perde uma oportunidade, hein?"

"Ela está apenas feliz porque você a chamou de ícone." "Ela realmente se importa com...?"

"Vou lhe contar uma coisa. Em dias como o de hoje, quando os noticiários estão repletos com a fuga de Nico, e velhos videocliques antigos sobre a administração Manning estão sendo passados, ela precisa disso mais do que qualquer outra coisa."

Lisbeth corre de volta para a varanda descorada pelo sol, onde uma tabuleta de madeira, em forma de caranguejo, pintada à mão e colocada na frente da porta, avisa: *Caranguejos todos os dias não só às segundas-feiras*. Ela puxa com força a porta de tela e alcança a campainha.

"*Está aberta!*", grita lá de dentro uma voz gutural de fumante, despertando um fluxo de velhas memórias.

Passo o braço por cima do ombro de Lisbeth e dou um empurrão na porta. No interior, o cheiro ácido e amargo de substâncias químicas atinge meus sínus.

"Sinto muito, eu estava arejando a câmara escura", anuncia um homem baixo e gordo, com barba cinza salpicada de preto e ralos cabelos cinza, escovados para trás. Enxugando as mãos com uma fralda de bebê, ele enrola as mangas de sua camisa enrugada e se

aproxima um pouco demais de Lisbeth. Este é o problema com os fotógrafos da Casa Branca — sempre ultrapassando seus limites.

"Você não é Wes", diz ele para Lisbeth sem traço de ironia.

"Você deve ser Kenny", diz ela, apertando sua mão e dando meio passo atrás. "Lisbeth. Da biblioteca do presidente."

Ele nem presta atenção. Está muito concentrado em mim enquanto dou um passo para dentro. Sem tirar os olhos de sua vítima.

"O Boy King", diz ele, pronunciando de maneira áspera meu velho apelido.

"Popeye, o Homem Fotógrafo", digo, devolvendo rápido. Ele passa o indicador pelos pés-de-galinha de seu olho esquerdo. Depois de olhar durante anos por uma lente com o olho direito, o esquerdo de Kenny está sempre um pouco mais fechado.

"Vem cá, Brutus,[\[14\]](#) me dá um beijo", caçoa ele, envolvendo-me com o tipo de abraço que se recebe de um velho companheiro de acampamento — um abraço apertado que traz consigo uma série de memórias. "Você está ótimo", diz ele, acreditando em cada palavra.

Durante as viagens no Força Aérea Um, Kenny comandava o jogo de pôquer da imprensa na parte de trás do avião.

Quando dou um passo à frente, ele já está procurando pelas minhas explicações sobre a visita.

"Ainda não é capaz de deixar isso para trás, não é?", pergunta ele, ao perceber o meu olhar para o *New York Times* sobre sua mesa de cozinha pintada em estilo artístico.

Na primeira página há uma grande foto do atual presidente Ted Hartson parado em um palanque, as mãos logo abaixo de um microfone.

"Quem tirou esta foto? Kahan?", pergunto.

"Os braços caídos... nenhum movimento... nenhuma reação ao clique da máquina fotográfica. O presidente bem que podia ser um cadáver."

No mundo dos fotógrafos de palanques e da Casa Branca, a única foto de ação acontece quando o presidente se movimenta. Uma mão que se levanta. Sobrancelhas erguidas. Nesse momento é

que o pelotão de fogo das câmeras dispara seus gatilhos. Se perder esse momento, perdeu o tiro.

Kenny raramente perdia o tiro. Sobretudo quando era importante. Mas depois de trinta e cinco anos indo de cidade em cidade e de país em país, tornou-se claro que mesmo que essa não seja uma brincadeira para um jovem, também não o é para alguém mais velho. Kenny nunca tomou isso pessoalmente. Mesmo os melhores cavalos estão fadados a se aposentar.

"Então como são os anos de crepúsculo?", brinco, muito embora ele nem tenha chegado aos sessenta anos.

Erguendo seu olho de Popeye, ele nos conduz até a sala de estar, que claramente é mais como uma área de recepção do seu estúdio. Localizada no centro há uma mesa de coquetel feita de pinho, rodeada por quatro poltronas, estilo colonial espanhol, e a sala está coberta, quase até o teto, com dezenas de fotografias em preto-e-branco, dispostas em superfícies brancas lustrosas e molduras escuras como as usadas em museus. Quando me aproximo, fico surpreso ao ver que, embora a maior parte das fotos esteja no estilo jornalístico ingênuo pelo qual os profissionais de imprensa da Casa Branca são famosos, as fotos em si são de jovens noivas atirando buquês e noivos bem-vestidos sendo alimentados com garfadas de bolo.

"Você está fotografando *casamentos*."

"Seis presidentes, quarenta e dois reis, inúmeros embaixadores... e a festa de casamento de Miriam Mendelsohn, completada com uma foto junto a seus colegas de turma da fraternidade Pi Phi", diz Kenny, todo excitado e sem demonstrar vergonha.

"Você está falando sério?"

"Não ria, Wes — trabalho dois dias por mês, depois vou pescar todas as semanas. Tudo que tenho de fazer é torná-los parecidos com os Kennedy."

"Elas são realmente bonitas", diz Lisbeth, examinando as fotos.

"Elas precisam ser", diz Kenny, endireitando uma das molduras. "Eu coloco meu coração nelas. Quero dizer, a vida não alcança seu auge apenas na Casa Branca, correto?"

Eu faço que sim instintivamente. Lisbeth faz o mesmo, estendendo a mão e endireitando outra moldura. Logo acima do ombro dela, perto da ponta da mesa, vejo uma das fotos mais famosas que Kenny tirou de Manning: uma foto nítida em preto-e-branco do presidente na cozinha da Casa Branca, ajustando a gravata no reflexo de um brilhante jarro de prata para água, logo antes de seu primeiro jantar como presidente. Voltando à parede das noivas, descubro uma rainha de beleza loura olhando por sobre o próprio ombro e admirando sua trança no espelho. A nova foto é tão boa quanto a outra. Talvez até melhor.

"Então, como está o Líder?", acrescenta Kenny, referindo-se a Manning. "Ainda doido comigo por tirar aquela foto?"

"Ele não está furioso com você, Popeye."

"Realmente? Você lhe disse que vinha para cá?"

"Você está maluco?", pergunto. "Você tem ideia do quanto ele está furioso com você?"

Kenny solta uma gargalhada, bem ciente de sua posição social na residência de Manning. "Algumas leis são imutáveis", diz ele, puxando um grosso fichário com três aros, que estava na ponta da mesa, com a foto de Manning na frente. "Os carros usados de cor branca vendem melhor... os clubes de *striptease* só fecham as portas quando há fogo... e o presidente Manning nunca perdoará o homem que lhe deu *isto...*" Abrindo o arquivo de três argolas, Kenny revela, envolvida em plástico, uma cópia imaculada da foto presidencial mais famosa desde a de Truman, cujo cabeçalho era *Dewey Derrota Truman*: a foto em preto e branco do Leão Covarde — Manning no meio de um grito, no tiroteio, abaixando-se enquanto a esposa do CEO se tornava seu escudo humano.

"Céus, lembro de ter visto esta foto na primeira página no dia seguinte", diz Lisbeth, sentando-se em uma das poltronas enquanto ele colocava o arquivo no colo dela.

"Esta é... isso é a história..."

"Qual jornal?" pergunta Kenny.

"*Palm Beach Post*", replica Lisbeth, olhando para cima.

"Sim, aquele era eu. Alguns outros milhares de dólares que nunca verei."

Percebendo a incompreensão no rosto de Lisbeth, eu explico: "Como Kenny estava trabalhando para a Associated Press na época, eles ganharam dinheiro com as vendas de reimpressões."

"Fotos para centenas de jornais e para capas de quarenta e nove revistas — tudo por dinheiro", disse Kenny. "Enquanto isso, aquele garoto da corporação que a NASCAR contratou para tirar fotos para seu *site* na *web*. Ele era um fotógrafo independente, um tolo sortudo. Ganhou 800 mil — *oitocentos mil* — e a foto dele nem é tão boa!"

"Sim, mas quem foi que ganhou o Pulitzer pela sequência completa?", eu menciono.

"Pulitzer? Aquela foi uma votação piedosa", interrompe Kenny. "Eu não apertei o disparador na sequência de tiros."

Entrei em pânico com o barulho e acidentalmente apertei o botão. Manning está apenas em três das fotos." Virando-se de novo para Lisbeth, ele acrescenta: "Aconteceu tão depressa, se você desviar o olhar para o lado e depois olhar de novo, já perdeu a oportunidade."

"Não parece que você tenha perdido nada do que aconteceu", diz Lisbeth, quando vira a primeira página do fichário e olha para a página dupla de folhas de papel com mais de sessenta pequenas fotos em preto-e-branco espalhadas, cada uma delas pouco maior do que um selo postal.

"Se você folhear mais um pouco, deve haver mais seis folhas — são oito rolos no total, incluindo as fotos dos planos de reação", diz Kenny. "A maior parte delas foi ampliada até 8x10, mas você disse que a biblioteca estava procurando por alguns ângulos novos, então..." De seu bolso, ele tira uma lupa de fotógrafo — uma lente de aumento pequena e redonda para ver os detalhes das fotos — e a entrega para Lisbeth.

Durante meio segundo ela se esquece de que se apresentou como sendo da equipe da biblioteca. "Não... Não, está bom assim", diz ela. "Com o aniversário de dez anos do tiroteio se aproximando, queremos proporcionar uma exibição que seja mais do que simplesmente reeditar o antigo material."

"Claro, isso faz perfeitamente sentido", diz Kenny, num tom seco, seu olho Popeye estreitando-se enquanto ele olha tranquilamente para mim. "Com dois anos faltando para o evento, é muito mais inteligente de sua parte viajar até Key West do que me pedir para fazer algumas cópias e enviá-las pelo correio para você, na biblioteca."

Lisbeth fica tensa. Eu também. O olho Popeye se torna uma fenda estreita.

"Sem papo furado, Wes. Isto é para você ou para ele?", pergunta. Kenny diz *e/e* naquele tom que as pessoas reservam para Deus. O mesmo tom que todos nós usávamos em nossos dias na Casa Branca.

"Para mim", digo, sentindo minha garganta ficar seca.

Ele não responde.

"Eu juro, Kenny. Pela minha mãe."

Ainda nada.

"Kenny, por favor..."

"Ouça, meu telefone está tocando", interrompe ele, muito embora a casa esteja mortalmente silenciosa. "Eu vou atender esta chamada. Estarei lá em cima se precisar de mim. Entendido?"

Eu faço que sim, prendendo a respiração. Kenny afaga minhas cicatrizes como um padrinho, depois desaparece subindo as escadas, sem olhar para trás. Só quando ouço a porta de seu dormitório se fechar no andar de cima é que finalmente solto o ar.

Lisbeth abre as argolas do fichário com um som metálico.

"Você fica com a lupa — eu vou ficar com as fotos 8x10", diz ela, separando as oito primeiras folhas e estendendo-as em minha direção.

Ajoelhando-me ao lado da mesa de centro, eu coloco a lupa sobre a primeira foto e me inclino como um joalheiro estudando um diamante.

A primeira foto é uma vista de frente da limusine, no momento em que aparecemos na pista de corrida. Ao contrário do vídeo no escritório de Lisbeth, o cenário aqui é nítido e claro. Mas a câmera está tão perto do carro que tudo o que vemos é a parte de trás das

cabeças de alguns pilotos da NASCAR e a primeira fila das pessoas sentadas na arquibancada.

Uma foto a menos... faltam duzentas e oitenta e sete...

[[14](#)] Personagem de desenho animado, rival do Popeye. (N. T.)

62

"Estamos procurando Kara Lipof", disse Rogo, parando na desarrumada sala em desordem que era tão larga e comprida quanto duas pistas de boliche colocadas lado a lado.

"Duas para a direita", informou um arquivista com um número de telefone escrito em sua mão, enquanto indicava com o polegar duas escrivaninhas adiante.

Alojando oito arquivistas em um espaço compartilhado, com nada além de uma estante de metal separando uma escrivaninha da outra, a sala estava cheia de papéis espalhados em cada mesa, prateleira, cadeira, monitor de computador, geladeira e beirada de janela. Felizmente para Rogo, os papéis não encobriam o cartão identificador, plastificado, na frente da mesa de Kara.

"Kara?" perguntou Rogo calorosamente, preferindo sempre ser encantador.

De trás de sua escrivaninha, uma mulher com cerca de trinta anos, cabelo ruivo e uma blusa moderna estampada com flores, olhou por cima da tela do computador. "Posso ajudá-lo?"

"Espero que sim", replicou Rogo, acrescentando um sorriso.

"Eu sou Wes Holloway — do escritório pessoal. Falei ontem com você sobre os arquivos de Ron Boyle." Antes que ela pudesse perceber qualquer diferença entre as vozes de Wes e de Rogo, este acrescenta a única coisa garantida para conseguir a atenção dela. "O presidente queria saber se você já os reuniu."

"Sim... é claro", disse Kara, mexendo nas pilhas em sua escrivaninha. "É só que... sinto muito, eu não tinha entendido que você viria buscá-los."

"Você disse que precisava copiar trinta e seis mil páginas", continuou Rogo, mantendo um sorriso enquanto repetia os detalhes

que Wes lhe dera. "Nós imaginamos que, se viéssemos até aqui e déssemos uma olhada, poderíamos poupar-lhe tempo."

Kara riu. Dreidel fez o mesmo, apenas para impressionar.

"Você não faz ideia de como está salvando minha vida neste momento", acrescentou Rogo. "Graças a você, vou viver até o meu vigésimo terceiro aniversário. Certo... vigésimo quinto.

Vigésimo nono, no auge."

"Não me faça de santa ainda", disse Kara, tirando um arquivo fino, dentro de uma pasta de cânhamo. "Passar por fax um jogo de palavras cruzadas era uma coisa — mas se quer ter acesso a todos os arquivos de Boyle, preciso de uma requisição segundo a Lei de Liberdade de Informação, mais uma autorização que..."

"Veja, este é o problema", interrompeu Dreidel, pondo a mão no ombro de Rogo e tentando fazê-lo dar um passo ao lado.

Rogo não se moveu. "Se o presidente fizer uma requisição oficial, as pessoas ficarão sabendo. Elas vão começar a pensar que algo aconteceu. Que deve haver novidades com o caso Boyle. Também sabemos que a família de Boyle quer saber o que o governo está escondendo. Nós dizemos *nada*, a família diz *tudo*, e é dessa forma que as conspirações têm início. Então, que tal salvar a nós todos de dores de cabeça e tratar este assunto como uma requisição *não oficial*. Quanto à autorização, fico feliz em assiná-la."

"Perdão... quem...?"

"Gavin Jeffer", replicou Dreidel, antes mesmo que ela pudesse terminar de fazer a pergunta. "Você me conhece... *daqui...*"

Apontando um dedo para a escrivainha dela, Dreidel mostrou uma folha timbrada da biblioteca onde seu nome aparecia ao longo da margem esquerda.

Até então, essa tinha sido a maior conquista de Dreidel. Para poder construir a Biblioteca Manning, uma fundação separada foi estabelecida com um conselho de diretores que incluía os amigos mais próximos do presidente, grandes doadores e os membros mais leais de sua assessoria. Do grupo seletivo faziam parte as filhas de Manning, seu antigo secretário de Estado, o antigo CEO da General Motors e — para a surpresa de quase todos — Dreidel. Para isso foram necessários telefonemas dados com precisão cirúrgica e

pedidos feitos nos locais corretos, mas essas eram as maiores especialidades de Dreidel.

"Então, os arquivos?", perguntou ele para a arquivista.

Kara olhou para Rogo, depois de novo para Dreidel. A maneira pela qual passava o polegar pela extremidade da pasta de cânhamo mostrava nitidamente que ainda estava indecisa.

"Kara, se você quiser, telefone para o escritório do presidente", acrescentou Dreidel. "Você sabe o número da Claudia."

"Não é isto que..."

"Não é como se estivéssemos falando sobre alguém do Conselho de Segurança Nacional", disse Dreidel, continuando a insistir. "Boyle faz parte da família."

"E está morto", disse Rogo, dando uns pulinhos para manter a disposição otimista. "Ora, o que pode acontecer de pior?"

Ele retornar repentinamente à vida?"

Pela segunda vez, Kara riu. Pela segunda vez, Dreidel fez de conta que também ria.

"E você assinará a autorização?" perguntou ela a Dreidel.

"Dê-me o formulário, eu sou o homem indicado. E, se isso fizer você se sentir melhor, pedirei ao presidente Manning para lhe escrever pessoalmente uma nota de agradecimento."

Sacudindo a cabeça, ela se levantou da escrivaninha. "É melhor que isso não..."

O celular de Rogo tocou em seu bolso. "Perdão", disse ele, pegando-o no bolso de sua calça e abrindo-o. O identificador mostrava *PB Sher. Off. Escritório do Xerife de Palm Beach*.

"Eu os encontro em segundo", disse Rogo para Dreidel e Kara, enquanto eles se dirigiam para a porta.

Virando-se para o telefone, ele respondeu: "Fala Rogo".

"Ei, gorducho, sentimos sua falta no tribunal hoje", caçoou um homem com voz alta e sotaque nova-iorquino imperdoável. Rogo o reconheceu instantaneamente.

Delegado Terry Mechaber. Condado de Palm Beach, o escrivão número um das multas ilegais de curvas em U no trânsito... e o amigo mais velho de Rogo entre os agentes da lei.

"Sim, a recepcionista ficou doente, então tive de ficar no escritório esquentando a cadeira hoje de manhã", replicou Rogo.

"Isto é engraçado, porque acabo de falar com a sua recepcionista. Ela parecia estar bem — especialmente quando disse que você sumiu desde cedo."

Durante um instante, Rogo ficou quieto. "Ouça, Terry..."

"Não quero saber, não quero ouvir, não quero ler sobre isso amanhã nos jornais", disse Terry. "E, com base nessa luta que você está assumindo, eu nem quero ver o péssimo filme na TV com a cena em que passo essa informação para você."

"D-Do que você..."

"Os Três... você sabe, sobre aqueles sujeitos que você me pediu que eu desse uma olhada no banco de dados daqui..."

"Espere, você encontrou algo?"

"Sim, aqui no DMV, o Departamento de Veículos Motorizados da Flórida, temos registros de todos os maus rapazes internacionais. Também passei os dados para o cunhado do sócio de minha irmã, que durante os últimos anos tem feito um trabalho de alta tecnologia, e ainda não entendi, para o DOD."

"O DOD?"

"Departamento de Defesa", replicou Terry, com a voz baixa e séria. "E quando eles passaram *Os Três* naquele computador, bem, lembra de quando aquele motociclista de dezoito anos, arrastando toda aquela murada de aço da rodovia, virou três vezes na 1-95, enviando dardos de metais pelos ares e espetando quase todo mundo nos dez carros seguintes atrás dele?" Sim...

"É pior do que isso."

63

"Bem-vindos a Key West", disse o piloto, passando os dedos pelo cabelo loiro e fino.

Seguindo-o pela porta para fora do hidroavião e pelo sistema de andaimes até a ponte flutuante branca que permitia ao avião laranja e vermelho sua flutuabilidade, O'Shea e Micah mal esperaram que o avião fosse amarrado na doca.

"Quanto tempo vocês vão demorar?", perguntou o piloto.

"Não muito", disse O'Shea, preparando-se para pular.

Esperando que a luz do porto desse o sinal para baixar, inclinou-se, esperou na extremidade da ponte flutuante e aterrissou direto na doca. "Apenas tenha certeza..."

"Não se estresse", gritou o piloto. "Eu conheço cada superintendente das docas que trabalha neste lugar. Assim que eu amarrar o avião, vou cuidar disso — ninguém nunca saberá que estivemos aqui."

"Deveríamos telefonar de novo para o escritório de Wes", disse Micah, apenas alguns passos atrás. "Talvez ele tenha voltado."

"Ele não voltou."

Andando pelo labirinto de pranchas de madeira e passando por dezenas de veleiros e embarcações *charter* que oscilavam nas docas, O'Shea não parou até alcançar o final da William Street. Quando Micah se aproximou dele, o som acústico de um *rock* de sucesso surgiu de um bar situado à sua direita. O'Shea estreitou os olhos, perscrutando com cuidado a multidão de turistas que enchia as lojas ao longo das docas. Das ruas laterais uma fila permanente de carros e táxis circundava o quarteirão, realimentando o número de turistas. O que você...?

"Todos os táxis são rosa", falou O'Shea sem pensar. "*Táxi!*"

À direita deles, um táxi rosa brilhante emitiu um som agudo e parou. Abrindo a porta de trás, O'Shea deslizou para dentro. "Vocês têm rádio nesses táxis?"

O motorista afro-americano muito magro olhou por cima do ombro para o terno azul-marinho de O'Shea, depois para Micah, cuja gravata ficara pendurada quando ele se inclinara para entrar no carro. "Deixe-me adivinhar... vocês perderam a carteira num táxi rosa."

"Na verdade, perdi um amigo", riu O'Shea, comportando-se de maneira gentil. "Ele, no entanto, é inesquecível — tem grandes cicatrizes de um lado do rosto. Mais uma moça de cabelo vermelho que anda com ele. Então, o que você diz", acrescenta, colocando uma nota de vinte dólares no braço da poltrona da frente. "Acha que pode ajudar-me a seguir o seu rastro?"

O motorista sorriu. "Diabos, homem, por que não disse isso logo de cara?"

O motorista fez uma breve descrição, em seguida uma voz baixa e tranquila respondeu pelo rádio receptor. "Sim, eu os vi, Roger. O rapaz com as cicatrizes... Eu os deixei vinte minutos atrás. No número 327 da William Street."

"Fica longe daqui?", perguntou O'Shea, quando o motorista olhou para ele pelo retrovisor.

"Dá para ir a pé, se quiser."

Micah entrou no carro, fechando a porta.

"Vamos de carro", disse O'Shea, enquanto colocava mais vinte dólares no braço da poltrona. "Vá o mais rápido possível."

"Como se sua vida dependesse disso", acrescentou Micah.

64

Com os joelhos sobre o carpete, meu peito apoiado na mesa de coquetel e o peso de meu rosto pressionado contra a lupa de fotógrafo, eu estudo uma foto em preto-e-branco do perfil do presidente e da primeira-dama quando eles saem do Cadillac Um, os queixos erguidos para a multidão maravilhada. Como as melhores fotos da Casa Branca, o momento está resplandecente com o fausto da presidência combinado com o calor humano das pessoas envolvidas.

Manning está com a mão colocada nas costas de sua esposa, conduzindo-a gentilmente para fora da limusine e para o interior de seu mundo. Quando sai do carro, com um pé já sobre o pavimento da pista de corrida, ela fica pestanejando, paralisada, de um jeito embaraçoso, entre a quietude particular da limusine e o rugir público da multidão. Para apoiar-se, a primeira-dama segura a mão que o presidente estende para ela. Mas, mesmo naquele momento — o jeito como ela se sustenta nele, as pontas de dedos dele na curva das costas da esposa —, qualquer ternura que exista entre marido e mulher é tragada pelo fato de que, em vez de um olhar para o outro, ambos sorriem para os fãs no estádio.

"Estas são irreais", diz Lisbeth, virando as folhas com as fotografias 8x10 que estavam em seu colo.

Mexo-me para olhar o que ela está vendo. Lisbeth está cerca de dez segundos à frente da sequência que estou examinando, instantes depois que o último tiro foi disparado e Manning estava sendo arrastado pelo grande número de pilotos, convidados e agentes do Serviço Secreto.

Na foto que Lisbeth está olhando, as pessoas na arquibancada gritam e espalham-se em disparada em todas as direções, os

cabelos eriçados enquanto correm.

Na foto que estou examinando, as pessoas estão extasiadas e calmas, completamente imóveis na beirada de suas cadeiras.

Na de Lisbeth, ouço os gritos. Na minha, ouço a emoção de olhar pela primeira vez para o presidente e sua esposa. *Ali está ele... Ali está ele. . Lá estão eles...*

Dez segundos de separação no tempo. Dez segundos para mudar tudo... Não. Não mudou tudo. Mudou a mim.

Um toque eletrônico interrompe meu pensamento e rapidamente eu reconheço o barulho do celular que emprestamos da amiga de escritório de Lisbeth, no jornal.

Tirando-o do bolso de minha jaqueta, eu leio *Biblioteca do Presidente Manning* no identificador. Pelo menos ele é bastante esperto para não me telefonar do seu...

"Eles estão todos juntos nesse negócio", insiste ele, antes que eu consiga dizer alô. "Foi assim que conseguiram fazer a coisa."

"O que você está...?"

"É exatamente como eu disse, Wes — você não pode fazer isso sem ajuda."

"Acalme-se... do que está falando?"

"Os Três — foi como Boyle os chamou. Mas eles não são o que você..."

"De onde obtive as informações? De Dreidel ou de outra pessoa?"

"Meu..."

"Dreidel já sabe?"

"Quer *calar a maldita boca e deixar eu contar!?*", grita Rogo pelo telefone. Volto para ver se Lisbeth está ouvindo, mas ela encontra-se muito absorvida nas fotos 8x10.

Recuperando o fôlego em silêncio, Rogo começa num sussurro. Onde quer que ele esteja, definitivamente não está sozinho. "Eles começaram como um mito, Wes. Como uma fantástica história de fazer cumprir a lei. Você tem ouvido isso há anos: os políticos gemendo e se lamentando que todos os nossos grupos que fazem cumprir a lei não trabalham juntos direito — que o FBI não divide as informações com a CIA, que não as divide com o Serviço Secreto. O

resultado deixa metade das agências reclamando que elas estão no escuro. Mas há algumas que argumentam — não publicamente, é claro — que a falta de coordenação não é uma coisa ruim. Quanto mais adversárias elas forem, mais cada agência fará uma fiscalização da outra. Se a CIA fizer algo corrupto, o FBI está aí para apontar. Mas se eles se juntarem e formarem uma gangue contra nós... bem, você sabe que tipo de poder há em todos eles juntos?"

"Espere aí, então você está tentando me dizer que alguém convenceu *milhares* dos agentes mais confiáveis e mais importantes de nosso país a mudar de lado de repente?"

"Não milhares", diz Rogo, sua voz ainda um sussurro.

"Apenas três."

Erguendo-me, sento-me em um sofá. Perto de mim, Lisbeth está estudando cuidadosamente uma das fotos.

"Ei... hum... Wes", diz ela, apontando para a foto.

Eu lhe peço o tempo de um minuto com o indicador e continuo concentrado no telefone.

"Três membros", acrescenta Rogo. "Um do FBI, um da CIA, um do Serviço Secreto. Sozinhos, eles só podem provocar danos limitados. Mas juntos, completamente cientes de todos os truques, inclusive como safar-se de três de nossas mais poderosas agências? Eles podem pôr abaixo todo o maldito firmamento."

"Wes, acho que você devia ver isto", diz Lisbeth.

Faço de novo o sinal de *um minuto*.

"Aparentemente, esse foi o grande mito urbano de execução da lei — até oito anos atrás, quando a primeira investigação interna foi divulgada", diz Rogo. "Meu informante disse que há um memorando franco e aberto de Boyle para o presidente, avisando-o para verificar esse assunto."

"Então Manning e Boyle estavam perseguindo Os Três?"

"Ou Os Três os estavam perseguindo — de tudo o que sabemos, eles estavam lutando pelo mesmo corrupto bolo", responde Rogo.

"E você acha que os três sujeitos puderam realmente manter seus empregos e permanecer escondidos durante tanto tempo?"

"Você está brincado? Robert Hanssen passou vinte anos vendendo segredos do FBI antes que alguém percebesse. Os Três

são profissionais dentro de suas agências. E, da maneira pela qual eles se apoiam um ao outro, estão provocando um dano triplo. Oh, e apenas para bagunçar o seu dia um pouco mais: a última — e única — vez que alguém disse ter visto um desses camaradas foi naquela área terrorista bela e perigosa conhecida como Sudão."

"Sudão? Como assim, o único país em que O Romano é especialista?"

"Wes, isto é sério", diz Lisbeth, abrindo as argolas do fichário.

"Só um segundo", peço a ela. "Sem brincadeira, Rogo", digo ao telefone. "Você acha que O Romano obtém informações dos Três?"

"Ou *fornece* informações para Os Três. Diabos, por tudo que sabemos, O Romano faz parte dos Três, embora eu ache que ele possa ser qualquer um no Serviço."

Perto de mim, Lisbeth tira a foto do fichário e depois a aproxima bastante dos seus olhos para verificá-la bem de perto.

"Você quer dizer que ele é da CIA ou do FBI?", pergunto para Rogo.

"Não, ele é do Serviço Secreto", diz Rogo, um pouco de maneira confidencial. Eu conheço aquela entonação.

"Rogo, não brinque. Diga logo o que tem a dizer."

"Wes, dê apenas uma olhada nisto", diz Lisbeth, aborrecida por eu continuar a ignorá-la.

"Na verdade, foi uma série de ideias de Dreidel", diz Rogo.

"Assim que ouviu falar no FBI, pediu ao meu informante se podia pesquisar os seus investigadores favoritos. Os agentes O'Shea e Micah. De acordo com seus registros, O'Shea começou no Departamento em julho de 1986. Exatamente no mesmo ano que Micah."

"E qual é o problema?"

"Wes...", implora Lisbeth.

"O problema", diz Rogo, recusando-se a diminuir seu ritmo, "é que Micah não trabalha para o Departamento. Até onde podemos dizer, ele trabalha como oficial de inteligência.

Para a CIA."

"Só olhe!" acrescenta Lisbeth, jogando a foto em meu colo.

Meus pulmões formam uma cratera, como se alguém tivesse lançado uma flecha em meu peito. Isto só piora quando olho para a fotografia. No meu colo há uma foto instantânea em preto-e-branco tirada poucos minutos depois do tiroteio. Ao contrário das outras, esta retrata a parte central da pista de corrida, onde os pilotos da NASCAR, mecânicos e suas equipes se abraçam, se estreitam, choram, e comentam entre si a história que acabou de se desenrolar diante deles.

A maioria deles parece chocada. Alguns aparentam estar furiosos. E um — sozinho no canto direito da foto, olhando por sobre o ombro enquanto se afasta — parece estranhamente curioso.

De início, ele combina perfeitamente com tudo por causa de seu traje de corrida. Mas não há engano possível: o cabelo penteado com cuidado e o pequeno corte na extremidade superior de sua orelha onde falta um pedaço. Oito anos atrás, recebi um tiro no rosto, Boyle foi supostamente morto e a presidência de Manning dizimada. Micah estava ali para presenciar tudo.

"É ele, certo?" pergunta Lisbeth. "Este é Micah..."

O Serviço Secreto está encarregado da proteção do presidente. O FBI, da investigação de Nico. "Que diabos a CIA estava fazendo ali naquele dia?", grito.

"A CIA?", pergunta Lisbeth.

"Wes, não responda para ela!", grita Rogo pelo fone. "Do que você está falando?"

"Pense um segundo", diz ele. "Sempre que O'Shea e Micah o encurralaram, você esteve sozinho, não é? Então, se Lisbeth nunca se encontrou com Micah antes, como diabos ela pode destacá-lo em uma fotografia?"

Eu olho para Lisbeth, que ainda está perto de mim no sofá.

"O que há de errado?", pergunta ela, pegando a foto. Ela a arranca de minha mão antes que eu possa reagir.

"Eu lhe telefono de volta", digo para Rogo, quando desligo o celular.

65

"Sinto muito não poder ajudá-lo", disse a velha negra com uma pulseira de contas, enquanto conduzia O'Shea até a porta de seu modesto chalé no número 327 da William Street. "Embora eu espere que o encontre.

"Tenho certeza de que o encontraremos", replicou O'Shea, parando do lado de fora e enfiando sua insígnia de volta no bolso da jaqueta. "Obrigado, no entanto, por nos deixar olhar sua casa."

Alguns passos atrás dele, Micah mantinha o celular ao ouvido, tentando com dificuldade não parecer frustrado.

Não disse palavra até a mulher fechar a porta atrás deles.

"Eu lhe disse que o rapaz é esperto", disse O Romano pelo telefone.

"Isso ajuda muito", disparou Micah de volta. "É quase tão útil quanto aparecer na Flórida e dirigir-se ao escritório de Manning sem contar para ninguém."

"Você conhece as regras", disse O Romano calmamente.

"Sem contato a menos que..."

"Você está me dizendo que essa não é uma droga de emergência?" explodiu Micah. "Wes está metendo o nariz em todo lugar, sem contar Boyle, e você está valsando no único lugar onde há a maior chance de logo de cara alguém lhe perguntar que diabos está fazendo ali, para começar?"

Quando você planejou nos oferecer informações — antes ou depois de eles começarem a vigiá-lo e a informar sobre você para os quartéis-generais?"

Como fizera antes, O Romano permaneceu calmo. "Eu *realmente* telefonei para você, Micah. É por isso que estamos conversando. E se isso fizer você se sentir melhor, ninguém está fazendo relatórios

sobre mim em parte alguma. Estou aqui porque este é meu trabalho, que é mais do que posso dizer sobre você e a meia dúzia de pessoas a quem convenceu de que era agente do FBI. A Agência é que o ensina a ser tão estúpido, ou está apenas entrando em pânico por achar que O'Shea vai atacar você se não permanecer perto dele?"

"Eu disse ao quartel-general que meu pai estava doente.

O'Shea contou que tinha a formatura de sua sobrinha. Você acha que não escondemos a nossa vinda para cá?"

"E isso o faz pensar que vocês podem se mostrar em público dessa maneira? Usando os verdadeiros nomes, nada menos do que isso? O'Shea eu compreendo — para o caso em que Wes telefone para o Departamento para se informar sobre ele. Mas *você!*? Já esqueceu de como fizemos para conseguir chegar tão longe?"

"Na verdade, não esqueci nada disso", disparou Micah de volta. "E é por isso que, assim que comecei a cheirar as chamadas do *Inferno na Torre*, eu chamei O'Shea em vez de você. Então não se esqueça, seu palerma — no FBI, O'Shea é um Diplomata Legítimo, o que quer dizer que ele coordena recursos para investigações exteriores. Isto significa que está autorizado — diabo, ele é *encorajado* — a fazer parceria com pessoas da Agência como eu. Esse é o trabalho dele!

Então, sem ofender, enquanto o meu traseiro estiver na reta, planejo estar numa posição favorável para salvar-me!"

Durante um instante, O Romano ficou em silêncio. "Sem contato!", disse ele por fim. "*Jamais!*"

Micah virou-se para O'Shea, que fez com a boca, sem pronunciar: *Desligue*. Depois de quase dez anos trabalhando juntos, ambos sabiam que a argumentação não adiantava.

Quando O Romano queria algo, ele mesmo sempre ia atrás.

Era o mesmo com todos eles. Uma conduta pessoal os tinha reunido aqueles anos antes na Faculdade de Guerra. Não era por coincidência que cada um deles fora convidado para encarregar-se de uma das prestigiosas conferências de líderes do exército, em que oficiais militares de altos cargos e representantes do Departamento de Estado, CIA, FBI, DIA, Alfândega e o Serviço Secreto passaram

duas semanas estudando a defesa nacional e a interação militar. Foi ali que aprenderam táticas militares. Lá aprenderam liderança estratégica. E lá também cada um percebeu o quanto havia dado para o seu governo — e quão pouco o governo havia retribuído. Foi assim que surgiram Os Três.

Sem dúvida, a conduta pessoal os tornou bem-sucedidos através do tempo. Isso os ajudou a manobrar através do sistema, mantendo seus empregos até este dia sem que qualquer um deles se julgasse mais sábio que o outro. Mas a conduta pessoal, eles também o sabiam, algum dia seria sua destruição. Boyle os chamava de Os Três, mas, mesmo nos melhores dias, eles sempre estiveram procurando pelo número um.

"Apenas encontre Wes — ele ainda é o único que Boyle contactou, o que significa que Boyle entrará em contato de novo", acrescentou O Romano. "Mesmo com o endereço falso que Wes deu, vocês ainda deveriam ser capazes de..."

Com um clique, Micah desligou o telefone. "O cara é irreal", queixou-se ele com O'Shea. "Primeiro ele se insinua ali sem nos contar, agora quer dar uma de zagueiro."

"Ele só está nervoso", disse O'Shea. "E, pessoalmente, não o culpo."

"Mas deixar Nico escapar..."

"Por acidente..."

"Você acredita que foi assim?"

"Micah, O Romano é uma pessoa repulsiva, mas não é um idiota. Ele sabe que Nico pode explodir a qualquer momento, e é por isso que precisou saber se Boyle esteve em contato. Mas deixe-me lhe contar uma coisa desde já. Se não encontrarmos Wes — e Boyle — rapidamente, estou fora. Sem brincadeira. Isto basta."

"Você pode parar com os ultimatos?"

"Não é um ultimato", insistiu O'Shea. "Só o fato de estar aqui — espionando tão de perto e dando a esse rapaz todos os motivos para nos examinar de alto a baixo —, você faz ideia do que estamos arriscando?"

"Estamos sendo espertos."

"Não, ser esperto é ir embora agora, e agradecer que ganhamos algum dinheiro e duramos tanto tempo."

"Não quando há tanto dinheiro a mais para ganhar. O Romano disse que na semana que vem, na Índia, há um..."

"É claro, agora é a Índia. E oito meses atrás era a Argentina, e oito anos atrás era Daytona. Já basta, Micah. Sim, nós acrescentamos algumas penas para o próximo ninho de ovos, mas e quanto ao pote gigante de ouro? Ele nunca chega."

"Você está errado."

"Estou certo."

"Você está errado!" insistiu Micah, com o cabelo cuidadosamente penteado começando a desmanchar.

O'Shea parou no meio-fio, desistindo de argumentar. De todo jeito não tinha importância — havia tomado sua decisão no dia anterior, no momento em que recebera o telefonema: se eles pudessem completar esse trabalho rapidamente, fantástico. Se não, bem, era por isso que havia poupado dinheiro e comprado aquele bangalô no Rio.

Olhando para Micah, ele sabia que, se tudo desse errado e eles chegassem a ponto de exigir esclarecimentos, ele não teria problema em fraturar alguns dedos.

"Está tudo bem?" perguntou Micah.

O'Shea fez que sim do meio-fio, ambos estavam estudando cada uma das casas na rua estreita e cheia de plantas. O'Shea verificava as janelas e as portas, buscando sombras e cortinas fechadas subitamente. Micah olhava as varandas e os caminhos, procurando pegadas nas camadas de areia que regularmente eram impelidas pelo vento nas calçadas de Key West. Não estavam encontrando nada. Até...

"Ali", disse O'Shea, andando em diagonal pela rua e dirigindo-se direto para o chalé ornamentado cor de pêssego e com venezianas brancas.

"Onde?" perguntou Micah, ainda procurando também o carro.

Alguns passos atrás de O'Shea, Micah estudou o velho Mustang vermelho estacionado em frente ao número 324 da William Street. Placa da Flórida. Os adesivos de matrícula em dia. Nada fora do

comum. Exceto pelo adesivo rasgado e gasto, por causa da exposição às intempéries, do time do Washington Redskins no canto esquerdo do para-brisa de trás.

"Dá-lhe Skins", sussurrou Micah, sem conseguir conter o sorriso. Apressando-se, seguiu seu parceiro subindo as escadas até a porta da frente, que trazia pendurada uma tabuleta com o emblema do caranguejo pintado à mão.

"Um segundo", acrescentou Micah, pegando a arma no bolso de seu terno e soltando a trava de segurança. Fazendo um sinal para O'Shea, ele deu um passo atrás, preparando-se para a possibilidade de ter de derrubar a porta.

Com uma pressão de seu dedo, O'Shea tocou a campainha e verificou sua própria arma. "Estou indo", disse uma voz lá de dentro.

Micah examinou a rua atrás deles. Ninguém à vista.

A maçaneta girou com um ruído e a porta abriu-se.

"Olá", anunciou O'Shea, propositadamente sem mostrar sua insígnia do FBI. "Somos amigos de Wes Holloway e só queríamos verificar se ele está bem."

"Oh, está muito bem", disse Kenny, bloqueando a porta intencionalmente embora a única coisa que havia para ser vista fosse sua cozinha vazia e a sala de estar. "Mas sinto dizer que faz tempo que foi embora."

Esticando o pescoço sobre o ombro de Kenny, Micah ignorou a cozinha e a sala de estar e, em vez disso, se concentrou na parede no fundo da casa, onde uma porta de tela pintada levava para o pátio de trás.

"Sim, pensamos que isto podia acontecer", disse O'Shea.

"Mas, mesmo assim, você se importa se entrarmos para fazer algumas perguntas?"

66

Então, você já desceu alguma vez até onde se encontram os arquivos?", perguntou Kara, quando as portas do elevador se abriram e revelaram um corredor de concreto com janelas estreitas de cada lado e todo o atrativo de uma prisão.

"Positivamente", replicou Rogo, mantendo sua voz animada e a cabeça baixa quando eles passaram pela primeira das duas câmeras de segurança presas na parede. Dois passos adiante dele, próximo de Kara, Dreidel mexeu na gravata e fez o mesmo.

Quando um presidente constrói uma biblioteca, é a sua chance de reescrever a história. Na biblioteca de Lyndon B. Johnson, há uma mostra exaustiva sobre por que os Estados Unidos tinham de ir ao Vietnã. Na de Manning, a única menção ao Leão Covarde foi parar no depósito.

"Nós realmente apreciamos você ter reunido tudo tão rapidamente", disse Dreidel.

"Esse é o nosso trabalho", respondeu Kara, quando eles se aproximaram de uma porta reforçada com aço quase tão grossa quanto a de uma caixa-forte de banco. "Eu só espero que vocês, rapazes, não sejam claustrofóbicos..."

"Não — de fato, odiamos a luz do sol", disse Rogo. "A droga da vitamina D me *irrita* muito."

Olhando por cima do ombro, Kara soltou uma risada ofegante. Dessa vez, Dreidel não se juntou a ela. "Apenas nos indique os arquivos e, antes que você se dê conta, já teremos ido embora", disse ele.

Kara digitou um código de cinco dígitos logo acima da maçaneta da porta. "Você pediu isso", disse ela, quando a grossa porta de metal abriu-se e o odor adocicado de uma livraria antiga flutuou no

ar. Diante deles, em uma sala tão grande quanto uma quadra de basquete, havia fileiras e fileiras de prateleiras de metal cinza. Mas, em vez de estarem cheias de livros, elas estavam abarrotadas de milhares de caixas de conservação de papéis, quadradas e retangulares, à prova de ácido. A direita deles, bem depois das prateleiras, uma estrutura feita de barras metálicas, que ia do chão até o teto, separava-os de um outro conjunto de cerca de dez estantes de metal: uma armazenagem segura para arquivos de segurança nacional. Bem na frente dessa estrutura, um homem hispânico e magricela com óculos de leitura sentava-se diante de um dos dois terminais de computadores.

"Se tiverem algum problema, perguntem ao Freddy", explicou Kara, apontando para um dos quatro assistentes de pesquisa da biblioteca.

Freddy acenou para Rogo e Dreidel. Rogo e Dreidel acenaram de volta. Mas da maneira que Kara olhou para Freddy e este para Dreidel... Até Rogo pegou a dica. Kara havia sido muito gentil em permitir-lhes descer até o coração dos arquivos, mas não era bastante tola para deixá-los permanecer ali sem supervisão.

"Então, o nosso material...", perguntou Dreidel.

"... está bem aqui", disse Kara, apontando para o final de uma das estantes de metal, onde uma mesa de trabalho estava enterrada debaixo de pelo menos quarenta caixas. "Essas menores já foram processadas segundo a Lei de Liberdade de Informação", explicou ela, mostrando com a palma aberta cerca de uma dúzia ou mais de caixas verticais estreitas que pareciam conter, cada uma, uma lista telefônica. "E estas FCR... estas são as de armazenamento fechado", acrescentou, apontando para trinta ou quarenta caixas, cada uma com o tamanho aproximado de um engradado de leite.

"E isto é tudo que Boyle tinha?", perguntou Rogo. "Se voltassem no tempo e abrissem as gavetas de sua escrivaninha na Casa Branca, vocês achariam o que se encontra aqui — os seus arquivos, seus memorandos, seus *e-mails* impressos, recebidos e enviados — e ainda vocês pediram seus arquivos pessoais e aquelas doze mil páginas requisitadas pelo outro pesquisador..."

"Carl Stewart", disse Rogo, lembrando-se das instruções de Wes enquanto Kara lhe entregava a lista de cada arquivo que Boyle requisitou sob o nome falso.

"Você já tem as palavras cruzadas, certo?", perguntou Kara.

"Estão aqui", disse Rogo, batendo no bolso de sua camisa, na altura do peito.

"Kara, não podemos lhe agradecer o suficiente", acrescentou Dreidel, ansioso para ela ir embora.

Aproveitando a deixa, Kara dirigiu-se para a porta. Não esquecendo o seu papel de protetora dos arquivos, ela gritou: "Freddy, obrigada por cuidar deles".

Quando Kara virou no canto e desapareceu, Dreidel deu um sorriso ao assistente, depois virou-se rapidamente para Rogo. "Que tal você pegar o que havia nas gavetas de Boyle, enquanto eu começo a pesquisar na lista de suas requisições?"

"Tenho uma ideia melhor", desafiou Rogo. "Você pega as gavetas e *eu* fico com as requisições."

Dreidel ficou calado por um instante. "Ótimo", disse ele, abrindo a caixa que estava mais próxima. Atrás dele Rogo fez a mesma coisa.

Quando Rogo tirou para fora o primeiro arquivo, ele lambeu os dedos e virou a primeira página. "Muito bem, Boyle, seu covarde filho-da-... chegou a hora de ver o que você estava procurando."

Melbourne, Flórida

"Não, ela não", disse Nico, olhando para fora pelo para-brisa da frente do seu Pontiac Grande Prêmio marrom enquanto a delicada mulher peruana bebia o café em goles pequenos e se dirigia para o seu próprio carro.

Por quê? O que há de errado com ela?

Nico parecia abalado. "Ela se parece com minha enfermeira.

Pegue um outro."

E aquele?

Nico nem se voltou para a escolha de Edmund. Do seu lugar no canto do estacionamento da Waffle House, ele ainda estava observando a mulher que se parecia tão espantosamente com a sua enfermeira da noite. Fazia um dia inteiro desde a última vez que pensara no hospital. Os doutores estavam errados. Os advogados também. Todos errados. Sozinho fora do hospital — mesmo sem seus medicamentos — ele se sentia ótimo. Melhor do que nunca.

Mais lúcido. Com a clareza do cristal.

Nico, concentre-se. E aquele outro?

Seguindo o olhar de Edmund, Nico estudou o homem barbado com olhos miúdos e uma peruca indisfarçável.

"Não posso. Não, não posso. Ele esteve em meu sonho na noite passada."

Ótimo, então aquela — a mãe com as duas crianças...

"A criança menor tem de fazer pipi — olhe como ela se agarra à mãe. A mãe não quer parar. Acho que o menino maior quer o chocolate M & M. Pode-se ler em seus lábios.

M... e... M... "

Nico, não se faça de louco comigo.

Sentando-se ereto, ele tira a mão imaginária de Edmund de seu ombro. "Eu, não... eu estou bem. Apenas preciso..."

Interrompendo-se, ele se fixa em uma garçonete de meia-idade, de formas arredondadas e belos olhos castanhos que saiu do restaurante para fumar. Na alça de sua bolsa havia um bóton com os dizeres: *Pergunte-me sobre a Avon.*

"Ali. Aquela. Ela conhece a rejeição", anunciou Nico, procurando a maçaneta da porta e pulando do Pontiac.

"Apreste-se!", gritou para Edmund, enquanto cruzava o estacionamento e se aproximava da garçonete.

"Posso usar o seu celular?", perguntou Nico, andando mais devagar quando alcançou a mulher. "É uma emergência.

Minha... tenho de telefonar para minha mãe."

Vendo a aparência vistosa de Nico, a garçonete nem hesitou.

"É claro", replicou ela, sua mão gorducha baixando como um guindaste para dentro da bolsa de couro desbotada.

Diga-lhe que não vai demorar.

"Não vou demorar", disse Nico.

"Leve o tempo que quiser, querido — eu ganho mil minutos por mês, Deus abençoe o advogado que tratou de meu divórcio."

Abrindo o celular, Nico voltou as costas para a garçonete e discou um número com apenas três dígitos. Houve um toque do outro lado da linha.

"Bem-vindo ao 411. Que cidade e estado?", perguntou uma operadora.

"Wes Holloway", disse Nico baixando a voz.

"*Cidade e estado*", repetiu a operadora, mostrando aborrecimento.

"Palm Beach, Flórida."

Houve uma breve pausa. "Senhor, eu tenho um Wes Holloway em Palm Beach *Oeste*. Por favor, espere..."

"O número não", disse Nico. "O endereço."

De novo houve uma breve pausa. "Oito três oito cinco Okeechobee Boulevard, apartamento 527. E tem certeza de que não quer o número de telefone — sabe, como prevenção?"

"O número não", disse Nico, mostrando para Edmund o polegar levantado. "Não, não. Não. Esta é uma surpresa."

68

"O quê? Agora você não acredita em mim?", grita Lisbeth.

"Sem essa... vamos", digo, passando entre dois turistas e pela sorveteria enquanto corremos em direção às docas. Ela não ficou contente quando lhe perguntei como ela conhecia a aparência de Micah, mas foi desagradável argumentar com a resposta dela.

"Wes, quando estávamos no jornal eles passaram por mim na garagem", insiste ela. "Estava escondida bem na entrada — foi ideia sua, lembra? — esperando que eles fossem embora para eu apanhá-lo. Isso lhe soa familiar?"

Se eu fosse Rogo, teria perguntado a ela como sabia quem era Micah e quem era O'Shea.

"Acredito em você", digo, enquanto dou dois passos aos pulos e meu pé bate na madeira das docas. Durante os dois últimos dias, eu poderia facilmente ter descrito Micah e O'Shea. Mais importante ainda, com tudo o que passamos juntos, tudo o que ela tem visto... Depois de oito anos lidando com intrigantes políticos, estou escolado em conversa mole. Até onde posso dizer, Lisbeth não diz uma palavra do tipo papo furado.

"Wes, eu queria esclarecer..."

"Eu sei — mas eu tinha de perguntar, ok?"

"Mas se você..."

"Lisbeth, eu juro — tudo está bem entre nós", grito, dando voltas pelo labirinto das docas em direção ao iate onde nosso helicóptero está pousado. "Eu juro a você. Se não estivéssemos bem, você não estaria segurando a foto."

Enquanto ela corre atrás de mim, a foto que furtamos de Kenny se agita ao vento. É a única prova que temos de que Micah estivera ali naquele dia — e a principal razão pela qual saímos rapidamente

pela porta dos fundos da casa de Kenny. Durante os últimos dois dias, O'Shea e Micah se comportaram relativamente bem na vã esperança de que eu os ajudaria a pegar Boyle e Manning. Mas se eles descobrirem que sabemos a verdade... que um deles, de fato, é da CIA... que ele estava lá na pista de corrida e, potencialmente, fazia parte dos Três... olho por cima do ombro para Lisbeth, que está olhando por cima de seu ombro para as docas quase vazias. Em quem quer que estivessem atirando naquele dia, Micah e O'Shea não tiveram medo de mandar balas no homem mais poderoso do mundo. Nem quero pensar em quão rápido eles podem nos fazer desaparecer.

"Você acha que eles estão por perto?", pergunta Lisbeth, com a voz tremendo.

No momento, esta é a única questão que importa. Para respondê-la, eu diminuo o passo, parando bem na frente de uma cabine de madeira não maior do que uma cabine telefônica. "Continue andando", digo para Lisbeth, acenando-lhe para se afastar. "Diga a Tommaso para aprontar nosso voo. Precisamos partir agora!"

Ela diminui o passo, já preocupada e achando que quero me livrar dela. "Então, por que você...?"

"Apenas procurando nossos *amigos*", insisto, atirando-lhe um olhar quando um homem com uma camisa azul de botões e um chapéu de palha de aba larga sai da cabine.

Como superintendente das docas, ele designa todas as embarcações para seus respectivos lugares. O que significa que ele vê cada pessoa que chega e que deixa o ancoradouro.

Lisbeth percebe a dica e continua correndo.

"Assinando a entrada ou a saída?", pergunta o homem, ajeitando o chapéu para trás e revelando uma massa de tabaco mastigado em sua boca.

"De fato, eu estava me perguntando se você viu alguns de meus companheiros — provavelmente eles vieram em um hidroavião ou em helicóptero de Palm Beach."

"Sinto muito, não registramos as partidas da cidade", diz ele rapidamente.

"Quem sabe durante a última hora? Alguma nova pessoa chegou?" "Não, estive muito sossegado durante toda a manhã." "Você tem certeza?"

O superintendente das docas me estuda, examinando minha camisa, minhas calças, até meus sapatos. Ele sorri ligeiramente e duas covinhas aparecem em suas bochechas.

"Positivo, Homem Elegante. Ninguém entrou, exceto os bilionários que voltaram", diz ele, mostrando o nosso helicóptero preto e creme no final das docas.

Acenando um obrigado, eu me dirijo para o iate e respiro aliviado. Pelo menos até agora ninguém sabe que estamos aqui — e enquanto tivermos esta... enquanto não souberem o que encontramos... finalmente estamos em vantagem.

"Tommaso, você está pronto?", grito para ele, que está no convés de trás do iate.

"Esperando pelo senhor", diz ele com o polegar levantado.

"Onde está Lisbeth?"

Ele aponta para a cabine de vidro. Lisbeth está lá dentro com as costas apoiadas no vidro. Não a culpo. Melhor ficar fora de vista do que ser localizada.

Pulando os degraus da escada de metal de dois em dois, eu alcanço a porta no convés principal e a abro. "Boas notícias", digo. "Acho que..."

Lisbeth gira, as mãos tentando enfiar o que parece ser um pequeno celular dentro de sua bolsa.

"Isto é *para você ou para ele?*", a voz de Kenny ecoa no aparelho.

"*Para mim, eu juro...!*" diz minha própria voz. Ela pressiona um botão e a gravação se detém com um estalo alto de um... *gravador.*

Minha boca se abre e meu peito afunda.

Lisbeth olha para mim, seus olhos grandes já mostrando um pedido de desculpas.

"Wes, antes que você diga qualquer coisa", pede ela, enfiando o gravador na bolsa.

"Você estava gravando a nossa conversa?"

"Não é como você..."

"Há quanto tempo está fazendo isso?"

"Não é para colocar em arquivo — é apenas para manter minhas anotações em..."

"Não se trata disso."

"Ouça, Wes — você... você sabia que estou escrevendo a história. Esse foi o nosso trato."

"Há *quanto tempo!*"

"Você me disse que era nosso trato."

"Diabos, Lisbeth! *Há quanto maldito tempo?*"

Ela me observa cuidadosamente, depois se vira para evitar o conflito. De costas para mim, Lisbeth olha o ondular das ondas do golfo do México. "Desde que você chegou hoje de manhã", sussurra ela por fim.

"Inclusive a viagem de helicóptero até aqui?"

Ela se imobiliza, percebendo finalmente aonde quero chegar. Todo repórter tem um limite que promete a si mesmo nunca cruzar. Pelo olhar em seu rosto quando se vira para mim, Lisbeth passou por cima, atravessou a barreira, pulou sobre ela. "Eu nunca usaria aquele material, Wes."

Minhas pernas fraquejam, mal conseguem suportar o meu peso.

"Você sabe que isso é verdade, certo?", pergunta ela, estendendo a mão para o meu ombro.

Quando a empurro, uma descarga de adrenalina atravessa meu corpo. Eu ranjo os dentes tão fortemente que posso jurar estar sentindo meu lábio contra eles e não apenas uma dor fantasma.

"Dê-me o gravador", rosno.

Ela não se mexe.

"*Dê-me o maldito gravador!*"

Atrapalhando-se enquanto o retira de sua bolsa, ela mostra um olhar que diz: *Você não precisa fazer isso*. Mas eu me sinto enganado. Pego o gravador de sua mão e me dirijo a passos largos até o convés.

"Wes, eu sei que você não acredita nisso, mas eu nunca pensei em feri..."

"Não diga isso!" interrompo, virando-me para olhá-la e apontando um dedo para o seu rosto. "Você sabia o que estava

fazendo! *Você sabia!*"

Saindo de perto dela e encaminhando-me com dificuldade até a popa do iate, sigo até a balaustrada mais distante, atiro o gravador na água e depois me dirijo ao helicóptero.

"Está tudo bem?" pergunta Tommaso, enquanto mantém aberta a porta do helicóptero e nos ajuda a entrar.

"Perfeito", digo, de maneira ríspida. "Apenas tire-nos daqui rapidamente."

69

Sentado de pernas cruzadas no chão de linóleo e rodeado por pilhas de caixas de arquivos, à prova de ácido, Rogo folheava o quarto arquivo nos últimos quinze minutos. "O que é I & A?"

"I & A para quê?", perguntou Dreidel, inclinado para a frente em uma cadeira de madeira e lendo um dos arquivos de Boyle.

"Aqui não diz. Apenas I & A com montes de datas próximas a — espere, aqui há um: *I & A para Berlim!*"

"*Indicadores e Advertências*. Ou como o general Bakos costumava dizer: toda a conversa tola e sinais de advertência que nossa inteligência coleta sobre perigos específicos", explicou Dreidel. "Por quê? É isso que...?" Ele olhou para o assistente e baixou a voz para um sussurro.

"Era isso que Boyle estava requisitando? Todos os I & As diferentes?"

"Isso é ruim?"

"Não ruim — apenas — indicadores e advertências são o tipo de coisa que você acha no RDP."

"O Resumo Diário para o Presidente. Era sobre esse relatório que você estava falando antes, levado pelo camarada da CIA com a pasta algemada a seu braço?"

"E o local onde os pagamentos para O Romano eram decididos", acrescentou Dreidel. "Não se esqueça que, um ano antes do tiroteio, foi negada ao Romano uma enorme quantia de dinheiro por alguma informação cobiçada no Sudão, o que também, uma vez que claramente eles não eram bastante estúpidos para serem vistos juntos no mesmo local, nos indica que um deles usava o Sudão como sua última — e única — localização conhecida."

"Não tenho certeza de estar entendendo."

"Os Três — O Romano, Micah e O'Shea — são do Serviço, da CIA e do FBI. Quando eles juntam os cérebros, pense em todas as informações às quais têm acesso."

"Eu compreendo como eles trabalham... mas, para fazer tudo isso... para organizar tudo — sem querer ofender, mas... apenas para um pagamento de seis milhões de dólares?"

"O que o faz pensar que eles estejam fazendo isso apenas uma vez? Pelo que sabemos, se o pagamento tivesse se realizado, eles não teriam voltado à cada poucos meses — e se eles elevaram cada pagamento, seis milhões se tornam dez milhões que se tornam facilmente setenta ou oitenta milhões de dólares. Não é um mau salário para se roubar aproveitando-se dos medos da América."

"Então você acha que eles..."

"Não se concentre apenas *neles* — pense em quem mais tinha acesso às mesmas informações. Quero dizer, nada acontece dentro de um vácuo. Até para pedir o primeiro pagamento de seis milhões de dólares, eles nitidamente tinham de saber que algo grande estava prestes a acontecer.

Mas e se eles não fossem os únicos?"

"Você acha que mais alguém sabia?", perguntou Rogo.

"Durante todo este tempo, estivemos supondo que Os Três e Boyle eram inimigos. Mas e se eles fossem *competidores*? E se foi por causa disso que o pagamento diário de vários milhões de dólares para Os Três foi rejeitado — porque a Casa Branca já tinha uma informação similar — um fornecimento semelhante de indicadores e advertências — feito por outra pessoa?"

"Eu entendi — então, enquanto Os Três ou O Romano, ou seja lá como for que se chamem, continuavam a trazer para a Casa Branca suas mais cobiçadas informações, Boyle — ou outra pessoa naquele negócio — estava tentando provar que ele era alguém influente vazando aquele mesmo tipo de informações para a imprensa."

"E, durante o processo, fazendo com que os furos jornalísticos do Romano parecessem jornais de ontem."

"O que nos faz voltar para as palavras cruzadas — se aquela era realmente uma lista de confiança — se Manning e seu chefe de

Estado-Maior usavam o jogo para tentar descobrir quem estava vazando para a imprensa, talvez fosse isso que Boyle estivesse procurando", disse Rogo. "A única coisa que não entendo é por que Manning e seu chefe passariam notas em código secreto quando podiam apenas esperar algumas horas e discutir o assunto em particular?"

"Em particular? Em um edifício onde antes eles tinham fitas secretas que gravavam tudo que era dito no Salão Oval?"

"Isso é verdade? Eles ainda fazem essas gravações?"

"Você não percebe? Esta é a questão, Rogo. Naquele universo, todos estão escutando. Então, se você planeja dizer algo ruim sobre algum de seus assessores importantes, é melhor não falar em voz alta."

"Mesmo assim, como isso nos aproxima de descobrir o que Manning estava destacando naquelas palavras cruzadas?"

"Diga-me você. O que aparece nos arquivos?", perguntou Dreidel. "Há alguns outros nomes mencionados ali?"

Rogo deu uma olhada nas trinta e oito caixas e vinte e uma mil e quinhentas folhas de papéis, centenas de listas e milhares de resumos que eles ainda tinham de examinar.

"Você realmente acha que conseguiremos olhar tudo isto antes de a biblioteca fechar?"

"Tenha um pouco de fé", disse Dreidel, passando o dedo por uma série de arquivos. Seus olhos se iluminaram e um sorriso astuto espalhou-se por seu rosto. "Pelo que sabemos, a evidência incontestável está bem à nossa frente."

"O quê? Você conseguiu algo?"

"Apenas o arquivo pessoal de Boyle", disse Dreidel, enquanto arrancava um arquivo de cerca de três centímetros de dentro de sua caixa. "O que quer dizer que estamos prestes a saber o que o presidente *realmente* pensava de seu velho amigo Ron Boyle."

70

"Ouçam, eu estou um pouco ocupado", disse Kenny, enquanto fechava a porta em cima de O'Shea e Micah. "Talvez vocês possam aparecer uma outra..."

O'Shea enfiou o pé no vão da porta, forçando-a a ficar aberta. De seu bolso tirou a insígnia do FBI e, através da abertura, enfiou-a debaixo do nariz de Kenny. "*Agora* é de fato o melhor momento para nós", insistiu O'Shea. Ele não ficou surpreso com a reação de Kenny. Depois da família, o mais difícil era romper com os velhos amigos.

O olho Popeye de Kenny fitou Micah de modo penetrante e depois de novo a insígnia de O'Shea. "Wes é um bom rapaz", insistiu ele.

"Ninguém disse que não era", replicou O'Shea, enquanto ele e Micah penetravam na casa. O'Shea verificou rapidamente a cozinha. Não importava que Wes tivesse ido embora. O que importava era o que vira enquanto estivera ali.

"Então você é de Key West?", perguntou Micah, enquanto fazia contato visual com seu parceiro. Micah ficou na cozinha. O'Shea foi para a sala de estar.

"Ninguém é de Key West", disparou Kenny, já irritado.

"Então, de onde você conhece Wes?" perguntou O'Shea, enquanto se aproximava da parede com fotos de casamento em preto-e-branco.

"Você se importa de me dizer a que tudo isto se refere?", perguntou Kenny.

"Estas são bonitas", replicou O'Shea, parando diante de uma foto de uma noiva de cabelos curtos mordendo a orelha de seu noivo. "Você tirou esta?"

Tirei, mas...

"Trabalhou com Wes na Casa Branca?", interrompeu Micah, fazendo com que ele perdesse o autocontrole.

"De certo modo", replicou Kenny. "Eu estava lá como um..."

"Fotógrafo", deixou escapar O'Shea, ao descobrir a foto emoldurada do presidente Manning olhando o seu reflexo em uma jarra de água na Casa Branca. "Eu lembro dessa foto. Você é um grande fotógrafo, não é, senhor — sinto muito, esqueci seu nome."

"Eu não o disse a você", respondeu Kenny.

"Bem, por que não resolvemos isso?" perguntou O'Shea, deixando a moldura de prata deitada. "Eu sou o agente O'Shea e você é..." "Kenny. Kenny Quinn."

"Espere... Kenny Quinn?", perguntou Micah. "Como eu conheço o seu nome?"

"Você não conhece", disse Kenny. "Não, a menos que seja um editor de fotografia ou que trabalhe na equipe de imprensa da Casa Branca."

"De fato, passei algum tempo em D.C.", disse Micah, deixando a cozinha e dirigindo-se para Kenny na sala de estar.

Logo atrás de Kenny, O'Shea percebeu o fichário de três argolas na mesa de coquetel.

"Você é o cara que ganhou o prêmio, não é?" perguntou Micah, esforçando-se para chamar a atenção de Kenny.

"O Pulitzer", replicou Kenny de maneira seca.

"Então você estava ali naquele dia?", perguntou Micah.

"Na pista de corrida? Havia muitos de nós ali."

"Mas foi você quem tirou a foto, certo? A foto do Leão Covarde?"

"Sinto muito", disse Kenny, virando-se para O'Shea, "mas até vocês dizerem o que estão procurando, não acho que..."

Um assobio abafado atravessou o ar, e um buraco vermelho-escuro de bala fez um zumbido na pele de Kenny enquanto penetrava em sua testa. Quando Kenny caiu sem vida no chão, Micah olhou para O'Shea, que segurava o revólver em uma mão e o fichário com três argolas, aberto, na outra.

"Você está *maluco*!", explodiu Micah.

"Eles identificaram você, Micah."

"Do que você está falando? Não há como!"

"Realmente? Então que diabos é *isto*"? Gritou O'Shea, batendo o revólver contra uma capa protetora de plástico Mylar vazia no fichário. "Podia haver qualquer coisa aqui dentro..."

"Não na capa — *debaixo dela!*", disse O'Shea, enquanto virava a folha vazia para revelar uma vista clara da foto na página seguinte. "Você está me dizendo que este não é você?", perguntou ele, apontando para a foto da enorme multidão onde, ao olhar com cuidado, Micah estava enfiado no canto, olhando para o lado.

"Isto... isto não é possível — nós compramos todas as fotos ali... examinamos todas as fitas..."

"Sem dúvida nenhuma havia algumas a mais que Kenny decidiu manter em sua coleção! Você não percebe, Micah?"

Wes sabe! Ele descobriu o fio da meada — e, quando ele começar a puxá-lo, você vai ser o primeiro que eles irão investigar!"

"Grande coisa, então irão apenas me fazer algumas perguntas. Você sabe que eu nunca disse nada. Mas *isto*...

você sabe que tipo de avalanche você acaba de desencadear?"

"Não se preocupe", disse O'Shea calmamente. "Se eu acomodar os corpos da maneira certa, irá parecer apenas como um roubo malfeito."

"*Corpos?*", perguntou Micah, confuso. "Do que você está falando? Você tem mais de um?"

O'Shea levantou o revólver e apontou direto para o peito de seu parceiro.

Depois de anos de treinamento, Micah girou para a direita, depois pulou como um leopardo em cima de O'Shea. Pela maneira como o indicador e o dedo do meio de Micah estavam curvados — como garras — ficava claro que queria atingir os olhos de O'Shea.

O'Shea ficou impressionado. Sem dúvida, Micah era rápido.

Mas ninguém é tão rápido.

Quando O'Shea puxou o gatilho, seu belo cabelo loiro brilhou no sol da tarde de Key West. "Sinto muito, Micah."

Ouviu-se um leve *ssstt*. Depois um resmungo.

E Os Três tornaram-se Os Dois.

71

"Não me conte que você o perdeu. Não diga essas palavras."

"Eu não o perdi" disse Lisbeth para seu editor, apertando o celular enquanto andava diante da porta da frente do edifício. "Eu o deixei ir."

"Eu já lhe disse para não me dizer isto? Será que eu falo e você não ouve?" perguntou Vincent. "Qual é a Regra Sagrada Número 1?"

"Mantenha-o falando sempre."

"Ótimo, e a Regra Sagrada Número 261/2: Não deixe Wes se afastar de sua vista!"

"Você não estava lá, Vincent — você não viu como ele ficou aborrecido. Durante cinquenta minutos — todo o voo de volta — a única coisa que me disse foi..." Lisbeth ficou em silêncio.

"Lisbeth, você está aí?", perguntou Vincent. "Não consigo ouvi-la."

"*Exatamente!*", respondeu ela, acenando para o segurança e dirigindo-se para os elevadores. "Cinquenta minutos de silêncio mortal! O camarada não queria olhar para mim, não queria falar comigo, nem mesmo queria me xingar. E, acredite-me, eu lhe dei todas as oportunidades. Ele apenas ficou olhando pela janela, fazendo de conta que eu não estava ali. E, quando saímos do veículo, ele nem disse até logo."

"Ok, você feriu seus sentimentos."

"Veja, a questão é essa — eu não feri seus sentimentos. Ele está nessa profissão há muito tempo para se sentir machucado por uma repórter, mas a dor em seu rosto... eu o feri."

"Poupe-me a sentimentalidade, Lisbeth — você estava fazendo o seu trabalho. Oh, espere, de fato você não estava."

Se estivesse, no momento em que ele a largou, você teria se virado e ido atrás dele."

"Com o quê? Ele ficou com meu carro."

"Ele *roubou* o seu carro?"

Lisbeth fez uma pausa. "Não."

Vincent fez uma pausa ainda mais longa. "Oh, *Jesus* — você o deu para ele? Você lhe deu seu carro?", berrou Vincent.

"Regra Sagrada Número 27: Não tenha uma queda por ele!

Regra Número 28: Não se apaixone por um sonhador. E 29: Não deixe rapazes tristes e desfigurados puxar os cordões de seu coração e enviá-la a navegar em uma viagem de culpa só porque eles são tristes e desfigurados!" "Você nem o conhece."

"Só porque alguém está em uma cadeira de rodas isto não significa que não irá passar em cima dos dedos de seus pés.

Você sabe o que esta história significa, Lisbeth — especialmente para você."

"E para você."

"E para você", disse ele, enquanto Lisbeth entrava no elevador e apertava o segundo andar. "Você conhece o trabalho: Você deve irritar algumas pessoas para que outras a leiam. Então, deixe-me contente e pelo menos diga que você foi bastante esperta para gravar tudo."

Quando as portas se fecharam e o elevador começou a subir, Lisbeth apoiou-se no corrimão de metal, sua cabeça inclinada para trás na parede de fórmica. Deixando os eventos do dia passarem por ela, levantou a cabeça e deixou-a bater ligeiramente contra a parede. *Tap, tap, tap.*

Repetidas vezes contra a parede.

"Ora essa, você *conseguiu* gravar, certo?", perguntou Vincent.

Abrindo sua bolsa, Lisbeth retirou a fita cassete miniatura que continha a última parte da conversa deles. Claro, ela havia dado o gravador para Wes, mas não tivera muito trabalho para ficar com a fita em sua mão enquanto ele a censurava. É claro, agora... não, não apenas agora. Mesmo enquanto ela o fazia — de modo tão maldito e instintivo — uma outra parte de seu cérebro observava sem acreditar.

Qualquer repórter precisa de instinto. Mas não quando ele domina os ideais.

"Pela última vez, Lisbeth — com fita ou sem fita?"

O elevador sibilou no segundo andar, e Lisbeth olhou para sua palma aberta, esfregando o polegar na minúscula fita cassete.

"Sinto muito, Vincent", disse ela, enfiando-a de volta na bolsa. "Eu tentei detê-lo, mas Wes jogou-a pela balaustrada."

"Pela balaustrada. Realmente?"

"Realmente."

Quando ela saiu do elevador e seguiu pelo corredor à esquerda, houve uma longa pausa na linha. Maior ainda que a anterior.

"Onde você está agora?", perguntou Vincent com frieza.

"Bem atrás de você", disse Lisbeth ao celular.

No escritório, com a porta que se abria para o corredor acarpetado de cinza, Vincent parou de andar e virou-se para encará-la. Ainda segurando o telefone perto do ouvido, ele lambeu seu bigode salpicado de branco e preto. "São quatro horas, preciso da coluna para amanhã. Agora."

"Você a terá, mas... do jeito como as coisas ficaram com Wes, eu ainda penso que deveríamos esperar mais um dia antes de nos apressarmos com uma história que é..."

"Faça como quiser, Lisbeth. De todo jeito você sempre faz o que quer."

Com um golpe de sua mão, Vincent bateu a porta com força, que se fechou fazendo um barulho estrondoso na frente dela e através do celular. Enquanto seus companheiros se voltavam para olhar, Lisbeth arrastou-se até seu cubículo do outro lado do corredor. Desabando em sua cadeira, ela abriu o computador, onde três colunas praticamente vazias enchiam a tela. No canto de sua escrivaninha, uma folha amassada de papel continha todas as informações vitais sobre a recente vitória do jovem Alexander John no mundo ultracompetitivo da escola secundária de arte. A essa hora da tarde, não havia como escapar do inevitável.

Alisando a folha amassada com a palma da mão, ela releu os detalhes e instintivamente pressionou o código para o correio de voz.

"Você tem sete mensagens novas", anunciou a voz robótica da mulher pelo alto-falante do telefone. As primeiras cinco eram de *maîtres* de restaurantes locais esperando conseguir alguma citação em sua coluna ao revelar quem estava almoçando com quem. A sexta era uma chamada para lembrar o prêmio de arte de Alexander John. E a última...

"Olá... e... esta mensagem é para Lisbeth", começou uma suave voz de mulher. "Meu nome é..."

A mulher fez uma pausa, fazendo com que Lisbeth se sentasse ereta na cadeira. As melhores informações sempre vinham de pessoas que não queriam se identificar.

"Meu nome é... Violet", disse ela por fim.

Nome falso, decidiu Lisbeth. *Ainda melhor.*

"Eu só... eu estava lendo sua coluna hoje, e quando vi o nome *dele*, meu estômago simplesmente... não está certo, ok? Eu sei que ele é poderoso..."

Lisbeth mentalmente passou por cada menção da coluna do dia. *A primeira-dama... Manning... será que ela queria dizer Manning?*

"... apenas não está certo, o.k.? Não depois do que ele fez."

Ela é cuidadosa ao espetar a faca. Ela sabe cutucar, mas não muito fundo. "De todo jeito, se você puder me telefonar..."

Anotando o número furiosamente, Lisbeth abriu o celular e começou a discar imediatamente. Suas orelhas ficaram vermelhas enquanto o telefone começou a chamar.

Vamos... atenda, atenda, atenda, atenda...

"Alô?", respondeu uma voz de mulher.

"Olá, aqui é Lisbeth Dodson de Por Baixo do... estou querendo falar com Violet."

Houve um ou dois segundos de silêncio mortal. Lisbeth apenas esperou. As novas fontes sempre precisavam de um momento extra para se decidir.

"Olá, querida — espere um segundo", disse a mulher. Ao fundo, Lisbeth ouviu um sino soar e um súbito sussurro de vento murmurando ao telefone. Qualquer que fosse a loja em que Violet estava, ela saiu para ter privacidade. O que significava que ela estava querendo falar.

"Isto não é... você não está gravando, certo?" perguntou finalmente Violet.

Lisbeth olhou para o gravador digital que estava sempre preparado em cima da escrivaninha. Mas não o pegou. "Sem gravação."

"E você não vai revelar meu nome? Porque se meu marido..."

"Não estamos gravando. Ninguém nunca saberá quem você é. Prometo-lhe."

Mais uma vez a linha ficou silenciosa. Lisbeth sabia que não devia pressionar.

"Eu só queria que você soubesse que eu não sou delatora", disse Violet, com sua voz falhando. Com base na inflexão e rapidez da voz de Violet, Lisbeth escreveu *nos seus trinta e poucos*.

"Compreenda, ok? Eu não quero isto. Ele só... ver seu nome impresso de novo... e tão feliz... as pessoas não percebem — há todo um outro lado dele... e o que ele fez naquela noite..."

"Que noite?" perguntou Lisbeth. "Qual era a data?"

"Não acho que ele seja uma má pessoa — eu realmente não — mas quando ele fica zangado... ele apenas... ele fica furioso como a maioria deles. E quando ele fica *realmente* furioso..."

Você sabe como os homens ficam, certo?"

"É claro", concordou Lisbeth. "Agora, por que você simplesmente não me conta o que aconteceu naquela noite?"

"Não quero falar sobre isso", insisto.

"Ela estava gravando o tempo todo?", pergunta Rogo, ainda chocado, pois sua voz falha através do celular. "Rogo, por favor, podemos não...?"

"Talvez não seja como aparenta. Quero dizer, ela lhe deu o carro e o telefone dela, certo? Talvez você tenha interpretado mal."

"Eu ouvi minha voz na fita! Como poderia interpretar de outra forma!?", grito, apertando a mão fechada ao redor do volante e acelerando mais. Quando passo rapidamente pelas grandes e torcidas figueiras-de-bengala que protegem do sol ambos os lados da County Road, eu ouço a alteração na voz de Rogo. De início, ele ficou surpreso. Agora está apenas ferido, e um bocadinho confuso. Quando se trata de julgar o caráter de alguém, ele em geral é um mestre.

"Eu falei que ela iria nos estrear — não foi como eu disse?", murmura Dreidel lá de trás. Sua voz é apenas um sussurro, o que significa que há alguém com eles.

"Ela disse por quê?" acrescenta Rogo. "Quero dizer, eu sei que Lisbeth é uma repórter, mas..."

"Já basta, ok? Quantas vezes é preciso repetir? Não quero falar sobre isso!"

"Onde você está agora?", pergunta Rogo.

"Não leve a mal, mas não vou dizer. Você sabe, para o caso de alguém estar ouvindo."

"Wes, você está cheio de onda — onde diabos você está?", insiste Rogo.

"Na US-1."

"Você está mentindo — respondeu muito rápido."

"Eu *não* estou mentindo."

"Muito rápido de novo. Deixa disso, Pinóquio — eu conheço a ligeira gagueira e o balbucio quando você está contando lorota. Diga onde você está."

"Você deve entender, Rogo, ele..."

"Ele? *Ele?* O *Ele* real", gemeu Rogo, mais furioso do que nunca. "Filho de Betsy Ross, Wes! Você está indo encontrar-se com Manning?"

"Ele está me esperando. O programa diz que devo estar lá às quatro horas."

"Programa? O homem vem mentindo para você durante oito anos a respeito da única grande tragédia de sua vida. Isto não...?" Ele abaixa a voz, forçando-se a ficar calmo. "Isto não o leva a dizer dane-se ao programa, pelo menos por uma vez?"

"Ele está indo ver Manning?", pergunta Dreidel ao fundo.

"Rogo, você não compreende..."

"Eu compreendo *sim*. Lisbeth deixou você triste... Os Três o assustaram... e, como sempre, você está correndo para o seu tranquilizador presidencial favorito."

"De fato, estou tentando fazer a única coisa que nós deveríamos ter feito desde o primeiro momento em que vi Boyle vivo: ir até a fonte e descobrir o que, na verdade, aconteceu naquele dia."

Rogo fica em silêncio, o que me indica que ele está perturbado. "Wes, vou lhe perguntar algo", diz ele por fim.

"Na primeira noite em que viu Boyle, por que não foi até Manning para lhe dizer a verdade? Porque ficou muito chocado? Porque parecia que Boyle tinha, de certa maneira, sido convidado para aquele hotel por seu melhor amigo? Ou porque, bem no fundo do peito, não importa o quanto tenha racionalizado ao longo dos anos, você sabe que, antes de ser um pai, um mentor, ou até um marido, Leland F. Manning é um político — um dos maiores políticos do mundo — e, só por isso, ele é completamente capaz de mentir em sua cara durante oito anos sem você nem mesmo perceber?"

"Mas é isto que você está deixando de lado, Rogo — e se ele não mentiu? E se ele é apenas tão estúpido como nós somos?"

Quero dizer, se O'Shea e Micah e quem quer que esse Romano seja... se eles são os que mandaram Nico balear Boyle, talvez Manning e Boyle não sejam os vilões nisso tudo."

"O quê, agora eles são as vítimas?"

"Por que não?"

"Por favor, ele é o..." Recompondo-se e sabendo que eu não ouviria se ele gritasse, Rogo acrescenta: "Se Boyle e Manning fossem completos anjos — se eles não tivessem nada para esconder e estivessem apenas fazendo o bem —, por que simplesmente não levaram Boyle para o hospital e deixaram as autoridades investigar? Ora, Wes, esses dois camaradas mentiram para o mundo inteiro — e a única razão pela qual as pessoas mentem é porque têm algo para esconder. Agora, não estou dizendo que temos todas as peças, mas, só por causa da mentira, não há jeito de Manning e Boyle serem apenas vítimas indefesas."

"Isso ainda não significa que eles sejam o inimigo."

"E você realmente acredita nisso?"

"O que eu *acredito* é que Ron Boyle está vivo. Que Os Três, com todas as suas conexões, ajudaram Nico a se infiltrar na pista de corrida naquele dia. Que O'Shea, Micah e esse Romano, como membro de Os Três, nitidamente têm algum rancor contra Boyle. E por essa razão eles estão agora fazendo tudo o que está em seu poder para descobrir onde ele se encontra. E não faço ideia de como Manning se encaixa nisso tudo."

"Então por que correr para ele como uma esposa que apanha corre para quem a maltrata?"

"Que outras escolhas eu tenho, Rogo? Ir até o FBI, onde O'Shea trabalha? Ou até o Serviço, onde está O Romano? Ou, melhor ainda, posso ir até as autoridades locais e dizer que vi um homem morto andando. Dez minutos depois disso acontecer, você acha que O'Shea e seu pequeno bando armado não vão aparecer com suas insígnias de federais, levar-me embora em custódia privada e meter uma bala na parte de trás de minha cabeça dizendo que eu estava tentando escapar?"

"Isso não..."

"Isso é verdade e você *sabe* que é verdade, Rogo! Esses camaradas foram atrás de um dos homens mais poderosos da Casa Branca em um estádio com duzentas mil pessoas.

Você acha que eles não vão abrir meu pescoço em alguma rodovia deserta de Palm Beach?"

"Diga-lhe para não mencionar meu nome para Manning", diz Dreidel no fundo.

"Dreidel quer que você..."

"Eu o ouvi", interrompo, girando o volante em uma curva pronunciada na Via Las Brisas. Quando completo a curva aparece um gramado bem cuidado, a rua se estreita e as sebes se erguem, subindo por cerca de cinco metros e bloqueando minha visão de todas as casas de muitos milhões de dólares escondidas atrás delas. "Rogo, eu sei que você não concorda, mas, durante os dois últimos dias, o único motivo pelo qual me mantive afastado de Manning foi porque O'Shea e Micah me convenceram a fazê-lo. Você compreende? O homem esteve ao meu lado durante oito anos, e só duvidei dele porque eles — *dois estranhos com insígnias* — me disseram para duvidar. Não leve a mal, mas, depois de todo esse tempo juntos, Manning merece mais do que isso."

"Ótimo tudo isso, Wes, mas vamos esclarecer uma coisa.

Manning não tem estado *ao seu lado* durante oito anos. É você que tem estado ao lado dele."

Eu sacudo a cabeça e paro na última casa à minha direita.

Por razões de segurança, eles não permitem estacionar na entrada para carros, então eu me dirijo para a parte dianteira do gramado e paro imediatamente atrás de um carro azul-marinho alugado que já está ali. Seus convidados estão adiantados — o que significa, enquanto eu pulo fora e corro pela rua, que estou oficialmente atrasado.

Mesmo antes que eu pare na grade de madeira com pranchas duplas, de três metros e meio de altura, o interfone escondido nos arbustos estala. "Posso ajudá-lo?", pergunta uma voz profunda.

"Olá, Ray", digo para o agente de serviço. "É Wes."

"Você não precisa fazer isso", implora Rogo através de meu celular.

Ele nunca esteve tão errado. Isto é exatamente o que preciso fazer. Não para Manning. Para mim. Eu preciso saber.

Um barulho metálico destrava o portão de madeira, que lentamente se abre.

"Wes, pelo menos espere até olharmos o arquivo pessoal de Boyle", pede Rogo.

"Vocês já estão procurando durante quatro horas — isso basta. Vou chamá-los quando eu tiver terminado." "Não seja tão teimoso."

"Até logo, Rogo", digo, desligando o telefone. É muito fácil para alguém fora do ringue dizer para um lutador como lutar sua luta. Mas esta é a *minha* luta. Eu só não tinha percebido.

Conforme caminho pela entrada de carros, não há número da casa na porta da frente, nem caixa de correio para identificar seus ocupantes, mas os quatro agentes de terno e gravata parados do lado de fora da garagem são bastante reveladores. Com Nico em liberdade, eles mantêm Manning em casa. Por sorte, quando levanto o queixo e olho para o pálido azul da casa em estilo colonial britânico, eu reconheço onde mora o ex-presidente.

73

"E como foi mesmo que você o conheceu?", perguntou Lisbeth, segurando o celular com uma mão e anotando com a outra.

"Amigos comuns", replicou Violet, com a voz tremendo.

"Aconteceu anos atrás. Na época esse assunto só se concretizava por meio de apresentações pessoais."

"Apresentações?"

"Você deve entender, com um homem como ele, a gente não chega perto e balança o rabo. Nesta cidade — com todo esse dinheiro... com tudo que esses camaradas têm a perder — a única coisa com a qual se preocupam é discrição, o.k.? Por isso o mandaram a mim."

"É claro", disse Lisbeth, enquanto escrevia a palavra *Prostituta* em suas anotações. "Então você era..."

"Eu tinha vinte anos, era isso que eu era", disse Violet com um ataque verbal. Ela não gostava de ser julgada. "Mas, sorte minha, eu podia manter um segredo. Foi por isso que consegui o trabalho. E com ele... nos nossos dois primeiros encontros, eu nem disse o seu nome. Só isso já era uma garantia de que ele me convidaria a voltar. Os gladiadores necessitam conquistar, certo?", perguntou ela com um riso ligeiro e insincero.

Lisbeth não a acompanhou no riso. Não havia prazer na dor de outra pessoa.

"Eu sei o que você está pensando", acrescentou Violet, "mas era ótimo no começo. Ele era, honestamente... ele era terno — sempre perguntando se estava bom... ele sabia que minha mãe estava doente, então ele perguntava por ela. Eu sei, eu sei — ele é um político, mas eu tinha vinte anos e ele era..."

Sua voz falhou.

Lisbeth não disse nada. Mas, quando o silêncio continuou...

"Violet, você está...?"

"Isto soa tão estúpido, mas eu tinha a impressão de que ele gostava de mim", deixou escapar, tentando nitidamente abafar um soluço. Pelo som dele, o acesso de emoção surpreendeu até a ela. "Sinto muito — deixe-me apenas... eu sinto muito..."

"Não precisa se desculpar."

"Eu sei — só... era importante que ele gostasse de mim... que continuasse voltando", explicou ela, inspirando profundamente. "Eu não o via durante algum tempo, depois o telefone tocava, e eu pulava para cá e para lá, como se tivesse sido convidada para um baile. E foi assim até... até que ele foi embora uma noite e não ouvi falar dele por quase três meses. Eu fiquei... para ser honesta, de início, fiquei preocupada. Talvez tivesse feito algo errado. Ou ele era doido. E então, quando ouvi que ele estava na cidade, fiz a única coisa que nunca deveria ter feito — a coisa mais estúpida que podia fazer, contra todas as regras", explicou Violet, com uma voz que era apenas um sussurro. "Telefonei para ele."

Nessa hora, Lisbeth parou de escrever.

"Ele chegou em minha casa em dez minutos", disse Violet, com um outro soluço fechando sua garganta. "Q-Quando eu abri a porta, ele entrou sem dizer uma palavra... assegurou-se de que ninguém podia vê-lo... e depois ele só — juro que nunca havia feito isso antes..."

"Violet, você está bem para..."

"Eu nem vi o primeiro soco chegando", disse ela, enquanto as lágrimas transbordavam. "Ele ficou gritando comigo: 'Como você ousa! Como você *ousa*? Eu tentei resistir — eu... eu... eu nunca fui fraca — mas ele agarrou-me por trás pelos cabelos e... atirou-me direto para... havia um espelho em cima de minha penteadeira."

Olhando para o seu próprio reflexo na tela do computador, Lisbeth não se mexeu.

"Eu podia vê-lo atrás de mim no espelho... quando eu bati... eu podia vê-lo atrás de mim... seu rosto... o vermelho em seus olhos. Era como se ele tivesse tirado uma máscara e deixado... como se ele tivesse liberado algo que estava debaixo", gritou Violet. "E... e..."

quando ele se foi... quando a porta bateu e o sangue ainda escorria de meu nariz, eu ainda — eu sei que é — você pode acreditar que eu ainda sentia falta dele?", perguntou ela, chorando descontroladamente.

"E-Eu quero dizer, eu poderia ser mais patética que isso?"

Lisbeth sacudiu a cabeça para si mesma, tentando com dificuldade manter-se concentrada. "Violet, sei que isso é difícil para você — eu sei o que custa contar a história —, mas eu preciso... Antes de fazer alguma coisa, eu preciso perguntar: Nós temos algum jeito de provar isso... qualquer coisa... fita de vídeo, alguma prova física...?"

"Você não acredita em mim", insistiu ela.

"Não, não, não... é só que, olhe contra quem você está lutando aqui. Sem uma maneira de verificar..."

"Eu tenho prova", disse Violet, visivelmente aborrecida, quando recuperou o fôlego. "Estou com ela bem aqui. Se você não acredita, venha pegá-la."

"Eu vou, vou agora mesmo. Permita-me apenas... espere um segundo..." Apertando o celular no peito e saindo de sua cadeira, Lisbeth pegou o papel com as anotações sobre a premiação, saiu de seu lugar e entrou rapidamente na sala de uma repórter loura do outro lado do corredor. "Eve, pode me emprestar seu carro?" perguntou Lisbeth.

"Primeiro meu telefone — que ainda não foi devolvido — agora meu carro..."

"*Eve!*"

Eve estudou sua amiga, desvendando sua expressão. "Este rapaz é aquele tal, não é?"

"Tenho colunas vazias no computador. Aqui está o último item", disse Lisbeth, jogando para ela as anotações sobre o prêmio. "Você pode...?"

"Pode pegar", disse Eve, enquanto Lisbeth dizia obrigado, saía para o corredor e aproximava o celular do ouvido.

"Violet, já estou saindo", disse ela, fazendo o possível para manter a mulher falando. Regra Sagrada Número 9: Nunca deixe o

grande peixe escapar. "Então... quanto tempo, de fato, vocês ficaram juntos?"

"Um ano e dois meses", replicou Violet, ainda parecendo irritada. "Até antes do tiroteio."

Lisbeth parou de correr. "Espere, isto foi quando ele ainda estava na Casa Branca?"

"É claro. Todo presidente vai para casa durante as férias.

Além disso, ele não podia fazer isso em Washington. Mas aqui... eu podia receber a chamada telefônica e ele podia..."

"Violet, sem mais conversa fiada — você está tentando me dizer que, apesar de toda a segurança — apesar de dezenas de agentes do Serviço Secreto —, você estava dormindo com o presidente dos Estados Unidos e foi espancada por ele *enquanto ele ainda estava na Casa Branca?*"

"Presidente?", perguntou Violet. "Você acha que eu estava dormindo com Manning? Não, não, não... a outra menção — aquela acerca de concorrer para o Senado..."

"Você quer dizer..."

"O pequeno animal que me espancou. Eu estava falando de Dreidel."

"Você acha que ele vai superar isto?", perguntou Dreidel, ajustando seus óculos de aro de metal, enquanto lia o arquivo pessoal de Boyle. "Quem, Wes? É difícil dizer", respondeu Rogo, ainda sentado no chão e folheando os documentos nas requisições de Boyle. "Ele estava falando de um jogo duro, mas você sabe como é quando se trata de Manning."

"Você obviamente nunca foi afetado por Manning." Olhando para o arquivo, Dreidel acrescentou: "Você sabia que Boyle falava hebreu e árabe?". "Diz o quê?"

"Aqui diz: hebreu, árabe e comunicação americana por sinais e gestos. Aparentemente sua irmã era surda. Foi por isso que se mudou para Jersey— que teve uma das primeiras escolas para os deficientes auditivos. Deus, eu lembro de preencher isto", acrescentou ele, lendo o Questionário de Segurança Nacional de Boyle. "De acordo com o questionário, ele ganhou o prêmio Westinghouse quando estava no secundário — depois um Marshall Scholarship em Oxford. O camarada era terrivelmente inteligente, especialmente quando se tratava... Espere aí", disse Dreidel. "*Você teve dívidas por mais de 180 dias? Sim. Se sim, explique abaixo...*" Virando para a página seguinte, Dreidel leu a página preenchida que estava presa ao formulário."... *em um total de dívidas de \$230.000.* "

"Duzentos e trinta mil dólares? O que ele comprou? A Itália?"

"Não acho que tenha comprado alguma coisa", disse Dreidel.

"Pelo que está dito aqui, esta era uma dívida de seu *pai*. Ao que parece, Boyle a assumiu para que seu pai não tivesse de declarar falência."

"O rapaz ama o pai."

"Na verdade, odeia seu pai. Mas ama sua mãe", disse Dreidel, lendo em seguida. "Se o pai declarasse falência e os credores caíssem em cima dele, a mãe teria sido posta para fora do restaurante da família que dirigia e onde trabalhava desde que Boyle era criança."

"Belo trabalho do pai — pôr em risco o negócio da família, colocar a mulher na rua, e largar todas as dívidas restantes em cima de seu filho."

"Espere, esta é a melhor parte", disse Dreidel, virando para as últimas páginas do formulário. Aqui: "*Há alguma coisa na sua vida pessoal que possa ser usada por alguém para constranger o presidente da Casa Branca? Por favor, forneça detalhes completos*". Virando a página e revelando um outro documento totalmente preenchido, Dreidel sacudiu a cabeça, lembrando as histórias que Boyle havia revelado no começo da campanha. Mesmo no início, Manning ficou ao lado de seu amigo. "Muito do que há aqui nós sabemos: o pai foi detido antes de Boyle nascer. Depois, preso de novo quando Boyle tinha seis anos, depois outra vez quando ele tinha treze — da última vez por assalto e agressão contra o proprietário de uma lavanderia chinesa em Staten Island.

Depois ele ficou verdadeiramente curado e permaneceu longe de confusões até Boyle sair da faculdade. Foi então que o FBI o pegou vendendo falsas apólices de seguro em uma clínica de repouso em Brunswick. A lista continua aumentando... importação de lambretas roubadas, falsificação de cheque de alguns milhares de dólares, mas, de alguma maneira, quase nunca cumprindo as penas."

"É um dia de exercícios freudianos, não é? O pai quebrando todas as regras com truques de vigarista, enquanto Boyle se lança na meticulosidade da contabilidade. Qual era aquela história do *Time* quando o pai foi preso por roubar em lojas?

Mancha negra..."

"... na Casa *Branca*. Sim, esperto. Isto é quase tão bom quanto a charge política quando o pegaram roubando os Brinquedos para Crianças."

"Ainda não consigo...", interrompeu Rogo, sacudindo a cabeça. "Todo este tempo estivemos perseguindo Boyle como se ele fosse o grande diabo branco, mas, quando se escuta todos os detalhes de sua vida: infância miserável, irmã surda, a mãe uma italiana da classe trabalhadora... e ainda assim ele consegue vencer com garra e fazer carreira até a Casa Branca..."

"Oh, Rogo, por favor — não me diga que você está sentindo pena dele."

"... e depois seu pai mente, trapaceia, rouba e, acima de tudo, deixa Boyle pagar a conta. Olhe, pense nisso — como um pai faz isso para seu próprio filho?"

"Da mesma maneira que Boyle aprontou para sua própria esposa e filha quando desapareceu da vida delas e deixou-as de luto. As pessoas podem ser repugnantes, Rogo — sobretudo quando estão desesperadas."

"Sim, mas é disso que se trata. Se Boyle era realmente tão mau, por que o deixaram trabalhar na Casa Branca? Não é esse o propósito de todos esses formulários — separar pessoas como ele e deixá-las de fora?"

"Em teoria, essa é a meta, mas no caso dele não era como se houvessem descoberto um segredo. Todos sabiam que seu pai não valia nada. Ele costumava falar a respeito — usava a história para ganhar a simpatia da imprensa. Isso só se tornou um problema quando ganhamos. Mas quando o seu melhor amigo é o presidente dos Estados Unidos, oh, que surpresa, o FBI pode ser convencido a fazer exceções. De fato, vou lhe mostrar como eles... aqui...", disse Dreidel, folheando mais uma vez a pasta. "Ok, *aqui*", acrescentou ele, separando uma folha de papel do tamanho de um papel de carta enquanto Rogo se sentava na beirada da escrivaninha e começava a folhear o resto do arquivo.

"Boyle tinha um nome de código de aprovação. Antes de distribuírem esse código, eles precisam saber de que lado você está. FBI... Serviço Secreto... todos eles dão uma olhada.

Depois Manning olha os resultados..." Na pequena folha de papel havia uma lista de letras datilografadas alinhadas em uma única coluna, cada uma ticada com um sinal de ter sido verificada:

✓ ANT

✓ HM

✓ EXT

✓ ED

✓ REF

AI

✓ VP

✓ AF

✓ PUB

"Esta página é igual a esta outra?", perguntou Rogo, enquanto virava a página no arquivo e revelava uma folha quase idêntica. "Exatamente — trata-se do mesmo relatório." "Então por que Boyle tem dois?"

"Um é de quando ele começou, o outro, provavelmente, é de quando renovou o processo de aprovação. É a mesma coisa.

ANT são seus antecedentes — a verificação de seus antecedentes gerais. *HM* é sua história militar. *EXT* é experiência no trabalho..."

"Então aqui se encontra toda a sujeira sobre Boyle?"

perguntou Rogo, olhando para a folha coberta de modo esparso.

"Não, *esta* é a sujeira — tudo que está abaixo *disso*", disse Dreidel, apontando para as letras *AI* sublinhadas mais ou menos no meio da página.

"*AI?*"

"Áreas de interesse."

"E todas estas letras abaixo: *VP... AF... PUB...*"

"VP conta a história pessoal de Boyle, que eu aposto que se refere a toda a imundície com o seu pai. AF é seu antecedente financeiro; obrigado de novo, pai. E PUB..."

Dreidel faz uma pausa de um instante, lendo em sua página enquanto Rogo segue em sua cópia. "PUB é o resultado de como o público receberia as informações sobre os antecedentes de Boyle, caso se tornassem públicos, o que de fato já eram."

"E o que é CP?" perguntou Rogo.

"O quê?"

"CP", repetiu Rogo, estendendo sua folha para Dreidel. "O seu último item não é um CP?"

Dreidel olhou para a sua própria página, que terminava com um PUB, depois virou-se para a de Rogo, piscando os olhos para ler as letras com uma mensagem escrita à mão, ao lado:

CP — *anotação em 27 de maio*

O rosto de Dreidel ficou branco.

"O quê?" perguntou Rogo. "O que significa isso?"

"Qual é a data em sua página?"

Olhando no alto da página, Rogo mal conseguiu pronunciar as palavras. "Dezesseis de junho", disse ele. "Justamente antes do tiroteio."

"A minha é seis de janeiro — dias antes de entrarmos na Casa Branca."

"Eu ainda não entendo, entretanto. O que é CP?"

"*Confirmação de Paternidade*", disse Dreidel. "De acordo com isso, justo antes de levar o tiro, Boyle teve um filho do qual ninguém ficou sabendo."

75

"O que você fez?" O Romano perguntou, e sua voz soou como um grito agudo pelo telefone via satélite que enviava sinais embaralhados.

"Está ótimo. Problema resolvido", replicou O'Shea, mantendo o telefone perto e olhando pela pequena janela oval do hidroavião alugado.

"O que isto significa? Deixe-me falar com Micah!"

"Sim, bem... isto é um pouco mais difícil do que costumava ser", disse O'Shea, quando o avião desceu e aproximou-se das ondas verdes do lago Worth. Da altura atual — apenas algumas centenas de metros acima da água — os pátios internos das mansões de Palm Beach passavam indistintos.

"O'Shea, não me diga — o que você fez a ele?"

"Não me passe sermões, ok? Não tive escolha."

"Você o *matou*?"

O'Shea olhou pela janela enquanto o avião mergulhava poucos centímetros acima das ondas. "Seja esperto. Ele está acobertado pelo Diretório de Operações. Ele não deveria estar trabalhando em solo americano. E, por alguma razão, ele é apanhado parado na pista de corrida? Uma vez identificado por Wes, ele seria levado a interrogatório."

"Isso não quer dizer que iria falar!"

"Você acha? Você acha que se lhe oferecessem um acordo e lhe dissessem que sua pena seria leve, cada um dos dedos de Micah não apontaria em nossa direção?"

"Ele ainda é da CIA!", gritou O Romano pelo telefone. "Você faz ideia de que tipo de fogo isto vai iniciar? Você acaba de acender o maldito vulcão!"

"Você acha que foi agradável? Conhecia Micah desde a Faculdade de Guerra. Ele esteve na primeira comunhão de minha sobrinha."

"Bem, eu suponho que vai por água abaixo seu convite para a festa dos encantadores dezesseis anos dela!"

Com um solavanco final, o avião desceu para o desembarque. No instante em que o flutuador bateu na água, o avião pulou e balançou, desacelerando até flutuar com a corrente.

"Basto", avisou O'Shea, enquanto o hidroavião flutuante movia-se em direção à doca flutuante do desembarcadouro Rybovich Spencer. "Já foi bastante difícil."

"Realmente? Então você deveria ter pensado duas vezes antes de decidir enfiar uma bala nele! Você sabe como vai ser difícil encontrar uma outra pessoa dentro da Agência?"

"Você está me passando sermão sobre premeditação? Você se esqueceu do porquê de estarmos andando de um lado para o outro em todo esse estrume? É por causa da mesma coisa idiota que você fez com o famoso pagamento de seis milhões de dólares pelo *Blackbird*. Você se precipitou, enfiou os dedos em todas as tomadas elétricas, depois ficou louco comigo quando tive de lidar com toda a limpeza."

"Não mesmo — *Blackbird* foi uma decisão mútua!" explodiu O Romano. "Nós votamos naquilo!"

"Não, *você* votou. Foi *você* quem pôs o número alto daquele jeito. Quando eles decidiram que não iam pagar, *você* veio chorando que precisávamos de um auxiliar de dentro."

"Muito bem, então agora *você* não queria aqueles seis milhões?"

"O que eu não queria era ter de pedir *duas vezes* por aquele tipo de pagamento à vista. Nós passamos quase uma década construindo a sua maldita identidade do Romano — todas aquelas informações que fomos conseguindo e lhe passando para parecer que *você* tinha um grande, um ótimo informante lá fora. Diabos, eles ainda acham que O Romano é uma pessoa real que alimenta o governo com informações — tudo em função da meta de conseguir aquele incrível pagamento de muitos milhões de dólares. Uma vez! Com um só pedido! Foi projetado para ser assim — até *você* ficar

com os cifrões dos dólares nos olhos e pensar que podíamos fazer isso regularmente."

"Podíamos ter feito isto regularmente — cinquenta, sessenta, setenta milhões, facilmente. Você *sabe* que concordou."

"Então você devia nos ter ouvido e nunca ter se aproximado primeiro de Boyle", disse O'Shea, com a voz mais calma do que nunca. "E, ao contrário da última vez, estou cansado de deixar um trabalho incompleto vir nos atacar por detrás."

Enquanto Wes estiver por aí com aquela foto, nós dois temos alvos pintados em nossos peitos."

"Então, agora você também está pondo Wes no topo de sua lista? Eu pensei que tivesse concordado que ele era apenas uma isca."

Sem dizer nada, O'Shea observou enquanto o hidroavião passou em meio a uma dúzia de iates imaculados e se dirigiu lentamente para a doca flutuante.

"Dê uma olhada naquele veleiro na nossa frente", disse o piloto, enquanto retirava os fones de ouvido e entrava na parte de trás do avião. "Aquele é o veleiro rápido de Jimmy Buffett. Está vendo o nome dele? *Frieza*"

O'Shea acenou que sim, enquanto o piloto abria a escotilha, caminhava para fora e lançava a corda de amarrar para a doca.

"O'Shea, antes de emburrecer, pense no próximo mês", disse O Romano pelo telefone. "Se isto ficar conhecido na Índia..."

"Será que você está ouvindo? Não há próximo mês! Não há Índia! Ou Praga! Ou Libéria! Ou Lusaka! Nós juntamos nossos recursos — criamos o perfeito informante virtual — e ganhamos algum dinheiro. Mas agora estou exausto, colega. Você compreende? O pote de ouro — os setenta milhões — é papo furado. Acabou-se."

"Mas se você..."

"Não me importa", disse O'Shea, dirigindo-se para a porta e pisando na beirada das boias do avião. Um pequeno pulo o levou até a doca, de onde acenou para o piloto agradecendo e seguiu o caminho em direção às construções do ancoradouro.

"O'Shea, não seja tão teimoso", continuou O Romano. "Se você tocar em Wes agora..."

"Você está ouvindo? Eu. Não. Me importo. Não me importa que ele seja uma isca. Não me importa que ele seja a nossa melhor aposta para chegar em Boyle. Eu nem mesmo me importo que Nico consiga chegar primeiro até ele. Aquele rapaz conhece o meu nome, conhece minha aparência, e pior de tudo..."

Houve um clique leve no celular de O'Shea. Ele parou de andar mais ou menos na metade da doca. O identificador mostrava *Indisponível*. Nessa linha, só podia ser uma pessoa.

"O'Shea, ouça-me", ameaçou O Romano.

"Perdão, o sinal está ruim aqui. Eu ligo o telefone mais tarde."

Com um clique, ele atendeu a outra linha. "Fala O'Shea."

"E aqui é a sua consciência — pare de fazer sexo com homens nas paradas de caminhões. Vá a um bar — é mais fácil", disse Paul Kessiminan, rindo com o seu indolente sotaque de Chicago.

O'Shea nem se deu ao trabalho de responder à brincadeira.

Os camaradas técnicos — sobretudo aqueles da Divisão do Departamento de Tecnologia Investigativa — sempre se achavam mais engraçados do que de fato eram. "Por favor, diga-me que conseguiu sucesso com o telefone de Wes", disse O'Shea.

"Não. Mas depois de seguir o seu conselho e observar seus amigos, eu tive sorte com aquele do garoto gordo."

"O de Rogo?"

"Durante as últimas horas permaneceu quieto como se estivesse morto. Então tocou, recebendo uma chamada de um número registrado em nome de Eve Goldstein."

"Quem é Eve Goldstein?"

"Exatamente porque sabia que você ia perguntar é que procurei por ela. Sabe quantas Eve Goldstein tem no Condado de Palm Beach? Sete. Uma tem uma loja judaica, outra é diretora de uma escola, duas aposentadas..."

"Paulie!"

"... e uma escreve para a seção de jardinagem do *Palm Beach Post*" "Eles trocaram os celulares."

"Ooooh, você é bom. Deveria conseguir um emprego com o FBI." "Então, Wes ainda está com Lisbeth?"

"Creio que não. Acabei de ligar para o jornal. Aparentemente ela estava numa outra ligação. Acho que ela deu para Wes o telefone de sua amiga e livrou-se do seu no avião ou algo assim. Vou lhe dizer — o rapaz é esperto", disse Paul. "Sorte sua que eu sou mais esperto."

"Mas você rastreou o novo telefone até a localização atual?"

"Ele é de um modelo antigo, então não tem GPS. Mas eu *posso* localizar para você a torre de celular mais próxima. É a de número 626. Na County Road, apenas alguns quarteirões ao sul da Via Las Brisas."

No centro da longa doca, O'Shea se imobilizou. "Las Brisas? Você acha que ele foi ao...?"

"Só há um meio de descobrir, Tonto. Mas tome cuidado. Com o Nico solto, os quartéis-generais acabam de abrir suas próprias investigações."

O'Shea procurou dentro do bolso de sua jaqueta e tirou uma carteira preta de pele de avestruz com uma insígnia da CIA.

Quando a abriu, olhou pela última vez para a foto de Micah na carteira de motorista. Pelo estilo do cabelo castanho emaranhado e a curvatura dos dentes de baixo, a foto tinha pelo menos uma década. Era de antes que os dentes fossem endireitados. De antes que os cabelos fossem meticulosamente penteados para trás. De antes que eles ganhassem dinheiro de verdade.

O'Shea não gostava de ter roubado a carteira de seu velho amigo, mas sabia que isso lhe daria um dia antes que o corpo fosse identificado. Apesar de que agora, depois de ajustar seu coldre de ombros e verificar sua arma, tudo de que necessitava era de uma hora mais ou menos para acobertar as coisas e deixar aquela vida para trás.

Eles tinham criado um segundo "eu" para Egen como O Romano. Certamente O'Shea poderia criar algo novo para si.

"Quanto tempo você acha que vai levar para chegar lá?", perguntou Paul pelo telefone.

Sorrindo para si mesmo, da doca O'Shea jogou os documentos de Micah para dentro da água. Eles flutuaram por meio segundo, depois mergulharam e desapareceram de vista. "Nesse ritmo? Vou e volto bem rápido."

"Tente ligar de novo", disse Dreidel, enquanto virava a caixa à prova de ácido do arquivo e verificava as datas datilografadas na etiqueta da lombada: Boyle, Ron — Conselho de Política Interna — 15 de outubro — 31 de dezembro.

"Acabei de ligar", disse Rogo, indo até a estante e verificando as últimas caixas da pilha. "Você sabe como Wes demora para começar a falar de um assunto — ele nem terá conseguido começar caso esteja com Manning."

"Você deveria tentar falar com ele..."

"E dizer o quê? Que parece que Boyle teve um filho? Que há algumas anotações referentes a 27 de maio? Até obtermos mais detalhes, isso não nos ajuda em nada."

"Isso nos ajuda a manter Wes informado — especialmente onde ele está agora. Ele deve saber o que Manning sabia."

"E você tem certeza disso?" perguntou Rogo. "Manning sabia sobre o filho de Boyle?"

"É o seu melhor amigo — e está em seu arquivo", disse Dreidel. Sua voz falhou ligeiramente quando ele olhou para cima, para as últimas poucas caixas.

"Manning definitivamente sabia."

Rogo observou Dreidel cuidadosamente, captando a mudança em seu tom de voz. "Você está duvidando dele, não está, Dreidel? Pela primeira vez você está percebendo que pode haver uma fenda na máscara de Manning."

"Vamos continuar com o que estamos fazendo, está bem?", disse Dreidel, enquanto ele inclinava as duas caixas finais do tamanho de um engradado de leite e examinava as datas.

Uma estava etiquetada *Memorandos — 1º. de janeiro-31 de março*. A outra era *Audiência sobre AIDS no Congresso — 17 de junho-19 de junho*. "Diabos", sussurrou ele, colocando-as de lado.

"Aqui também não há nada", disse Rogo, fechando a última caixa e levantando-se. "Então, no total — quantas caixas nós temos que incluem a data de 27 de maio?"

"Apenas estas", disse Dreidel, apontando para quatro caixas de arquivos que eles tinham colocado em cima da mesa de trabalho. "Mais o cronograma que você arranhou, certo?"

"Não que isto ajude", replicou Rogo, ao mesmo tempo que acenava com o cronograma oficial de Manning do dia 27 de maio. "De acordo com isto, o presidente estava com sua esposa e sua filha em seu chalé na Carolina do Norte. Ao meio-dia, ele foi andar de bicicleta. Depois almoço e pesca no lago. Não fez nada a não ser relaxar durante o dia todo."

"Quem da equipe estava com ele?" perguntou Dreidel, que sabia que o presidente nunca viajava sem levar um pouco de trabalho.

"Albright..."

"Nenhuma surpresa — ele levava o chefe de Estado-Maior para toda parte."

"... e Lemonick."

"Estranho, mas não extraordinário."

"E ainda aqueles mesmos nomes que você disse que eram do Escritório de Viagens — Westman, McCarthy, Lindelof..."

"Mas não Boyle?"

"Não de acordo com esta lista", disse Rogo, folheando o resto do programa.

"Muito bem, então em 27 de maio, quase dois meses antes do tiroteio, Manning estava na Carolina do Norte e Boyle, presumivelmente, em D. C. Então a verdadeira pergunta é: o que Boyle estava fazendo enquanto o personagem estava fora?"

"E você acha que a resposta está dentro de uma destas?", perguntou Rogo, passando a mão pela parte de cima das quatro caixas.

"Estas são as únicas que têm datas que incluem o 27 de maio", disse Dreidel. "Estou lhe dizendo", acrescentou ele, enquanto batia

em cima da primeira caixa, "tenho um bom pressentimento. A resposta está aqui dentro."

"A resposta *não está* aqui de jeito nenhum!" gemeu Rogo quarenta e cinco minutos mais tarde.

"Talvez devêssemos olhá-las de novo."

"Nós já as olhamos duas vezes. Eu analisei cada folha de papel, cada arquivo, cada pequena e estúpida anotação posterior. Olhe para esses bilhetinhos!" disse ele, estendendo o indicador e o dedo do meio em um sinal de paz.

"*Fale baixo!*", sussurrou Dreidel, fazendo um gesto para o assistente que estava no computador.

Rogo lançou um olhar a Freddy, que devolveu um sorriso caloroso e um aceno. Virando-se de novo para Dreidel, ele acrescentou: "O.k., e agora o quê?"

"Não há muita escolha", disse Dreidel, enquanto examinava as trinta e oito caixas restantes empilhadas como pequenas pirâmides no chão. "Talvez elas tenham sido preenchidas com documentos fora de ordem. Folheie dentro de cada caixa e puxe para fora tudo que tiver a data de 27 de maio."

"São mais de vinte mil páginas."

"E, quanto antes começarmos, mais cedo conheceremos a história toda", disse Dreidel, arrastando uma nova caixa para cima da mesa de trabalho.

"Eu não sei", disse Rogo, quando agarrou pelas alças uma caixa velha e muito usada e ergueu-a para colocá-la em cima da escrivaninha. Quando ele a depositou lado a lado com a caixa de Dreidel, uma nuvem de poeira levantou-se como uma tempestade de areia. "Algo me diz que estamos procurando no monte de feno errado."

Port St. Lucie, Flórida

Edmund estava morto havia quase doze horas. Durante a primeira hora, quando Nico o prendeu com a correia no banco de passageiro do caminhão, bolhas espumantes de sangue se multiplicaram na ferida feita no pescoço de Edmund. Nico mal percebeu, estava muito excitado contando para seu amigo sobre Thomas Jefferson e Os Três originais.

Quatro horas depois, o corpo de Edmund havia endurecido.

Seus braços não estavam mais frouxos. Sua cabeça curvara-se de maneira desajeitada para trás e para a direita, não mais se sacudindo a cada solavanco. Em vez de uma boneca de trapos, Edmund se tornara um manequim imóvel. O *rigor mortis* tinha se estabelecido. Nico ainda não percebera.

Pela décima hora, o ambiente dentro da cabine do caminhão começou a ficar desagradável. Nos assentos... no capacho... no vinil da porta do lado do passageiro, o sangue começou a se decompor, fazendo com que cada mancha se tornasse de um vermelho-vivo mais escuro, pequenas manchas de líquido cor de rubi.

Mas mesmo quando deixaram tudo isso para trás — quando abandonaram o caminhão e usaram a manta de lã de Edmund para mudar para o Pontiac marrom — não havia como escapar do cheiro. E não era do corpo. Este levaria dias para se decompor, mesmo com o calor da Flórida. O verdadeiro horror repelente era provocado pelo que estava dentro do corpo, porque a falta de controle muscular de Edmund fez com que tudo saísse, desde fezes até gases que encharcaram suas roupas, as calças, o assento de tecido tipo

pergaminho e o cobertor empoeirado que cobria Edmund do pescoço até os pés.

No assento do motorista perto de Edmund, Nico não poderia estar mais feliz. Adiante dele, apesar do horário de grande movimento, o tráfego parecia tranquilo. A sua direita, em direção a oeste, o sol era um perfeito círculo alaranjado quando ele começou sua lenta curva baixando do céu. E, mais importante do que isso, quando eles passaram por uma outra placa verde de sinalização, Nico viu que estavam mais próximos do que pensara.

PALM BEACH 75 KM

Menos de uma hora e estaremos lá.

Mal conseguindo conter-se, Nico sorriu e respirou profundamente o cheiro forte e desagradável do carro.

Não sentia cheiro de nada. Ele não podia. Não quando a vida era tão doce.

Aumentando a velocidade, Nico procurou pelos limpadores quando uma chuva leve de final de dia salpicou o para-brisa da frente do Pontiac. Mas, antes de ligá-los, ele pensou de novo e desistiu. A chuva era leve. Apenas uma garoa. O suficiente para limpar o vidro.

Talvez você devesse...

"Sim, eu estava pensando na mesma coisa", disse Nico, acenando para si mesmo. Apertando um botão no painel, ele abriu o teto solar do carro, segurou o boné de beisebol dos Orioles, que havia roubado, e inclinou a cabeça para trás para olhar o céu cinzento.

"Segure o volante", disse ele a Edmund, enquanto fechava os olhos.

Com uma velocidade de cento e trinta quilômetros por hora, Nico largou o volante. O Pontiac deu uma ligeira guinada para a direita, batendo em um Honda prateado dirigido por uma mulher.

Dizendo uma prece para si mesmo, Nico manteve a cabeça para trás. O vento de fora batia contra a aba de seu boné querendo tirá-lo de sua cabeça. Pingos de chuva sapateavam em sua testa e no rosto. O batismo tinha começado. O endereço do apartamento de

Wes estava apertado em sua mão. A salvação — para Nico e sua mãe — estava a menos de uma hora.

78

Lisbeth pensou que a vizinhança seria um depósito de entulho. Mas, à medida que dirigia para oeste passando pelo Lakes Boulevard de Palm Beach e seguia as instruções de Violet — passar o Home Depot, o Best Buy e o Olive Garden, depois à direita no Village Boulevard —, ficou claro que não precisaria trancar as portas do carro. De fato, quando ela parou o veículo no portão vigiado do condomínio *Misty Lake*, a única coisa que teve de fazer foi abaixar o vidro.

"Olá, estou procurando a unidade 326", explicou Lisbeth para o guarda, lembrando-se das instruções de Violet para não usar seu nome. É claro, era tolice. Lisbeth já tinha seu endereço — quem se importava com seu nome?

"Identificação, por favor", disse o guarda.

Quando ela lhe entregou a carteira de motorista, Lisbeth acrescentou: "Perdão, eu acho que é a unidade 326 — estou procurando..."

"Os Schopf — Debbie e Josh", disse o guarda, entregando-lhe um cartão de estacionamento para visitante a ser colocado no painel.

Lisbeth acenou. "São eles mesmos." Esperando que o portão de segurança se fechasse atrás dela para escrever o nome de *Debbie Schopf* em seu bloco de anotações, ela seguiu as indicações e os infundáveis quebra-molas passando por fileiras e fileiras de casas rosadas idênticas, chegando, finalmente, ao local para estacionamento de convidados diante da estreita casa de dois andares com luzes de Natal cintilantes penduradas acima da porta e um homem de neve inflado no jardim viçoso. Natal na Flórida na unidade 326.

Andando pelo caminho da frente, Lisbeth enfiou o bloco de anotações na bolsa, para que não ficasse à vista. Violet já estava nervosa ao telefone. Não havia razão para aumentar...

"Lisbeth", chamou uma voz feminina, enquanto a porta da casa se abria.

Lisbeth ergueu o olhar até o nível dos olhos, o que a colocou diretamente diante do pescoço marrom-escuro de Violet. Só quando ergueu a cabeça é que Lisbeth viu a imagem toda da assombrosa afro-americana de 1,70 metro parada na porta.

Usando j e a n s desbotados e uma camiseta branca com decote em V, Violet quase parecia estar tentando se vestir como freira. Mas até mesmo uniformes padrão suburbanos não poderiam mascarar a beleza que havia ali debaixo.

"Você... vo... você quer entrar?", perguntou Violet com a voz trêmula, enquanto abaixava a cabeça e olhava para outro lado.

Lisbeth supôs que ela estava se mostrando tímida.

Provavelmente embaraçada. Mas quando se aproximou — passando por Violet e entrando na casa — ela teve a primeira visão nítida da sobrancelha esquerda de Violet, que parecia estar cortada em duas por uma pequena cicatriz branca que marcava sua pele escura que, fora isso, era perfeita.

"Isto é de... Ele fez isto?", perguntou Lisbeth, embora soubesse a resposta.

Violet ergueu o olhar, os ombros arqueando-se como um gato acuado — depois, rapidamente, sua postura se endireitou quando readquiriu a calma. Para Lisbeth foi como olhar muito tarde para a luz de um disparo que acabara de ocorrer. Dois segundos antes, a raiva explodira no olhar de Violet, depois desaparecera num piscar de olhos.

No entanto, como a luz do disparo perdido, a pós-imagem ainda era muito forte. Lisbeth não podia deixar de notá-la. E, naquele momento, ela viu a mulher segura de si, orgulhosa, confiante e frágil que a jovem Violet de vinte anos era. E que jamais voltaria a ser.

"Eu não quero meu retrato no jornal. Ou meu nome", sussurrou Violet, puxando a franja de cabelo para cima da cicatriz branca.

"Eu nunca fiz isso", disse Lisbeth, já se recriminando por investir muito rápido. Pelo jogo de chá cor-de-rosa de brinquedo espalhado pelo chão e o carrinho de boneca perto da entrada, Violet tinha muito a perder. Não havia jeito de Lisbeth conseguir a história sem uma abordagem mais suave.

"Adorável", disse Lisbeth, passando pelo corredor principal e admirando uma foto emoldurada de uma menina correndo perto de um esguicho, com a boca aberta e lambendo a água com a língua.

Violet mal e mal respondeu.

Lisbeth desviou o assunto. Todo pai gosta de falar sobre seus filhos.

No meio do corredor, Lisbeth examinou o resto das fotos de família ao longo das paredes. A menina com o esguicho.

Fotografada de novo com uma mulher ruiva na praia. E de novo com a mulher ruiva numa colcha cor de abóbora.

Quando Lisbeth verificou todas as fotos, ela percebeu que todas elas tinham pessoas brancas. De fato, nem uma — nem uma única — tinha uma pessoa negra.

Lisbeth a subestimara. Violet — ou qualquer que fosse seu nome — não era uma principiante tola.

"Esta não é sua casa, não é mesmo?", perguntou Lisbeth.

Violet parou na cozinha pequena e em desordem. Uma pequena mesa de plástico de Cinderela estava perto de uma mesa em tamanho normal imitando madeira. Uma meia dúzia de fotos estava disposta desordenadamente na porta da geladeira. De novo, todos eram brancos.

"E o seu nome não é Debbie Schopf, ou é?" acrescentou Lisbeth.

"Deixe Debbie fora disso..."

"Violet, se ela é sua amiga..."

"Ela está apenas me fazendo um favor."

"Violet..."

"Por favor, não a meta nisso — oh, Deus", disse Violet, protegendo os olhos com a mão. Foi a primeira vez que Lisbeth viu a fina aliança de ouro no dedo de Violet. O único detalhe em que acreditou.

"Ouça", disse Lisbeth, tocando no ombro de Violet. "Você está ouvindo? Eu não estou aqui para armar uma cilada ou armadilha e arrastar sua amiga para dentro. Eu juro. Só preciso saber se o que disse sobre Dreidel..."

"Eu não inventei."

"Ninguém disse que o fez."

"Você acabou de dizer que o meu nome não será usado. Você me disse isso."

"E eu mantenho o que disse, Violet." Lisbeth sabia que o nome falso a deixava à vontade. "Ninguém sabe que estou aqui. Nem meu editor, nem meus colegas, ninguém. Mas vamos lembrar. Você me convidou a vir aqui por uma razão.

O que Dreidel fez a você... quando levantou a mão..."

"Ele não levantou a mão! Ele enfiou o punho em meu rosto, depois me feriu com o espelho!" estourou Violet, o medo rapidamente sufocado pela raiva. "Aquele bastardo me feriu tanto que precisei dizer a minha mãe que havia sofrido um acidente de carro! Ela também acreditou nisso — depois que chutei e quebrei os faróis do carro para provar! Mas quando eu o vi no jornal... Se ele pensa que vou ficar quieta sobre tudo isso enquanto ele se exhibe como um Senador de estado do tipo escoteiro... Oh, não, não, não!"

"Eu quero ouvi-la, Violet — de verdade. Mas você tem de entender que não posso fazer nada, nem posso ajudá-la, até verificar isso. Agora, você disse que tinha provas. Elas são fotos, ou...?"

"Fotos? Mesmo quando está embotado, Dreidel não é tão estúpido." Saindo da cozinha, Violet entrou na sala, onde venezianas verticais beges impediam os últimos raios de sol de espreitar através das portas corrediças de vidro.

Esperando um momento para acalmar-se, ela pôs os cinco dedos contra o centro do peito.

"Você está bem?" perguntou Lisbeth.

"Sim, apenas — apenas odiando um pouco o passado, sabe o que quero dizer?"

"Você está brincando? Eu odeio até o presente."

Era uma brincadeira boba, mas exatamente do que Violet precisava para recuperar o fôlego. "Quando nós primeiro — você sabe, quando começamos", disse ela, ajoelhando-se e procurando debaixo do sofá estampado em forma de L, "eu nem tinha o direito de lhe perguntar sobre seu trabalho. Mas esses rapazes da Casa Branca... eles não são diferentes dos rapazes endinheirados de Palm Beach, ou de Miami ou de qualquer outro lugar... todos egocêntricos ao extremo, eles gostam de falar de si mesmos", ela acrescentou, enquanto puxava uma pilha de papel escrito de debaixo do sofá.

Envolta por uma grossa tira elástica, parecia uma pilha de catálogos e de correspondência. Quando Violet retirou o elástico, a pilha desmoronou em cima da mesa de café de fórmica creme.

"*As Observações do Presidente Manning para as Reuniões sobre a Cooperação Econômica Ásia-Pacífico*. Programa subscrito do funeral do rei do Marrocos..." Passando rapidamente os olhos pela pilha, Violet agitou os papéis um a um. "Olhe para este — cartão de visita pessoal do dono da Miami Dolphins com o seu telefone direto e o número do celular escritos à mão na parte de trás, junto com uma nota dizendo *Senhor Presidente, vamos jogar golfe*. Idiota."

"Eu não compreendo. Dreidel deixava esse material com você?"

"Deixava? Ele dava para mim. Orgulhosamente ele me dava. Não sei, era a sua patética maneira de provar que ele realmente estava ao lado do presidente. Cada vez que me encontrava eu ganhava um outro tanto do lixo da gaveta do presidente: os pedidos para almoço escritos à mão, cartões para marcar pontos quando ele jogava bridge, moedas militares, palavras cruzadas, etiquetas de bagagem..."

"O que você disse?"

"Etiquetas de bagagem?"

"Palavras cruzadas", repetiu Lisbeth, enquanto se sentava ao lado de Violet no sofá e se inclinava para a pilha em cima da mesa de café.

"Oh, eu realmente ganhei uma", disse Violet, procurando na pilha. "Manning era louco por elas. Dreidel dizia que ele podia fazer um jogo inteiro enquanto conversava pelo telefone com... Ah, aqui

está ela", acrescentou Violet, puxando um velho jornal dobrado da pilha.

Quando Violet o entregou, os braços, as pernas e todo o corpo de Lisbeth gelaram assim que ela finalmente deu uma olhada para o jogo... e as respostas do presidente escritas à mão... e a confusão das iniciais escritas na margem esquerda.

Suas mãos tremeram. Ela leu, depois leu de novo para ter certeza. *Eu não acredito. Como podemos ser tão...?*

"O quê?", perguntou Violet, nitidamente confusa. "O que há de errado?"

"Nada... só... eu posso entrar em contato com você nesse número, certo?" Quando Violet acenou que sim, Lisbeth copiou o número que estava escrito na base do telefone.

Levantando-se, ela continuava a apertar o jogo de palavras cruzadas em sua mão.

"Escute, posso tirar uma cópia disso? Vou trazer de volta assim que tiver terminado."

"Claro, mas... não entendo. O que você encontrou, a escrita à mão de Dreidel?"

"Não", disse Lisbeth, encaminhando-se para a porta, abrindo o celular e já discando o número de Wes. "Algo muito melhor do que isso."

Em silêncio durante quase vinte e cinco minutos, Rogo estava inclinado sobre a caixa de arquivo em seu colo, enquanto seus dedos passavam por cada página do arquivo aberto. "Quem você acha que é a mãe?", perguntou ele por fim, enquanto o sol deixava de entrar pela janela ao lado.

"Do filho de Boyle?" replicou Dreidel, folheando as páginas de sua própria caixa. "Não faço ideia."

"Você acha que era alguém importante?"

"Defina importante."

"Não sei... ele podia estar dormindo com qualquer uma: alguém importante na equipe... alguém de dentro da Casa Branca... a primeira-dama..."

"A primeira-dama? Você está brincando? Acha que não perceberíamos se a senhora Manning — dentro da Casa Branca — começasse a vomitar, ganhar peso, consultar um médico — para não dizer que ela poderia aparecer um dia com uma criança com a cara de Boyle?"

"Talvez ela não tenha tido a criança. Ela podia ter sido..."

"'Confirmação de Paternidade' significa que a criança nasceu", insistiu Dreidel, indo até o outro lado da mesa e pegando uma nova caixa. "Estaria escrito *A B T* se pensassem que era um aborto. E, mesmo que não fosse esse o caso — a primeira-dama? Ora... quando chegou a hora de sair da Casa Branca, ela estava mais aborrecida que o próprio presidente. Não era possível que ela arriscasse alguma coisa em favor de um tolo namorico com Boyle."

"Eu só estava dizendo que podia ser qualquer pessoa", disse Rogo, chegando quase na metade da caixa quando encontrou uma grossa pasta sanfonada marrom com duas fotos emolduradas.

Pegando a moldura de prata que estava na frente, ele olhou para a foto da família de Boyle com sua mulher e filha.

Na frente de uma queda de água, Boyle e sua mulher abraçavam alegremente sua filha de dezesseis anos, Lydia, que, no centro da fotografia, parecia gritar e sorrir ao mesmo tempo, enquanto a água gelada da cachoeira molhava suas costas. Rindo com ela, Boyle tinha a boca bem aberta, e, apesar do grosso bigode dele, era visível que Lydia tinha o sorriso do pai. Um sorriso amplo e que mostrava os dentes. Rogo não conseguia afastar os olhos. Apenas um grande e feliz...

"É apenas uma foto", interrompeu Dreidel.

"O quê?" perguntou Rogo, olhando por cima do ombro.

Atrás dele, Dreidel olhava para a foto enquadrada de Boyle na cachoeira. "Esta é apenas uma foto", avisou ele.

"Acredite-me, muito embora eles estejam sorrindo, isto não significa que estão felizes."

Rogo olhou para a foto, depois para Dreidel, cujos lábios estavam pressionados. Rogo conhecia aquele olhar. Ele o via todos os dias em seus clientes de multas de trânsito por excesso de velocidade. Todos nós conhecemos os próprios pecados.

"Então a mãe para o problema de paternidade de Boyle..." começou Rogo.

"... podia ser qualquer uma", concordou Dreidel, feliz de voltar à pesquisa. "Embora, conhecendo Boyle, aposto que era alguém de quem nunca ouvimos falar."

"O que o faz dizer isto?", perguntou Rogo.

"Não sei — é apenas... quando estávamos na Casa Branca, Boyle era desse jeito. Como o amigo mais velho de Manning, ele nunca realmente fez parte da equipe. Ele era mais — ele estava *a / i*", disse Dreidel, mantendo sua mão esquerda com a palma para baixo no nível dos olhos. "E ele achava que o resto de nós estava *a / i*", acrescentou, batendo a palma direita contra a mesa de trabalho.

"Esse é o benefício de ser o Primeiro Amigo."

"Mas a coisa é a seguinte — eu sei que ele adquiriu uma espécie de santidade quando foi baleado, mas de onde eu me encontrava,

lá dentro, sei que Boyle passou muitos dias em maus lençóis."

"Talvez tenha sido quando Manning descobriu sobre a criança."

Pela segunda vez, Dreidel ficou em silêncio.

Rogo não disse uma palavra. Retirando a segunda moldura de sua caixa, ele abriu a perna de trás da moldura preta, de acabamento fosco, e colocou-a de pé na mesa de trabalho.

Dentro havia uma foto tirada de perto de Boyle e sua esposa, as maçãs de seus rostos pressionadas uma contra a outra enquanto eles sorriam para a câmera. Pela espessura de seu bigode e os cabelos fartos, era uma foto antiga. Duas pessoas apaixonadas.

"O que mais você conseguiu além das fotos?", perguntou Dreidel, virando ligeiramente a caixa e lendo a palavra *Miscelânea* na etiqueta principal.

"Sobretudo material de escrivantina", disse Rogo, enquanto esvaziava a caixa, tirando um livro de capa dura sobre a história do genocídio, uma brochura sobre o legado da Irlanda e uma tira de borracha envolvendo uma cópia prévia de um livro altamente criticado chamado *O mito Manning*.

"Lembro de quando o livro saiu", disse Dreidel. "Uma tolice pomposa, nunca fomos consultados para uma verificação dos fatos."

"Não posso acreditar que eles guardaram todo esse lixo", disse Rogo, quando tirou um passe de estacionamento de dez anos atrás para o Kennedy Center.

"Para você é lixo — para a biblioteca, isto é história."

"Vou lhe dizer uma coisa — mesmo para a biblioteca, este lixo é lixo", disse Rogo, tirando uma pequena pilha de recibos de táxis, um pedaço de papel escrito à mão com a indicação para ir ao Arena Stage, um cartão de resposta não preenchido para o casamento de alguém, um desenho pintado a dedo com as palavras *Tio Ron* escritas no alto, e uma pequena caderneta de notas em espiral com o logotipo do time de futebol Washington Redskins na frente.

"Pare, pare, pare — o que você está fazendo?", interrompeu Dreidel.

"O quê? Isso?" perguntou Rogo, apontando para o desenho a dedo.

"*Aquilo*", insistiu Dreidel enquanto agarrava a caderneta em espiral com o logotipo do time de futebol.

"Não entendi — para que você quer um programa de futebol?"

"Isto não é um programa." Abrindo a caderneta, Dreidel mostrou-a para Rogo, revelando um calendário diário com a primeira semana de janeiro. "Esta é a agenda de Boyle."

As sobrancelhas de Rogo se ergueram enquanto ele dava uma palmada no topo de sua cabeça excitada. "Então podemos ver todos os seus encontros..."

"Exatamente", disse Dreidel, já folheando a agenda rapidamente. "Encontros, jantares, tudo — e mais particularmente o que tinha marcado na noite de 27 de maio."

80

"Senhor presidente?", chamo ao abrir a porta da frente.

Ninguém responde.

"Senhor, é Wes — o senhor está aí?", pergunto de novo, mesmo sabendo a resposta. Se ele não estivesse ali, o Serviço Secreto não estaria lá fora. Mas, mesmo depois de todos nossos anos juntos, eu sempre tomo cuidado para manter-me em meu lugar. Uma coisa é andar em seu escritório. Outra diferente é entrar em sua casa."

"Aqui atrás", diz uma voz de homem, ricocheteando pela longa entrada central que leva para a sala de estar. Paro um instante, incapaz de reconhecer a voz — polida, com um toque de sotaque inglês —, mas rapidamente entro e fecho a porta. A decisão de vir até aqui fora muito difícil de ser tomada. Mesmo que ele tenha convidados, não vou retroceder agora.

Ainda tentando identificar a voz, dirijo-me para o corredor e dou uma olhada na fotografia do tamanho de um pôster, emoldurada em preto-e-branco, que fica acima da antiga cômoda e do vaso de flores frescas à minha direita. A foto é a favorita de Manning: uma vista panorâmica de sua escrivaninha no Salão Oval, tirada por um fotógrafo que literalmente colocou a câmera na cadeira do presidente e bateu no obturador. O resultado é uma recriação exata da antiga vista de Manning atrás da mais poderosa escrivaninha do mundo: fotos de família de sua esposa, a caneta deixada para ele pelo presidente anterior, uma nota pessoal escrita por seu filho, uma pequena placa de ouro com a citação de John Lennon: "Um herói da classe trabalhadora é o que uma pessoa de importância deve ser", e uma foto de Manning sentado com sua mãe no dia em que chegou à Casa Branca — seu primeiro encontro oficial no Salão Oval. À esquerda, na escrivaninha, o telefone de Manning aparece

quase tão grande quanto uma caixa de sapato, a câmera estava tão próxima que se podiam ler os cinco nomes impressos na discagem automática: *Lenore* (esposa), *Arlen* (o vice-presidente), *Carl* (o conselheiro de segurança nacional), *Warren* (o chefe da assessoria) e *Wes*. Eu.

Com o apertar de um botão todos nós chegávamos correndo.

Oito anos depois, eu não mudei. Até agora.

Seguindo pelo corredor, entro em uma sala de estar formal, onde, no centro de um tapete tibetano, Manning está em pé sobre um pequeno banquinho enquanto um homem bronzeado com cabelos loiros despenteados, que mal cobrem sua grande testa, esvoaça ao redor dele como um alfaiate ajustando um terno.

"Por favor, senhor presidente, é preciso que fique parado", pede ele no que eu agora percebo como sendo um sotaque educado da África do Sul.

Logo atrás do Testa Grande, uma fotógrafa de vinte e poucos anos, com cabelos curtos eriçados, abaixa o queixo e um flash explode.

Apenas quando vejo que o Testa está segurando um paquímetro — que lembra uma régua com uma chave de porcas múltiplas na sua extremidade — é que percebo o que está acontecendo. A fotógrafa bate outra foto de Manning.

Sobre o sofá encontra-se uma caixa quadrada, facilmente confundível com uma daquelas de jogo de damas chinês, que contém uma dúzia de fileiras de olhos de vidro, cada uma com uma diferente tonalidade do cinza dos olhos de Manning. O próprio Manning está perfeitamente imóvel e o paquímetro faz click-click ao redor de seu pulso, uma leitura digital que dá ao Testa uma nova medida. O museu de cera de Madame Tussaud se orgulha de sua precisão.

Mesmo com celebridades que não estão à vista de todos.

"O que você acha — eles estão mais escuros agora, não é?", diz a afro-americana baixa, enquanto segura dois olhos de vidros de um cinza de bronze de canhão que me fitam diretamente. O estranho é que, mesmo estando seguros no ar, eles se parecem sinistramente com os de Manning. "Estes eram da figura original na

Casa Branca — feita à mão, é claro —, mas sinto que eles adquiriram um tom de cinza mais escuro com o passar dos anos."

"Sim... claro", gaguejo, olhando para o meu relógio. "Ouça, você sabe quanto tempo isso vai durar...?"

"Relaxe, Wes", interrompe Manning com o último tipo de riso que tenho vontade de escutar. A única ocasião em que ele fica tão excitado é durante o encontro anual em que o pessoal de sua biblioteca se reúne. Com sua antiga equipe reunida, ele de novo se sente como se estivesse no comando.

Isso dura no máximo quatro horas. Depois ele volta a ser mais um ex-presidente cuja comitiva de dois carros tem de parar nos faróis vermelhos. Hoje, o pessoal do Madame Tussaud lhe traz de volta a atenção dos dias de glória.

Manning não quer largá-los. "O programa está claro", ele me diz. "Onde mais você deve ir?"

"A lugar nenhum, senhor. Mas agora que... com Nico solto..."

"Agora você parece a Claudia." Mas quando se volta e olha para mim, ele se interrompe. Eu posso saber como interpretá-lo perfeitamente, mas ele sabe melhor ainda como me interpretar — sobretudo quando falamos de Nico.

"Wes", diz ele, sem nem precisar de palavras.

Estou bem, respondo apenas com um aceno. Ele sabe que é mentira, mas também sabe por quê. Se eu for ter essa discussão, não vai ser na frente de uma audiência.

Determinado a manter as coisas em andamento, dirijo-me ao Testa, que parece ser o encarregado.

"Declan Reese — do museu Madame Tussaud. Obrigado por nos receber de novo", diz o Testa, saudando-me com o paquímetro e estendendo a mão para um aperto. "Nós tentamos nunca pedir a alguém que faça isto duas vezes, mas a popularidade da figura do presidente Manning..."

"É que eles acham que estou ficando velho e querem ter certeza quanto ao tamanho de minha papada", diz Manning, brincando de bater no próprio queixo.

Todo o pessoal do Tussaud dá risada. Especialmente porque é verdade.

"Sem problema", digo, sem esquecer o trabalho. "Apenas lembre..."

"Trinta minutos", promete Declan, enquanto explode um outro flash. "Não se preocupe — eu fiz Rudy Giuliani em vinte e sete minutos, e ainda conseguimos os seus lábios rachados e o vermelho-vivo de suas articulações."

Quando a mulher que segurava o olho de vidro prepara uma placa de morder para tirar as impressões dos dentes, Declan me puxa de lado e segura meu cotovelo. "Estávamos pensando se poderíamos conseguir uma outra roupa. Algo mais informal que refletisse a pós-presidência", sussurra ele alto o bastante para que Manning possa ouvir. "Os escritórios de Bush e de Clinton nos enviaram algumas camisas de golfe."

"Perdão... na verdade não fazemos esse tipo de..."

"O que Bush e Clinton enviaram? Camisas de golfe?", pergunta Manning, que nunca quer ser deixado de lado.

Todos os dias, nós rejeitamos dúzias de endossos para anúncios publicitários de *Got Milk?*, desde conjuntos de jogos de xadrez presidenciais, noites de autógrafos, até um papel de dez milhões de dólares por um trabalho de dois dias em um filme. Mas, quando os ex-presidentes estão envolvidos, Manning não consegue deixar de não se envolver. "Wes, faça-me um favor e pegue para eles um de meus blazers azuis. Se lhes dermos uma camisa de golfe, eles vão nos vestir como os 'Três Patetas'."

Quando todo o mundo ri de novo, e eu olho furtivamente para Declan que sabe exatamente o que está fazendo. Ele conseguiu a receita dos óculos de Woody Allen — ele pode obter as roupas de um ex-presidente.

"Obrigado, bondoso senhor", acrescenta Declan com seu sotaque polido, enquanto eu me dirijo de volta ao corredor indo em direção às escadas. Comumente eu resistiria — mas, quanto antes eles forem embora, mais cedo poderei descobrir o que está acontecendo com Boyle.

Concentrado nisso, eu agarro o corrimão, encenando o momento em minha cabeça. Quando se trata de dar más notícias para Manning, o melhor a fazer era falar diretamente. *Senhor, acho que*

vi Boyle na outra noite na Malásia. Eu conheço as reações de Manning — como ele sorri quando está furioso ou ergue o queixo quando finge surpresa. Apenas observando suas reações consigo todas as respostas de que preciso.

No alto das escadas, o celular vibra em meu bolso. O identificador mostra que é Lisbeth. Desligo o aparelho, recusando-me a responder. Minha cota de conversa fiada havia sido preenchida naquele dia. A última coisa de que preciso é de mais um falso pedido de desculpas.

Mais aborrecido do que nunca, atravesso rapidamente o corredor do segundo andar revestido com duas bandeiras: uma que esvoaçava sobre a Casa Branca no primeiro dia de Manning no escritório, a outra que esvoaçava no dia em que saiu. No momento em que me aproximo do dormitório no lado esquerdo, já estou repensando minha estratégia com Manning. Talvez eu devesse apenas falar sem pensar. Ele sempre recebe melhor quando há uma conduta suave.

Senhor, sei que isso vai parecer estranho...

Senhor, não sei direito como expressar isso...

Senhor, será que sou realmente tão covarde quanto acho que sou? Conhecendo a resposta, eu abro a porta do quarto e...

"Aaaaah...!" grita a primeira-dama, pulando em sua poltrona ao lado da antiga escrivaninha em um canto do quarto. Ela se vira tão depressa para me olhar que seus óculos voam do rosto, e, embora ela esteja completamente vestida com calças brancas e uma blusa azul-clara, eu cubro os olhos, recuando imediatamente.

"Desculpe, senhora. Não me dei conta de que a senhora estivesse..."

"E-Está bem", diz ela, com a mão direita acenando para me tranquilizar. Fico esperando que ela diga para eu me afastar.

Em vez disso, ela foi apanhada tão de surpresa que não diz nada. Seu rosto está ruborizado e seus olhos piscam repetidas vezes, buscando acalmar-se. "Só... você só me surpreendeu."

Ainda procurando me desculpar, apanho seus óculos e dou um passo à frente para devolvê-los. Só quando chego diante dela é que

vejo que sua mão esquerda está escondendo algo debaixo da almofada de sua poltrona.

"Obrigada, Wes", diz ela, pegando os óculos sem erguer o olhar.

Girando sobre os calcanhares, volto em linha reta para a porta — mas não sem antes dar uma olhada por cima do ombro. A dra. Lenore Manning passou por duas eleições presidenciais, três batalhas pelo governo do estado, dois partos naturais e quatro anos de ataques incessantes contra ela, seu marido, seus filhos, sua família e quase todos os amigos próximos, inclusive uma história com cobertura de capa na *Vanity Fair*, com a fotografia mais caseira jamais tirada dela e a seguinte manchete: *A doutora primeira-dama está em casa: porque o atraente foi esquecido — e a inteligência é a moda*. Nessa altura, mesmo os piores ataques contra ela diminuíram. Então, quando a vejo olhar de volta para mim — quando nossos olhos se encontram e percebo o rubor que ela rapidamente tenta esconder com um sorriso e um outro agradecimento... Então ali minhas pernas ficam travadas. Ela pode piscar quanto quiser, eu reconheço lágrimas quando as vejo.

Ao caminhar sem firmeza até a porta, o embaraço está me dominando. *Vá... mexa-se... desapareça*. Eu não devia estar ali. Sem pensar, eu me precipito pelo corredor e dirijo-me para as escadas. Qualquer coisa para sair dali. Meu cérebro está disparado, ainda lutando para processar. *Nem é que... Em todos os meus anos com eles... O que pode ser tão terrível a ponto de fazê-la chorar?* Procurando uma resposta, detenho-me no alto das escadas e olho para trás por cima do ombro. À minha direita encontra-se a bandeira do dia em que saímos da Casa Bran... Não. Nós não saímos da Casa Branca. Fomos postos fora. Postos fora por causa da reação de Manning naquele dia na pista de corrida. Postos fora depois que Boyle foi baleado. Postos fora depois que Boyle morreu naquela ambulância.

Eu assisti ao funeral pela TV em minha cama de hospital.

Naturalmente eles tentaram não mostrar as reações do presidente e da primeira-dama. Escondida por seu chapéu preto de abas largas, ela mantinha a cabeça firme e tentava conter-se — mas, quando a filha de Boyle começou a falar...

A câmara a mostrou durante meio segundo, sem nem perceber o que estava ocorrendo. A primeira-dama enxugou o nariz e depois sentou-se mais ereta do que nunca.

Rapidamente tudo tinha terminado. No entanto, aquela foi a primeira vez que vi a primeira-dama chorar.

Até este momento.

Ainda olhando por cima do ombro, eu espio o corredor para onde a porta do quarto permanece aberta. Sem dúvida, eu devo descer. Esse não é assunto meu. Há infinitos motivos pelos quais ela poderia estar chorando. Mas bem agora, dois dias depois de ter visto os olhos castanhos com um toque de azul de Boyle... um dia depois de Nico escapar de St. Elizabeths... mais o que a primeira-dama estava escondendo debaixo do assento da poltrona... Chego a odiar a mim mesmo apenas por pensar nisso. Eles deveriam me despedir apenas por ter pensado nisso. Mas, com todas as coisas acontecendo numa espécie de turbilhão, ir embora agora — desistir, fazer de conta que não há nada ali, descer as escadas sem descobrir por que a mulher mais poderosa do mundo ficou subitamente desolada. Não. Não posso. Preciso saber.

Virando-me em direção ao dormitório, eu ando silenciosamente pelo carpete dourado feito à mão que cobre o corredor. Ouço uma fungada vinda da direção do quarto.

Não um choro. Mas uma fungada forte e final, que sepulta tudo. Apertando os punhos e segurando a respiração, eu dou mais dois passos na ponta dos pés. Durante oito anos, eu lutei para proteger a privacidade deles. Agora sou aquele que a invade. Mas se há algo que ela sabe... algo sobre o que aconteceu... caminho quase até a porta. Mas, em vez de me dirigir ao quarto à esquerda, estico o pescoço, para ter certeza de que a primeira-dama não pode me ver, e entro na porta aberta do banheiro que fica na diagonal do outro lado do corredor, à minha direita.

Com o sol se pondo lá fora, o banheiro está escuro. Quando me escondo atrás da porta, meu coração está batendo tão forte que eu sinto as pulsações nas têmporas. Para ficar a salvo, fecho metade da porta e espreito pela abertura vertical entre a lateral da porta e o batente. Do outro lado do corredor, em seu quarto, as costas da

primeira-dama são visíveis para mim enquanto ela está sentada ao lado da escrivaninha. Da posição em que me encontro, só vejo a metade do seu corpo — como se ela estivesse dividida verticalmente em duas —, mas é apenas a metade de que necessito, sobretudo quando ela procura debaixo do assento e tira para fora o que escondeu.

Pressionando o nariz na abertura, eu mantenho os olhos entrecerrados tentando ver do que se trata. Uma fotografia?

Um memorando? Não tenho chance. As costas dela bloqueiam tudo. Mas quando ela segura o papel, abaixando a cabeça para examiná-lo, não há dúvida quanto à súbita queda em sua postura. Os ombros se curvam. Sua mão direita começa a tremer. Ela levanta a mão como se fosse pressionar a ponta do nariz, mas uma outra fungada se faz ouvir, seguida por uma lamúria quase inaudível — percebo que ela não está pressionando o nariz. Ela está enxugando os olhos. E mais uma vez choran...

Rapidamente, sua postura se endireita e os ombros se erguem. Como antes, ela enterra o momento, uma fungada final limpando os últimos vestígios de sujeira no sepultamento de qualquer emoção que surgira antes e que momentaneamente ela deixara entrever. Mesmo quando sozinha, mesmo quando o seu braço continua a tremer, a mulher do presidente se recusa a mostrar fraqueza.

Movimentando-se como se estivesse apressada, ela prontamente dobra a foto, ou o memorando, ou o que quer que seja, e o enfia entre as páginas finais do que parece ser uma brochura em cima de sua escrivaninha. Eu quase esqueci. Manning não é o único que o pessoal do Madame Tussaud veio ver. Com um último suspiro profundo, a primeira-dama alisa a blusa, dá umas palmadinhas nos olhos e ergue o queixo. A máscara pública está de novo no lugar.

Quando se vira para sair do quarto, ela olha pelo corredor, para o espaço escuro onde me encontro, parando por um segundo. Eu me encolho e saio de perto da fenda da porta, e ela continua andando, olhando rapidamente para o outro lado. Não, não houve chance. Ela não viu nada. Escondido pela escuridão, eu observo

enquanto ela passa por mim, virando à esquerda quando alcança o corredor. Depois de alguns segundos, seus passos ressoam na escada de madeira, ficando mais fracos a cada instante. Eu nem respiro até ouvir os seus passos desaparecerem no carpete ao pé da escada. Mesmo então, ainda conto até dez, para ter certeza.

Uma onda de náusea me invade. Que diabos estou fazendo?

Tentando me livrar dessa sensação, eu aperto a descarga, abro a torneira, e saio do banheiro como se tudo estivesse normal. Uma rápida olhada no corredor me mostra que não há ninguém ali.

"Doutora Manning?", digo brandamente.

Nenhuma resposta. Estou sozinho.

Através da porta aberta do dormitório dos Manning, a antiga escrivaninha fica a menos de dez passos de distância. Em todos os nossos anos de convívio, nem uma só vez traí a confiança deles. Digo isso de novo para mim mesmo enquanto olho para o livro em cima da escrivaninha. Ele está simplesmente ali. Com a resposta em seu interior.

Se eu fosse Rogo, eu faria isso. Se eu fosse Dreidel, eu faria isso. Se eu fosse Lisbeth, já teria feito isso dois minutos atrás. Mas eu sou eu. E nisso está o problema *real*. Eu me conheço. Conheço minhas limitações. E sei que, se eu entrar ali, essa é uma ação que nunca poderei desfazer. O meu antigo eu nem consideraria fazer tal coisa. Mas acho que não sou mais aquele homem.

Apertando os punhos, dou quatro passos para dentro do quarto, em direção à escrivaninha. O livro preto é grosso e tem relevos dourados na capa. *Bíblia Sagrada*. Não sei por que fico surpreso.

Quando pego a Bíblia e a abro de trás para diante, a folha dobrada praticamente salta fora. Eu a desdobro com tanta pressa que quase a rasgo. Eu pensava que fosse uma fotografia ou algum tipo de memorando oficial. Não é. Trata-se de uma carta. Escrita à mão em inglês claro, numa folha simples de papel. A escrita à mão não é familiar mas precisa — letras de forma minúsculas e perfeitas, delineadas de modo a evitar qualquer estilo ou peculiaridade. Como se fosse escrita por alguém que houvesse passado anos aperfeiçoando maneiras de passar despercebido.

Para ter certeza, viro a página para ler a assinatura atrás.

Como no resto, as letras são simples, quase banais. A ponta do R se prolonga mais do que o resto. *Ron*. Ron Boyle.

Cara Lenore, leio quando torno a virar a carta, minha cabeça minha cabeça em tal estado de ebulição que tudo o que posso fazer é ler às pressas. *Por favor, perdoe-me... nunca pensei em enganá-la... só pensei, para o bem de todos... por todos os meus pecados... para finalmente proteger aqueles que feri... Minha punição, Lenore. Minha reparação.*

Por favor, compreenda, eles disseram que podia ser qualquer um... que podia ter sido você... E quando não houve pagamento pelo Blackbird, quando descobri o que ele

Ele? Quem é ele?, pergunto-me, ainda lendo às pressas.

E Blackbird? Será o que eles chamavam de seis milhões de dólares...?

"Ei!", chama atrás de mim uma voz de mulher.

Meus pulmões param de funcionar e meu corpo fica gelado.

Eu já estou sem equilíbrio quando me viro para encará-la.

A primeira-dama está parada na porta, os olhos verde-folha enfurecidos. "Que diabos você acha que está fazendo?"

81

"Devem estar se divertindo à minha custa."

"Isto é ruim?", perguntou Rogo, inclinando-se e lendo por cima do ombro de Dreidel.

Na mesa de trabalho à frente deles, a agenda estava aberta na semana de 22 de maio. No quadrado de *23 de maio, segunda-feira*, estava escrito à mão: *Manning em Nova York*. Na quarta-feira, dia 25, havia a anotação *Elliot na entrevista da manhã*. E na quinta-feira, dia 26, a anotação *Senador Okum, angariação de fundos — Wash Hilton — 19h*. Mas o que chamou a atenção de Rogo foi o quadrado do dia 27, que estava riscado com uma caneta grossa:

"Eles riscaram em cima?", perguntou Rogo.

[REDACTED]

"Isto é trabalho da biblioteca — eles leem tudo em todos os arquivos e decidem o que pode ser revelado ao público."

"Eu compreendo o modo de fazer: Eu só queria... Espere...", disse Rogo, interrompendo a si mesmo e estendendo a mão para tocar na página do lado direito do calendário. Mesmo antes de esfregar com o dedo, ele pôde ver que a página era feita de um papel mais fino e brilhante do que o resto das páginas que compunham a agenda. "Esta nem é a página original, não é?"

"Fotocópia — é assim que os cortes são feitos", explicou Dreidel. "Eles não podem arruinar o original, então fazem uma segunda cópia, riscam em cima, e colam de novo no lugar do original."

"Muito bem, ótimo — então como conseguimos o original?"

"De fato, eles em geral... Aqui, deixe-me ver", disse Dreidel, pesquisando a agenda e folheando para trás, até a primeira página depois da capa. Sem dúvida, dobrada e presa à primeira página havia uma outra página fotocopiada.

Quando Dreidel a desdobrou, Rogo leu no topo as palavras *Folha Retirada*.

"Todas as vezes que eles suprimem algo, devem documentar", disse Dreidel, enquanto os dois liam a página.

TIPO DE DOCUMENTO	ASSUNTO/TÍTULO	DATA	RESTRIÇÃO
1. Calendário	Programa Boyle lp., parcial	27/5	B6
1. Calendário	Programa Boyle lp., parcial	3/6	B6

"O que é B6?" perguntou Rogo.

Com os olhos meio fechados para ler as letras pequenas, Dreidel passou às pressas pela lista de restrição no final da página retirada.

"B1 é quando ela é confidencial... B2 quando um departamento dentro do governo a proíbe..."

"E B6?"

"A revelação constituiria claramente uma invasão imperdoável de privacidade pessoal", Dreidel leu, olhando a página.

"Então, é algum segredo da vida pessoal de Manning?"

"Ou do próprio Boyle", esclareceu Dreidel. "Os encontros e os programas podem ser atividades em função da Casa Branca, mas se Boyle escreve algo... não sei, como sua senha para a retirada de dinheiro em caixa eletrônico ou o número do Seguro Social... isto nitidamente não tem nada a ver com a presidência, mas também é riscado com a caneta preta."

Rogo folheou a agenda de novo, voltando para a página de 27 de maio.

[REDACTED]

"Parece ter mais números do que o de uma senha para caixa eletrônico."

"Ou um número de Seguro Social", acrescentou Dreidel.

"Talvez a gente possa ir falar com a arquivista, e quem sabe você consiga usar sua influência de novo até que ela nos mostre o original."

"Você está *brincando*? Depois de tudo o que dissemos, ela já tem enormes suspeitas."

"Podemos encontrar a página original sozinhos? Será que está aqui dentro?", perguntou Rogo, apontando para a caixa de metal no canto da sala onde havia pelo menos dez prateleiras empilhadas até o teto com caixas de arquivos.

"Certo, vamos procurar ao acaso em mais de cinco milhões de documentos, logo depois de nos esquivarmos do cara que está nos observando e descobriremos como abrir a fechadura à prova de bomba que protege todos os outros arquivos considerados de segurança nacional. Olhe para aquela coisa — ela se parece com a caixa-forte no filme *Duro de matar*?"

Rogo virou-se para olhar o cofre. Mesmo do outro lado da sala, a grossura do cadeado de aço era evidente. "Então é assim? Nós desistimos?"

Abaixando o queixo e disparando um olhar para Rogo, Dreidel pegou a agenda e enfiou-a debaixo da mesa de trabalho. "Você acha que sou parecido com Wes?" perguntou ele, enquanto olhava por cima do ombro de Rogo.

Seguindo o olhar de Dreidel, Rogo virou-se de novo enquanto seguia o olhar do companheiro para Freddy, o assistente, que ainda estava digitando na bancada de computadores.

"Rapazes, vocês estão prontos para terminar?", perguntou Freddy. "São quase cinco horas."

"Mais dez minutos — no máximo", prometeu Dreidel. Lá fora, através das altas janelas de vidro espelhado que davam para a

estátua de bronze brilhante de Manning, o sol de dezembro baixava rápido no céu. Sem dúvida, estava ficando tarde. Abaixando-se em seu banco e escondendo-se da vista de Freddy, Dreidel sussurrou para Rogo: "Mova-se um pouco para a esquerda".

O que você...?

"Nada", disse Dreidel calmamente, as mãos ainda escondidas enquanto ele segurava a agenda debaixo da mesa de trabalho. "E com certeza eu não estou mutilando uma propriedade do governo ao retirar uma página de papel deste calendário historicamente precioso." Quando um leve sorriso malicioso apareceu no rosto de Dreidel, Rogo ouviu *rip, rip, rip* debaixo da mesa — como as últimas borbulhas de bolhas de sabão estourando... ou uma página sendo arrancada de meia dúzia de grampos de papel.

Com um movimento rápido final, Dreidel arrancou o último pedaço, depois dobrou a página da agenda com o dia 27 de maio e a enfiou no bolso de sua jaqueta. "Estou lhe dizendo, não está aqui!", disse ele, elevando a voz enquanto colocava a agenda de volta em cima da mesa de trabalho. "Ei, Freddy, você pode dar uma olhada nisso? Acho que está faltando uma página em um dos arquivos."

Saindo de seu banco, Dreidel entregou a agenda para Freddy e apontou para o lugar da página retirada. "Olhe, aqui diz que há um corte no registro do dia 27 de maio, mas, quando você folheia a agenda", explicou ele, voltando para as páginas de maio, "ela segue com o começo de junho."

Freddy folheou para trás até a página retirada, depois voltou para junho. "Sim... não... a página está faltando mesmo. Isso pode esperar até amanhã? Estamos quase fechando e..."

"Acredite em nós, também estamos com o prazo esgotado", disse Dreidel, olhando para o relógio. "Ouça, pode nos fazer um favor e só pegar o original? Se não levarmos isso para Manning esta noite, ele cortará nossos testículos. Realmente.

Ele os pegará e sumirá com eles."

"Ouça, eu gostaria de ajudar, mas se isso está cortado..."

"Freddy, quando saí de Palm Beach hoje de manhã, o presidente disse que queria uma cópia completa desta agenda para a

exposição em memória de Boyle, que está sendo feita para a família dele", pleiteou Dreidel. "Ora, estamos falando de um arquivo de quase dez anos atrás e de um homem que está morto desde então. Se há algo embaraçoso naquele registro — se ali diz *eu odeio o presidente ou eu sou um espião terrorista* ou algo que afete a segurança nacional —, não mostre a nós. Mas se apenas se refere a algum detalhe tolo com o qual ninguém se importa, como o aniversário de sua irmã, você realmente estaria nos salvando."

Esfregando o dedo na covinha de seu queixo, Freddy olhou para a agenda, depois para Dreidel e Rogo.

"Dê apenas uma espiada", pediu Rogo. "Se se tratar de algo embaraçoso, coloque de volta na estante."

Parado ali, Freddy apontou para que voltassem à sua mesa de trabalho coberta com arquivos. "Dê-me os números das pastas dentro da caixa. Verei o que posso fazer..."

"Freddy", começou Rogo, sua voz sobrepujando o barulho da pista de pouso e decolagem, "quando eu casar, irmão, você será meu padrinho!"

"Pasta OA16209", gritou Dreidel diante da caixa de arquivos.

Quinze minutos mais tarde, no outro lado da sala, a porta de metal do elevador se abriu e Freddy saiu segurando uma única folha de papel em sua mão.

"Aqui está", disse Freddy, enquanto a entregava para Dreidel. "Embora eu ache que vocês se sairiam melhor conseguindo o aniversário da irmã dele."

82

"E-E-Eu estava só..."

"Remexendo na minha escrivadinha!", explode a primeira-dama. "Posso ver isso por mim mesma. Você — você — depois de todo esse tempo juntos — violar a confiança!"

"Senhora, por favor, não..."

"Não me venha com papo furado, Wes! Eu sei o que vi. Ainda estou vendo! Mas isso *não é assunto seu!*" grita ela, arrancando a carta de Boyle de minha mão.

Dou um passo para trás, meu corpo tremendo. Esqueço a demissão; durante um instante temo que ela possa me bater.

Mas quando ela repete a última parte — Isso não é assunto seu! —, uma onda crescente irrompe em meu estômago. O sangue sobe ao meu rosto, e não posso me impedir de sacudir a cabeça. "Isso não é verdade", sussurro, com os olhos cravados nela.

Então, ela pula. "*Como é?*"

Eu fico em silêncio, ainda espantado com as palavras que saíram de minha boca.

"O *que* você acaba de dizer?", desafia ela.

"Isso — isso não é verdade", repito, buscando seu rosto. "Eu também estive na pista de corrida — isso é assunto meu."

Seus olhos se estreitam. Eu olho pela janela por cima de seu ombro. Como todas as janelas na casa, esta é à prova de bala e não se abre. Mas nesse momento parece que ela pode me atirar por uma das janelas. Acenando com a carta de Boyle, ela pergunta: "Quem lhe falou disso?"

"O *quê?*"

"Foi algum repórter? Eles lhe pagaram para escrever isso?"

"Senhora, acha realmente que eu...?"

"Ou é apenas uma espécie de brincadeira doentia para testar minha reação? Tive uma grande ideia", diz ela em tom de escárnio. "Vamos repassar o pior momento na vida da doutora Manning e depois ver se podemos destruir à força sua realidade até que ela finalmente estoure."

"Senhora, isto não é uma brincadeira..."

"Ou, melhor ainda, vamos fazer o assistente de seu marido xeretar em seu dormitório..."

"Senhora..."

"... tirá-la de sua escrivaninha..."

"Doutora Manning, eu o vi."

"... e assim ela vai começar a entrar em pânico, perguntando-se, para começar, se foi mesmo real."

"Eu vi Boyle. Na Malásia. Ele está vivo."

Ela se imobiliza, as pontas dos dedos tocando os lábios. Sua cabeça sacode lentamente. Depois mais depressa. *Não — não. Oh, não, não.*

"Era ele, senhora. Eu o vi."

A cabeça dela continua a sacudir enquanto seus dedos se movem dos lábios para o queixo, depois para o ombro.

Curvando-se para a frente e agarrando o próprio ombro, ela praticamente se encolhe formando uma bola. "Como poderia ele...? Como poderiam os dois...? Oh, Deus..." Ela olha de novo para mim, e seus olhos se enchem de lágrimas muito depressa, não há tempo para enxugá-las. Antes, eu havia achado que eram lágrimas de culpa — que ela podia estar escondendo algo. Mas vendo-a agora — a angústia espantada que contorce seu rosto, o choque que mantém sua cabeça se sacudindo em negação — essas lágrimas nasceram da dor.

"Doutora Manning. Tenho certeza que isso... eu sei que parece impossível..."

"Isso não é — Deus! — não é como se eu fosse ingênua", insiste ela. "Eu *não sou* ingênua. Quero dizer, e-e-eu sabia que ele escondia coisas de mim — não para enganar — era apenas o que tinha de fazer. Esse é o trabalho quando se é presidente."

Quando a primeira-dama tropeça com as palavras, eu percebo que ela não está mais falando de Boyle. Está falando de seu marido.

"Há segredos que ele *deve* manter, Wes. Posições das tropas... as capacidades de vigilância... aqueles são segredos *necessários*", diz ela. "Mas algo assim... meu Deus, eu fui ao funeral de Ron. Eu li um salmo!"

"Senhora, o quê...?"

"Eu fui à casa dele e chorei com a mulher e a filha dele! Fiquei de joelhos rezando para que descansasse em paz!", grita ela, a tristeza transformando-se em raiva. "E descobrir agora que tudo foi uma impostu... uma escapada medrosa por causa da própria covardia..." As lágrimas fluem de novo e ela oscila sem equilíbrio. "Oh, Senhor, se o que Ron diz... se é verdade..." Tropeçando em minha direção, ela agarra o canto baixo da cômoda, estilo imperial, à minha esquerda, quase incapaz de se manter em pé.

"Senhora!"

Ela levanta a mão para me manter afastado. Seus olhos percorrem o quarto. De início, eu presumo que está em meio a um ataque de pânico... mas a maneira pela qual continua a olhar... da mesa de cabeceira no lado esquerdo da cama para a mesa de Manning do lado direito, para a escrivaninha, de novo para a cômoda, estilo imperial... cada canto está coberto com quadros emoldurados — de todas as formas e tamanhos — todos com fotos de Manning. "C-Como ele pôde... como eles puderam fazer isto?" pergunta ela, olhando para mim e procurando uma resposta.

Tudo que posso lhe oferecer é um olhar chocado e vazio.

Não sinto os braços. Tudo está dormente. Ela está dizendo que Manning sabia sobre...?

"Boyle disse alguma coisa quando você o viu? Ele deu alguma explicação?"

"Eu só... eu só cruzei com ele", explico, quase sem ouvir a minha própria voz. "Ele fugiu antes que eu me desse conta do que estava acontecendo."

As mãos da primeira-dama começam a tremer de novo. Ela está como eu fiquei na Malásia. Graças à carta, ela está finalmente

ouvindo que seu amigo morto está, de fato, vivo.

E, pelo que Boyle escreveu, por alguma razão ele se censura, dizendo que o que fez foi para proteger sua família.

Oprimida por aquele momento, a dra. Manning se senta aos pés da cama, na arca com a bandeira americana pintada à mão, e olha para a carta escrita por Boyle. "Eu só não..."

"Ele me telefonou ontem e disse para eu ficar longe disso", acrescento sem motivo. "Que esta não é minha luta." Eu sinto um rubor de raiva. "Mas esta é minha luta."

Ela olha para mim de um modo ausente, como se tivesse esquecido que eu estava ali. Seu maxilar se contrai e ela pressiona a mão no colo até parar de tremer. É bastante incômodo ela estar tão perturbada emocionalmente. É pior ainda que isto esteja acontecendo na minha frente. Num piscar de olhos, seu queixo e sua postura se afirmam, e seus instintos políticos, afiados por anos em que manteve em privacidade os assuntos particulares, levam a melhor. "Ele tem razão", diz ela sem pensar.

"Do que está falando?"

"Ouça Boyle", diz ela. Depois, como uma reflexão tardia: "Por favor". "Mas, senhora..."

"Esqueça que o viu, esqueça que ele lhe telefonou." Quando a sua voz falha, eu percebo que estava errado sobre sua atitude. Não se tratava de ela estar emocionalmente exposta.

Tratava-se de ser protetora. E não apenas de seu marido. De mim também. "Wes, se você for embora agora, pelo menos eles não saberão que você..."

"Eles já sabem. Eles sabem que o vi..."

"*Eles?* Quem são *eles*?", pergunta ela, arqueando uma sobrelha ansiosa.

"Os Três", insisto.

Ela ergue o olhar enquanto eu pronuncio as palavras, e percebo o reconhecimento em seus olhos. Eles também estavam tratando mal seu amigo — é claro, ela sabe os detalhes. Mas isso não significa que queira me pôr a par do resto.

"Eu sei quem eles são", digo a ela.

"Eu não acho que você saiba, Wes."

"Como pode...?" Eu me interrompo quando a adrenalina acaba com a náusea profunda que estou sentindo. Deixei que ela me protegesse durante oito anos. Basta. "Eu sei que Os Três estavam lutando com o presidente e Boyle. Sei que *Blackbird*, o que quer que seja, valia um pagamento de seis milhões de dólares para O Romano, que aparentemente era um dos informantes mais importantes do governo. Sei que o pagamento foi rejeitado pelo presidente em uma das instruções específicas de segurança nacional. E sei que perder aquele tipo de dinheiro à vista — e tudo o mais que fariam depois disso — deve tê-los enraivecido. A única coisa que não consigo descobrir é: onde Boyle se encaixa nisso e o que ele fez que deixou Os Três suficientemente furiosos para puxarem o gatilho?"

Eu espero que ela fique aliviada por ter alguém ao seu lado, mas a primeira dama parece mais assustada do que nunca, o que rapidamente me recorda que essa carta significou para ela um choque tão grande quanto foi para mim ter visto Boyle. E embora eu estivesse desenterrando seus piores segredos familiares, indiferente ao que Boyle ou seu marido fizeram, ela não quer me ver ferido por isso.

"Como você ficou sabendo sobre Os Três?", pergunta ela.

De início hesito. "O amigo de um amigo que trabalha para o Departamento de Defesa."

"E quem lhe contou que eles estavam em luta contra o presidente?"

"Essa parte eu adivinhei."

Em pânico, ela me estuda, avaliando as possibilidades. Ela sabe que não sou seu inimigo. Mas isso não quer dizer que vai me deixar ser seu amigo. No entanto, eu estou definitivamente próximo.

Próximo demais para simplesmente me mandar passear.

"Eu posso ajudá-la", digo.

Ela sacode a cabeça sem se convencer.

"Senhora, eles sabem que vi Boyle. Se está tentando me manter a salvo, já é muito tarde. Diga-me apenas o que Boyle fez e..."

"Não se trata do que Boyle fez", sussurra ela. "Trata-se do que ele *não* fez." Ela se surpreende, já arrependida.

"Não fez para *quem*? Para o presidente?"

"*Não!*" Mas isso é tudo que ela me diz. Olhando para baixo, ela se curva de novo como uma bola.

"Então para quem? Para a senhora? Para Albright? Diga apenas para quem foi."

Ela fica em completo silêncio.

"Doutora Manning, por favor, a senhora me conhece há oito anos. Alguma vez fiz algo que pudesse magoá-la?"

Ela continua a olhar para baixo, e não posso dizer que a recrimino. Ela é a ex-primeira-dama dos Estados Unidos. Ela não está compartilhando seus medos com um jovem assistente. Não me importa. Preciso saber.

"Então é assim? Espera que eu simplesmente vá embora?"

Ainda sem resposta. Sem dúvida, ela espera que, como sempre fiz, eu recue e não enfrente o conflito. Dois dias atrás, eu teria feito isso. Não hoje.

"Está ótimo", digo a ela, enquanto me dirijo para a porta. "A senhora tem todo o direito de guardar isso para si, mas deve compreender uma coisa: quando eu sair daqui, não estarei desistindo. Aquela bala atingiu meu rosto. E, até eu descobrir o que realmente aconteceu naquele dia, vou continuar a pesquisar, continuar a escavar, continuar a fazer perguntas para cada pessoa que estava..."

"Você não percebe? Foi uma oferta."

Eu me viro, mas não estou surpreso. O que quer que Boyle tenha feito, se me disser a verdade, pelo menos ela tem a chance de manter o segredo. E para alguém que já tem queimaduras de terceiro grau por causa do clarão do holofote público, manter o segredo é tudo.

"Uma oferta de quê?", pergunto, bem ciente da prisão em que ela vive. Se há algo que precisa esconder, ela não pode arriscar que eu saia dali armado com perguntas embaraçosas.

Mas ela ainda está hesitante.

"Sinto muito que não confie em mim", digo, dirigindo-me para a porta.

"Você mesmo falou, Wes. Como um informante, O Romano começou a trazer informações."

"Mas O Romano era de fato um agente do Serviço Secreto, certo?"

"Isso é o que acham agora. Mas ninguém sabia disso naquela época. Naqueles dias, as agências ficavam felizes de conseguir as informações do Romano. Sobretudo depois do Iraque, uma informação correta e bem corroborada sobre um acampamento de treinamento escondido no Sudão valia muito. Você viu como a guerra de terror funciona — indicadores e avisos são tudo o que temos. De maneira espantosa com relação ao Romano, se ele trazia uma informação de assassinato para o Serviço Secreto, quando o Serviço ia verificá-la com as outras agências, o FBI a confirmava, assim como a CIA. Se ele trazia uma informação para o FBI, esta era autenticada pela CIA e pelo Serviço — e essa verificação é exatamente o que ele necessitava para receber pagamento como sendo uma fonte."

"Então, sob o disfarce de O Romano, Os Três traziam as informações para dentro de suas diferentes agências, depois apenas as corroboravam entre eles mesmos..."

"... fazendo parecer como se todos — FBI, CIA e o Serviço — estivessem de acordo. É triste dizer, isto acontece o tempo todo — no ano passado, no Departamento de Estado, alguém inventou uma informação. A diferença é que, em muitos casos, eles são apanhados porque a informação não combina com o que outras agências estão divulgando. Mas aqui... bem, se eles não tivessem ficado tão gananciosos, este teria sido um meio simples de suplementar seus salários."

"Mas eles se tornaram gananciosos?"

"Todos são gananciosos", diz a primeira-dama, quando anos de raiva reprimida sobem de novo à tona. "Eles conheciam o sistema. Sabiam que pequenas informações sobre algum acampamento de treinamento escondido só lhes proporcionariam cinquenta mil ou algo assim. E também sabiam que a única maneira de conseguir a grande quantia de dinheiro atrás da qual estavam era permanecer escondidos e poupar sua energia para uma daquelas informações

chocantes e apavoradoras: a Golden Gate está sendo o alvo... aquele depósito de sapatos no Paquistão é realmente uma fábrica de produtos químicos. Uma vez que todos estivessem convencidos de que as nove últimas informações do Romano eram corretas, eles pagariam qualquer coisa pela décima informação extraordinária — mesmo se nada acontecesse. E quando o FBI, a CIA e o Serviço, todos corroborassem e concordassem que o perigo era real? Era quando o informante que trouxera a informação conseguia o seu pagamento de muitos milhões de dólares."

"Então qual era o problema deles?", pergunto, tentando parecer firme. A adrenalina dura apenas um tempo. Com cada novo detalhe sobre nossa antiga vida, o fluxo de náusea retorna.

"O problema era que os comandantes do FBI e da CIA só podem aprovar pagamentos até duzentos mil dólares. Para alcançar o nível de pagamento de muitos milhões, que proporcionaria aposentadoria aos Três, o pagamento tinha de ser aprovado pela Casa Branca."

"E o Blackbird era isso, certo? Eles estavam começando a aumentar o pedido de dinheiro com sua primeira grande informação, mas isto foi vetado pelo presidente."

Ela acena concordando e me olha, impressionada. "Foi então que perceberam que precisavam de alguém de dentro. Boyle fora avisado sobre isso na época — de que eles tentariam se aproximar dele, sobretudo por seus antecedentes..."

"Espere, pare, pare — então Os Três..."

"Pare de chamá-los assim. Você não entende? Nada disso aconteceu por causa dos Três. Aconteceu porque se tornaram espertos e procuraram um novo membro. Os Três haviam terminado. Isso diz respeito aos Quatro."

"Você tem certeza de que isso está certo?", perguntou Rogo, ao ler o registro original em 27 de maio na agenda de Boyle.

Ele o segurou contra a fotocópia redigida para ver se se ajustavam perfeitamente. Debaixo do



havia as palavras escritas à mão

Dr. Eng 2678 Griffin Rd. Ft. L.

"Este é o grande segredo que estamos escondendo das massas?" perguntou Rogo. "Que Boyle tinha uma consulta médica?"

"É uma informação pessoal", salientou Freddy, aproximando-se lentamente enquanto Rogo enfiava o original dentro de um arquivo próximo.

"Faz total sentido", concordou Dreidel. "Em cada governo na Casa Branca, metade da equipe marca para ver um psiquiatra."

Parado na extremidade de uma das longas pilhas investigadas, Rogo se volta para seu amigo, que estava sentado na beirada de uma escrivaninha próxima. "Quem diz que ele era um psiquiatra?", desafiou Rogo. O quê?

"O doutor Eng. O que o faz pensar que ele é um psiquiatra?"

"Não sei, apenas supus que ele..."

"Ouçam, rapazes, eu gostaria de passar o resto da noite debatendo os méritos da prática particular do doutor Eng", interrompeu Freddy, "mas este é ainda um edifício governamental, e, como em muitos deles, quando o pequeno ponteiro alcança o cinco..."

"Você pode apenas fazer mais uma busca rápida?", pediu Rogo, apontando para os computadores da biblioteca.

"Estou tentando ajudar. Realmente. Mas, ora — a biblioteca está fechada."

"Apenas mais uma busca."

"Isso já..."

"Apenas coloque as palavras *doutor Eng*", implorou Rogo. "Por favor — levará menos de trinta segundos. É só digitar duas palavras — *doutor* e *Eng* — no computador. Você faz isso e vamos embora tão rápido que chegará em sua casa antes dos primeiros noticiários."

Freddy fitou Rogo. "Uma última busca e é tudo."

Depois de algumas digitações, quando Freddy se inclinou sobre o teclado, a resposta apareceu na tela.

Nenhum registro encontrado.

E você...?

"Eu verifiquei tudo: o arquivo da Administração de Registros dos Escritórios da Casa Branca, as compilações dos gabinetes e das equipes, e-mails, até mesmo os ocasionais bits de microfichas do antigo material de segurança nacional", disse Freddy, bastante aborrecido. "A biblioteca está agora oficialmente fechada", acrescentou, levantando-se de seu banco e apontando para a porta.

"Assim, a menos que vocês queiram ser apresentados à nossa equipe bem treinada de segurança, eu lhes desejo um ótimo dia."

Caminhando rapidamente pelo pátio de tijolo e concreto na frente da biblioteca, Rogo estava quatro ou cinco passos à frente de Dreidel enquanto se dirigiam para o carro. "Um telefone comercial. Sim, em Fort Lauderdale", disse Rogo no celular. "Estou procurando o número de um doutor Eng. E-N-G."

"Tenho um doutor Brian Eng em Griffin Road", disse o operador.

"Dois seis sete oito, exatamente", disse Rogo, lendo o endereço na folha de papel onde eles o haviam copiado. "E diz que tipo de médico ele é?"

"Sinto muito, senhor — não registramos profissões. Por favor, espere o número do telefone."

Depois de alguns segundos, uma voz mecanizada anunciou: "Como o assinante solicitou, o número não está publicado e não consta de nossos registros".

"Você está brincando... Que tipo de médico tem um telefone que não está publicado na lista?" Quando se voltou para Dreidel, ele acrescentou: "Há algo na web"?

Olhando para a pequena tela em seu telefone, Dreidel mexeu nos botões como um vovô com o controle remoto. "Eu sei que tenho um acesso à Internet — mas não estou conseguindo descobrir como..."

"Então, o que você esteve fazendo durante os últimos cinco minutos? Passe o telefone para mim", disse Rogo, de mau humor, agarrando o telefone de sua mão. Com alguns cliques e alterações, Rogo entrou com o nome do dr. Brian Eng e bateu o Enter. Durante quase dois minutos, ele moveu a tela para cima e para baixo e fez alguns cliques, mas não disse uma palavra.

"Alguma coisa?", perguntou Dreidel, enquanto passavam no meio dos carros no estacionamento.

"Fictício", resmungou Rogo, ainda clicando botões no telefone. "Não apenas seu número não está na lista — o camarada ainda conseguiu ficar fora de todos os maiores mecanismos de busca. Google... Yahoo!... você o indica — coloca o nome do Dr. Brian Eng e nada aparece — isto é ridículo! Se colocar as palavras Jewish Smurfs obtenho uma página cheia de dados, mas o o Dr. Brian Eng me dá zero pontos?" Aproximando-se do Toyota do lado do motorista, Rogo desligou o telefone e o passou por cima do teto do carro para Dreidel. "O que nos faz perguntar de novo, que tipo de médico fica tão escondido que é praticamente impossível encontrá-lo?"

"Não sei... um médico da máfia?" sugeriu Dreidel.

"Ou um que pratica abortos", contrapôs Rogo.

"E quanto a um cirurgião plástico — você sabe, daquele tipo para pessoas muito ricas que não querem que os outros saibam?"

"De fato, esse não é um mau chute. Wes disse que parecia que Boyle havia alterado alguns de seus traços. Talvez em 27 de maio ele tenha feito a sua primeira consulta."

Sentando no banco do passageiro, Dreidel olhou para o relógio. Estava começando a escurecer lá fora. "Podemos ir até lá quando eles abrirem amanhã de manhã."

"Você está brincando?", perguntou Rogo, enquanto dava a partida. "Devemos ir agora."

"Provavelmente estará fechado."

"Ainda assim, se o edifício estiver aberto, os que atendem no saguão nos dirão qual a especialidade dele."

"Mas fazer essa viagem longa até Fort Lauderdale..."

A meio caminho da saída do estacionamento, Rogo freou e virou o carro de novo para o estacionamento. Girando para a direita, ele olhou para Dreidel que ainda estava olhando para a frente.

"O que é?" perguntou Dreidel.

"Por que você não quer que eu vá até o médico agora?"

"Do que você está falando? Eu só queria poupar tempo."

Rogo abaixou o queixo. "Bom", disse ele, engrenando o carro de novo. "Próxima parada. Doutor Brian Eng."

84

Espera, a senhora está me dizendo que Boyle..."

"Eles o convidaram para fazer parte", explica a primeira-dama com a voz tremendo a cada palavra. "Para que serem três cavaleiros quando poderiam ser mais efetivos como quatro?"

"E Boyle disse sim?"

"Nós não sabemos..." Ela faz uma pausa, perguntando-se se me contaria o resto. Mas ela sabe que eu sairia e faria eu mesmo as perguntas se não me contasse. "Nós não achamos que concordou", diz ela.

"Eu não compreendo", digo, com o peito cheio de nós.

"Você acha que eles ofereceram uma escolha para Boyle? Os Três tinham acesso aos mesmos arquivos do FBI que nós tínhamos. Eles conheciam sua fraqueza — a existência da criança que ele achava que nenhum de nós sabia..."

"Criança? Ele teve um...?"

"Eu disse a Lee que isto voltaria para nos demolir. Eu lhe disse", ela insiste, mais furiosa do que nunca. "Eu lhe disse durante a campanha, a informação podia transpirar mesmo naquela época. Quando se tem uma crosta de ferida como essa, alguém com certeza aproveita a oportunidade para vir cutucá-la."

Eu concordei, sabendo como acalmá-la. "Mas para Boyle verdadeiramente juntar-se a eles..."

"Não foi isso que eu disse. Eu disse que eles se aproximaram de Boyle. Mas Os Três não entenderam — com Ron... mesmo com essa criança... com todos os equívocos autodestrutivos que provocou... ele nunca nos atacaria. Nunca. Sem importar quanto custasse", diz ela, erguendo o olhar. Percebo o que ela quer dizer. Ela espera o mesmo de mim.

"Doutora Manning. Sinto muito — mas a maneira como a senhora falou... Sabia disso tudo naquela época?"

"Wes, você esteve ali conosco. Você sabe o que estava em risco. Com alguém como Ron... com aquela espécie de ponto de pressão, prestes a explodir... você de fato acha que o FBI não mantinha uma vigilância extra sobre ele?"

Ela me penetra com um olhar que quase me derruba ao chão. "Espere... a senhora está dizendo que o FBI vigiava Boyle? Enquanto estávamos no cargo público?"

"Eles estavam tentando mantê-lo a salvo, Wes. E, mesmo assim, Lee lutou com eles vigiando todas as frentes — chamou pessoalmente Barry e Carl", diz ela, referindo-se ao nosso antigo diretor do FBI e o conselheiro de segurança nacional. "Dois dias depois, eles encontraram um depósito.

Onze mil dólares em uma conta de banco com o nome da filha de Ron. Você pode imaginar isso? Usar o nome de sua *filha*! Eles disseram que essa era provavelmente a oferta de abertura dos Três. Ron devia pegar o dinheiro que eles colocaram na conta dele, ou eles destruiriam sua vida e contariam à sua esposa sobre a criança que ele estava escondendo."

Quando ela pronuncia as palavras, sou eu que preciso me apoiar na cômoda para continuar em pé. "Mas no... no livro de instruções específicas... nunca vi nada a respeito disso."

"Nem todo arquivo passava por você, Wes."

"Ainda assim, se Os Três estavam tão próximos, vocês não poderiam chamar...?"

"Você acha que nós não estávamos mexendo os pauzinhos? Naquela altura, nem tínhamos um nome para ir atrás. Sabíamos que eles tinham alguém no FBI porque haviam visivelmente acessado os arquivos de Ron. Depois, quando transferiram o dinheiro para a conta de Ron — o Serviço Secreto investiga os crimes financeiros —, eles disseram que, pela maneira como o dinheiro foi enviado, eles estavam usando técnicas internas. E chantagem? Esta é a prática mais corrente da CIA. Nós alertamos todas as agências com um acrônimo e começamos a lhes dizer para observar dentro delas!"

"Eu sei... eu só..."

Eu me recomponho, sempre tomando cuidado para me manter no meu lugar. "Talvez eu não esteja percebendo tudo, senhora, mas se sabia que Boyle estava sendo pressionado para se juntar aos Três, por que simplesmente não o advertiu — ou pelo menos não lhe contou que sabia que ele estava sendo chantageado?"

Olhando para a carta escrita à mão, Lenore Manning não diz uma palavra.

"Então?", pergunto. "Ele estava sendo chantageado, certo?"

Ela ainda está sentada no baú pintado à mão, ainda em silêncio. "Há algo que eu não..."

"Nós precisávamos ver o que ele faria", diz ela por fim, a voz mais leve do que nunca.

Um frio penetrante se apodera de minha espinha. "Vocês o estavam testando."

"Você deve compreender. Quando O Romano se aproximou tanto — a ponto de penetrar em nosso círculo daquele jeito — não se tratava mais apenas de Boyle — estávamos tentando capturar Os Três." Sua voz treme — ela havia guardado tudo isso por muito tempo — ela está quase suplicando por perdão. "Foi uma exigência do FBI. Se o mito era real, se sórdidos agentes estavam realmente trabalhando juntos, esta era a chance que eles tinham para apanhá-los todos."

Eu concordo como se fizesse sentido. Ron Boyle era seu amigo mais velho e mais querido, mas, quando Os Três forçaram sua cabeça para dentro da ratoeira, os Manning — o presidente e a primeira-dama dos Estados Unidos — ainda esperaram para ver se ele pegaria o queijo.

"Eu sei o que você está pensando, Wes, mas eu juro a você, eu estava tentando proteger Ron. Eu lhes disse isto: Deem-lhe tempo para demitir-se. Certifiquem-se de que estão cuidando dele..." Ela engole em seco, sacudindo a cabeça repetidas vezes. Eu tinha visto a primeira-dama furiosa, aborrecida, triste, ofendida, enraivecida, angustiada, ansiosa, preocupada e até — quando ela voltou de sua cirurgia de colocação de prótese no quadril, alguns anos atrás — com dor. Mas nunca a tinha visto desse jeito. Nem mesmo quando

saímos da Casa Branca. Reacomodando-se, ela pressiona o queixo contra o peito para fazer a cabeça parar de se mover. A maneira como evita meu olhar mostra que ela espera que eu não perceba. Mas como sempre, neste trabalho, eu vejo tudo. "Eles deviam cuidar dele", sussurra ela, atônita com sua promessa quebrada. "Eles... eles juraram que Boyle estaria a salvo."

"E Boyle nunca lhe contou que Os Três se aproximaram dele?"

"Eu estava esperando... rezando para que ele nos pusesse a par. Cada dia eles nos enviavam um relatório dizendo se Ron tinha aceitado a oferta dos Três. *Sem resposta*, eles continuavam dizendo. Eu sabia que Ron estava lutando. Eu sabia", insiste ela, enquanto abraça seu próprio ombro, curvando-se mais ainda. "Mas eles nos disseram para continuar esperando... apenas para ter certeza. E depois, quando ele foi baleado..." Ela olha para o chão, quando um soluço repentino e uma década de culpa apertam sua garganta. "Eu pensei que o tínhamos sepultado."

Quando eu olho para a carta escrita à mão em seu colo, as peças do quebra-cabeça mental começam a se encaixar.

"Então, durante todo esse tempo, o motivo real pelo qual Boyle havia sido baleado não foi porque ele cruzou com Os Três, foi porque ele se recusou a se juntar a eles?"

Ela olha de novo, levantando a cabeça. Sua voz ainda é um mero sussurro. "Vocês nem sabem ainda com quem estão lutando, não é?"

"O que a senhora...?"

"Você não leu?", pergunta ela, jogando a carta em meu peito. "No dia em que foi baleado, Ron ainda não tinha dado aos Três sua resposta!" Há uma alteração em seu tom. Seus olhos se arregalam. Sua boca permanece aberta. De início, penso que ela está furiosa, mas não. Ela está com medo.

"Doutora Manning, a senhora está bem?"

"Wes, você deve ir. Isso não é... eu não posso..."

"A senhora não pode o quê? Eu não compreendo..."

"Por favor, Wes, apenas vá!", pede ela, mas eu já estou olhando de novo para a carta. Meu cérebro se acelerando tanto que não consigo lê-la. Mas o que ela disse — no dia do tiroteio, se Boyle

ainda não havia dado sua resposta aos Três... por tudo o que eles sabiam, ele ainda podia juntar-se a eles.

Minha testa se enrugou, lutando para entender. Mas se esse era o caso... "Então por que matá-lo?" pergunto.

"Wes, antes que você tire conclusões..."

"A menos que soubessem que Ron estava reconsiderando..."

"Você ouviu o que eu disse? Você não pode..."

"... ou talvez pensassem que tinham revelado muito... ou... ou perceberam que ele estava sob vigilância..."

"Wes, por que você não está me ouvindo?!", grita ela, tentando arrancar a carta de minhas mãos.

"Ou talvez tenham encontrado alguém melhor para o quarto lugar", deixo escapar, puxando a carta de volta.

A primeira-dama solta o papel e ele bate em meu peito com o barulho de um trovão. Todo o meu corpo se sente mil quilos mais pesado, oprimido pela espécie de entorpecimento terrível e desgastante que surge com uma má notícia num consultório médico. "Foi isso que aconteceu?" pergunto.

Sua resposta chega muito lentamente. "Não."

Minha boca fica seca. Minha língua parece feita de um chumaço de jornal molhado.

"Isto não é... Ron não...", diz a primeira-dama. "Talvez Ron estivesse..."

"Boyle era o chefe da assessoria. Não há muitas pessoas que estão em melhor posição para conseguir..."

"Você não compreende. Ele é um homem bom... ele deve ter sido enganado", continua ela, quase de maneira desconexa.

"Senhora..."

"Ele nunca o teria feito de propósito..."

"Senhora, por favor..."

"... mesmo se eles prometessem mais quatro anos..."

"Pode, por favor, acalmar-se!?", insisto. "Quem eles poderiam conseguir que fosse mais importante do que Boyle?"

Ainda inclinada para a frente no baú ao pé de sua cama, a primeira-dama ergue o queixo, olhando direto para mim.

Como o presidente, como qualquer um em nosso escritório, ela não olha para as minhas cicatrizes. Ela não as olha há anos. Até este momento.

A pergunta ecoa muitas vezes em minha cabeça. Eles estavam procurando uma quarta pessoa. Quem seria a mais importante de todas?

Eu olho para a carta ainda em minhas mãos. No final da página, a letra meticulosa da nota escrita à mão revela:

Mas nunca pensei que ele pudessem consegui-lo".

O sangue some de meu rosto. Isso foi o que ela percebeu. Foi por isso que me pediu para ir embora. Ela nunca viraria as costas... " *Ele?*", pergunto. "A senhora não pode estar querendo dizer...?"

"Wes, está tudo bem aí em cima?", grita o presidente Manning do pé da escadaria. "Ainda estamos esperando por aquele casaco esporte!"

Eu me viro para a primeira-dama. Ouvimos os sons dos passos do presidente na escadaria.

A primeira-dama começa a dizer algo, mas é como se ela estivesse falando debaixo d'água. Balançando para trás, eu vou de encontro à escrivanha com todas as fotos de Manning, que oscilam e balançam. Como eu. Fazer isso comigo... A sala gira, e minha vida gira dentro de um caleidoscópio. Todos esses anos... mentir para mim — Deus, como ele pôde...? Não há tempo para uma resposta. Pelos passos do lado de fora do quarto, fica claro que o presidente está quase no alto da escada. Se ele me vir com ela...

"Wes", chama o presidente.

"Estou indo, senhor!", grito, enquanto corro até seu c l o s e t , tiro um casaco esporte do cabide e lanço um último olhar para a primeira-dama, que ainda está paralisada sobre o baú pintado à mão. Suas sobancelhas se erguem, as faces parecem quase escavadas. Ela não diz uma palavra, mas o grito pedindo ajuda é ensurdecedor.

"Ele nunca — ele não teria feito isto — não de propósito", sussurra ela, enquanto deixo a carta de Boyle cair em seu colo. Acenando repetidamente, ela está quase se convencendo a si própria. "De fato, talvez... talvez ele tenha sido enganado. Talvez tenha sido induzido pelo Romano e não percebeu com quem estava falando. Ele deveria se parecer com um agente verdadeiro, certo? Então — então — então talvez eles tenham se aborrecido por Ron estar demorando tanto, e tentaram uma rota mais manipulável que ia direto até o ramo mais alto da árvore. E depois... ele podia ter pensado que estava, na verdade, a j u d a n d o o Serviço. Talvez — talvez ele nem tenha percebido o que fez."

Eu concordo. Talvez ela esteja certa. Talvez não tenha sido intencional. Talvez tenha sido o maior e mais horrível engano de

Manning, de modo que ele esperou que de alguma maneira tudo fosse ficar oculto para sempre. O problema é que eu ainda posso descrever o presidente em sua última caminhada pelo Gramado Sul, segurando a mão da primeira-dama e recusando-se a olhar para trás enquanto eles se dirigiam para o Marinha Um. Na época, as informações vazadas pela nossa própria equipe disseram que ela ficou mais desolada do que ele. Mas eu estava lá. Eu vi como ele apertava fortemente os dedos dela.

Os passos do presidente estão quase no alto da escadaria.

Eu vou cambaleando até a porta, entro correndo no corredor e viro de maneira impetuosa para a direita, quase batendo no peito do presidente.

"A-Aqui está, senhor", digo, enquanto escorrego ao parar, meu braço estendido com seu *blazer* azul-marinho.

Ele dá um passo em minha direção. Mantenho-me na posição que o impede de ir adiante.

Por um momento, os olhos de Manning se estreitam, os famosos olhos cinza achatam-se como lascas iguais e afiadas. Mas muito rapidamente um amplo e caloroso sorriso se espalha em seu rosto e revela um toque de amarelo em seus dentes. "A propósito, você já viu as perucas?" pergunta ele, referindo-se ao pessoal do Madame Tussaud que está lá embaixo. "Eles trouxeram aquela de quando eu deixei o cargo público. Estou lhe dizendo, Wes, a peruca está mais clara do que o meu cabelo de agora, acho que estou ficando mais moço."

Eu forço uma risada e dirijo-me para as escadas antes que ele possa me olhar.

"O que há de errado?" pergunta ele, apenas um passo atrás de mim.

"Não... nada", digo, segurando o *blazer* esporte azul-marinho enquanto caminho e sentindo um fluxo de sangue quente passar por meu pescoço. "Eu só queria ter certeza de que não estou entregando um de seus melhores *blazers*"

"Eu aprecio você selecionar um para mim em cera", caçoa o presidente, colocando a mão em meu ombro. Esta é a jogada.

A mão no ombro para mostrar intimidade e uma confiança garantida. Lu o vi usá-la com primeiros-ministros, senadores, congressistas, até com seu próprio filho. Agora a está usando comigo.

No meio da escadaria, eu sintonizo o passo. Ele fica ao meu lado. Mesmo se trabalhar com O Romano foi seu erro, mentir para o meu rosto a cada dia... É por isto que ele me mantém aqui? Penitência por sua própria culpa?

No meu bolso o celular começa a vibrar. Retiro-o e verifico a tela pequena. Mensagem de texto:

*Wes, é Lisbeth, atenda.
Resolvi o enigma.*

Um segundo depois, o telefone vibra em minha mão.

"Perdoe-me um minuto, senhor", digo para o presidente. "É Claudia, que... Alô?", digo, respondendo à chamada.

"Você precisa sair daí", diz Lisbeth.

"Olá, Claudia, eu preciso? Certo, espere um segundo."

Aproximando-me do fim da escada, mantenho Lisbeth na espera e me volto para Manning, sentindo como se meu corpo estivesse em fogo. "Ela disse que deixei as chaves de minha casa em seu escritório. Sinto muito, senhor, mas, se for possível, posso ir até lá e..."

"Relaxe, Wes, sou um menino crescido", diz ele, rindo, o braço em meu ombro transformando-se em uma batida rápida e forte nas costas que quase me joga para fora das escadas. "Vá fazer o que precisa. Eu já lidei com um ou dois problemas maiores do que este."

Entregando-lhe o casaco esporte, eu também rio e me dirijo para a porta da frente. Posso sentir os olhos do presidente queimando na parte de trás de minha cabeça.

"A propósito, Wes, faça-me um favor e avise ao Serviço para onde você está indo", diz ele, alto o bastante para que os agentes que estão do lado de fora possam ouvir. "Apenas caso eles tenham de entrar em contato."

"É claro, senhor", digo, enquanto desço correndo os degraus da frente.

"Você já está sozinho?" pergunta Lisbeth pelo telefone.

No momento em que a porta bate atrás de mim, os dois agentes de terno e gravata que estão parados do lado de fora da garagem erguem o olhar.

"Está tudo bem?", pergunta Stevie, o agente mais baixo.

"Não faça cara de apreensivo", diz Lisbeth pelo telefone.

"Diga-lhe que esqueceu as chaves."

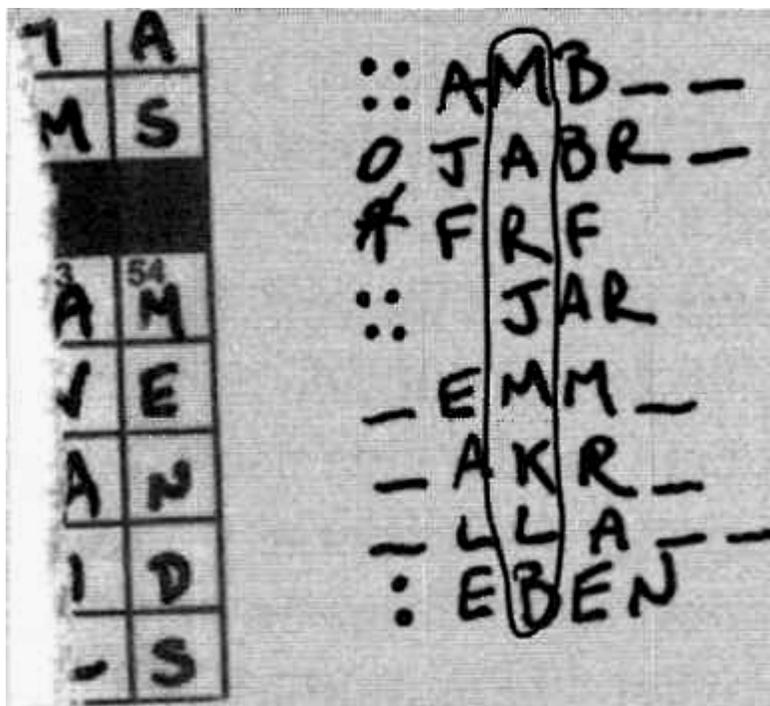
"Sim, não... esqueci minhas chaves", digo, andando rápido para o alto portão de madeira no fim da entrada para carros e fazendo de conta que tudo o que construí em minha vida não estava agora se despedaçando. Minha respiração começa a se acelerar. Conheço Stevie há quase três anos. Ele nunca se importa se eu entro ou saio. Mas, quando alcanço o portão e espero que ele o abra, para minha surpresa ele não se move.

"Então, para onde está indo, Wes?", pergunta Stevie.

"Wes, escute", implora Lisbeth. "Graças à vida indigna de seu amigo Dreidel, encontrei um outro jogo de palavras cruzadas. Você está ouvindo?"

Eu me volto para os dois agentes, que ainda estão parados diante da garagem fechada e dos dois Chevy Suburbans estacionados poucos passos adiante. A mão de Stevie desaparece dentro do bolso de sua calça. Só neste momento é que me dou conta de que, naquela noite em que vi Boyle, Stevie estava dirigindo o carro principal na Malásia. "Wes", diz ele, friamente. "Eu lhe fiz uma..."

"Só vou voltar ao escritório", falo sem pensar. Virando-me desajeitado para o portão, eu olho para as duas pranchas duplas de madeira que impedem as pessoas de olhar para dentro. Agarro o telefone para minha mão parar de tremer.



O sol está quase se pondo no céu vermelho-alaranjado. Atrás de mim, há um clique metálico. Meu coração dá um pulo.

"Vejo você em breve", diz Stevie. Há um ruído alto e rascante quando o portão de madeira desliza para a direita, abrindo-se apenas o suficiente para eu passar espremido por ele.

"Estou do lado de fora", sussurro para Lisbeth.

"Ótimo — então preste atenção. Você tem o outro jogo de palavras cruzadas com você?"

Cambaleando pela rua até o meu carro, eu não respondo.

Tudo o que vejo é o sorriso de Manning e seus dentes amarelados...

"Wes! Você ouviu o que eu disse!?", grita Lisbeth. "Pegue o jogo original!"

Concordando com a cabeça, embora ela não possa me ver, procuro dentro do bolso e rapidamente desdobro o jogo original.

"Você está vendo as iniciais escritas à mão no centro?", pergunta ela. "M, A, R, J..."

"Manning, Albright, Rosenman, Jeffer... o que há com eles?"

"Há a mesma lista nas novas palavras cruzadas. As mesmas iniciais no meio. A mesma ordem. Tudo igual."

"Muito bem, e daí? Agora há duas listas das pessoas mais importantes da equipe", digo, parando ao lado do carro.

Preciso me apoiar contra a porta para permanecer em pé.

"Não. Preste atenção, Wes. T u d o igual. Inclusive aqueles rabiscos ao lado."

"Do que você está falando?"

"À esquerda — antes de cada conjunto de iniciais: os quatro pontos em um quadrado, o pequeno oval, a cruz com um talhe..."

Eu olho para cada um: */ , 0, ^t. "O rabisco que parece galinha?"

"Aí está, Wes", diz ela, terrivelmente séria. "Não acho que seja um rabisco de galinha. A não ser que ele tenha conseguido algumas galinhas extremamente espertas."

86

"Mas são desenhos sem sentido", digo, enquanto estudo os rabiscos de Manning ao lado das palavras cruzadas.

"Você está ouvindo?", grita Lisbeth pelo telefone. "Isso é o que eles querem que pareçam — rabiscos ao acaso e letras adicionais que fazem desaparecer as iniciais escondidas. Mas se você olhar para esse novo jogo de palavras cruzadas, as mesmas imagens rabiscadas estão exatamente na m e s m a o r d e m . Não há nada ao acaso a respeito disso, Wes! Os quatro pontos... o mesmo oval — Manning as estava usando como uma espécie de mensagem."

"Por que usaria...?"

"Você mesmo disse: cada político precisa de aliados — e cada presidente precisa descobrir em quem pode confiar. Talvez isto seja como Manning classificava os que estavam próximos a ele. Você sabe, como um boletim escolar."

Concordando com a lógica, olho outra vez para a lista, adicionando mentalmente os nomes verdadeiros.

⋮	Manning
⋮	Albrigt
⋮	Rosenman
⋮	Dreidel
⋮	Moss
—	Kutz
—	Lemonick
—	Boyle
⋮	

"E não leve a mal", acrescenta Lisbeth, "mas o seu menino Dreidel... Ele é depravado. Um verdadeiro depravado, Wes — sabe, o tipo que espanca prostitutas e arrebenta o rosto delas batendo contra o espelho, esse tipo de depravação."

Quando ela conta a história de Violet, eu ainda posso me lembrar da mulher de roupão espreitando no quarto de hotel de Dreidel. Mas entre aquilo e quebrar a cara... "Você tem certeza que pode confiar nessa Violet?", pergunto.

"Olhe para a lista", diz Lisbeth. "Aquele é a escrita de Manning, certo?" Quando não respondo, ela acrescenta: "Ora, Wes! Aquela é a escrita de Manning ou não?"

"Sim, é", digo, enquanto a minha respiração se acelera de novo.

"Exatamente. Assim, se é ele quem está preenchendo esse boletim, então a nota que dá a si mesmo — aqueles quatro pontos —, você acha que em sua classificação pessoal ele está dando a si mesmo um A ou um enorme, nebuloso F?"

"Um A?" digo meio incerto, olhando para o ⋮ .

"Certamente um A. Ele usa código cifrado. De fato, eu vou apostar que aqueles quatro pontos são um brilhante A+.

Agora veja quem mais tem sorte bastante para conseguir a mesma classificação."

Olho para a lista. É a primeira vez que percebo que Manning e Dreidel estão ambos classificados com quatro pontos.

"Rover vermelho, rover vermelho, chamamos Dreidel bem agora" [15], diz Lisbeth pelo celular.

"Lisbeth, isso não prova nada. E daí se ele confiava em Dreidel mais do que nos outros?"

"E se ele confiasse em Dreidel para fazer o que nenhum dos outros faria?"

"Espere, então agora Dreidel é um quebra-galho?"

"Você estava lá, Wes. Está me dizendo que o presidente nunca teve questões pessoais que tivessem de ser resolvidas?"

"É claro, mas estas em geral iam para...", interrompo a mim mesmo.

"O quê? Esses eram problemas que iam para Boyle?"

"Sim, eles... supunha-se que sim. Mas é essa a questão? Que é que tem se eles c o s t u m a v a m ir para Boyle..."

"... e de repente pararam?"

"E subitamente começaram a ir para Dreidel", digo.

"Ninguém nunca nem saberia que o presidente fez a mudança, a menos..."

"... a menos que começassem a encontrar sua classificação na lista", concorda Lisbeth, sua voz se acelerando. "Então, quando Boyle descobriu isso, quando viu que Dreidel e Manning estavam na mesma categoria..."

"... ele pôde ver a categoria real de toda a hierarquia."

Uma hora atrás eu teria dito a Lisbeth que ela estava louca — que não haveria jeito de o presidente e Dreidel estarem maquinando juntos. Mas agora... eu repasso os últimos dez minutos em minha mente. O que a primeira-dama havia dito... que Boyle acusara o presidente de... e o que Lisbeth já estava confirmando... se mesmo só metade disso fosse verdade... eu inalo uma rajada

quente de ar úmido, depois ranjo os dentes para tornar minha respiração mais lenta.

Mas ela não quer diminuir de ritmo. Meu peito palpita. Meu pescoço, meu rosto — estou ensopado.

Mais acima no quarteirão, na esquina da County Road, há um carro branco com os faróis acesos, esperando para virar em minha direção.

"Saia imediatamente daí", diz Lisbeth.

"Estou indo embora agora."

Abrindo a porta, entro no carro e desvairadamente enfio a mão no bolso buscando as chaves. Vim aqui para confessar... pedir ajuda ao maior e melhor. Mas agora — com o presidente como o Quarto, e Dreidel nos levando diretamente para alimentar o leão... enfio a chave na ignição, mas, por causa do tremor em minha mão, a chave não acerta a coluna de ignição. Tento de novo.

Maldição, por que ela não...?

Faço uma nova tentativa e a ponta da chave arranha a coluna de metal e machuca a ponta de meu dedo. A dor é aguda, como a de ser furado por uma agulha. Mas, quando meus olhos se enchem de lágrimas, eu sei que não são por causa da dor. Ou pelo menos não dessa dor.

Um soluço sobe como uma bolha em minha garganta. Ranjo os dentes de novo, mas o soluço não quer descer.

Não, não faça isso... não agora, eu suplico, enquanto pressiono minha testa, tão fortemente quanto consigo, contra o volante. Mas quando penso no presidente — todos esses anos — eu não apenas sei o número de seu sapato e o travesseiro que prefere. Eu sei o que ele pensa: quem o aborrece, em quem confia, quem ele odeia, até mesmo quem ele pensa que ainda tira proveito dele. Conheço suas metas, e o que teme, e quais são seus sonhos, e o que ele espera... o que eu esperei... A bolha em minha garganta se move e meu corpo começa a tremer com soluços opressivos e silenciosos. Depois de oito anos... todo santo dia...

Oh, Deus, como pode não conhecer esse homem?

"Wes, você está aí?", pergunta Lisbeth pelo celular.

Ainda respirando pesadamente e lutando para me acalmar, eu engulo com dificuldade, sento-me ereto, e finalmente enfio a chave na ignição. "Um segundo", sussurro pelo celular. Acelerando, sinto as rodas amassando o gramado e, conseqüentemente, levando-me para longe dali. Quando enxugo as últimas lágrimas, percebo um cardápio de um restaurante chinês enfiado debaixo de meu limpador de para-brisa. Guiando com uma mão e abaixando o vidro com a outra, eu ligo o limpador, estendo a mão e pego o cardápio bem quando o limpador começa a empurrá-lo. Mas quando atiro o cardápio no banco do passageiro, eu avisto uma escrita à mão familiar na sua página de trás, logo abaixo dos cupons de desconto. Pressiono com força o pé no freio e o carro derrapa para parar cerca de seis metros antes do farol no fim do quarteirão.

"Você está bem?" pergunta Lisbeth.

"Espere aí..."

Eu pego o cardápio. A escrita à mão é inconfundível.

Pequenas e perfeitas letras de forma.

*Wes, vire-se. Certifique-se de que está sozinho.
(Perdão pelo melodrama)*

Virando-me no assento, examino os vidros de trás e enxugo o resto das lágrimas. O portão para a casa de Manning está fechado. As calçadas estão vazias. E o gramado que divide a rua estreita tem em cima apenas o carro alugado azul-marinho do pessoal do Madame Tussaud.

"Você encontrou algo?", pergunta Lisbeth.

Esforçando-me para ler o resto da nota, quase não posso impedir que minhas mãos tremam.

*Você precisa saber o que mais ele fez.
19h no...*

Meus olhos se arregalam quando percebo o local. Como antes, está assinado com um simples floreio. A ponta do R é mais comprida do que o resto. *Ron.*

Há um fluxo de umidade agridoce na metade esquerda de minha língua. Toco meus lábios e avisto o líquido vermelho brilhante em meus dedos. Sangue. Eu estava mordendo meus lábios com tanta força que nem senti que machucara a pele.

"O que foi? O que há?", pergunta Lisbeth, fora de si.

Estou quase contando, mas me contenho ao lembrar o que ela fez.

"Wes, o que há de errado?"

"Estou bem", digo, enquanto releio a nota. "Apenas nervoso."

Há uma pausa na linha. Ela tem sido enganada por melhores do que eu. E nem faço parte da elite. "Muito bem, o que você não está dizendo?" pergunta ela.

"Nada, eu só..."

"Wes, se é por causa da gravação, sinto muito. Se eu pudesse voltar atrás..."

"Podemos não falar sobre isso?"

"Só estou tentando me desculpar. A última coisa que eu queria fazer era feri-lo."

"Você não me feriu, Lisbeth. Apenas me tratou como se eu fosse uma história."

Pela segunda vez ela fica em silêncio. Isto a está machucando mais profundamente do que eu imaginava.

"Wes, você está certo: esta é uma história. É uma grande história. Mas há uma coisa que eu preciso que você entenda.

Isto não significa que se trata a p e n a s de uma história para mim."

"E então é isso?" pergunto. "Você elabora um belo discurso, o espetáculo teatral se intensifica, e agora devo confiar em você de novo?"

"É claro que não — se eu fosse você, não confiaria em n i n g u é m . Mas isto não significa que você não precisa de ajuda. Ou de amigos. E só para sua informação, se eu estivesse tentando destruí-lo, quando consegui o novo jogo de palavras cruzadas... quando descobri a história de Violet e de Dreidel... eu teria telefonado para o meu editor em vez de para você."

Penso nisso durante um instante. Assim como penso em nossa primeira viagem no helicóptero.

"E lembra daquele acordo quando você me prometeu que me daria a história?", pergunta Lisbeth. "Esqueça-o. Estou fora. Nem a quero mais."

"Você está falando sério?"

"Wes, nos últimos dez minutos o meu bloco de anotações ficou guardado em minha bolsa."

Acredito em Lisbeth. Acho que ela está dizendo a verdade. E estou convencido de que está tentando fazer a coisa certa.

Mas depois de hoje... depois de Manning... depois de Dreidel... depois de quase todos me desapontarem... a única pessoa em quem realmente posso pôr fé sou eu mesmo.

"E sua visita aos Manning?", acrescenta ela. "Eles disseram alguma coisa sobre a qual eu possa ajudá-lo?"

Olho para o bilhete escrito à mão de Boyle e para a assinatura com o R de ponta alongada.

"Não — apenas o habitual", replico, relendo a mensagem para mim mesmo.

Você precisa saber o que mais ele fez.

19h no...

[15] Refrão (Red rover, Red rover, we call Dreidel right over) de um jogo chamado *Red Rover* e *Forçando as portas da cidade*, no qual duas equipes de crianças se dão as mãos formando duas linhas paralelas que se enfrentam. (N. T.)

87

"E sua visita aos Manning?", disse Lisbeth ao telefone, enquanto caminhava rapidamente do lado de fora do condomínio onde se encontrara com Violet. "Eles disseram alguma coisa sobre a qual eu possa ajudá-lo?"

Wes fez uma pausa de menos de um segundo. Para Lisbeth foi mais do que suficiente. Se quisesse mentir, ele já teria inventado uma história. Uma pausa como essa... fosse o que fosse com o que ele estava se debatendo, machucava-o violentamente. E, para sua surpresa, quanto mais percebia pelo que ele havia passado — e ainda estava passando — mais isso machucava-a também. Regra Sagrada Número 10, disse para si mesma: Prenda-se à história, não às pessoas que estão nela.

"Não — apenas o habitual", disse Wes, finalmente. Ele acrescentou um rápido adeus para evitar o embaraço. Não conseguiu.

Lisbeth não podia culpá-lo. Ao levar aquele gravador, ela abalara sua confiança. No entanto, quando ela deslizou para trás do volante do carro e começou a discar um novo número, estava claro que não iria apenas ficar sentada quieta e permitir que ele a mantivesse à distância.

"Palm Beach Post", respondeu uma voz de mulher do outro lado da linha. "Aqui é Eve."

"Eve, é Lisbeth. Você está...?"

"Não se preocupe, a coluna foi feita."

"Esqueça a coluna."

"Coloquei até o idiota do prêmio de arte nela."

"Eve!"

Fez-se uma pausa do outro lado da linha. "Por favor, diga que você não arreventou meu carro."

"Você pode escutar, por favor?", implorou Lisbeth, enquanto olhava para o jogo de palavras cruzadas que Violet lhe havia dado e o apoiava sobre o volante. "Lembra daquele velho da página das histórias em quadrinhos — sabe, aquele com os óculos de arrepiar e o queixo com papada..."

"Kassal? O sujeito que inventava nossos jogos de palavras cruzadas?"

"Sim, ele mesmo — espere, o que quer dizer com i n v e n t a v a ? . Não me diga que ele morreu!?"

"Lisbeth, este jornal é tão desprezível que eles diminuem o tamanho dos caracteres das manchetes para economizar tinta. Você realmente acha que eles pagam um funcionário extra, benefícios extras, seguro-saúde extra, quando podem conseguir diariamente palavras cruzadas através de agências distribuidoras por trinta pratas?" ressaltou Eve.

"Eles o despediram dois anos atrás. Mas sorte sua, eu estou olhando para uma lista de telefone de funcionários de três anos atrás."

"Você realmente não limpou sua escrivaninha durante todo esse tempo?"

"Você quer o número ou não?"

Dez dígitos mais tarde, Lisbeth observava uma chuva leve bater em seu para-brisa. Seu pé batia ansiosamente no tapete do carro, enquanto esperava que alguém atendesse.

"Esteja em casa, esteja em casa, esteja em casa..."

"Alô", respondeu um senhor, com uma voz rouca e um sotaque chiado do Meio Oeste.

"Olá, estou procurando o senhor Kassal", explicou Lisbeth.

"Martin para você. E você é..."

"Lisbeth Dodson — nós trabalhávamos juntos no P a l m B e a c h P o s t — e creia-me, senhor, esta será a pergunta mais estranha que já ouviu..."

"Apreste-se, doçura, eu estou fazendo panquecas para o jantar e morreria se as visse queimar."

"Sim, bem, um grande amigo meu tem um problema..."

Lisbeth respirou profundamente, pegando a caneta e depois parando. "Você é muito bom para resolver palavras cruzadas?"

Com o teto solar aberto e a chuva leve ainda caindo dentro do carro, Nico deu uma guinada na rodovia, provocando uma fechada num Lexus branco e seguindo pela rampa de saída para Okeechobee Boulevard.

"Edmund, qual é mesmo o endereço?", perguntou Nico, arrumando a colcha no peito de Edmund quando se aproximaram do farol vermelho no fim da rampa.

8385 Okeechobee Boulevard.

Assentindo com a cabeça para si mesmo, Nico inclinou-se para a frente em seu banco, esticando o pescoço por cima do volante para olhar melhor para a rua que saía perpendicular na frente deles. À sua direita, o fluxo rápido de veículos passava pelo posto de gasolina e uma loja de conserto de cortadores de grama. A sua esquerda, a água azul do lago Clear passava diante do Centro de Artes Dramáticas e Musicais, enquanto a placa verde sinalizadora da rodovia apontava para as belas e altas colinas ao longe. Na foto que Nico roubara, Wes estava arruinado, despedaçado e corrompido pelo toque de Boyle. Não havia nada de bonito em relação a ele.

Virando o volante para a direita, Nico tornou a fechar o Lexus branco, cujo motorista apertou a buzina durante uns bons cinco segundos. Não ouvindo nada, Nico acelerou e mergulhou no tráfego.

"Você consegue ler aquele?", perguntou Nico, enquanto apontava para o número de uma distribuidora de carros próxima. Uma gota de chuva entrou pelo teto solar aberto e atingiu Edmund na face.

2701.

"E aquele *outro*"?, perguntou Nico, apontando para uma loja de empréstimos de dinheiro, meio quarteirão adiante.

Aquele, deixe-me ver ... 2727.

Nico sorriu com um brilho em seus olhos redondos e acelerou mais. *Trabalho empolgante, Nico. Deus está definitivamente do nosso lado nessa tarefa.*

Pensando exatamente a mesma coisa, Nico pegou o rosário de contas de madeira que balançava no retrovisor do Pontiac. "Você se incomoda, Edmund?"

"Ficarei honrado. Você o ganhou, meu filho."

Meu filho. Nico sentou-se ereto ao ouvir essas palavras.

Certamente Edmund sabia o que elas significavam... e, assim que Nico as ouviu, pôde sentir o aroma de alcaçuz preto e o cheiro de noqueira dos cigarros enrolados à mão de seu pai.

Voltou no tempo... voltou para antes de sua mãe ficar doente. Quando eles iam para a igreja. Quando as coisas eram boas. Quase incapaz de esconder seu sorriso, Nico assentia com a cabeça repetidas vezes, enquanto enfiava as contas do rosário ao redor do pescoço e olhava para o banco do passageiro.

O quê? O que há de errado, Nico?

"Nada... eu só..." Ele tornou a fazer um sinal com a cabeça e aspirou profundamente o aroma de alcaçuz. "Estou feliz", disse ele. "E, dentro de mais alguns minutos, a Mãe — como o Pai — finalmente conseguirá justiça."

Cinco minutos atrás comecei a contar a Rogo a história sobre Os Quatro, e o bilhete de Boyle, e o que Lisbeth dissera sobre Dreidel. Em circunstâncias normais, Rogo estaria gritando e pedindo uma briga de socos e soltando o eu-lhe-disse-seu... Mas, como qualquer bom ator, ele está bem cômico de sua audiência.

"O que ele está contando?", pergunta Dreidel ao fundo.

"Diga-lhe que Manning me deu o dia de folga amanhã", grito pelo celular, com minha fúria redescoberta mal encobrindo minhas ansiedades ainda latentes.

"Os Manning lhe deram folga amanhã — apenas para se acalmar de toda essa confusão causada pelo Nico", diz Rogo, como um velho profissional. Falando outra vez comigo, ele acrescenta: "Você tem alguma ideia de por que ele fez isto?"

"Quem? Manning? Não faço ideia — a primeira-dama disse que talvez o tenham enganado. Tudo o que sei é que, quando Os Três recrutaram Boyle, eles o estavam chantageando por causa de seu suposto filho. Mas conseguir algo de alguém como um presidente dos Estados Unidos..."

"... estamos falando de um maldito segredo", concorda ele.

"Wes, você vai ter de ser muito cuidadoso."

"Cuidadoso no quê?", interrompe Dreidel, nitidamente frustrado. "O que ele está dizendo?"

"Rogo", aviso, "não lhe dê..."

"Relaxe, está bem? Estamos falando de O'Shea e de Micah", diz Rogo, claramente no controle. Quando Dreidel não responde, pergunto-me se estou sendo demasiado rude.

Mesmo se o que Lisbeth dissera fosse verdade — sobre Manning e Dreidel estarem posicionados na mesma...

"Pergunte a Wes se quer se encontrar conosco", grita Dreidel no fundo. "Apenas para podermos comparar nossas informações num só local."

"De fato, esta é uma grande ideia", diz Rogo. Para Dreidel, o tom de Rogo é totalmente entusiasmado. Para mim, seu meio-tom é igualmente claro. Ele morderia seus próprios polegares antes de deixar esse encontro ocorrer.

Enquanto Rogo continua a manter Dreidel sob controle, eu faço uma acentuada curva à direita, para fugir do tráfego da hora do rush, no Okeechobee Boulevard, e atravesso para o espaço amplo e aberto do estacionamento do supermercado Publix. Este não é o meu caminho habitual, mas — olho pelo retrovisor — entrar no enorme vazio do estacionamento me parece o melhor jeito de ver se não estou sendo seguido.

"Então, quando vamos nos encontrar?", pergunta Rogo, ainda tentando deixar Dreidel feliz.

"Presumo que você esteja brincando, certo?" pergunto, dando voltas no estacionamento e seguindo a rua estreita de duas mãos até o edifício familiar no final do quarteirão.

"S-Sim... é claro."

"Ótimo, então mantenha-o afastado", digo. "Longe de mim e longe de Boyle."

"Maldição, Rogo, você perdeu a entrada!", grita Dreidel ao fundo. "A rampa para a rodovia fica lá atrás!"

Sem uma palavra, eu sei que Rogo entende. Enquanto eles vão até o consultório do dr. Eng e depois voltam para Palm Beach, Dreidel é oficialmente a menor das crises com as quais tenho de lidar.

"Muito bem, às vinte horas hoje no hotel de Dreidel — você entendeu, Wes?" diz Rogo. "Sim, sim... é claro", acrescenta ele, embora eu me mantenha em silêncio. Pelo celular, ele respira profundamente. Sua voz fica mais lenta. "Apenas tenha certeza de que está a salvo, ok?" Eu conheço aquele tom. Da última vez que o ouvi ele estava parado perto da minha cama no hospital. "Estou falando sério, Wes, fique a salvo."

"Vou ficar", digo a ele, enquanto uma virada à direita me faz penetrar numa entrada para carros, pavimentada com tijolo em forma de ferradura, na frente do meu prédio. Dirigindo pela entrada principal, eu dou a volta para o estacionamento aberto na parte de trás. "Embora, para ser honesto, Rogo — eu calculei que você ficaria feliz de eu estar finalmente reagindo."

"Sim, bem... mas da próxima vez tente dar algumas braçadas antes de decidir atravessar o canal da Mancha."

"Eu dei minha vida a ele, necessito pegá-la de volta."

"Você está dizendo isso para mim?, Wes, eu brigo com todo mundo. Eu g o s t o de brigar com todo mundo — eu brigo com o empacotador que tenta lucrar em cima de mim dando-me um saco de plástico em vez do de papel. Mas deixe eu lhe dizer uma coisa: você não briga com pessoas como essas. Você consegue a prova, a tranca num lugar seguro, e depois fala com a imprensa... com as autoridades... com quem estiver na melhor posição para impedi-los de arrancar os seus dentes pelo ânus. E acredite-me, quando o encontrarem, eles vão bater com força."

"Você ainda está falando de Micah e O'Shea?" interrompe Dreidel no fundo.

"De quem mais falaríamos?" dispara Rogo.

"Rogo", interrompo, "eu sei como eles batem. Eles não vão conseguir uma outra fresta."

"Ótimo — era o que eu queria ouvir. Muito bem, então se você não pode ir para casa, onde vai se esconder pelas próximas horas: aquele hotel de baixa qualidade onde minha mãe costumava ficar, ou talvez em algum lugar mais frequentado, sabe, como o saguão dos Breakers ou algo assim?"

Fico silencioso por um momento, dirigindo-me para a minha vaga na parte dos fundos do estacionamento. "O que quer dizer?"

"Preste atenção no tempo, Wes — você ainda tem duas horas para gastar à toa — então, supondo que não vai estar em casa..."

Fico em silêncio de novo.

Eu juro que posso ouvir Rogo sacudindo a cabeça. "Você está em casa agora, não está?"

"Não exatamente", digo, enquanto o carro pula sobre o quebra-molas.

Não exatamente?

O que significa *não exatamente*?"

"É... significa que eu... significa que estou em uma espécie de estacionamento."

"Ah, Jesus! Wes, por que você...? Saia daí!"

"Você não acha que o nosso segurança em frente pode...?"

"Aquilo não é segurança. É um porteiro com uma insígnia costurada na roupa!"

"Estou falando das câmeras, Rogo. É disto que eles têm medo — de serem vistos! E não leve a mal, mas, já que até agora você apenas falou essas coisas sem pensar só para Dreidel ouvir, provavelmente vou ficar bem."

"Vá embora. Agora!"

"Você acha?" pergunto, conduzindo o carro para um local desobstruído de modo a poder sair rápido.

"Apenas vire o carro e tire seu traseiro daí antes que...!"

Quando viro o carro ao contrário, há uma batida contra o vidro do lado do motorista. Olhando para a minha esquerda, vejo a ponta de uma arma batendo contra o vidro.

O'Shea aponta sua pistola direto para mim e põe o dedo indicador em seus lábios.

"Diga-lhes que você está bem", diz O'Shea, a voz abafada pelo vidro.

Eu olho para a arma. "O-Ouçã, Rogo — estou bem", digo ao celular.

Rogo diz alguma coisa, mas não consigo escutá-lo.

"Diga-lhes que você telefonará de novo quando encontrar um local seguro", acrescenta O'Shea.

Durante um momento eu hesito. O'Shea coloca o dedo contra o gatilho.

"Rogo, vou lhe telefonar de novo quando encontrar algum lugar seguro para ficar."

Desligo o telefone. O'Shea abre a porta de meu carro.

"É bom vê-lo de novo", diz ele. "Como se foram as coisas em Key West?"

90

Vamos, Wes. Saia", diz O'Shea, agarrando o ombro de minha camisa e arrancando-me do Subaru. Quando eu tropeço no asfalto do estacionamento, percebo que o carro ainda está ligado. Ele não se perturba. Ele não acha que isto vai demorar muito.

"Continue andando... em direção à cerca", acrescenta ele, menos de um passo atrás. Seu revólver não está mais à vista.

Mas, pelo contorno de sua jaqueta, ele ainda está claramente apontado para mim.

Nós nos dirigimos para o canto de trás do estacionamento, onde há uma abertura nos altos arbustos que conduz a um sombreado passeio para cães que segue paralelo ao loteamento. O passeio para cães é estreito e não muito comprido. Mas, localizado atrás dos arbustos, ele nos mantém fora de vista.

"E então Key West", diz O'Shea, bem atrás de mim. "Seu amigo Kenny diz olá."

Eu olho por cima do ombro quando alcançamos os dois postes de iluminação que flanqueiam a entrada do passeio para cães. O'Shea mostra um sorriso arreganhado, mas, da maneira pela qual seu cabelo cor de areia está emaranhado, ele teve um dia mais árduo do que deixa transparecer. A garoa parece formar gotas de suor em seu nariz de pugilista.

"Eu não sei do que você está falando", digo, voltando-me para encará-lo.

Ele nem se incomoda em me pedir explicações. "Onde está a foto que você pegou, Wes?"

"Eu lhe disse, eu não..."

Com um movimento indistinto, seu punho me atinge no rosto, machucando o meu olho esquerdo e me fazendo cair com estrépito

no caminho enlameado. Quando escorrego para trás sobre a grama molhada, toda a minha cavidade orbital está vibrando, como um sino que começa a tocar.

"Eu sei que você está com a foto. Devolva-a e está livre para ir embora."

"Ela-ela está no porta-luvas", digo, apontando para o carro com uma mão e pressionando o meu olho com a outra.

Ele olha para o Subaru no momento em que mais dois carros entram suavemente no estacionamento. Seus faróis estão acesos e eles se movem com rapidez no início do entardecer, o que transforma a leve garoa em minúsculos fogos de artifícios que esvoaçam ao longe. Inquilinos vizinhos voltando para casa depois de um dia de trabalho. Fincando o pé em meu ombro, O'Shea estuda a cena toda como se estivesse lendo a palma da mão de alguém.

Sem uma palavra, ele se abaixa, agarra a frente de minha camisa e me põe de pé. Antes mesmo que eu recupere o equilíbrio, ele me empurra e eu perco o equilíbrio, batendo o peito contra a árvore. Meu rosto se fere na casca da árvore, forçando-me momentaneamente a esquecer a dor em meu olho.

Atrás de mim, O'Shea chuta minhas pernas para separá-las e começa a revistar meus bolsos, jogando o conteúdo no chão: carteira, chaves do apartamento, a folha de papel dobrada com o programa do dia de Manning.

"O que você está fazendo?", pergunto, enquanto ele bate de leve em meu peito e desce pelas minhas pernas. "Eu lhe disse que ela está no porta-luvas..."

Há um leve estalido quando seus dedos batem em meu tornozelo.

Eu olho para ele. E ele olha em minha direção.

Tento me livrar de sua garra, mas ele é muito forte.

Sacudindo meu tornozelo, ele levanta a perna de minha calça, revelando a fotografia em preto-e-branco e papel brilhante enrolada ao redor de minha canela, a metade superior dela aparecendo fora de minha meia.

Enraivecido, O'Shea a arranca de lá e me empurra para o lado. Sua raiva aumenta quando ele olha para a foto de Micah na pista de corrida, amarrotando o canto dela em sua mão — mas muito rapidamente ele se acalma e recupera o fôlego. O fato de eu ainda estar vivo mostra que a foto não é o único motivo pelo qual ele está ali.

"Onde está Lisbeth?" pergunta ele.

"Nós nos desentendemos."

"Mas ainda assim ela o deixa usar o seu carro? Parece que ela está querendo ajudar."

"Se você quer saber se ela está escrevendo uma história..."

"Quero saber onde ela está, Wes. *Agora*. E não diga *eu não sei*".

"Mas eu não..."

"Não diga *eu não sei!*", berra ele, pegando a arma e apontando-a direto para o meu rosto. Abaixando a voz, ele acrescenta: "Eu sei que você esteve falando com ela sobre as palavras cruzadas. *Agora...*"

Há um barulho de galhos quebrados e um tinido que soa como sinos de Natal. Atrás de O'Shea, através da abertura que dá para o estacionamento, uma mulher baixa, com um terninho risca-de-giz, sacode uma correia de cachorro de metal enquanto conduz seu cocker spaniel pela entrada do passeio para cães.

Antes que a mulher perceba o que está acontecendo, O'Shea cruza os braços, escondendo a arma sob sua axila.

"Perdão", diz a mulher, sorrindo nervosamente enquanto passa rapidamente entre nós. "Não queria interromper."

"Não há problema algum", replica O'Shea, virando-se o suficiente para que ela não tenha uma visão clara de seu rosto. "Estamos apenas esperando nossos cachorros voltarem — eles adoram correr até o final do passeio."

A mulher assente, olhando para trás o tempo suficiente para ver que nenhum de nós segura uma correia. Virando-se rapidamente e fingindo não ter percebido, ela segue seu cachorro enquanto é puxada até um tufo de grama cerca de cinco metros adiante.

Sinto-me tentado a correr. Ela é uma distração perfeita — e uma testemunha. Mas quando O'Shea abaixa o queixo e seus olhos cor

de avelã desaparecem na escuridão de sua frente, eu escuto a mensagem alta e clara. Se eu me mexer, ele a mata também.

"Boa menina, Murphy — vamos lá", diz a mulher, puxando o animal de volta, passando entre nós dois e entrando de novo no estacionamento. Durante um minuto inteiro a observamos pelas costas enquanto ela atravessa o estacionamento e se dirige para a porta dos fundos do edifício. A mulher olha para o cachorro, para o relógio, procura suas chaves — mas, para sua sorte, ela não olha para trás.

Com um fraco estalido, a porta de metal do edifício se abre e a mulher desaparece. O'Shea descruza os braços, e sua arma volta direto para o meu rosto.

"Sinto muito, Wes", diz O'Shea, enquanto engatilha sua arma. "Isto vai doer."

"Espere... o que você está fazendo?" pergunto, tropeçando para trás em uma árvore próxima.

A chuva leve bate em seu rosto, mas ele mal percebe. Sua pele clara reflete um brilho amarelo no escuro.

"O'Shea, se você fizer isto... a investigação que irão abrir: você nunca será capaz de encobrir tudo."

O'Shea sorri quando o seu dedo toca o gatilho. "Engraçado.

Foi isso que eles nos disseram da última v..."

Pum, pum, pum.

O som soluça no ar. Meu corpo fica gelado. Não de dor. Por causa do som. *Pum, pum, pum* — um eco do passado — atirando agora.

Na minha frente, O'Shea, um olhar de surpresa furiosa que lhe imobiliza o rosto, estremece e se desloca, e cai para trás contra o poste de luz. Ele aperta com força seu ombro como se tivesse sido atingido por uma picada de inseto. Seus joelhos começam a se dobrar. Sua cabeça se inclina ligeiramente para o lado. No entanto, só quando vejo o sangue sair de seu ombro é que me dou conta de que ele foi baleado. Sob a luz fraca, seu sangue parece preto quando escorre pelo terno.

"Uuuh!" lamenta-se O'Shea, enquanto sua cabeça bate atrás no poste de luz. Sua arma cai no chão molhado. Pela maneira como

está oscilando e se apoiando no poste de luz, ele está prestes a seguir sua arma. Atrás de mim há um outro barulho de ramos quebrados. Antes que eu registre um som, uma sombra alta e obscura, vestida com uma jaqueta preta, corre passando por mim e segue direto até O'Shea.

"Corra, Wes! Corra!", grita a sombra, enterrando seu antebraço em minhas costas e empurrando-me para fora da calçada. Mas quando eu escorrego na grama e me esforço para recuperar o equilíbrio, não há como me enganar sobre aquela voz. A voz da Malásia... do aviso pelo telefone...

Boyle.

91

"Wes, saia já daí! Agora!", sibila Boyle, seu revólver apontado para O'Shea. Uma pequena nuvem de fumaça sai do cano.

Escorregando para o chão com as costas contra o poste de luz, O'Shea cai de joelhos. Esforçando-se para ficar em pé, ele não consegue muita coisa. Ele já está em choque. Não querendo se arriscar, Boyle corre até O'Shea e aperta o cano de seu revólver contra a cabeça dele. "Onde está Micah?", pergunta.

De joelhos, O'Shea range os dentes de dor. "Você finalmente descobriu seu nome, hein? Eu lhe disse que isto..."

"Estou lhe perguntando só mais uma vez", ameaça Boyle.

Tirando o revólver da cabeça de O'Shea, ele enfia o cano na ferida do ombro do agente. Este tenta gritar, mas Boyle coloca a mão em sua boca. "*Última vez, O'Shea! Onde ele está se escondendo?*" Engatilhando a arma, Boyle afunda ainda mais o revólver na ferida de O'Shea.

O corpo de O'Shea agita-se quando ele tenta falar. Boyle destapa-lhe a boca. "E-Ele está morto", murmura O'Shea, mais abalado do que nunca.

"Quem o matou? Você ou O Romano?"

Quando O'Shea hesita, Boyle enfia o cano da arma mais fundo ainda. "E-E-Eu..." sussurra O'Shea com os olhos como os de um animal selvagem. "Assim como farei com voc..."

Boyle não lhe dá a chance, aperta o gatilho e atira no mesmo lugar da ferida. Ouve-se um tiro amortecido pelo silenciador e um som de esguicho quando um grande pedaço de carne salta da parte de trás de seu ombro. A dor é tão intensa que O'Shea nem tem tempo de gritar. Seus olhos reviram. Seus braços se afrouxam.

Dobrando-se, O'Shea cai para a frente como um boneco de trapo. No instante em que atinge o solo enlameado, Boyle já está em cima dele, puxando-lhe as mãos para as costas e amarrando seus pulsos com algemas de plástico flexível que tirara de seu bolso.

"O-O que você está fazendo aqui?", pergunto, mal conseguindo respirar.

Com um clique alto, as algemas se fecham, prendendo os pulsos de O'Shea atrás das costas. Se Boyle o quisesse morto teria dado mais um tiro. Mas, pela maneira como está lidando com ele, cobrindo-o nitidamente quer alguma outra coisa. O que é mais espantoso é o modo de Boyle se mover — examinando o corpo de O'Shea, trabalhando tão depressa... a maneira como seu tríceps fica tenso debaixo da jaqueta... ele tem estado treinando para isso.

"Wes, eu lhe disse para ir embora!", grita Boyle, finalmente se voltando para mim.

É a primeira vez que dou uma boa olhada em seus olhos.

Mesmo sob a fraca luz, eles brilham como os de um gato.

Castanhos com um toque de azul.

Ao longe, a porta de um carro se fecha com uma explosão de metal. Boyle dá um pulo para a esquerda, na direção do som. Os arbustos altos bloqueiam sua vista, mas da maneira como ele se imobiliza, inclinando-se para ouvir... como se soubesse que alguém estava chegando.

"Temos de ir!", insiste ele, subitamente frenético, enquanto pega o revólver de O'Shea da lama e o coloca no bolso.

"Como você sabia que eu estaria aqui?"

Recusando-se a responder, ele rola furiosamente o inconsciente O'Shea como se este fosse uma tora de madeira, empurrando-o pelas costas. "Ajude-me a levantá-lo!", pede Boyle.

Sem sequer pensar, eu me desloco, agarrando O'Shea debaixo do braço esquerdo. Boyle agarra pelo braço direito.

"Você estava me seguindo?", acrescento, enquanto colocamos O'Shea em pé.

Boyle ignora a pergunta, para diante de O'Shea e abaixa-se, apoiado sobre um joelho. Quando O'Shea pende para a frente,

Boyle ergue o ombro de encontro à metade do corpo dele, levantando-o como se estivesse erguendo um velho tapete enrolado.

"Eu lhe fiz uma..."

"Eu o escutei, Wes. Saia da minha frente." Ele tenta passar ao meu lado. Eu dou um passo ficando na sua frente.

"Você estava me seguindo? Isto era para localizá-los ou...?"

"Você está prestando atenção, Wes? Nico pode chegar aqui a qualquer minuto!"

Eu tropeço com as palavras. Minha boca fica seca, e eu juro que cada glândula de suor em meu corpo se abre.

"Agora saia da frente antes de ambos sermos mortos!"

Sacudindo a cabeça, Boyle passa por mim depressa com O'Shea em seu ombro. Eu giro e observo, enquanto ele se movimenta com esforço até o final do passeio para cães.

"Para onde você o está levando?"

"Não seja estúpido!", grita ele, disparando um último olhar para mim e assegurando-se de que entendi. "Haverá tempo para conversar mais tarde."

Ao longe, quando ele se afasta de mim, a jaqueta preta de Boyle camufla tudo, menos sua cabeça calva. Coberto em cima de seu ombro, se passa o mesmo com O'Shea, cujo pescoço pálido brilha enquanto sua cabeça balança apontada para o chão. Boyle grita algo mais, mas não consigo ouvir. A passos rápidos eles estão indo pelo caminho ladeado de árvores e logo desaparecem na escuridão. O sol já se pôs. E de novo estou parado em silêncio. Em choque.

Completamente sozinho.

Atrás de mim, uma porta de carro bate no estacionamento. A minha esquerda, um cantar de grilo corta o ar da noite. A garoa continua e um outro galho fino estala. Depois um outro. Isto é mais do que suficiente.

Girando em direção ao estacionamento, eu corro tão rápido quanto posso. Uma outra porta de carro se fecha. Esta faz menos barulho, como se estivesse bem no final do estacionamento. Não é hora de arriscar. Pegando minha carteira, as chaves do apartamento

e a fotografia, eu me lanço como uma flecha entre os postes de iluminação, de volta ao estacionamento. Quando passo no meio de dois carros, não há ninguém ali.

Depois de enfiar minha carteira de volta no bolso — e a foto ao redor do meu tornozelo dentro de minha meia —, corro pelo estacionamento, procurando fila por fila e examinando a capota de cada carro. Ao lado de cada teto de metal, a lâmpada suspensa lança um reflexo circular que ondula com cada gota de chuva. Ainda ninguém à vista. Isto não faz com que eu me sinta mais seguro. Se Boyle esteve me seguindo o tempo todo, então qualquer um pod... Não, nem pense sobre isto.

Passando a correr a toda velocidade, sigo em direção ao carro de Lisbeth, abro a porta e praticamente mergulho no banco do motorista. O carro ainda está ligado. Meu celular ainda está no braço da poltrona.

Abrindo o celular, digito freneticamente o número de Rogo e viro o carro ao contrário. Mas, quando ouço o telefone tocar, tudo o que posso pensar é que Rogo está andando com... e em quantas perguntas Dreidel anda fazendo... e como — de alguma maneira — O'Shea sabia que eu estava falando com Lisbeth. Rogo e eu estávamos convencidos de que Dreidel não conseguira ouvir nada de nossa última conversa, mas e se nos enganamos...

Pressionando o polegar no *end*, eu desligo, repassando as palavras de Boyle em minha mente. *Haverá tempo para conversar mais tarde*. Olho para o relógio digital no painel. Uma hora e quarenta e cinco minutos, para ser preciso.

Quando o meu polegar digita um novo número e meu pé pressiona o acelerador, digo a mim mesmo que é a única maneira. E é. Não importa como Boyle esteja tendo sucesso, mesmo que esteja me usando como isca para Os Três, ao prender O'Shea e descobrir a morte de Micah, ele na verdade nos dera uma chance. Assim, em lugar de simplesmente aparecer às sete da noite — em vez de simplesmente me precipitar às cegas —, devo me aproximar para conseguir o máximo. Mesmo que isso signifique assumir alguns riscos.

Quando termino de digitar os últimos números, tudo que tenho de fazer é apertar o Send. Ainda assim eu me detenho. Não porque não confie nela. Mas porque confio.

Rogo diria que não devo. Mas ele não ouviu o seu pedido de desculpas. Ele não ouviu a dor em sua voz. Ela sabia que tinha me ferido. E isso a machucara.

Pressiono o S e n d , rezando para não me arrepender.

Escuto enquanto o telefone toca. E toca de novo. Ela tem identificador para saber quem está chamando. Ela sabe quem é.

O telefone toca uma terceira vez enquanto atravesso rapidamente o estacionamento em direção à frente do edifício. Eu não a culpo por não atender. Se estou chamando, isto apenas significa problem...

"Wes?" responde finalmente Lisbeth, sua voz mais suave do que eu esperava. "É você?"

"Sim".

Não é fácil perceber o meu tom. "Está tudo em ordem?", pergunta ela.

"E-Eu não acho", digo, agarrando o volante.

Ela nem hesita.

"Como posso ajudar?", pergunta.

Dirigindo pela entrada de automóveis curvilínea e feita de tijolos, na frente do edifício de Wes, Nico reajustou a manta de lã e pisou no freio, lembrando a si mesmo para andar devagar. Desde o exército até a pista de corrida, sua primeira meta fora sempre passar despercebido. Ainda assim, estar tão perto... Nico tirou o pé do freio e deu uma acelerada. O rosário de contas de madeira parecia queimar em seu peito. *Estamos quase lá, filho. Não fique nervoso.*

Nico concordou, acenando para um dos inquilinos que saía do prédio para dar uma corrida. Quando o Pontiac seguiu para o estacionamento na parte de trás, seus faróis perfuraram a escuridão como lanças duplas e brilhantes.

Você sabe aonde está indo?

"No quinhentos e vinte e sete", replicou Nico, apontando com o seu queixo para os números dos apartamentos pintados em preto nos lugares demarcados no concreto diante de cada área.

Depois de um minuto ele tinha percorrido para cima e para baixo os dois primeiros corredores de passagem.

525... 526...e...

Nico pisou no freio, fazendo o carro parar. 527. O número do apartamento de Wes. Mas o lugar para estacionar estava vazio. *Ele podia ainda estar lá em cima.* Nico sacudiu a cabeça. "Ele não está lá em cima." *"Então deveríamos subir e esperar lá por ele.*

"Não acho que esta seja uma boa ideia", disse Nico, ainda estudando o estacionamento. Recusando-se a desistir, ele deu uma volta pelo corredor seguinte. Seus olhos se estreitaram e ele abaixou o vidro para olhar melhor. Para os seus ouvidos, a chuva

que batia nos carros vizinhos soava como se uma criança de dez anos de idade estivesse tocando livremente em um tambor.

Subindo e descendo por cada passagem, o Pontiac por fim passou pelo lado mais distante do estacionamento em relação ao lugar por onde eles haviam entrado.

Você sabe que tipo de carro ele dirige?

Reduzindo a velocidade, Nico sacudiu a cabeça e abriu a porta do lado do motorista. "Eu não estou procurando o carro dele." *O que você...?*

O Pontiac mal estava estacionado quando Nico saiu, passou na frente de seus próprios faróis e agachou-se no chão.

Sobre o asfalto, um conjunto emparelhado de marcas de pneus formavam vês idênticos, parcialmente sobrepostos, bem do lado de fora da marcação da área de estacionamento. Como se alguém tivesse abandonado o local com pressa.

Ficando em pé, Nico olhou por sobre o ombro, examinando de novo todo o espaço do estacionamento. Poste de luz por poste de luz, corredor de passagem por corredor, inclusive toda a extensão dos arbustos que circundavam o estacionamento... Não. Não o estacionamento todo.

Erguendo a cabeça, Nico piscou duas vezes para se assegurar de que estava vendo direito.

Era fácil deixar passar alguma coisa — comprimida entre os carros e preenchida com mais moitas, a pequena abertura nos arbustos praticamente desaparecia em sua própria camuflagem natural. Felizmente para Nico, ele tinha muito treinamento com camuflagem.

Nico, você conseguiu alguma coisa?

Nico puxou a arma de dentro das calças, batendo de leve contra as contas de rosário em seu peito. Mas quando ele foi a passos largos em direção à abertura e entrou no passeio para cães, tudo que encontrou foram pegadas enlameadas espalhadas como chumbo grosso, e pedaços de grama pisoteada. À primeira vista, parecia que tinha havido uma luta, mas com a chuva... a água enlameada que escorreu do estacionamento... poderia também não significar nada.

Destemido, Nico examinou os ramos (tantas cruzes), os arbustos, os troncos de cada árvore. Deus o havia trazido até ali. O Senhor proferiria. Ele agachou-se, olhando atentamente debaixo dos arbustos, enfiando a mão livre nas poças escuras. Ali havia marcas de cachorros e pegadas debaixo de alguns ramos salientes, mas a maior parte do chão estava muito enlameada para permitir a descoberta de sinais.

Andando de gatinhas pela grama encharcada, Nico sentia a umidade atravessando o seu jeans na altura dos joelhos.

Seu coração quase parou de bater. Ele não entendia. Deus era... Deus era aquele que se supunha que iria prover. Mas enquanto Nico procurava freneticamente... enquanto continuava a rastejar como um cachorro, escavando na lama — a prova... onde Wes foi... tudo havia desaparecido.

"Por favor — por favor, pare de chover", implorava Nico para o céu escuro.

A garoa continuava caindo como uma névoa. "Por favor... pare de chover!", explodiu Nico, lançando uma mão cheia de lama e de grama molhada no ar. A garoa continuava.

Ainda de gatinhas, Nico abaixou a cabeça, observando as contas do rosário pendurado em seu pescoço. Como podia...?

Por que Deus o traria até tão longe? Enquanto a chuva escorria por seu rosto, Nico levantou-se e caminhou deliberadamente entre os postes de luz, retornando ao estacionamento.

Sua cabeça ainda estava abaixada quando se aproximou do Pontiac. Ele apertou o rosário, procurando dizer uma prece, mas nada saiu. Tentou fechar os olhos, mas tudo que conseguia visualizar era a confusão de lama, grama e ramos que cobria todos os rastros. Seu punho apertou-se em volta do rosário, puxando forte, ainda mais forte. Deus prometeu.

Ele... Ele jurou para mim — jurou! — que a porta do demônio permaneceria fechada — que vingar a morte de minha mãe traria redenção. E agora me abandona desse jeito...

Com um estalido agudo, o cordão do rosário arrebentou, espalhando dezenas de contas de madeira como bolinhas de gude no asfalto do estacionamento.

"Não... Deus — eu sinto muito — eu sinto tanto!" suplicou Nico histericamente, estendendo a mão para pegá-las enquanto elas pulavam, rolavam e se espalhavam em todas as direções. Precipitando-se para o chão enquanto segurava algumas contra o peito, Nico procurava por uma conta de madeira perdida descontrolado como uma criança de cinco anos tentando pegar uma bola de críquete. Mas foi apenas quando ele escorregou sobre seus joelhos já molhados... quando a conta rolou e rolou e rolou debaixo do Pontiac... que Nico viu o panfleto empapado grudado no chão. Logo na frente do pneu direito dianteiro.

Pelo aspecto do panfleto — a metade de cima perfeitamente lisa, a metade de baixo intumescida e encharcada pela chuva — alguém já tinha passado sobre ele. Mas, mesmo com esse estrago, mesmo com a metade de cima dilacerada e amassada pelos pneus, Nico ainda podia ler o nome do restaurante em letras vermelhas no alto do cardápio chinês.

E, mais importante ainda, o bilhete escrito à mão na parte de baixo.

*Você precisa saber o que mais ele fez.
19h em Woodlawn. — RonRon.*

Nico leu e releu o nome. E de novo. A Besta.
Ron.

As letras ficaram confusas diante dele. Tirando com cuidado o cardápio do asfalto, ele não conseguia fazer as mãos pararem de tremer... elas tremiam exatamente como a cabeça de sua mãe. Metade do cardápio se rasgou quando ele o puxou. Nico não se importou. Apertando os restos encharcados contra o peito, ele olhou para cima, para o céu, e beijou o punhado de contas do rosário arrebitado na outra mão.

"Eu compreendo, Deus. Wes e Boyle — os traidores — juntos. Um teste final... um último capítulo", sussurrou Nico para o céu. Ele começou a rezar. "Eu não vou falhar, mãe."

A porta de metal rabiscada do velho apartamento abriu-se, e o odor viciado de cachimbo que havia lá dentro envolveu o rosto de Lisbeth.

"Você é a repórter, certo?", perguntou um homem baixo, de cerca de sessenta anos, com óculos matizados, uma camisa branca de manga curta abotoada e um queixo com papada.

Ele não parecia diferente desde a última vez que o vira — exceto por sua testa, onde havia um talhe oval por causa de um pedaço de pele retirado, do tamanho de um botão de campainha, desde o começo de seus cabelos brancos até suas sobrancelhas, deixando uma protuberância de pele nova e rosada em seu lugar.

"Células cancerígenas", disse ele rápido. "Não é bonito, eu sei, mas — ah — pelo menos não alcançou minha cabeça", acrescentou ele, com um encolher de ombros desajeitado e um sorriso.

Eve a tinha avisado sobre isso. Como o pessoal das histórias em quadrinhos e os que faziam o obituário, cada criador de palavras cruzadas se permitia dar algum ensinamento em sua conduta social.

Quando Lisbeth entrou, Martin Kassal seguiu-a um pouco perto demais, tentando esconder uma pequena claudicação enquanto a conduzia para a sala de estar, onde estantes entulhadas atravancavam todas as paredes. Mesmo a parte de cima das estantes estava cheia, até o teto, com jornais, revistas, dicionários comuns, enciclopédias e uma coleção da Enciclopédia Britânica de 1959 a 1972. Depois da sala de estar, um pequeno espaço reunia uma escrivaninha de fórmica branca já amarelada pelo sol, um pequeno sofá bege para duas pessoas soterrado debaixo de recortes de jornais, e uma lousa pendurada e emoldurada com pelo

menos cinquenta ímãs, em forma de diamante, com indicações tipo *Bebê a Bordo: Motorista Principiante a Bordo, Gêmeos a Bordo, Fãs dos Marlins a Bordo, Dono de arma a bordo, Sogra no Porta-Malas, Pai Michigan a Bordo, Ninguém a Bordo*, um ímã rosa e brilhante com *Princesa a Bordo* e, é claro, um em preto e branco com *Amante de Palavras Cruzadas a Bordo*, em que o segundo *a* em *Amante* e o segundo em *Palavras Cruzadas* se interceptavam.

"Junho de 1992", disse Kassal, alegremente, com sua papada se erguendo. "Nós fizemos uma gincana ímpar para a seção de fim de semana. Matéria incrível: uma velha tampinha de metal e abrir uma lata de soda, um bilhete de ingresso para beisebol com um jogador sem o boné de beisebol, e e s t e ", disse ele, apontando para a coleção *Bebê a Bordo*.

"Nada mais do que *Bebê a Bordo*?"

Assentindo educadamente com a cabeça, Lisbeth deixou de olhar para os ímãs com as indicações e concentrou-se na lousa que tinha uma enorme grade desenhada à mão. A metade de cima da grade estava preenchida com palavras em quadrados escuros; a metade inferior estava praticamente vazia.

"Você ainda as faz à mão?", perguntou ela.

"Em vez do quê?, de algum programa de computador que faria todo o trabalho por mim? Não leve a mal, mas — ah — eu sou antiquado assim. A última coisa de que preciso é fazer tremular a bandeira branca e enterrar a mim mesmo, se isso faz sentido para você."

"Perfeito sentido", concordou Lisbeth, olhando para as duas palavras cruzadas em sua mão.

"Então estas são as palavras cruzadas de que você falava?", perguntou Kassal, levantando o nariz e olhando atentamente através da metade da lente para leitura de seus bifocais marrons. Quando Lisbeth lhe entregou as palavras cruzadas, ele examinou a de cima durante um momento. "A cinquenta e seis na transversal deveria ser taser, não tasks".

"Não é o quebra-cabeça que é o problema", disse Lisbeth.

"São os símbolos nas laterais."

Seguindo os dedos de Lisbeth para a lateral do quebra-cabeça, Kassal estudou cada símbolo: os escritos à mão §l, 0', e •.

"Tem certeza de que não se trata apenas de rabiscos sem sentido?"

"Nós pensávamos a mesma coisa — até encontrarmos i s t o " , explicou ela, mostrando o jogo de palavras cruzadas que Violet lhe dera.

"Ah", disse Kassal, com seu riso fraco. "Velhacos inteligentes. Com sua mensagem escondida."

"Veja, mas esta é a questão. Não acho que foram eles mesmos que inventaram isso..."

Já entretido no jogo, Kassal sussurrou para si mesmo. "Se os quatro pontos representam a letra D como a quarta letra e os dois pontos a B... Não, não — não é um criptograma —, não há símbolos suficientes para as letras. Também não é um anagrama." Olhando por cima dos óculos para Lisbeth, ele acrescentou: "Elas podem ser símbolos de estados atmosféricos... talvez símbolos navajos. Quem você disse que os desenhou?"

"Apenas um amigo."

"Mas é um amigo inteligente, um amigo silencioso, um...?"

"Inteligente. Realmente inteligente. O mais inteligente da classe."

"E por que é que você quer saber mesmo?"

"Apenas... você sabe... apenas por diversão."

Kassal olhou-a, examinando-a como se ela fosse o próprio jogo de palavras cruzadas. "Isto não vai me causar problemas, não é?"

"Senhor, o cara trabalha com histórias em quadrinhos — eles disseram que você era o melhor para decifrar esse tipo de coisas."

"Agora você está tentando me lisonjear, querida."

"Não, não é isto..."

"Está bem. Atualmente, não sou muito lisonjeado por jovens ruivas bonitas. Sinto falta disso." Claudicando em direção à escrivaninha amarelada, Kassal tirou um bloco de papel ofício e copiou os símbolos um a um.

"Posso ajudá-lo?" perguntou Lisbeth.

"Menos conversa — mais trabalho", disse ele, mais uma vez entretido com o quebra-cabeça.

Lisbeth foi para trás dele, mal contendo sua excitação.

"Vamos começar com o símbolo de quatro pontos que você tem aqui", disse ele, apontando para o ::. "Se você traçar uma linha vertical no meio dele, como esta:

:/: "... e uma horizontal como esta: . .

"... o símbolo é o mesmo dos dois lados da linha, o que significa que é um sinal multieixo simétrico."

"E isto importa por quê?, perguntou Lisbeth.

"Já tentou olhar para um símbolo em um dicionário? Quatro pontos em um quadrado não se classifica sob um F. Mas, da mesma forma que cada quebra-cabeça tem uma solução, cada símbolo tem sua própria classificação, que se subdivide em quatro subgrupos diferentes: primeiro, se ele é simétrico ou não. Segundo, se ele é fechado como um triângulo ou aberto como esses seus quatro pontos aqui. Terceiro, suas linhas são retas ou curvas? E quarto, o símbolo tem linhas que se cruzam, o que abre toda uma nova série de perguntas."

"E quando você responde todas essas perguntas?"

"Quando responde a estas", disse Kassal, claudicando até a estante e tirando das prateleiras livros da grossura de uma lista telefônica, "então você se vale das referências." Com um barulho, ele soltou os livros em cima da escrivaninha. *O Dicionário de Símbolos e Imagens de Elsevier, Enciclopédia de Símbolos Tradicionais, Guia para Imagens Religiosas*, de Franken, o *Almanaque Visual de Sinais Ocultos, Manual de Símbolos Americanos Nativos...*

"Isso vai levar algum tempo, não é?" perguntou Lisbeth, abrindo um dos livros na seção intitulada Multieixos, restritos, elementos delicados, linhas cruzadas. As páginas abertas continham quatro entradas enciclopédicas para ∞ (inclusive suas designações na matemática, genealogia e botânica) e seis listagens para vários outros círculos superpostos.

"É claro, tudo isso leva tempo", replicou Kassal, já catalogando os outros símbolos que estavam ao lado das palavras cruzadas. "Por quê? Você deve ir a algum lug..."

O celular de Lisbeth tocou com um som alto. Abrindo-o, ela estava a ponto de deixá-lo de lado, mas mudou de ideia quando viu quem estava chamando.

"Más notícias?", perguntou Kassal, ao ver a reação dela.

"Não, apenas — não, de modo algum", insistiu ela, quando o celular tocou de novo.

"Você diz de tal modo", replicou Kassal, com um encolher de ombros. "Embora, segundo a minha experiência, esse tipo de olhar seja reservado para dois tipos de pessoas: patrões e namorados."

"Sim, bem... este é um problema completamente diferente."

Mas, quando o celular tocou pela terceira vez, Lisbeth não pôde ignorar o fato de que, mesmo o seu bloco de anotações estando fora da bolsa, ela não estendera a mão para pegá-lo.

É claro que isso não significava que fosse fácil para ela. Mas mesmo depois de uma década tentando transformar histórias de dez centímetros em cabeçalhos de primeira página, bem... algumas coisas eram mais importantes do que a página da frente.

Finalmente, pegando o telefone, ela perguntou: "Wes, é você?"

"Sim", replicou ele, com a voz soando pior do que quando assistiram ao vídeo sobre o tiroteio.

"Está tudo bem?"

"E-Eu não acho."

Ouvindo a dor na voz de Wes, Lisbeth virou-se para Kassal.

"Vá", disse-lhe o homem idoso, ajustando os bifocais. "Eu lhe telefono assim que encontrar alguma coisa."

"Você está...?"

"Vá", insistiu ele, tentando parecer aborrecido. "Jovens ruivas só são uma distração, de todo modo."

Acenando um obrigado e escrevendo o número de seu telefone em um pequeno pedaço de papel para ele, Lisbeth correu para a porta. Voltando ao celular, ela perguntou para Wes: "Como posso ajudar?"

Do outro lado da linha, Wes finalmente soltou a respiração.

Lisbeth não sabia dizer se era de alívio ou de excitação.

"Isto depende", respondeu ele. "Em quanto tempo você consegue chegar em Woodlawn?"

"O cemitério Woodlawn? Por que ali?"

"Foi onde Boyle pediu para encontrá-lo. Às dezenove horas. Em sua sepultura."

95

Enfrentando um tráfego difícil durante quase uma hora, Rogo virou à direita, abandonando a rodovia na saída para Griffin Road em Fort Lauderdale.

"Sabe, para um camarada que lida com multas de trânsito todo santo dia", disse Dreidel, segurando-se na alça da porta, "era de se esperar que você gostasse de dirigir com um pouco mais de segurança."

"Se eu receber uma multa, me livro dela", disse Rogo friamente, acelerando e indo ainda mais depressa em direção à escura rampa de acesso. Wes já tivera tempo de sobra suficiente. A prioridade agora era descobrir por que Boyle havia ido ao dr. Eng — na Flórida —, na semana anterior ao tiroteio.

"Nem temos certeza de que ele vai estar no consultório", disse Dreidel, olhando para o relógio. "Diga o nome de um médico que trabalhe depois das cinco", acrescentou com uma risada nervosa.

"Pare de falar, está bem? Estamos quase chegando."

Com uma virada brusca para a esquerda que os levou para debaixo da ponte da 1-95, o Toyota azul entrou a oeste na Griffin, passando por uma série de casas de câmbio, duas lojas de artigos baratos e uma loja com vídeos só para adultos chamada AAA a XXX.

"Bela vizinhança", exclamou Rogo, enquanto eles passavam o anúncio vermelho e verde brilhante, em néon, assinalando o Fantasy Lounge.

"Ela não é tão má..."

Diretamente acima deles, um barulho estrondoso atravessou o céu assim que um 747 vermelho e branco zumbiu no alto, chegando para aterrissar no aeroporto de Fort Lauderdale, que, a julgar pela

altura do avião, ficava a apenas um quilômetro e meio atrás de onde estavam.

"Talvez o doutor Eng apenas goste de aluguéis baratos", disse Dreidel, quando Rogo consultou o endereço que pegara na velha agenda de Boyle.

"Se tivermos sorte, você poderá lhe perguntar pessoalmente", disse Rogo, apontando para o para-brisa dianteiro. Logo à frente, depois de uma funerária, luzes brilhantes iluminavam a estreita entrada do estacionamento de um edifício de escritórios, branco e moderno, com portas e janelas com vidros foscos. Ao longo da parte superior do edifício, uma fina faixa amarela estendia-se logo abaixo da linha do telhado. 2678 Griffin Road.

No primeiro ano, Ron Boyle viveu com medo.

Viajava de país a país... o contorno do nariz e o implante nas bochechas... mesmo a modificação do sotaque que nunca funcionou. O homem no consultório do dr. Eng dizia que isso o manteria a salvo, tornaria o seu rastro impossível de ser seguido. Mas isso não o impedia de acordar em sua cama cada vez que ouvia a porta de um carro bater do lado de fora de seu quarto de motel ou casa de campo ou pensão. O pior era quando havia uma explosão de fogos de artifícios do lado de fora de uma catedral próxima — uma tradição nos casamentos em Valência, na Espanha. Naturalmente, Boyle sabia que não iria ser fácil — esconder-se no exterior, abandonar amigos, família — sobretudo a família —, mas ele sabia o que estava em jogo. E por fim, quando finalmente voltou, tudo havia valido a pena. A partir daí, as racionalizações foram fáceis. Ao contrário de seu pai, ele estava tentando resolver seus problemas com a cabeça. E, quando fechava os olhos à noite, sabia que ninguém podia culpá-lo por isso.

No segundo ano, quando organizou sua vida na Espanha, o isolamento o atingiu mais fortemente do que o seu cérebro de contabilista havia calculado. Ao contrário de seu velho amigo Manning, quando Boyle deixou a Casa Branca, ele nunca sentiu falta das luzes dos holofotes. Mas a solidão... não tanto por causa de sua esposa (seu casamento havia terminado anos antes), mas do aniversário de sua filha de dezesseis anos, quando ele a imaginava efusiva, sem aparelho no sorriso da foto de sua carteira de motorista — aqueles eram dias de arrependimento. Dias pelos quais Leland Manning teria de responder.

No terceiro ano, ele acostumou-se com todos os artifícios que lhe foram ensinados no consultório do dr. Eng: andar pelas ruas com a cabeça abaixada, verificar duas vezes a porta depois de entrar em um prédio, até não deixar grandes gorjetas para não ser lembrado por garçons ou funcionários. Tão acostumado, de fato, que ele cometeu o seu primeiro erro: tagarelar com um ex-combatente local enquanto ambos tomavam horchatas[16] numa taverna.

Boyle soube, no instante em que o homem lhe deu um segundo olhar, que ele era um homem da Agência. Entrando em pânico, mas esperto o suficiente para ficar e terminar seu drinque, Boyle foi direto para casa, arrumou freneticamente duas malas e deixou Valência naquela noite.

Em dezembro daquele mesmo ano, a *New Yorker* autorizara um artigo de fundo sobre os computadores Univar "Blackbird" que apareciam nos governos do Irã, da Síria e do Sudão. Como as nações terroristas não podiam importar dos Estados Unidos, os países compravam seus computadores de um misterioso fornecedor do Oriente Médio. Mas o que os países não sabiam era que o Univar era uma companhia de fachada para a Agência de Segurança Nacional (NSA) e que, seis meses depois que os computadores estavam em poder dos países terroristas, eles aos poucos começavam a falhar e transmitiam todo o conteúdo de seus discos rígidos direto para a NSA — daí o nome de código, Blackbird — quando as informações saíam voando da gaiola.

Mas, como mostrou a pesquisa para o artigo da *New Yorker*, durante a administração Manning, um computador Blackbird do Sudão não enviara o conteúdo de seu disco rígido para a NSA. E embora os outros o fizessem, o Blackbird remanescente foi retirado do país, indo parar finalmente no mercado negro. O informante que o possuía queria o pagamento de seis milhões de dólares dos Estados Unidos para devolvê-lo. Mas a equipe de Manning, achando que isso fosse um plano astuto e desonesto, recusou-se a pagar. Duas semanas antes, quando o artigo do *New Yorker* estava para ser entregue, Patrick Gould, o autor do artigo, morreu por causa de um aneurisma cerebral. A autópsia revelou que fora homicídio.

No quarto ano, Boyle estava bem escondido em uma pequena cidade perto de Londres, em um apartamento bem em cima de uma padaria que fazia bolos para casamentos. E enquanto o cheiro de avelã e de baunilha o saudavam todos os dias, a frustração e o pesar lentamente sepultaram o medo de Boyle. Somente quando a Biblioteca Presidencial Manning estava a dois meses de sua abertura, fazendo sua busca por papéis, documentos e provas, foi que o medo aumentou de novo e tornou-se mais difícil superá-lo. Ainda assim, isso não significava que não havia nada para ele pesquisar em busca de informações. Livros, revistas e esboços biográficos em jornais haviam sido escritos sobre Nico, o final da presidência de Manning e o ataque. Com cada um, Boyle revivia os sessenta e três segundos do tiroteio na pista de corrida e o medo retornava, agitando violentamente seu peito e a cicatrizada palma de sua mão. Não apenas por causa da ferocidade do ataque, ou até de sua eficiência praticamente militar, mas por causa do ódio: na pista de corrida, na TV ao vivo, na frente de milhares de pessoas. Se Os Três queriam Boyle morto, eles poderiam ter esperado do lado de fora de sua casa, na Virginia, e quebrado seu pescoço ou forçado um "aneurisma cerebral". Mas abatê-lo na pista de corrida, fazê-lo na frente de todas aquelas testemunhas... só valia a pena assumir riscos tão grandes se houvesse algum tipo de benefício adicional.

O quarto ano foi também quando Boyle começou a escrever suas cartas. Para sua filha. Seus amigos. Até para seus velhos inimigos, inclusive os poucos que não foram ao seu funeral.

Fazendo perguntas, contando histórias, qualquer coisa que o fizesse sentir uma conexão com sua vida real, sua vida antiga. Ele teve essa ideia ao ler a biografia do presidente Harry Truman, que costumava escrever cartas com críticas severas para seus caluniadores. Boyle escreveu centenas delas. Como Truman, ele não as enviou.

No quinto ano, a esposa de Boyle casou-se de novo. Sua filha começou a cursar a Universidade Columbia com uma bolsa de estudos que tinha o nome de seu falecido pai. Nada disso partiu o coração de Boyle. Mas eles certamente provocaram uma pontada

em seu espírito. Logo em seguida, como vinha fazendo desde o primeiro ano, Boyle via-se em um cibercafé, comparando os preços de passagens para voltar aos Estados Unidos. Algumas vezes, fez até reservas. Havia muito tempo ele pensava em como entrar em contato, como poderia se comunicar com sua filha, como poderia passar despercebido — mesmo por aqueles que estavam sempre vigiando. Era nessas ocasiões que as consequências o mantinham acordado. Os Três... Os Quatro... qualquer que fosse o nome que se davam, já tinham... Boyle não conseguia nem pensar a respeito. Ele estava arriscando de novo. Em lugar disso, quando a Biblioteca Presidencial Manning abriu as portas, Boyle lançou-se sobre o registro do seu próprio passado, enviando por correio suas requisições e pesquisando e buscando qualquer coisa para provar o que suas entranhas lhe diziam havia anos.

No sexto ano, ele se aprofundou nas fotocópias e antigos arquivos da Casa Branca. O pessoal do dr. Eng se ofereceu para ajudar, mas Boyle era seis anos menos ingênuo. No mundo de Eng, a única prioridade era Eng, e foi por isso que, quando Manning o apresentou ao grupo do dr. Eng todos aqueles anos antes, Boyle lhes contou sobre Os Três e sua oferta para torná-lo O Quarto, e as ameaças que vieram com a oferta. Mas o que ele nunca mencionou — para ninguém — era o que Os Três já haviam roubado. E que Boyle estava determinado a conseguir de volta.

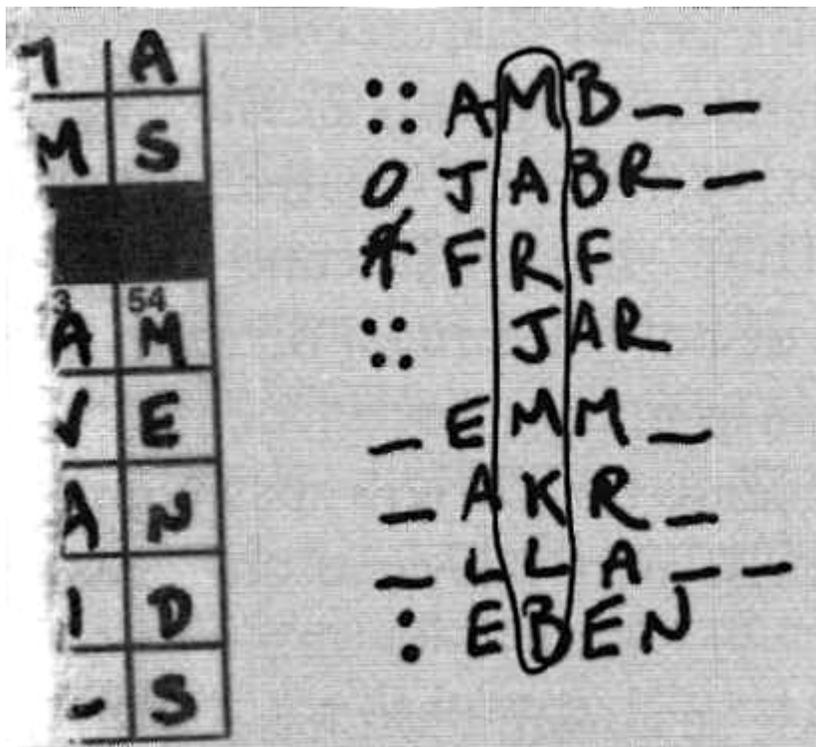
Ele finalmente havia conseguido sua chance onze dias antes, numa tarde chuvosa e confusa no último mês do sétimo ano.

Acotovelado com outras pessoas debaixo do toldo, quando saiu do correio em Balham High Road, Boyle folheou os documentos recentemente fotocopiados do arquivo pessoal de Manning. Em meio aos destaques havia um bilhete para o governador do Kentucky, algumas notas escritas à mão para um discurso em Ohio, e um pedaço rasgado de uma seção de histórias em quadrinhos do *Washington Post* que tinha alguns rabiscos ao lado... e um jogo de palavras cruzadas quase completamente resolvidas do outro.

De início, Boyle quase o jogou de lado. Depois se lembrou que naquele dia da pista de corrida, no banco de trás da limusine,

Manning e seu chefe de Estado-Maior estavam fazendo palavras cruzadas. De fato, agora que pensava nisso, eles s e m p r e estavam fazendo palavras cruzadas. Olhando para o quebra-cabeça, Boyle sentiu como se houvesse pequenas tiras de metal apertando sua caixa torácica. Seus dentes apertavam o lábio inferior enquanto ele estudava as duas escritas à mão distintas. A de Manning e a de Albright.

Mas quando viu os rabiscos aleatórios ao longo da lateral das palavras cruzadas, ele prendeu a respiração, quase mordendo sua própria pele. No espaço do meio... as iniciais... eram aquelas...? Boyle examinou e examinou de novo, circulando-as com a caneta.



Aquelas não eram apenas as iniciais da equipe mais antiga. Com Dreidel e Moss e Kutz... aquelas eram as pessoas que recebiam as Instruções Diárias do Presidente, o único documento a que Os Três lhe pediram para ter acesso.

Ele levou três dias para destrinchar o resto: dois dias com um perito em símbolos da Universidade de Oxford, a metade de um dia com um professor de história da arte, depois quinze minutos de

consulta na Unidade de Pesquisa de História Moderna, com a professora Jacqui Moriceau, cuja especialidade era o período federalista, especificamente Thomas Jefferson.

Ela reconheceu os símbolos instantaneamente. Os quatro pontos... a cruz com um talhe... até os pequenos traços horizontais. Ali estavam eles. Exatamente como Thomas Jefferson havia projetado.

Quando a professora Moriceau desvendou o resto, Boyle esperou que seus olhos se inundassem, que seu queixo se levantasse com o alívio de uma missão de vida inteira aparentemente terminada. Mas quando ele segurou as palavras cruzadas em sua palma aberta... seus braços, suas pernas, as pontas de seus dedos, mesmo os dedos dos pés ficaram moles e entorpecidos, como se o seu corpo fosse uma casca de ovo vazia. Deus, como ele podia ter sido tão cego — confiar tanto — por tanto tempo? Agora ele tinha de ver Manning. Tinha de perguntar olhando para a cara dele.

Claro, ele tinha desvendado o quebra-cabeça, mas isso não era uma vitória. Depois de oito anos, dúzias de aniversários perdidos, sete Natais perdidos, seis países, duas cirurgias, um baile de colégio, uma formatura de secundário, uma aprovação na universidade, nunca seria uma vitória.

Mas isso não queria dizer que não poderia haver vingança.

Estando a quinze minutos do sul de Palm Beach, Ron Boyle dirigiu o carro para a lateral da rodovia e guiou a velha v a n branca para o canto afastado de uma parada de emergência vazia. Sem nem precisar pensar a respeito, ele se dirigiu para trás de uma moita de arbustos bastante crescidos.

Depois de oito anos, ele tinha um ph.D para sumir de vista.

Atrás dele, estatelado no chão de metal sem forro da van, O'Shea tremia e gemia, finalmente acordando. Boyle não estava preocupado. Ou com medo. Ou excitado. De fato, fazia semanas que ele não sentia quase nada além de seus próprios desgostos.

No chão, com suas mãos ainda atadas atrás das costas, apoiando-se sobre os joelhos, o queixo, os cotovelos e movendo-se lentamente como uma lesma, O'Shea tentava se sentar. Com cada movimento seu ombro estremecia e se contraía. Seu cabelo estava

em desordem e molhado de chuva e suor. Sua camisa antes branca estava encharcada com sangue vermelho-escuro. Possivelmente, lutando para conseguir ficar de joelhos, ele estivesse tentando parecer forte, Mas Boyle podia ver no acinzentado de seu rosto que a dor o assolava. O'Shea fechou duas vezes os olhos antes de conseguir se apoiar.

Foi quando O'Shea ouviu o clique metálico.

Agachando-se na parte de trás da van, Boyle inclinou-se para a frente, pressionou fortemente a pistola na têmpora de O'Shea, e disse as palavras que o vinham perseguindo durante a maior parte da última década.

"Onde está meu filho?"

[16] Bebida centenária e tradicional do Mediterrâneo, com sabor de amêndoas. (N. T.)

“Posso ajudá-lo?”, soou uma voz profunda pelo interfone, enquanto o homem detinha o carro diante do portão de segurança de madeira.

Recusando-se a responder, o motorista puxou sua carteira de identidade e mostrou-a para a câmera escondida no meio dos altos arbustos.

O interfone ficou silencioso. Momentos depois, um clique metálico destravou a fechadura magnética e o portão de segurança se abriu.

Pisando levemente no acelerador, o homem avançou o carro através da entrada particular de tijolos, onde três agentes de terno e gravata do Serviço Secreto se viraram e olharam.

Quando não se aproximaram do seu carro, ele soube que os agentes haviam sido informados de sua chegada pelos fones de ouvido. E, pelo aspecto de seus rostos, eles estavam irritados com a sua vinda. Ninguém gosta quando o chefe chega para examinar as coisas. Mas, com Nico solto, eles não estavam surpresos com a visita.

Virando para a esquerda, ele parou o carro entre os Chevy Suburban pretos tão semelhantes, depois ajustou o coldre de ombro e certificou-se de que a correia que mantinha seu revólver no lugar estava desabotoada. Isso não era como ir ao seu escritório. Com os chefes ali, ele precisava estar pronto. E se os relatórios eram verdadeiros — de que um vizinho já havia encontrado os corpos de Kenny e de Micah e que as impressões digitais já estavam sendo verificadas —, bem, isso agora dizia respeito a muito mais do que setenta milhões de dólares de desembolso e mais quatro anos no gabinete.

Era tão mais fácil antes quando eles começaram. Depois da Faculdade de Guerra, passaram os primeiros seis meses sem fazer nada a não ser participar de simulações e de jogos de guerra. Não havia necessidade de se apressar. Era melhor deixar aquilo em silêncio. Não correr riscos, não fazer contatos, e assegurar-se de que nada pudesse rastrear o passado. É claro, a chave para aquilo era criar O Romano, autenticamente caracterizado pelo polegar roubado que eles pegaram em um necrotério na Tanzânia para ser usado nos cartões de impressões digitais exigidos de cada informante que recebia pagamento. A partir daí as pessoas só estariam perseguindo um fantasma. Assim que O Romano se tornou "real", o verdadeiro trabalho começou.

Foi Micah quem cunhou ouro primeiro. Como oficial que recruta agentes para a CIA fixado em Khartoum, ele recebeu uma informação sobre alguém na agência de segurança no Sudão tentando vender onze vistos americanos imaculados — todos eles limpos e cuja origem não podia ser provada — para al-Zaydi, uma conhecida organização terrorista. De acordo com a fonte e com Micah, al-Zaydi estava pagando de sua maneira habitual, com diamantes africanos, no valor de quinhentos mil dólares, que seriam entregues em Taormina, Sicília, em 15 de outubro.

Naquela manhã, para se comunicar com seus companheiros membros, Micah deixou partes de mensagens codificadas na Internet, no c h a t o n - l i n e combinado entre eles. Em seguida ele escreveu um relatório oficial completo, que detalhava apenas um dos fatos — de que havia o rumor de que a agência de segurança sudanesa estava vendendo onze vistos. Intencionalmente deixou o resto de fora. Naquela tarde, O'Shea — em sua posição de Representante Oficial do FBI em Bruxelas designado para trabalhar com oficiais que executavam a lei — tirou completa vantagem da informação que Micah havia enviado sobre os diamantes. Agora, sabendo pelo que procurar, e entrando em contato com outras agências de segurança no estrangeiro, ele vasculhou relatórios alfandegários estrangeiros, descobrindo por fim um membro da al-Zaydi suspeito, viajando pela Itália — legalmente — com cerca de quinhentos mil dólares em diamantes. Naquela noite, o agente do

Serviço Secreto Roland Egen — como agente residente encarregado do escritório do Serviço em Pretória, na África do Sul — realizou o negócio. Telefonando ao seu supervisor no escritório de Roma, ele disse: "Tenho uma fonte falando sobre vistos americanos que estão à venda no mercado negro — e ele nos indicará o tempo e o lugar para a entrega".

"Que tipo de pagamento ele quer?", havia perguntado o supervisor.

"Cinquenta mil dólares."

Houve uma breve pausa. "Quem é a fonte?"

"Ele chama a si mesmo de O Romano", disse Egen com um sorriso.

Depois de alguns minutos, o Serviço começou a examinar minuciosamente a informação. Na comunidade, chamavam esse procedimento de suporte — checar com as outras agências para corroborar a fonte. Depois do Iraque, tratava-se de uma necessidade. E depois de terem compartilhado informações em 11 de setembro, isso se fazia rapidamente.

Graças a O'Shea, o FBI ofereceu um relatório semelhante.

Graças a Micah, a CIA fez o mesmo. As três agências apresentavam a mesma situação. "Pague", disse o supervisor de Egen.

Vinte e quatro horas mais tarde, Micah, O'Shea e O Romano — simplesmente por corroborarem entre si — embolsaram seu primeiro pagamento de cinquenta mil dólares. Não era mal para um dia de trabalho.

Anos atrás era mais fácil. Mas isso foi antes que eles convidassem outros para juntar-se ao jogo.

"Bem-vindo, senhor", disse um agente de cabelos castanhos quando o homem saiu do carro e dirigiu-se para a fachada azul colonial com a bandeira americana acima da porta.

À meio caminho, um quarto agente, de terno e gravata, aproximou-se dos degraus da frente.

Bem ciente do protocolo, o homem outra vez estendeu sua carteira de identidade, esperando que o outro a olhasse.

"Perdão, senhor... eu não... O senhor está aqui para ver o presidente?" perguntou o agente, devolvendo ansiosamente a carteira de identidade.

"Sim", replicou O Romano, enquanto entrava na casa do presidente. "Algo assim".

"Quer experimentar de novo?" gritou Boyle na traseira da van, enquanto pressionava o cano de seu revólver na têmpora de O'Shea.

"Você pode perguntar tudo o que quiser, esta é a verdade", disse O'Shea, cuspidando sangue e contorcido pelas descargas de dor de seu ombro. Quando ele se ajoelhou na van, sua voz era propositadamente suave. Boyle sacudiu a cabeça, sabendo que isso era apenas um truque para que ele abrandasse. O'Shea insistiu. "Eu sei que este é um assunto emocional para você, Boyle, mas precisa..."

"*Onde está meu filho!?*", explodiu Boyle, apertando tão fortemente a arma contra a cabeça de O'Shea que fez com que este retrocedesse como uma tartaruga para dentro de sua carapaça. Mas, mesmo enquanto voltava a ficar de joelhos, O'Shea não barganhou, não entrou em pânico ou discutiu. Boyle não podia dizer se era por exaustão ou estratégia. A única coisa que sabia era que, assim como um leopardo ferido ainda se agarra a sua presa, os olhos de O'Shea nunca se desviaram do revólver de Boyle.

Oito anos atrás, as mãos de Boyle estariam tremendo. Hoje, ele estava perfeitamente imóvel. "Conte-me onde ele está, O'Shea."

"Para quê? Para você esperar do lado de fora da escola — quantos anos ele tem agora, nove, dez? — então, para esperar do lado de fora de sua classe de quarto ano e lhe dizer que você quer ter o direito de visitá-lo? Você acha que sua namorada Tawaba..."

"O nome dela é Tiana."

"Chame-a do que quiser, ela nos contou a história, Boyle — como flertou com ela durante a campanha, como ela o seguiu quando foi para Washington, D.C..."

"Eu nunca lhe pedi para fazer isso."

"... mas você não teve problemas para escondê-la de sua esposa e filha durante quase dois anos. E depois, quando ela ficou grávida — maldição — era melhor fazer algo a respeito."

"Nunca lhe pedi para abortar."

"Oh, sinto muito — não percebi que você era um santo." Ao longe, uma sucessão de carros passou em velocidade pela rodovia. O'Shea curvou-se e abaixou a cabeça por um momento, oprimido pela dor. "Ora, vamos, Boyle", gaguejou ele, quando olhou de novo para cima. "Você escondeu a criança do mundo inteiro — insistiu para que eles nunca se aproximassem de você em público — e agora quer levá-lo ao piquenique de pais e filhos na Casa Branca?"

"Ele ainda é meu filho."

"Então você deveria ter cuidado dele!"

"Eu cuidei dele!"

"Não, nós tomamos conta dele", insistiu O'Shea. "O que você fez foi mandar cinquenta pratas por semana, esperando que desse para comprar alimento, fraldas e o silêncio dela. Nós fomos os únicos que demos a ela — e a ele — um verdadeiro futuro."

Boyle sacudiu a cabeça, já agitado. "Foi assim que O Romano vendeu a história para você? Que vocês lhes deram um futuro?"

"Ela precisava de dinheiro; nós o oferecemos."

"Ou, mais exatamente: vocês pagaram para se esconder, depois se recusaram a me dizer onde eles estavam a menos que eu concordasse em ser o quarto desertor", disse Boyle, com a voz agora estrondosa. *"Então você fizeram parecer que prestavam favores a ela"*.

Pressionando o queixo contra o ombro, do chão O'Shea olhou para cima, seus olhos cor de avelã brilhando na escuridão da v a n . Um lento sorriso surgiu como um nascer do sol em seu rosto.

"Rapaz, nós realmente apertamos o botão certo, não foi? Para ser honesto, quando O Romano disse que você se preocupava com ela, eu achei que ele estava blefando."

Boyle dirigiu a arma para o rosto de O'Shea. "Onde eles estão? Não vou lhe perguntar de nov..."

Apoiando-se em seus joelhos, O'Shea estourou numa gargalhada profunda e retumbante que escapuliu de sua garganta e ecoou pela v a n . "Ora, você realmente acha que ficamos nas pegadas deles durante todo esse tempo? Que de alguma forma mantivemos contato por correspondência?"

Enquanto as palavras deixavam os lábios de O'Shea, Boyle podia sentir cada sílaba ferindo com garras suas entranhas, retalhando cada órgão dentro de seu peito. "D-Do que você está falando?"

"Nós matamos você, seu burro. Ou pelo menos pensávamos que o tivéssemos matado. Tudo o que me preocupou, a partir daquele momento, foi que Tiana e seu pequeno bastardo pudessem voltar direto para aquela espelunca onde os encontramos em D.C."

Curvando-se, Boyle deu meio passo atrás. Sua mão começou a tremer.

"Espere... oh, você... espere", disse O'Shea, já às gargalhadas.

"Você está me dizendo que, durante todo esse tempo que gastou tentando nos localizar, que... que você nem por uma vez considerou a possibilidade de não sabermos onde eles estão?"

Pela segunda vez, O'Shea inclinou-se para trás soltando uma gargalhada alta e berrando. Depois, sem aviso, deu um pulo para a frente como um sapo, com um golpe de cabeça que atingiu Boyle no queixo antes que ele pudesse perceber o que estava para acontecer. Com o impacto, a cabeça de Boyle foi para trás, fazendo-o ir de encontro aos assentos reclináveis.

"Você sentiu isso?!", gritou O'Shea, com os olhos arregalados de raiva. "Desta vez vou matá-lo eu mesmo!"

Boyle fez que não com a cabeça. Primeiro devagar. Depois mais rápido. O'Shea arremeteu para a frente como um caminhão. Boyle já estava se virando, atacando com a mão direita. E ainda segurava o revólver com ela.

Em meio à confusão, a ponta da pistola atingiu O'Shea na cabeça como um peso de cinco quilos. Batendo contra o canto de sua sobrancelha, o golpe o fez cair para o lado em direção à lateral do carro ao lado do banco de passageiro.

Com as mãos ainda amarradas atrás das costas, ele não teve chance. Sem equilíbrio, virou-se apenas o suficiente para atingir a

lateral do carro com seu ombro.

"Isto é pelo meu filho", gritou Boyle, excitado pela adrenalina.

O'Shea caiu no chão da van. Boyle não o deixou levantar-se, avançando em cima dele e pressionando o cano de seu revólver contra a testa de O'Shea. "E este outro é pela minha filha, seu corrupto imprestável!"

Boyle armou o pino do revólver e começou a apertar o gatilho.

O'Shea soltou outra gargalhada assombradora. "Puxe", pediu, com a voz sem fôlego e rouca enquanto ficava deitado ali, estatelado sobre suas costas. Seu peito subia e descia rapidamente enquanto ele se contorcia no chão. Por causa dos ferimentos que sofrera no passeio para cães e o impacto atual, a dor era esmagadora. "Com essas paredes de metal... vá em frente... E-Eu adoraria ver você arriscar o ricochete."

Boyle olhou em volta para as paredes da van. "Não vai haver ricochete", ele insistiu.

"Você tem certeza disso?", ofegou O'Shea, lutando por ar e batendo o calcanhar contra o chão de metal. Houve um som alto e intenso. "Soa... soa bastante sólido para mim."

Boyle não respondeu. Sua mão se contraiu levemente enquanto se apoiava mais firmemente no gatilho.

"Este... este é um pensamento assustador, não é?", perguntou O'Shea. "Aqui está você pronto para destruir os poucos fragmentos remanescentes de sua vida tornando-se um assassino, e... e agora você tem de se preocupar se não vai atingir a si mesmo no decorrer disso."

Boyle sabia que ele estava mentindo. Ele tinha de estar.

"Vamos, Boyle — esta é a sua chance de arrancar minha cabeça. Dê o tiro!" Desafiante, O'Shea inclinou-se para a frente, pressionando a testa ainda mais fortemente contra o cano do revólver.

Boyle provocou um pequeno ruído com o dedo contra o gatilho enquanto um pingo de sangue escorria de seu nariz e alcançava o lábio. Era isto. O momento pelo qual ele suplicara... pelo qual rezara... a vingança que o havia alimentado durante todos aqueles anos. O problema era que O'Shea estava certo sobre uma coisa: o

que quer que eles houvessem tirado dele, por mais que o tivessem transformado em uma concha vazia, ele nunca seria um assassino. Embora isso não significasse que não pudesse ter sua vingança.

Desviando o braço para a direita, Boyle apontou o cano do revólver para o ombro de O'Shea, cuja ferida ainda estava sangrando, e puxou o gatilho. Uma única bala rasgou o ombro de O'Shea arrancando mais carne. Para maximizar a dor, Boyle manteve o revólver num dado ângulo, esperando atingir também algum osso. Pelo grito de O'Shea — que passou a respirar penosamente e de maneira mais silenciosa, enquanto seus olhos reviravam e ele finalmente perdia a consciência —, era mais do que o suficiente para atingir seu objetivo.

Chutando O'Shea para o lado, Boyle se ajoelhou no sangue esparramado no chão. Debaixo da desordem, através do chão de metal da van, havia um pequeno buraco de bala.

Enfiando um dedo por ele e sentindo o ar úmido de fora, Boyle sacudiu a cabeça. É claro, ela não ricochetearia.

Apenas a limusine do presidente é à prova de balas.

Sem perder mais tempo, Boyle passou para a parte da frente da van e ajeitou-se no banco do motorista. Ao longe, à sua esquerda, uma nova sucessão de carros zumbiu pela rodovia. Quando ele desviou o olhar para baixo, o relógio digital no painel indicava 18:57. Perfeito, ele pensou enquanto acelerava, virava o veículo e levantava um bocado de cascalho para o ar. Uma parada mais e tudo estaria terminado.

"Estas pessoas nunca ouviram falar em estacionamento?", perguntou Rogo, enquanto dirigia passando pela fachada de vidro fosco e olhando atentamente para a parte de trás do branco edifício de escritórios.

"Ali", apontou Dreidel, enquanto eles viravam a esquina.

Contornando a parte de trás do edifício, num amplo estacionamento havia oito ou dez carros parados.

"Este é um bom sinal, certo? Pessoas ainda trabalhando?"

"A menos que sejam apenas carros de porteiros e zeladores", disse Dreidel, olhando para o edifício através da janela do passageiro.

"Quantos zeladores de prédio você conhece que dirigem Mustangs novinhos em folha?", perguntou Rogo, estacionando perto de um Mustang conversível preto e brilhante. "A única coisa que não consigo entender é por que eles têm todo aquele espaço vazio diante do prédio e fazem o estacionamento na parte de trás."

"Talvez seja por causa do zoneamento da área."

"Sim, talvez", disse Rogo.

"E então, você ainda acha que ele é médico de plebe?"

"Tudo o que sei é que o prédio se localiza a um quarteirão do Bada-Bing, um clube de s t r i p t e a s e , e de uma loja de objetos de pornografia, há uma funerária ao lado e o Mustang tem uma placa personalizada escrita F r e d o "

Dreidel olhou para a placa, com os dizeres M y S t a n g , "Você quer parar, por favor? É o consultório de um médico, Rogo. Você pode dizer isso a partir daqui."

"Bem, você pode dizer que eu sou teimoso, mas prefiro ver por mim mesmo", acrescentou Rogo, abrindo a porta do carro, saindo

sob a chuva e correndo para a porta dos fundos do edifício. No meio do caminho, olhou direto para cima quando um barulho bastante alto explodiu com um estrondo de terremoto. Um outro 747 aterrissando. Atrás dele percebeu que Dreidel estava a pelo menos dez passos de distância.

Rogo finalmente alcançou duas portas automáticas de vidro fosco que eram quase idênticas àquelas da entrada. Parando sobre o tapete sensor, ele esperou que se abrissem. Elas não se movimentaram.

"Alguém em casa?", gritou Rogo, batendo no vidro fosco, depois pressionando o rosto contra ele, tentando enxergar o que havia dentro. A sua direita, em diagonal, uma luz vermelha piscante revelou uma câmera preta e brilhante de segurança tão fina quanto uma máquina de calcular, com lentes redondas pequenas, não maiores do que uma moeda de dez centavos. Rogo se desviou, muito esperto para fitá-la.

De modo algum um consultório médico gastaria dinheiro com aparelhos de alta tecnologia como aquele.

"Não olhe para cima", sussurrou Rogo, quando Dreidel parou perto dele.

"Você tem certeza de que ninguém está...?"

Rogo preparou-se para bater de novo com o nó dos dedos, mas, antes que atingisse o vidro, as portas deslizaram, abrindo-se e revelando um guarda de segurança aborrecido com cabelos castanhos pegajosos e um bigode bem aparado.

"Posso ajudá-lo?", perguntou ele, olhando para Dreidel, depois para Rogo, depois de volta para Dreidel.

"Sim, estamos procurando o doutor Eng", disse Rogo, tentando entrar. O guarda deu um passo na frente dele, barrando-o, mas Rogo continuou andando, com sua pequena estatura em forma de bola, abaixando a cabeça, passando debaixo do braço do guarda e entrando no saguão de mármore cor de salmão.

"Perdão... é que... está chovendo", insistiu Rogo, apontando para fora e sacudindo o excesso de água de suas mãos.

O guarda não disse palavra, ainda olhando para Dreidel.

Rogo percebeu que o guarda portava uma pistola 9 mm em seu cinto.

"De qualquer forma", interrompeu Dreidel, "estamos aqui para ver o doutor Eng."

"Sinto muito, ele já saiu", afirmou o guarda.

"Tudo bem — se pudéssemos falar com seu assistente no seu gabinete."

"O doutor Eng saiu. Seu escritório está fechado agora."

Mais adiante no corredor, Rogo avistou um painel diretório na parede próxima aos elevadores. "Ouça, se viemos em má hora, eu me desculpo, mas posso apenas lhe pedir um favor?", solicitou Rogo. "Eu guiei durante uma hora num tráfego medonho. Saímos do nosso caminho — telefonaremos para o doutor Eng amanhã —, mas primeiro, posso, p o r f a v o r , apenas usar o seu banheiro? Trata-se de uma emergência."

O guarda o fitou, sem se mover.

"Por favor", pediu Rogo, fazendo um movimento ansioso com seu pé. "Se eu esperar mais..."

"O banheiro dos homens fica depois dos elevadores do lado esquerdo", disse o guarda, apontando para o saguão.

"Os melhores agradecimentos de minha bexiga", disse Rogo, afastando-se.

Dreidel deu um passo para segui-lo. O guarda lhe lançou um olhar feroz e Dreidel parou.

"Bem... vou esperar aqui", decidiu Dreidel.

"Grande ideia", respondeu o guarda.

Sem olhar para trás, Rogo cruzou o saguão, que, como a fachada do prédio, era comum e sem graça: mármore rachado ao longo do chão, lustres instalados em estilo a r t d é c o , e quadros de arte moderna, dos anos 1980, com motivos marinhos. Passando por tudo isso, Rogo concentrou-se no painel diretório, próximo aos elevadores.

"Será que já passei pelos banheiros?", perguntou ele ao guarda, enquanto parava na frente do painel emoldurado em dourado.

Passando às pressas pela lista alfabética, ele viu: E n g , d r . B r i a n — c o n j u n t o 1 2 7

Mas, para surpresa de Rogo, não estava indicado o tipo de especialidade que ele exercia, nem mesmo um ramo de atividade. O mesmo ocorria com todos os outros doutores listados. Seis no total, mas nenhum deles informava sobre sua especialidade.

"Na porta seguinte", gritou de volta o guarda. "À sua esquerda."

Acenando um obrigado, Rogo entrou no pequeno banheiro, que o saudou com o cheiro forte e desagradável de alvejante. Sabendo que deveria esperar um momento antes de sair, ele foi até a pia, puxou a alavanca do distribuidor de toalhas de papel e enxugou o resto de chuva de seu rosto.

Olhou no espelho para ver se tinha enxugado tudo. Foi quando percebeu a porta de carvalho atrás de si, acima de seu ombro.

Virando-se, ele a estudou cuidadosamente. Para qualquer outra pessoa, ela seria apenas a porta de um armário. E para ele, em qualquer outro dia, ela seria a mesma coisa. Mas hoje... com tudo o que estava acontecendo... Rogo olhou para a esquerda. Já havia uma porta estreita com a palavra *D e p ó s i t o* escrita nela.

Parado atrás da porta de carvalho, Rogo girou a maçaneta. Fechada.

Tão rápido quanto podia, ele olhou ao redor do banheiro — a privada, o urinol, a lixeira no canto — procurando.

Perto da pia, Rogo se precipitou para o distribuidor de toalhas de papel e puxou a alavanca tão fortemente quanto podia. Uma única toalha de papel surgiu. Perfeito, decidiu Rogo, arrancando a caixa de plástico do distribuidor e deixando apenas a alavanca com a toalha de papel exposta.

Ele puxou de novo a alavanca, mas desta vez não a soltou, agarrando-a tão firmemente quanto podia com a ponta de seus dedos, apoiando-se em cima com o peito, e colocando todo o seu peso contra ela.

Depois de alguns segundos, ele pôde ouvir o estrago. O plástico estourou com um barulho alto, enquanto o distribuidor começava a quebrar. Rogo continuou forçando, parado na ponta dos pés e erguendo uma perna do chão para aumentar o peso. Outro estouro atravessou o ar. Quase conseguindo, Rogo não afrouxou o aperto,

rangendo os dentes e respirando forte pelo nariz. Não solte... não até...

Com um último pulo, ele tirou o outro pé do chão.

Conseguira. O plástico se espalhou com um estrondo, enquanto a alavanca de metal em forma de bumerangue se soltava de baixo do distribuidor. Rogo foi de encontro ao chão de ladrilhos e um sorriso espalhou-se pelo seu rosto.

Quando ficou em pé, ele examinou a alavanca de metal, virando o bumerangue de todos os lados. Definitivamente muito fino. Arremetendo contra a porta de carvalho, mas tentando não fazer barulho, ele deslizou a peça de metal na abertura estreita entre o trinco e o limiar da porta. A testa e o nariz estavam pressionados contra a junção da porta, enquanto ele a observava atentamente e exercia força sobre o bumerangue empurrando-o em direção ao seu ventre.

Como uma criança pescando moedas através de uma grade de esgoto, ele movimentou a mão, tentando enfiar a alavanca sob o trinco da porta, com movimentos rápidos para cima e para baixo. Lentamente o trinco começou a...

Clique.

Com um puxão bem forte, a porta se abriu. Rogo esticou o pescoço para olhar lá dentro. "Alô?", sussurrou ele.

Dentro estava escuro, mas, quando a luz do banheiro iluminou um pouco, ficou óbvio que ali não era um armário de depósito. A sala era grande, quase tão grande quanto a sala de estar dele e de Wes. E quando Rogo deu um passo adiante — quando viu o que havia dentro —, seus olhos se arregalaram. Aquilo não fazia sentido. Por que eles...?

"Que diabos você acha que está fazendo?", perguntou uma voz profunda de alguém parado na porta do banheiro.

Rogo virou justo a tempo de ver o guarda de segurança avançando contra ele.

100

Eu sei onde fica a sepultura de Boyle. Estive aqui antes. A primeira vez foi depois da sexta e última cirurgia — aquela em que os médicos tentaram retirar os últimos estilhaços de metal de minha face. Depois de quinze minutos eles decidiram que os estilhaços estavam muito profundos — e eram demasiado pequenos, como grãos de areia de aço —, então era melhor deixá-los onde estavam. "Deixe-os sossegados", disse-me o dr. Levy.

Acatando seu conselho, saí do hospital e minha mãe trouxe-me aqui, no Woodlawn Cemetery. Sete meses depois de Boyle ter sido enterrado diante das câmeras de TV, eu me aproximei de sua sepultura com minha mão direita enfiada bem no fundo do bolso de minha calça, agarrando minha nova receita e silenciosa e repetitivamente desculpando-me por tê-lo colocado na limusine naquele dia. Eu podia ouvir minha mãe soluçando atrás de mim, pranteando-me como se eu não estivesse ali. Foi uma das visitas mais desagradáveis de minha vida. Para minha surpresa, esta é ainda pior.

"Pare de pensar nisso", sussurra Lisbeth, caminhando lentamente pelas sepulturas e pela grama alta que se enrola na altura do tornozelo como pequenas tiras de couro ao redor de nossos tornozelos. Quando nos aproximamos da cerca de aço em formato de espirais nos fundos do cemitério, tento segurar o guarda-chuva sobre nós dois, mas ela já está dois passos à frente, sem nem perceber a chuva leve. Não a culpo por estar excitada. Mesmo que não esteja escrevendo a história, a repórter nela não consegue esperar para saber a verdade. "Você ouviu o que eu disse, Wes?"

Quando não respondo, ela para e se volta para me olhar. Ela está a ponto de dizer algo, provavelmente do tipo *Acalme-se... vá devagar*.

"Eu sei que é difícil para você", diz ela. "Sinto muito."

Eu concordo com a cabeça e lhe agradeço com o olhar. "Para ser honesto, eu não pensei que isto... achei que ficaria mais ansioso."

"É normal ficar assustado, Wes."

"Não é assustado — acredite-me, eu quero as respostas de Boyle — mas só o fato de estar aqui... onde eles enterraram — onde eles sepultaram quem quer que tenham sepultado.

É como... este não é o melhor lugar para mim."

Ergo o olhar, e ela dá um passo na minha direção, de volta para debaixo do guarda-chuva. "Ainda estou contente por você ter me deixado vir."

Eu sorrio.

"Ora, eu ganhei uma boa vibração", diz ela, puxando meu ombro enquanto corre de novo para fora do guarda-chuva.

Agarrando o alto da cerca enrolada de um metro e trinta de altura, ela enfia o dedo do pé dentro de uma das aberturas.

"Não se preocupe", respondo, indo até um monte de terra que está empilhado tão alto que chega a cobrir a cerca.

Apesar da conversa animada, eu ainda hesito. Aquela é uma terra que sobrou das sepulturas. Lisbeth não tem tal problema. Ignorando a chuva que ainda é uma garoa leve, ela sobe no monte e em um instante alcança o alto da cerca.

"Cuidado", grito. "Se houver um alarme..."

"Isto é um cemitério, Wes. Não creio que se incomodem com pessoas roubando aqui."

"E os roubos em sepulturas...?" Mas quando eu a sigo para cima do monte de terra, tudo com que nos deparamos é tão-só o zumbido leve de grilos e as sombras densas e escuras das figueiras-de-bengala de mais de duzentos anos, cujos ramos e trepadeiras se estendem para fora como teias de aranhas em todas as direções. Em diagonal, à nossa esquerda, os setenta e dois mil metros quadrados do Woodland Cemetery se expandem em um retângulo perfeito que dá cerca de dezessete campos de futebol. O cemitério

termina, por fim, sem ironia aparente, na traseira da revendedora da Jaguar, o que provavelmente não era a intenção no final de 1800, quando o fundador da cidade, Henry Flager, comprou cerca de sessenta e oito mil metros quadrados de pomares de maçãs para construir o cemitério mais antigo e mais exagerado de West Palm Beach.

Eu sigo pelo caminho principal pavimentado em pedra.

Agarrando o guarda-chuva, Lisbeth me puxa para trás e nos conduz para a esquerda, atrás de um arbusto podado em forma de bola logo depois da cerca, e então um outro, e outro... pelo menos cem no total, com cerca de dois metros de altura... a fila deles alinhando-se ao longo de toda a parte de trás do cemitério. O instinto dela é perfeito. Ao nos deslocarmos por trás, saímos do caminho principal, o que significa que ficamos fora de vista, o que também significa que ninguém pode nos ver chegando. Com aquilo que planejavamos, não estamos nos arriscando.

Quando nos abaixamos atrás do primeiro arbusto em forma de bola, percebemos de imediato que ele não tem absolutamente esse formato. Oco na parte de trás e em forma de U, o arbusto esconde uma coleção de garrafas vazias de Gatorade e latas de soda espalhadas pelo chão. O arbusto seguinte esconde tapetes dobrados de grama que são usados para cobrir as sepulturas abertas.

"Wes, estes arbustos são perfeitos para..."

"Sem dúvida", digo por fim, envolvendo-me com a excitação dela. Ainda assim, isso não significa que a estou colocando em risco. Dando uma olhada para assegurar-me de que estamos sozinhos, viro para a esquerda, em direção ao centro do terreno, onde um mastro branco brilhante fica iluminado com holofotes e é a única fonte de luz para o cemitério todo. Mas de onde estamos, rodeados por árvores, no lugar retirado do final da área, tudo o que a sua luz pálida faz é lançar sombras curvas sobre os ramos e de lado a lado do caminho.

"Você está andando mais devagar", diz ela, agarrando o guarda-chuva e me puxando para a frente.

"Lisbeth, talvez você devesse..."

"Não estou indo a lugar nenhum", insiste ela, dobrando o nosso passo e olhando para a direita, onde uma fina lápide militar de marfim branco apresenta uma protuberância onde está escrito:

CABO ESQUADRÃO E 13º. REGIMENTO DE CAVALARIA GUERRA HISPANO-AMERICANA 1879-1959

"Ele está enterrado perto de pessoas da Guerra Hispano-Americana?", sussurra ela. "Tem certeza de que ele não está no setor novo?"

Nós tínhamos visto o setor novo quando subimos no monte de terra. Mais distante à nossa esquerda, passando o mastro iluminado por holofotes, e por milhares de silhuetas de cruces, lápides curvadas e criptas de família, havia um campo aberto pontilhado com marcos cerimoniais na horizontal. Como muitos cemitérios na Flórida, Woodlawn aprendeu de maneira difícil o que acontece quando um furacão atinge as sepulturas. Os mortos mais recentes só têm marcos planos, colocados direto dentro da terra. A menos, é claro, que você conheça alguém bastante importante para mexer os pauzinhos.

"Confie em mim, ele não está no setor novo", digo. Quanto mais andamos pelo caminho, mais claramente ouvimos um novo som no ar. Um murmúrio silencioso ou um sussurro.

Dezenas de sussurros — indo e vindo — como se todos eles estivessem ao nosso redor.

"Não há ninguém aqui", insiste Lisbeth. Mas à nossa esquerda, atrás de uma lápide de 1926 com um rosário de contas de mármore pendurado na frente, ouve-se um ruído alto como o de alguém escorregando antes de parar. Eu me viro para ver quem está ali. As lápides nos circundam. A chuva continua a cair em nossas costas e a encharcar nossos ombros, o cheiro de musgo dominando o fedor da terra molhada. Atrás de nós, o estrondo de trovão começa a... não, não se trata de trovão.

"Isto é...?"

O estrondo fica mais alto, seguido por um profundo barulho de uma buzina a ar comprimido. Eu me viro em direção aos arbustos em forma de bola bem no momento em que o ding-ding-ding da

cancela da passagem de nível atravessa o ar. Como uma bala brilhante na escuridão, um trem de carga aparece da direita para a esquerda, paralelamente à cerca baixa que se estende por trás do cemitério.

"Devemos continuar andando!", grita Lisbeth em meu ouvido, conduzindo-nos adiante pelo caminho. O trem continua a fazer barulho atrás de nós levando todos os outros ruídos consigo, inclusive o farfalhar da folhagem e o som de raspar que nos indicaria a chegada de alguém.

Que tal entrarmos ali dentro?, Lisbeth gesticula quando passamos por uma cripta acima do chão com portas duplas de vidro sujo. A cripta é uma das maiores que há por ali — quase tão grande quanto um contêiner de lixo.

"Esqueça", digo, empurrando-a pelo cotovelo e assumindo a direção. Ela não percebe como estamos próximos de nossa meta. Três sepulturas além da cripta, o caminho termina no tronco de uma enorme figueira-de-bengala, a qual, durante o dia, protege do sol inclemente todas as sepulturas vizinhas.

Apenas isso a torna uma das áreas mais seletas de todo o cemitério. O presidente Manning telefonou, ele mesmo, e assegurou-se pessoalmente de obter os dois canteiros que agora eram ocupados por uma lápide em mármore preto, importado da Itália, com a parte de cima ligeiramente arredondada e com as letras totalmente esculpidas em branco que indicavam:

*RONALD BOYLE
AMADO MARIDO, PAI, FILHO
CUJA MAGIA PERMANECERÁ PARA SEMPRE CONOSCO*

"É ele?", pergunta Lisbeth, apontando para o nome e quase me derrubando por detrás.

Era o último presente de Manning para seu amigo — um derradeiro local de repouso que mantinha Boyle longe do lugar de marcos planos, e em vez disso o colocava perto de um general da Segunda Guerra Mundial, e, na diagonal, de um dos juízes mais

respeitados de Palm Beach dos anos 1920. Era um local da melhor qualidade em Palm Beach.

Mesmo na morte, os chefes ainda queriam ocupar o melhor lugar da casa.

Atrás de nós, o trem desaparece e o som dos grilos retorna, engolfando-nos de todos os lados. Eu fico parado ali, olhando a sepultura de Boyle na luz vaga.

"Você está bem?" pergunta Lisbeth.

Ela pensa que estou com medo. Mas, agora que estamos ali... agora que eu sei que não há corpo debaixo dessa pedra... e, mais importante ainda, que eu nunca o coloquei ali... Meus punhos se cerram enquanto releio o epitáfio. Como tudo na vida deles, é polido e bonito — e um tumor supurando de mentiras. Durante oito anos, Manning — meu patrão, meu mentor —, durante oito anos, ele sabia que eu comia merda, mas nem uma vez a retirou de meu prato. Ele apenas a servia. Dia após dia. Com um sorriso presidencial perfeito.

Meus punhos se cerram mais. Depois eu sinto a mão de Lisbeth em minhas costas. Ela não diz uma palavra. Não é necessário.

Eu dou uma última olhada no cemitério vazio. Durante oito anos vivi com medo. É isso que a morte faz quando ela o assombra. Mas agora, enquanto estou parado ali sob a chuva leve e a noite que se aprofunda, estou pronto para encontrar meus fantasmas. E assim é com Lisbeth.

Ocupamos nossos lugares separados, como havíamos combinado. Lisbeth olha para o relógio. Tudo o que temos de fazer é esperar.

101

"Saia daí! Agora!", gritou o guarda, enquanto agarrava Rogo pelas costas da camisa.

"Tire as mãos de mim!", gritou Rogo em resposta, libertando-se e adentrando o quarto pobremente iluminado.

Dois passos adiante, os sensores de movimento puseram-se a funcionar, inundando o aposento com o zumbido da luz fluorescente. A esquerda de Rogo havia uma cama de solteiro com um encosto de carvalho malconservado, ela estava imaculadamente arrumada com lençóis brancos e uma Bíblia encontrava-se apoiada sobre o cobertor verde-oliva. Preenchendo a decoração de motel barato havia uma mesa de cabeceira de fórmica branca que não combinava com o ambiente e uma cômoda, imitando madeira, com uma pilha de revistas velhas e um aparelho de TV, com pelo menos cerca de dez anos, de dez polegadas. À direita, portas duplas de carvalho se abriam para o que parecia ser uma sala de reuniões completa, com uma mesa de mogno e meia dúzia de cadeiras modernas em couro preto. Nada disso fazia sentido. Por que um banheiro público se ligava com um dormitório separa...?

Por trás, Rogo sentiu um puxão violento em sua camisa, de novo tentou se livrar, mas dessa vez o guarda estava preparado, arrastando-o para trás em direção ao banheiro.

"Você sabe em que encrenca me meteu?!", berrou o guarda.

"Eu só estava... a porta estava aberta..."

"Papo... furado", disse o guarda, esmurrando Rogo e fazendo-o ir de cara contra a porta semifechada da sala, que bateu com força na parede de ladrilho, enquanto ele empurrava Rogo para o banheiro.

"Você está doido?!", gritou Rogo, torcendo-se para escapar.

O guarda segurava firme, obrigando-o a andar pelo banheiro dos homens em direção à porta que dava para o saguão.

Uma cabeça inteira mais alto do que Rogo, ele agarrou seus pulsos e manteve-os atrás das costas.

"Eu sou advogado, seu macaco estúpido. Quando eu entrar com uma ação de queixa, vou comprar este local e transformá-lo em um Arby's!"[17]

Quando Rogo saiu tropeçando para fora do banheiro e entrou no saguão de mármore, o guarda o empurrou para a direita em direção às portas de vidro fosco.

"Dreidel, diga-lhe quem você é!", gritou Rogo, a voz ecoando pelo saguão.

"O-O que você fez?" perguntou Dreidel, já dando um passo para trás e afastando-se do balcão de controle.

"Não se mova!", o guarda avisou a Dreidel.

Entrando em pânico, Dreidel se virou e foi em direção às portas automáticas.

"Não... não!", gritou o guarda.

Demasiado tarde.

Antes mesmo que Dreidel registrasse as palavras, seu pé tocou no tapete sensor. Mas foi só quando as portas começaram a se abrir que Rogo percebeu sombras do outro lado do vidro fosco.

Quase sem barulho, as portas se abriram revelando um homem magro e calvo, com as faces bem delineadas e um nariz onde o sangue começa a formar uma crosta. Curvado sobre seus ombros estava encaixado um homem loiro, cuja cabeça se inclinava para baixo, inconsciente. Sua camisa estava ensopada com o que parecia sangue.

"Adivinhe quem encontrei?", anunciou Boyle, quando entrou.

"Tudo o que foi deixado é..." Percebendo Dreidel, ele se imobilizou. Sem pensar, ele soltou O'Shea, que se estatelou no chão, esparramado sobre o tapete sensor.

"Boyle", deixou escapar Dreidel.

"Boyle?", perguntou Rogo.

"Não se mova!" o guarda gritou para Boyle, puxando a arma e empurrando Rogo para o lado.

"Ponha sua arma de lado", ordenou Boyle.

"Eu disse não se mova!", repetiu o guarda. Virando-se para o rádio, ele gritou: "Companheiros, preciso de ajuda aqui embaixo!".

Recuperando o equilíbrio, Rogo não podia afastar os olhos de Boyle. Ele era exatamente como Wes o havia descrito. As feições salientes... as faces magras..., mas ainda assim o mesmo.

"R-Ron, você está bem?" perguntou Dreidel ainda em choque.

Antes que Boyle pudesse responder, seus olhos castanhos com um toque de azul encontraram os de Rogo.

"Você é o companheiro que mora com Wes, não é?"

Rogo acenou com a cabeça movendo-se lentamente. "Por quê?"

"Wes também está aqui?", perguntou Boyle, os olhos examinando rapidamente o saguão.

Confuso e totalmente sem reação, Rogo seguiu o olhar de Boyle, verificando o saguão, os elevadores, o balcão de identificação, quase esperando que Wes pulasse de algum lugar.

"E-Eu pensei que ele tivesse um encontro com você."

"Um encontro com ele?", perguntou Dreidel.

"Um encontro comigo?", replicou Boyle.

"Sim, não... você", disse Rogo. "Aquele bilhete que você enviou... para Wes encontrá-lo... às sete da noite. Você sabe, no cemitério."

Fitando Rogo, Boyle sacudiu a cabeça, nitidamente confuso.

"Não sei do que você está falando, filho. Por que eu convidaria Wes para se encontrar comigo no cemitério?"

[17] Uma cadeia de sanduíches de rosbife. (N. T.)

102

Ele levou seis segundos para mover os quatro pinos e detonar o cadeado velho e enferrujado, e isto segurando um guarda-chuva em sua mão. Ele sabia que não havia motivo para alarme — por isso é que tinha vindo antes. De fato, quando o cadeado se abriu, ele silenciosamente puxou a corrente de metal enferrujada e retirou-a dos portões de ferro da entrada do cemitério, sem nem olhar para ver se alguém estava chegando. Com um empurrão final, abriu os portões apenas o suficiente para que ambos entrassem no interior.

"É aqui que você...? Quem se encontraria aqui com você?"

"Confie em mim", disse o homem, inclinando o guarda-chuva para trás e olhando para a pedra ornada em forma de arco que emoldurava os portões. Aplicado com jato de areia na pedra, em letras maiúsculas, lia-se o epitáfio existente na entrada do cemitério desde que fora construído duzentos anos atrás: *O que é tão universal como a morte deve ser uma bênção*. "Espere aqui", disse ele.



"Por quê? Aonde você está indo?", perguntou seu parceiro, protegido por um outro guarda-chuva e escondendo-se cuidadosamente da chuva. "Você não vai me deixar sozinho em um cemitério."

"O que estou fazendo é tentar deixá-lo fora de vista", insistiu o homem, sabendo que Wes já deveria estar por ali.

"Se você quer que eu limpe essa sujeira — que eu presumo que é o que você quer —, sugiro que fique aqui até eu dizer que o

caminho está desimpedido." Deixando seu parceiro para trás, ele olhou para o holofote no mastro que banhava de luz a entrada principal, em seguida rapidamente virou à esquerda e andou por um canteiro de sepulturas. Ignorando os caminhos de pedra, ele se dirigiu a passos largos para o lado sul do cemitério, usando as árvores para esconder-se.

Atrás de si podia ouvir o parceiro seguindo-o, mantendo-se suficientemente afastado para manter-se oculto. Mas ainda assim o seguia. Bom. Era disso que ele precisava.

Caminhando em direção a Wes, ele parou atrás de uma coluna de pedra calcária rachada de uma cripta com teto de catedral em forma de ponta. À sua direita, do outro lado da cripta, uma pequena lápide cinza, de 1928, para alguém chamado J. G. Anwar, estava gravada com um maçônico e uma estrela de cinco pontas. Escondido na escuridão, ele não pôde se impedir de sorrir com a ironia.

Quão perfeito.

Ainda ignorando seu parceiro, que se arrastava três metros atrás dele, examinou atentamente ao redor da cripta quando as pontas de seu guarda-chuva arranharam o grosso musgo molhado que indolentemente subia pela coluna de calcário.

Em diagonal, do outro lado da sepultura, na base de uma imensa figueira-de-bengala, a sombra fina e sozinha de Wes andava de um lado para outro, curvada debaixo do guarda-chuva.

"É ele?", sussurrou seu parceiro, rapidamente se recompondo e escondendo-se atrás da cripta.

"Eu lhe disse para..."

Mas, antes que pudesse pronunciar as palavras, a sombra perto da sepultura girou em sua direção e ele pôde dizer imediatamente quem era. Os tornozelos foram os delatores.

O punho cerrou-se em torno do cabo do guarda-chuva. Seus olhos se estreitaram e, quando ele se inclinou para a frente, as pontas do guarda-chuva arranharam mais profundamente o musgo da cripta. Com um barulho arremeteu para a frente. Aquele estúpido filho da mãe...

"Espere... onde você...?"

"Fique aqui", disse ele agitado ao seu parceiro, dessa vez com intenção séria. Todo esse tempo... Tudo de que ele precisava é que Wes estivesse sozinho. Quase correndo, ele cortou em diagonal em meio a uma fileira de sepulturas. Ele sabia muito bem que o tinham ouvido chegar.

Confiante, a sombra se virou em sua direção, levantando o guarda-chuva e revelando um vislumbre de cabelos ruivos.

"Boyle, é você?" gritou Lisbeth. Não obtendo resposta, ela ergueu a cabeça, perscrutando a escuridão. "Boyle...?"

Apenas a três metros de distância, o homem procurou o bolso e usou sua mão boa — a esquerda — para pegar a arma.

"Boyle, relaxe", disse Lisbeth, parando enquanto o homem se aproximava, com o rosto ainda escondido pelo guarda-chuva. Por uma fração de segundo, ele se inclinou sob um ramo que invadia o caminho e que empurrara o guarda-chuva para o lado. No instante em que Lisbeth viu o seu cabelo preto-azeviche, ela soube que estava com problemas.

Segundo Wes, Boyle era careca. "Ouça, quem quer que você seja, eu só estou aqui para..."

Correndo através de uma fileira de arbustos e saindo da escuridão, ele pegou seu revólver, apontou para o peito de Lisbeth e deu um passo para tão perto dela que forçou-lhe as costas contra uma alta lápide cor de argila com uma cruz celta esculpida no topo.

"Eu não me importo por que diabos você está aqui", explodiu O Romano, arrancando o guarda-chuva da mão dela. Quando ele se aproximou ainda mais, sua pele brilhava, tão cinzenta quanto as lápides. "Mas, se não me disser onde Wes está, juro por meu Deus, você vai me implorar para matá-la."

Imobilizada pelo choque, Lisbeth olhou por cima do ombro do Romano e percebeu o parceiro dele parado entre os arbustos.

A boca da repórter pendeu aberta, enquanto o membro final que compunha Os Quatro adiantou-se.

103

Martin Kassal aprendeu a ler quando tinha três anos de idade. Podia escrever aos quatro. E com cinco ele se sentava perto de seu pai à mesa do café da manhã, comendo uvas-passas e rabanada, enquanto lia os cabeçalhos no jornal. Mas foi apenas aos sete anos que completou seu primeiro quebra-cabeça de palavras cruzadas. Criando-o, quer dizer.

Sessenta e um anos mais tarde, Kassal se apoiava em sua papada, folheando uma pequena brochura usada chamada *Mitos e símbolos na arte e na civilização da Índia*. Mesmo com os seus óculos de leitura coloridos, ele ainda precisava inclinar-se para enxergar, e, quando se inclinou um pouco para trás para virar a página, estava tão envolvido com os símbolos dos rios sagrados que nem percebeu o telefone chamar até o terceiro toque.

"É Ptomaine?", perguntou uma voz de mulher em tom acusador. "Perdão — quem fala?", perguntou Kassal.

"*Tattarrattat* é o meu nome que aparece na tela. Também conhecida como Mary Beth Guard para os amigos", acrescentou ela, com uma risada melindrosa por causa do uso do palíndromo mais comprido, encontrado na segunda edição do dicionário Oxford. "Eu vi o seu anúncio no painel de mensagens... sobre aqueles hieróglifos que você estava tentando identificar... os quatro pontos e a cruz com o talhe..."

"É claro, é claro. E obrigado por responder tão rapidamente."

"Ei, você colocou o seu número de telefone. Imaginei que fosse uma emergência. A propósito, gostei do seu nome na tela. Ptomaine. É do NPR, certo? *Do histórico dos americanos famosos. Coloque o seu primeiro nome dentro do último nome para obter*

uma palavra. Tom Paine. Astuto", disse a mulher, quase como se estivesse procurando por uma data.

"Sim, bem... sim", disse Kassal, enxugando a testa. "Então, sobre aqueles símbolos..."

"Os hieróglifos — claro — eu os reconheci imediatamente, quero dizer, olho para eles todos os dias."

"Não sei se estou entendendo."

"Eu trabalho em Monticello. Você sabe, Virginia. Na casa do nosso maior e mais sábio presidente, Thomas Jefferson — e não digo isso apenas como funcionária."

"Esses eram símbolos usados por Jefferson?"

"De fato, por Meriwether Lewis."

"De Lewis e Clark?"

"Oooh, você conhece a nossa história, Ptomaine", disse ela, de maneira sarcástica. "É claro. Mas o que as pessoas não percebem é que a principal razão pela qual escolheram Meriwether Lewis para explorar a região de Louisiana adquirida da França — de fato, talvez a *única* razão pela qual lhe foi confiada essa tarefa — foi porque, alguns anos antes, ele realizou um trabalho muito extraordinário como secretário pessoal de Jefferson."

"Hum", disse Kassal, já rabiscando a informação para usá-la em um próximo quebra-cabeça. "Eu não havia me dado conta de que Lewis era o auxiliar de Jefferson."

"O melhor auxiliar para qualquer presidente. Logo depois de Jefferson ter sido eleito em 1801, um de seus primeiros trabalhos como presidente foi diminuir o número de oficiais no exército. A Guerra Revolucionária terminara havia muito tempo, o conflito com a França estava menos ativo, e eles estavam tentando diminuir as fileiras."

"Assim as consequências políticas..."

"Muito bem. Foram surpreendentes", explicou Mary Beth.

"Você tem interesse político também, hein? Já estive alguma vez em Monticello? Ficarei feliz em lhe mostrar os arredores."

Este era o problema que sempre ocorria com as mensagens em painel. As vantagens eram grandes, mas o que vinha junto com elas era bizarro. "Perdão, eu só estou com um pouco de pressa..."

"Muito bem, percebi — você é casado. Minhas desculpas. Eu não sou muito boa para perceber essas coisas..."

"Sim, então, sim... você estava falando sobre Jefferson... que as consequências políticas por demitir oficiais..."

"Sim, é claro, é claro. Os políticos eram cheios de truques, para dizer o mínimo, assim, para evitar se envolver na demissão, Jefferson pediu a Lewis para avaliar secretamente a lealdade de cada oficial do exército. Daquela maneira, ficavam sabendo quem demitir e quem manter em seu posto."

"Então aqueles símbolos", disse Kassal, olhando para os símbolos, "aqueles eram..."

"... o sistema de código de classificação entre Lewis e Jefferson para se assegurarem de que nenhum dos oficiais jamais descobriria qual era realmente a opinião de Jefferson sobre eles: se eram confiáveis, indiferentes, ou um inimigo político. Assim, quando o Departamento de Guerra forneceu a Jefferson a lista de todos os generais de brigada e tenentes, Lewis pegou os símbolos secretos e colocou..."

"... uma marca feita à mão perto de cada nome", disse Kassal, estudando exatamente os mesmos símbolos duzentos anos depois, ao lado das palavras cruzadas. "Para qualquer outra pessoa, eles tinham a aparência de borrões feitos por uma caneta-tinteiro..."

"... isso mesmo... mas para Jefferson era um guia para identificar quais de seus oficiais eram honestos. De fato, se alguma vez você vier... Nós realmente temos a lista original em exposição, mais a chave que Jefferson usava para decifrar os códigos. É bonito de se ver de perto — todos aqueles floreios na velha escrita."

"Certamente isso soa *tentador*", disse Kassal, fazendo o tipo de careta que acompanha uma mordida em um limão azedo.

"Mas... Mary Beth, não é?"

"Mary Beth", repetiu ela com orgulho.

"Se eu puder lhe pedir um último favor, Mary Beth: agora que eu tenho os sinais — os quatro pontos e a cruz com um talhe —, você pode me dizer a chave dessa escrita secreta para eu saber o que cada um deles representa?"

104

Você está me dizendo que não lhe enviou um bilhete?", perguntou Rogo a Boyle, enquanto colocava no lugar a camisa puxada pelo guarda.

"Um bilhete? Por que eu lhe enviaria um bilhete?"

perguntou Boyle, parecendo aborrecido enquanto seus olhos se moviam entre Rogo e o guarda.

"Eu disse não se mova!" gritou o guarda, com a arma apontada para Boyle.

"Se gritar comigo de novo, vou fazer você engolir essa arma", gritou Boyle de volta. "Agora eu quero o homem do contato, ou, no mínimo, um supervisor, e estou querendo dizer *agora*"

"Que diabos está acontecendo?" perguntou Dreidel, com as mãos levantadas no ar, muito embora a arma não estivesse de modo algum perto dele. "Você disse que nós nos encontraríamos no meu hotel. Desde quando Wes está tendo um encontro no cemitério?"

"Dreidel, isto não tem nada a ver com você", insistiu Rogo.

Virando-se para o guarda, ele acrescentou: "Ouça, eu sei que você não me conhece, mas a vida de meu amigo está em..."

"A sua também", disse o guarda, enquanto apontava de novo para Rogo. Voltando a atenção para o seu *walkie-talkie*, ele pressionou um botão e acrescentou: "Rags, tivemos um problema — preciso que você encontre Loeb".

"Então espere... quando Wes telefonou... vocês *dois* mentiram para mim?", perguntou Dreidel, ainda juntando as peças. "Agora também Wes não confia em mim?"

"Não ouse se fingir de vítima", advertiu Rogo. "Lisbeth falou com sua antiga namorada — aquela que tinha as palavras cruzadas..."

Boyle virou-se ao ouvir essas palavras. "Vocês encontraram o quebra-cabeça?"

"Boyle, mantenha sua boca fechada!", avisou o guarda.

"Como ela encontrou Violet?" perguntou Dreidel, o rosto como uma máscara branca enquanto ele lentamente abaixava as mãos.

Rogo sacudiu a cabeça para Dreidel, mas sabia bem que devia prestar atenção no guarda, que, por sua vez, sabia bem que devia prestar atenção em Boyle. Rogo transferiu o peso para a outra perna, quase incapaz de permanecer parado.

Cada segundo que eles passavam ali significava que Wes...

Ele interrompeu a si mesmo. Não pense nisso.

"Quando vocês encontraram o jogo de palavras cruzadas?", acrescentou Boyle, ainda tentando chamar a atenção de Rogo.

Rogo olhou em sua direção, farejando uma abertura. Até que conseguisse chegar onde estava Wes, ele podia também obter algumas respostas. "Isso significa que você vai me contar o que há nelas?" perguntou Rogo.

Boyle ignorou a questão como se não a tivesse escutado.

"Não — não faça isso", avisou Rogo. "Não só... Se você pode ajudar Wes... se você sabe o que há nas palavras cruzadas..."

"Eu não sei *nada*"

"Isso não é verdade. Você foi para a Malásia por algum motivo."

"Loeb, você está aí?", disse o guarda em seu rádio.

"Ora, vamos, Boyle — eu ouvi Wes falar sobre você. Nós sabemos que você tentou fazer a coisa certa."

Boyle olhou para o guarda, que sacudiu a cabeça.

"Por favor", implorou Rogo. "Wes está lá fora achando que vai encontrar-se com você."

Boyle ainda não reagiu.

"Alguém lá fora o atraiu com uma isca", acrescentou Rogo.

"Se você sabe de alguma coisa e a mantém só para si, você está apenas deixando que ele tome o seu lugar."

Ainda nada.

"Esqueça", disse Dreidel. "Ele não está..."

"Onde ele o encontrou?" deixou escapar Boyle.

"Encontrou o quê?" perguntou Rogo.

"O bilhete. Você disse que Wes encontrou um bilhete. Para ir ao cemitério."

"Boyle...", avisou o guarda.

"Em seu carro", disse Rogo às pressas. "Do lado de fora da casa de Manning."

"Desde quando?" perguntou Dreidel. "Você nunca contou isso. Eles nunca disseram isso", acrescentou ele para Boyle.

Boyle sacudiu a cabeça. "E Wes apenas supôs que ele era...?"

Eu achei que você tinha dito que desvendaram as palavras cruzadas."

"Nós descobrimos os nomes — todas as iniciais", disse Rogo.

"Manning, Albright, Rosenman, Dreidel..."

"Estes... com o antigo criptograma de Jefferson", disse Boyle, enquanto puxava uma velha folha de papel dobrada de seu bolso. Desdobrando-a de maneira impetuosa, ele revelou as palavras cruzadas e seu código oculto, mais as suas próprias anotações escritas à mão.

"É este o jogo", disse Rogo. "Mas, além de nos mostrar que o presidente confiava em Dreidel, não pudemos..."

"Pare, pare, espere", interrompeu Boyle. "Do que você está falando?"

"Boyle, você conhece as regras de confidencialidade!", berrou o guarda.

"Quer parar de se preocupar com confidencialidade?", gritou de volta Boyle. "Diga a Loeb que ele pode pôr a culpa em mim."

Virando-se para Rogo, ele acrescentou: "E o que o fez pensar que Dreidel era confiável?"

"Você está dizendo que não sou?", desafiou Dreidel.

"Os quatro pontos", explicou Rogo, enquanto apontava para o ::. "Uma vez que o presidente e Dreidel estão ambos classificados com quatro pontos, nós imaginamos que este era o círculo interior que indicava em quem ele confiava."

Boyle ficou quieto de novo.

"Este *não* é o círculo interior?", perguntou Rogo.

"Este é o círculo interior" disse Boyle, apontando para o **0**

que estava próximo ao chefe do Estado-Maior, o homem que costumava fazer as palavras cruzadas com Manning.

"Então, o que são os quatro pontos?", perguntou Rogo, ainda perdido.

"Boyle, isto basta", advertiu o guarda.

"Isto não tem nada a ver com confidencialidade!", desafiou Boyle. "Aqueles quatro pontos significam bom", insistiu Dreidel. "Manning confiava em mim para tudo!"

"Diga apenas o que significam os quatro pontos", pediu Rogo, em voz baixa.

Boyle olhou para Dreidel, depois de novo para Rogo. "Os quatro pontos eram a taquigrafia que Jefferson usava para indicar soldados sem nenhuma doutrina política — os oportunistas que entregariam tudo em função de sua própria promoção. Para nós, eles descreviam quem Manning e Albright achavam que vazava informações para a imprensa. Mas quando Os Três encontraram uma cópia e a decifraram, foi assim que souberam quem escolher para ser o quarto."

"Eu não sou O Quarto!" insistiu Dreidel.

"Eu nunca disse que você era", concordou Boyle.

Rogo olhou para o velho jogo de palavras cruzadas de Manning, estudando os dois nomes com os quatro pontos.

:: Manning :: Dreidel

Nada disso fazia sentido. Wes jurara que a escrita à mão — que todas as classificações — eram de Manning. Mas, se isso era verdade... "Por que o presidente daria a si mesmo uma classificação tão baixa?"

"É este o ponto. Ele não daria", disse Boyle.

"Mas, nas palavras cruzadas... você disse que os quatro pontos..."

Boyle esfregou os dentes de baixo no lábio superior. "Rogo, esqueça seus preconceitos. Os Três queriam alguém que estivesse próximo de todas as maiores decisões, e as mais importantes, alguém que pudesse *ter influência* sobre aquelas decisões — foi por isso que primeiro tentaram me atrair, em vez de Dreidel."

"Boyle, isto *basta! Estou falando sério!*, berrou o guarda. Mas Boyle não se importou. Depois de oito anos, não havia mais nada que eles pudessem tirar dele.

"Você percebe agora, não é?" perguntou Boyle, enquanto Rogo olhava para a página. "Você captou o nome certo. Até o raciocínio correto — nunca subestime o que eles fariam durante mais quatro anos. Mas você apanhou o Manning errado."

Confuso, Rogo sacudiu a cabeça, ainda bloqueado no quebra-cabeça. "Que outro Manning há ali...?"

Uma rajada de frio dolorido apoderou-se do corpo de Rogo, como se ele tivesse sido encerrado no gelo.

Oh, droga.

105

Eu conheço sua silhueta. Conheço-a melhor do que a minha própria. Eu a tenho observado quase todos os dias durante quase uma década. Este é o meu trabalho: rastejar um metro atrás dela, bastante próximo para estar ali no momento em que ela percebe que precisa de algo, mas suficientemente afastado para não sair nas fotos. Anteriormente, durante os dias da Casa Branca, mesmo quando ela ficava rodeada por dignitários, pela imprensa estrangeira, por nossa imprensa, por nossa assessoria, pelas multidões e pelo Serviço Secreto, eu ainda conseguia permanecer atrás da horda, olhando atentamente através do mar de pernas, e localizando sua silhueta no centro — e não apenas porque ela era a única em saltos altos.

Não é diferente esta noite. Na verdade, quando eu me agacho no cemitério sombrio e me escondo atrás de um dos arbustos em forma de bola, quando aperto os olhos até se tornarem duas fendas estreitas e tento espreitar através dos ramos emaranhados e entrecruzados e dos quase cinquenta metros até perto da lápide onde ela se encontra, na escuridão, eu olho perturbado para o caminho curvo de pedra e instantaneamente reconheço as pernas grossas, os ombros pronunciados, a silhueta sugestiva da dra. Lenore Manning.

Uma dor aguda se expande como um balão dentro de minha caixa torácica. Não... ela — ela nunca — sacudo a cabeça e minhas costelas parecem estar a ponto de estourar. Como pôde...? Por que ela faria aquilo?

No final do caminho, parando perto de uma árvore, ela inclina seu guarda-chuva ligeiramente, e, à luz do mastro distante, eu vejo raiva e aborrecimento — e até medo — em seu rosto. Eu ainda

posso vê-la saindo da Casa Branca — o presidente apertando a ponta de seus dedos, enquanto eles caminhavam pelo Marinha Um. Ela mesma disse: Para permanecer no poder, eles teriam feito quase tudo.

Ela grita alguma coisa para o homem próximo a ela. Não está feliz por estar ali. O que quer que tenha feito, nitidamente está lamentando. Eu me retraio, piscando violentamente.

Mas Boyle... Se a primeira-dama está ali, e o homem próximo a ela, com um curativo de gaze na mão direita (aquilo é um revólver?), se aquele é O Romano... Um afluxo violento de sangue sobe pelo meu peito, inunda minha face. Seguro minha bochecha, que queima contra minha mão, como quando recebi o tiro.

Fechando os olhos, percebo tudo, um novo filme em preto-e-branco. Relembrando o que ocorrera na casa de Manning, ela sabia que eu estava observando — quando ela estava chorando, mostrando-me a carta de Boyle — e depois o bilhete em meu carro. Por isso é que a escrita à mão parecia a de Boyle. Ela... e O Romano... oh, Deus.

Olho através do caminho para Lisbeth, que está tão chocada quanto eu mesmo. Foi ideia dela, trocarmos de lugar antes que Boyle aparecesse: eu tinha sido a isca para atraí-lo; ela seria a repórter amigável que daria a ele mais incentivo para ficar. Mas Boyle não está para chegar. Ele nunca esteve.

O Romano dá um passo em direção a Lisbeth, que se endireita, tentando parecer forte. Mas a maneira pela qual ela olha para o revólver... e para cima, colidindo contra a alta lápide cor de argila... ela sabe que está em dificuldades.

Todos estamos. A menos que eu consiga...

Virando-me para a cerca logo atrás de mim no cemitério, tiro o celular do bolso e corro tão depressa quanto posso.

Mas, antes que consiga digitar um único número, bato com a cabeça no peito do homem alto e magro que olha para a luz distante. Ele tem lábios finos sem expressão, cabelos pretos despenteados, e pequenos olhos castanhos que parecem demasiado próximos... Minha bochecha queima como fogo.

Eu o reconheço imediatamente. De cada um de meus pesadelos.

Nico arranca o celular de minha mão, atira-o ao chão e o enterra na lama com o salto do sapato. Estendendo a mão e agarrando-me pela orelha, ele coloca o cano de seu revólver contra minha bochecha, bem contra as cicatrizes que havia provocado anos atrás.

"Você tem sido corrompido pela Besta, Wesley", diz ele, calmamente, quase de maneira gentil. "Agora, diga-me onde está Ron Boyle ou irá de novo enfrentar a fúria de Deus."

106

"Você não sabia que ela era O Quarto?", perguntou Boyle.

"Eu disse *que basta!*", gritou o guarda, segurando a arma com as duas mãos. Ele tinha a constituição — e o rosto — de um rinoceronte, mas, quando se aproximou, Rogo percebeu que os pés do guarda se arrastavam, vacilantes. Oito anos antes, Ron Boyle era um contabilista. Hoje, nitidamente era algo mais.

"Quem você achou que fosse? O presidente?" acrescentou Boyle.

"Ele realmente me classificou tão baixo?", perguntou Dreidel.

"Por que você acha que foi despedido?", perguntou Boyle.

"Eu não fui despedido, fui promovido."

"Claro que foi."

"Vou contar até três!", avisou o guarda a Boyle. "Ouça, por favor", implorou Rogo, virando-se para o guarda. "Você precisa chamar a polícia... meu amigo está prestes a ser morto!" "Você me ouviu, Boyle?", disse o guarda.

"Você não percebe contra o que está se opondo?", gritou Boyle para Rogo. "Você devia ter chamado a polícia dias antes."

"Nós chamamos! Pensávamos ter chamado!" replicou Rogo.

"Micah e O'Shea disseram que eles eram..."

"Um...!", gritou o guarda.

"Ou pelo menos ter pedido alguns favores", acrescentou Boyle, virando-se para Dreidel.

Virando-se para o outro lado, Dreidel ficou silencioso. Rogo ergueu uma sobrancelha. "Dois...!" continuou o guarda.

Boyle observou os dois cuidadosamente, depois estalou a língua, mais aborrecido do que nunca. Ele tinha trabalhado na Casa Branca por quase quatro anos. Tinha visto aquele olhar antes.

"Você pediu, não foi?" desafiou Boyle.

"E você fez alguma coisa diferente?", disparou Dreidel de volta. "Poupe-me o julgamento."

"Espere... o quê?", perguntou Rogo. "Você pediu ajuda sem nos contar?"

Antes que Dreidel pudesse responder, o guarda armou o gatilho de seu revólver. Ainda fixado em Dreidel, Boyle ignorou a ameaça. "Com quem falou primeiro? NSA? FBI? Ou você foi ao Bendis...?"

"Falei com o Marshals", respondeu Dreidel, de maneira brusca. "Fui ao Marshals Service."

Ouvindo as palavras, o guarda virou-se para Dreidel. E desviou os olhos de Boyle.

Era o que Boyle esperava.

Pulando à frente, Boyle atacou o guarda por detrás, envolvendo o seu pescoço com a mão esquerda e agarrando seu cabelo castanho oleoso com a direita.

"Você está...? Saia de cima de mim!" berrou o guarda.

Estendeu as mãos para trás para agarrar Boyle — que era exatamente o que Boyle estava esperando.

Aproveitando o momento, Boyle se atirou para trás, levando o guarda consigo quando caíram ao chão. Apenas quando estavam no meio da queda foi que o guarda percebeu o que estava acontecendo.

"Boyle, não...!"

Girando sobre si mesmo no último segundo, Boyle virou para a esquerda, rodando de modo que, em vez de cair para trás, o guarda tombou de frente. Direto em direção ao chão de mármore salmão. No instante final, com um forte puxão no cabelo castanho para dirigir a queda, Boyle virou a cabeça do guarda para o lado, de modo que sua orelha ficasse para baixo.

"Saia de cima de mim, seu lunático...!"

Como uma mão em forma de ventosa batendo na água, a orelha do guarda estalou no chão com um barulho de estouro, seguido meio segundo depois pelo disparo acidental de sua arma pelo impacto da queda. Boyle, Rogo e Dreidel pularam para trás quando a bala saiu zunindo do revólver, perfurando a base do balcão de atendimento e alojando-se na parede de mármore. Antes mesmo

que pudessem se dar conta do que estava acontecendo, a cabeça do guarda bateu contra o chão, inconsciente, o sangue gotejando por causa do rompimento de seu tímpano.

"O que você tem, *está drogado*?" perguntou Dreidel, enquanto Boyle ficava em pé.

Sem responder, Boyle dirigiu-se para a porta. "Devemos ir. Ele tem ajuda chegando."

Ainda em choque, Rogo ficou parado ali, seus olhos indo de Boyle e Dreidel para as figuras flácidas de O'Shea e do guarda. "Eu não... Eu não..."

"Dreidel, você não mora por aqui, não é?", perguntou Boyle.

"Não, mas eu posso..."

"Preciso que você me indique o caminho mais rápido para o cemitério", disse Boyle, enquanto se voltava para Rogo.

Rogo acenou, primeiro devagar, depois mais depressa, os olhos por fim parando em Dreidel que se aproximou para fazer as pazes.

"Rogo, antes que você diga alguma coisa..."

"Você fez um trato, não foi?", desafiou Rogo.

"Apenas ouça..."

"O que os Marshals lhe ofereceram?"

"Rogo..."

"O *que eles lhe ofereceram, seu mesquinho parasita canceroso!?*", gritou Rogo.

Dreidel sacudiu a cabeça enquanto seu maxilar se torcia.

"Imunidade total."

"Eu *sabia!*", disse Rogo.

"Mas não é..."

"E qual era o trato? Que você nos espionasse... os ajudasse a pegar Os Três — como um meio de provar a sua própria inocência?"

"Eu *sou* inocente!" estourou Dreidel.

"Wes também! *Eu* também! Mas você não nos vê correndo até as autoridades, fazendo tratos secretos, e depois fofocando nas costas de nossos amigos *sem lhes contar!*"

"Rogo — vocês dois — nós precisamos ir", insistiu Boyle.

Furioso, mas bem ciente da situação atual de Wes, Rogo virou-se para a entrada principal seguido por Boyle, saindo do prédio e

correndo pelo estacionamento com Dreidel bem atrás dele.

Enquanto gotas de chuva os bombardeavam de cima, Dreidel rapidamente alcançou Rogo de modo que ficaram correndo lado a lado, em direção à *van* de Boyle. "Eu não fofoquei sobre vocês", disse Dreidel.

"Então você nunca contou atrás do que estávamos?"

disparou de volta Rogo.

"Não tive escolha, Rogo. Depois que Wes foi ao meu quarto de hotel naquele primeiro dia... precisei de ajuda. Eles disseram que, se eu mantivesse os olhos em você e Wes — se os mantivesse informados onde vocês estavam —, eles fariam o máximo para nos proteger, bem como para deixar nossos nomes fora dos jornais."

"E isso não significa espionar seus amigos?"

"Ouça, não fique furioso comigo antes de se dar conta de que fui o único esperto em perceber que, numa emergência, deve-se admitir que é preciso quebrar o gelo e pedir ajuda.

Ora, Rogo, pense por um segundo. Eu não posso permitir..."

Enquanto eles se aproximavam da *van* branca, ele explicou: "Estou concorrendo para senador de estado".

Dando a volta correndo até o lado do banco de passageiros da *van*, Rogo sentiu os dedos se contraírem ao fechar a mão.

Ele quase mordeu o próprio lábio, enquanto lutava para conter a raiva. "Deixa pra lá — abra a porta", gritou para Boyle.

"Eu juro, Rogo, que não estava tentando prejudicá-los", insistiu Dreidel.

Quando as fechaduras se abriram, Rogo abriu correndo a porta, entrou no veículo e estendeu o braço para trancar a porta corrediça da *van*.

"O que você está fazendo?" perguntou Dreidel. "Abra a porta!"

Rogo não disse uma palavra, enquanto pulava para o banco da frente, que estava coberto com grossas pilhas de arquivos em desordem, fotocópias, jornais velhos e uma câmera digital nova em folha. Apoiando-se contra a porta de Rogo, Dreidel enfiou o braço atrás do banco do passageiro e tentou destravar a porta ele mesmo. Sem hesitar, Rogo puxou a porta fechando-a. Dreidel tentou recuar. Ele não foi suficientemente rápido. A porta de trinta

quilos fechou-se, batendo a lateral nos seus dedos de unhas cuidadas.

"Ahhhhh! Abra-a! Abra-a!, *seu filho-da-.....!*"

"Ooh, perdão", disse Rogo, abrindo a porta, enquanto Dreidel enfiava a mão debaixo da própria axila. "Eu juro, Dreidel, eu também não estava tentando prejudicá-lo."

Olhando de cima de seu banco na *van* para Dreidel, Rogo lhe lançou o tipo de olhar que vai junto com uma pontada de gelo. "Não finja que você é amigo de Wes, seu hipócrita."

Com um soluço, a *van* começou a funcionar, e Rogo fechou a porta com uma batida. Dreidel apenas ficou ali, bombardeado pela chuva.

"Então, vamos ou não?" gritou Rogo para Boyle.

"Não grite ordens para mim", reagiu Boyle. "Eu não atirei no rosto do seu amigo."

"Mas se você..."

"Eu não atirei nele, Rogo. Eles atiraram em *mim*. E se eu realmente quisesse ver Wes ferido, não estaria correndo agora para salvá-lo", disse Boyle, enquanto engrenava a marcha à ré e acelerava.

Olhando para a frente enquanto saíam do local e se afastavam de Dreidel, Rogo movimentou a mandíbula de um lado para o outro, continuamente procurando um motivo para brigar. Por uma vez não conseguiu encontrá-lo. "Diga-me apenas uma coisa", disse por fim, apontando para o moderno edifício com câmeras de vigilância térmicas. "Que diabos é esse local, e por que eles mantêm uma cama e uma mesa de reuniões numa sala conectada com o banheiro?"

"Você não ouviu com quem Dreidel fez seu trato?" Batendo no vidro de sua própria janela, Boyle indicou o edifício de quatro andares que estava perfeitamente localizado a três quilômetros do aeroporto. "Doutor Eng é apenas o nome que lhes permite permanecer escondidos à vista de todos.

Esqueça o que está escrito na porta da frente. Ali é a casa de segurança WITSEC."[\[18\]](#)

"O quê?"

"WITSEC. Como em *Segurança de Testemunhas*"

"Você quer dizer como o Programa de Proteção a Testemunhas?"

"Exatamente como o Programa de Proteção a Testemunhas — que, junto com a proteção judicial, funciona apenas sob a jurisdição..."

"... do Marshals Service", disse Rogo, assentindo com a cabeça e percebendo por fim por que Dreidel não queria vir.

"Está começando a cheirar mal, não é?" perguntou Boyle, "mas é assim que eles operam. Eles têm escritórios de fachada em todas as cidades americanas. A única diferença é que aqui se trata de uma Proteção à Testemunha nível 2.0. Em lugar de apenas mantê-la escondida, eles fazem todos pensar que ela está morta..."

Acima de nossas cabeças, um 747 atravessou o céu da noite, zunindo em direção ao aeroporto e abafando a voz de Boyle.

Rogo olhou para o edifício de vidro fosco, enquanto a adrenalina por causa da disputa com Dreidel desaparecia e o horror da nova realidade se infiltrava em seu organismo.

"Então, quando o guarda chamou em seu rádio..."

"... ele não estava apenas chamando seus companheiros", concordou Boyle, enquanto eles arrancavam passando pela frente do edifício. "Ele estava chamando o Marshals Service dos Estados Unidos. E, a menos que nos arranquemos daqui, vamos ter uma apresentação pessoal."

[18] WITSEC: Witness Security (Serviço de proteção a testemunhas). (N. T.)

107

O cotovelo de Lisbeth bateu contra o granito entalhado, enquanto ela ia para trás da lápide cor de argila com a cruz celta no topo.

"Diga-me onde Wes está se escondendo", O Romano exigiu, com o revólver tão perto de sua cabeça que ela via seu próprio reflexo distorcido na ponta do cano.

Quando ela não respondeu, ele perguntou de novo, mas Lisbeth mal ouvia as palavras. Toda a sua atenção ainda estava focalizada por cima do ombro do Romano, onde a primeira-dama percebia por si mesma o choque de Lisbeth.

Ensopada pela chuva que caía, Lisbeth tentou ir mais para trás, mas a lápide a manteve no lugar.

"Wes?", silvou a primeira-dama em direção ao Romano, como um gato furioso. "Você me trouxe para ver Wes?"

"Eu lhe disse para ficar atrás, senhora", disse O Romano, sem tirar o olhar ou seu revólver de Lisbeth.

"E eu lhe disse para não entrar em contato comigo de novo — mas isso não o impediu de ir a minha casa — entrar em *meu lar!* Você tem ideia do tipo de risco que é esse...?" Ela se interrompeu ao perceber as consequências. "Bom Deus! Ele está — Wes está aqui agora?" Ela olhou ansiosa para o caminho vazio, examinando todas as lápides vizinhas. "Você o trouxe aqui para... Foi por isso que me fez dar a ele aquele bilhete?"

O Romano fitou Lisbeth, depois olhou de novo para a primeira-dama. "Não represente para a repórter, Lenore."

"*Representar?* Isto não é... *Por que você não me disse!?*", explodiu a primeira-dama, seu guarda-chuva sacudindo-se violentamente com cada sílaba.

O Romano riu ligeiramente, com sua irritante voz áspera.

"Não há diferença de uma década atrás, não é? Você está me dizendo que realmente quer saber?"

A primeira-dama ficou em silêncio, enquanto a chuva batia em seu guarda-chuva. Lisbeth permanecia desprotegida, com a garoa lentamente ensopando o seu cabelo ruivo que escorria e se colava ao rosto como fios molhados.

"Por favor, diga-me que eles a chantagearam", implorou Lisbeth, com a voz falhando e suas sobrancelhas se juntando.

A primeira-dama ignorou-a, ainda esquadrinhando a área à procura de Wes. Bem na frente dela, O Romano rapidamente lhe enviou o menor dos sorrisos.

"E é isto, então? Você apenas fez?" perguntou Lisbeth.

"Eu não fiz nada", insistiu a dra. Manning.

"Mas você sabia. Ele acaba de dizer: mesmo que você ignorasse, você..."

"Eu não sabia de nada!", gritou ela.

"Isso é porque você não queria saber!", disparou Lisbeth de volta.

A primeira-dama fez o possível para permanecer calma.

"Eles vieram até mim através do Serviço, dizendo que podiam ajudar nas questões de segurança... que a nossa equipe de assessoria nos mantinha sem informação por não querer pagar pelo *Blackbird* e outros tipos de informações.

Naquela época, eu... nós tínhamos de mostrar que éramos fortes. *Eu pensei que estivesse ajudando!"*

"E assim fez tudo o que eles lhe disseram para fazer?"

"Você está ornando? Eles eram do Serviço! *Do nosso lado!*", insistiu ela, sua voz de repente ficando mais alta. "Eu imaginei que eles soubessem melhor... você compreende? Eu nunca pensei que eles... *Eu estava ajudando!"*

"Até o quê? Até subitamente Boyle aparecer morto e você perceber que eles a tinham apanhado?", perguntou Lisbeth.

Sem dúvida, esse bem poderia ser o caso. Mas isso não explicava por que a primeira-dama continuara a se calar nos dias que se seguiram — ou como, quando foi pela primeira vez abordada

pelo Romano — quando a Casa Branca estava fervilhando com uma investigação interna sobre Boyle e o grupo que passaram a chamar Os Três —, como ela podia ter sido tão ingênua e nem questionar o que O Romano estava vendendo. Isso não parecia mostrar que a segurança nacional fosse seu problema premente. De fato, tão próximos da reeleição naquela época — principalmente quando eles estavam com índices baixos nas pesquisas de opinião —, a única questão sobre a qual qualquer primeira-dama teria se concentrado seria em trazer para casa um segundo...

"Você queria ganhar a eleição", deixou escapar Lisbeth.

"Romano, estou indo embora agora", disse a primeira-dama, afastando-se, o dedo mínimo batendo na alça do cabo de seu guarda-chuva.

"Foi por isto que nunca o denunciou, não foi? Talvez a senhora quisesse acreditar nisso; talvez tenha apenas fechado os olhos diante disso. Mas, enquanto ele pôde ajudá-la com as questões de segurança — se ele pudesse lhe proporcionar um aumento nos índices de popularidade só dessa vez..."

"Você me escutou?", gritou ela para O Romano, quase chorando.

"Eles aprenderam a lição com Boyle, não foi? Eles se aproximaram da senhora com uma abordagem suave. Então, subitamente Boyle foi baleado..."

"Romano, diga a ela que eu não sabia! Eu nunca soube que você havia feito isso!"

"E então eles tinham tudo", acrescentou Lisbeth. "Um presidente no poder com baixos índices de popularidade... O impacto garantido de uma tentativa de assassinato por um assassino de aluguel. Se tudo tivesse dado certo e o presidente não tivesse sido puxado para trás pela multidão, Os Três teriam dito adeus a Boyle, enquanto a colocavam, seu novo membro com muito maior influência dentro do governo do que Boyle, no lugar ideal para passar as novas recomendações úteis para seu marido..."

A mão saudável do Romano arremeteu para a frente rapidamente, batendo a coronha de sua arma na face de Lisbeth. O sangue jorrou de seu lábio superior e a cabeça caiu para trás, batendo contra a lápide. Respirando com dificuldade, ela engoliu

algo pequeno e pontudo. Passando a língua rapidamente, ficou sabendo que era o canino do lado esquerdo. "Ahhhhhh!" Quando ele passou por sua garganta, ela curvou-se para a frente como se estivesse prestes a vomitar, depois ergueu-se por duas vezes, arfando, enquanto uma golfada de sangue escorria até seus sapatos e a grama encharcada.

Ouviu-se o barulho fraco, como um lamento, de um trem que se aproximava.

Olhando para o chão enquanto uma arfada incômoda levava todo o sangue para seu rosto, Lisbeth nem ouviu o assobio.

Na verdade, enquanto a chuva caía como uma torneira mal fechada de seu cabelo, seu queixo, seu nariz, a única coisa que Lisbeth registrava era o chapinhar dos sapatos do Romano quando ele pisava.

"Ela vai precisar de uma ambulância, Wes", gritou ele, calmamente, na escuridão. Segurando a cabeça de Lisbeth pela nuca, ele agarrou um punhado de seu cabelo encharcado, segurando-a de maneira que ela ficasse curvada para baixo na frente dele.

"Saia de cima de mim!", gritou Lisbeth.

"Continue se escondendo, Wes!", declarou O Romano, agarrando mais firmemente ainda o cabelo dela e dando um passo atrás. Quase como se a estivesse içando.

A última coisa que Lisbeth viu foram os pingos de lama na ponta dos sapatos pretos de couro de bezerro do Romano. E a forma de seu joelho enquanto ele o levantava em direção ao seu rosto.

108

Ele cheira como antiséptico de hospital e carne podre de hambúrguer. Mas, quando Nico pressiona o cano de seu revólver em minhas cicatrizes, não é o cheiro que revira meu estômago. Eu engulo com muita dificuldade, parece que há um tijolo em minha garganta.

"Como você pôde ajudá-lo? Como você *pôde?*", pergunta ele.

"Você pelo menos sabe o que desencadeou?" Seus olhos de coelho reviram sem parar. Ele está sem medicação há dois dias.

"Responda-me!" diz ele excitado, forçando-me para trás com um empurrão de sua arma. Ele nem pisca quando a chuva bate em seu rosto.

Perdendo o equilíbrio, eu colido atrás com o arbusto. Um ramo saliente me fere na espinha, mas eu mal sinto. Só vejo Nico, só ouço a ele — estou de novo na pista de corrida. A multidão gritando, Manning sorrindo. Cem mil fãs de pé, acenando e apontando. Para nós. Para mim. E o abelhão.

Pum, pum, pum. As portas da ambulância se fecham atrás de Boyle.

"... cê me ouviu?", pergunta Nico, enquanto eu pisco de volta para a realidade. Sua arma esmaga minha bochecha, mas ainda não a sinto. Eu não sinto nada. Não tenho sentido há anos. "Onde está Boyle?", pergunta ele. "Não sei..."

Sua mão esquerda se estende como uma cobra, mergulhando as presas no centro do meu peito e puxando-me em direção a ele. Nico gira para a esquerda, passando-me uma rasteira, e caio para trás de novo, dentro de uma poça, espirrando água para todo lado. De imediato ele está sobre mim, montado em meu peito,

prendendo-me os bíceps com seus joelhos e sem tirar o revólver de minha bochecha cicatrizada.

"Eu encontrei sua carta", resmunga Nico, enquanto pega o cardápio chinês dentro do bolso de sua jaqueta de exército.

"Onde está Boyle!?"

Eu quero lhe dizer que o bilhete é falso... que O Romano... e a primeira-dama... que não quero morrer. Mas, depois de oito anos imaginando esse momento, imaginando cada minuto do confronto final com Nico — o que eu diria, onde estaria parado, como cruzaria os braços sobre o peito, até mesmo o que eu faria se ele tentasse dar coices e atingir-me com um soco... como eu me esquivaria no último instante, como eu estaria preparado nessa hora, e como ele não me alcançaria, e depois, antes mesmo que ele percebesse, como eu giraria para trás e agarraria firmemente seu pescoço com as mãos, apertando muito fortemente, ouvindo-o arfar, e ainda apertando mais forte, meus dedos mergulhando em sua traqueia enquanto ele cairia ao chão e imploraria por piedade —, as únicas palavras que saem de meus lábios são aquelas que estão ali desde o dia em que ele arrebitou meu rosto. A única pergunta que os médicos, os psiquiatras, o presidente, minha família, meus amigos, meus pais e eu nunca fomos capazes de responder: "Nico", falo sem pensar. "Por que você me fez isto?"

Ele ergue a cabeça como se entendesse perfeitamente.

Depois sua testa se contrai. Ele não tinha escutado uma palavra do que eu dissera.

"Eu sei que você tem estado em contato com ele", diz Nico.

"Foi por isso que Deus guiou a bala em sua direção. O ricochete. É por isso que você ficou destruído."

"Isto não é verdade!" grito, quando uma raiva súbita cresce dentro mim.

"É verdade! No Livro do Destino está escrito! Tudo acontece por uma razão!", insiste ele, com um bafo de ar quente que cheira como carne de vaca defumada. "Você ficou do lado da Besta! Aquela bala em seu rosto — seu destino está escrito —, aquilo foi a vontade de Deus!"

"Nico, eles mentiram!"

"Você não falou com ele? *Você não!?* Veja... é verdade!" grita ele, percebendo minha expressão e enfiando mais o revólver em minha bochecha. "Deus lhe deu sua chance de redenção e você a desperdiçou! É por isto que Ele me trouxe aqui — para terminar Seu trabalho! Para ver seu sangue!", insiste ele, seu dedo contraindo-se no gatilho. Eu tento lutar, mas ele é muito forte. Tudo o que vejo é o contorno de Nico em cima de mim, a luz atrás dele, sua cabeça protegendo-me da chuva, o rosário em torno de seu pescoço oscilando como o relógio de bolso de um hipnotizador. Ele prepara o gatilho de sua arma. "Isto deve doer, Wesley." Ele me puxa mais para perto.

Eu fecho os olhos bem apertado diante do súbito clarão, mas tudo que ouço é...

"Oh, Senhor! V-Você a tem", sussurra Nico, enquanto sua mão começa a tremer. Eu vejo seus olhos revirarem no escuro. "O que você...? O *quê?*", pergunto, confuso.

"Eu não pude ver na foto... mas de tão perto", gagueja ele, olhando para meu rosto. "Está tão claro", insiste ele. "Suas cicatrizes! Do jeito que elas se cruzam... entalhadas em sua carne... uma cortando a outra. Os jornais disseram que eram como trilhos de trem, mas realmente é uma perfeita — uma perfeita — uma perfeita — uma perfeita... *cruz*", deixa escapar. "É claro! Mãe de Deus, como eu pude não...? Não era para você morrer naquele dia, Wesley — era para você nascer ali!" Estendendo a cabeça para trás e olhando para o céu, ele acrescenta: "Você o transformou, não foi o que Você fez? Por minhas ações... Por meio da Sua vontade. Esse foi o seu papel — *aquele que carrega a cruz*", insiste ele, sua cabeça ainda erguida enquanto murmura uma breve prece.

No súbito silêncio, eu ouço fracamente a voz da primeira-dama ao longe. Lisbeth grita algo de volta. Elas estão muito longe de mim para que eu possa ouvir o que dizem, mas, com sua audição intensificada, Nico poderia...

Seus olhos se arregalam como se tivesse ouvido o próprio nome. Lentamente, levanta o queixo, seguindo o...

"Isto não é verdade", sussurra ele, segurando o estômago como se alguém estivesse pondo um saca-rolha em seu intestino. Não

consigo ouvir o que Lisbeth está dizendo, mas quando olho para Nico, não é difícil de adivinhar. "Não... Os Três nunca..."

Os joelhos de Nico ainda esmagam meus braços, mas seu peso — toda a pressão — desapareceu, e seu corpo começa a tremer com seu próprio abalo pessoal. Atrás de nós e alguns quilômetros à esquerda, um barulho fraco e insistente de trem atravessa o ar.

O queixo de Nico estremece; seus olhos se enchem de lágrimas. Segurando os lados de sua cabeça, ele aperta as pontas das orelhas, inclina a cabeça para baixo e puxa-a firmemente, como se estivesse tentando arrancá-la do tronco. "Por favor, Deus", implora ele. "Diga-me que eles estão mentindo..."

"Ela vai precisar de uma ambulância, Wes", berra O Romano ao longe. Lisbeth.

Empurrando violentamente, eu me debato para me sentar.

Nico não se preocupa em lutar. Saindo de cima de mim, ele escorrega e desmonta como uma boneca de trapo na grama molhada, curvando-se depois em posição fetal. Muda completamente em menos de dez segundos. "Não diga isso, Deus", soluça e implora, as mãos apertando as orelhas. "Por favor... não... não volte Suas costas para mim! Ajude-me a responder ao Livro! *Por favor!*"

"Continue escondido, Wes!, grita O Romano, mais alto do que antes.

Ficando em pé com dificuldade, olho atentamente através dos ramos dos arbustos para o caminho pavimentado ladeado por árvores, esforçando-me para ver formas na luz fraca. Em direção ao final do caminho, na base da antiga figueira-de-bengala, consigo distinguir duas figuras quando O Romano levanta o joelho contra o rosto de Lisbeth e ela cai para trás. Logo atrás deles, a primeira-dama está virada de costas. Ao vê-la, eu deveria estar fervendo, enfurecido.

Mas quando estudo a parte de trás de seu pescoço curvado... tudo o que sinto agora é um arrepio amargo e vazio. Eu preciso chegar até Lis...

"Eu sei que você está aqui", escarnece O Romano. Pela primeira vez, isto me irrita demais.

Lisbeth ainda...

"Ela está se ferindo, Wes", acrescenta O Romano. "Pergunte a ela!"

Eu me tensiono para correr, mas sinto um puxão em minha calça. E um clique familiar.

Atrás de mim, Nico se levanta da lama — ficando sobre uma perna, depois a outra —, sua estrutura alta se desdobrando e assumindo uma postura ereta. Seu cabelo preto e curto está encharcado e emaranhado, e seu revólver continua apontado para meu peito.

"Nico, deixe-me ir."

"Você é o meu carregador de cruz, Wesley", diz ele, enquanto enxuga lágrimas de seus olhos. "Deus o escolheu.

Para mim."

"Ela está sangrando de maneira considerável, Wes!", grita O Romano.

Lisbeth grita algo também, mas estou tão concentrado em Nico que não consigo ouvir.

"Nico, escute-me — eu sei que você os ouviu..."

"O carregador da cruz carrega o peso!" Sorrindo suavemente, ele aponta o revólver para sua própria cabeça.

"Você vai segurar o meu corpo quando ele cair?"

"Nico, não..."

"Você vai me segurar quando eu cair, cair, cair da graça divina... o carregador da cruz para prestar testemunho...?"

Ele abaixa seu revólver, depois o ergue de novo, pressionando-o contra sua têmpora. Eu ouço Lisbeth gemendo.

"Deus o enviou para salvá-la também, não foi isso?" Ele olha para mim, paralisado, a arma ainda em sua cabeça. "Salve-me também, meu anjo."

Atrás de nós, o apito do trem assobia, tão perto que é quase ensurdecador. Nico aperta os lábios, tentando dar a impressão de que não está chorando. Mas eu posso perceber seu maxilar se contraindo. Para mim, é barulhento. Para ele, é opressivo. Com os olhos arregalados, ele aponta de novo o revólver para mim, para impedir-me de correr.

Eu não me importo. "Eu sou inocente", digo a ele, quando dou um passo em sua direção. Ele sabe que isto é uma advertência.

"Ninguém é inocente, Pai."

Pai?

"O Senhor tenha piedade de meu filho", continua ele, sua arma se move de meu peito para minha cabeça, de volta para meu peito. Ele está chorando de novo. Ele está em agonia. "Você compreende, Pai, certo?", implora ele. "Eu tive de fazê-lo. Eles me disseram... *A Mãe tinha de seguir o Livro!*

Por favor, diga que você compreende!"

"S-Sim", digo, enquanto coloco a mão em seu ombro. "É claro, eu compreendo, Filho."

Nico ri alto, as lágrimas ainda escorrendo pelas faces.

"Obrigado", diz ele, quase incapaz de se controlar enquanto agarra seu rosário. "Eu sabia... Eu sabia que você seria meu anjo."

Girando para a esquerda, eu olho através de uma abertura nos arbustos. O Romano está apontando seu revólver para Lisbeth.

"Nico, *mexa-se!*", digo, enquanto o empurro ao passar por ele. Tudo de que preciso é...

Bum!

Eu pulo para trás quando a arma do Romano detona. No caminho, uma pequena luz de supernova atravessa a escuridão como uma eclosão de um vaga-lume, depois desaparece.

Eu corro tão depressa quanto consigo.

Lisbeth já está gritando.

109

"Você não acredita em mim, não é?", Boyle perguntou para Rogo quando a *van* branca saiu do estacionamento e derrapou entrando na Griffin Road.

"Importa o que eu acho?" replicou Rogo, agarrando o console entre os assentos do carro e olhando pela janela da frente. "Ora, não dê tanta importância a isso."

A *van* atravessou o cruzamento com a 25th Avenue, enquanto Rogo examinava o espelho lateral para ver se alguém os seguia. Até o momento, tudo estava em ordem.

"Você ainda precisa ouvir, Rogo. Se algo acontecer par... Alguém precisa saber o que eles fizeram."

"E você não podia apenas escrever uma carta a um editor como todo mundo?" Quando Boyle não respondeu, Rogo sacudiu a cabeça e olhou de novo pelo espelho lateral. O edifício branco do Marshals era apenas um ponto no horizonte. "Então durante esse tempo todo você esteve no Programa de Proteção à Testemunha?"

"Eu lhe disse, versão 2.0. *Fortalecimento da Testemunha*", esclareceu Boyle. "Não que eles tivessem alguma vez reconhecido sua existência. Mas, quando contei para Manning o que estava acontecendo — em geral, o presidente precisa dar apenas um telefonema para algo acontecer.

Manning teve de dar três diferentes telefonemas para eles me aceitarem."

"E eles fazem muito isso? Quero dizer, ora, fazer as famílias pensarem que aqueles que amam estão mortos?"

"Como você acha que o governo processa seus casos de terrorismo contra esses maníacos suicidas? Você acha que alguma

dessas testemunhas teria falado se o Departamento de Justiça não pudesse garantir totalmente sua segurança?

Há animais no mundo, Rogo. Se Os Três, Os Quatro, seja como se chamem — se eles achassem que eu estava vivo e escondido, teriam cortado a garganta de minha esposa e filhos e depois saído para beber cerveja."

"Mas mentir para pessoas como essas..."

"Eu não escolhi esta vida. Os Três me escolheram. E, depois que isso aconteceu, uma vez que me puseram de lado pela primeira-dama, esta foi a única maneira de manter minha esposa e minha filha — os dois filhos — vivos."

"Você ainda podia ter..."

"Podia ter o quê? Esconder minha família junto comigo?"

Arriscar a todos e esperar pelo melhor? O único esconderijo totalmente inacessível é aquele em que ninguém sabe que você está se escondendo. Além do mais, Os Três, de uma maneira única, comprometeram nossas mais poderosas agências de combate ao crime, roubaram os nossos dados para seu uso particular, e colecionaram milhares de dólares gratificações para pagar informações confidenciais sobre ataques terroristas — tudo isso sem que soubéssemos quem diabos eles eram."

"Até dois dias atrás, quando eles entraram em pânico e foram atrás de Wes."

"Eles não entraram em pânico", disse Boyle, enquanto pressionava o freio devagar. Dois quarteirões à frente deles, as três pistas da Griffin Road se estreitaram para formar uma única. Algo estava bloqueando a pista. "É por causa daquela construção?", perguntou Boyle, esticando o pescoço e tentando ver na escuridão.

"Acho que é um acidente."

"Tem certeza?"

"Aquela não é uma ambulância?"

Boyle acenou que sim, quando os carros apareceram — uma ambulância, um caminhão reboque e um carro prata virado de lado pela colisão. Boyle olhou para a esquerda, já examinando as ruas laterais.

"Há algo errado?" perguntou Rogo.

"Estou apenas sendo cauteloso." Não querendo perder o fio de seu pensamento, ele acrescentou: "De todo modo, Os Três não entraram em pânico. Eles se tornaram gananciosos e prósperos — graças sobretudo ao Romano."

"Então, o que a primeira-dama contou para Wes era verdade", disse Rogo. "Que eles começaram com todas estas pequenas informações — gás VX[19] na Síria, campos de treinamento no Sudão — e usaram isto para construir credibilidade até que pudessem encontrar as ameaças monstruosas, pedir pelas informações um pagamento de muitos milhões de dólares e ter assim uma aposentadoria assegurada."

"Não, não, não. Você não percebe?" perguntou Boyle, saindo rapidamente da fila única de tráfego e examinando o que estava causando o acidente. Mas tudo estava normal.

Ambulância. Caminhão reboque. Carro prata destruído.

Abrindo o console entre eles, Boyle pegou uma pequena caixa do tamanho de um videoteipe, depois fechou-a rapidamente. Ele tentou esconder a caixa com o cotovelo, mas Rogo viu a palavra *Hornady* em letras vermelhas e brilhantes na lateral da caixa. Tendo crescido no Alabama, ele conhecia o logo por causa das viagens para caçar de seu pai. Balas Hornady. "Uma vez que O Romano se estabeleceu como informante sólido, eles nem precisaram da grande ameaça. Por que você acha que as pessoas se preocupam tanto, hoje em dia, com o fato de as agências trabalharem juntas? O Romano traria suas informações para o Serviço, depois Micah e O'Shea informariam a mesma coisa de seus postos no FBI e na CIA. Então, cada um confirmaria o outro.

Era assim que as informações eram verificadas. E, quando as três agências concordavam, bem, a ficção se tornava fato. Foi como aquela ameaça de bomba nos metrô da cidade de Nova York alguns anos atrás — não havia um só grão de verdade naquilo, mas o informante, mesmo assim, foi pago.

Mudando de assunto, este é o único caminho para chegar à 1-95?"

Rogo concordou e ergueu uma sobrancelha. "Eu não entendi — eles armaram tudo isso?"

"Não no início. Mas, depois que construíram aquela reputação para O Romano, eles podiam fornecer informações ruins com as boas e ganhar um pouco mais de dinheiro. E com relação ao grande material — você acha que informações que valem seis milhões de dólares simplesmente pulam em seu colo?"

"Mas para fazer algo tão grande..."

"É como fazer a Estátua da Liberdade desaparecer — é o tipo de truque mágico que se consegue fazer uma vez, e depois é preciso desaparecer até a poeira se assentar. Então, quando sua primeira tentativa..."

"Blackbird."

"... quando o *Blackbird* foi montado, eles prepararam um plano perfeito. Era uma operação muito grande para obter uma quantia vultosa, mas, ao contrário de se comprometer afirmando que um prédio estava prestes a explodir, não haveria punição ou suspeita se a Casa Branca decidisse não pagar. Então, quando o *Blackbird* falhou e *nós não pagamos*, eles foram suficientemente espertos para perceber que precisavam ter uma trilha aberta dentro da Casa Branca apenas para ter certeza de que a próxima requisição seria aceita."

"Foi quando se aproximaram e o ameaçaram."

"Quando eles se aproximaram e me ameaçaram, e quando eles tentaram um negócio mais suave com alguém mais poderoso que eu."

"Mas supor que você ou a primeira-dama aceitariam isso — muito menos ainda que fossem capazes de mexer os pauzinhos numa operação de seis milhões de dólares repetidas vezes..."

"Você já pescou, Rogo? Algumas vezes, o melhor é você atirar algumas linhas com diferentes iscas e ver quem morde. Essa é a única razão pela qual se aproximaram de nós dois. E embora ela vá negar isso para sempre — de fato, ela provavelmente nem acha que fez alguma coisa errada alguma vez —, não obstante, a primeira-dama é a única que nadou até o anzol", explicou Boyle. "E para conseguir seus seis milhões de dólares *seguintes*, ou os dez milhões depois dele, olhe para qualquer ocupante da Casa Branca na história. As pessoas mais poderosas na sala não são as que têm

os maiores títulos, mas sim aquelas que o presidente escuta. Eu fui uma destas pessoas desde que tinha vinte e três anos de idade. A única que era mais ouvida que eu era a mulher com quem o presidente se casou. Com o que quer que eles se defrontassem — se *ela* se envolvesse no assunto por achar que isso os ajudaria com as questões de segurança —, acredite-me, o trato seria aceito."

"Eu ainda não entendo, no entanto. Uma vez que o *Blackbird* foi destruído, eles não precisariam pelo menos ter *algum* tipo de resultado antes que pudessem fazer uma outra requisição tão grande quanto essa?"

"O que você acha que eu era?", perguntou Boyle.

Rogo virou-se à esquerda, mas não disse uma palavra.

"Rogo, para o curandeiro ter sucesso, as pessoas só precisam ver o feitiço funcionar uma vez. Foi o que Os Três Ihes deram — a cortesia de duas balas em meu peito."

Endireitando-se no assento, Rogo continuou a estudar Boyle, que estava olhando para as portas da ambulância a menos de um carro de distância.

"Vinte minutos antes do tiroteio, o *site* na *web* do Serviço de Segurança enviou uma informação que um homem chamado Nico Hadrian estava planejando assassinar o presidente Manning quando ele descesse da limusine na Pista de Corrida Internacional de Daytona. A informação era assinada por O *Romano*. Daquele momento em diante, qualquer informação que ele fornecesse... sobretudo se fosse corroborada pelo FBI e pela CIA..., bem, você conhece o mundo paranoico em que vivemos. Esqueça as vendas de armas e de drogas. A informação é o narcótico das massas militares. E as informações terroristas sobre ataques em nosso próprio solo? É dessa maneira que você imprime seu próprio dinheiro", disse Boyle. "Ainda melhor, ao aproximar-se furtivamente da primeira-dama, eles nem teriam de dividir o dinheiro por quatro."

Quando eles ultrapassaram a ambulância, os dois olharam para a esquerda e examinaram as portas de trás abertas.

Mas, antes mesmo que pudessem ver que não havia uma vítima, uma maca, ou um simples suprimento médico lá dentro, houve um

alto estrondo contra a porta de trás.

Depois um em cima. Dos dois lados da *van*, meia dúzia de *marshals* vestidos com roupas comuns precipitaram-se para fora do caminhão reboque e do carro prateado e espalharam-se apontando suas armas contra as janelas laterais e o para-brisa da frente. Do lado de fora da porta de Boyle, um *marshal* com sobrancelhas semelhantes a uma grande lagarta bateu o cano de seu revólver contra o vidro.

"É bom vê-lo de novo, Boyle. Agora saia imediatamente dessa van."

"Ela está se ferindo, Wes!", gritou O Romano para a escuridão vazia, enquanto a chuva tamborilava em seu guarda-chuva.

"Pergunte a ela!"

"E-Ele não é estúpido", sussurrou Lisbeth, sentada na grama molhada. Com as costas apoiadas na lápide celta, ela pressionou as duas mãos contra os olhos, onde O Romano havia metido o joelho com força em seu rosto. Ela até já podia sentir o olho inchando e se fechando.

Atrás, perto da árvore, a primeira-dama olhava friamente para O Romano. "Por que você me trouxe aqui?", perguntou ela.

"Lenore, isto não é..."

"Você disse que era uma emergência, mas trazer-me até Wes!"

"Lenore!"

A primeira-dama estudou O Romano, sem mudar de expressão.

"Você estava planejando me dar um tiro, não é?"

perguntou ela.

Lisbeth ergueu o olhar ao ouvir essa pergunta.

Virando-se para sua direita, O Romano perscrutou o caminho torto de pedra e, quando o seu treinamento no Serviço começou a funcionar, dividiu visualmente o cemitério em seções menores e mais controláveis. Uma busca em grade, como era chamada. "Seja esperta, Lenore.

Se eu quisesse matá-la, teria atirado no carro."

"A menos que ele quisesse fazer parecer como... *puhhh*", disse Lisbeth, espalhando violentamente pingos de saliva no chão quando o apito do trem avisou sua chegada iminente, "... como se Wes a

tivesse matado, e ele matado Wes. E-Então ele se torna um herói e não sobra ninguém para acusá-lo."

Sacudindo a cabeça, O Romano permaneceu com os olhos grudados nos arbustos em forma de bola. *"Ela está sangrando demais, Wes!"*

A primeira-dama se voltou para a sepultura de Boyle, depois de novo para O Romano, o dedo mínimo batendo mais forte do que nunca na alça do cabo de seu guarda-chuva, enquanto ela dizia com uma voz baixa e venenosa: "Ela está certa, não está?".

"Ela só está tentando irritá-la, Lenore."

"Não, ela... *Você jurou que ninguém jamais ficaria ferido!*", explodiu a primeira-dama. Ela virou-se de novo em direção à entrada do cemitério. Houve um clique metálico.

"Lenore", advertiu O Romano, enquanto levantava o revólver, "se você der mais um passo, acho que vamos ter um problema sério." Ela se imobilizou.

Virando-se de novo para Lisbeth, O Romano respirou profundamente através do nariz. Era para ser mais limpo do que isto. Mas, se Wes insistia em se esconder... Apontando cuidadosamente seu revólver, ele anunciou para Lisbeth: "Preciso que você levante a mão, por favor".

"Do que você está falando?" perguntou ela, ainda sentada no chão.

"Levante a maldita mão", berrou O Romano. "A palma na minha frente", acrescentou ele, levantando a sua palma direita, envolta em gaze, para Lisbeth.

Mesmo debaixo do guarda-chuva era impossível deixar de perceber a faixa de gaze branca apertada com um círculo perfeitamente redondo e vermelho de sangue no centro.

Lisbeth sabia o que ele estava planejando. Assim que o seu corpo fosse encontrado com o estigma de Cristo — como uma assinatura — toda a culpa seria posta em...

Lisbeth parou de ver a chuva. Todo o seu corpo começou a tremer.

"Levante sua mão, Lisbeth — ou eu juro que vou pôr a bala no seu cérebro."

Curvando as duas mãos em direção ao seu peito, ela olhou para a primeira-dama, que outra vez havia começado a se afastar.

"*Lenore*", avisou O Romano sem se virar. A primeira-dama parou.

Lisbeth sentiu a grama molhada encharcando suas nádegas. Suas mãos ainda não tinham se mexido.

"Muito bem", disse O Romano, apontando para a cabeça de Lisbeth enquanto armava o gatilho. "Receba-a em seu cérebro..."

Lisbeth levantou a mão esquerda no ar. O Romano apertou o gatilho. E o revólver fez um barulho de trovão que deixou um silêncio reverberando em seu rastro.

Um jorro de sangue saiu das costas da mão de Lisbeth, logo debaixo de suas articulações. Antes que ela sentisse a dor e gritasse, o sangue estava escorrendo pelo seu pulso. Já em choque, ela ficou olhando para o círculo queimado, de pequeno tamanho, em sua palma, como se esta não lhe pertencesse. Quando tentou fechar a mão, a dor explodiu.

Sua mão tornou-se indistinta, como se ela estivesse desmaiando. Ela estava a ponto de desmaiar.

Sem uma palavra, O Romano apontou seu revólver para a cabeça caída de Lisbeth.

"*Não atire!*", gritou uma voz familiar do fundo do cemitério.

O Romano e a primeira-dama se voltaram para a direita, seguindo a voz até o caminho ladeado por árvores.

"Não a toque!", gritou Wes, sua fina silhueta saindo de baixo do arbusto. "Estou bem aqui."

Exatamente como O Romano queria.

[[19](#)] Arma química neurotóxica. (N. T.)

110

Ajudado pela luz do holofote no mastro de bandeira ao longe, estudo o contorno do Romano desde o alto do caminho de pedra. Ele olha de volta para mim, seu revólver ainda apontado para Lisbeth.

"Esta é a escolha certa, Wes", grita ele debaixo da árvore.

Sua voz é calorosa, como se estivéssemos em uma festa.

"Lisbeth, você pode me ouvir?", grito.

Ela está afastada cerca de cinquenta metros e ainda no chão.

Entre as sombras e a saliência dos ramos da figueira-de-bengala, ela nada mais é do que uma pequena mancha preta entre duas sepulturas.

"Ela está bem", diz O Romano. "Embora, se você não vier ajudá-la, acho que ela pode morrer."

Ele está tentando fazer com que eu me aproxime, e, com Lisbeth sangrando no chão, eu não tenho escolha.

"Primeiro preciso ver se ela está bem", digo, enquanto me dirijo para o caminho. Ele sabe que estou tentando esquivar-me. "Vá para trás para que eu possa ir para aí."

"Vá se danar, Wes." Virando-se para Lisbeth, ele levanta o revólver.

"Não! Espere — estou indo!" Correndo pelo caminho de pedra, levanto as mãos para deixá-lo saber que estou me entregando.

Ele abaixa o revólver ligeiramente, mas seu dedo não se solta do gatilho.

Se eu fosse esperto, teria continuado a observá-lo, mas quando tropeço no caminho entre as fileiras de lápides, eu me volto para a primeira-dama. Seus olhos arregalados estão implorantes, todo o seu corpo está em posição de súplica. Dessa vez, suas lágrimas não

são falsas. Mas, ao contrário de antes, ela está olhando para o lugar errado para pedir ajuda.

"Não considere isto tão pessoalmente", me diz O Romano, seguindo meu olhar.

Andando em direção a Lisbeth, examinando com cuidado onde coloco os pés, eu continuo olhando para a silhueta de Lenore Manning. Durante oito anos, ela soube que eu me culpava por ter posto Boyle naquela limusine. Durante oito anos ela olhou para o que sobrara de meu rosto e fez de conta que eu fazia parte de sua família. No meu aniversário, três anos atrás, quando eles estavam me provocando dizendo que eu deveria ir a mais encontros, ela até me beijou na bochecha — *diretamente nas cicatrizes* — apenas para provar que eu não deveria ser tão acanhado. Eu não pude sentir seus lábios porque eles tocaram no local morto.

Mas percebi tudo. Ao sair do escritório, chorei durante todo o caminho de casa, assombrado pelo gesto tão bonito e atencioso.

Agora, passando por uma cripta de pedra escura com portas de vidro coloridas em azul e vermelho, de novo me encho de lágrimas. Não de tristeza. Ou medo. Meus olhos se fecharam um pouco, forçando cada gota em direção à minha bochecha.

Estas são lágrimas de raiva.

À minha esquerda, os lábios de Lenore Manning se contraem como se ela fosse começar a assobiar. Ela está prestes a dizer meu nome.

Eu olho de volta, fazendo um sinal a ela para que não se preocupe.

Mesmo neste cemitério mal iluminado, ela tem muita facilidade para interpretar sua assessoria. E isso foi tudo que sempre fui para ela. Não família. Não amigo. Nem mesmo um filhote ferido que se pega para tirar da consciência o dano que você causou em sua vida. Por mais difícil que seja admitir, eu nunca fui na sua vida mais do que alguém da assessoria.

Sinto-me tentado a urrar, amaldiçoar, gritar contra aquilo que ela me fez. Mas não há necessidade. Quanto mais me aproximo, mais claramente ela pode ver isso por si mesma.

Está profundamente entalhado em minha face.

Por um segundo, suas sobrancelhas se erguem. Depois ela dá um pequeno passo para trás e abaixa o guarda-chuva de maneira que posso ver o seu rosto. Vou tomar isso como uma vitória. Lenore Manning ficou diante de quase tudo.

Mas neste momento ela não consegue me encarar.

Sacudindo a cabeça, viro-me para O Romano, que agora se encontra cerca de quinze metros adiante.

"Continue andando", diz ele.

Eu paro. Na diagonal, à minha direita, entre duas lápides grossas, Lisbeth está ajoelhada, segurando a mão ensanguentada contra o peito. Sob a luz sinistramente azulada posso ver que seu cabelo está encharcado, seu olho esquerdo já muito inchado. Eu estou quase lá.

"Sinto muito", gagueja ela, como se fosse culpa sua.

"Eu disse *continue andando*", insiste O Romano.

"*Não faça isso!*", interrompe Lisbeth. "Ele vai matá-lo."

O Romano não argumenta.

"Prometa-me que vai deixá-la viver", digo.

"É claro", proclama ele.

"Wes!" diz Lisbeth, sua respiração tornando-se mais pesada.

Isso é tudo que ela consegue fazer para permanecer consciente.

Não há sirenes à distância, ninguém chegando para socorrer.

Daí em diante, a única maneira de Lisbeth sair dali é eu continuar a andar para a frente e tentar fazer um trato.

O barulho do trem fica mais alto ao longe. Há um sussurro por cima de meu ombro. Eu me viro para seguir o som, mas a única coisa que vejo é o meu reflexo nas portas de vidro vermelho e azul da cripta. Dentro, atrás do vidro, eu posso jurar que algo se move.

"Você está ouvindo fantasmas agora?" caçoa O Romano.

Enquanto os sussurros se tornam mais altos, eu continuo caminhando em direção a ele pelo caminho. Mal tenho sete metros para andar. A chuva torna-se mais leve sobre a minha cabeça quando alcanço a proteção da árvore. As trepadeiras estão penduradas em cima dela como dedos de marionetes. Eu estou muito perto, posso ver o corpo de Lisbeth tremendo... e o dedo mindinho da primeira-dama batendo na alça de seu guarda-chuva...

e o gatilho do revólver do Romano quando ele o arma com o polegar.

"Perfeito", diz ele com um sorriso. Antes que eu possa reagir, ele se vira para o lado e ergue a arma. Diretamente para o coração de Lisbeth.

111

"N-Não!", eu grito, já correndo.

Ouve-se um assobio bem alto. Mas não de sua arma. Ele veio de trás de mim.

Antes que eu possa perceber o que está acontecendo, um jorro de sangue esguicha das costas da mão direita do Romano, logo abaixo dos nós dos dedos. Ele levou um tiro.

Com o impacto, a arma do Romano dispara.

Pelo canto dos olhos, vejo Lisbeth dando palmadas em seu ombro como se estivesse matando um mosquito. Posso distinguir algo escuro — sangue — escorrendo por entre seus dedos, como água pingando de um poço rachado. Ela afasta a mão do ombro e a coloca diante do rosto. Quando vê o sangue, seu rosto fica branco e seus olhos reviram. Ela já está inconsciente.

"Merda, merda, *merda!*", urra O Romano, enquanto se curva, sacudindo-se violentamente e segurando a mão direita estilhaçada contra o peito. À sua direita, a primeira-dama foge, correndo de volta para a entrada principal e desaparecendo na escuridão. O Romano sente muita dor para detê-la. Nas costas de sua mão, o buraco não é maior do que uma moeda de dez centavos. Mas a assinatura com o estigma de Cristo é inconfundível.

"*Você mentiu para mim! Ele é um anjo!*" Nico uiva do fundo do cemitério, onde estão os arbustos. Ele se dirige para nós através da escuridão, sua arma apontada para a frente, pronta para o tiro mortal. Ele é apenas uma silhueta. Não consigo ver seu rosto. Mas sua arma está firme como nunca.

"V-Você está indo para o Inferno", sussurra O Romano, enquanto ansiosamente diz sua própria ave-maria pessoal.

"Como Judas, Nico. Você é Judas agora."

Pela maneira como Nico vacila, fica claro que ele ouviu. Mas, isso ainda não o faz diminuir o ritmo. "As leis de Deus duram mais tempo do que aqueles que as quebram!", insiste ele, enquanto recupera sua força. *"Seu destino é reescrito"*!

Ao se aproximar do caminho, ele agarra seu rosário com uma mão e aponta o revólver com a outra.

"Nico, pense em sua mãe!", implora O Romano.

Nico faz que sim, enquanto as lágrimas escorrem de novo pelo seu rosto. "Eu estou pensando", ruge, mas, quando ele mira o alvo, ouve-se uma grande algazarra vindo de trás da cerca do fundo do cemitério. Na altura dos trilhos da linha ferroviária, um trem prateado de passageiros aparece, passando tão rápido que quase não se consegue vê-lo. O estrépito é ensurdecedor. Meus ouvidos parecem estourar por causa do súbito vácuo no ar. Para Nico, isso é cinquenta vezes pior.

Ele ainda procura enfrentar isso, rangendo os dentes enquanto aperta o gatilho. Mas o barulho é demasiado. Sua arma estremece por meio segundo, um tiro sai assobiando e a bala passa zunindo pelo ombro do Romano, indo estilhaçar um pedaço de casca de árvore. Nico Hadrian, na verdade, erra o tiro.

Um sorriso sombrio retorna ao rosto do Romano, enquanto o trem continua a se mover rapidamente. Quase sem conseguir segurar o revólver em sua mão direita, ele atira de lado o guarda-chuva e troca a arma para a mão enfaixada.

Pela maneira como o punho direito treme, ele está sentindo muita dor. O Romano não se importa. Endireita seus ombros. Os joelhos estão firmes. Quando ergue a arma e aponta, eu já estou correndo para cima dele. O mesmo faz Nico, que está pelo menos a dez metros atrás de mim.

O Romano tem tempo para um único tiro. Não há dúvida de quem é mais perigoso.

Bam!

Quando o tiro explode do revólver do Romano, ele é abafado pelo trem que ainda está passando. Atrás de mim, pouco além de meu ombro direito, ouve-se um grunhido profundo e gutural quando

Nico recebe o tiro no peito. Ele ainda continua correndo em nossa direção. Não vai muito longe.

Depois de dois passos, suas pernas ficam travadas e seus olhos demasiado próximos se abrem formando círculos completos. Caindo para a frente, sem equilíbrio, o seu corpo se choca com a cara no chão. No meio do caminho, o rosário cai de sua mão. Ele não o levanta.

Quando Nico se estatela, O Romano volta o revólver para mim. Eu já estou me movendo muito rápido. Desorientado pela velocidade, colido com O Romano como se ele fosse um manequim, meus braços rodeando os seus ombros enquanto vou de encontro a ele a toda velocidade. O impacto faz com que ele cambaleie para trás do lado esquerdo. Para minha própria surpresa, sinto como se houvesse uma placa de metal contra o seu peito. Ele aprendeu com Boyle. Colete à prova de balas. A novidade boa é que ele já está enfraquecido pelo tiro que levou na mão. Nós escorregamos na lama sobre o seu guarda-chuva. Eu seguro firme em seu peito, montado sobre ele como um lenhador sobre uma árvore caída. Quando batemos no chão, a arma voa de sua mão e cai na grama molhada. Suas costas batem com força em uma raiz em ziguezague que se ergue da terra, enquanto a cabeça estala atrás em uma pedra pontuda. A roupa que veste ajuda a amortecer o choque nas costas, mas seu rosto se contrai de dor quando a ponta da pedra atinge seu crânio.

Arrastando-me para cima dele e enfiando o joelho em seu estômago, agarro o colarinho da camisa do Romano com a mão esquerda, puxo-o em minha direção e esmurro com a direita, com toda a força que consigo, dirigindo meu punho logo acima de seu olho. Sua cabeça bate de novo na pedra pontuda, e um pequeno corte se abre acima de seu olho esquerdo. Ele range os dentes com a dor, os olhos fechando-se bem apertados para proteger as órbitas. Enrubescido pela adrenalina, bato de novo, e o corte fica vermelho e se alarga.

O perigo real, no entanto, vem da pedra debaixo da cabeça do Romano. A cada um de meus socos, ouve-se um som repugnante e melancólico enquanto a pedra perfura a parte de trás de sua cabeça

através do cabelo preto. Ainda vacilante por causa do tiro, ele ergue a mão enfaixada em direção à cabeça, tentando proteger-se da pedra.

Recusando-me a largá-lo, eu o soco de novo. E de novo. Este soco é por todas as cirurgias. E por ter de aprender a mastigar com o lado esquerdo de minha bochecha. E por não ser capaz de lamber uma substância dos meus lábios...

Abaixo de mim, O Romano enfia a mão enfaixada entre sua cabeça e a pedra. É só naquele momento, com minha mão preparada no ar, que percebo que ele não está protegendo a cabeça da pedra. Ele está retirando-a da lama.

Oh, droga!

Eu o soco com toda a força que possuo. O Romano gira seu braço esquerdo como em uma batida de beisebol. Ele tem a pedra cinzenta presa à sua mão. Eu sou rápido. Ele é mais rápido ainda.

A extremidade afiada da pedra fura meu maxilar como uma lâmina na ponta de um míssil, fazendo-me cair para a direita e bater meu ombro na grama encharcada na extremidade do caminho. Saboreando a vitória, O Romano está quase de pé.

Tentando me levantar, eu me arrasto com dificuldade, o mais depressa que posso para sair dali antes que ele possa...

Ele me espeta com a pedra, o seu bate-estaca pessoal. É um golpe forte também — logo acima de meu pescoço, na base do crânio. Quando eu cambaleio para a frente, incapaz de me equilibrar, minha visão fica manchada e depois obscurece.

Não, não desmaie...

Eu caio sobre os joelhos e as palmas, enquanto minúsculos cascalhos do caminho pavimentado se enterram em minhas mãos. O Romano está logo atrás de mim. Ele respira pesadamente pelo nariz. Com o pé ele dá um chute no caminho arremessando um bando de seixos em minhas costas. "Você é...!". Tento correr, mas ele me agarra pela camisa. "*Você é um desgraçado de um morto!*", ruge ele, batendo em mim como um martelo olímpico arremessado e lançando-me para trás, em direção à cripta de pedra polida com barras de ferro trabalhadas em forma de X que protegem as portas de vidro vermelho e azul. Se eu atingir as barras nessa velocidade...

Há um barulho nauseante quando a minha espinha bate contra a grade. Cerca de meia dúzia de vidros da porta se despedaçam e estouram como luzes de Natal, um deles bem onde minha cabeça atinge a grade. Há algo quente e úmido atrás de meu pescoço. Se posso sentir, eu estou sangrando bastante.

Quando ele me puxa para a frente, meu pescoço está mole e a cabeça tomba para trás. A chuva desce em câmara lenta como milhões de agulhas de pinheiro, prateadas e geladas.

Minha visão fica embaçada de novo. O céu desvanece...

"Nnnnnnn", ouço a mim mesmo dizendo, lutando para ficar consciente enquanto ele me puxa para longe da cripta. Ainda agarrando minha camisa, ele olha em volta por um instante.

Lisbeth está inconsciente. A primeira-dama foi embora. Nico está deitado no chão. O que quer que O Romano havia planejado, ele agora precisa improvisar. Seus olhos examinam o... É então que ele a vê.

Ele me puxa com força, e eu tropeço para a frente, quase incapaz de permanecer de pé. Prendendo minha cabeça debaixo de seu braço, O Romano gira, agarra-me com uma chave de braço e me conduz pelo caminho pavimentado como um cachorro sendo arrastado para fora da sala de jantar. Pela maneira como seu pulso envolve minha garganta como uma salsicha, torna-se quase impossível respirar. Tento firmar-me em meus calcanhares, mas minha luta esgotou-se faz tempo. Ainda assim, só quando cruzamos o caminho pavimentado é que percebo para onde estamos indo. Na diagonal, atrás de duas lápides cinzentas combinadas, de marido e mulher, situa-se um pequeno remendo de grama que brilha um pouco mais verde do que o resto dos canteiros cheios de musgos circundantes. Na extremidade do remendo, um pequeno pedaço de grama está dobrado. Como um tapete. Oh, Deus. Esta é uma grama artificial. Ele está me arrastando em direção... Aquela é uma sepultura recém-aberta.

112

Arrastado em direção ao buraco aberto, eu tento frear freneticamente, quase vomitando meu pomo-de-adão. O Romano aperta . com mais força a chave de braço, arrastando-me em direção ao buraco.

"*Largue-me!*", grito, arranhando seu braço e tentando libertar meu pescoço. Ele continuava se movendo e aperta meu pescoço com mais força. Quando o meu pé escorrega no caminho, através da grama molhada, em direção às sepulturas, meus braços e pernas se agitam violentamente — no chão, no ar — procurando alguma coisa à qual se prender. Ao pé das lápides retangulares combinadas, eu agarro um ramo de um arbusto próximo. Tento me segurar nele, mas estamos nos movendo muito depressa, e os ramos cortantes espetam minha palma. A dor é muito intensa. Com um grunhido final, O Romano me puxa rapidamente e me empurra para a frente.

A cova recém-aberta está logo adiante, mas, quando nos comprimimos entre as lápides combinadas, eu arremeto para a esquerda e agarro firmemente uma das lápides. Meus dedos se movem como tarântulas na frente da lápide, enfiando-se na letra D escavada na palavra *MARIDO*.

Enfurecido, O Romano aumenta o aperto iguala um torno em volta de minha garganta. Eu sinto meu rosto encher-se de sangue. Ainda assim não solto a lápide. Ele dá um puxão mais forte e meus dedos começam a escorregar. Do ângulo pelo qual ele está puxando, o canto agudo do granito da lápide retangular arranha a parte de baixo de meu antebraço. O Romano puxa tão forte que sinto que minha cabeça está a ponto de ser arrancada do pescoço. Meu ombro queima. Meus dedos começam a deslizar. O granito está escorregadio por causa da chuva.

Estico a perna até a beirada da sepultura atrás de nós, O Romano chuta a cobertura de grama artificial. Eu olho por tempo suficiente para ver o buraco de dois metros... as paredes de lama desmoronando...

Eu enfio mais os dedos, mas o entalhe das letras é pouco profundo.

A mão direita do Romano está encharcada de sangue, inutilizada por causa do tiro. Sem dúvida, ele sente dor. Mas sabe o que está em jogo. Inclinando-se para a frente e apertando o torniquete, ele coloca todo o seu peso para fazer isto. Meu pé lentamente escorrega pela grama. Eu tento respirar, mas não consigo — ele está segurando muito apertado. Meu braço está dormente. Meus dedos começam a tremer, escorregando pela lápide. A escuridão de novo me oprime de todos os lados. *Por favor, Deus, cuide de minha mãe e de meu p...*

Blam! Blam!

Pequenas pedras borrifam o meu rosto. O Romano solta o aperto. E eu caio na grama molhada, tossindo com dificuldade enquanto o oxigênio entra de novo em meus pulmões.

Acima de mim, a extremidade superior da lápide do marido foi danificada por uma das balas. Eu olho para O Romano, que vira para me encarar. Seus olhos azuis se movem ansiosamente. Há um buraco recém-formado em sua camisa, no centro do peito. Mas sem sangue. Ele cambaleia para trás, mas não por muito tempo.

À minha esquerda, apenas uns poucos passos adiante, Lisbeth está em pé e respira pesadamente, sua própria mão sangrando enquanto ela segura a arma do Romano. Quando ela a abaixa, está acreditando que já venceu.

"Lisbeth...", eu tusso, lutando para que as palavras saiam.

"Ele está usando...!"

A sobrancelha de Lisbeth se ergue. Rosnando como um leopardo, O Romano dá um bote em direção a ela.

Entrando em pânico, Lisbeth ergue o revólver e aperta o gatilho. Saem dois tiros. Os dois acertam o peito do Romano.

Ele está se movendo muito rápido, os disparos nem o retardaram. Alguns centímetros adiante, ele tenta agarrar o

revólver. Lisbeth aperta o gatilho uma última vez e, quando a pistola explode, uma única bala rasga a lateral do pescoço do Romano. Ele está tão furioso que acho que não se deu conta. Lisbeth dá um passo atrás, quase incapaz de soltar um grito. Em poucos segundos ele se atira em cima dela.

Tirando o revólver da mão dela, O Romano bate em sua cabeça com a arma. Quando eles caem no caminho pavimentado, a cabeça de Lisbeth bate de novo no concreto.

Seu corpo torna-se flácido. Sem se arriscar, O Romano pressiona seu antebraço contra o pescoço dela. As pernas dela não estão se agitando. Seus braços estão frouxos ao lado do corpo.

Sem ligar para a minha própria palpitação, levanto e passo as mãos pela grama, os dedos batendo contra os fragmentos quebrados e espalhados de granito. Em qualquer outro dia, eu não teria chance contra um homem de 110 quilos, 1,80

metro de altura, treinado pelo Serviço Secreto e forte como uma parede de aço. Mas, agora, O Romano tinha uma ferida recente em seu pescoço e outra em sua mão. E eu tinha um pedaço afiado de lápide de granito agarrado firmemente em minha mão fechada. Quando corro até O Romano, ele ainda está curvado sobre Lisbeth. Eu não sei se consigo afastá-lo, mas sei que não lhe deixarei um maldito dente na boca.

Erguendo o pedaço de granito pontudo para trás, eu ranjo os dentes e me atiro sobre a parte de trás da cabeça do Romano, com tudo o que me resta de força. O fragmento tem a forma de um tijolo quebrado no meio, com uma pequena ponta no canto. Ele o atinge bem atrás da orelha. Só o seu grito já valeu — um grunhido gutural e queixoso que nem ele pôde reprimir.

Para sua sorte, ao bater a mão na lateral da cabeça, O Romano não cai ao chão. Em vez disso, ele recupera o equilíbrio, volta-se para me encarar e se ergue com dificuldade. Antes que ele possa voltar-se inteiramente, eu faço um giro completo e bato-lhe com o granito contra o seu rosto. Ele balança para trás e cai sentado. Eu ainda não paro.

Aproveitando-me do que aprendi dele, agarro a frente de sua camisa, puxo-o em minha direção e miro no corte acima de seu

olho. Depois eu me ergo e atinjo-o de novo. O sangue espirra rapidamente.

Um filete de saliva cai como um fio de seda de meu lábio superior. É por causa dele que a minha boca não fecha. Digo isso a mim mesmo enquanto torno a girar, dirigindo a ponta do granito para a sua ferida e observando o sangue cobrir o lado de seu rosto. Como eu. Como eu.

Seus olhos reviram. Eu o atinjo de novo, determinado a aumentar a ferida. Meu fio de saliva cai mais embaixo, e eu o atinjo com mais força do que nunca. Eu quero que ele saiba.

Quero que ele olhe para isso. Cada golpe com o granito arranca um novo pedaço de pele. Eu quero que ele viva com isso. Eu quero que ele se afaste de *seu próprio reflexo nas vitrinas das lojas!* Eu quero que...

Paro por ali, meu braço ainda levantado, meu peito se erguendo e baixando enquanto recupero o fôlego.

Abaixando o punho, limpo a saliva de meu lábio e de novo sinto a chuva agradável enquanto ela goteja pela ponta de meu nariz e de meu queixo.

Eu não desejaria isso a ninguém.

E, assim, solto a camisa do Romano. Ele desmorona aos meus pés. O pedaço de granito cai de minha mão, chocando-se contra o concreto. Eu me volto para Lisbeth, que ainda está deitada no chão, atrás de mim. Seu braço está dobrado desajeitadamente sobre sua cabeça. Caindo de joelhos, examino o seu peito. Ele não se move.

"Lisbeth, você está...? *Pode me ouvir?*", grito, deslizando de joelhos para mais perto dela.

Sem resposta.

Oh, Deus. Não. Não, não, não...

Agarro seu braço e procuro o pulso. Não há nada ali. Sem perder tempo, inclino sua cabeça para trás, abro sua boca, e... "*Hggggh!*"

Eu dou um pulo para trás ao ouvi-la tossir violentamente.

Sua mão direita instintivamente cobre sua boca. Mas a esquerda — com o ferimento — continua amolecida e largada sobre sua cabeça.

Ela cospe e ofega enquanto o sangue volta ao seu rosto.

"V-Você está bem?", pergunto.

Ela tosse bastante. Isso é muito bom. Olhando para os lados, sem mover o pescoço, ela percebe o corpo do Romano a poucos passos de si. "Mas nós precisamos... temos de..."

"Relaxe", digo a ela.

Lisbeth sacode a cabeça, mais insistente do que nunca. "Mas e — e a...?" "Acalme-se. Nós o derrotamos, está bem?"

"Não ele, Wes — *e/a*." Minha garganta se fecha, enquanto a chuva leve bate em meus ombros. "Onde está a primeira-dama?"

113

Subindo o quarteirão a passos largos, o guarda-chuva ainda acima da cabeça, a primeira-dama olhou por cima do ombro.

Atrás dela, dentro do cemitério, mais dois tiros foram disparados. Ela torce o tornozelo ao ouvir o som. Mas não diminui o passo. Andando com passadas curtas por um momento, ela logo recupera o equilíbrio e continua a caminhar para a frente, ainda tremendo.

Ela sabia que terminaria assim. Mesmo quando as coisas estavam calmas, mesmo quando percebera pela primeira vez com quem inadvertidamente se aliara, ela sabia que isto nunca iria desaparecer. Não havia meio de escapar desse erro.

Mais dois tiros foram disparados, e por fim um outro, que ecoou detrás das árvores altas. Ela retraiu-se com cada detonação. Seriam tiros do Romano ou...? Ela não queria que Wes morresse. Assim como com Boyle, Wes ter levado um tiro na pista de corrida foi uma coisa que ela nunca fora capaz de digerir, mesmo depois de todos aqueles anos. Foi por isso que ela sempre tentou ser incentivadora... foi por isso que ela nunca opôs resistência quando o seu marido o trouxe de volta para a equipe. Mas, agora que Wes conhecia a verdade... Ela sacudiu a cabeça. Não. Ela tinha sido enganada. Era isso. E apenas tinha tentado ajudar.

Virando bruscamente à direita, a primeira-dama contornou a esquina, os saltos batendo no pavimento enquanto ela entrava no pequeno estacionamento, no lado sul do cemitério. Àquela hora ele estava vazio — exceto pelo Chevy Suburban preto e lustroso em que O Romano a trouxera.

Correndo para a porta do lado do motorista, ela a abriu e entrou, já ensaiando sua versão da história. Com Nico ali... com o

buraco na mão de Lisbeth... essa parte era fácil. A América gostava de culpar os psicopatas. E, mesmo que Wes conseguisse sobreviver...

Dando a partida, ela ajustou o espelho retrovisor. Ouviu um assobio agudo vindo de trás. Um círculo preto do tamanho de uma moeda de dez centavos atravessou a parte de trás da mão da primeira-dama enquanto o espelho retrovisor se espatifava. De início, ela nem sentiu nada. No que sobrou dos estilhaços do espelho, ela pôde ver uma figura familiar no banco de trás, os dedos movendo-se lentamente em torno de seu rosário.

"Eu a vi quando chegou", disse Nico com uma voz calma.

"Oh, Deus... minha mão", gritou ela, ao olhar para a sua mão e apertar a palma enquanto a dor causticante subia até o cotovelo.

"Você é mais alta do que eu imaginava. Você estava sempre sentada durante as audiências de interrogatório."

"Por favor", implorou ela, com as lágrimas já escorrendo dos olhos enquanto sua mão ficava entorpecida. "Por favor, não me mate."

Nico não se mexeu, sua mão direita segurava o revólver no colo. "Fiquei surpreso ao vê-la com o Número Um. Como eles o chamam? O Romano? Ele também me feriu."

Pelo espelho quebrado, a primeira-dama viu Nico olhar para o alto de seu abdome, onde havia levado um tiro.

"Sim... sim, é claro", insistiu a primeira-dama. "O Romano feriu a nós dois, Nico. Ele me ameaçou — me obrigou a vir com ele, ou ele..."

"Deus também me feriu", interrompeu Nico. Sua mão esquerda agarrou o rosário, o polegar vagarosamente subindo uma a uma as contas de madeira, movimentando-se em direção à gravura de Maria. "Deus tirou minha mãe de mim."

"Nico, você..." Sua voz falhou. "Deus... por favor, Nico... estamos todos perdidos..."

"Mas foram Os Três que levaram meu pai", acrescentou ele, enquanto erguia o revólver e o pressionava atrás da cabeça da primeira-dama. "Este foi o meu erro. Não o destino. Não os maçons. Os Três o levaram. Quando me juntei a eles... o que eu fiz em nome

deles... você não vê? Interpretando mal o Livro. Foi por isso que Deus teve de me enviar o anjo."

Tremendo descontroladamente, a primeira-dama levantou as mãos e se esforçou para olhar por cima do ombro. Se ela conseguisse se virar... fazê-lo olhar para seu rosto... vê-la como um ser humano... "Por favor, não... por favor, não faça isto!" implorou ela, encarando Nico e esforçando-se para conter as lágrimas. Fazia quase uma década que ela havia experimentado a irrupção de um choro tão profundo. Desde o dia em que deixara a Casa Branca, quando havia voltado para a sua casa na Flórida, dera uma pequena entrevista à imprensa no gramado e percebera, depois que todo mundo saíra, que apenas eles haviam sobrado para limpar os copos descartáveis de café deixados pelos repórteres e espalhados no pátio da frente. "Não posso morrer desse jeito", soluçara.

Sem se mexer, Nico segurava o revólver, apontado para a cabeça dela. "Mas não havia apenas Os Três, não é? Eu escutei a moça, doutora Manning. Eu sei. Os Quatro. Foi o que ela disse, certo? Um, Dois, três, você é o Quatro".

"Nico, isso não é verdade".

"Eu escutei, você é o Quatro".

"Não... por que eu...?"

"Um, Dois, Três, você é o Quatro", insistiu ele, os dedos movendo-se por quatro contas do rosário.

"Por favor, Nico, ouça apenas..."

"Um, Dois, Três, você é o Quatro". Seus dedos continuavam a contar tranquilamente, conta por conta. Ele estava quase no meio. Faltavam apenas dezesseis contas para terminar. "Um, Dois, Três, você é o Quatro. Um, Dois, Três, você é o Quatro".

"Por que você não escuta"? Soluçou a primeira-dama. "Se você... eu posso... eu posso ajudá-lo..."

"Um, Dois, Três, você é o Quatro".

"...eu posso... vou até mesmo..." Sua voz tornou-se mais rápida. "Eu posso lhe dizer como a sua mãe morreu".

Nico parou. Sua cabeça aprumou-se de lado, mas sua expressão mantinha-se calma. "Você mente".

Seu dedo escorregou em torno do gatilho e ele o apertou.
Facilmente.

Ouviu-se um assobio agudo, e um pffftt que soou como um estouro de um melão. O para-brisa da frente ficou borrifado de sangue.

A primeira-dama caiu de lado, e o que sobrou de sua cabeça bateu no volante.

Sem nem perceber, Nico apontou o revólver para sua própria têmpora. "Seu destino é o meu, doutora Manning.

Estou indo encontrá-la no inferno".

Sem fechar os olhos ele apertou o gatilho.

Clique.

Ele o apertou de novo.

Clique.

Vazio... ele estava vazio, ele percebeu olhando para o revólver. Uma risada ligeira e nervosa saiu como um soluço de sua garganta. Ele olhou para o teto do carro, depois de novo para o revólver, que rapidamente tornou-se borrado por causa de uma enxurrada de lágrimas.

É claro. Isto era um teste. Para testar sua fé. Um sinal de Deus.

"Um, Dois, Três, você é o Quatro", sussurrou ele, o polegar subindo pelas últimas contas de madeira e permanecendo na gravura de Maria. Ruborizado com um sorriso que não conseguia conter, Nico olhou de novo para o teto, levou o rosário aos lábios e o beijou. "Obrigado... obrigado, meu Senhor."

O teste, por fim, estava completo. O Livro poderia finalmente ser fechado.

114

Dez minutos depois das sete na manhã seguinte, sob um céu coberto de nuvens, eu estou sentado sozinho no banco de trás de um Chevy Suburban preto com cheiro de carro novo, o que indica que ele não faz parte de nossa comitiva habitual. Usualmente isso seria motivo para excitação. Não depois da última noite.

No banco da frente, agentes permanecem desconfortavelmente silenciosos durante todo o percurso. É claro, eles tentam um pouco de conversa fiada — *Sua cabeça está bem? Como você está se sentindo?* —, mas eu havia estado em contato com o Serviço por tempo suficiente para saber quando eles têm ordem de manter suas bocas fechadas.

Quando viramos à esquerda para Las Brisas, eu percebo as *vans* da imprensa e os repórteres em pé e rígidos. Eles forçam moderadamente a tira amarela quando nos veem chegar, mas a meia dúzia de agentes que à na frente do portão da casa facilmente os mantêm dentro da área que lhes é reservada. À minha esquerda, quando o carro para diante dos arbustos bem cuidados da frente, e o alto portão de madeira branca se abre, uma repórter asiática narra — ... mais uma vez: a primeira-dama Lenore Manning... —, mas gentilmente dá um passo atrás para deixar-nos passar.

Para os repórteres e a imprensa, tudo o que eles sabem é que ela está morta e que Nico a matou. Se eles soubessem o seu papel em... ou o que ela fez... um exército de agentes não seria capaz de contê-los. O Serviço, fingindo não ter indícios, declarou que, como Nico ainda se encontrava solto, eles pensaram que seria mais seguro o motorista deixar-me dentro da casa. Era uma bela mentira. E quando os agentes bateram à minha porta nesta manhã, quase acreditei nisso.

Quando o portão se fecha lentamente atrás de nós, eu não quero me virar e lhes fornecer um instantâneo de meu rosto para as notícias matinais — sobretudo com os cortes em meu nariz e o vermelho-escuro do inchaço em meu olho. Em vez disso, fico olhando para a entrada de carros de tijolos, ao estilo de Chicago, que conduz para a residência pintada de azul-pálido. Ladeando o Suburban, seis agentes que nunca havia visto antes observam o portão se fechar, para ter certeza de que ninguém se introduzirá na casa. Depois, quando abro a porta e desço do carro, todos eles me observam. Para seu mérito, eles desviam o olhar rapidamente, como se não soubessem o que está ocorrendo.

Mas, quando se trata de perceber olhares furtivos, eu sou um faixa preta. Enquanto me dirijo para a porta da frente, cada um deles dá mais uma olhada.

"Você é Wes, certo?", pergunta um agente afro-americano calvo, enquanto abre a porta da frente e me convida a entrar. Na maioria dos dias, os agentes não ficam dentro da casa. Hoje é diferente. "Ele está esperando por você na biblioteca, siga apenas..."

"Eu sei onde fica", digo, entrando e interrompendo-o.

Ele dá um passo à frente, bloqueando o caminho. "Tenho certeza de que sabe", diz ele, com um falso sorriso. Como os agentes que estão fora da casa, ele usa terno e gravata, mas o microfone em sua lapela... eu quase não o percebo, de início. Ele é menor do que uma pérola de prata. Eles não fornecem aquele tipo de tecnologia para sujeitos que trabalham para um ex-presidente. Quem quer que ele seja, não é de um escritório que atua em Orlando. Ele é de Washington, D.C. "Se quiser me seguir..."

Ele se vira, conduzindo-me pelo centro do saguão até a sala de estar formal, passando pelo sofá de veludo amarelo-ouro onde ontem se apoiava o par de olhos de Leland Manning para o museu Madame Tussauds.

"É aqui", acrescenta o agente, parando diante do conjunto de portas francesas no lado esquerdo da sala. "Vou ficar logo ali", diz ele, apontando para o saguão principal. Isso não foi dito para confortar.

Observando-o afastar-se, eu mordo a pele do lado de dentro de minha bochecha e seguro a maçaneta de metal em forma de águia americana. Mas, assim que toco na águia, a maçaneta gira sozinha e a porta se abre. Eu estava tão concentrado olhando para o agente que não o vi. Nossos olhos se encontram instantaneamente. Dessa vez, no entanto, quando vejo os olhos castanhos com um toque de azul, meu estômago não enjoa. E ele não foge.

Parado na porta e passando os dedos pelo que lhe sobra de cabelos, Boyle força um sorriso não convincente. Pelo que Rogo me contou na noite passada, eu deveria saber que ele estaria aqui. Tolo como sou, no entanto, eu na verdade achei que seria o primeiro. Este sempre tem sido o meu problema quando se trata do presidente.

Dando um passo à frente e fechando a porta atrás de si, Boyle me bloqueia ainda mais que o Serviço. "Ouça, Wes, você... hum... você tem um segundo?"

O presidente está esperando por mim na biblioteca. Mas, pela primeira vez desde que transito pela órbita pessoal de Leland Manning, bem, por uma vez... ele pode esperar. "É claro", digo.

Boyle faz um aceno de obrigado e passa a coçar o rosto. Isto é difícil para ele. "Você devia pôr uma compressa quente nisso", diz ele por fim. Vendo minha confusão, ele acrescenta: "No olho. Todos acham que a fria é melhor, mas no dia seguinte a quente ajuda mais".

Eu dou de ombros, indiferente à minha aparência.

"A propósito, como está sua amiga?", pergunta Boyle.

"Minha amiga?"

"A repórter. Ouvi dizer que ela levou um tiro."

"Lisbeth? Sim, ela levou um tiro", digo, olhando para as feições modeladas de Boyle. "O tiro que levou na mão foi o pior."

Boyle concorda, olhando para a sua velha cicatriz de estigma de Cristo no centro de sua própria palma. Ele não se retarda nela, porém.

"Wes, eu — eu sinto muito, tive de deixá-lo no escuro daquele jeito, na Malásia, quando eu estava tentando me encontrar com Manning... Todos esses anos, eu pensei que ele havia me enganado

— que talvez *e/le* fosse O Quarto — assim, ao encontrar o jogo de palavras cruzadas... ver que era ela... e depois quando o vi, eu só... entrei em pânico. E quando Micah e O'Shea começaram a seguir você..."

Ele espera que eu complete o pensamento — que grite com ele por ter me usado como isca nos últimos dias. Culpá-lo pelas mentiras, pelo engano... por cada grama de culpa que ele lançou em meus ombros durante oito anos. Mas, quando olho para ele... quando vejo os profundos círculos debaixo de seus olhos e a profunda linha vertical entre suas sobrancelhas... Na noite passada, Ron Boyle ganhou. Ele conseguiu pegar todos eles — O Romano... Micah e O'Shea... até a primeira-dama —, todos que ele caçara durante tanto tempo. Mas é doloroso vê-lo agora, lambendo os lábios ansiosamente. Não há alegria em suas feições, nem vitória em seu rosto. Oito anos depois que sua provação começou, tudo o que resta é um homem envelhecido com um nariz miserável e um queixo modificado, um vazio assombrado em seus olhos e uma necessidade incontrolável de continuar a examinar cada janela e porta próximas, o que ele faz pela terceira vez desde que começamos a conversar.

Sofrer é ruim. Sofrer sozinho é pior.

Meu maxilar se cerra enquanto eu tento encontrar as palavras. "Ouça, Ron..."

"Wes, não fique com pena de mim."

"Eu não estou..."

"Você *está*", insiste ele. "Eu estou parado na sua frente e você ainda está me pranteando como se eu tivesse morrido."

Posso ver isso em seu rosto."

Ele está se referindo às lágrimas que se avolumam em meus olhos. Mas ele as interpreta errado. Eu sacudo a cabeça e tento lhe dizer o motivo, mas as palavras parecem estar presas em minha garganta.

Ele diz algo mais para fazer com que eu me sinta melhor, mas eu não as ouço. Tudo o que escuto são as palavras que estão entaladas dentro de mim. As palavras que ensaiei em meu sono à noite — todas as noites — e na frente do espelho cada manhã,

sabendo muito bem que elas nunca sairiam de meus lábios. Até este momento.

Engulo com dificuldade e de novo ouço a multidão na pista de corrida naquele dia. Todos felizes, todos acenando, até *pum, pum, pum*, ali ouço o grito em dó menor enquanto as portas da ambulância se fecham. Eu engulo com dificuldade de novo e devagar, finalmente, os gritos começam a desaparecer quando as primeiras sílabas saem de meus lábios.

"Ron", começo, já ofegando com dificuldade. "Eu — eu..."

"Wes, você não precisa..."

Sacudo a cabeça e o interrompo. Ele está errado. Eu preciso.

E quase depois de uma década, quando as lágrimas escorrem pelo meu rosto, eu finalmente consigo minha chance. "Ron, eu... eu sinto muito tê-lo colocado na limusine naquele dia." Eu digo a ele. "Eu sei que é estúpido... eu só... eu preciso que você saiba que sinto muito, está bem, Ron?", suplico, enquanto minha voz falha e as lágrimas atingem meu queixo. "Eu sinto muito tê-lo colocado ali."

Na minha frente, Boyle não responde. Seus ombros se erguem e, por um momento, ele se parece com o velho Boyle que gritou diante de mim naquele quente dia de julho.

Enquanto enxugo o rosto, ele continua a olhar para mim, guardando tudo para si mesmo. Eu não consigo interpretar sua expressão. Sobretudo quando ele não quer se revelar.

Mas mesmo as melhores fachadas se rompem com o tempo.

Ele esfrega o nariz e tenta escondê-lo, mas eu ainda percebo o tremor de seu queixo e o arco pesaroso de suas sobrancelhas.

"Wes", diz ele por fim, "em qualquer carro que você tivesse me posto, aquela bala iria sempre acertar o meu peito."

Ergo o olhar, ainda me esforçando para recuperar o fôlego.

Durante aqueles anos, minha mãe, Rogo, meus psiquiatras, Manning, mesmo o investigador principal do Serviço, me disseram a mesma coisa. Mas era de Boyle que eu precisava ouvir isso.

Depois de segundos, uma tentativa de sorriso espalhou-se pelo meu rosto. Percebi o meu próprio reflexo nos painéis de vidro das

portas francesas. O sorriso em si é curvado, quebrado, e apenas uma de minhas bochechas se ergue.

Mas, pela primeira vez em muito tempo, ele é abundante.

Isto é, até que percebo o lampejo de movimento e a postura familiar do outro lado do vidro. Com um giro, a maçaneta de metal em forma de águia gira de novo e a porta se abre para dentro, atrás das costas de Boyle. Boyle se vira e eu ergo o olhar. Mais alto do que nós, o presidente Manning estica a cabeça para fora e acena para mim com um alô desajeitado.

Seus cabelos acinzentados estão quase sem nenhum brilho e posso perceber que não foram lavados. Sua mulher morreu na noite passada. Ele não dormiu nem dez minutos.

"Eu devo ir", diz Boyle. Pelo que ouvi na noite passada, ele havia posto a responsabilidade de sua morte e de seu reaparecimento sobre Nico e Os Três. Não sobre Os Quatro.

Só por causa disso, Manning fará dele um herói. Eu não tenho certeza de poder culpá-lo. Mas, como Manning sabe, lido com as coisas de modo diferente de Boyle.

Antes que eu possa dizer uma palavra, Boyle passa por mim, me dá um leve batida no ombro e deixa o aposento despreocupadamente, como se estivesse saindo para almoçar. O problema é que eu sou o único prestes a ser devorado.

Em outros dias, Manning simplesmente entraria de novo na biblioteca esperando que eu o seguisse. Hoje, ele abre mais amplamente a porta e me faz um gesto para entrar. "Aqui está você, Wes", diz o presidente. "Eu estava começando a me preocupar que você não viesse."

115

"Eu aprecio você ter vindo aqui tão cedo, Wes."

"Acredite-me, gostaria de ter vindo ontem à noite." Fazendo um gesto sóbrio e indicando que eu me sentasse diante de sua escrivaninha, Manning volta suas costas para mim e olha para as fotos emolduradas e as encadernações em couro dos livros alinhados nas estantes de bordo que nos rodeiam de todos os lados. Há fotos dele com o papa, com os dois presidentes Bush, com Clinton, Cárter e até com um menino de oito anos de idade de Eritreia, que mal pesava dez quilos quando Manning o encontrou em uma de suas viagens ao exterior. Diferentemente de seu escritório, onde cobrimos todas as paredes, aqui em sua casa ele exhibe apenas as fotos de que mais gosta — seus próprios sucessos pessoais —, mas apenas quando me sentei na antiga cadeira Queen Anne foi que percebi que a única foto em sua escrivaninha era dele com sua esposa. "Senhor, sinto muito por..."

"O funeral é na quarta-feira", diz ele, ainda examinando suas estantes como se uma resposta brilhante estivesse entre os tratados de paz, tijolos do Hanoi Hilton[[20](#)] e ilustrações do Muro das Lamentações. Por detrás dele, eu também olho — para o punho fundido em bronze de Abraham Lincoln na ponta da escrivaninha.

"Gostaríamos que você fosse um dos carregadores do caixão, Wes."

Ele ainda não olha para mim. O nó em sua voz me revela como tudo isso é difícil para ele. A maneira pela qual suas mãos tremem, quando as enfia no bolso, me mostra a mesma coisa. Como presidente, Leland Manning enterrou trezentos e dois soldados americanos, nove chefes de Estado, dois senadores e um papa. Nada disso o preparou para enterrar sua esposa.

"Carregar o caixão?", pergunto.

"Era um pedido dela", diz ele, tentando juntar forças, "de seu caderno de anotações."

Quando um presidente e a primeira-dama deixam a Casa Branca, se eles não estão muito deprimidos, uma das primeiras coisas que são forçados a fazer é indicar os arranjos para seus próprios funerais. Os funerais de Estado são eventos nacionais que necessitam ser montados em poucas horas, quase sempre sem nenhum aviso — e é por isso que o Pentágono dá ao presidente um caderno de anotações indicando todos os detalhes horríveis: se ele quer ser colocado no Capitólio, se deseja visita pública, se quer o sepultamento final em sua biblioteca ou em Arlington, quantos amigos, família e dignitários devem assistir, quem deve fazer o elogio fúnebre, quem *não deve* ser convidado, e, é claro, quem deve carregar o caixão.

Uma vez, eles até enviaram uma guarda de honra militar aos nossos escritórios na Biblioteca de Manning para praticar carregar o esquife que por fim o conteria. Eu tentei impedir Manning de ir ao escritório naquele dia. Mas ali estava ele, observando de sua janela enquanto eles carregavam o esquife vazio, coberto com a bandeira para o jardim de meditação, na parte dos fundos. "Eu pareço pesado", brincou ele, fazendo o possível para tornar aquilo mais leve. No entanto, ele ficou em silêncio quando eles passaram. Ele está mais silencioso agora.

"Senhor presidente, não acho que isso seja uma boa ideia agora. Depois da última noite..."

"Essa era a vontade dela, Wes. Você sabe disso. Sua própria vontade. E sua destruição também", diz ele, enquanto sua voz falha de novo. Ele está tentando com dificuldade ser forte — ser o Leão —, mas posso ver que está agarrando a parte de trás de sua poltrona de couro marrom para permanecer em pé. Apesar de tudo o que aconteceu, ela ainda é sua esposa. Parecendo um fantasma do homem que eu conhecia, ele suspira e se senta. Ambos ficamos em silêncio olhando para o punho de Lincoln.

"O Serviço disse algo sobre Nico?" pergunto por fim.

"Suas impressões estavam pelo carro todo. O sangue no banco de trás era seu. Não há dúvida de que foi ele quem puxou o gatilho. Mas até agora ele se encontra desaparecido, eles ainda estão procurando", explica. "Se você está preocupado que ele esteja vindo atrás de você, eu já pedi para o Serviço para..."

"Ele não está vindo atrás de mim. Não mais."

Manning olha para mim. "Então no cemitério... você falou com ele?" Sim.

"Você fez as pazes com ele?"

"As pazes? Não. Mas..." Fiz uma pausa para pensar a respeito. "Ele não está vindo atrás de mim."

"Bom. Estou contente por você, Wes. Você merece um pouco de paz de espírito."

Ele é generoso em dizer isso, mas é evidente que sua mente está alhures. Isso é bom. A minha também está em outra parte.

"Senhor, eu sei que este não é o melhor momento, mas estava me perguntando se poderia..." Paro logo aí, lembrando que não necessito dessa permissão. Desvio o olhar do punho de Lincoln. "Eu gostaria de falar com o senhor sobre meu cargo." Que cargo?

"Meu emprego, senhor presidente."

"É claro, é claro — não... é claro", diz ele, claramente pego de surpresa. "Eu acho que, sob as circunstâncias..."

"Você não precisa falar, Wes. Não importando o resultado final, você ainda faz parte da família para nós. Então, se está se perguntando se o emprego ainda é seu..."

"Na verdade, senhor presidente, acho que chegou a hora de eu sair."

Nossos olhos se encontram, mas ele não pisca. Acho que está mais chocado pelo fato de que não é uma pergunta.

Por fim, ele me dá um sorriso, um sorriso gentil. "Bom para você, Wes", diz ele, com ênfase. "Você sabe que esperei por longo tempo que você dissesse isto."

"Aprecio isto, senhor."

"E se você precisar de ajuda para conseguir um trabalho ou uma recomendação ou algo semelhante... não se esqueça, ainda está

escrito *presidente* em meu papel de carta, e esperamos que ainda existam algumas pessoas lá fora que se impressionem com isso."

"Tenho certeza de que elas existem, senhor", digo, rindo também. "Obrigado, senhor presidente." Da maneira como ele acena para mim — como um pai orgulhoso — é realmente gentil. Um momento de afeto. E o momento perfeito para eu ir embora. Mas não consigo. Não até descobrir.

"Então, o que pensa fazer em seguida?", pergunta ele.

Eu não respondo. Mexendo-me na cadeira, digo a mim mesmo para esquecer.

"Wes, você tem algum plano pa...?"

"O senhor sabia?", deixo escapar.

Ele ergue uma sobrancelha. "Perdão?"

Olho direto para ele, fazendo de conta que elas não são as três palavras mais desajeitadas que jamais saíram de meus lábios. Endurecendo-me, eu pergunto novamente: "O senhor sabia sobre a primeira-dama? Sobre sua esposa?"

Na minha frente, seus dedos se entrelaçam, repousando sobre a escrivaninha. Eu conheço seu temperamento. O estopim foi aceso. Mas sentado ali, olhando para mim, a explosão não ocorre. Seus lábios se separam, e seus dedos se afastam. Ele não está furioso. Ele está ferido. "Depois de todo nosso... você realmente acha isso?" pergunta ele.

Eu afundo em minha cadeira, sentindo-me com três centímetros de altura. Mas isso não significa que não vou conseguir minha resposta. "Eu vi o jogo de palavras cruzadas — suas classificações — mesmo desde os primeiros dias, o senhor estava obviamente preocupado. O senhor sabia que ela era O Quarto?"

Nessa altura, ele tem todo o direito de torcer o meu pescoço: argumentar que ela foi enganada e era inocente.

Mas ele apenas fica ali sentado, atingido pela pergunta.

"Wes, não a confunda com uma Lady Macbeth. Ela foi muitas coisas — mas nunca a mentora."

"Eu a vi ontem à noite. Mesmo do seu melhor ponto de vista — mesmo que ela não soubesse quem era O Romano quando ele se aproximou dela no início — uma vez que Boyle fora baleado, e

durante todos esses anos, e ela nunca disse *nada*? Isso não me soa como alguém sendo manipulado."

"Eu não estou dizendo que ela estava sendo manipulada. O que quero dizer é simplesmente que o que você encontrou naqueles jogos... mesmo o que viu de primeira mão por si mesmo..." Ele leva uma mão à boca e clareia a garganta. "Eu não sou um retardado mental, Wes. Lenore é minha esposa.

Estou bem ciente de suas fraquezas. E quando aconteceu de habitar o grande castelo branco — ora, filho, você viu também. Você estava lá conosco — quando você chega tão alto, quando você está olhando para baixo, por cima de todas as nuvens, a única coisa que a assustava era perder altura e cair de volta para a Terra."

"Isto não lhe dava o direito de..."

"Eu não a estou defendendo", diz Manning, praticamente implorando para que eu compreendesse o que nitidamente o manteve acordado durante a noite toda. Ele não pode partilhar isso com o Serviço ou com qualquer outra pessoa da assessoria. Sem sua esposa, ele não tem com quem conversar, a não ser comigo. "Você sabe como ela era desesperada. Todos queriam o segundo mandato. Todos. Inclusive você, Wes."

"Mas o que o senhor disse... com as nuvens, e conhecendo suas fraquezas... se o senhor sabia de tudo isto..."

"Eu não sabia de nada!" grita ele e suas orelhas ficam vermelhas. "Eu sabia que ela estava assustada. Eu sabia que ela estava paranoica. Eu sabia que nos primeiros dias ela costumava contar detalhes para os repórteres, como a discussão interna inicial, ou o fato de que não estava sendo consultada para redecorar o Salão Oval — porque ela estava convencida de que, se pudesse torná-lo parecido com ela, eles não nos chutariam para fora e tirariam tudo de nós. Então sim — *aquela* parte eu conhecia." Ele abaixa a cabeça e massageia a fronte. "Mas", acrescenta, "eu nunca pensei que ela tivesse se deixado arrastar em uma coisa como essa."

Eu faço um gesto de que compreendo. Mas não entendo.

"Depois que o senhor deixou o cargo e tudo se acalmou, por quê...?" Eu procuro palavras mais suaves, mas não há outra

maneira de dizer isso. "Por que o senhor continuou com ela?"

"Ela era minha esposa, Wes. Ela tinha estado comigo desde o tempo em que pintávamos pôsteres à mão para a campanha, na garagem de minha mãe. Desde que éramos..." Finalmente, levantando a cabeça, ele fecha os olhos, esforçando-se bastante para recuperar a calma. "Eu gostaria que você pudesse colocar essas perguntas para Jackie Kennedy, ou Pat Nixon, ou mesmo os Clinton." Ele olha de novo para as fotos com seus companheiros presidentes. "Tudo é fácil... até que se torna complicado."

"Então, quando Boyle foi baleado..."

Ele olha para mim enquanto pronuncio as palavras. Ele não precisa me dizer nada. Mas ele sabe que lhe dediquei todos esses anos. E que essa é a única coisa que jamais lhe pedi em retorno.

"Nós sabíamos que podia acontecer, mas não tínhamos ideia de quando", diz ele, sem mesmo hesitar. "Boyle tinha se aproximado de mim algumas semanas antes e contou-me sobre a oferta dos Três. A partir daí... bem, você sabe como o Serviço faz as coisas depressa. Eu fiz tudo que pude para proteger meu amigo. Eles lhe deram uma jaqueta à prova de bala, fizeram um estoque de seu sangue na ambulância, e fizeram o possível para mantê-lo a salvo."

"Até eu colocá-lo na limusine."

"Até Nico colocar uma bala em sua mão e em seu peito", diz ele, virando-se de novo para encarar-me. "Dali, eles o levaram para o Marshals Service, que o curou, o fez ir de cidade em cidade e o pôs nos níveis mais altos do Programa de Proteção às Testemunhas. Naturalmente, Boyle não queria ir, mas ele conhecia as alternativas. Mesmo se ele destruiu uma família, ele salvou mais vidas do que você pensa."

Eu movo a cabeça concordando, enquanto o presidente se levanta de sua grande poltrona. Da maneira pela qual se apoia sobre o braço da poltrona para lentamente se erguer, Manning está mais cansado do que deixa transparecer. Mas ele não pede que eu saia.

"Se isto o fizer se sentir melhor, Wes, acho que ela se arrependeu. Sobretudo pelo que aconteceu a você."

"Aprecio isto", digo a ele, tentando mostrar-me entusiasmado.

Ele me examina com cuidado. Eu sou bom em interpretá-lo. Ele é melhor ainda em me interpretar. "Wes, eu não estou dizendo isto só para..."

"Senhor presidente, nunca pensei de outra forma..."

"Nós rezávamos juntos antes de deitar. Você sabia disso?"

Este era o nosso ritual — desde quando nos casamos", explica ele. "E, durante aquele primeiro ano, ela rezou por você todas as noites."

O erro mais frequente que a maioria das pessoas comete quando se encontram com o presidente é o de sempre tentar estender a conversa. Trata-se de um momento único em suas vidas, então elas dizem as coisas mais idiotas para fazê-lo durar para sempre.

Eu levanto-me da cadeira e me dirijo para a porta. "Eu devo realmente ir embora, senhor."

"Entendo. Vá fazer o que precisa fazer", diz ele, enquanto dá a volta ao redor de sua escrivaninha. "Vou lhe dizer algo, no entanto", acrescenta, enquanto me segue até a porta. "Estou contente que ela o tenha indicado para carregar o caixão."

Ele para e recupera o fôlego. "Ele deveria ser carregado apenas pela família."

No meio do caminho em direção à porta, eu me volto. Irei carregar aquelas palavras comigo pelo resto da vida.

Mas isto não significa que acredito nelas.

Ele me alcança para apertar minha mão e eu ganho o completo aperto de mão duplo que ele usa apenas para chefes de Estado e doadores para campanhas presidenciais.

Ele até demora um instante segurando meu pulso.

Talvez nunca tivessem mencionado o assunto. Talvez ele tivesse imaginado. Por tudo que sei, ela pode até ter lhe contado com sinceridade. Mas uma coisa está clara — e esta é a única coisa que ele disse que não pode ser rebatida: Leland Manning não é um retardado mental. Ele sabia que Boyle planejava dizer não para Os Três. Assim, quando Boyle foi descartado, ele deve ter suspeitado que os outros deviam ter conseguido alguém mais importante.

Quando me dirijo através da sala de estar para a porta da frente, avisto a imensa foto em preto-e-branco da vista que ele tinha de trás de sua escrivaninha no Salão Oval. Claro, aqueles quatro anos foram ótimos. Mas, para ele, teria sido ainda melhor se tivesse conseguido mais quatro.

"Se você precisar de *qualquer coisa*, avise-me", grita o presidente da sala de estar.

Eu aceno um adeus e digo um agradecimento final. O Leão Covarde pode não ter coragem. Mas certamente tem um cérebro.

Ele sabe que tenho andado com uma repórter. Ele sabe que ela está esperando minha chamada. E, mais importante, ele sabe que, quando se trata de ter toque político, o melhor toque é quando você absolutamente não o percebe.

Durante oito anos, eu não senti nada. Agora eu sinto todos os toques. "Conseguiu tudo de que precisava?" perguntou o agente calvo, enquanto abria a porta da frente. "Acho que sim."

Ao sair da casa, tiro o celular do bolso, digito o número do quarto de hospital de Lisbeth e desço pelo caminho de tijolo vermelho. Quando Herbert Hoover deixou a Casa Branca, ele disse que o maior serviço que um ex-presidente poderia prestar era retirar-se da política e da vida pública. Chegara a hora de eu fazer o mesmo.

"Você falou com ele?", pergunta Lisbeth, atendendo no primeiro toque.

"É claro que falei."

"E?"

De início, não respondo.

"Ora, Wes, não se trata mais da coluna de mexericos. O que você acha de Manning?"

Mais adiante no caminho, saindo da garagem, meia dúzia de novos agentes me observa com cuidado, enquanto o que está mais próximo tenta me conduzir até o Suburban. Do lado de fora do portão, inúmeros repórteres ávidos sacodem a cabeça inconsoláveis, enquanto, juntos, eles fazem montagem de vídeos para honrar a falecida primeira-dama.

Com sua morte ocorre a efusão de tristeza e de apoio de comentaristas que passaram toda a sua carreira escarafunchando cada pedaço de sua vida. Eu posso até escutá-los em seus tons baixos e reverentes. Eles a amavam.

Os telespectadores a amavam. O mundo inteiro a amava.

Tudo que tenho de fazer é manter a boca fechada.

"Está bem", diz Lisbeth. Ela sabe o que a imprensa toda fará com a minha vida se eu for aquele que conta a história. "Mas e o...?"

"Você já lutou sua batalha, Wes. Ninguém pode lhe pedir nada além disso."

Eu aproximo o celular de minha boca, e mais uma vez me lembro que cada oportunidade que tive em minha vida veio diretamente dos Manning. Minhas palavras são um sussurro. "Faça com que lhe enviem seu *laptop*. Quero reescrever a história. As pessoas precisam saber o que ela fez."

Lisbeth faz uma pausa, dando-me bastante tempo para eu retirar o que acabei de dizer. "Você tem certeza a respeito disso?", pergunta ela, finalmente, quando um agente do Serviço Secreto com um nariz achatado abre a porta de trás do Suburban.

Ignorando-o, eu passo pelo carro e me dirijo direto para o alto portão de madeira e a crescente turba de pranteadores, do lado de fora.

"E, Lisbeth?" digo, enquanto empurro a porta e o disparo de um monte de câmeras se volta em minha direção. "Não se reprima."

[20] Prisão usada primeiramente pelos colonos franceses no Vietnã para prisioneiros de guerra e mais tarde na Guerra do Vietnã.

Duas semanas mais tarde

Uma rara neve italiana caía em pequena quantidade de um céu encoberto, enquanto um homem cruzava a Via Mazzarino e abaixava o queixo para a lapela de seu casaco de lã em padrão ziguezague. Seu cabelo estava loiro agora — cortado bem curto —, mas ele ainda tomava cuidado ao se aproximar de Sant'Agata dei Goti, a igreja do século XV que parecia se esconder na rua estreita e pavimentada com pedras arredondadas.

Passando pela porta da frente mas sem entrar, ele olhou para a fachada. O relevo acima da porta era uma antiga escultura de santa Ágata segurando seus seios cortados em uma bandeja, a vítima de torturadores que a atacaram quando ela se recusou a renunciar à sua fé.

"Louvado seja Ele", sussurrou o homem para si mesmo, enquanto passava direto, seguindo os sinais para a entrada lateral na Via Panisperna, e andava silenciosamente pela esburacada entrada para carros coberta por uma neve fina.

No fim do caminho, ele limpou os pés no gasto tapete de boas-vindas, abriu as duplas portas marrons e estremeceu quando as velhas dobradiças rangeram. No interior, o cheiro de lã molhada e de velas com cheiro de rosas o acolheram e o transportaram direto de volta à velha igreja de pedra onde ele crescera, direto de volta aos invernos que passara em Wisconsin, na infância, direto para o período em que sua mãe morrera.

As dobradiças rangeram de novo — e de novo ele estremeceu — quando a porta bateu e fechou-se atrás dele.

Sem perder tempo, o homem examinou os bancos desocupados, olhou para o altar vazio, depois espreitou entre as colunas de granito oriental e então correu para o centro da nave central da igreja. Ninguém à vista. Seus olhos se estreitaram enquanto aguçava os ouvidos. A única coisa que havia era um único sussurro baixo. Louvado seja Ele.

Assim como devia ser.

Sentindo o coração pular dentro do peito, ele se apressou em direção ao seu destino, seguindo as cores desbotadas do mosaico no chão até o confessionário em mogno do outro lado do altar.

Quando se aproximou, ele seguiu o fraco sussurro que vinha do interior. Nunca havia estado ali antes, mas quando viu a foto no livro de viagens — ele soube que devia sempre confiar no destino.

Desabotoando o casaco e dando uma última olhada ao redor, ajoelhou-se diante do confessionário. Os sussurros pararam.

Em um quadrado recortado na parede do cubículo, uma pequena cortina vermelha foi puxada e o padre que estava dentro parou de rezar.

Foi só então, apenas no silêncio gritante da vazia igreja Sant'Agata dei Goti, que Nico abaixou a cabeça em direção ao confessionário.

"Abençoe-me, padre, porque pequei. Tem sido..."

"Vamos, Nico — termine logo!" gritou o alto assistente com o hálito adocicado de cebola.

Espreitando por cima do ombro, Nico olhou para além do carpete bege industrializado, o apoio para livros, de carvalho barato, e a dúzia, se tanto, de cadeiras dobráveis de metal que compunham a pequena capela do quarto andar do pavilhão John Howard no St. Elizabeths, e concentrou-se com dificuldade nos dois assistentes hospitalares que esperavam por ele na única porta de acesso ao aposento.

Fazia quase duas semanas que o haviam encontrado em Wisconsin. Mas, graças a um novo advogado, pela primeira vez em anos, ele finalmente tinha acesso à capela.

Sem uma palavra, Nico se voltou para a cruz de madeira pendurada na parede da frente do aposento, que sem ela estaria

nu. Em poucos segundos o carpete, o apoio para livros e as cadeiras dobráveis de novo desapareceram e foram substituídos pelo chão de mosaico, os bancos de igreja antigos e o confessionário de mogno. Exatamente como aqueles que havia no panfleto que o seu advogado lhe havia dado.

"... faz muito tempo desde a minha última confissão."

Ele respirou profundamente o cheiro de rosas das velas — o cheiro que sempre havia em sua mãe — e fechou os olhos. O resto veio com facilidade.

Deus providenciou um término. E o trouxe de volta para casa para um novo início.

Epílogo

As maiores feridas da vida são as autoinfligidas.
— *Presidente Bill Clinton*

Palm Beach, Florida

"É você?", pergunta a garçonete, aproximando-se de minha mesa de canto no pátio externo do pequeno café.

"Na verdade, virá mais uma pessoa", digo, enquanto ela coloca um copo de água em cima da toalha de papel para impedi-la de voar. Estamos a pelo menos três quarteirões do oceano, mas, graças à estreiteza da rua, sempre há uma boa brisa.

"Alguma outra coisa para beber além de ág...?" Ela para quando ergo o olhar. É a primeira vez que vê o meu rosto.

Para sua sorte, ela se recupera rapidamente, fingindo um sorriso — mas o dano já foi feito...

"Espere... você é aquele camarada", diz ela, subitamente excitada.

"Perdão?"

"Você sabe, com aquela coisa... com o presidente... aquele era você, não era?"

Eu empertigo a cabeça, acenando ligeiramente.

Examinando-me por um momento, ela solta um pequeno sorriso, enfia uma mecha de cabelo preto e liso atrás da orelha, e calmamente se dirige de novo para a cozinha.

"Santo salame, o que foi *aquilo?*", pergunta uma voz familiar vinda da calçada. À minha esquerda, Rogo se apressa em direção à baixa grade de ferro que circunda o pátio externo.

"Rogo, não pule o..."

Antes que eu possa dizer, ele lança uma perna sobre a grade, dá um impulso e se estatela no assento à minha frente.

"Você não pode usar a porta como o restante dos bípedes?", pergunto-lhe.

"Não, não, não — sem mudar de assunto. Do que tratava o encontro com a garçonete?" "Encontro?"

"Não se faça de idiota comigo, com Ethel — eu vi — o olhar de desejo... o cabelo puxado... o pequeno telefone de dedo onde ela mantinha o polegar perto de sua orelha e sussurrava *Telefone-me* em seu dedo mindinho."

"Não havia telefone de dedo."

"Ela o reconheceu, não foi?"

"Você pode parar, por favor?"

"Onde ela o viu, no *60 Minutes*? Foi nesse programa, não foi? As garotas adoram o Morley Safer."

"Rogo..."

"Não me contradiga, Wes — este é um fato indiscutível: uma garçonete pode tornar um jantar uma experiência ou arruiná-lo. Interprete o sinal. Ela está tentando conquistá-lo.

Conquistá-lo. *Connnquiiistá-lo*", sussurra Rogo, revirando os olhos enquanto estende a mão e rouba um gole de minha água. Percebendo o cardápio em cima da mesa, ele acrescenta: "Eles têm *fajitas*[\[21\]](#) aqui?"

"Aqui eles fazem *panini*" [\[22\]](#)

"*Panini*?"

"Você sabe, com o pão e o..."

"Sinto muito, você está com cólicas menstruais?"

Quando não dou risada, ele roda o canudo na água, sem tirar os olhos de mim. Nesse momento, descubro o que ele está querendo. "Muito bem, Rogo. Não precisa de conversa mole para tentar me consolar."

"Não estou tentando consolá-lo", insiste ele. Ele roda de novo o canudo na água, ao mesmo tempo que a garçonete chega com outra toalha de papel e alguns talheres. Rogo fica em silêncio, enquanto ela coloca as coisas na frente dele.

Quando ela se afasta, olho de novo para ele.

"Ainda está tentando pensar em uma resposta inteligente para deixar-me feliz?", pergunto.

"Eu estava até você *arruiná-la*", diz ele de mau humor, atirando o canudo na água como uma pequena lança.

Quando ainda não dou risada, ele sacode a cabeça para por fim desistir. "Você sabe que não é uma pessoa divertida?"

"E isto significa? Que esta é a sua melhor réplica?"

"E!", acrescenta ele, apontando um dedo para mim. "E... e... e... e..." Ele se interrompe. "Ora", queixa-se, "coloque apenas um sorriso em seu rosto — por favor. Se o fizer, vou pedir um suco de laranja e darei aquele tipo de sorriso impostor para a garçonete, quando eu o fizer sair de meu nariz. Isto queima como o sol. Você vai adorar."

"Isso é muito generoso de sua parte, Rogo. Eu só preciso — só me dê um pouco de tempo."

"O que você acha que foram essas duas últimas semanas?"

Você anda enxugando o rosto como se isto fosse um evento olímpico. Quero dizer, não é que a sua vida esteja ruim: um monte de entrevistas aparecendo, você teve todo o crédito por ter salvado a situação, e garçonetes semiardentes reconhecem você e lhe trazem água com finas fatias de limão. Você teve os melhores catorze dias de sua vida. Pare com isso de coitado de mim."

"Não se trata de coitado de mim. É só..."

"... você está triste por vê-los pegar fogo dessa maneira. Eu ouvi a conversa ontem, e anteontem e no dia anterior: *Eles lhe deram tantas oportunidades. Você se sente como Benedict Arnold.*^[23] Eu compreendo, Wes. Realmente entendo. Mas como todos em seu escritório disseram — a única coisa que os Manning *não lhe deram* foi uma escolha. O castelo dentro do qual estava era construído de areia."

Eu olho para os pedestres passando na calçada. "Eu sei. Mas mesmo assim... estive do lado de Manning durante a maior parte da década. Eu estava ali antes de ele chegar ao escritório e até ele sair e subir as escadas para ir para a cama. E não apenas nos dias de semana. *Todos* os dias.

Durante quase *dez anos!* Você sabe o que é isto...?" Eu fecho os olhos, recusando-me a dizer. "Eu não fui ao casamento de sua irmã; eu estava na Ucrânia por ocasião do trigésimo aniversário de casamento de meus pais; meu colega de escola teve um filho e eu ainda não pus os olhos nele."

"É uma filha mas não se sinta culpado."

"Este é o ponto, Rogo — passar de *todos os dias* para *nunca mais...* eu não apenas deixei o meu emprego. Eu abandonei... sinto que abandonei minha vida."

Rogo sacode a cabeça como se eu estivesse passando por cima do essencial. "Você já jogou Uno?", pergunta ele, tranquilamente. "Algumas vezes você tem de perder todas as cartas para poder ganhar."

Olhando para a minha água, observo os cubos de gelo nadar e bater dentro do copo alto.

"Você sabe que eu tenho razão", diz Rogo.

Uma fenda aguda aparece como um raio dentro de um dos cubos de gelo que estava no fundo. Quando ele se divide, os cubos que estão em cima caem junto com ele.

"Olhe dessa maneira", acrescenta Rogo. "Pelo menos você não é um Dreidel."

Eu mexo no gelo com o canudo. Dessa vez, sou eu que sacudo a cabeça. "Eu não choraria pelo safado do Dreidel bem agora." Percebendo a confusão no rosto de Rogo, eu explico. "Não se esqueça por que ele adquiriu o apelido. Ele pode não se sentar no Congresso no próximo ano, mas anote minhas palavras, ele sempre dará um jeito de ficar por cima."

"E Violet, ou seja qual for o seu nome verdadeiro? Quando a história sair..."

"Dreidel se abateu durante a semana requisitória, depois estrategicamente começou a vazar a história de como ajudou de maneira brilhante os *marshals* ao longo de sua investigação sobre Os Três. acredite-me, no momento em que o vi com a sua namorada, naquele hotel, ele estava preparando o seu sorriso para os importantes momentos de crise."

"Mas com Violet — ele bateu nela — e ele é..."

"... o único dentre nós que fez um trato adiantado com o governo. Deus abençoe a América, eu ouvi que ele conseguiu um novo programa de rádio que está sendo elaborado enquanto nós conversamos, e os direitos do livro foram vendidos ontem por sete algarismos, mais os prêmios extras quando alcançar a lista de *best-sellers*. E, quando sair em brochura, aposto um bom dinheiro que vai colocar dentro um capítulo suplementar com um mea-culpa para Violet, apenas para vender mais cem mil exemplares."

"Espere, então o editor que comprou os direitos — é o mesmo camarada que lhe telefonou na semana passada sobre...?"

"O mesmo camarada. A mesma oferta, inclusive os prêmios extras pelo *best-seller!*"

"Oh, Deus — atinja-me com um raio!", grita Rogo para o céu, enquanto algumas pessoas que estão jantando e uma senhora idosa na calçada se viram para olhar. "Você deixou Dreidel *pegar isto?*"

"Ele não pegou nada. Além disso, prometi ao presidente desde o primeiro dia: eu nunca faria dinheiro à custa dele."

"Sua esposa quase..." Ele se volta para o homem que olhava da mesa quase na nossa diagonal. "Senhor, volte para a sua sopa. Obrigado." Virando-se para mim, Rogo abaixa a voz e se inclina. "A mulher dele quase fez você morrer, seu burro."

E mesmo que você não possa prová-lo, *ele* pode ter sabido disso tudo durante todo o tempo. Então, embora eu tenha a certeza de que o seu amigo Dreidel tem essa mesma coisa de código de honra idiota atuando nele — e acredite-me, minha mãe ensinou-me a apreciar a lealdade —, a tentativa de *assassinato* é, em geral, um maldito sinal suficiente bom de que vocês podem separar os caminhos, sem culpa, e parar de enviar convites de aniversário um para o outro."

Logo acima no quarteirão, uma policial de trânsito, dirigindo-se para um carrinho fechado que transporta equipamento de golfe, marca os pneus com um pedaço de giz que fica na extremidade de um longo bastão de metal.

"Não me importa", digo para Rogo. "Não vou me aproveitar deles."

"Aposto que Dreidel vende os direitos para um filme também (embora provavelmente consiga apenas ser o filme da semana)."

"Sem proveito, Rogo. Jamais."

"E o que diz Lisbeth?"

"Sobre os direitos do livro de Dreidel e o programa de rádio?"

"Sobre tudo."

Olho de novo para a policial de trânsito, que está escrevendo uma multa para um Plymouth Belvedere clássico, amarelo-pálido. Seguindo o meu olhar, Rogo se volta e olha por cima do ombro.

"Eu estou indo livrá-lo da multa, querida!", grita Rogo.

"Só se eles forem muito idiotas para contratá-lo", caçoa a policial, calmamente.

"Eu acho que Lisbeth compreende o que me motiva", digo.

"Ela compreende todo o resto?", pergunta Rogo, ainda de olho no Plymouth.

"O que você quer dizer?"

"Você sabe o que quero dizer. Vocês dois passaram juntos pelo moedor — depois você a deixa escrever a história como um presente final." "E daí?"

"Daí eu sei que fala com ela todas as noites."

"Como você sabe que falo com ela?"

"Eu pego o telefone para ver com quem você está falando."

Por fim, virando-se para encarar-me, ele acrescenta: "Ora, qual é a história com a nossa ruiva favorita? Você está envolvido com ela? Contando sardas? Está tentando imaginar se elas formam constelações?"

O quê?

"Não se faça de desentendido. Você está catando mariscos, ou está ainda na praia?"

Eu desvio os olhos. "Pode, por favor, não ser tão...?"

"Catador de mariscos!"

"Não. Pare. É claro, eu não..."

"Você jura?"

"Eu juro".

Ele se inclina em sua cadeira e põe as mãos atrás da cabeça.

"Muito bem. Bom."

Eu faço uma pausa para aprumar a cabeça. "Por que *bom?*."

"Nada", diz Rogo.

"Rogo, por que *bom?*"

"Eu não sei", diz ele, já se fazendo de tolo. "Eu só imaginei, sabe, se você não está nadando naquela piscina, eu posso tentar mergulhar e — e talvez só — e talvez tomar o meu pequeno banho de imersão."

Não posso me impedir de rir. "Espere. Você? Você vai convidar Lisbeth para sair?"

"Por que, você acha que não tenho chance?"

"Vou ser honesto com você." Escolho as palavras com o maior cuidado possível. "Você não tem chance."

"Do que você está falando? Sou baixo e gordo; ela é um pouco mais alta. Esta é uma boa combinação."

"Sim, isto faz sentido. Talvez você deva ir tocar a campainha e procurá-la agora mesmo."

Ele abaixa o queixo e seu maxilar se movimenta. "Você não pretende se opor a que o coelho consiga a Fêmea."

"Ouça, faça o que quiser. Estou apenas lhe avisando — eu acho que ela pode estar saindo com alguém."

"Lisbeth está? Diga, quem? Ela? Ou você está apenas supondo?"

"Estou lhe dizendo... Eu pude perceber na voz dela."

"Ela disse quem...?" Seu rosto se abate. "Não é Dreidel, é? Oh, eu vou enfiar agulhas em meus olhos se ele..."

"Não é Dreidel — de jeito nenhum", digo.

"Você acha que é alguém de seu trabalho?"

Olho por cima do ombro de Rogo, quando um Mustang verde-musgo, novo em folha, percorre o quarteirão, diminuindo a marcha ao se aproximar. "Parece ser alguém do trabalho", digo, enquanto o Mustang se dirige para a barreira que fica diretamente ao lado de nossa mesa no pátio. O carro verde-musgo para. Não há erro: a motorista tem cabelos ruivos.

"Uau, *paninis!*", grita Lisbeth, enquanto se inclina para fora da janela do carro. "Eles de fato servem estrógeno aqui, ou vocês dão uns tiros antes de chegar?"

Rogo olha para ela, depois para mim, em seguida para ela de novo. "*Não... Mas você disse...*"

"Tudo o que eu disse foi que não descobri nenhuma constelação de sardas", digo a ele. "Mas isto não significa que não esteja tentando", acrescento, enquanto estendo a mão sobre a mesa e bato com a mão em sua bochecha. "Pelo menos você conseguiu bater com força a porta de um carro na mão de Dreidel." Antes que ele possa digerir isso, levanto da cadeira, pulo sobre a grade e me dirijo para o carro verde-musgo.

"Querida mãe de Harry S. Truman", murmura Rogo, já me seguindo por sobre a grade. "*Wes, espere!*"

Por uma vez, não olho para trás.

Durante a abertura de sua Biblioteca Presidencial, Manning contou para um repórter que sua história em quadrinhos preferida, quando criança, era *O Príncipe Valente*. No dia seguinte, apareceu na página seguinte à do editorial do jornal uma nota dizendo que, em uma certa viagem, o Príncipe Valente recebera uma maldição de que ele nunca ficaria satisfeito. A nota dizia que era a maldição de cada presidente e ex-presidente. E é. Mas não é mais uma maldição para mim.

Rodeando o carro de Lisbeth até o lado do passageiro, abro a porta e me inclino para um rápido alô. "Será que perdi o pedaço quando os *paninis* se tornam femininos?" pergunto a ela.

"Você fez a mesma coisa com os coquetéis de maçã. E o Volkswagen cupê conversível", interrompe Rogo, cortando na minha frente e deslizando para o banco de trás. "Você deveria ler a revista *Jane*. É o que eu faço. Ooh, cheiro de carro novo."

"É bom ver você também, Rogo", diz Lisbeth.

Olhando de um lado para o outro no banco de trás, Rogo ergue uma sobrancelha. "Espere, como você se deu ao luxo de arrumar esta coisa? Você também fez um acordo para escrever um livro?"

Ignorando-o, Lisbeth se volta para mim. Pela expressão em seu rosto, eu prevejo problemas. "Boas novas, más novas", diz ela. "Você escolhe."

"Más novas", dizemos simultaneamente eu e Rogo. Eu lhe disparo um olhar por cima do ombro.

"Más novas", digo outra vez para Lisbeth.

Ela se impacienta com o curativo em sua mão, o que mostra que é sério. "Você se lembra daquele trabalho no *San Francisco Chronicle* de que lhe falei?", pergunta ela. "Bem, eles me fizeram uma oferta — escrever sobre notícias verdadeiras, não mais sobre mexericos. Mas eles disseram — não que eu tenha ficado surpresa — eles disseram que preciso mudar para São Francisco."

"Então, longe daqui?"

"Realmente longe", diz ela, olhando pelo para-brisa.

"E as boas novas?" pergunto.

Ela agarra o volante, depois lentamente se vira para mim.

"Você quer vir?"

Minha bochecha pula no ar. Agora eu sou aquele que tem o sorriso do cachorro do açougueiro.

"Espere um minuto", grita Rogo do banco de trás. "Antes que vocês façam algo impulsivo, nós conhecemos o quadro completo dos problemas de multas de trânsito por excesso de velocidade por lá? Por que um homem com minha prática e perícia..."

Eu me volto para Rogo, e o sorriso se amplia. "Tenho certeza de que podemos descobri-los."

"E não vamos esquecer as leis ambíguas de tráfego e o sistema judicial relaxado que as sustenta. Se elas não existem lá? E se lá não existirem burladores de leis?"

"Você está realmente preocupado? É a *Califórnia*?"

"Além do mais", acrescenta Lisbeth, "em São Francisco, aposto que eles têm uma quantidade maluca de acidentes por causa de todas aquelas colinas."

"Olhem, aí está algo que gosto de ouvir", diz Rogo, radiante enquanto o carro percorre o quarteirão. "Oooh, faça-me um favor", acrescenta. "Pare perto daquele velho Plymouth com a multa de trânsito no para-brisa, está bem? Se vou pagar por esta mudança, precisamos de alguns clientes novos." De sua carteira, ele pega um cartão comercial e tenta me empurrar para a frente enquanto se inclina para fora da janela aberta do lado do passageiro. "Wes, pode levantar o banco?"

"Aqui, tente — *aqui*", diz Lisbeth, apertando um botão no painel. Com um chiado, o teto conversível retrai, revelando o céu azul de água-marinha e abrindo bastante espaço para Rogo alcançar lá fora.

Com o estômago pressionado contra a lateral do carro, ele se inclina para fora, do banco de trás, e enfia um dos seus cartões comerciais na junção da janela do lado do motorista do Plymouth. "Abaixoasmultas.com!", grita ele para as poucas pessoas que estão olhando da calçada. "Agora voltem para suas vidas protegidas! Vão! Paroquianos! Consumistas declarados!"

Lisbeth acelera, os pneus deslizam no pavimento e o carro sai, enviando uma rajada de vento que açoita nossos rostos.

Com o teto abaixado, eu observo as palmeiras imperiais que se alinham na rua e desaparecem atrás de nós. Sem esforço, o carro ronca subindo a Royal Park Bridge, onde as ondas polidas da Intracoastal são tão brilhantes que quase chegam a ofuscar. Quando inclino a cabeça para trás e me deixo envolver pelo céu, o vento do oceano emaranha meus cabelos com os seus dedos, e o sol suave aquece meu rosto.

Nico estava errado. O Livro do Destino ainda não estava escrito. Ele é escrito a cada dia.

Algumas feridas nunca cicatrizam.

Há outras, porém, que cicatrizam.

[21] Tortinha feita com cebola frita, pimentão e frango ou carne. (N. T.)

[22] Sanduíche de pão integral com peito de peru, cebolas fritas na manteiga, maionese, repolho fresco, tomate e queijo suíço derretido. (N. T.)

[23] Herói militar que se tornou traidor da causa americana pela liberdade. (N. T.)

Nota do Autor

A história sempre esteve preenchida por exageros — e, assim, aqui estão algumas palavras sobre os maçons. Neste livro, os detalhes históricos sobre a franco-maçonaria são baseados em três anos de pesquisa. Todas as figuras históricas identificadas como maçons — tais como Voltaire, Winston Churchill, Mozart e alguns presidentes dos Estados Unidos — têm sido documentadas como maçons. Através da história propalou-se um boato de que Thomas Jefferson era maçom, mas as provas de hoje, como se reconhece no romance, não sustentam tal afirmação. Entretanto, Jefferson, Washington e o arquiteto Pierre Charles L'Enfant, enquanto projetavam a cidade de Washington, D.C., construíram o símbolo maçônico mais famoso (o compasso e o esquadro) e o pentagrama de cinco pontas dentro dos limites da cidade.

Houve discordâncias sobre quem exerceu a maior influência no plano final das ruas, mas eu acredito que a grade planejada fala por si mesma. Durante mais de duzentos anos, aqueles símbolos ficaram escondidos mas à vista de todos. Também é verdade que, em 13 de outubro de 1792, a Loja Maçônica Número 9 de Maryland colocou a pedra angular da Casa Branca com uma cerimônia maçônica. O mesmo é verdade quanto à colocação da pedra angular do edifício do Capitólio americano, onde o próprio George Washington presidiu a cerimônia maçônica. A colher de pedreiro maçônica de Washington também foi usada na colocação da pedra angular do Monumento de Washington, na Suprema Corte dos Estados Unidos, na Biblioteca do Congresso, na Catedral Nacional e na Instituição Smithsonian, o grande grupo de museus e instituições científicas em Washington, D.C. Para ser claro, aqueles detalhes

foram os que me intrigaram e me inspiraram para dar prosseguimento a uma investigação ulterior.

Ainda assim, esses fatos não significam que os maçons estão tentando destruir os governos mundiais, abrir a porta ao demônio, ou desencadear conspirações satânicas secretas.

Então por que distinguir a verdade da fantasia — sobretudo em uma obra de ficção? Isto é importante? Bem, no mundo de hoje, onde o fato se entrelaça tão facilmente com a ficção — e no qual, para seis romances, eu me orgulhei de minhas pesquisas —, isto é importante para que eu, tanto como autor quanto como um historiador de gabinete, me assegure de que não adiciono ainda mais informações errôneas a qualquer pequena parcela de consciência pública que eu atinja, e pelo que sou muito agradecido.

Assim, eu o encorajo a ler, leitor, os documentos históricos por si mesmo. Qualquer fraternidade secreta que teve John Wayne, Winston Churchill, Benjamin Franklin, Harry Houdini, cinco presidentes do Supremo Tribunal, quinze presidentes dos Estados Unidos e meu tio Bernie como membros, vale a pena ser verificada. Além disso, você deve ver quais símbolos eles construíram no plano de ruas de Sandusky, em Ohio.

Realmente.

Entre em:

www.bradmeltzer.com/fatesecrets.html.

Brad Meltzer

Fort Lauderdale, Flórida, 2006

